

VENCEDOR DO MAN BOOKER PRIZE 2012

HILARY MANTEL

AUTORA DE WOLF HALL

O LIVRO DE HENRIQUE

ROMANCE



"Ainda mais tenso, brilhante e aterrorizante
do que *Wolf Hall*." THE OBSERVER

Hilary Mantel

**O LIVRO de
HENRIQUE**

Tradução de
Heloísa Mourão



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

Mantel, Hilary

M25L

O livro de Henrique [recurso eletrônico] / Hilary Mantel ; tradução
Heloísa Mourão. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2013.
recurso digital

Tradução de: Bring up the bodies

Sequência de: Wolf Hall

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40376-6 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês 2. Livros eletrônicos. I. Mourão, Heloísa. II. Título.

13-1853.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Título original em inglês:

Bring Up the Bodies

Copyright © Tertius Enterprises, Ltd., 2012

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através
de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN: 978-85-01-40376-6

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

*Mais uma vez a Mary Robertson:
com minhas comendas as mais sinceras,
e celeridade.*

SUMÁRIO

Lista de personagens
Árvores genealógicas

PRIMEIRA PARTE

- I Falcões. *Setembro de 1535*
- II Corvos. *Outono de 1535*
- III Anjos. *Natal de 1535 — Ano-Novo de 1536*

SEGUNDA PARTE

- I O Livro Negro. *Janeiro — abril de 1536*
- II Senhor dos fantasmas. *Abril — maio de 1536*
- III Espólios. *Verão de 1536*

Nota da autora
Agradecimentos

Lista de personagens

A Casa Cromwell

Thomas Cromwell, filho de um ferreiro: agora secretário do rei, arquivista-mor, chanceler da Universidade de Cambridge e vice-regente do rei para assuntos relacionados à Igreja na Inglaterra.

Gregory Cromwell, filho.

Richard Cromwell, sobrinho.

Rafe Sadler, seu principal funcionário, criado por Cromwell como filho.

Helen, a bela esposa de Rafe.

Thomas Avery, o contador doméstico.

Thurston, chefe de cozinha.

Christophe, criado.

Dick Purser, tratador dos cães de guarda.

Anthony, bufão.

Os mortos

Thomas Wolsey, cardeal, legado papal, lorde chanceler: deposto do cargo, preso e morto em 1530.

John Fisher, bispo de Rochester: executado em 1535.

Thomas More, lorde chanceler após Wolsey: executado em 1535.

Elizabeth, Anne e Grace Cromwell, esposa e filhas de Thomas Cromwell, mortas em 1527–28; também Katherine Williams e Elizabeth Welly fed, suas irmãs.

A família do rei

Henrique VIII.

Ana Bolena, sua segunda esposa.

Elizabeth, filha infanta de Ana, herdeira do trono.

Henry Fitzroy, duque de Richmond, filho ilegítimo do rei.

A outra família do rei

Catarina de Aragão, primeira esposa de Henrique, divorciada e sob prisão domiciliar em Kimbolton.

Maria, filha de Henrique com Catarina e herdeira alternativa do trono: também sob prisão domiciliar.

Maria de Salinas, ex-dama de companhia de Catarina de Aragão.

Sir Edmund Bedingfield, guardião de Catarina.

Grace, sua esposa.

As famílias Howard e Bolena

Thomas Howard, duque de Norfolk, tio da rainha: antigo e feroz membro da nobreza e inimigo de Cromwell.

Henry Howard, conde de Surrey, seu jovem filho.

Thomas Bolena, conde de Wiltshire, pai da rainha: o “monsieur”.

George Bolena, lorde Rochford, irmão da rainha.

Jane, Lady Rochford, esposa de George.

Mary Shelton, prima da rainha.

E fora de cena: Maria Bolena, irmã da rainha, agora casada e vivendo no interior, mas anteriormente amante do rei.

A família Seymour, de Wolf Hall

O velho Sir John, notório por ter vivido um caso amoroso com sua nora.

Lady Margery, sua esposa.

Edward Seymour, filho mais velho.

Thomas Seymour, um dos filhos mais novos.

Jane Seymour, filha, dama de companhia de ambas as rainhas de Henrique.

Bess Seymour, irmã de Jane, casada com Sir Anthony Oughtred, governador de Jersey; mais tarde viúva.

Os cortesãos

Charles Brandon, duque de Suffolk viúvo da irmã de Henrique VIII, Maria; nobre de intelecto limitado.

Thomas Wyatt, cavalheiro de intelecto ilimitado: amigo de Cromwell; amplamente suspeito de ser amante de Ana Bolena.

Harry Percy, conde de Northumberland: jovem nobre, doente e endividado, outrora noivo de Ana Bolena.

Francis Bryan, “o Vigário do Inferno”, parente tanto dos Bolena quanto dos Seymour.

Nicholas Carew, cavalição real: inimigo dos Bolena.

William Fitzwilliam, tesoureiro real, também inimigo dos Bolena.

Henry Norris, conhecido como “o Gentil Norris”, chefe da câmara privada do

rei.

Francis Weston, um jovem cavalheiro imprudente e extravagante.

William Brereton, cavalheiro mais velho, cabeça-dura e encrenqueiro.

Mark Smeaton, um músico suspeitosamente bem-vestido.

Elizabeth, Lady Worcester, dama de companhia de Ana Bolena.

Hans Holbein, pintor.

Os clérigos

Thomas Cranmer, arcebispo de Canterbury: amigo de Cromwell.

Stephen Gardiner, bispo de Winchester: inimigo de Cromwell.

Richard Sampson, assessor jurídico do rei em assuntos matrimoniais.

Os funcionários de Estado

Thomas Wriothesley, conhecido como Me-Chame-de-Risley, guarda-selo.

Richard Riche, procurador-geral.

Thomas Audley, lorde chanceler.

Os embaixadores

Eustache Chapuys, embaixador do imperador Carlos V.

Jean de Dinteville, enviado francês.

Os reformistas

Humphrey Monmouth, comerciante abastado, amigo de Cromwell e simpatizante do evangelho: patrono de William Tyndale, o tradutor da Bíblia, agora preso nos Países Baixos.

Robert Packington: comerciante de simpatias semelhantes.

Stephen Vaughan, comerciante na Antuérpia, amigo e agente de Cromwell.

As “antigas famílias” com pretensões ao trono

Margaret Pole, sobrinha do rei Eduardo IV, partidária de Catarina de Aragão e da princesa Maria.

Henry, lorde Montague, seu filho.

Henry Courtenay, marquês de Exeter.

Gertrude, sua ambiciosa esposa.

Na Torre de Londres

Sir William Kingston, o carcereiro.

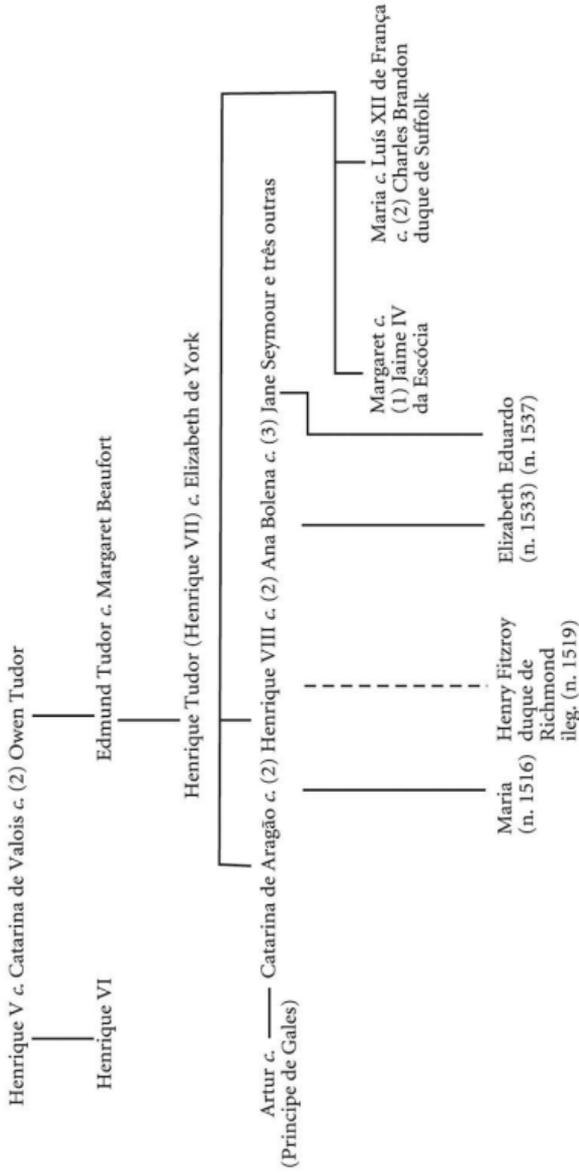
Lady Kingston, sua esposa.

Edmund Walsingham, seu substituto.

Lady Shelton, tia de Ana Bolena.

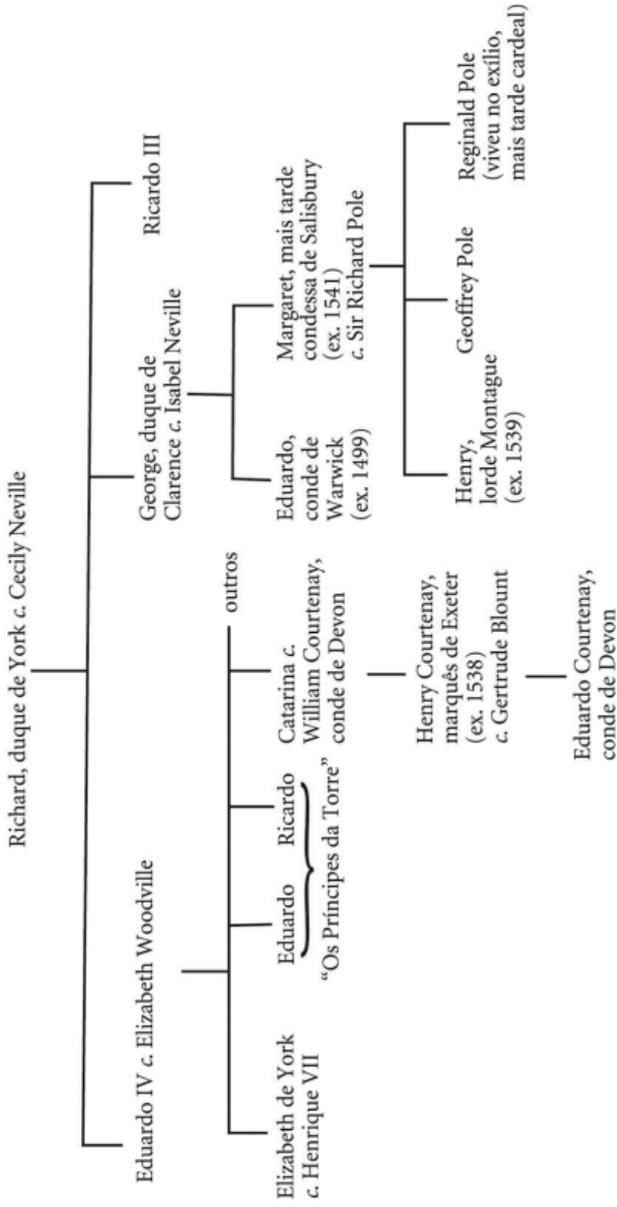
Um carrasco francês.

Os Tudor (simplificada)



*Henrique Tudor (Henrique VII) herdou o direito ao trono de sua mãe, Margaret Beaufort, tataraneta de Eduardo III.
 O casamento de Henrique Tudor com Elizabeth de York uniu as casas Tudor e York.*

Os rivais de Henrique VIII da Casa de York (simplificada)



“Não sou eu um homem como outros homens? Não sou? Não sou?”

Henrique VIII a Eustache Chapuys, embaixador imperial

PRIMEIRA PARTE

I Falcões

Wiltshire, setembro de 1535

Suas filhas caem do céu. Ele observa montado no cavalo, a imensidão dos campos da Inglaterra às suas costas; elas arremetem para baixo, as asas douradas ao sol, ambas com o olhar sedento de sangue. Grace Cromwell paira no ar rarefeito. Agarra sua presa em silêncio e, igualmente em silêncio, plana até pousar de volta no punho dele. Mas os sons que ela faz ao retornar, o crocitar e o roçar de plumas, o suspirar e o rufar das asas, os pequenos estalidos emitidos com a garganta, são todos sons de reconhecimento, íntimos, filiais, quase queixosos. Seu peito está manchado de sangue e há carne presa às suas garras.

Mais tarde, Henrique dirá, “Suas meninas voaram bem hoje”. O falcão Anne Cromwell saltita na luva de Rafe Sadler, que cavalga ao lado do rei, ambos entretidos em uma conversa amena. Estão cansados; o sol declina, e eles retornam a Wolf Hall com as rédeas folgadas sobre os pescoços das montarias. Amanhã, sua esposa e suas duas irmãs voarão. Aquelas mulheres mortas, seus ossos há muito enterrados no barro de Londres, estão agora transmigradas. Desprovidas de peso, elas deslizam pelas correntes de vento lá no alto. Não se apiedam de ninguém. Não dão satisfações a ninguém. Levam uma vida simples. Quando baixam o olhar, nada veem além de sua presa e das plumas emprestadas dos caçadores: veem um universo em fuga, acuado, um universo que é o seu jantar.

Todo o verão foi assim, uma profusão de desmembramentos, penas e peles voando no ar; o atijar e recolher dos cães, os mimos nos cavalos cansados, os cavalheiros de câmara tratando das contusões, torções e bolhas. E, ao menos por alguns dias, o sol brilhou sobre Henrique. Pouco antes do meio-dia as nuvens chegaram velozes do oeste e a chuva caiu em grandes gotas perfumadas; mas o sol ressurgiu abrasador, e agora o céu está tão claro que é possível ver o paraíso e espiar o que os santos estão fazendo.

Enquanto eles desmontam, entregando seus corcéis aos cavaleiros e

auxiliando o rei, sua mente já se volta para a papelada: os despachos enviados de Whitehall, trazidos a galope pelas rotas postais, traçadas onde quer que a corte se instale. No jantar com os Seymour, ele assentirá para quaisquer histórias que seus anfitriões desejem contar: para qualquer coisa que o rei resolva inventar, todo descabelado e contente e afável como parece estar hoje. E, quando o rei for para a cama, sua noite de trabalho começará.

Embora o dia esteja no fim, Henrique não parece disposto a renunciar ao ar livre. Parado, ele olha à sua volta, aspirando o suor dos cavalos, uma ampla marca de sol em tom vermelho-tijolo na testa. Perdeu seu chapéu no início do dia, de forma que, por costume, todos no grupo de caça foram obrigados a tirar os seus. Muitos lhe foram oferecidos em substituição, mas o rei recusou todos. Quando o crepúsculo estiver cobrindo de sombras os campos e bosques, os criados sairão em busca do movimento da pluma negra contra a grama cada vez mais escura, ou do brilho de seu brasão de caçador, o São Humberto de ouro com olhos de safira.

Já se sente o outono. Sabemos que não haverá muitos dias mais como estes; portanto tardemos, com os cavaliços de Wolf Hall enxameando à nossa volta, Wiltshire e os condados do oeste estendendo-se num borrão azul; tardemos, a mão do rei em seu ombro, o rosto de Henrique intenso ao relembrar o passeio pelas paisagens do dia, os bosques verdes e os riachos a correr, os amieiros à beira d'água, a neblina matinal que se ergueu por volta das nove horas; o breve aguaceiro, a pequena ventania que amainou e sossegou; a quietude, o calor da tarde.

— Senhor, como pode não estar queimado? — pergunta Rafe Sadler.

Ruivo como o rei, ele agora está de um cor-de-rosa malhado e sarapintado, e até seus olhos parecem ardidos. Ele, Thomas Cromwell, dá de ombros, e, pousando um braço sobre os ombros de Rafe, eles dirigem-se preguiçosamente para dentro. Ele passou por toda a Itália — o campo de batalha, bem como a arena obscura da casa contábil — sem perder a palidez londrina. Sua juventude como um rufião, os dias no rio, os dias nos campos: deixaram-no branco como Deus o fez.

— Cromwell tem a pele de um lírio — proclama o rei. — É o único aspecto em que ele se parece com esta ou com qualquer outra flor.

E, com essa provocação, os homens dirigem-se calmamente para o jantar.

O rei deixou Whitehall na semana da morte de Thomas More, uma semana desgraçadamente chuvosa de julho; a comitiva real foi arrastando-se rumo a Windsor, os cascos dos cavalos chafurdando na lama. Desde então, o séquito atravessou uma miríade de condados do oeste; os assessores de Cromwell, após concluir os assuntos do rei na frente londrina, reuniram-se à comitiva real em meados de agosto. O rei e seus acompanhantes dormem placidamente em casas novas de tijolos vermelhos, ou em casas antigas cujas fortificações desmoronaram ou foram derrubadas, em castelos de fantasia semelhantes a brinquedos, castelos impossíveis de se fortificar, com paredes que uma bala de canhão perfuraria facilmente como a papel. Há cinquenta anos que a Inglaterra desfruta de paz. Este é o compromisso dos Tudor; paz é o que eles oferecem. Cada família se esforça para apresentar seu melhor ao rei, e nas últimas semanas vimos alguns rebocos recém-aplicados em pânico, algumas obras realizadas às pressas: são os anfitriões se apressando em colocar a Rosa de Tudor junto a seus próprios brasões. Procuram, para então obliterar, todo e qualquer vestígio de Catarina, a rainha que já não é, destruindo as romãs de Aragão, seus segmentos divididos pelos golpes de martelo e suas sementes, esmagadas e voando pelos ares. Em seu lugar — se não há tempo para entalhar novos relevos —, o falcão de Ana Bolena é grosseiramente pintado sobre brasões.

Hans se juntou a eles durante a viagem e fez um desenho de Ana, a rainha, mas que não a agradou; como agradá-la hoje em dia? Ele desenhou Rafe Sadler, com sua barba curta e bem-cuidada e sua boca constricta, seu elegante chapéu como um disco de pluma equilibrado precariamente sobre o cabelo tosado.

— Fez meu nariz muito achatado, mestre Holbein — diz Rafe, e Hans responde:

— E como teria eu, mestre Sadler, o poder de consertar o seu nariz?

— Ele quebrou o nariz quando era criança — diz ele —, cavalgando. Eu mesmo o tirei de sob o cavalo e, pobrezinho do menino, chorava e clamava pela mãe. — Ele aperta o ombro do rapaz. — Vamos, Rafe, anime-se. Acho que você ficou muito bonito. Lembre-se do que Hans fez comigo.

Thomas Cromwell tem agora cerca de 50 anos. Tem o corpo de um trabalhador, socado, útil, tendendo para a gordura. Seu cabelo é preto, tornando-se grisalho, e por sua impermeável pele branca, que parece concebida para resistir tanto à chuva quanto ao sol, as pessoas o caçoam dizendo que seu pai era

irlandês, embora na verdade fosse um cervejeiro e ferreiro de Putney, além de tosquiador, um homem que se metia a fazer todo tipo de coisa, briguento e arruaceiro, bêbado e brutamontes, um homem muitas vezes levado aos juízes por bater em alguém, por enganar alguém. Como o filho de um homem desse tipo alcançou sua atual proeminência, é uma pergunta que toda a Europa se faz. Alguns dizem que ele se elevou com a ajuda dos Bolena, a família da rainha. Alguns dizem que foi obra exclusiva do falecido cardeal Wolsey, seu patrono; Cromwell era seu homem de confiança, ganhava dinheiro para ele e conhecia seus segredos. Outros dizem que ele se utiliza do serviço de feiticeiros. Ele passou a juventude fora do reino, como soldado mercenário, comerciante de lã, banqueiro. Ninguém sabe por onde passou e quem conheceu, e ele tampouco tem pressa em contar. Cromwell jamais se poupa no serviço ao rei, conhece seu valor e seus méritos e faz questão de receber sua recompensa: cargos, privilégios e títulos, mansões e fazendas. Ele tem o jeito certo para conseguir o que quer, tem um método; pode encantar ou subornar um homem, convencê-lo ou ameaçá-lo, saberá explicar a um homem onde estão seus verdadeiros interesses, e saberá apresentar a esse mesmo homem aspectos de si mesmo que ele sequer sabia que existiam. Todos os dias o secretário-mor lida com fidalgos que, se pudessem, o destruiriam num só golpe revanchista, como se ele fosse uma mosca. Sabendo disso, ele se distingue por sua cortesia, sua calma e sua incansável atenção aos interesses da Inglaterra. Ele não tem o hábito de se explicar. Não tem o hábito de discutir seus sucessos. Mas, sempre que a boa sorte o buscou, ele estava lá, plantado à porta, pronto para escancará-la à mais tímida batida que dela ouvisse.

Em sua casa na cidade, em Austin Friars, seu retrato pondera na parede, imerso em pensamentos insondáveis; ele está envolto em lãs e peles, a mão cerrada em torno de um documento como se fosse estrangulá-lo. Hans empurrou uma mesa em sua direção, para aprisioná-lo, e disse, Thomas, você não pode rir; e assim eles prosseguiram, Hans cantarolando baixinho enquanto pintava e ele com o olhar feroz pregado na meia distância. Quando viu o retrato pronto, ele disse, “Jesus, eu pareço um assassino”, e seu filho Gregory comentou, não sabia disso? Há cópias sendo preparadas para seus amigos, e para os admiradores que ele tem entre os evangélicos da Alemanha. Ele não abrirá mão do original — não agora que me acostumei, diz —, e assim, ao entrar no salão de casa, ele encontra

diversas versões de si mesmo em variados estágios de pintura: um contorno preliminar, parcialmente tingido. Por onde começar com Cromwell? Alguns começam com seus olhinhos afiados, alguns começam com seu chapéu. Alguns evitam o motivo central e pintam seu selo e sua tesoura, outros destacam o anel de turquesa dado pelo cardeal. Por onde quer que comecem, o impacto final é o mesmo: se ele tiver alguma questão não resolvida com você, você não vai querer encontrá-lo em uma noite sem luar. Seu pai, Walter, costumava dizer, “Meu filho Thomas, olhe para ele de cara feia que ele arranca seu olho. Passe a perna nele, e dê adeus à sua perna. Mas, se você não se meter em seu caminho, é um grande cavalheiro. E sabe pagar uma bebida aos amigos”.

Hans desenhou o rei, afável em sedas de verão, sentado depois do jantar com seus anfitriões, os postigos abertos para o canto dos pássaros vespertinos, as primeiras velas chegando junto com as frutas cristalizadas. Em cada parada de sua viagem, Henrique se acomoda na principal mansão do local com a rainha Ana; seu séquito se hospeda com a fidalguia local. É comum que, ao menos uma vez durante a visita, os anfitriões do rei acolham esses acompanhantes periféricos como forma de agradecimento, o que coloca certa pressão sobre os arranjos domésticos. Ele já contou as carroças de provisões que chegavam; viu cozinhas serem transformadas em tumulto, e desceu pessoalmente a elas naquela hora verde-gris antes do amanhecer, quando os fornos de barro são limpos para o primeiro lote de pães, quando as carcaças são postas em espetos, as caldeiras são instaladas nas grelhas, as aves são depenadas e desossadas. Seu tio foi cozinheiro de um arcebispo, e quando criança ele perambulava pelas cozinhas do Palácio de Lambeth; ele conhece o ofício até ao avesso, e nada que diz respeito ao conforto do rei pode ser deixado sem supervisão.

Têm sido dias perfeitos. A luz clara e límpida molda cada frutinha nos arbustos. Cada folha de uma árvore, com o sol ao fundo, pende como uma pera dourada. Quando cavalgávamos rumo a oeste no alto verão, mergulhamos em bucólicas caçadas, alcançando os cumes das colinas e emergindo naquela região de terras altas onde, mesmo a dois condados de distância, sentimos a presença cambiante do mar. Nesta parte da Inglaterra, nossos antepassados, os gigantes, deixaram suas construções de barro, seus túmulos e monólitos. Temos ainda, cada homem e cada mulher da Inglaterra, algumas gotas de sangue gigante em nossas veias. Naqueles tempos ancestrais, num país intocado por gado ou arado,

eles caçavam javalis e alces. A floresta se prolongava à nossa frente por dias. Às vezes, armas antigas são desenterradas: machados que, empunhados com as duas mãos, poderiam partir cavalo e cavaleiro ao meio de uma só vez. Imagine os grandes braços e pernas desses mortos, movendo-se sob o solo. Sua natureza era a guerra, e a guerra sempre anseia por retornar. Cavalgando por estes campos, não pensamos apenas no passado, mas também no que está encerrado na terra, no que é gestado; nos dias que virão, nas guerras por travar, nas feridas e mortes que, como sementes, o solo da Inglaterra conserva em seu calor. Quem visse Henrique rindo, quem visse Henrique orando, quem o visse conduzindo seus homens pela trilha da floresta poderia pensar que ele se senta em seu trono com a mesma segurança com que se senta em seu cavalo. As aparências enganam. À noite, insone, ele fica deitado fitando as vigas esculpidas do teto; ele conta seus dias. Henrique diz, “Cromwell, Cromwell, o que farei?” Cromwell, salve-me do imperador. Cromwell, salve-me do papa. Em seguida, ele convoca seu arcebispo de Canterbury, Thomas Cranmer, e exige saber, “Minha alma está condenada?”.

Em Londres, o embaixador do imperador, Eustache Chapuys, espera dia após dia pela notícia de que o povo da Inglaterra se levantou contra seu rei cruel e herético. É uma notícia que ele deseja ardentemente ouvir, e despenderia trabalho e dinheiro vivo para torná-la realidade. Seu amo, o imperador Carlos, é o senhor dos Países Baixos, bem como da Espanha e das terras espanholas além-mar; Carlos é rico e se enfurece, de tempos em tempos, porque Henrique Tudor ousou destronar sua tia, Catarina, para se casar com uma mulher a quem as pessoas nas ruas chamam de meretriz de olhos esbugalhados. Em despachos urgentes, Chapuys incita seu senhor a invadir a Inglaterra, a se unir aos rebeldes do reino, aos pretendentes ao trono e descontentes, e a dominar essa ilha infiel cujo rei decretou o próprio divórcio e declarou-se Deus por um ato do Parlamento. O papa não aceita de bom grado ser piada na Inglaterra e chamado meramente de “bispo de Roma”, ou que seus rendimentos sejam cortados e canalizados para os cofres de Henrique. A bula de excomunhão, elaborada mas ainda não promulgada, paira sobre Henrique, fazendo dele um pária entre os reis cristãos da Europa: que são convidados, ou melhor, incentivados a atravessar o Mar Estreito ou a fronteira dos escoceses e servir-se de tudo que a ele pertence. Talvez o imperador venha. Talvez o rei da França venha. Talvez venham juntos. Bem que gostaríamos de dizer que estamos prontos para eles, mas a realidade é

outra. No caso de uma incursão armada, talvez tenhamos que desenterrar os ossos dos gigantes para acertar os invasores na cabeça, uma vez que o material bélico é escasso, a pólvora é escassa, o aço é escasso. Isso não é culpa de Thomas Cromwell; como Chapuys diz, com uma careta, o reino de Henrique estaria em melhor condição se o tivessem colocado ao encargo de Cromwell há cinco anos.

Para defender a Inglaterra, e ele a defenderá — sim, porque ele próprio iria para o campo de batalha, espada em punho —, é preciso saber o que a Inglaterra é. No calor de agosto, ele se deteve, com a cabeça descoberta, diante dos túmulos esculpidos de ancestrais, homem blindados dos pés à cabeça em peitorais e cotas de ferro, as mãos enluvadas e unidas rigidamente apoiadas no peito, os pés encouraçados repousando sobre leões e grifos e galgos de pedra: homens de pedra, homens de aço, suas suaves esposas sepultadas a seu lado como caracóis dentro das cascas. Acreditamos que o tempo não pode tocar os mortos, mas toca seus monumentos, privando-os de narizes e dedos devido aos acidentes e aos atritos do tempo. Um minúsculo pé desmembrado (como o de um querubim ajoelhado) emerge de uma dobra de tecido; a ponta decepada de um polegar repousa sobre uma almofada esculpida. “Precisamos restaurar nossos antepassados ano que vem”, dizem os lordes dos condados ocidentais: mas seus brasões e pilares, suas conquistas e seus feitos estão sempre em tinta fresca, e ao falarem eles embelezam os atos de seus antepassados, quem foram e o que empunharam: as armas que meu ancestral brandiu em Agincourt, a taça que meu ancestral recebeu diretamente da mão de João de Gante. Se nas últimas guerras de York e Lancaster seus pais e avôs ficaram do lado errado, eles guardam silêncio a respeito. Uma geração adiante, os lapsos devem ser perdoados, e reputações, reparadas; caso contrário, a Inglaterra não pode seguir em frente — continuará retrocedendo em espiral rumo às profundezas de seu passado sujo.

Ele não tem nenhum antepassado, claro: não do tipo de que alguém se gabaria. Outrora houve uma família nobre de sobrenome Cromwell, e, quando ele foi admitido no serviço do rei, os arautos o encorajaram a adotar aquele antigo brasão para salvar as aparências; mas eu não sou um deles, respondeu ele educadamente, não quero seus feitos. Ele fugiu da violência do pai quando não tinha mais que 15 anos; cruzou o Canal, serviu no exército do rei francês. Desde

que aprendeu a andar que esteve em combate; e, se é para lutar, por que não ser pago por isso? Há mais ofícios lucrativos que o de soldado, e ele descobriu quais são. Assim, decidiu não voltar correndo para casa.

E agora, quando seus nobres anfitriões querem conselhos sobre a instalação de uma fonte, ou de uma escultura das Três Graças dançarinas, o rei lhes diz, Cromwell aqui é o homem certo para isso; Cromwell, ele viu como as coisas são feitas na Itália, e o que serve para os italianos servirá para Wiltshire. Às vezes o rei parte de um lugar apenas com sua comitiva montada, deixando a rainha para trás com suas damas e os músicos, enquanto Henrique e seu pequeno círculo de favoritos se embrenham em caçadas por todo o país. E é assim que eles chegam a Wolf Hall, onde o velho Sir John Seymour os espera para recebê-los, cercado por sua próspera família.

— Não sei, Cromwell — diz o velho Sir John. Toma-lhe o braço, afável. — Todos esses falcões com nomes de mulheres mortas... não o entristecem?

— Nunca me entristeço, Sir John. O mundo é muito bom para mim.

— Você deveria casar-se de novo, formar outra família. Talvez encontre uma noiva enquanto está aqui conosco. Na floresta Savernake há muitas jovens viçosas.

Ainda tenho Gregory, diz ele, olhando para trás em direção ao filho; ele está sempre um tanto preocupado com Gregory.

— Ah — diz Seymour —, rapazes são ótimos, mas um homem precisa de filhas também, as filhas são um consolo. Veja Jane. É uma boa menina.

Ele olha para Jane Seymour, como o pai dela insiste. Ele a conhece bem, da corte, uma vez que ela foi dama de companhia de Catarina, a antiga rainha, e de Ana, a rainha atual; é uma jovem simples com uma palidez de prata, um hábito de manter silêncio e o costume de olhar para os homens como se eles representassem uma surpresa desagradável. Ela está usando pérolas e brocado branco, bordado com pequenos ramos de cravos. Ele identifica em sua aparência gastos consideráveis; não seria possível apresentá-la desse jeito por menos de 30 libras, e isso sem contar as pérolas. Não surpreende que ela se mova com tanta cautela, como uma criança a quem alertaram para não derramar nada em si mesma.

O rei diz:

— Jane, agora que a encontramos em casa entre a sua gente, se sente menos

tímida? — Ele toma a mãozinha de rato da moça em sua imensa mão. — Na corte nunca conseguimos ouvir uma só palavra dela.

Jane tem os olhos erguidos para o rei, e cora do pescoço à linha dos cabelos.

— Alguém já viu tamanho rubor? — pergunta Henrique. — Nunca, a não ser em uma pequena donzela de 12 anos.

— Não posso fingir que tenho 12 anos — diz Jane.

No jantar, o rei se senta ao lado de Lady Margery, sua anfitriã. Ela foi uma beldade em seu tempo, e, dada a atenção que o rei lhe dedica, seria de se pensar que ainda é; teve dez filhos, dos quais seis estão vivos, e três estão nesta sala. Edward Seymour, o herdeiro, tem uma cabeça comprida, uma expressão séria, um perfil definido e resoluto: um belo homem. Rapaz de vasta leitura, embora não erudito, se dedica sagazmente a qualquer cargo que lhe é dado; esteve na guerra, e agora, enquanto espera para voltar a lutar, se sai bem no campo de caça e nos circuitos de justa. O cardeal, quando ainda vivo, o considerava superior ao Seymour típico; e ele próprio, Thomas Cromwell, o sondou e o considerou fiel ao rei em todos os aspectos. Tom Seymour, irmão mais novo de Edward, é barulhento e impetuoso e mais interessante aos olhos das mulheres; quando ele entra na sala, virgens dão risadinhas e jovens esposas baixam as cabeças e o examinam furtivamente.

O velho Sir John é um homem de notório apego familiar. Há dois ou três anos, as fofocas da corte só giravam em torno de como ele havia deitado com a esposa do próprio filho, e não uma só vez, no calor da paixão, mas repetidamente, desde o noivado. A rainha e suas confidentes espalharam a história pela corte.

— Fizemos uma estimativa de 120 vezes — zombou Ana. — Bem, Thomas Cromwell foi quem fez o cálculo, e ele é bom com números. Estamos supondo que os dois se abstinham aos domingos, em nome do decoro, e reduzem a frequência durante a Quaresma.

A esposa traidora deu à luz dois meninos, e, quando sua conduta tornou-se conhecida, Edward disse que não os aceitaria como seus herdeiros, pois não podia saber se eram seus filhos ou meios-irmãos. A adúltera foi trancada num convento e logo fez ao marido o favor de morrer; agora ele tem uma nova esposa, que cultiva uma postura proibitiva e mantém um punhal no bolso, caso o sogro chegue perto demais.

Mas o caso está perdoado, está perdoado. A carne é fraca. Esta visita real sela o perdão ao velho. John Seymour tem 525 hectares, incluindo seu bosque de cervos, e a maior parte do restante é pasto para ovelhas e vale aproximadamente 1 xelim por hectare ao ano, rendendo-lhe 25 por cento do valor que a mesma área renderia com cultivo. As ovelhas são pequenos animais de cara preta cruzados com carneiros monteses de Gales; têm carne cartilaginosa mas lã bastante boa. Na chegada da comitiva, o rei (ele está com ares bucólicos) pergunta:

— Cromwell, quanto deve pesar este animal?

Ao que ele responde, sem erguê-lo:

— Treze quilos, senhor.

Francis Weston, um jovem cortesão, diz, com um sorriso irônico:

— O Sr. Cromwell foi tosquiador. Ele não erraria.

O rei replica:

— Seríamos um país pobre sem nosso comércio de lã. Não é um descrédito o Sr. Cromwell conhecer o ofício.

Mas Francis Weston cobre um sorriso debochado com a mão.

Amanhã, Jane Seymour caçará com o rei. Ele ouve Weston sussurrando:

— Pensei que seriam cavalheiros apenas. A rainha ficaria irritada se soubesse.

Ele murmura, então cuide para que ela não saiba, seja um bom garoto.

— Em Wolf Hall, todos somos grandes caçadores — gaba-se Sir John. — Minhas filhas também; dizem que Jane é tímida, mas coloquem-na sobre a sela e eu garanto-lhes, senhores, que ela é a própria deusa Diana. Nunca enfiei minhas meninas em salas de aula, sabem? Sir James aqui ensinou-lhes tudo que elas precisavam saber.

O padre à cabeceira da mesa concorda, com um largo sorriso: um velho tolo de cabeça branca, um dos olhos nublado. Ele, Cromwell, dirige-se ao padre:

— Então o senhor ensinou-lhes a dança, Sir James? Louvado seja. Eu vi a irmã de Jane, Elizabeth, na corte, formando par com o rei.

— Ah, elas tiveram um mestre para isso. — O velho Seymour ri. — Mestre de dança, mestre de música, é o suficiente para elas. Não precisam de línguas estrangeiras. Não vão a lugar algum.

— Eu discordo, senhor — diz ele. — Dei às minhas filhas educação igual à de

meu filho.

Às vezes ele gosta de falar sobre elas, Anne e Grace: falecidas há sete anos. Tom Seymour ri.

— Então você mandava as meninas irem praticar justa com Gregory e o jovem mestre Sadler?

Ele sorri.

— Menos isso.

Edward Seymour comenta:

— Não é incomum que as filhas de uma família da cidade aprendam letras e um pouco mais. Talvez se mostrem úteis na contabilidade. Já ouvi comentários a respeito. Isso as ajudaria a conseguir bons maridos: uma família de comerciantes ficaria feliz em encontrar moças com tal formação.

— Imaginem as filhas do mestre Cromwell — diz Weston. — Não ousou. Duvido que uma casa contábil pudesse segurá-las. Teriam sido rápidas com um machado de guerra, imagino. Só de olhá-las os homens ficariam com as pernas bambas. E não me refiro ao arrebatamento do amor.

Gregory se inquieta. É tão distraído que dificilmente alguém pensaria que ele estava acompanhando a conversa, mas sua voz trepida de mágoa:

— Está insultando a memória de minhas irmãs, e o senhor nem sequer as conheceu. Minha irmã Grace...

Ele vê Jane Seymour estendendo a mãozinha e tocando o punho de Gregory: para salvá-lo, ela se arrisca a chamar a atenção do grupo.

— Ultimamente — diz ela — tenho adquirido alguma habilidade com a língua francesa.

— Tem mesmo, Jane? — Tom Seymour está sorrindo.

Jane baixa a cabeça.

— Mary Shelton está me ensinando.

— Mary Shelton é uma jovem bondosa — diz o rei; e, com o canto do olho, ele vê Weston cutucando seu vizinho de mesa com o cotovelo; dizem que Shelton tem sido bondosa com o rei na cama.

— Estão vendo? — diz Jane a seus irmãos. — Nós damas não gastamos todo o nosso tempo em calúnias e escândalos inúteis. Embora Deus saiba que temos focos suficientes para entreter toda uma cidade de mulheres.

— Têm mesmo? — indaga ele.

— Conversamos sobre quem está apaixonado pela rainha. Quem escreve versos para ela. — Jane baixa os olhos. — Quero dizer, quem está apaixonado por cada uma de nós. Este ou aquele cavalheiro. Conhecemos todos os nossos pretendentes e os avaliamos da cabeça aos pés; eles corariam se soubessem o que falamos. Contamos quantos acres têm suas terras e quantas libras ganham em um ano, e assim decidimos se vamos permitir que eles nos escrevam um soneto. Se não achamos que eles nos manterão em grande estilo, zombamos de suas rimas. É cruel, isso eu lhes digo.

Ele comenta, um pouco desconfortável, não há mal algum em escrever versos para damas, mesmo casadas, na corte isso é costume. Weston diz, obrigado por essas palavras amáveis, mestre Cromwell, pensei que fosse tentar nos obrigar a parar.

Tom Seymour se inclina à frente, rindo.

— E quem são seus pretendentes, Jane?

— Se quer descobrir isso, tem que colocar um vestido, tomar sua costura e juntar-se a nós.

— Como Aquiles entre as mulheres — diz o rei. — Você terá que raspar sua bela barba, Seymour, para descobrir os segredinhos lascivos delas. — Ele está rindo, mas não está feliz. — A menos que encontremos alguém mais donzelesco para a tarefa. Gregory, você é um rapaz bonito, mas temo que suas mãos grandes o entregariam.

— Neto de ferreiro — diz Weston.

— Aquele garoto, Mark — prossegue o rei. — O músico, vocês o conhecem? Ali temos um semblante suave de moça.

— Oh — exclama Jane. — Mark já faz parte do nosso círculo, de qualquer forma. Está sempre vadiando. Mal o consideramos um homem. Se quiserem saber nossos segredos, perguntem a ele.

A conversa se desvia para uma outra direção; ele pensa, nunca soube que Jane tinha algo a dizer por si mesma; e pensa, Weston está me provocando, ele sabe que na presença de Henrique não vou dar o troco; ele imagina qual a forma que esse troco poderia assumir, quando for entregue. Rafe Sadler o examina de rabo de olho.

— Então — o rei se dirige a ele —, como amanhã será melhor que hoje? — Aos convivas do jantar, o rei explica: — Mestre Cromwell não consegue dormir

a menos que esteja melhorando algo.

— Corrigirei a conduta do chapéu de Vossa Majestade. E aquelas nuvens, antes do meio-dia...

— Nós precisávamos da chuva. A água nos refrescou.

— Que Deus não envie a Vossa Majestade uma enurrada pior — comenta Edward Seymour.

Henrique esfrega a faixa de pele queimada pelo sol.

— O cardeal... ele podia mudar o clima. Uma manhã bastante boa, ele dizia, mas às dez estará mais ensolarada. E assim se fazia.

Henrique às vezes faz isso; lança o nome de Wolsey na conversa, como se não tivesse sido ele quem perseguiu o cardeal até a morte, mas algum outro monarca.

— Alguns homens têm olho bom para o tempo — diz Tom Seymour. — Não é nada além disso, senhor. Nenhuma exclusividade dos cardeais.

Henrique assente, sorrindo.

— É verdade, Tom. Eu nunca deveria ter me impressionado com ele, não?

— Ele era orgulhoso demais, para um súdito — diz o velho Sir John.

O rei desliza os olhos pela mesa até ele, Thomas Cromwell. Ele amava o cardeal. Todos aqui sabem disso. Sua expressão é tão cuidadosamente vazia quanto uma parede recém-pintada.

Depois do jantar, o velho Sir John conta a história de Edgar, o Pacífico. Ele governou essas bandas há muitas centenas de anos, antes de os reis terem números: quando todas as donzelas eram lindas donzelas e todos os cavaleiros eram galantes e a vida era simples e violenta e geralmente breve. Edgar, tendo em mente uma noiva para si, enviou um de seus condes para avaliá-la. O conde, que era ao mesmo tempo falso e astuto, enviou de volta a mensagem de que a beleza dela tinha sido muito exagerada por poetas e pintores; vista na vida real, disse ele, era manca e vesga. Seu objetivo era tomar a suave dama para si, e assim ele a seduziu e se casou com ela. Ao descobrir a traição do conde, Edgar o emboscou num bosque não muito longe dali, e o atravessou com uma lança, matando-o de um só golpe.

— Que patife mais falso, esse conde! — diz o rei. — Teve o que mereceu.

— Mais correto chamá-lo de canalha que de conde — comenta Tom Seymour.

Seu irmão suspira, como se para se distanciar do comentário.

— E o que a donzela disse? — pergunta ele; ele, Cromwell. — Quando encontrou o conde espetado?

— A moça se casou com Edgar — responde Sir John. — Casaram-se no bosque e viveram felizes para sempre.

— Imagino que ela não tenha tido escolha — diz Lady Margery, com um suspiro. — As mulheres têm que se adaptar.

— E a gente do campo diz — acrescenta Sir John — que o desleal conde ainda assombra a floresta, gemendo e tentando tirar a lança da barriga.

— Imaginem só — diz Jane Seymour. — Toda noite em que há lua, alguém pode olhar pela janela e vê-lo, puxando sem parar e reclamando o tempo todo. Felizmente não acredito em fantasmas.

— Mais tolo ainda de sua parte, irmã — replica Tom Seymour. — Vão fazer questão de assustá-la, minha querida.

— Mesmo assim — diz Henrique. Ele imita um arremesso de dardo: embora da forma contida que deve ser, estando à mesa de jantar. — Um só golpe certo. Devia ter um bom braço para o dardo, o rei Edgar.

Ele diz; ele, Cromwell:

— Eu gostaria de saber se este conto chegou a ser escrito e, nesse caso, por quem, e se o escritor estava sob juramento.

O rei diz:

— Cromwell arrastaria o conde perante júri e juiz.

— Perdão, Majestade — Sir John ri —, mas não creio que eles tivessem esse tipo de recurso naquela época.

— Cromwell arrastaria algum. — O jovem Weston se inclina à frente para enfatizar o que diz. — Desencavaria um júri, faria com que um brotasse num canteiro de cogumelos. E então seria o fim do conde: eles o julgariam, o desfilariam e lhe cortariam a cabeça. Dizem que, no julgamento de Thomas More, o secretário-mor aqui seguiu o júri para o local das deliberações, e, quando se sentaram, ele fechou a porta às suas costas e botou as cartas na mesa. “Permitam-me esclarecer suas dúvidas”, disse ele aos jurados. “O papel dos senhores é declarar Sir Thomas culpado, e não terão seu jantar até que tenham cumprido isso.” Depois saiu e fechou a porta novamente, plantando-se do lado de fora com um machado na mão, caso eles escapassem em busca de um pudim; e,

sendo londrinos, preocupam-se com seus estômagos acima de todas as coisas, e, assim que sentiram a barriga roncando, gritaram: “Culpado! Mais culpado impossível!”

Os olhares se concentram nele, Cromwell. Rafe Sadler, a seu lado, está teso de desagrado.

— É uma bela história — diz Rafe a Weston —, mas eu é que lhe pergunto desta vez, onde está escrita? Creio que você descobrirá que meu amo é sempre correto em suas transações com uma corte de justiça.

— Você não estava lá — diz Francis Weston. — Eu soube de um dos próprios jurados. Eles gritaram: “Fora com ele, levem o traidor e tragam-nos uma perna de carneiro.” E Thomas More foi conduzido à morte.

— Você fala como se lamentasse — diz Rafe.

— Eu não. — Weston ergue as mãos. — A rainha Ana diz, que a morte de More seja um aviso a todos os traidores de sua laia. Se sua crença não for tão grande, se sua traição não for tão velada, Thomas Cromwell os encontrará.

Há um murmúrio de assentimento; por um momento ele acha que a mesa se voltará para ele e o aplaudirá. Então Lady Margery toca um dedo nos lábios e meneia a cabeça na direção do rei, que, sentado à cabeceira da mesa, começou a se inclinar para a direita; suas pálpebras fechadas vibram de leve e sua respiração é tranquila e profunda.

Os convivas trocam sorrisos.

— Embriagado de ar fresco — murmura Tom Seymour.

Para variar um pouco da embriaguez de bebida; ultimamente o rei tem pedido o jarro de vinho com mais frequência do que o fazia em sua juventude esbelta e desportiva. Ele, Cromwell, observa como Henrique se inclina em sua cadeira. Primeiro para a frente, como se fosse descansar a testa na mesa. Depois desperta com um solavanco e se lança para trás, empertigando-se. Um filete de saliva escorre por sua barba.

Esse seria o momento de Harry Norris,* o chefe dos cavaleiros da câmara privada; Harry, com seu passo silencioso e sua mão suave e desprovida de julgamento, acordando seu soberano com sussurros. Mas Norris foi para o outro lado do país, levando a carta de amor do rei a Ana. Então, o que fazer? Henrique não parece uma criança cansada, como teria sido há cinco anos. Parece um homem de meia-idade qualquer, mergulhado em torpor após uma refeição

muito pesada; parece gordo e inchado, e uma veia salta aqui e ali, e até à luz de velas pode-se ver que seu cabelo ralo está ficando grisalho. Ele, Cromwell, acena para o jovem Weston.

— Francis, seu toque cavalheiresco se faz necessário.

Weston finge não ouvir. Seus olhos estão sobre o rei, e seu rosto exhibe uma incauta expressão de desgosto. Tom Seymour sussurra:

— Acho que deveríamos fazer barulho. Para acordá-lo naturalmente.

— Que tipo de barulho? — indaga seu irmão Edward, mal emitindo o som das palavras.

Tom finge rir com a mão na barriga.

As sobranceiras de Edward se erguem.

— Ria, se tem coragem. Ele pensará que você está rindo de sua baba.

O rei começa a roncar. Vai caindo para a esquerda, inclinando-se perigosamente sobre o braço da cadeira.

Weston diz:

— Faça você, Cromwell. Nenhum homem tem mais prestígio com ele.

Ele balança a cabeça em negativa, sorrindo.

— Deus salve Sua Majestade — diz Sir John, fervoroso. — Ele não é mais tão jovem quanto antes.

Jane se ergue. Um roçar rígido dos ramos de cravo. Ela se inclina sobre a cadeira do rei e lhe toca as costas da mão: rapidamente, como se testasse a consistência de um queijo. Henrique tem um sobressalto, e seus olhos se arregalam.

— Eu não estava dormindo — diz ele. — Verdade. Só estava descansando os olhos.

Quando o rei parte para a cama, Edward Seymour diz:

— Senhor secretário-mor, hora da minha vingança.

Recostado, taça na mão:

— O que eu lhe fiz?

— Uma partida de xadrez. Calais. Sei que você se lembra.

Fim do outono, ano 1532: a noite em que o rei foi para a cama com a atual rainha pela primeira vez. Antes de se deitar com ele, Ana o obrigou a jurar sobre a Bíblia que ele a desposaria assim que eles pisassem novamente em solo inglês; mas as tempestades os aprisionaram no porto, e o rei fez bom uso do tempo,

tentando gerar nela um filho.

— Você me deu um xeque-mate, Sr. Cromwell — diz Edward. — Mas só porque me distraiu.

— De que maneira eu o distraí?

— Você me perguntou sobre minha irmã Jane. Sua idade, e assim por diante.

— E você pensou que eu estivesse interessado nela.

— E está? — Edward sorri, para abrandar a pergunta crua. — Ela ainda não recebeu proposta, sabe.

— Arrume as peças — diz ele. — Gostaria de seguir com o tabuleiro como estava quando você perdeu sua linha de raciocínio?

Edward o encara, cuidadosamente inexpressivo. Contam coisas incríveis sobre a capacidade de memória de Cromwell. Ele sorri para si mesmo. Poderia configurar o tabuleiro com apenas algumas conjecturas; ele conhece o tipo de jogo de um homem como Seymour.

— É melhor começarmos uma nova partida — sugere ele. — Vida que segue. Você gosta das regras italianas? Não gosto de partidas que se arrastam por uma semana.

As primeiras jogadas revelam alguma ousadia por parte de Edward. Mas, com um peão branco erguido entre as pontas dos dedos, logo Seymour se recosta em sua cadeira, franzindo a testa, e se põe a falar de Santo Agostinho; e de Santo Agostinho ele avança para Martinho Lutero.

— É um ensinamento que traz terror ao coração — diz ele. — De que Deus nos criaria apenas para nos condenar. Que suas pobres criaturas, exceto algumas poucas, nascem apenas para sofrer neste mundo e, em seguida, no fogo eterno. Às vezes temo que seja verdade. Mas tenho esperança de que não seja.

— O Gordo Martinho mudou seu posicionamento. Foi o que ouvi dizer. E para uma teoria mais confortadora.

— Ah é, de que mais de nós são salvos? Ou que nossas boas ações não são inteiramente inúteis aos olhos de Deus?

— Não devo falar por ele. Leia Philip Melanchthon. Eu lhe enviarei seu novo livro. Espero que ele nos visite na Inglaterra. Estamos negociando com os homens dele.

Edward pressiona a cabecinha redonda do peão contra os lábios. Ele parece prestes a morder a peça.

— O rei permitiria isso?

— O Irmão Martinho ele não receberia. Não gosta nem que mencionem seu nome. Mas Philip é um homem mais fácil, e seria bom para nós, seria muito bom, se formássemos uma útil aliança com os príncipes alemães que favorecem o evangelho. Isso daria um susto no imperador, termos amigos e aliados nos próprios domínios dele.

— E é tudo o que isso significa para você? — O cavalo de Edward está saltitando pelas casas. — Diplomacia?

— Eu estimo a diplomacia. É um recurso barato.

— Mas dizem que você também ama o evangelho.

— Não é nenhum segredo. — Ele franze a testa. — Você realmente pretende fazer isso, Edward? Eu vejo meu caminho até a sua rainha. Não gostaria de tirar vantagem de você novamente, ou que você diga que estraguei seu jogo com uma conversa fiada sobre a condição de sua alma.

Um sorriso enviesado.

— E como anda sua rainha ultimamente?

— Ana? Está de cara virada para mim. Sinto minha cabeça vacilar sobre os ombros quando ela me encara. Ela ouviu dizer que uma ou duas vezes falei favoravelmente sobre Catarina, a antiga rainha.

— E é verdade?

— Só por admirar seu espírito. Que, qualquer um deve admitir, é firme na adversidade. E mais uma vez a rainha pensa que sou favorável demais à princesa Maria; ou, melhor dizendo, Lady Maria, como devemos chamá-la agora. O rei ainda ama sua filha mais velha, ele diz que não pode evitar; e isso enfurece Ana, porque ela quer que a princesa Elizabeth seja a única filha que ele reconhece. Ela pensa que somos demasiado brandos com Maria e que deveríamos pressioná-la a admitir que sua mãe nunca foi legalmente casada com o rei, portanto ela é uma bastarda.

Edward gira o peão branco nos dedos, encarando a peça dubiamente, e o deposita em sua casa.

— Mas não é nesse pé que estão as coisas? Pensei que você já tivesse extraído essa admissão de Maria.

— Nós resolvemos a questão ao não levantá-la. Ela sabe que foi excluída da sucessão, e acho que não devo pressioná-la além de certo ponto. Como o

imperador é sobrinho de Catarina e primo de Lady Maria, eu tento não provocá-lo. Carlos nos tem na palma da mão, vê? Mas Ana não entende a necessidade de apaciar as pessoas. Ela acha que falar docemente com Henrique é o suficiente.

— Ao passo que você precisa falar docemente com a Europa.

Edward ri. Seu riso tem um som enferrujado. Seus olhos dizem, você está sendo muito franco, mestre Cromwell: por quê?

— Além disso — seus dedos pairam acima do cavalo negro —, eu me elevei demais para o gosto da rainha, tendo o rei me nomeado seu vice em assuntos da Igreja. Ela odeia que Henrique dê ouvidos a qualquer pessoa que não ela e seu irmão George e o monsenhor seu pai, e até mesmo o pai sofre com sua língua afiada, sendo chamado de molenga e de inútil.

— Como ele aceita isso? — Edward baixa os olhos para o tabuleiro. — Oh.

— Agora olhe com atenção — insiste ele. — Quer prosseguir?

— Eu desisto. Acho. — Um suspiro. — Sim. Desisto.

Ele, Cromwell, varre as peças para o lado, abafando um bocejo.

— E eu nem mencionei sua irmã Jane, não é mesmo? Então qual é sua desculpa agora?

Quando ele sobe as escadas, vê Rafe e Gregory pulando de um lado para o outro perto da janela principal. Estão saltando e brigando, os olhos fixos em algo invisível a seus pés. A princípio ele pensa que estão jogando futebol sem bola. Mas depois eles saltam como bailarinos e arrastam a coisa invisível pelo suposto calcanhar, e ele percebe que é algo longo e magro, um homem caído. Eles se dobram para cutucar e golpear o homem, para aplicar torção.

— Vá com calma — diz Gregory —, não quebre o pescoço dele ainda, quero vê-lo sofrer.

Rafe ergue os olhos e finge limpar a testa. Gregory descansa as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego, e depois cutuca a vítima com o pé.

— Este é Francis Weston. Você acha que ele está ajudando a colocar o rei para dormir, mas na verdade nós o temos aqui, em forma de fantasma. Esperamos por ele num canto e o capturamos com uma rede mágica.

— Estamos dando uma lição nele. — Rafe se inclina para baixo. — Ei, senhor, está arrependido agora? — Ele cospe nas palmas das mãos. — O que fazemos com ele agora, Gregory?

— Vamos atirá-lo pela janela.

— Cuidado — diz ele. — Weston é protegido do rei.

— Então será um protegido de cabeça amassada — responde Rafe.

Eles se agitam e empurram um ao outro, cada um tentando ser o primeiro a atirar o imaginário Francis. Rafe abre uma janela e ambos se agacham para fazer a alavancagem, içando o fantasma até o parapeito. Gregory cuida dos detalhes, soltando a casaca da vítima nos pontos onde o pano se enrosca, e a atira de cabeça nas pedras do calçamento. Eles olham para fora.

— Ele se espatifou — observa Rafe, e os dois batem a poeira das mãos, sorrindo para ele. — Desejo-lhe uma boa-noite, senhor — completa Rafe.

Mais tarde, Gregory se senta na beira da cama de camisão, o cabelo desgrenhado, os sapatos jogados de lado, um pé descalço afagando preguiçosamente o tapete.

— Então eu casarei? O senhor me casará com Jane Seymour?

— No início do verão você pensava que eu o casaria com uma viúva velha dona de um bosque de cervos.

As pessoas provocam Gregory: Rafe Sadler, Thomas Wriothesley, os outros jovens de sua casa; seu primo, Richard Cromwell.

— Sim, mas por que você ficou conversando com o irmão dela nessa última hora? Primeiro foi o xadrez, depois conversa, conversa, conversa. Dizem que o senhor mesmo gostava de Jane.

— Quando?

— Ano passado. O senhor gostava dela no ano passado.

— Se gostava, esqueci.

— A esposa de George Bolena me contou. Lady Rochford. Ela disse, talvez você ganhe uma jovem madrasta de Wolf Hall, o que acharia disso? Então, se o senhor gosta de Jane — Gregory fecha o cenho —, melhor que ela não se case comigo.

— Você acha que eu roubaria sua noiva? Como o velho Sir John? — Assim que deita a cabeça no travesseiro, ele diz: — Basta, Gregory.

Ele fecha os olhos. Gregory é um bom rapaz, embora todo o latim que aprendeu, todas as sonoras frases dos grandes autores, tudo tenha entrado por um ouvido e saído por outro. Ainda assim, pensemos no filho de Thomas More: descendente de um erudito admirado em toda a Europa, e o pobre do jovem John mal consegue balbuciar seu Pater Noster até o fim. Gregory é bom arqueiro,

bom cavaleiro, uma estrela que brilha no terreiro de justa, e não se encontra uma falha em suas maneiras. Ele fala com reverência a seus superiores, sem arrastar os pés ou com postura indolente, e é tolerante e educado com os que estão abaixo. Sabe como fazer reverência aos diplomatas estrangeiros à maneira como fazem em seus próprios países, senta-se à mesa com tranquilidade e sem dar comida a cães, e pode desossar e limpar perfeitamente qualquer ave quando solicitado a servir os mais velhos. Não anda por aí com a casaca pendurada no ombro, nem se olha em janelas para admirar a si mesmo, nem fica olhando distraído à sua volta na igreja, nem interrompe os velhos ou termina as histórias para eles. Se alguém espirra, ele diz: “Deus lhe dê saúde!”

Deus dê saúde ao senhor ou à madame.

Gregory levanta a cabeça.

— Thomas More — diz ele. — O júri. É verdade que aquilo aconteceu?

Cromwell reconheceu a veracidade da história contada pelo jovem Weston: de formas gerais, ainda que não concordasse com os detalhes. Ele fecha os olhos.

— Eu não tinha um machado.

Ele está cansado: ele fala com Deus; ele diz: Deus me guie. Às vezes, prestes a adormecer, a grande presença escarlate do cardeal cruza rapidamente seu olho interior. Seu desejo é que o morto profetize. Mas seu antigo patrono só fala de assuntos domésticos, questões de escritório. Onde coloquei aquela carta do duque de Norfolk?, pergunta ele ao cardeal; e no dia seguinte, cedo, ela vem à sua mão.

Ele fala por dentro: não com Wolsey, mas com a esposa de George Bolena. “Não tenho desejo algum de me casar. Não tenho tempo. Fui feliz com minha esposa, mas Liz está morta e aquela parte da minha vida morreu com ela. Em nome de Deus, quem lhe deu licença, Lady Rochford, para especular sobre minhas intenções? Madame, não tenho tempo para cortejar. Tenho 50 anos. Na minha idade, um homem sairia perdendo em um contrato de longo prazo. Se eu quiser uma mulher, melhor alugar uma por hora.”

Contudo, ele tenta não dizer “na minha idade”: não em momentos de vigília. Em dias bons, ele acha que lhe restam mais vinte anos pela frente. Muitas vezes ele pensa que viverá mais que Henrique, por mais estritamente proibido que seja ter esse tipo de pensamento; existe uma lei contra especulações a respeito de quando terá termo a vida do rei, embora Henrique há muito venha se empenhando em estudar maneiras inventivas de morrer. Houve vários acidentes

de caça. Quando ele ainda era menor de idade, o conselho o proibiu de jogar justa, mas ele jogava de qualquer maneira, o rosto escondido pelo elmo e a armadura sem brasão, uma vez após outra provando ser o homem mais forte em campo. Na batalha contra os franceses, ele se fez honrar, e sua natureza, como ele frequentemente menciona, é bélica; sem dúvida ele ficaria conhecido como Henrique, o Valente, mas Thomas Cromwell diz que ele não pode arcar com uma guerra. E o custo financeiro não é a única consideração: o que será da Inglaterra se Henrique morrer? Ele passou vinte anos casado com Catarina, neste outono serão três com Ana, e nada tem para mostrar além de uma filha com cada uma e todo um cemitério de bebês mortos, alguns malformados e batizados em sangue, outros nascidos vivos mas mortos em questão de horas, dias, semanas no máximo. Todo o tumulto, o escândalo, para fazer o segundo casamento, e aí está. Henrique ainda não tem um filho para sucedê-lo. Ele tem um bastardo, Harry, duque de Richmond, um belo menino de 16 anos: mas de que lhe serve um bastardo? De que lhe serve a filha de Ana, a infanta Elizabeth? Algum mecanismo especial talvez tenha que ser criado para que Harry Fitzroy possa reinar, caso algum infortúnio se passe com seu pai. Ele, Thomas Cromwell, mantém ótimas relações com o jovem duque; mas essa dinastia, ainda nova em se tratando de realeza, não está suficientemente segura para sobreviver a tal curso. Os Plantageneta foram reis outrora e pensam que serão reis novamente; pensam que os Tudor são um interlúdio. As antigas famílias da Inglaterra estão ansiosas e prontas para fazer valer seu sangue, especialmente desde que Henrique rompeu com Roma; elas dobram o joelho em reverência, mas estão conspirando. Ele quase pode ouvi-las, escondidas entre as árvores.

Talvez você encontre uma noiva na floresta, disse o velho Seymour. Quando ele fecha os olhos, ela desliza por trás de suas pálpebras, velada por teias de aranha e banhada em orvalho. Seus pés estão descalços, enredados por raízes, seu cabelo de plumas voa entre os ramos; seu dedo, chamando, é uma folha enroscada. Ela aponta para ele, quando o sono o domina. Sua voz interior zomba dele agora: você pensou que tiraria uma folga em Wolf Hall. Pensou que não haveria nada a fazer aqui exceto o trabalho habitual, guerra e paz, fome, conchavos e tramoias; uma colheita fracassada, um populacho teimoso; a praga devastando Londres, e o rei perdendo as calças no carteadado. Você estava preparado para isso.

Lá no fim de sua visão interior, por trás dos olhos fechados, ele pressente algo prestes a surgir. Chegará com a aurora; algo que se move e respira, sua forma camuflada em um bosque ou uma clareira.

Antes de cair no sono, ele pensa no chapéu do rei caído em uma árvore na madrugada, empoleirado como uma ave vinda do paraíso.

No dia seguinte, para não cansar as damas, eles encurtam a caçada do dia e voltam cedo para Wolf Hall.

Para ele, é uma chance de se livrar da roupa de montaria e tratar dos despachos. Ele tem esperança de que o rei se sente por uma hora e ouça o que ele tem a dizer. Mas Henrique indaga:

— Lady Jane, gostaria de passear no jardim comigo?

Ela se põe de pé imediatamente; mas franzindo a testa, como se tentasse compreender o sentido daquilo. Seus lábios se movem, ela só falta repetir as palavras dele: Passear... Jane?... No jardim?

Ah sim, claro, honrada. Sua mão, uma pétala, paira sobre a manga do rei; depois ela a baixa, e a pele roça o bordado.

Há três jardins em Wolf Hall, e são chamados o grande jardim cercado, o jardim da velha senhora e o jardim da moça. Quando ele pergunta quem eram elas, ninguém recorda; a velha senhora e a moça estão há muito enterradas, não há diferença entre as duas agora. Ele se lembra de seu sonho: a noiva feita de raízes, a noiva feita de musgo.

Ele lê. Ele escreve. Algo chama sua atenção. Ele se ergue e olha pela janela para os passeios abaixo. As vidraças são pequenas e há uma oscilação no vidro, então ele precisa torcer o pescoço para poder ver direito. Ele pensa, eu poderia enviar meus vidraceiros, ajudar os Seymour a ter uma noção mais clara do mundo. Ele tem uma equipe de holandeses que trabalha em suas várias propriedades. Antes, trabalhava para o cardeal.

Lá embaixo, Henrique e Jane caminham. Henrique é uma figura enorme e Jane é como uma pequena boneca articulada, sua cabeça não alcança nem os ombros do rei. Um homem largo, um homem alto, Henrique torna-se a principal figura em qualquer aposento; assim seria mesmo que Deus não lhe tivesse concedido a dádiva da realeza.

Agora Jane está atrás de um arbusto. Henrique assente para ela; está falando com ela; está lhe explicando algo com ar sério, e ele, Cromwell, assiste, coçando

o queixo: a cabeça do rei está ficando maior? Será isso possível, na meia-idade?

Hans deve ter notado, pensa ele, perguntarei a ele quando voltarmos para Londres. É quase certo que eu esteja enganado; deve ser apenas o vidro.

Nuvens se aproximam. Uma gota pesada acerta a vidraça; ele pisca; a gota se espalha, se amplia, escorre contra os pinázios. Jane ressurgue em sua linha de visão. Henrique leva a mão dela firmemente presa em seu braço, aprisionada por sua outra mão. Ele pode ver a boca do rei, ainda se mexendo.

Cromwell volta a se sentar. Ele lê que os construtores trabalhando nas fortificações em Calais largaram as ferramentas e estão exigindo 6 pence por dia. Que seu novo casaco de veludo verde chegará a Wiltshire pelo próximo mensageiro. Que um cardeal Médici foi envenenado pelo próprio irmão. Ele boceja. Lê que os fazendeiros da Ilha de Thanet estão deliberadamente aumentando o preço dos grãos. Pessoalmente, ele enforcaria os fazendeiros, mas o líder talvez seja algum lorde insignificante que promove a fome de olho nos lucros polpudos, então é preciso ir com cuidado. Dois anos atrás, em Southwark, sete londrinos morreram pisoteados ao brigarem por um donativo de pão. É uma vergonha para a Inglaterra que súditos do rei passem fome. Ele pega sua pena e faz uma anotação.

Logo — não é uma casa grande, dá para ouvir tudo — ele ouve uma porta lá embaixo, e a voz do rei, e um leve murmúrio de solicitude em torno dele... pés molhados, Majestade? Ele ouve o passo pesado de Henrique se aproximando, mas Jane parece ter desaparecido no ar sem um só ruído. Sem dúvida a mãe e as irmãs a arrastaram para outro lado, a fim de saber tudo que o rei disse a ela.

Quando Henrique chega até ele, alcançando-o pelas costas, ele empurra sua cadeira para trás para se erguer. Henrique faz um gesto com a mão: pode ficar.

— Majestade, os moscovitas tomaram 500 quilômetros de território polonês. Dizem que 50 mil homens foram mortos.

— Oh — exclama Henrique.

— Espero que poupem as bibliotecas. Os acadêmicos. Há excelentes eruditos na Polônia.

— Hum? Também espero.

Ele retorna a seus despachos. Praga no campo e na cidade... o rei tem sempre muito medo de infecção... Cartas de governantes estrangeiros, querendo saber se é verdade que Henrique planeja decapitar todos os seus bispos.

Certamente que não, escreve ele, temos bispos excelentes agora, todos conformados à vontade do rei, todos reconhecendo-o como chefe da Igreja na Inglaterra; além disso, que pergunta absurda! Como se atrevem a insinuar que o rei da Inglaterra deveria prestar contas a alguma potência estrangeira? Como se atrevem a contestar seu soberano juízo? O bispo Fisher está morto, é verdade, assim como Thomas More, mas, antes que eles o levassem a esse extremo, o tratamento que Henrique dispensou aos dois foi quase brando demais; se eles não tivessem insistido tanto na traição, estariam vivos agora, vivos como você e eu.

Ele tem escrito muitas dessas cartas desde julho. Não parece totalmente convincente, nem para si mesmo; ele se vê repetindo os mesmos pontos, em vez de avançar o debate para um novo território. Precisa de novas frases... Henrique marcha de lá para cá às suas costas.

— Majestade, o embaixador imperial Chapuys indaga se pode viajar ao norte para visitar sua filha, Lady Maria.

— Não — responde Henrique.

Ele escreve a Chapuys, *Espere, espere até que eu esteja de volta a Londres, quando tudo será arranjado...*

Nenhuma palavra do rei: apenas a respiração, a marcha, um rangido de um armário onde ele se detém e se apoia.

— Majestade, eu soube que o lorde governador de Londres quase não sai de casa, de tão afligido pela enxaqueca.

— Hum? — responde Henrique.

— Eles o estão sangrando. Isso é o que Sua Majestade aconselharia?

Uma pausa. Henrique se concentra nele, com algum esforço.

— Perdão, mas sangrando para quê?

Isso é estranho. Por mais que odeie notícias da peste, Henrique sempre gosta de saber dos pequenos males dos outros. Admita um espirro ou uma cólica e ele fará uma poção de ervas com as próprias mãos e ficará por perto enquanto você engole.

Ele baixa a pena. Vira-se para encarar o rosto de seu monarca. É claro que a mente de Henrique ainda não deixou o jardim. O rei exhibe uma expressão que ele já viu antes, ainda que em animais, não em homens. Ele parece perplexo, como um bezerro esmurrado na cabeça pelo açougueiro.

Essa será a última noite deles em Wolf Hall. Ele desce muito cedo, os braços

cheios de papéis. Alguém já acordou antes dele. Imóvel no grande salão, uma pálida presença à luz leitosa, Jane Seymour está vestida em sua tesa elegância. Ela não vira a cabeça para cumprimentá-lo, mas o vê pelo canto do olho.

Se já teve algum sentimento por ela, Cromwell não consegue encontrar nenhum vestígio agora. Os meses fogem de nós como um turbilhão de folhas de outono, rolando e se sacudindo rumo ao inverno; o verão se foi, a filha de Thomas More recuperou a cabeça do pai da Ponte de Londres e a guarda hoje Deus sabe onde, num prato ou numa tigela, e a essa cabeça dirige suas orações. Cromwell não é o mesmo homem que era no ano passado, e não reconhece os sentimentos daquele homem; está recomeçando do zero, sempre com novos pensamentos, novos sentimentos. Jane, ele começa a dizer, você finalmente poderá tirar seu melhor vestido do armário, ficará feliz em ver-nos na estrada...?

Jane está virada para a frente da casa, como uma sentinela. As nuvens foram sopradas para longe durante a noite. Talvez tenhamos mais um belo dia. O sol recém-nascido toca os campos, rosados a essa hora. Os vapores da noite se dispersam. As formas das árvores tornam-se definidas aos poucos. A casa está acordando. Cavalos deixados soltos durante a noite pisoteiam a terra e relinham. Uma porta bate nos fundos. Passos rangem acima deles. Jane mal parece respirar. Nenhum sobe e desce perceptível naquele peito reto. Ele sente que deveria recuar, retirar-se, sumir de volta na noite e deixá-la ali no momento que ela ocupa: vislumbrando a Inglaterra.

Nota:

* Na língua inglesa, os indivíduos de nome Henry são chamados também pelo apelido bastante comum de “Harry”. Em português, a convenção dita que se converta o nome de monarcas chamados Henry para “Henrique”. Por esta razão, ao longo deste livro o rei Henrique VIII aparecerá ocasionalmente mencionado como “Harry” Tudor, apelido para seu nome original, Henry Tudor, assim como outros personagens. (*N. da T.*)

II Corvos

Londres e Kimbolton, outono de 1535

Stephen Gardiner! Chegando quando ele está saindo, marchando em direção à câmara do rei, uma pasta debaixo de um braço, balançando o outro no ar. Gardiner, bispo de Winchester: retumbando como uma tempestade, logo hoje que finalmente temos um belo dia.

Quando Stephen entra numa sala, o mobiliário recua para longe dele. As cadeiras se arrastam para trás. Banquinhos se desmontam como cadelas acuadas. As figuras bíblicas nas tapeçarias de lã do rei erguem as mãos para tapar os ouvidos.

Na corte, poderíamos imaginar que ele fosse aparecer. Poderíamos prever sua presença. Mas aqui? Enquanto ainda estamos caçando pelos campos e (teoricamente) descansando?

— É um prazer, meu lorde bispo — diz ele. — Faz bem a meu coração vê-lo com tão boa aparência. Em breve a corte partirá para Winchester, e eu não pensei que desfrutaria de sua companhia antes disso.

— Passei a sua frente, Cromwell.

— Estamos em guerra?

O rosto do bispo diz, você sabe que estamos.

— Foi você quem me baniu.

— Eu? Nunca pense isso, Stephen. Senti sua falta todos os dias. Além disso, banido não. Temporariamente afastado.

Gardiner lambe os lábios.

— Você verá como passei meu tempo no interior.

Quando Gardiner perdeu o cargo de secretário-mor — e perdeu para ele, Cromwell —, o bispo se convenceu de que uma temporada em sua própria diocese de Winchester talvez fosse aconselhável, pois ele havia se interposto demais entre o rei e sua segunda esposa. Como ele colocou, “Meu senhor de Winchester, uma declaração ponderada acerca da supremacia do rei talvez seja

bem-vinda, apenas para que não haja nenhuma dúvida quanto a sua lealdade. Uma declaração firme de que ele é o chefe da Igreja inglesa e, por direito, sempre foi. Uma afirmação, firmemente colocada, de que o papa é um príncipe estrangeiro sem jurisdição aqui. Um sermão escrito, talvez, ou uma carta aberta. Para esclarecer quaisquer ambiguidades nas suas opiniões. Para servir de exemplo para outros religiosos, e para dissuadir o embaixador Chapuys da ideia de que você foi comprado pelo imperador. Você deveria fazer uma declaração para toda a cristandade. Na verdade, por que não volta para sua diocese e escreve um livro?”.

Agora ali está Gardiner, afagando um manuscrito como se fosse a bochecha de um bebê gorducho.

— O rei ficará contente em ler isto. Eu o intitulei *Da verdadeira obediência*.

— Melhor deixar-me dar uma olhada antes que vá para a prensa.

— O próprio rei despreverá o conteúdo a você. É uma obra que mostra por que juramentos ao papado não têm efeito algum, mas como nosso juramento ao rei, como chefe da Igreja, é bom. Enfatiza fortemente que a autoridade de um rei é divina, a ele concedida diretamente por Deus.

— E não por um papa.

— De maneira alguma; vem de Deus sem intermediários, e tampouco flui para cima a partir de seus súditos, como você certa vez disse a ele.

— Eu disse? Flui para cima? Parece haver uma dificuldade aí.

— Você trouxe ao rei um livro que defendia tal ideia, o livro de Marsílio de Pádua, seus 42 artigos. O rei disse que você os martelou nele até lhe latejar a cabeça.

— Eu deveria ter resumido a questão — diz ele, sorrindo. — Na prática, Stephen, para cima, para baixo... pouco importa. “A palavra do rei é suprema, e quem poderá lhe dizer: Que fazes?”

— Henrique não é um tirano — diz Gardiner, teso. — Eu refuto qualquer ideia de que seu regime não está legalmente fundamentado. Se eu fosse rei, desejaria que minha autoridade fosse totalmente legítima, universalmente respeitada e, se questionada, bravamente defendida. Você não?

— Se eu fosse rei...

Ele estava prestes a dizer, se eu fosse rei, defenestraria a sua pessoa. Gardiner prossegue:

— Por que está olhando pela janela?

Ele sorri, distraído.

— O que será que Thomas More diria de seu livro?

— Ah, ele o detestaria profundamente, mas para a opinião dele não dou a mínima — diz o bispo, exaltado —, uma vez que seu cérebro foi comido por corvos e seu crânio virou uma relíquia que a filha dele adora de joelhos. Por que você deixou que ela pegasse a cabeça da Ponte de Londres?

— Você me conhece, Stephen. O fluido da benevolência corre em minhas veias e por vezes transborda. Mas escute, se está tão orgulhoso de seu livro, talvez você deva passar mais tempo no campo, escrevendo.

Gardiner fecha a carranca.

— Você é quem deveria escrever um livro. Seria algo interessante de se ver, com esse seu latim vira-lata e seu grego pífio.

— Eu escreveria em inglês — responde ele. — Uma língua boa para todos os tipos de assuntos. Entre, Stephen, não faça o rei esperar. Você o encontrará de bom humor. Harry Norris está com ele hoje. E Francis Weston.

— Ah, aquele janota linguarudo — diz Stephen. Ele faz um movimento de quem dá uma bofetada. — Obrigado pela informação.

Será que o Weston-fantasma sente o tapa? Uma erupção de risos chega de dentro dos aposentos de Henrique.

O bom tempo não durou muito mais que a estada em Wolf Hall. Mal saíram da floresta Savernake, foram engolidos por uma névoa úmida. Faz mais ou menos uma década que chove na Inglaterra, e a colheita será pobre outra vez. Estima-se que o preço do trigo aumente para 20 xelins o quarto. Então o que fará o trabalhador neste inverno, o homem que ganha 5 ou 6 pence por dia? Os especuladores já avançaram, e não apenas na Ilha de Thanet, mas também pelos condados. Seus homens estão na cola deles.

Costumava surpreender o cardeal que um inglês tirasse seu lucro da fome do outro. Mas ele respondia:

— Já vi um mercenário inglês cortar a garganta de seu compatriota, puxar seu tapete enquanto ele ainda estrebuchava, revirar sua sacola e afanar uma medalha de santo junto com seu dinheiro.

— Ah, mas ele era um matador de aluguel — dizia o cardeal. — Esses homens não têm alma a perder. Mas a maioria dos ingleses teme a Deus.

— Os italianos não concordam com isso. Eles dizem que a estrada que liga a Inglaterra ao inferno está batida de tantos pés que por ali passam, e que é uma descida por todo o caminho.

Todos os dias ele pondera sobre o mistério de seus compatriotas. Ele já viu assassinos, sim; mas viu também um soldado faminto abrir mão de um pão para dá-lo a uma mulher, uma mulher que não era nada para ele, e afastar-se com indiferença. É melhor não testar as pessoas, não forçá-las ao desespero. Faça com que prosperem; a superfluidade as tornará generosas. Barriga cheia gera boas maneiras. O agulhão da fome cria monstros.

Alguns dias após seu encontro com Stephen Gardiner, quando a corte itinerante chegou a Winchester, novos bispos foram consagrados na catedral. “Meus bispos”, Ana os chamou: evangelistas, reformistas, homens que a veem como uma oportunidade. Quem teria imaginado Hugh Latimer como bispo? Seria mais provável imaginá-lo queimado, carbonizado em Smithfield com o evangelho na boca. E, no entanto, quem iria pensar que Thomas Cromwell seria alguma coisa? Quando Wolsey caiu, a conclusão lógica seria que, como servo de Wolsey, ele estaria arruinado. Quando sua esposa e suas filhas morreram, era de se esperar que a perda o matasse. Mas Henrique se voltou para ele; Henrique tomou seu juramento; Henrique colocou seu tempo à sua disposição e disse, venha, mestre Cromwell, tome meu braço: cruzando pátios e salões de trono, seu caminho na vida agora se tornou suave e claro. Quando jovem, ele estava sempre abrindo seu caminho a cotoveladas por entre as multidões, tentando chegar à frente para ver o espetáculo. Mas agora as multidões se abrem quando ele atravessa Westminster ou os arredores de qualquer palácio do rei. Desde que ele foi empossado conselheiro, mesas e baús de viagem e cães soltos são varridos de seu caminho. As mulheres silenciam seus sussurros e puxam as mangas dos vestidos para baixo e ajustam os anéis nos dedos, desde que ele foi nomeado arquivista-mor. A desordem da cozinha, a bagunça dos escrivães e os banquinhos dos subalternos são chutados para os cantos e tirados das vistas, agora que ele é secretário-mor do rei. E, exceto por Stephen Gardiner, ninguém corrige seu grego; não agora que ele é chanceler da Universidade de Cambridge.

De forma geral, o verão de Henrique tem sido um sucesso: através de Berkshire, Wiltshire e Somerset ele se exibiu às pessoas nas estradas, e (quando a chuva não está desabando) elas se colocaram à margem das vias e celebraram

sua passagem. Por que não o fariam? Não se pode ver Henrique sem ficar impressionado. A cada vez que o vemos, somos novamente arrebatados por ele, como se fosse a primeira vez: um homem enorme com pescoço de touro, o cabelo rareando, o rosto inchando; olhos azuis e uma boca pequena, quase tímida. Sua altura é 1,90 m, e cada centímetro exala poder. Sua postura, sua pessoa são magníficas; suas fúrias são assustadoras, seus juramentos e maldições, suas lágrimas fêrvidas. Mas há momentos em que seu grande corpo se estica e relaxa, sua expressão desanuvia; ele então se instala ao seu lado num banco e lhe fala como um irmão. Como um irmão falaria, se você tivesse um. Ou um pai até, um pai do tipo ideal: como vai indo? Não está trabalhando demais? Já jantou? O que sonhou na noite passada?

O perigo disso é que um rei que se senta a mesas comuns, em uma cadeira comum, pode ser tomado como um homem comum. Mas Henrique não é comum. Que importa se seu cabelo está recuando e a barriga aumentando? O imperador Carlos, quando olha seu reflexo, daria toda uma província para ver o rosto Tudor em lugar do próprio semblante, sua fisionomia torta, seu nariz adunco quase tocando o queixo. O rei Francisco, um varapau, penhoraria seu delfim para ter ombros como os do rei da Inglaterra. Quaisquer qualidades que eles têm, Henrique as reflete de volta com o dobro do tamanho. Se eles são cultos, ele é duas vezes mais culto. Se são misericordiosos, ele é o exemplo de misericórdia. Se são galantes, ele é o epítome da cavalaria andante, dos maiores livros de cavaleiros que podemos imaginar.

Mas de nada adianta: em tavernas de vilarejos de um lado a outro da Inglaterra, as pessoas culpam o rei e Ana Bolena pelo clima: a concubina, a grande prostituta. Se o rei tomasse de volta sua legítima esposa, Catarina, a chuva cessaria. E, de fato, como duvidar de que tudo seria diferente e melhor se ao menos a Inglaterra fosse governada por idiotas interioranos e seus amigos bêbados?

Eles retornam a Londres lentamente, de modo que, no momento em que o rei chegue, a cidade já esteja livre da suspeita de peste. Em capelas frias, sob o olhar de virgens de olhos parados, o rei reza sozinho. Ele não gosta que o rei ore só. Ele quer saber o que o rei pede em suas orações; seu velho mestre, o cardeal Wolsey, saberia.

À medida que o verão se aproxima de seu fim oficial, suas relações com a

rainha são cautelosas, incertas e assombradas pela desconfiança. Ana Bolena tem agora 34 anos, uma mulher elegante, com um refinamento que faz parecer redundante portar meramente beleza. Outrora sinuosa, ela se tornou angular. Conserva ainda seu resplendor escuro, agora um tanto gasto, desbotando em alguns lugares. Faz bom uso de seus proeminentes olhos escuros, e da seguinte forma: ela fita o rosto de um homem, depois seu olhar se distrai, como se despreocupado, indiferente. Há uma pausa: pode ser apenas um instante. Depois lentamente, como se compelida, ela torna a olhar para ele. Seus olhos descansam em seu rosto. Ela examina esse homem. Ela o examina como se ele fosse o único homem no mundo. Ela o olha como se o visse pela primeira vez, e como se considerasse todos os tipos de uso para ele, todos os tipos de possibilidades que nem ele mesmo pensou para si. Para a vítima, o momento parece durar uma eternidade, e arrepios lhe sobem pela espinha enquanto isso. Ainda que na verdade o truque seja rápido, barato, eficiente e repetível, o pobre homem pensa que ele agora se destacou entre todos os homens. Ele sorri. Ele se empertiga. Fica um pouco mais alto. Fica um pouco mais tolo.

Ele viu Ana aplicando seu truque em senhores e plebeus, no próprio rei. É possível ver quando a boca do homem se entreabre e ele se torna sua criatura. Quase sempre funciona; mas nunca funcionou com ele. Ele não é indiferente às mulheres, Deus sabe, é indiferente apenas a Ana Bolena. Isso a ofende; ele deveria ter fingido. Ele a tornou rainha, ela o tornou ministro; mas eles estão incomodados agora, ambos em alerta, observando um ao outro, à espera de algum desliz que traia sentimentos reais, para assim ganhar vantagem sobre o outro: como se só a dissimulação pudesse protegê-los. Mas Ana não é boa em esconder sentimentos; ela é o adorado tesouro do rei, escorregando e deslizando da raiva ao riso. Houve momentos nesse verão em que ela sorriu secretamente para ele nas costas do rei, ou fez caretas para avisá-lo de que Henrique estava de mau humor. Em outros momentos ela o ignorou, deu-lhe as costas, seus olhos negros varrendo o salão e repousando em outro lugar.

Para entender isso — se é que há como entender —, temos que voltar à primavera anterior, quando Thomas More ainda estava vivo. Ana o chamara para falar de diplomacia: seu objetivo era um contrato de casamento, um príncipe francês para sua filha, a infanta Elizabeth. Mas os franceses se mostraram arredios na negociação. A verdade é que, mesmo hoje, eles não

admitem totalmente que Ana é rainha, não estão convencidos de que sua filha é legítima. Ana sabe o que está por trás dessa relutância, e, de alguma forma, isso é culpa dele: dele, de Thomas Cromwell. Ela o acusou abertamente de sabotagem. Ele não gosta dos franceses e não queria a aliança, afirmou ela. Pois ele não se esquivou de uma oportunidade de atravessar o mar e conversar frente a frente? Os franceses estavam todos prontos para negociar, diz ela.

— E você era esperado, secretário-mor. Mas disse que estava doente, e o senhor meu irmão teve que ir.

— E fracassou. — Ele suspirou. — Que triste.

— Eu conheço você — disse Ana. — Você nunca fica doente, a menos que queira estar, não é? Além disso, percebo como funcionam as coisas com você. Acha, quando está na cidade e não na corte, que não está sob nossos olhos. Mas sei que você é muito amigo do homem do imperador. Estou ciente de que Chapuys é seu vizinho. Mas isso é razão para que os criados de vocês dois vivam entrando e saindo das casas um do outro?

Naquele dia, Ana estava usando um tom médio de cor-de-rosa com cinza-claro. Aquelas cores deveriam ter um encanto viçoso e donzelesco; mas tudo que ele conseguia pensar era em entranhas, carnes e tripas, intestinos cor-de-rosa acinzentados puxados para fora de um corpo vivo; ele tinha um segundo lote de frades recalcitrantes a serem despachados para Tyburn, para serem cortados e estripados pelo carrasco. Eram traidores e mereciam a morte, mas essa é uma morte que excede a maioria em crueldade. As pérolas ao redor do longo pescoço de Ana lhe lembravam bolinhas de gordura, e, enquanto reclamava, ela erguia a mão e as puxava; ele fixou os olhos na ponta de seus dedos, suas unhas cortando o ar como pequenas facas.

Ainda assim, como ele diz a Chapuys, enquanto eu estiver nas boas graças de Henrique, duvido que a rainha possa me fazer algum mal. Ela tem seus rancores, tem suas raivinhas; é volúvel, e Henrique sabe disso. Foi o que fascinou o rei, encontrar alguém tão diferente daquelas loiras bondosas e delicadas que passam suavemente pelas vidas dos homens e não deixam uma marca sequer. Mas agora, quando Ana aparece, às vezes Henrique parece constrangido. É possível ver seu olhar tornando-se distante quando ela começa um de seus chiquês, e, se ele não fosse tão cavalheiro, puxaria o chapéu para tapar os ouvidos.

Não, diz ele ao embaixador, não é Ana o que me incomoda; são os homens

que ela tem à sua volta. Sua família: seu pai, o conde de Wiltshire, que gosta de ser conhecido como “monsieur”, e seu irmão George, lorde Rochford, a quem Henrique nomeou para o corpo de cavalheiros de sua câmara privada. George é um dos funcionários com menos tempo de casa, porque Henrique gosta de preservar os homens com quem está acostumado, que foram seus amigos quando ele era jovem; de tempos em tempos o cardeal os varria para fora, mas eles escorriam de volta como água suja. Outrora foram jovens de espírito, jovens de ímpeto. Um quarto de século se passou e eles agora estão grisalhos ou carecas, flácidos ou barrigudos, incapazes para o serviço ou lhes faltando alguns dedos, mas ainda tão arrogantes quanto sátrapas e com o refinamento mental de um batente de porta. E agora há uma nova ninhada de filhotes, Weston e George Rochford e sua laia, a quem Henrique aceitou porque pensa que eles o mantêm jovem. Esses homens — os antigos e os novos — acompanham o rei desde seu despertar até seu recolher, e em todas as horas privadas que preenchem seu dia entre esses dois momentos. Estão com ele em sua latrina, e quando ele limpa os dentes e cospe numa bacia de prata; esfregam-no com toalhas e o laçam dentro de seu gibão e seus calções; conhecem seu corpo, cada verruga ou sarda, cada fio de barba, e mapeiam as ilhas de seu suor quando ele chega da quadra de tênis e arranca a camisa. Eles sabem mais do que deveriam, tanto quanto sua lavadeira e seu médico, e falam do que sabem; sabem quando ele visita a rainha para tentar fazer um filho nela, ou quando, numa sexta-feira (o dia em que nenhum cristão copula), ele sonha com uma mulher fantasma e mancha seus lençóis. Vendem esse conhecimento a um preço alto: querem favores, querem que seus deslizos sejam ignorados, pensam que são especiais e querem que os outros saibam disso. Desde que entrou para o serviço de Henrique, ele, Cromwell, tem aplacado esses homens, lisonjeando-os, bajulando-os, procurando sempre uma maneira de facilitar seu trabalho, um acordo; mas às vezes, quando impedem seu acesso ao rei por uma hora, eles não conseguem tirar o sorriso do rosto. Provavelmente, pensa ele, já fez o máximo possível para aceitá-los. Agora eles terão que me aceitar, ou ser afastados.

As manhãs são frias agora, e nuvens bojudas rolam no encaço da comitiva real enquanto eles vagueiam por Hampshire, as estradas passando de poeira a lama em questão de dias. Henrique está relutante em voltar ao trabalho tão rápido; quem dera fosse sempre agosto, diz ele. Estão a caminho de Farnham, um

pequeno grupo de caça, quando uma notícia chega a galope pela estrada: surgiram casos de peste naquela cidade. Henrique, que no campo de batalha é corajoso, empalidece quase diante dos olhos de todos e dá a volta no pescoço de seu cavalo: para onde ir agora? Qualquer lugar serve, qualquer lugar menos Farnham.

Ele se inclina à frente na sela, tirando o chapéu para falar com o rei:

— Podemos adiantar o que havíamos programado e ir logo a Basing House, deixe-me apenas enviar um homem rápido para avisar William Paulet. Em seguida, para não sobrecarregá-lo, podíamos passar um dia em Elvetham. Edward Seymour está em casa, e eu posso providenciar suprimentos se ele estiver desabastecido.

Ele volta à posição normal, deixando que Henrique cavalgue à frente. Ele diz a Rafe:

— Envie mensagem a Wolf Hall. Mande buscar a Srta. Jane.

— O quê, trazê-la aqui?

— Ela sabe cavalgar. Diga ao velho Seymour para colocá-la num bom cavalo. Quero que ela esteja em Elvetham até a noite de quarta, qualquer dia mais tarde que isso será tarde demais.

Rafe puxa as rédeas para virar o cavalo.

— Mas. Senhor. Os Seymour perguntarão por que Jane e por que a pressa. E por que estamos indo para Elvetham, quando há outras casas nas proximidades, os Weston em Sutton Place...

Que afoguem ou enforcem os Weston, pensa ele. Os Weston não fazem parte deste plano. Ele sorri.

— Diga que devem fazê-lo porque me estimam.

Ele vê que Rafe está pensando, então meu amo pedirá a mão de Jane Seymour afinal. Para si ou para Gregory?

Ele, Cromwell, viu em Wolf Hall aquilo que Rafe não conseguiu ver: a silenciosa Jane em sua cama, a pálida e muda Jane, é com isso que Henrique sonha agora. Não se pode condenar as fantasias de um homem, e Henrique não é nenhum devasso, nunca teve muitas amantes. Não fará mal algum se ele, Cromwell, facilitar o caminho do rei até ela. O rei não maltrata suas companheiras de cama. Não é aquele tipo de homem que passa a odiar a mulher depois que a possui. Ele lhe escreverá versos e, com algum incentivo, lhe dará

uma renda, elevará sua família; muitas famílias concluíram, depois que Ana Bolena surgiu no mundo, que banhar-se no sol das atenções de Henrique é o máximo que uma mulher inglesa pode querer. Se eles manejarem bem este jogo, Edward Seymour subirá de posição na corte e será um aliado em um ambiente em que aliados são escassos. Nesse estágio, Edward precisa de conselhos. Porque ele, Cromwell, tem melhor tino para negócios que os Seymour. Ele não deixará que Jane se venda barato.

Mas o que a rainha Ana fará se Henrique tomar como amante uma jovem de quem ela zombou desde o primeiro dia em que Jane lhe serviu: a quem ela chama de leite azedo? Como Ana competirá com a mansidão, com o silêncio? Acessos de fúria dificilmente a ajudarão. Ela terá que se perguntar o que Jane pode dar ao rei que no momento ele não tem. Terá que pensar a respeito. E é sempre um prazer ver Ana pensando.

Quando as duas comitivas se encontraram após Wolf Hall — a comitiva do rei e a da rainha —, Ana foi encantadora com ele, pousando a mão em seu braço e tagarelando em francês sobre basicamente nada. Como se ela jamais tivesse mencionado, algumas semanas antes, que gostaria de lhe cortar fora a cabeça; como se estivesse apenas batendo um papo casual. É aconselhável ficar atrás dela no campo de caça. Ela é ávida e rápida, mas não tem uma mira muito precisa. Nesse verão ela enterrou uma seta de balestra numa vaca fugida. E Henrique teve que ressarcir o dono.

Mas sabe, nada disso importa. Rainhas vêm e vão. Foi o que a história recente nos ensinou. Vamos pensar em como sustentar a Inglaterra, as grandes necessidades de seu rei, o custo da caridade e o custo da justiça, o custo de manter seus inimigos fora de suas praias.

Desde o ano anterior, ele tem certeza de qual é a resposta: os clérigos, aquela classe parasita de homens, proferirão. Vão às abadias e aos conventos de todo o reino, dizia ele aos visitantes que trabalham para ele, seus fiscais: façam-lhes as perguntas que eu lhes darei, 86 questões ao todo. Ouçam mais do que falem, e, depois de ouvir, peçam para ver as contas. Falem com os padres e freiras sobre suas vidas e o Governo. Não me interessa onde eles pensam que está a própria salvação, se apenas no sangue precioso de Cristo ou em parte graças a suas próprias ações e méritos: bem, sim, eu estou interessado, mas a questão principal é saber que bens eles possuem. Conhecer suas rendas e propriedades e, no caso

de o rei querer reaver o que lhe pertence como chefe da Igreja, por qual mecanismo seria melhor fazê-lo.

Não esperem uma recepção calorosa, diz ele. Eles correrão para liquidar seus bens antes de sua chegada. Tomem nota de que relíquias ou objetos de veneração local eles têm, e como os exploram, quanto obtêm de rendimentos por ano, pois todo esse dinheiro é ganho à custa de peregrinos supersticiosos que fariam melhor ficando em casa e ganhando a vida honestamente. Pressionem-nos até descobrir suas lealdades, o que pensam de Catarina, o que pensam de Lady Maria, e como veem o papa; porque se as matrizes das ordens que eles recebem estão fora destas fronteiras, não teriam eles uma fidelidade mais elevada, como talvez denominem, por alguma potência estrangeira? Coloquem diante deles tal questão e mostrem que eles estão em desvantagem; que não é suficiente afirmar fidelidade ao rei, eles devem estar preparados para demonstrá-la e podem fazê-lo facilitando o trabalho dos senhores.

Seus homens não são tolos de tentar enganá-lo, mas, só para garantir, ele os envia em pares, para um vigiar o outro. Os tesoureiros das abadias oferecerão subornos, para poderem declarar menos bens do que de fato possuem.

Thomas More, em sua cela na torre, disse a ele, “Onde você atacará da próxima vez, Cromwell? Você derrubará toda a Inglaterra”.

Ele respondeu, eu rogo a Deus, concedei-me vida contanto que eu use meu poder para construir e não destruir. Diz-se, entre os ignorantes, que o rei está destruindo a Igreja. Na verdade, ele a está renovando. Este será um país melhor, acredite, uma vez que estiver purgado de mentirosos e hipócritas. “Mas você, a menos que retifique suas maneiras para com Henrique, não estará vivo para ver isso acontecer.”

E não esteve. Ele não se arrepende do que aconteceu; só lamenta que More tenha recusado o bom senso. Foi-lhe oferecido um juramento reconhecendo a supremacia de Henrique sobre a Igreja; esse juramento é um teste de lealdade. Poucas coisas na vida são simples, mas isso é simples. Aquele que não faz o juramento condena a si mesmo, por implicação: traidor, rebelde. More se recusou a jurar; então o que podia fazer senão morrer? O que podia fazer senão ir chapinhando até o cadafalso, em um dia de julho em que as tempestades não paravam, exceto por uma breve hora ao anoitecer que foi tarde demais para Thomas More; ele morreu com os calções molhados, enlameado até os joelhos,

e os pés escorregando como um pato. Não que ele tenha propriamente saudades do homem. É só que às vezes ele esquece que More está morto. É como se eles estivessem entretidos em uma conversa e de repente o diálogo se interrompesse: ele diz algo e não recebe nenhuma resposta. Como se estivessem caminhando lado a lado na estrada e More caísse num buraco, um poço de profundidade equivalente à altura de um homem, transbordando com água da chuva.

Tais acidentes, na verdade, de fato acontecem. Homens morreram assim, a pista cedendo sob seus pés. A Inglaterra precisa de estradas melhores e pontes que não desabem. Ele está preparando um projeto de lei para o Parlamento que dará emprego a homens sem trabalho, lhes dará um soldo e os colocará para consertar as estradas, fazer portos, construir muralhas contra o imperador ou qualquer outro oportunista. Poderíamos pagar esses homens, calculou ele, se aplicássemos um imposto de renda sobre os ricos; poderíamos fornecer-lhes abrigo, médicos se precisassem, sua subsistência; todos aproveitariam os frutos de seu trabalho, e, estando empregados, eles dificilmente se tornariam cafetões, gatunos ou bandoleiros de estrada, tudo que homens fazem quando não veem outra maneira de arranjar o que comer. Que importa se os pais deles foram cafetões, gatunos ou bandoleiros? Isso não significa nada. Olhem para ele. Ele é Walter Cromwell? Em uma geração, tudo pode mudar.

Quanto aos monges, ele acredita, tal qual Martinho Lutero, que a vida monástica não é necessária, não é útil, não é exigida por Cristo. Não há nada imperecível quanto aos mosteiros. Eles não são parte da ordem natural de Deus. Erguem-se e decaem, como qualquer outra instituição, e às vezes seus edifícios desmoronam ou são arruinados pela administração negligente. Ao longo dos anos, vários deles desapareceram ou se realocaram ou foram engolidos por algum outro mosteiro. O número de monges está diminuindo naturalmente, porque hoje em dia o bom cristão vive no mundo. Vejamos a Abadia de Battle. Teve duzentos monges no auge de sua fortuna — e agora quantos? Quarenta no máximo. Quarenta gordos sentados numa pilha de dinheiro. O mesmo acontece de uma ponta a outra do reino. Recursos que poderiam ser liberados, que poderiam ser aproveitados para melhor uso. Por que o dinheiro deveria ficar em cofres, quando poderia ser colocado em circulação entre os súditos do rei?

Seus comissários saem e lhe mandam de volta escândalos; mandam manuscritos monásticos, histórias de fantasmas e maldições, destinados a manter

a gente simples apavorada. Os monges têm reliquias que fazem chover e parar de chover, que inibem o crescimento de ervas daninhas e curam doenças do gado. Eles cobram por seu uso, não as entregam de graça ao próximo: ossos velhos e lascas de madeira, pregos torcidos da crucificação de Cristo. Ele conta ao rei e à rainha o que seus homens encontraram em Maiden Bradley, Wiltshire:

— Os monges têm um pedaço do casaco de Deus e alguns nacos de carne da Última Ceia. Têm ramos que florescem no dia de Natal.

— Essa última é possível — diz Henrique, com reverência. — Lembre-se do espinheiro de Glastonbury.

— O prior tem seis filhos, que mantém em sua casa como criados. Em sua defesa, ele diz que nunca se meteu com mulheres casadas, apenas com virgens. E depois, quando se cansava delas ou as engravidava, arranjava-lhes um marido. Ele alega ter uma licença, com o selo papal, permitindo-lhe manter uma concubina.

Ana ri.

— E ele a apresentou?

Henrique está chocado.

— Fora com ele. Esses homens são uma desgraça para sua vocação.

Mas os tolos tonsurados geralmente são piores que os outros; Henrique não sabe disso? Há alguns bons monges, mas, após alguns anos de exposição ao ideal monástico, eles tendem a fugir. Escapam dos claustros e se tornam atores no mundo. Em tempos passados, nossos ancestrais atacavam os monges e seus servos com machados e foices e a fúria que lançariam contra um exército invasor. Traziam abaixo suas muralhas e ameaçavam queimá-los, e o que queriam eram os contratos de arrendamento dos monges, os documentos de seus servos, e, quando os apanhavam, eles os rasgavam e atiravam em fogueiras, e diziam, o que queremos é um pouco de liberdade: um pouco de liberdade e ser tratados como ingleses, após séculos sendo tratados como animais.

Chegam relatos mais sombrios. Ele, Cromwell, instrui seus fiscais, apenas digam isso, e digam em voz alta: para cada monge, uma cama: para cada cama, um monge. Isso é assim tão difícil para eles? Os mais vividos lhe respondem, pecados certamente vão acontecer; se você trancar homens sem acesso a mulheres, eles se aproveitarão dos noviços mais jovens e mais fracos, eles são homens e essa é apenas a natureza de um homem. Mas eles não deveriam

elevar-se acima da natureza? De que servem todas as orações e os jejuns se são insuficientes quando o diabo chega para tentá-los?

O rei admite o desperdício, a má gestão; talvez seja necessário, diz ele, reformar e reorganizar algumas casas menores, pois foi o que o próprio cardeal fez quando era vivo. Mas certamente podemos confiar que as grandes casas se reformarão sozinhas, não?

Possivelmente, responde Cromwell. Ele sabe que o rei é devoto e que teme a mudança. Ele quer a Igreja reformada, ele a quer prístina; ele também quer dinheiro. Mas, como nativo do signo de Câncer, Henrique avança como um caranguejo rumo a seu objetivo: em um arrastar-se lateral, em zigue-zague. Ele, Cromwell, observa Henrique passar os olhos pelos números que lhe foram apresentados. Não é uma fortuna, não para um rei: mal paga sua coroa. Aos poucos, Henrique talvez queira pensar nas casas maiores, nos priores mais gordos, naqueles banhados em autoindulgência. Por enquanto, que isso seja um começo. Ele comenta, eu me sentei à mesa com muitos abades, o abade mastigando passas e tâmaras enquanto para os monges é arenque todo dia. Ele pensa, por mim, eu os libertaria a todos para que levassem uma vida diferente. Eles afirmam que estão vivendo a *vita apostolica*; mas ninguém via os apóstolos bolinando uns aos outros. Aqueles que querem sair, deixem que saiam. Os monges que são ordenados padres podem receber prebendas, fazer trabalho útil nas paróquias. Os menores de 24 anos, homens e mulheres, podem ser enviados de volta ao mundo. São jovens demais para se atar a votos para o resto da vida.

Ele está pensando à frente: se o rei tivesse as terras dos monges, não só um pouco, mas todas, seria três vezes o homem que é agora. Não precisaria mais chegar de pires na mão ao Parlamento, implorando por um subsídio. Seu filho, Gregory, lhe diz:

— Senhor, dizem que, se o abade de Glastonbury dormisse com a abadessa de Shaftesbury, o filho seria o mais rico proprietário de terras da Inglaterra.

— Muito provável — responde ele —, mas você já viu a abadessa de Shaftesbury?

Gregory parece preocupado.

— Deveria?

As conversas com seu filho são assim: ricocheteiam e, em vez de voltar, se desviam em ângulos, indo parar em um ponto qualquer. Ele se lembra dos

grunhidos em que consistia sua comunicação com Walter quando era menino.

— Você pode vê-la, se quiser. Devo visitar Shaftesbury em breve, tenho algo a fazer lá.

O convento de Shaftesbury é onde Wolsey colocou sua filha. Ele diz:

— Pode fazer uma nota para mim, Gregory, um memorando? Ir visitar Dorothea.

Gregory anseia por perguntar, quem é Dorothea? Ele vê as perguntas se acumulando no rosto do rapaz; até que, finalmente:

— Ela é bonita?

Ele ri.

— Não sei. O pai a mantinha em segredo.

Mas ele tira o sorriso do rosto quando recorda a Henrique: monges traidores são os mais recalcitrantes dessa raça maldita. Quando os ameaçamos, “Eu o farei sofrer”, eles respondem que foi para o sofrimento que nasceram. Alguns optam por morrer de fome em prisões, outros por ir rezando até Tyburn, até o carrasco. Ele lhes dizia, como disse a Thomas More, a questão aqui não é o seu Deus, ou o meu Deus, ou Deus nenhum. A questão é quem você escolhe: Henrique Tudor ou Alessandro Farnese? O rei da Inglaterra em Whitehall ou algum estrangeiro absurdamente corrupto no Vaticano? Eles viravam o rosto; morriam mudos, com seus corações falsos arrancados do peito.

Quando ele finalmente cruza os portões de sua casa em Austin Friars, seus criados de libré se aglomeram ao seu redor em suas casacas longas de um cinza perolado. Gregory cavalga à sua mão direita, e à esquerda vai Humphrey, o tratador de seus spaniels de caça, com quem ele se entreteve em uma leve conversa durante os últimos 2 quilômetros da viagem; atrás vêm seus falcoeiros, Hugh e James e Roger, homens vigilantes e atentos a qualquer imprevisto ou ameaça. Uma multidão se formou do lado de fora de seu portão, na esperança de obter generosidade. Humphrey e os outros têm dinheiro para desembolsar. Depois do jantar, haverá hoje à noite a habitual doação para os pobres. Thurston, seu chefe de cozinha, diz que eles estão alimentando duzentos londrinos, duas vezes por dia.

Ele vê um homem em meio à massa, um homenzinho curvado, mal fazendo um esforço para ficar de pé. O homem está chorando. Ele o perde de vista; mas torna a vê-lo, a cabeça subindo e descendo, como se suas lágrimas fossem a

maré que o arrasta para o portão. Ele diz, “Humphrey, descubra o que aflige aquele cidadão”.

Mas depois ele esquece. Os membros de sua casa estão felizes por vê-lo, toda a sua gente com o rosto iluminado, e há um enxame de cãesinhos entre seus pés; ele os ergue nos braços, corpinhos se torcendo e caudas rodopiando, e pergunta como vão indo. Os funcionários se aglomeram em torno de Gregory, admirando-o do chapéu às botas; todos os criados o amam por suas maneiras agradáveis.

— O homem no comando! — diz seu sobrinho Richard, e lhe dá um abraço de esmagar os ossos.

Richard é um rapaz firme dotado do olho Cromwell — direto e brutal — e da voz Cromwell — que pode tanto acariciar quanto contrariar. Ele não teme nada que caminha sobre a terra, e nada que caminha embaixo; se um demônio aparecesse em Austin Friars, Richard chutaria sua bunda peluda escada abaixo.

Suas sorridentes sobrinhas, jovens esposas agora, têm os laços de seus corpetes afrouxados para dar espaço às barrigas crescidas. Ele beija as duas, estreita seus corpos suaves contra o seu, seus hálitos doces e aquecidos pelos confeitos de gengibre usados pelas mulheres em sua condição. Ele sente falta, por um momento... do que ele sente falta? Da docilidade da pele suave, entregue; das conversas insequentas, distraídas, de manhã cedo. Ele precisa tomar cuidado em qualquer trato com mulheres, ser discreto. Não deve dar a seus inimigos a chance de difamá-lo. Até o rei é discreto; não quer que a Europa o chame de Henrique, o Libertino. Talvez ele prefira contemplar o inatingível, por enquanto: a Srta. Seymour.

Em Elvetham, Jane foi como uma flor, cabeça baixa, humilde como um canteiro de heléboros verde-claros. Na casa do irmão dela, o rei a elogiou na frente da família:

— Uma donzela meiga, modesta, pudica, como poucas há em nossos dias.

Thomas Seymour, ávido como sempre por intrometer-se na conversa e provocar o irmão mais velho:

— Em religiosidade e modéstia, ousou dizer que Jane tem poucas iguais.

Ele viu o irmão Edward escondendo um sorriso. Sob seu olhar interessado, a família de Jane começou — com certa incredulidade — a perceber para que lado o vento está soprando. Thomas Seymour disse:

— Eu não teria coragem, mesmo que eu fosse o rei não ousaria convidar uma dama como minha irmã Jane para minha cama. Não saberia como começar. E você, saberia? Não tem como saber. Seria como beijar uma pedra, rolando-a de um lado a outro do colchão, enquanto isso suas partes ficariam dormentes de frio.

— Um irmão não consegue imaginar a irmã nos braços de um homem — respondeu Edward Seymour. — Ao menos não um irmão que se diga cristão. Embora comentem na corte que George Bolena... — Ele não termina a frase, franze a testa. — E, claro, o rei sabe como propor a si mesmo. Como se oferecer. Ele sabe como fazê-lo, como um cavalheiro galante. Enquanto você, irmão, não sabe.

É difícil desconcertar Tom Seymour. Ele apenas sorri.

Mas Henrique não disse muito, antes de partirem de Elvetham; pronunciou suas calorosas despedidas, mas nenhuma palavra sobre a moça. Jane lhe sussurrara:

— Mestre Cromwell, por que estou aqui?

— Pergunte a seus irmãos.

— Meus irmãos dizem, pergunte a Cromwell.

— Então é um mistério total para você?

— Sim. A não ser que eu esteja para me casar, finalmente. Vão me casar com o senhor?

— Devo renunciar a essa perspectiva. Sou velho demais para você, Jane. Eu poderia ser seu pai.

— Mesmo? — diz Jane, refletindo. — Bem, coisas mais estranhas já aconteceram em Wolf Hall. Eu nem sabia que o senhor conhecia minha mãe.

Um sorriso fugaz e ela desaparece, deixando-o só. Nós poderíamos nos casar para isso, pensa ele; manteria minha mente ágil, imaginando de que maneiras ela não me compreende. Ela faz isso de propósito?

Mas eu não posso tê-la até que Henrique termine o que quer com ela. E um dia jurei que não tomaria suas mulheres usadas, não?

Talvez, pensou ele, eu devesse rascunhar um *aide-mémoire* para os garotos Seymour, para que eles saibam exatamente quais presentes Jane deve ou não aceitar. A regra é simples: joias sim, dinheiro não. E, até que o acordo esteja selado, não permitam que ela tire nenhuma peça de roupa na presença de

Henrique. Nem mesmo — ele aconselhará — as luvas.

Pessoas maldosas descrevem sua casa como a Torre de Babel. Dizem que ele tem criados originários de todas as nações sob o sol, à exceção da Escócia; assim, escoceses vivem oferecendo serviços a ele, esperançosamente. Cavalheiros e até nobres daqui e do exterior insistem em que ele acolha seus filhos no serviço de sua casa, e ele aceita todos os que acha que pode treinar. Em um dia típico em Austin Friars, haverá sempre um grupo de eruditos alemães demonstrando as muitas variedades de sua língua, interpretando com seriedade cartas de evangelistas de suas próprias terras. No jantar, jovens de Cambridge trocarão tiradas em grego; são os estudiosos que ele ajudou, agora de volta para ajudá-lo. Às vezes uma companhia de comerciantes italianos virá para jantar, e ele irá papear com os visitantes nas línguas que aprendeu quando trabalhava para os banqueiros em Florença e Veneza. Os criados de seu vizinho Chapuys descansam por ali e bebem à custa da adega de Cromwell, fofocando em espanhol, em flamengo. Ele próprio fala em francês com Chapuys, pois é a língua materna do embaixador, e emprega um francês de tipo mais demótico com seu garoto Christophe, um rufiãozinho corpulento que o seguiu para casa desde Calais e que nunca está muito longe dele; ele não o deixa ir muito longe, porque brigas irrompem em torno de Christophe.

Há todo um verão de fofocas para pôr em dia, e contas a verificar, recibos e despesas de suas casas e terras. Mas primeiro ele vai à cozinha para ver seu cozinheiro-chefe. É aquela calma do início da tarde, refeição já preparada, espetos limpos, cobres areados e empilhados, um cheiro de canela e cravo, e Thurston parado, solitário, junto a uma tábua coberta de farinha, fitando uma bola de massa de bolo como se fosse a cabeça de João Batista. Quando uma sombra bloqueia sua luz, o cozinheiro rosna:

— Nada de dedos sujos de tinta! — Depois: — Ah. É o senhor. Já não era sem tempo. Fizemos grandes pastéis de carne de gamo para sua chegada, mas tivemos que dá-los a seus amigos antes que estragassem. Teríamos lhe enviado alguns, mas o senhor não para.

Ele estende as mãos para a inspeção.

— Peço perdão — diz Thurston. — Mas veja, o jovem Thomas Avery desce para cá logo que fecha os livros de contas, bisbilhotando as despensas e querendo pesar as coisas. Então mestre Rafe diz, escute, Thurston, temos uns

dinamarqueses chegando, o que você sabe fazer para dinamarqueses? Depois o Sr. Richard entra aos trancos, Lutero enviou seus mensageiros, os alemães gostam de qual tipo de bolo?

Ele dá um beliscão na massa.

— Isto é para alemães?

— Não importa o que é. Se der certo, o senhor vai comer.

— Eles escolheram marmelo? Não falta muito para que tenhamos gelo. Já sinto nos ossos.

— Ouça só o que diz — responde Thurston. — Está parecendo sua própria avó falando.

— Você não a conheceu. Ou conheceu?

Thurston ri.

— Era a bêbada da paróquia?

Provavelmente. Que tipo de mulher poderia ter amamentado seu pai, Walter Cromwell, sem cair na bebida? Thurston diz, como se acabasse de lhe ocorrer:

— Bem, todos temos duas avós. Quem era a família de sua mãe, senhor?

— Eles eram do norte.

Thurston sorri.

— Gente das cavernas. O senhor conhece o jovem Francis Weston? Aquele que está no serviço do rei? O pessoal dele está dizendo por aí que o senhor é hebreu. — Ele resmunga; já ouviu isso antes. — Da próxima vez que estiver na corte — aconselha Thurston —, coloque o pau para fora e ponha na mesa, vejamos o que ele dirá sobre isso.

— Já faço isso — responde ele. — Se a conversa exige.

— Veja bem... — Thurston hesita. — É verdade, o senhor é um hebreu, porque empresta dinheiro a juros.

Galopantes, no caso de Weston.

— Enfim. — Ele dá outra beliscada na massa; está um pouco dura, não? — O que há de novo nas ruas?

— Andam dizendo que a velha rainha está doente. — Thurston espera. Mas seu senhor pegou um punhado de groselhas e está comendo. — Está doente do coração, se não me engano. Dizem que colocou uma maldição em Ana Bolena, para que ela não tenha um menino. Ou, se tiver um menino, que não seja de Henrique. Dizem que Henrique tem outras mulheres e que por isso Ana o

persegue em sua câmara com uma tesoura, gritando que vai capá-lo. A rainha Catarina costumava fechar os olhos, como fazem as esposas, mas Ana não tem essa temperança, e jura que ele sofrerá as consequências. Seria uma vingança e tanto, não? — Thurston gargalha. — Chifrar Henrique para dar-lhe o troco e colocar o bastardo no trono.

Eles têm mentes férteis, criativas, os londrinos: mais um amontoado de lixo do que cabeças.

— E eles têm alguma aposta quanto a quem será o pai desse bastardo?

— Thomas Wyatt? — arrisca Thurston. — Porque, pelo que se sabe, ela o favorecia antes de ser rainha. Ou então seu ex-amante Harry Percy...

— Percy está lá nas terras dele, não?

Thurston revira os olhos em desdém.

— A distância não a impede. Se Ana o quiser de volta de Northumberland, basta ela assoviar que ele vem correndo como um cachorrinho. Não que ela pare em Harry Percy. Dizem que ela tem todos os cavalheiros da câmara privada do rei, um atrás do outro. Ela não gosta de perder tempo, portanto ficam todos em fila esfregando seus membros esperando que ela grite, “Próximo”.

— E lá vão eles, um atrás do outro. — Ele ri e come a última groselha que lhe resta na palma da mão.

— Bem-vindo ao lar — diz Thurston. — Londres, onde acreditamos em qualquer coisa.

— Depois que ela foi coroada, lembro que chamou todos de seu serviço, damas e cavalheiros, e lhes deu um sermão sobre como deveriam comportar-se, nada de jogos com exceção de cara ou coroa, nada de linguajar lascivo e nada de corpos à mostra. Desde então a coisa degradingolou um pouco, eu concordo.

— Senhor — diz Thurston —, sua manga está suja de farinha.

— Bem, eu preciso subir para a reunião do conselho. Não deixe que o jantar atrase.

— Algum dia já atrasou? — Thurston o espana com afeto. — Algum dia?

É seu conselho domiciliar, não o do rei; seus conselheiros familiares, os jovens Rafe Sadler e Richard Cromwell, rápidos e ágeis com números, rápidos em inverter um argumento, rápidos em apreender uma ideia. E também Gregory. Seu filho.

Nessa temporada, jovens têm levado dinheiro em bolsas de couro macio e

claro, à imitação dos agentes do banco Fugger, que viajam por toda a Europa e definem a moda. As bolsas são em forma de coração, de modo que, para ele, sempre parece que os rapazes estão saindo para namorar, mas eles juram que não. O sobrinho Richard Cromwell se senta e lança um olhar sarcástico para as bolsas. Richard é como seu tio, mantém seu efetivo junto de si.

— Ai vem Me-Chame — diz ele. — Preste atenção na pena de seu chapéu.

Thomas Wriothesley entra, separando-se de seus sussurrantes criados; é um jovem alto e belo, com uma cabeça de cabelos cor de cobre polido. Há uma geração, sua família se chamava Writh, mas acharam que uma extensão elegante do nome lhes daria circunstância; eram arautos por ofício, então estavam em uma boa posição para a reinvenção que se propunham fazer, reformulando ancestrais comuns de modo a torná-los um tanto mais cavaleirescos. A mudança não vem sem zombaria; Thomas é conhecido em Austin Friars como Me-Chame-de-Risley. Deixou crescer uma discreta barba recentemente, gerou um filho, e acumula dignidade a cada ano. Ele joga sua bolsa na mesa e ocupa seu assento.

— Como vai nosso Gregory? — pergunta.

A expressão de Gregory se abre em contentamento; ele admira Me-Chame e não chega a capturar o toque de condescendência.

— Oh, estou bem. Passei todo o verão caçando e agora vou retornar à casa de William Fitzwilliam para ingressar em seu serviço, porque ele é um cavaleiro próximo do rei e meu pai acha que posso aprender estando em sua companhia. Fitz é bom para mim.

— Fitz — Wriothesley bufa, achando graça. — Vocês Cromwell!

— Bem — comenta Gregory —, ele chama meu pai de Crumb.

— Sugiro que você não pegue esse hábito, Wriothesley — diz ele amigavelmente. — Ou ao menos só me chame assim pelas costas. Embora eu acabe de vir da cozinha e “Crumb”, migalha, não é nada perto dos nomes que dão à rainha.

Richard Cromwell diz:

— São as mulheres que mexem o caldeirão de veneno. Elas não gostam de ladras de homens. Acham que Ana deveria ser punida.

— Quando saímos de viagem, ela era pele e osso — diz Gregory, de forma inesperada. — Pele e osso e pontas e espinhos. Agora parece mais arredondada.

— De fato parece. — Cromwell fica surpreso que o menino tivesse percebido uma coisa dessas. Os homens casados, experientes, observam Ana em busca de sinais de engorda tão avidamente quanto observam as próprias esposas. Olhares de soslaio são trocados ao redor da mesa. — Bem, veremos. Eles não passaram o verão inteiro juntos, mas, em meu julgamento, foi o suficiente.

— É melhor que seja mesmo — diz Wriothesley. — O rei ficará impaciente com ela. Há quantos anos ele espera que uma mulher cumpra seu dever? Ana lhe prometeu um filho se ele se casasse com ela, e cabe a pergunta, se fosse para fazer tudo aquilo de novo por ela, Henrique faria?

Richard Riche é o último a chegar, com um pedido murmurado de desculpas. Também para este Richard nada de bolsas em forma de coração, embora, no passado, ele fosse exatamente o tipo de jovem galante que teria cinco em cores diferentes. Que mudanças uma década não traz! Riche costumava ser o pior tipo de estudante de direito, o tipo que leva todo um arquivo de pedidos de atenuação para contrapor a seus pecados; o tipo que procura tavernas de quinta, onde advogados são chamados de parasitas, e por honra é obrigado a começar uma briga; que volta na madrugada a seu dormitório em Temple fedendo a vinho barato e com o casaco em frangalhos; o tipo que uiva com um bando de cães pelo gramado de Lincoln's Inn. Mas Riche agora é sóbrio e obediente, um protegido do lorde chanceler Thomas Audley, e anda sempre lá e cá entre o dignitário e Thomas Cromwell. Os garotos o chamam de Sr. Bolsa; Bolsa está ficando gordo, dizem eles. As preocupações do cargo recaíram sobre ele, os deveres de pai de uma família crescente; outrora um rapaz resplandecente, ele agora parece coberto por uma leve pátina de pó. Quem teria imaginado que ele seria procurador-geral? Se bem, por outro lado, ele tem um bom cérebro de advogado, e, quando você quer um bom advogado, ele está sempre à mão.

— O livro do bispo Gardiner não serve ao seu propósito — começa Riche. — Senhor.

— Não é totalmente mau. Quanto aos poderes do rei, nós concordamos.

— Sim, mas... — responde Riche.

— Fui compelido a citar este versículo para Gardiner: “A palavra do rei é suprema, e quem poderá lhe dizer, ‘O que fazes?’”.

Riche ergue as sobrancelhas.

— O Parlamento pode.

Wriothesley diz:

— Podem confiar no Sr. Riche para saber o que o Parlamento pode fazer.

Aparentemente, foi nas questões sobre os poderes do Parlamento que Riche desarmou Thomas More; desarmou e derrubou e talvez o tenha empurrado para a traição. Ninguém sabe o que foi dito naquela sala, naquela cela; Riche saiu, o rosto afogueado, com esperança e uma incerta suspeita de que conseguira obter o suficiente, e foi direto da Torre de Londres até ele, Thomas Cromwell. Que disse calmamente, sim, isso nos serve; nós o pegamos, obrigado. Obrigado, Bolsa, bom trabalho.

Agora Richard Cromwell se inclina para ele:

— Diga-nos, meu amiguinho Bolsa: na sua boa opinião, o Parlamento pode colocar um herdeiro na barriga da rainha?

Riche enrubesce um pouco; ele tem quase 40 anos agora, mas, pelo tom de sua pele, ainda pode corar.

— Eu nunca disse que o Parlamento pode fazer o que Deus não pode. Eu disse que poderia fazer mais do que Thomas More permitia.

— Mártir More — diz ele. — Correm rumores em Roma de que ele e Fisher serão santificados. — Wriothesley ri. — Concordo que é ridículo — continua ele, e lança um olhar hostil ao sobrinho: já basta agora, não diga mais nada sobre a rainha, seja sua barriga ou qualquer outra parte.

Pois ele confidenciou a Richard Cromwell ao menos uma parte dos acontecimentos de Elvetham, da casa de Edward Seymour. Quando a comitiva real foi subitamente desviada, Edward se apresentou e os recebeu magnificamente. Mas o rei não conseguiu dormir naquela noite, e mandou o garoto Weston até ele para tirá-lo da cama. Uma vela bruxuleante, num quarto de formato não familiar.

— Cristo, que horas são?

Seis, respondeu Weston maliciosamente, e você está atrasado.

Na verdade, não eram nem quatro horas, o céu ainda escuro. Com o quebra-vento aberto para deixar entrar a brisa, Henrique, sentado, falou com ele aos sussurros, tendo os planetas como únicas testemunhas: ele fez questão de que Weston estivesse longe, recusou-se a falar até que a porta estivesse fechada. Tanto melhor.

— Cromwell — disse o rei —, e se eu... E se eu começasse a temer, e se eu

começasse a suspeitar de que há alguma falha no meu casamento com Ana, algum impedimento, algo que desagrade a Deus Todo-Poderoso?

Ele sentiu a passagem dos anos: agora ele era o cardeal, ouvindo a mesma conversa. Com a única diferença de que da outra vez o nome da rainha era Catarina.

— Mas que impedimento? — respondeu ele, um pouco enfadado. — O que poderia ser, meu amo?

— Não sei — sussurrou o rei. — Não sei agora, mas talvez venha a saber. Ela não estava pré-contratada para Harry Percy?

— Não, senhor. Ele jurou que não, sobre a Bíblia. Sua Majestade o ouviu jurando.

— Ah, mas você foi falar com ele, não foi, Cromwell, você não o arrastou a alguma taverna de quinta e o ergueu de seu banco e socou sua cabeça?

— Não, senhor. Eu jamais maltrataria dessa maneira qualquer nobre do reino, muito menos o conde de Northumberland.

— Ah, bem. Fico aliviado em saber disso. Talvez eu tenha confundido os detalhes. Mas naquele dia o conde disse o que ele achava que eu queria ouvir. Ele disse que não houve união nenhuma com Ana, nenhuma promessa de casamento, muito menos consumação. E se ele mentiu?

— Sob juramento, senhor?

— Mas você é muito assustador, Crumb. Você é capaz de fazer um homem esquecer suas boas maneiras perante Deus. E se ele mentiu? E se ela fez um contrato com Percy que equivale a um casamento legal? Se assim se passou, ela não pode estar casada comigo.

Cromwell manteve-se em silêncio, mas viu a mente de Henrique em disparada; e a sua também: corria como um cervo assustado.

— E eu tenho grandes suspeitas — sussurrou o rei. — Tenho grandes suspeitas em relação a ela com Thomas Wyatt.

— Não, senhor — respondeu ele com veemência, mesmo antes de ter tempo para pensar.

Wyatt é amigo dele; o pai, Sir Henrique Wyatt, incumbiu-o de facilitar o caminho do garoto; Wyatt não é mais um garoto, mas isso não importa.

— Você é quem diz que não. — Henrique se inclinou em sua direção. — Mas não é verdade que Wyatt evitou o reino e partiu para a Itália, porque ela não

cedeu às suas investidas e ele não tinha paz de espírito na presença dela?

— Bem, é justamente essa a questão. O senhor mesmo disse, Majestade: ela não cedeu a ele. Se tivesse cedido, sem dúvida ele teria ficado.

— Mas eu não posso ter certeza — insistiu Henrique. — Suponhamos que ela o tenha negado naquele momento, mas que um outro dia tenha cedido? As mulheres são fracas e facilmente conquistadas por elogios. Especialmente quando os homens lhes escrevem versos, e há quem diga que Wyatt escreve versos melhores que eu, mesmo eu sendo o rei.

Ele apenas o olhou: Quatro da manhã, sem dormir; até daria para considerar uma vaidade inofensiva, Deus o perdoe, se ao menos não fossem quatro da manhã.

— Majestade, tranquilize sua mente. Se Wyatt fez alguma incursão na castidade imaculada daquela dama, tenho certeza de que ele não resistiria a alardear o fato. Em verso ou em prosa comum.

Henrique apenas resmungou. Mas ergueu os olhos: a sombra bem-vestida de Wyatt, imersa em seda, passou deslizando pela janela, bloqueou a luz fria das estrelas. Passe ao largo, fantasma: a mente dele afastou a imagem. Quem pode entender Wyatt, quem o absolve? O rei disse:

— Bem. Talvez. Mesmo que ela tenha cedido a Wyatt, isso não seria empecilho para o meu casamento, não se pode considerar um contrato entre os dois uma vez que ele mesmo foi casado quando menino e portanto não estava livre para prometer algo a Ana. Mas eu lhe digo, seria um impedimento para a minha confiança nela. Eu não aceitaria de bom grado que uma mulher mentisse para mim dizendo que chegou virgem à minha cama, quando na verdade não foi bem esse o caso.

Wolsey, cadê você? Você já ouviu tudo isso antes. Aconselhe-me agora.

Ele se levantou. Estava dirigindo a entrevista para um fim.

— Devo ordenar que lhe tragam alguma coisa, senhor? Algo que o ajude a dormir de novo, por uma ou duas horas?

— Preciso de algo para adoçar meus sonhos. Gostaria de saber o quê. Já consultei o bispo Gardiner quanto a isto.

Ele tentou impedir que o choque transparecesse em seu rosto. Recorreu a Gardiner: pelas minhas costas?

— E Gardiner disse... — o rosto de Henrique era a imagem da desolação —

disse que havia dúvida suficiente no caso, mas que, se o casamento não fosse correto e eu fosse forçado a abandonar Ana, eu deveria voltar para Catarina. E eu não posso fazer isso, Cromwell. Mesmo que toda a cristandade se volte contra mim, estou decidido, não posso jamais voltar a tocar aquela velha encarquilhada.

— Bem... — pontuou ele. Ele estava olhando o chão, vendo os pés descalços de Henrique, pés grandes e brancos. — Acho que podemos fazer melhor que isso, senhor. Não posso fingir que sigo o raciocínio de Gardiner, mas, por outro lado, o bispo conhece o direito canônico melhor que eu. Não acredito, contudo, que o senhor possa ser constrangido ou obrigado em qualquer assunto, pois o senhor é o amo de sua própria casa, de seu próprio país e de sua própria Igreja. Talvez Gardiner quisesse apenas preparar Sua Majestade para os obstáculos que outros possam apresentar.

Ou talvez, pensou ele, Gardiner só quisesse fazê-lo suar e lhe causar pesadelos. Gardiner é assim. Mas Henrique se empertigou.

— Eu posso fazer o que bem me convém — disse o monarca. — Deus não permitiria que meu prazer fosse contrário a seus desígnios, nem que meus desígnios fossem impedidos por Sua vontade. — Uma sombra de astúcia cruzou seu rosto. — E o próprio Gardiner disse isso.

Henrique bocejou. Era um sinal.

— Crumb, você não parece muito digno, curvando-se em trajes de dormir. Vai estar pronto para montar às sete, ou devemos deixá-lo para trás e encontrá-lo novamente para a ceia?

Se o senhor estiver pronto, eu estarei pronto, pensa ele enquanto se arrasta de volta para a cama. Nascido o sol, o senhor esquecerá que tivemos esta conversa? A corte estará agitada, os cavalos sacudindo as cabeças e farejando o vento. No meio da manhã já estaremos reunidos com a comitiva da rainha; Ana estará tagarelando sobre seu cavalo de caça; ela nunca saberá, a menos que seu amiguinho Weston lhe conte, que ontem à noite em Elvetham o rei ficou sentado admirando sua futura amante: Jane Seymour ignorando seus olhos suplicantes e placidamente concentrada em comer um frango. Gregory comentara, os olhos arregalados:

— A Srta. Seymour come muito, não?

E agora o verão acabou. Wolf Hall, Elvetham, desaparecidos no crepúsculo. Seus lábios são um túmulo quanto às dúvidas e medos do rei; é outono, ele está

em Austin Friars; de cabeça baixa, ele ouviu a notícia da corte, observa os dedos de Riche torcendo a etiqueta de seda de um documento.

— Os membros das casas dos dois andam se provocando nas ruas — diz seu sobrinho Richard. — Dedos no nariz, imprecações, mãos nos punhais.

— Desculpe, quem? — indaga ele.

— A gente de Nicholas Carew. Estranhando-se com os criados de lordes Rochford.

— Contanto que mantenham isso fora da corte — retruca ele com acidez. A pena por desembainhar uma arma branca dentro dos recintos da corte real é a amputação da mão ofensora. Qual é o motivo da briga, ele começa a perguntar, mudando depois a pergunta: — Qual é a desculpa deles?

Pois imaginemos Carew, um dos velhos amigos de Henrique, um de seus cavalheiros de câmara, e devotado à antiga rainha. Vejam-no, um homem à moda antiga com seu rosto comprido e grave, seu ar cultivado como se saído diretamente de um livro de cavalaria andante. Nenhuma surpresa se, com seu rígido senso de propriedade das coisas, Sir Nicholas tenha descoberto que é impossível tolerar as pretensões emergentes de George Bolena. Sir Nicholas é um papista da cabeça aos sapatos de ponta de aço, e se ofende até a medula com o apoio de George ao ensino reformista. Assim, uma questão de princípio se interpõe entre eles; mas que evento trivial despertou a briga? Teriam George e seu séquito de rufiões feito uma algazarra do lado de fora da câmara de Sir Nicholas enquanto ele tratava de algum assunto solene como admirar-se no espelho? Ele reprime um sorriso.

— Rafe, vá dar uma palavra com ambos os cavalheiros. Diga-lhes para baixar as armas. — Ele acrescenta: — Você fez bem em mencionar isso.

Ele sempre se interessa em saber das cisões entre os cortesãos e como elas surgem.

Logo depois que sua irmã tornou-se rainha, George Bolena o chamou e lhe deu algumas instruções sobre como ele deveria lidar com sua carreira. O jovem ostentava um colar de ouro cravejado de pedras preciosas, cujo peso ele, Cromwell, calculou mentalmente; em sua mente ele removeu a casaca de George, a descoseu, enfiou o tecido no seu invólucro e pôs o preço; uma vez que se passa pelo comércio de tecidos, o olho para textura e caimento jamais se perde, e, se você é o encarregado de aumentar as receitas, logo aprende a

calcular o valor de um homem.

O jovem Bolena o fez ficar de pé, enquanto ocupava a única cadeira da sala.

— Lembre-se, Cromwell — começou ele —, de que, embora esteja no conselho do rei, você não é um cavalheiro de berço. Deveria limitar-se a falar em relação ao que lhe é solicitado, e, quanto ao resto, ficar de fora. Não se intrometa nos assuntos dos que estão acima de você. Sua Majestade se compraz em trazê-lo muitas vezes a sua presença, mas lembre-se de quem colocou você onde o rei podia vê-lo.

É interessante, a versão de George Bolena para sua vida. Ele sempre supôs que tivesse sido Wolsey quem o treinou, quem o promoveu, que Wolsey o tivesse tornado o homem que ele é: mas George diz não, foram os Bolena. Fica claro que ele não tem manifestado a gratidão adequada. Assim, ele a manifesta agora, dizendo sim senhor e não senhor, e vejo que o senhor é um homem de singular bom senso para sua idade. Ora, o seu pai o monsenhor, conde de Wiltshire, e o seu tio Thomas Howard, duque de Norfolk, eles não poderiam ter-me instruído melhor.

— Tirarei proveito desse conselho, eu lhe garanto, senhor, e de agora em diante me conduzirei mais humildemente.

George foi aplacado.

— Vejo que sim.

Ele sorri agora, lembrando-se; retorna à agenda rascunhada. Os olhos de seu filho Gregory correm em torno da mesa, tentando pescar o que não é dito: agora observam o primo Richard Cromwell, agora Me-Chame-de-Risley, agora seu pai, e os outros senhores que chegaram. Richard Riche se concentra em seus papéis, Me-Chame remexe sua pena. Ambos são homens perturbados, pensa ele, Wriothesley e Riche, e parecidos em alguns aspectos, movendo-se furtivamente pelas periferias de suas próprias almas, Tateando as paredes: oh, o que é este som oco? Mas ele tem que apresentar homens de talento ao rei; e eles são ágeis, são tenazes, são infatigáveis em seus esforços tanto pela Coroa quanto por si mesmos.

— Uma última coisa — diz ele — antes de encerrarmos. O lorde bispo de Winchester agradou tanto ao rei que, por minha insistência, o rei o mandou novamente à França como embaixador. Acredita-se que sua embaixada não será curta.

Lentos sorrisos abrem-se pela mesa. Ele observa Me-Chame, outrora

protegido de Stephen Gardiner. Mas ele parece tão alegre quanto o resto. Richard Riche fica cor-de-rosa, levanta-se da mesa e torce a mão.

— Ponha-o na estrada — comenta Rafe —, e que ele fique por lá. Gardiner é um duas caras.

— Duas? — replica ele. — A língua dele é como uma lança de três pontas. Primeiro ele está com o papa, depois com Henrique, depois, escrevam o que eu digo, será pró-papa novamente.

— Podemos confiar nele no exterior? — indaga Riche.

— Podemos confiar apenas que ele saberá identificar onde obter vantagens. Que por ora é na figura do rei. E podemos ficar de olho nele, colocar alguns homens nossos entre seus criados. Mestre Wriothesley pode providenciar isso, não?

Só Gregory parece duvidoso.

— Lorde Winchester, um embaixador? Fitzwilliam diz que o primeiro dever de um embaixador é não oferecer nenhuma afronta.

Ele concorda.

— E afronta é a única coisa que Stephen oferece, não?

— Um embaixador não deveria ser um sujeito alegre e afável? É o que diz Fitzwilliam. Deve ser agradável em qualquer companhia, flexível e fácil de se lidar, deve cativar seus anfitriões. Assim ele tem chance de visitar suas casas, reunir-se com seus conselhos, aproximar-se de suas esposas e seus herdeiros e corromper seus criados em benefício próprio.

Rafe ergue as sobrancelhas.

— É isso o que Fitz lhe ensina?

Os rapazes riem.

— É verdade — diz ele. — Isso é o que um embaixador deve fazer. Então espero que Chapuys não esteja corrompendo você, Gregory. Se eu tivesse uma esposa, ele estaria passando sonetos para ela por baixo da mesa, tenho certeza, e dando ossos para meus cães engasgarem. Ah bem... Chapuys é uma companhia agradável, sabe. Não é como Stephen Gardiner. Mas a verdade, Gregory, é que precisamos de um embaixador firme para os franceses, um homem cheio de brios e veneno. E Stephen já esteve entre eles antes, e teve seus méritos. Os franceses são hipócritas, fingem amizade e exigem dinheiro em troca. Veja bem — prossegue ele, dedicando-se a educar seu filho —, agora mesmo os franceses

têm um plano para tomar do imperador o ducado de Milão, e querem que nós os financemos. E temos que concordar, ou fazer parecer que concordamos, por medo de que eles deem meia-volta, façam uma aliança com o imperador e nos esmaguem. Então, quando chegar o dia em que eles digam, “Entreguem-nos o ouro que prometeram”, precisamos daquele tipo de embaixador, como Stephen, que dirá na caradura, “Ah, o ouro? Debitem da dívida que vocês já têm com o rei Henrique”. O rei Francisco cuspirá fogo, mas de certa forma teremos mantido nossa palavra. Você entende? Pouparamos nossos combatentes mais ferozes para a corte francesa. Lembre-se de que lorde Norfolk foi embaixador lá por algum tempo.

Gregory baixa a cabeça.

— Qualquer estrangeiro temeria Norfolk

— Qualquer inglês também. E com razão. Pois o duque é como um daqueles canhões gigantes que os turcos têm. Poderoso na hora de detonar, mas precisa de três horas de resfriamento para poder disparar novamente. Ao passo que o bispo Gardiner, podemos dispará-lo a cada dez minutos, desde o amanhecer até o crepúsculo.

— Mas, senhor — irrompe Gregory —, se prometermos dinheiro e não entregarmos, o que eles farão?

— Até lá seremos novamente grandes amigos do imperador, espero. — Ele suspira. — É um jogo antigo, e parece que precisamos continuar a jogá-lo, até que eu invente algo melhor, ou o rei invente. Você ouviu falar da recente vitória do imperador em Túnis?

— O mundo inteiro está falando sobre isso — responde Gregory. — Todo cavaleiro cristão gostaria de ter estado lá.

Ele dá de ombros.

— O tempo dirá quão gloriosa foi. Barba-Ruiva logo encontrará outra base para sua pirataria. Mas contando com uma vitória como essa, e com os turcos quietos no momento, o imperador pode voltar-se para nós e invadir nossas costas.

— Mas como podemos impedi-lo? — Gregory parece desesperado. — Não deveríamos trazer a rainha Catarina de volta?

Me-Chame ri.

— Gregory está começando a perceber as dificuldades de nosso ofício, senhor.

— Estava gostando mais de quando falávamos da atual rainha — diz Gregory em voz baixa. — E eu tenho o crédito pela observação de que ela está mais gorda.

Me-Chame diz amavelmente:

— Eu não deveria rir. Você tem o mérito, Gregory. Todos os nossos trabalhos, nosso sofisma, todo o nosso aprendizado, tanto o adquirido quanto o fingido; os estratagemas de Estado, os decretos dos advogados, as maldições dos clérigos e as graves resoluções dos juizes, sagradas e profanas: todos sem exceção podem ser derrotados pelo corpo de uma mulher, não podem? Deus deveria ter feito suas barrigas transparentes, poupando-nos da esperança e do medo. Mas o que cresce lá dentro talvez tenha mesmo que crescer no escuro.

— Dizem que Catarina está doente — comenta Richard Riche. — Se ela morrer este ano, eu me pergunto, que mundo haverá então?

Mas escutem: já ficamos sentados aqui por tempo demais! Saíamos aos jardins de Austin Friars, o orgulho do secretário-mor; ele quer as plantas que viu florescendo nos outros países, ele quer melhores frutos, e para tanto ele pressiona os embaixadores a fim de que lhe enviem brotos e mudas na mala diplomática. Seus jovens e ávidos funcionários aguardam ao lado, prontos para decifrar uma mensagem codificada, e tudo o que cai da mala é um emaranhado de raízes, ainda pulsando com vida após a travessia do Estreito de Dover.

Ele deseja que coisas novas sobrevivam, que os jovens prosperem. Assim, ele construiu uma quadra de tênis, um presente para Richard e Gregory e todos os jovens de sua casa. Ele mesmo não é tão mau no jogo... se ao menos pudesse disputar com um cego, como costuma dizer, ou um homem pernetá. Grande parte do jogo é tática; seu pé se arrasta, pesado, de forma que ele precisa se valer da astúcia em lugar da velocidade. Mas ele tem orgulho das instalações e arca com a despesa de bom grado. Recentemente consultou os mantenedores da quadra de tênis do rei em Hampton Court e mandou ajustar as medidas às preferências de Henrique; o rei já esteve em Austin Friars para jantar, por isso não é impossível que um dia ele apareça para uma tarde de esporte.

Na Itália, quando ele servia na casa de Frescobaldi, os rapazes saíam na noite quente para jogar na rua. Era uma espécie de tênis, um *jeu de paume*, sem raquetes, só com a mão; eles se acotovelavam e se empurravam e gritavam, quicavam a bola pelos muros e faziam-na correr pelo toldo de um alfaiate, até

que o próprio dono saía e passava-lhes um sermão: “Se vocês não respeitarem meu toldo, vou cortar fora seus testículos e pendurá-los na entrada da minha loja com uma fita.” Eles respondiam perdão, senhor, perdão, e desciam a rua e iam jogar mais discretamente numa praça meio escondida. Mas meia hora depois estavam de volta, e Cromwell ainda escuta em seus sonhos o alarido da costura grossa da bola acertando o metal e deslizando novamente para o ar; ele sente o impacto do couro batendo na palma da mão. Naqueles dias, embora carregasse uma ferida, ele tentava melhorar dessa forma a rigidez do membro debilitado; essa lesão ele ganhara no ano anterior, quando estava em Garigliano com o exército francês. Os *garzoni* diziam, escute, Tommaso, como é que o acertaram nas costas da perna, estava fugindo? Ele respondia, Mãe de Deus, claro: com o que eu recebia só dava para fugir, se me quiserem no fronte enfrentando a batalha têm que pagar mais.

Os franceses se dispersaram com aquele massacre, e naquela época ele era francês; o rei da França pagava seus soldados. Ele rastejou e depois mancou, ele e seus companheiros arrastando os corpos fustigados o mais rápido que podiam para fugir dos espanhóis vitoriosos, tentando chegar a territórios que não estivessem ensopados de sangue; eram ferozes arqueiros galeses e suíços desertores, e alguns meninos ingleses, como ele, alguns mais outros menos confusos e todos sem um tostão, recobrando a faculdade mental no rastro da derrota, traçando um curso, mudando de nação e de nome segundo a necessidade, surgindo nas cidades ao norte, buscando a próxima batalha ou algum ofício menos arriscado.

No portão dos fundos de uma grande casa, um intendente o interrogara:

— Francês?

— Inglês.

O homem revirou os olhos.

— Então o que você sabe fazer?

— Sei lutar.

— Pelo visto, não bem o bastante.

— Sei cozinhar.

— Não temos necessidade de culinária bárbara.

— Sei fazer contas.

— Isto aqui é uma casa bancária. Estamos bem-supridos.

— Diga-me o que quer que seja feito. Eu posso fazer. — (Já se gabando como um italiano.)

— Queremos um faz-tudo. Qual é o seu nome?

— Hércules — respondeu ele.

Contra a própria vontade, o homem riu.

— Entre, Ercole.

Ercole entra mancando, cruza o pórtico. O homem se ocupa de seus próprios afazeres. Ele se senta num degrau, quase chorando de dor. Olha ao redor. Tudo que possui é este chão. Este chão é seu mundo. Ele tem fome, tem sede, está a mais de mil quilômetros de casa. Mas este chão pode ser melhorado.

— Jesus, Maria e José! — grita ele. — Água! Balde! *Allez, allez!*

Eles atendem. Atendem rápido. Um balde chega. Ele melhora o chão. Melhora a casa. Não sem resistência. Eles o iniciam na cozinha, onde, como estrangeiro, ele é malrecebido, e onde, com todas as facas e espetos e água fervente, há muitas possibilidades de violência. Mas ele é melhor em lutar do que parece: com pouca altura e sem treinamento ou talento, mas quase impossível de derrubar. E o que o ajuda é a fama de seus conterrâneos, temidos por toda a Europa como arruaceiros, saqueadores, estupradores e ladrões. Como ele não pode ofender seus companheiros de trabalho na língua deles, ele usa o dialeto de Putney. Ensina-lhes terríveis pragas em inglês — “Pelo sangue dos buracos de pregos do Cristo” —, que eles podem usar para aliviar os sentimentos pelas costas de seus amos. Quando a moça chega pela manhã, com as ervas úmidas de orvalho em sua cesta, eles dão um passo para trás, a examinam e perguntam: “Então, docinho, como você está hoje?” Quando alguém interrompe uma tarefa complicada, eles dizem: “Por que não cai fora daqui, ou vou ferver sua cabeça nesta panela.”

Em pouco tempo ele entendeu que o destino o levava até a porta de uma das mais antigas famílias da cidade, que não só lidava com dinheiro e com seda, lã e vinho, mas que também tinha grandes poetas em sua linhagem. Francisco Frescobaldi, o senhor da casa, foi à cozinha falar com ele. Frescobaldi não partilhava do preconceito geral contra ingleses, pensava neles como um povo de sorte; embora, segundo ele, alguns de seus antepassados tivessem chegado à beira da ruína graças a dívidas não pagas de reis da Inglaterra mortos havia muito. Ele falava um pouco de inglês, e dizia, sempre podemos usar seus

compatriotas, há muitas cartas a escrever; você sabe escrever, não sabe? Quando ele, Tommaso ou Ercole aprendeu o suficiente do toscano para se expressar e fazer piadas, Frescobaldi prometeu, um dia eu o chamarei à casa contábil. Farei um teste com você.

Esse dia chegou. Ele foi testado e aprovado. De Florença, foi a Veneza, a Roma: e quando ele sonha com essas cidades, como às vezes acontece, certa petulância residual o segue ao longo do dia, um traço do jovem italiano que ele foi. Ele se recorda de quem foi na juventude sem indulgência, mas tampouco com culpa. Sempre fez o que era necessário para sobreviver, e se seu julgamento a respeito do que era necessário foi por vezes questionável... é isto o que é ser jovem. Hoje em dia ele acolhe estudantes pobres em sua família. Sempre há um trabalho para eles, algum nicho onde podem rabiscar tratados sobre conceitos de um bom governo ou traduções dos salmos. Mas ele também recebe jovens brutos e tempestuosos, como ele próprio foi também bruto e tempestuoso, porque sabe que, se for paciente com eles, os garotos lhe serão leais. Mesmo agora, ele ainda ama Frescobaldi como a um pai. O hábito embota as intimidades do casamento, os filhos se tornam truculentos e rebeldes, mas um bom mestre dá mais do que recebe e sua benevolência nos guia por toda a vida. Wolsey, por exemplo. Com seu ouvido interior, ele ouve o cardeal falar. E o cardeal diz, eu o vi, Crumb, em Elvetham: coçando as bolas enquanto amanhecia e ponderando sobre a violência dos caprichos do rei. Se ele quer uma nova esposa, arranje-lhe uma. Eu não arranjei, e estou morto.

O bolo de Thurston deve ter dado errado, porque não aparece à noite no jantar, mas há uma gelatina muito boa em forma de castelo.

— Thurston tem licença para fazer fortificações — brinca Richard Cromwell, e imediatamente se lança numa disputa com um italiano do outro lado da mesa: qual é o melhor formato para um forte, circular ou em forma de estrela?

O castelo é todo listrado de vermelho e branco, sendo o vermelho um carmim profundo e o branco, perfeitamente alvo, de forma que as paredes parecem flutuar. Há arqueiros comestíveis espiando das muralhas, atirando flechas de doce. O prato até arranca um sorriso do procurador-geral.

— Gostaria que minhas garotinhas pudessem vê-lo.

— Enviarei os moldes para a sua casa. Embora talvez não de um forte. Um jardim?

O que agrada meninas pequenas? Ele esqueceu.

Depois do jantar, se não há mensageiros batendo na porta, ele geralmente reserva uma hora para estar entre seus livros. Ele os guarda em todas as suas propriedades: em Austin Friars, na Rolls House de Chancery Lane, em Stepney, em Hackney. Hoje em dia há livros sobre todo tipo de assunto. Livros que aconselham sobre como ser um bom príncipe, ou um mau. Livros de poesia e obras que ensinam contabilidade, livros de frases para uso no exterior, dicionários, livros que lhe explicam como se limpar dos seus pecados e livros que tratam de como preservar peixes. Seu amigo Andrew Boorde, o médico, está escrevendo um livro sobre barbas; ele é contra barbas. Ele pensa no que Gardiner disse: você é quem deveria escrever um livro, seria algo interessante de se ver.

Se ele escrevesse, seria O Livro Chamado Henrique: como interpretá-lo, como servi-lo, a melhor forma de preservá-lo. Mentalmente, ele escreve a introdução. “Quem listará as qualidades, tanto públicas quanto particulares, daquele que é o mais abençoado dos homens? Entre os padres, ele é devoto: entre soldados, valente: entre acadêmicos, erudito: entre cortesãos, o mais gentil e refinado: e todas estas qualidades, o rei Henrique as possui em grau tão notável que igual jamais foi visto desde os primórdios do mundo.”

Erasmus diz que devemos elogiar um governante mesmo por qualidades que ele não tem. Pois a lisonja lhe dará o que pensar. E as qualidades que atualmente lhe faltam, ele talvez se dedique a esforçar-se no sentido de obtê-las.

Ele ergue os olhos quando a porta se abre. É seu menino galês, entrando de costas:

— Pronto para suas velas, senhor?

— Sim, mais que pronto. — A luz treme, depois se firma contra a madeira escura como círculos de pérola. — Vê aquele banco? — diz ele. — Sente-se.

O menino se deixa cair no banco. Está correndo de lá para cá desde cedo, executando tarefas da casa. Por que são sempre perninhas que têm que poupar pernas grandes? *Vá lá em cima e me traga...* Isso lhe dava orgulho, quando você era jovem. Você se sentia importante, essencial até. Ele costumava correr por toda Putney, em incumbências para Walter. Tanto mais tolo. Agora ele se compraz em dizer a um garoto, descanse um pouco.

— Eu falava um pouco de galês quando era jovem. Hoje não consigo mais.

Ele pensa, essa é a ladainha do homem de 50 anos: galês, tênis, eu costumava fazer, não consigo agora. Há compensações: a cabeça tem mais informações armazenadas, o coração mais blindado contra lascas e fraturas. Agora mesmo ele está fazendo um levantamento das propriedades galesas da rainha. Por essa e outras razões de maior peso, ele mantém um olho atento sobre o principado.

— Conte-me sobre sua vida — diz ele ao menino. — Conte-me como veio parar aqui.

Com o pouco inglês do menino, ele junta as peças de sua história: incêndio provocado, roubo de gado, a história habitual das fronteiras, terminando em privação, em órfãos.

— Você sabe recitar o Pater Noster? — pergunta ele.

— Pater Noster — repete o menino. — Ou Pai-nosso.

— Em galês?

— Não, senhor. Não há orações em galês.

— Deus do céu. Vou mandar um homem dar um jeito nisso.

— Por favor, senhor. Assim vou poder rezar por meu pai e minha mãe.

— Conhece John ap Rice? Ele estava no jantar conosco esta noite.

— Casado com sua sobrinha Johane, senhor?

O menino sai em disparada. Perninhas se pondo a trabalhar novamente. É seu objetivo que todos os galeses falem inglês, mas isso ainda não tem como acontecer, e enquanto isso eles precisam de Deus a seu lado. Bandoleiros cobrem todo o principado e se livram da prisão com subornos e ameaças; piratas saqueiam o litoral. Os cavaleiros que possuem terras por lá, como Norris e Brereton, da câmara privada do rei, parecem resistentes aos interesses dele. Colocam os próprios interesses à frente da paz do rei. Não se interessam por ter quem os proteja em suas atividades. Não se interessam por justiça: ao passo que ele deseja criar uma justiça igualitária, de Essex a Anglesey, da Cornualha à fronteira escocesa.

Rice entra trazendo uma pequena caixa de veludo, que coloca sobre a mesa:

— Presente. Adivinhe o que é.

Ele sacode a caixinha. Algo parecido com grãos. Seus dedos exploram fragmentos escamosos, cinzentos. Rice tem investigado abadias para ele.

— Seriam dentes de Santa Apolônia?

— Mais uma tentativa.

— São dentes do pente de Maria Madalena?

Rice desiste.

— Aparas de unhas de São Edmundo.

— Ah. Jogue fora junto com o resto. Esse homem devia ter quinhentos dedos.

No ano de 1257, um elefante morreu no zoológico da Torre e foi sepultado numa cova perto da capela. Mas no ano seguinte foi desenterrado e seus restos, enviados à Abadia de Westminster. Ora, o que eles queriam com os restos de um elefante na Abadia de Westminster senão usá-los para esculpir uma tonelada de relíquias e transformar seus ossos animais em ossos de santos?

Segundo os guardiões de relíquias sagradas, parte do poder desses artefatos está em sua capacidade de se multiplicar. Osso, madeira e pedra têm, como animais, a capacidade de se reproduzirem, mas mantendo sua natureza intacta; os rebentos não são em nada inferiores aos originais. Assim, a coroa de espinhos floresce. A cruz de Cristo gera brotos; viceja, como uma árvore viva. O manto sem costuras de Cristo tece cópias de si mesmo. Unhas dão à luz mais unhas.

John ap Rice diz:

— A razão não pode vencer essa gente. Você tenta abrir seus olhos. Mas contra você estão estátuas da Virgem que choram lágrimas de sangue.

— E depois sou eu que faço truques! — Ele fecha a cara. — John, você deve sentar e escrever. Seus compatriotas precisam de orações.

— Eles precisam de uma Bíblia, senhor, na própria língua.

— Deixe-me primeiro ter certeza de obter a bênção do rei para que os ingleses a tenham.

É sua diária cruzada secreta: que Henrique financie uma grande Bíblia, que a coloque em cada igreja. Ele agora está bem próximo de alcançar tal meta e acredita que pode ganhar Henrique para a causa. Seu ideal seria um país único, uma moeda única, um só padrão de peso e medida e, acima de tudo, uma língua que todos dominem. Ninguém precisa ir ao País de Gales para ser mal-interpretado. Há partes deste reino, a bem menos que 100 quilômetros de Londres, em que, se você pede que lhe cozinhem um arenque, eles lhe devolvem um olhar vazio de incompreensão. Só quando você aponta para a panela e imita um peixe é que eles dizem, ah, agora entendi.

Mas sua maior ambição para a Inglaterra é esta: o príncipe e sua nação devem estar de acordo. Ele não quer que o reino seja administrado como a casa

de Walter em Putney, com brigas o tempo todo e ao som de objetos arremessados e gritaria dia e noite. Ele quer que seja uma casa onde todos saibam o que têm que fazer, e onde se sintam seguros em fazê-lo. Ele comenta com Rice:

— Stephen Gardiner disse que eu deveria escrever um livro. O que acha? Talvez eu escreva, se um dia me aposentar. Até lá, por que deveria revelar meus segredos de graça?

Ele se lembra de ter lido o livro de Maquiavel após a morte da esposa, quando passou dias preso em meio às trevas: aquele livro que agora começa a causar tanto rebuliço no mundo, embora seja mais falado que realmente lido. Ele se confinara à casa, ele, Rafe, a família imediata e os criados mais próximos, para não levar a febre para a cidade; fechando o livro, ele disse, não se pode tirar lições de principados italianos e aplicá-las ao País de Gales e à fronteira do norte. Não funcionamos da mesma maneira. O livro lhe pareceu quase banal, nada além de abstrações — virtude, terror — e pequenas instâncias específicas de conduta simplista ou cálculo falho. Talvez ele pudesse utilizar suas ideias para algo melhor, mas não tem tempo; o que ele pode fazer, quando o trabalho é tão urgente, é atirar frases para escrivães, prontos, com suas penas, para que comece o ditado: “*Eu sinceramente me disponho ao senhor.. Seu amigo assegurado, seu amigo amoroso, seu amigo Thomas Cromwell.*” Nenhum valor se liga ao cargo de secretário. O escopo do trabalho é indefinido, e isto lhe convém; enquanto o lorde chanceler tem seu papel circunscrito, o secretário-mor pode inquirir em qualquer gabinete de Estado e qualquer canto do governo. Ele recebe cartas de todos os condados, pedindo-lhe que arbitre em disputas de terras ou empreste seu nome à causa de algum estranho. Pessoas que ele nem conhece enviam mexericos sobre seus vizinhos, monges mandam relatos de palavras desleais ditas por seus superiores, padres peneiram para ele as declarações de seus bispos. Os assuntos de todo o reino são sussurrados em seu ouvido, e tão plurais são suas funções sob a Coroa que o grande empreendimento da Inglaterra, documentos em pergaminho aguardando carimbo e selo, transita de lá para cá sobre sua mesa, tanto afastado por ele quanto empurrado para ele. Seus peticionários lhe mandam vinho madeira e moscatel, capões, caça e ouro; presentes e pensões e concessões, amuletos e feitiços. Querem favores e creem que devem pagar por eles. Isso vem acontecendo desde que ele caiu nas graças

do rei. Ele está rico.

E, naturalmente, segue-se a inveja. Seus inimigos vasculham o que podem sobre sua vida pregressa.

— Pois então, eu estive em Putney — disse Gardiner. — Ou, para ser exato, mandei que um homem fosse. Eles comentaram por lá: quem diria que Põe-fio-nisso chegaria aonde chegou? Todos pensávamos que a esta altura ele já estaria enforcado.

Seu pai afiava facas; as pessoas o paravam na rua: Tom, pode levar essa aqui e perguntar a seu pai se dá para fazer alguma coisa por ela? E ele o pegava, qualquer que fosse o instrumento cego: deixe comigo, ele põe fio nisso.

— É uma habilidade — disse ele a Gardiner. — Saber afiar uma lâmina.

— Você matou homens. Eu sei.

— Não nesta jurisdição.

— No exterior não conta?

— Nenhum tribunal da Europa condenaria um homem que agiu em legítima defesa.

— Mas você se pergunta por que as pessoas querem matá-lo?

Ele riu.

— Ora, Stephen; há muitas coisas misteriosas nesta vida, mas esta não é uma delas. Eu sempre fui o primeiro a levantar pela manhã. Sempre fui o último a ir deitar. Eu estava sempre onde estava o dinheiro. Sempre conquistava as garotas. Mostre-me um monte, e eu já estarei lá em cima, no topo.

— Em cima de uma prostituta, isso sim — murmurou Stephen.

— Você já foi jovem um dia. Já levou suas descobertas ao rei?

— Ele precisa saber que tipo de homem emprega.

Mas Gardiner não prosseguiu; ele, Cromwell, aproximou-se sorrindo.

— Faça pior, Stephen. Ponha seus homens na estrada. Distribua dinheiro. Investigue pela Europa. Você não descobrirá nenhum talento meu que a Inglaterra não possa usar. — Sacando de dentro do casaco uma faca imaginária, ele a enterrou fácil e suavemente sob as costelas de Gardiner. — Stephen, já não lhe implorei tantas e tantas vezes que se reconcilie comigo? E você não recusou?

Para seu mérito, Gardiner não vacilou. Somente com uma espécie de arrepio da pele e um puxão na batina, afastou-se da faca de ar.

— O rapaz que você esfaqueou em Putney morreu — devolveu Gardiner. —

Fez bem em fugir, Cromwell. A família do garoto tinha uma força pronta para você. Seu pai pagou para dissuadi-los da ideia.

Ele ficou pasmo.

— O quê? Walter? Walter fez isso?

— Não pagou muito. Eles tinham outros filhos.

— Mesmo assim.

Ele se deteve, perplexo. Walter. Walter pagara para fazê-los desistir da ideia. Walter, que nunca lhe dera nada mais que um chute.

Gardiner riu.

— Vê? Sei de coisas da sua vida que nem você sabe.

É tarde agora; ele terminará o que há em sua mesa, depois irá ler em seu gabinete. Diante dele há um inventário da Abadia de Worcester. Seus homens são detalhistas; está tudo ali, desde um fogareiro para aquecer as mãos até um pilão para esmagar alho. E uma casula de cetim furta-cor, um talar de tecido de ouro, o Cordeiro de Deus tecido em seda preta; um pente de marfim, uma lamparina de bronze, três garrafas de couro e uma foice; livros de salmos, livros de cânticos, seis redes de caça com sinos, dois carrinhos de mão, pás e enxadas diversas, algumas relíquias de Santa Úrsula e suas 11 mil virgens, juntamente com mitra de São Osvaldo e um largo estoque de compridas mesas de cavalete.

Estes são os sons de Austin Friars, no outono de 1535: as crianças cantoras ensaiando um motete, parando e recomeçando. As vozes dessas crianças, meninos pequenos chamando uns aos outros pelas escadas aos gritinhos, e, mais próximo, o rascar das patas dos cães nas tábuas do piso. O tilintar de moedas de ouro caindo num baú. O murmúrio, abafado por tapeçarias, de conversas políglotas. O sussurro da tinta no papel. Além dos muros, os ruídos da cidade: a agitação da massa à sua porta, gritos distantes lá do rio. Seu monólogo interior, incessante, em voz baixa: é nos salões públicos que ele se lembra do cardeal, seus passos ecoando em altivas abóbadas. É nos espaços privados que ele se lembra da esposa, Elizabeth. Ela é agora um borrão em sua mente, um murmúrio de saias ao deixar um cômodo. Naquela última manhã da vida dela, quando ele saía de casa, achou que ela o seguia — teve um vislumbre de sua touca branca. Ele se virou para dizer, “Volte para a cama”: mas não havia ninguém. Quando ele voltou naquela noite, ela já tinha a mandíbula atada e havia velas a seus pés e cabeça.

Foi apenas um ano antes que suas filhas morressem da mesma causa. Em sua casa em Stepney ele tem guardados, numa caixa fechada à chave, seus colares de pérola e coral, e os cadernos de Anne com seus exercícios de latim. E, no depósito onde são guardadas as fantasias de Natal, ele ainda tem as asas de penas de pavão que Grace usou numa peça de teatro da paróquia. Depois da peça, ela subiu as escadas, ainda com as asas; gelo cintilava na janela. Vou fazer minhas preces, disse ela: afastando-se dele, envolta em suas plumas, desaparecendo no crepúsculo.

E agora a noite cai em Austin Friars. O estalido de trancas, o clique de chaves nas fechaduras, o barulho de fortes correntes passadas pelas portinholas e da grande barra caindo na frente do portão principal. O menino Dick Purser solta os cães de guarda. Eles saltam e correm ao luar, rolam sob as árvores frutíferas, as cabeças escondidas nas patas e as orelhas torcidas. Quando a casa está quieta — quando todas as suas casas estão quietas —, os mortos passeiam pelas escadas.

A rainha Ana manda chamá-lo a sua câmara; isso se dá depois do jantar. Apenas um passo para ele, pois em todos os grandes palácios agora há aposentos reservados para ele junto aos do rei. Apenas uma escadaria: e lá, com a luz de um candeeiro refletida na borda de ouro, vê-se o rijo gibão novo de Mark Smeaton. E o próprio Mark, à espreita dentro dele.

O que traz Mark aqui? Não tem consigo os instrumentos musicais para usar como desculpa, e está arrumado com o mesmo esplendor de qualquer um dos jovens lordes que servem a Ana. Existe justiça no mundo?, pergunta-se ele. Mark não faz nada e está mais vistoso a cada vez que o vejo, e eu faço de tudo e só fico mais grisalho e barrigudo.

Já que a antipatia é a norma entre os dois, sua intenção é passar direto e dirigir-lhe apenas um cumprimento de cabeça, mas Mark se levanta na mesma hora e sorri:

— Lorde Cromwell, como vai?

— Ah, não — responde ele. — Ainda mestre, apenas.

— É um equívoco natural. O senhor parece um lordes da cabeça aos pés. E o rei certamente fará algo pelo senhor em breve.

— Talvez não. Ele precisa de mim na Câmara dos Comuns.

— Mesmo assim — murmura o rapaz. — Pareceria ingrato da parte dele, quando outros são recompensados por serviços muito menores. Diga-me, é

verdade o que andam comentando, que o senhor tem estudantes de música na sua casa?

Mais ou menos uma dúzia de alegres meninos, salvos do claustro. Eles estudam por seus livros e praticam seus instrumentos, e à mesa aprendem bons modos; no jantar, divertem os convidados. Praticam com o arco e brincam de atirar bolas para os cães, e os menores arrastam seus cavalinhos de brinquedo pelas pedras do calçamento e o seguem de lá para cá, senhor, senhor, senhor, olhe para mim, quer ver como sei ficar de ponta-cabeça?

— Eles animam a casa.

— Se algum dia o senhor quiser alguém para dar um polimento no desempenho musical deles, lembre-se de mim.

— Lembrarei, Mark

Ele pensa, eu não confiaria em você perto dos meus meninos.

— O senhor encontrará a rainha descontente — prossegue o jovem. — Como sabe, seu irmão Rochford há pouco tempo foi para a França em uma missão diplomática especial, e hoje ele enviou uma carta; parece ser de conhecimento geral por lá que Catarina tem escrito ao papa, pedindo-lhe que ponha em prática aquela pérfida sentença de excomunhão que ele proferiu contra nosso amo. O que resultaria em incalculáveis danos e perigos para nosso reino. — Ele assente, sim, sim, sim; não precisa que Mark lhe diga o que é excomunhão; não dá para ir direito ao ponto? — A rainha está com raiva — prossegue o rapaz —, pois, se for verdade, Catarina é uma traidora consumada, e a rainha questiona, por que não tomamos medidas contra ela?

— Suponhamos que eu lhe diga a razão, Mark você levaria a explicação a ela? Vejo que você poderia me economizar uma ou duas horas.

— Se o senhor confiar em mim para... — começa o rapaz, depois vê seu sorriso frio. E cora.

— Eu confiaria em você com um motete, Mark Entretanto... — Ele observa o rapaz, pensativo. — Pelo visto você deve estar elevado nas graças da rainha.

— Senhor secretário, creio que estou. — Mesmo depreciado, Mark logo recupera a pose. — Muitas vezes somos nós, os homens menores, os que estão mais aptos para obter a confiança real.

— Muito bem. Barão Smeaton, hein, em breve? Serei o primeiro a felicitá-lo. Embora eu ainda esteja labutando nos bancos dos Comuns.

Com um gesto de mão, Ana enxota as damas a seu redor, que fazem uma mesura para ele e deslizam para fora. Sua cunhada, a esposa de George, permanece. Ana diz:

— Obrigada, Lady Rochford, não precisarei de você novamente esta noite.

Só a boba da corte de Ana fica com ela: uma anã, espiando por trás da poltrona da rainha. Os cabelos da soberana estão soltos sob uma touca de tecido prateada em forma de lua crescente. Ele faz uma nota mental da touca; as mulheres à sua volta sempre lhe perguntam o que Ana está vestindo. É assim que ela recebe seu marido, exibindo as madeixas escuras apenas para ele, e incidentalmente para Cromwell, que é filho de um comerciante e não tem importância, não mais que o jovem Mark.

Ela começa, como sempre faz, como se no meio de uma frase:

— Então eu quero que você vá. Ao norte, para vê-la. Muito secreto. Leve apenas os homens de que precisa. Aqui, pode ler a carta de meu irmão Rochford. — Ela rodopia a carta nas pontas dos dedos, depois muda de ideia e a recolhe de volta. — Ou... não — diz, e decide se sentar sobre a carta. Talvez, em meio às notícias, contenha críticas a Thomas Cromwell, será? — Suspeito muito de Catarina, suspeito muito. Parece que lá na França eles sabem de coisas que nós aqui apenas tentamos adivinhar. Seus homens não andam vigilantes, talvez? Meu lorde irmão acredita que a rainha está incitando o imperador a invadir, assim como o embaixador Chapuys, que, por sinal, deveria ser banido deste reino.

— Bem, sabe como é — começa ele. — Não podemos sair por aí expulsando embaixadores. Pois, se o fizéssemos, não saberíamos de absolutamente nada.

A verdade é que ele não tem medo das intrigas de Catarina: o clima entre a França e o Império é no momento irremediavelmente hostil, e, se irromper a guerra aberta, o imperador não terá tropas de reserva para invadir a Inglaterra. Essas coisas podem modificar-se em uma semana, e ele já notou que a interpretação dos Bolena para qualquer situação é sempre um pouco atrasada, além de influenciada pelo fato de que eles fingem ter amigos especiais na corte Valois. Ana ainda está em busca de um casamento real para sua filhinha ruiva. Ele costumava admirá-la por ser uma pessoa que aprendia com seus erros, que sabia recuar, recalculando seus movimentos; mas ela possui um traço de teimosia que se equipara ao de Catarina, a antiga rainha, e, pelo visto, nesse aspecto ela jamais aprenderá. George Bolena foi para a França novamente, negociando em

busca de um casamento, mas não obteve resultado. Para que *serve* George Bolena? Ele faz a pergunta apenas para si. E diz:

— Alteza, o rei não pode comprometer sua honra com maus-tratos à antiga rainha. Se algo viesse a público, seria um constrangimento pessoal para ele.

Ana parece cética; ela não compreende a ideia de constrangimento. As luzes estão baixas; sua cabeça prateada balança, cintilante e diminuta; a anã brinca e ri, murmurando para si mesma fora das vistas; sentada em suas almofadas de veludo, Ana balança a sapatilha de veludo, como uma criança prestes a mergulhar o dedo num riacho.

— Fosse eu Catarina, também faria intrigas. Não perdoaria. Faria o que ela faz. — Ela lhe dirige um sorriso perigoso. — Sabe, eu conheço a mente dela. Mesmo sendo ela espanhola, consigo colocar-me em seu lugar. Você não me veria humilde, se Henrique me depusesse. Eu também desejaria a guerra. — Ela toma uma mecha de cabelo entre os dedos e o polegar e desce até a ponta, pensativa. — Enfim. O rei acredita que ela está doente. Tanto ela quanto a filha estão sempre choramingando, com os estômagos em desordem ou os dentes caindo, com febre ou reumatismo, passam a noite toda vomitando e o dia inteiro gemendo, e todas as suas dores se devem a Ana Bolena. Então escute. Você, Cremuel, vá vê-la sem aviso prévio. Depois me diga se ela está fingindo, ou se não está.

Ela conserva, como uma afetação, um ligeiro arrastar em sua fala, uma entonação francesa aqui e ali, a incapacidade de dizer o nome dele corretamente. Há uma agitação na porta: o rei está entrando. Ele faz uma reverência. Ana não se ergue nem faz uma mesura; ela proclama, sem preâmbulos:

— Já disse a ele, Henrique, para ir.

— Eu gostaria que você fosse, Cromwell. E que nos desse sua própria versão dos fatos. Não há ninguém como você para enxergar a natureza das coisas. Quando o imperador quer um açoite para me bater, ele diz que a tia está morrendo, de negligência e de frio, e de vergonha. Bem, ela tem criados. Ela tem lenha.

— E quanto à vergonha — completa Ana —, deve morrer por dentro, quando pensa nas mentiras que contou.

— Majestade — diz ele —, partirei com a aurora e amanhã enviarei Rafe

Sadler ao senhor, se me permite, com a agenda do dia.

O rei geme.

— Não tenho escapatória das suas enormes listas?

— Não, senhor, pois, se eu lhe desse uma trégua, o senhor sempre me mandaria para a estrada, sob algum pretexto. Até que eu retorne, Vossa Majestade poderia ao menos... ponderar sobre a situação?

Ana se mexe inquieta em sua cadeira, a carta de seu irmão George debaixo dela.

— Não farei nada sem você — responde Henrique. — Tome cuidado, as estradas são traiçoeiras. Incluirei você em minhas preces. Boa noite.

Ele olha em torno na antecâmara, mas Mark desapareceu, e há apenas um emaranhado de matronas e donzelas: Mary Shelton, Jane Seymour e Elizabeth, esposa do conde de Worcester. Quem está faltando?

— Onde está Lady Rochford? — pergunta ele, sorrindo. — É sua silhueta o que vejo por trás da tapeçaria? — Ele aponta para a câmara de Ana. — Ela está indo para a cama, creio. Então vocês meninas instalem-na e depois terão o resto da noite para aprontar.

Elas riem. Lady Worcester faz movimentos sorrateiros com o dedo.

— Nove horas em ponto, e lá vem Harry Norris, nu sob a camisa. Corra, Mary Shelton. Corra, mas bem devagar...

— De quem está fugindo, Lady Worcester?

— Thomas Cromwell, eu não poderia lhe dizer. Uma mulher casada como eu? — Provocando, sorrindo, ela desliza os dedos pelo braço dele. — Todas nós sabemos onde Harry Norris gostaria de se deitar hoje à noite. Shelton é apenas para aquecer sua cama por enquanto. Ele tem ambições reais. E diz a qualquer um. Está doente de amor pela rainha.

— Vou jogar cartas — diz Jane Seymour. — Comigo mesma, para que não haja perdas indevidas. Senhor, alguma notícia de nossa ama Catarina?

— Não tenho nada a contar. Lamento.

O olhar de Lady Worcester o segue. É uma bela mulher, despreocupada e bastante perdulária, não mais velha que a rainha. Seu marido está longe e ele sente que ela também poderia correr bem devagar, se ele lhe desse o sinal. Mas, por outro lado, é uma condessa. E ele, um humilde mestre. E comprometido com a estrada no raiar do dia.

Eles cavalgam para o norte, rumo a Catarina, sem estandarte ou alarde, um rijo nó de homens armados. É um dia claro e de frio cortante. A terra marrom de relva rasteira aparece entre camadas de gelo duro, e garças alçam voo de lagos congelados. Nuvens se acumulam e se transformam no horizonte, um cinzento tom de ardósia e um cor-de-rosa levemente enganador; liderando-os desde o início da tarde está uma lua de prata tão débil quanto uma moeda cortada. Christophe cavalga a seu lado, tornando-se mais volúvel e desgostoso à medida que se afastam do conforto urbano.

— *On dit* que o rei escolheu um lugar difícil para Catarina se instalar. Ele espera que o mofo penetre em seus ossos e que ela morra.

— Ele não pensou uma coisa dessas. Kimbolton é uma casa antiga, mas muito boa. Ela tem todo o conforto. Sua casa custa ao rei 4 mil libras por ano. Uma soma nada medíocre.

Ele deixa Christophe ponderando sobre esse trecho: uma soma nada medíocre. Por fim, o menino diz:

— Os espanhóis são *merde* de qualquer maneira.

— Você vigie a estrada e impeça que Jenny enfie as patas nos buracos. Uma gota de lama e você voltará para casa numa mula.

— *Hi-han* — relincha Christophe, alto o suficiente para fazer os homens de armas se virarem em suas selas. — Mula francesa — explica ele.

Debilidade francês, alguém diz, com suficiente simpatia. Cavalgando sob árvores escuras ao fim daquele primeiro dia de viagem, eles cantam; isso levanta o coração cansado e afugenta os espíritos à espreita na beira da estrada; nunca subestime a superstição do inglês médio. Ao fim deste ano, as favoritas serão variações da canção que o próprio rei escreveu, “Passatempo em boa companhia / Amo e haverei de amar até morrer”. As variações são apenas levemente obscenas, ou ele se sentiria obrigado a censurá-las.

O senhorio da hospedaria em que eles ficarão é um fiapo atormentado de homem, que faz de tudo para descobrir quem está recebendo, mas em vão. Sua esposa é uma jovem forte e descontente, com furiosos olhos azuis e uma voz alta. Ele trouxe seu próprio cozinheiro de viagem.

— Por que isso, meu senhor? — indaga ela. — Acha que tentaríamos envenená-lo?

Ele a ouve em ação pela cozinha, definindo o que pode e o que não pode ser

feito com suas panelas.

Ela chega ao quarto dele mais tarde e pergunta, quer alguma coisa? Ele diz não, mas ela volta: como, nada mesmo? A senhora poderia baixar a voz, responde ele. Talvez, a esta distância de Londres, o vice do rei em assuntos da Igreja possa relaxar sua cautela?

— Fique, então — ele lhe diz.

Ela pode ser barulhenta, mas é uma escolha mais segura que Lady Worcester.

Ele acorda antes do amanhecer, tão de repente que não sabe onde está. Ouve a voz de uma mulher no andar de baixo, e por um momento pensa que está de volta à porta do Pégaso, com sua irmã Kat fazendo um estardalhaço, e que é o dia em que ele fugirá do pai: em que toda a sua futura vida se estende diante dele. Mas cautelosamente, na câmara escura sem uma vela sequer, ele mexe cada membro: nenhum hematoma; ele não tem cortes no corpo; lembra-se de onde está e o que é, aproxima-se do calor deixado pelo corpo da mulher e cochila, um braço jogado sobre a cabeceira.

Logo ele ouve sua anfitriã cantando nas escadas. Doze virgens saíram numa manhã de maio, ao que parece. E nenhuma delas voltou. Ela pegou o dinheiro que ele lhe deixou. No rosto da mulher, quando ela o cumprimenta, nenhum sinal da transação da noite; mas ela sai e fala com ele, em voz baixa, quando eles se preparam para montar. Christophe, dando-se ares de lorde, paga a conta ao estalajadeiro. O dia está mais agradável e eles avançam rapidamente e sem contratempos. Certas imagens serão tudo que restará de sua viagem pelo interior da Inglaterra. As bagas de azevinho rubras em seus arbustos. O voo assustado de uma galinhola, por pouco escapando de seus cascos. A sensação de aventurar-se num lugar de água, onde solo e pântano têm a mesma cor e nada é sólido sob seus pés.

Kimbolton é uma movimentada cidade comercial, mas no crepúsculo as ruas estão vazias. Eles não se utilizaram de grande velocidade, é inútil desgastar os cavalos numa tarefa importante mas não urgente; Catarina viverá ou morrerá em seu próprio tempo. Além disso, é bom para ele ir ao campo. Espremidos em becos de Londres, manobrando o cavalo ou a mula por entre cais e cumeeiras, a triste tela do céu da cidade trespassada por telhados quebrados, esquecemos o que é a Inglaterra: quão vastos são seus campos, quão amplo seu céu, quão

miserável e ignorante sua população. Eles passam por uma cruz no caminho que mostra sinais de escavações recentes em sua base. Um dos homens de armas observa:

— Dizem que os monges estão enterrando seus tesouros. Escondendo-os do nosso amo aqui.

— De fato estão — comenta ele. — Mas não sob cruzeiros. Não são tão tolos.

Na rua principal, eles puxam rédeas ao chegarem à igreja.

— Para quê? — pergunta Christophe.

— Preciso de uma bênção — responde ele.

— O senhor precisa fazer uma confissão — diz um dos homens.

Sorrisos são trocados. É um comentário inofensivo, ninguém pensa mal dele: só lamentam que suas próprias camas estivessem frias. Ele notou isso: que os homens que não o conhecem não gostam dele, mas, quando o conhecem, apenas alguns não gostam. Nós poderíamos ter parado num monastério, um dos guardas reclamou; mas não há garotas num monastério, suponho. Ele se virou em sua sela:

— Você realmente acha isso?

Risadas cúmplices dos homens.

No frígido interior da igreja, os homens de sua escolta fecham os braços em torno do corpo; batem os pés e resmungam, “Brr”, como maus atores.

— Vou assobiar para chamar um padre — diz Christophe.

— Nem pense nisso.

Mas ele sorri; consegue imaginar o jovem que foi dizendo a mesma coisa, e fazendo-o também.

Mas não há necessidade de assobiar. Algum zelador desconfiado se aproxima com uma lanterna. Sem dúvida um mensageiro está correndo em direção à casa grande com a notícia: cuidado, preparem-se, os lordes estão aqui. É decoroso para Catarina ter algum aviso, ele sente, mas não muito.

— Imagine — diz Christophe — se entrássemos e a pegássemos depilando os bigodes? Coisa que as mulheres da idade dela fazem.

Para Christophe, a ex-rainha é uma velha, uma anciã. Ele pensa, Catarina deve ter minha idade, não muito mais. Mas a vida é mais dura para as mulheres, especialmente mulheres que, como Catarina, foram abençoadas com muitos filhos e os viram morrer.

Silenciosamente, o padre chega bem próximo dele, um sujeito acanhado que quer mostrar os tesouros da igreja.

— O senhor deve ser... — ele repassa uma lista mentalmente — ...William Lord?

— Ah. Não. — Esse é outro William. Uma longa explicação se segue. Ele a encerra: — O que importa é que seu bispo saiba quem o senhor é. — Atrás dele há uma imagem de São Edmundo, o homem dos quinhentos dedos; os pés do santo fazem uma ponta delicada, como se ele dançasse. — Erga as luzes — ordena ele. — Aquilo é uma sereia?

— Sim, meu amo. — Uma sombra de tensão cruza o rosto do padre. — Devemos retirá-la? Está proibida?

Ele sorri.

— Só pensei que ela está um tanto longe do mar.

— Está fedendo a peixe — berra Christophe, com uma risada.

— Perdoe o menino. Não é nenhum poeta.

Um sorriso débil do sacerdote. Numa tela de carvalho, Sant'Ana segura um livro para a instrução de sua pequena filha, a Virgem Maria; São Miguel Archanjo investe com uma cimitarra contra um demônio enlaçado em seus pés.

— Veio ver a rainha, senhor? Quero dizer — o sacerdote se corrige —, Lady Catarina?

Esse sacerdote nunca me viu mais gordo, pensa ele. Eu poderia ser qualquer emissário. Poderia ser Charles Brandon, duque de Suffolk. Poderia ser Thomas Howard, duque de Norfolk. Ambos testaram seus parcos poderes persuasivos e seus melhores truques de brutamontes com Catarina.

Ele não dá seu nome, mas deixa uma oferta. A mão do sacerdote envolve as moedas como se para aquecê-las.

— Perdoe meu deslize, senhor. Quanto ao título da senhora. Juro que não fiz por mal. Para um velho campesino como eu, é difícil acompanhar as mudanças. No momento em que compreendemos uma notícia de Londres, já é contrariada pela seguinte.

— É difícil para todos nós — responde ele, dando de ombros. — O senhor reza pela rainha Ana todos os domingos?

— Claro, meu amo.

— E o que seus paroquianos dizem disso?

O padre parece constrangido.

— Bem, senhor, eles são gente simples. Eu não prestaria atenção ao que dizem. Embora sejam todos muito leais — acrescenta rapidamente. — Muito leais.

— Sem dúvida. Poderia fazer-me um favor e lembrar-se de incluir Tom Wolsey em suas orações este domingo?

O falecido cardeal? Ele vê o velho revisando suas ideias. Este não pode ser Thomas Howard ou Charles Brandon: pois, se alguém diz o nome de Wolsey, ambos chegariam a cuspir nos pés de quem o mencionou.

Quando eles saem da igreja, a última luz está desaparecendo no céu, e um floco de neve perdido vaga rumo ao sul. Eles tornam a montar; foi um longo dia; ele sente as roupas lhe pesarem nas costas. Ele não acredita que os mortos precisem de nossas orações, nem que possam usá-las. Mas quem conhece a Bíblia como ele, sabe que nosso Deus é um Deus caprichoso, e não há nenhum mal em cobrir suas apostas. Quando a galinhola saltou com sua plumagem vermelho-terrosa, ele sentiu o coração sobressaltar-se. Enquanto cavalgavam, ele se deu conta, cada pulsação era como uma batida de asas pesadas; quando a ave encontrou o esconderijo das árvores, o traçado de suas plumas desapareceu no negror.

Eles chegam na hora da penumbra: um chamado das muralhas, e então um grito de resposta de Christophe:

— Thomas Cremuel, secretário do rei e arquivista-mor.

— Como saberemos quem realmente são? — retruca uma sentinela. — Mostre suas cores.

— Diga-lhe para trazer uma luz e me deixar entrar — afirma ele —, ou vou apresentar minha bota a seu traseiro.

Ele tem que dizer essas coisas quando está no norte; é o que se espera dele, o conselheiro plebeu do rei.

A ponte levadiça deve baixar para eles: um rangido muito antigo, um estalido e o chocalho de trancas e correntes. Em Kimbolton eles trancam as portas cedo: bom.

— Lembre-se — instrui ele a sua comitiva —, não cometam o erro do padre. Quando falarem com os criados de Catarina, ela é a princesa viúva de Gales.

— O quê? — exclama Christophe.

— Ela não é a esposa do rei. Nunca foi esposa do rei. É a esposa do falecido irmão do rei, Artur, príncipe de Gales.

— Falecido significa morto — diz Christophe. — Eu sei disso.

— Ela não é rainha, nem ex-rainha, pois seu suposto segundo casamento não foi lícito.

— Isso é, não permissível — diz Christophe. — Ela cometer o erro de conjugar com os dois irmãos, Artur primeiro e depois Henrique.

— E o que devemos pensar de uma mulher assim? — indaga ele, sorrindo.

As tochas se atizam e, tomando forma na obscuridade, Sir Edmund Bedingfield: guardião de Catarina.

— Acho que poderia ter-nos alertado, Cromwell!

— Grace, a senhora não desejaria um alerta vindo de mim, não? — Ele beija Lady Bedingfield. — Não trouxe meu jantar. Mas há uma carroça de mulas em meu rastro, chegará aqui amanhã. Tenho caça para a mesa dos senhores e algumas amêndoas para a rainha, além de um vinho doce que Chapuys afirma ser objeto de apreciação dela.

— Qualquer coisa que estimule o apetite dela me satisfaz. — Grace Bedingfield lidera o caminho para o grande salão. À luz do fogo, ela se detém e se volta para ele: — O médico suspeita de que ela tenha um tumor na barriga. Mas talvez demore um bom tempo. Quando achávamos que ela já havia sofrido o bastante, pobre senhora.

Ele entrega suas luvas e o casaco de montaria a Christophe.

— Deseja vê-la imediatamente? — pergunta Bedingfield. — Nós não estávamos esperando sua chegada, mas ela talvez estivesse. É difícil para nós, porque o povo da cidade está do lado dela e os rumores entram aqui com os criados, não se pode impedir; acredito que eles fazem vigília e sinalizam de fora do canal. Acho que ela sabe quase tudo que acontece, quem passa na estrada.

Duas damas, espanholas pelo vestuário e bem avançadas em idade, colam-se a uma parede de gesso e o encaram com ressentimento. Ele lhes faz uma mesura, e uma comenta na própria língua que aquele é o homem que vendeu a alma do rei da Inglaterra. Na parede atrás delas ele vê as figuras desbotadas de uma cena do paraíso: Adão e Eva, de mãos dadas, passeando entre animais tão recém-criados que eles ainda não aprenderam seus nomes. Um pequeno elefante com um olhar de soslaio espreita timidamente entre a folhagem. Ele

nunca viu um elefante, mas acreditava que ele fosse bem mais alto que um cavalo de batalha; talvez este ainda não tenha tido tempo de crescer. Ramos pesados de frutas se inclinam acima da cabeça do animal.

— Bem, o senhor conhece o protocolo — diz Bedingfield. — Ela vive naquele quarto e tem suas damas, aquelas, para cozinhar para ela sobre o fogareiro. Bata e entre, e, se chamá-la de Lady Catarina, ela o chutará para fora, e, se chamá-la de Vossa Alteza, ela permitirá que fique. Então eu não a chamo de nada. Você, é como eu a chamo. Como se ela fosse a mocinha que esfrega os degraus.

Catarina está sentada junto ao fogo, encolhida dentro de um manto de excelentes arminhos. O rei vai querer isso de volta, pensa ele, se ela morrer. Ela ergue os olhos, e estende a mão com relutância para o beijo dele, embora mais por causa do frio, pensa ele, do que por ela considerar sua presença indesejada. Ela está amarelada, e há um odor enfermício na sala — o leve cheiro de peles de animais, um fedor vegetal de água usada para cozinhar alimentos e não jogada fora, e o azedo de uma tigela que uma garota leva embora ao se retirar: contendo, suspeita ele, o que antes havia no estômago da viúva. Se ela sente náuseas durante a noite, talvez sonhe com os jardins do Alhambra, onde cresceu: os pavimentos de mármore, a água cristalina borbotando em fontes, o arrastar da cauda de um pavão branco e o cheiro de limões. Eu poderia ter trazido um limão para ela em meu alforje, pensa ele.

Como se lesse seus pensamentos, ela fala com ele em castelhano.

— Mestre Cromwell, abandonemos este fatigante fingimento de que o senhor não fala minha língua.

Ele concorda.

— Foi difícil, em tempos passados, manter a compostura enquanto suas damas falavam de mim. “Jesus, como ele é feio, não? Você acha que ele tem o corpo peludo como Satanás?”

— Minhas damas disseram isso? — Catarina parece achar graça no comentário. Ela recolhe a mão para fora de sua vista. — Há muito que elas se foram, aquelas meninas animadas. Só as velhas permanecem, e um punhado de traidores licenciados.

— Madame, essas pessoas à sua volta a estimam.

— Elas contam tudo que eu faço. Todas as minhas palavras. Até ouvem minhas preces. Bem, senhor. — Ela levanta o rosto para a luz. — Como acha que

estou? O que dirá de mim quando o rei lhe perguntar? Há muitos meses que não me vejo num espelho. — Ela acaricia seu gorro de pele, puxa a touca sobre as orelhas; ri. — O rei costumava me chamar de anjo. De flor. Quando meu primeiro filho nasceu, foi no auge do inverno. Toda a Inglaterra estava debaixo de neve. Não há flores para colher, pensei. Mas Henrique me deu seis dúzias de rosas feitas da mais pura seda branca. “Brancas como sua mão, meu amor”, disse ele, e beijou-me as pontas dos dedos. — Um volume sob o arminho indica onde há um punho cerrado agora. — Eu as guardo num baú, as rosas. Pelo menos elas não murcham. Ao longo dos anos, fui presenteando-as a quem houvesse me prestado algum serviço. — Ela faz uma pausa; seus lábios se movem, uma invocação silenciosa: orações pelas almas dos mortos. — Diga-me, como está a filha de Bolena? Dizem que ela reza um bocado, a seu Deus reformado.

— Ela tem de fato uma reputação de religiosidade. Na medida em que tem a aprovação dos eruditos e bispos.

— Eles a estão usando. Assim como ela os está usando. Se fossem verdadeiros homens de Deus, eles se apartariam dela com horror, como o fazem de uma herege. Mas imagino que ela esteja orando por um filho. Ela perdeu a última criança, segundo me disseram. Oh, eu sei como é. Lamento por ela do fundo do coração.

— Ela e o rei têm esperanças de outro filho em breve.

— O quê? Uma esperança específica, ou uma esperança vaga?

Ele faz uma pausa; nada de definitivo foi dito; Gregory pode estar errado.

— Pensei que ela confiasse tais informações ao senhor — comenta Catarina acidamente. Ela observa seu rosto: existe ali alguma fissura, alguma *froideur*? — Dizem que Henrique busca outras mulheres. — Os dedos de Catarina acariciam a pele que a aquece: distraidamente, desenhando círculos, afagando o pelo. — Foi tão rápido. Eles estão casados há tão pouco tempo. Imagino que ela veja as mulheres à sua volta e diga a si mesma, sempre questionando, é você, madame? Ou você? Sempre me surpreendeu que as próprias pessoas não confiáveis são cegas quando se trata de saber onde depositar sua confiança. La Ana crê que tem amigos. Mas, se ela não der um filho ao rei em breve, esses amigos se voltarão contra ela.

Ele assente.

— Talvez a senhora tenha razão. Quem se voltará primeiro?

— Por que eu deveria alertá-la? — retruca Catarina, secamente. — Dizem que, quando contrariada, ela pragueja como o comum da escória. Não me surpreende. Uma rainha, e ela chama a si mesma de rainha, tem que viver e sofrer sob o olhar do mundo. Nenhuma mulher está acima dela à exceção da Rainha do Céu, de forma que ela não pode buscar nenhuma companhia em suas provações. Se ela sofre, sofre só, e precisa de uma graça especial para suportar o sofrimento. Ao que parece, a filha de Bolena não recebeu essa graça. Por que será?, eu me pergunto.

Ela se cala; seus lábios se abrem e sua carne se retrai, como se recuasse das roupas. A senhora sente dor, ele começa a dizer, mas ela acena para silenciá-lo, não é nada, nada.

— Os cavalheiros em torno do rei, que hoje juram dar a vida pelo sorriso dela, logo oferecerão sua devoção a outra. Eles costumavam oferecer-me a mesma devoção. Porque eu era a esposa do rei; não tinha nada a ver com a minha pessoa. Mas La Ana toma tal desvelo como um louvor a seus encantos. E não é apenas dos homens que ela deve ter medo. Sua cunhada, Jane Rochford, bem, ali está uma jovem observadora... quando ela me servia, muitas vezes me levava segredos, segredos de amor, segredos que eu talvez preferisse não saber, e duvido que seus olhos e ouvidos estejam menos afiados hoje em dia. — Seus dedos ainda trabalham, agora massageando um ponto próximo ao esterno. — O senhor se pergunta, como pode Catarina, que está banida, conhecer os meandros da corte? Isto é para sua reflexão.

Não preciso refletir muito, pensa ele. Sua fonte é a esposa de Nicholas Carew, uma amiga sua em especial. E Gertrude Courtenay, esposa do marquês de Exeter; eu a peguei tramando no ano passado, deveria tê-la encarcerado. Talvez até a pequena Jane Seymour; embora, desde Wolf Hall, Jane tenha sua própria carreira em que se concentrar.

— Sei que a senhora tem suas fontes — responde ele. — Mas deveria confiar nelas? Essas pessoas agem em seu nome, mas não em seu verdadeiro interesse. Ou no de sua filha.

— Você deixará que a princesa me visite? Se você acha que ela precisa de conselhos para acalmá-la, quem melhor que eu?

— Se dependesse de mim, madame...

— Que mal pode fazer ao rei?

— Ponha-se no lugar dele. Acredito que seu embaixador Chapuys tenha escrito a Lady Maria, dizendo que pode tirá-la do país.

— Jamais! Chapuys não poderia cogitar isso. Eu mesma o garanto, juro pela minha própria vida.

— O rei pensa que Maria pode vir a corromper seus guardas e, se lhe for permitido fazer uma viagem para ver a senhora, que ela poderia fugir e embarcar para os territórios de seu primo, o imperador.

Quase lhe traz um sorriso aos lábios, pensar naquela princesinha franzina e assustada embarcando em um curso de ação assim desesperado e criminoso. Catarina também sorri; um sorriso torcido, malicioso.

— E depois? Henrique teme que minha filha volte a galope, com um marido estrangeiro ao lado, para expulsá-lo de seu reino? Pode assegurar-lhe, ela não tem essa intenção. Eu mesma respondo por ela, novamente juro pela minha própria vida.

— A senhora está jurando por muita gente, madame. Garantindo isso, respondendo por aquilo. A senhora só tem uma vida a penhorar.

— Quisera eu que o fim de minha vida fizesse bem a Henrique. Quando minha morte chegar, seja da maneira que for, espero enfrentá-la de tal forma que lhe dê o exemplo para quando chegar a hora da sua própria.

— Entendo. A senhora pensa muito na morte do rei?

— Penso no que será dele após a morte.

— Se quer fazer bem à alma dele, por que o obstrui continuamente? É improvável que assim faça dele um homem melhor. A senhora nunca pensa que, se tivesse se curvado à vontade do rei anos atrás, entrando para um convento e permitindo que ele se casasse novamente, ele jamais teria rompido com Roma? Não teria havido necessidade. Suficientes dúvidas foram lançadas sobre seu casamento para que a senhora pudesse se retirar com uma bênção. Teria sido honrada por todos. Mas agora os títulos a que se agarra estão vazios. Henrique era um bom filho de Roma. A senhora o levou a este extremo. A senhora foi quem dividiu a cristandade, não ele. E eu espero que saiba disso, e que pense sobre isso no silêncio da noite.

Há uma pausa, enquanto Catarina vira as grandes páginas de seu livro do ódio e encontra a palavra perfeita.

— O que você disse, Cromwell, é... desprezível.

Provavelmente ela tem razão, pensa ele. Mas vou continuar a atormentá-la, a revelá-la para si mesma, a destituí-la de qualquer ilusão, e o farei pelo bem de sua filha: Maria é o futuro, a única filha crescida do rei, a única perspectiva da Inglaterra se Deus levar Henrique e o trono de repente se encontrar vazio.

— Então a senhora não me dará uma daquelas rosas de seda — diz ele. — Achei que talvez desse.

Um prolongado olhar.

— Pelo menos, enquanto inimigo, você se põe à plena vista. Quem dera meus amigos se colocassem de forma tão conspícua. Os ingleses são uma nação de hipócritas.

— Ingratos — concorda ele. — Mentirosos natos. Sei por experiência própria. Prefiro os italianos. Os florentinos, tão modestos. Os venezianos, transparentes em todas as transações que fazem. E a sua raça, os espanhóis. Um povo muito honesto. Costumavam dizer de seu pai, o rei Ferdinando, que seu coração aberto seria sua ruína.

— Você se diverte — diz ela — à custa de uma moribunda.

— A senhora quer créditos demais por morrer. Por um lado, oferece garantias; por outro, quer privilégios.

— Uma condição como a minha geralmente atrai compaixão.

— Estou tentando ser bondoso, mas a senhora não vê. No fim, madame, poderia colocar sua vontade de lado e, pelo bem de sua filha, reconciliar-se com o rei? Se a senhora deixar este mundo em desacordo com ele, a culpa será transferida para ela. E ela é jovem e tem sua vida para viver.

— Ele não culpará Maria. Eu conheço o rei. Ele não é um homem tão perverso.

Ele fica em silêncio. Catarina ainda ama o marido, pensa ele: em alguma dobra ou fenda de seu velho coração curtido, ela ainda espera ouvir seu passo, sua voz. E, com o presente dele ainda em sua posse, como ela pode esquecer que um dia ele a amou? Afinal, aquelas rosas de seda devem ter exigido semanas de trabalho, ele provavelmente as encomendou muito antes de saber que era um menino. “Nós o chamamos de príncipe do Ano-Novo”, dizia Wolsey. “Ele viveu 52 dias, e eu contei cada um deles.” Inglaterra no inverno: o manto de neve a deslizar, cobrindo os campos e os telhados dos palácios, sufocando lajotas e

cumeeiras, escorrendo em silêncio pelo vidro das janelas; emplumando as trilhas esburacadas, fazendo pesar os galhos de carvalho e teixo, trancando os peixes sob o gelo e congelando as aves nos ramos. Ele imagina o berço, com cortinas em carmim, brasões exibindo as armas da Inglaterra: as amas-secas abrigadas em suas muitas roupas, um braseiro aceso e o ar perfumado com os aromas de canela e zimbro típicos do Ano-Novo. As rosas levadas à triunfante cabeceira da rainha — como? Em uma cesta dourada? Em um estojo comprido como um caixão, um sepulcro incrustado de conchas polidas? Ou terão sido jogadas sobre a colcha de seda com bordados de romãs? Passam-se dois meses felizes. A criança cresce. Está entendido em todo o mundo que os Tudor têm um herdeiro. E então, no 52º dia, um silêncio por trás de uma cortina: uma respiração, sequer uma respiração. As mulheres da câmara apanham o príncipe, gritam de choque e medo; benzendo-se inutilmente, elas se encolhem junto ao berço para orar.

— Verei o que posso fazer — diz ele. — Sobre sua filha. Sobre uma visita. — Quão arriscado pode ser levar uma mocinha de um lado a outro do país? — Eu de fato acho que o rei permitiria, se a senhora aconselhasse Lady Maria a conformar-se em todos os aspectos à vontade dele e a reconhecê-lo, como agora não o faz, como chefe da Igreja.

— Quanto a esse assunto, a princesa Maria deve consultar sua própria consciência. — Ela ergue o braço, a palma da mão voltada para ele. — Vejo que tem pena de mim, Cromwell. Não deveria. Estou preparada para a morte há muito tempo. Creio que o Deus Todo-Poderoso me recompensará por meus esforços em servi-lo. E verei meus filhinhos novamente, aqueles que se foram antes de mim.

Meu coração bem que poderia se partir de tanta pena por ela, pensa ele: se não fosse um coração à prova de rachaduras. Ela quer uma morte de mártir no cadafalso. Em vez disso, morrerá entre os pântanos, sozinha: sufocada no próprio vômito, queira ou não.

— E, quanto a Lady Maria, ela também está preparada para morrer?

— A princesa Maria medita sobre a paixão de Cristo desde que era uma infanta no berçário. Ela estará pronta quando Ele chamar.

— Isso não é normal em uma mãe — diz ele. — Quem arriscaria a morte de uma filha?

Mas ele se lembra de Walter Cromwell. Walter saltava sobre mim com suas

grandes botas: sobre mim, seu único filho. Ele se recompõe para um último esforço.

— Eu lhe dei o exemplo, madame, de uma ocasião em que sua teimosia em se colocar contra o rei e seu conselho serviu apenas para lhe trazer consequências que a senhora abomina por completo. Ou seja, talvez a senhora esteja errada, não vê? Eu lhe peço que considere que talvez tenha se equivocado mais de uma vez. Pelo amor de nosso Deus, aconselhe Maria a obedecer ao rei.

— A princesa Maria — corrige ela, enfadada. Catarina não parece ter fôlego para mais protestos. Ele a observa por um momento e se prepara para se retirar. Mas ela então ergue os olhos. — Estava me perguntando, mestre, em que idioma o senhor se confessa? Ou não se confessa?

— Deus conhece nossos corações, madame. Não há necessidade de uma velha fórmula, ou de um intermediário.

Também não há necessidade de idiomas, pensa ele: Deus está acima de traduções.

Ao atravessar a porta, ele quase cai nos braços do guardião de Catarina:

— Meus aposentos estão prontos?

— Mas o seu jantar...

— Mande-me uma tigela de caldo. Estou exaurido pela conversa. Tudo que quero é minha cama.

— Com algo em cima? — indaga Bedingfield, com malícia.

Então sua escolta o dedurou.

— Só um travesseiro, Edmund.

Grace Bedingfield está desapontada por ele se recolher tão cedo. Pensou que receberia todas as notícias da corte; ela se ressentiu de estar presa aqui com as espanholas mudas e um longo inverno pela frente. Ele deve repetir as instruções do rei: vigilância máxima contra o mundo exterior.

— Eu não me importo se as cartas de Chapuys passarem, assim ela se manterá ocupada em decifrar o código. Catarina não é importante para o imperador agora, é Maria quem importa a ele. Mas nada de visitantes, exceto sob o selo do rei ou o meu. Embora... — Ele se interrompe; imagina o dia, se Catarina ainda estiver viva na próxima primavera, quando o exército do imperador estiver subindo ao norte e for necessário tirá-la do alcance dele e fazê-la refém; seria um triste espetáculo se Edmund se recusasse a entregá-la. —

Veja. — Ele mostra seu anel de turquesa. — Está vendo isso? Foi o falecido cardeal que me deu, e é sabido que eu o uso.

— É aquele, o mágico? — Grace Bedingfield pega sua mão. — O que derrete paredes de pedra, que faz princesas caírem de amor por você?

— Esse mesmo. Se algum mensageiro lhes trouxer este anel, deixem-no entrar.

Quando ele fecha os olhos naquela noite, uma abóbada se eleva acima, o teto esculpido da igreja de Kimbolton. Um homem toca sinos de mão. Um cisne, um cordeiro, um aleijado de bengala, dois corações apaixonados entrelaçados. E uma romãzeira. O emblema de Catarina. Talvez isso tenha que sumir. Ele boceja. Transformá-lo em maçãs, isso deve resolver. Estou cansado demais para esforços desnecessários. Ele se lembra da mulher na estalagem e se sente culpado. Puxa um travesseiro para junto do corpo: só um travesseiro, Edmund.

Quando a mulher do estalajadeiro veio lhe falar, no momento em que eles estavam montando em seus cavalos, ela disse:

— Mande-me um presente. Mande-me um presente de Londres, algo que não se encontre aqui.

Terá que ser algo que ela possa usar no corpo, caso contrário desaparecerá com algum viajante de mão leve. Ele recordará esse compromisso, mas é muito provável que, no momento em que retorne a Londres, já tenha esquecido como ela era. Ele a viu à luz de velas, e depois a vela apagou. Quando a viu à luz do dia, ela parecia outra mulher. Talvez fosse.

Quando dorme, ele sonha com o fruto do Jardim do Éden, oferecido na mão rechonchuda de Eva, e acorda momentaneamente: se a fruta está madura, quando floresceram aqueles ramos? Em que possível mês, em que possível primavera? Estudiosos já devem ter abordado essa questão. Uma dúzia de gerações intrigadas. Cabeças tonsuradas em concentração. Dedos calosos revirando pergaminhos. É o tipo de pergunta idiota para a qual os monges são feitos. Perguntarei a Cranmer, pensa ele: meu arcebispo. Por que Henrique não pede conselhos a Cranmer, se quer se livrar de Ana? Foi Cranmer quem o divorciou de Catarina; ele nunca diria que o rei deve voltar para a cama insossa da filha de Bolena.

Mas não, Henrique não pode falar de suas dúvidas com o sujeito. Cranmer ama Ana, ele a considera o padrão de mulher cristã, a esperança dos bons

leitores da Bíblia por toda a Europa.

Ele dorme de novo e sonha com as flores feitas antes do amanhecer do mundo. São feitas de seda branca. Não há arbusto ou ramo do qual arrancá-las. Elas nascem da terra nua anterior à criação.

Ele observa a rainha Ana atentamente, no dia em que lhe traz seu relatório; ela parece à vontade, contente, e o murmúrio doméstico alegre das vozes dos monarcas, quando ele se aproxima, significa que ela e Henrique estão em harmonia. Estão ocupados um com o outro, as cabeças unidas. O rei tem seus instrumentos de desenho à mão: seus compassos e lápis, suas régua, tintas e apontadores. A mesa está coberta de planos desenrolados, e moldes e bastões de artífices.

Ele lhes faz reverência e vai direto ao ponto:

— Ela não está bem, e acredito que seria uma gentileza deixar que receba a visita do embaixador Chapuys.

Ana se lança para fora de sua cadeira.

— O quê? Para que ele possa tramar com ela de forma mais conveniente?

— Os médicos sugerem, madame, que ela logo estará no túmulo, uma condição que a torna incapaz de lhe causar qualquer desgosto.

— Ela sairia da tumba, batendo asas em sua mortalha, se encontrasse uma chance de me prejudicar.

Henrique estende a mão.

— Querida, Chapuys nunca reconheceu você. Mas quando Catarina se for, e não puder mais criar problemas para nós, eu o farei dobrar o joelho.

— Mesmo assim; não acho que ele deveria sair de Londres. Ele encoraja Catarina em sua perversidade, e ela incentiva a filha. — Ana dardeja um olhar para ele. — Cremuel, você concorda, não? Maria deveria ser trazida à corte e obrigada a ajoelhar-se diante de seu pai e prestar o juramento, e ainda de joelhos deve pedir perdão por sua obstinação traidora e reconhecer que minha filha, e não ela, é a herdeira da Inglaterra.

Ele aponta para os planos.

— Não estão construindo, estão, senhor?

Henrique parece uma criança apanhada com os dedos no pote de açúcar. Ele empurra um dos bastões na direção dele. Os desenhos, ainda novos para o olho inglês, são aqueles com os quais ele se acostumou na Itália: urnas e vasos

alongados, com mantos e asas e cabeças sem olhos de imperadores e deuses. Hoje em dia as flores e árvores nativas, seus caules sinuosos e botões, são desprezados em prol de guirlandas e armas, louros da vitória, a cabeça do machado do lictor, a ponta da lança. Ele vê que a posição de Ana não é estimulada pela simplicidade; há mais de sete anos Henrique vem adaptando seu gosto ao dela. O rei antes gostava de licores dos frutos do verão inglês, mas agora os vinhos que ele prefere são pesados, perfumados, provocam sono; seu corpo está robusto, tanto que às vezes ele parece bloquear a luz.

— Estamos construindo a partir das fundações? — indaga ele. — Ou apenas uma camada de ornamentação? Ambas custam dinheiro.

— Que descortês você é — diz Ana. — O rei lhe está enviando carvalhos para sua própria construção em Hackney. E alguns para mestre Sadler, para sua nova casa.

Com uma mesura de cabeça, ele sinaliza seu agradecimento. Mas a mente do rei está no norte, na mulher que ainda afirma ser sua esposa.

— Que utilidade tem a vida de Catarina para ela, agora? — pergunta Henrique. — Tenho certeza de que ela está cansada de disputas. Deus sabe que estou farto disso. Ela faria melhor em se juntar aos santos e mártires.

— Estão esperando por ela há mais tempo do que deveriam. — Ana ri: alto demais.

— Eu imagino aquela senhora morrendo — diz o rei. — Ela fará discursos e me perdoará. Ela sempre me perdoa. É ela quem precisa de perdão. Por seu ventre infecto. Por envenenar meus filhos antes de nascerem.

Ele, Cromwell, desliza o olhar na direção de Ana. Certamente, se ela tem alguma coisa a dizer, esse é o momento, não? Mas ela desvia o rosto, inclina-se e pega no colo seu cão Purkoy. Esconde o rosto em seu pelo, e o cachorrinho, despertado do sono, choraminga e se revira em suas mãos e vê o secretário-mor fazendo uma mesura para sair.

Do lado de fora, esperando por ele, a esposa de George Bolena: sua mão puxando-o de lado para uma confidência, seu sussurro. Se alguém diz a Lady Rochford, “Está chovendo”, ela fará daquilo uma conspiração; quando passar a notícia adiante, a fará soar indecente de alguma forma, e improvável, mas infelizmente verdadeira.

— E então? — questiona ele. — Ela está?

— Ah. Ela ainda não disse nada? Claro, uma mulher sábia nunca diz nada até sentir a barriga. — Ele a encara: olhos de pedra. — Sim — diz ela finalmente, lançando um breve olhar nervoso para trás. — Ela já se equivocou antes. Mas sim.

— O rei sabe?

— Você deveria contar a ele, Cromwell. Seja o homem com a boa notícia. Quem sabe, ele poderia nomeá-lo cavaleiro ali mesmo.

Ele está pensando, tragam-me Rafe Sadler, tragam-me Thomas Wriothesley, mandem uma carta a Edward Seymour, assobiem para meu sobrinho Richard, e cancelem o jantar com Chapuys mas guardem nossos pratos: vamos convidar Sir Thomas Bolena.

— Suponho que era de se esperar — diz Jane Rochford. — Ela passou grande parte do verão com o rei, não foi? Uma semana aqui, uma semana lá. E quando não estava com ela, ele lhe escrevia cartas de amor e as enviava pela mão de Harry Norris.

— Senhora, eu devo deixá-la, tenho compromissos.

— Certamente. Mas é claro. E você geralmente é tão bom ouvinte. Sempre presta atenção ao que digo. E eu digo que neste verão ele lhe escreveu cartas de amor, e as enviou pela mão de Harry Norris.

Ele caminha rápido demais para dar maior atenção à última frase; mas, como ele admitirá mais tarde, o detalhe se fixará e aderirá a certas frases suas, ainda não formadas. Apenas frases. Elípticas. Condicionais. Como tudo é condicional agora. Ana florescendo enquanto Catarina morre. Ele as imagina, seus rostos determinados e as saias amontoadas, duas meninas numa trilha lamacenta, brincando de gangorra com uma tábua equilibrada numa pedra.

Thomas Seymour diz sem rodeios:

— Esta é a chance de Jane, agora. Ele não hesitará mais, desejará uma nova companheira de cama. Ele não tocará na rainha até que ela dê à luz. Não poderá. Há muito a perder.

Ele pensa, talvez o rei secreto da Inglaterra já tenha dedos, um rosto. Mas já pensei isso antes, ele recorda a si mesmo. Em sua coroação, quando Ana exibiu seu ventre tão orgulhosamente; e no fim era apenas uma menina.

— Eu ainda não vejo como — diz o velho Sir John, o adúltero. — Não vejo por que ele desejaria Jane. Se fosse minha filha Bess, aí sim. O rei dançava com

ela. Ele gostava muito dela.

— Bess é casada — responde Edward.

Tom Seymour ri.

— Mais adequada ainda para o propósito dele.

Edward fica furioso.

— Não fale de Bess. Ela não o aceitaria. Bess está fora de questão.

— Poderia ser para o bem — comenta Sir John, hesitante. — Pois até agora Jane nunca teve qualquer utilidade para nós.

— Verdade — responde Edward. — Jane tem tanta utilidade quanto um pudim. Agora deixemos que ela ganhe seu sustento. O rei precisará de companhia. Mas não a empurremos para ele. Que seja como Cromwell aqui aconselhou. Henrique a viu. Formou sua intenção. Agora ela deve evitá-lo. Não, ela deve repeli-lo.

— Oh, bancar a difícil — diz o velho Seymour. — Se vocês podem arcar com isso...

— Arcar com o que é casto, com o que é correto? — devolve Edward. — Você jamais poderia. Cale-se, seu velho devasso. O rei fingiu esquecer seus crimes, mas ninguém de fato esquece. As pessoas apontam para o senhor: lá está o bode velho que roubou a noiva do filho.

— Sim, fique quieto, pai — completa Tom. — Estamos conversando com Cromwell.

Ele diz

— De uma coisa tenho medo: a irmã de vocês estima sua antiga ama, Catarina. Isso é de pleno conhecimento da atual rainha, que não poupa nenhuma oportunidade de ser ríspida. Se ela notar que o rei está olhando para Jane, temo que sua irmã seja ainda mais perseguida. Ana não é mulher de ficar assistindo enquanto o marido faz de outra mulher uma... uma companheira. Mesmo que acreditasse ser um arranjo temporário.

— Jane não dará atenção às provocações — diz Edward. — O que Ana pode fazer afinal, dar-lhe um beliscão ou um tapa? Jane saberá portar-se com paciência.

— Ela o manipulará em troca de alguma grande recompensa — diz o velho Seymour.

Tom Seymour comenta:

— Ele fez de Ana uma marquesa antes de possuí-la.

O rosto de Edward parece sombrio, como se ele estivesse encomendando uma execução.

— Você sabe o que ele fez dela. Primeiro marquesa. Depois rainha.

O Parlamento é prorrogado, mas os advogados de Londres, agitando suas túnicas pretas como corvos, entram em seu recesso de inverno. A feliz notícia vaza e se infiltra pela corte. Ana solta seus corpetes. Apostas são feitas. Penas rabiscam. Cartas são dobradas. Selos, pressionados sobre cera. Cavalos são montados. Navios zarpam. As famílias antigas da Inglaterra se ajoelham e perguntam a Deus por que Ele favorece os Tudor. O rei Francisco fecha a cara. O imperador Carlos respira fundo. O rei Henrique dança.

A conversa em Elvetham, aquela confabulação na madrugada: é como se nunca tivesse acontecido. As dúvidas do rei quanto a seu casamento, ao que parece, desapareceram.

Ainda que, nos desolados jardins do inverno, ele tenha sido visto caminhando com Jane.

Sua família a cerca; eles mandam chamá-lo.

— O que ele disse, irmã? — interroga Edward Seymour. — Conte-me tudo, tudo que ele disse.

Jane responde:

— Ele me perguntou se eu seria sua bem-amada.

Eles trocam olhares. Há uma diferença entre uma amada e uma bem-amada: Jane sabe disso? A primeira implica concubinato. A segunda, algo menos imediato: uma troca de presentes, uma admiração casta e langorosa, uma corte prolongada... embora não possa ser tão prolongada, claro, ou Ana já terá dado à luz e Jane terá perdido sua chance. As mulheres não sabem prever quando o herdeiro verá a luz, e os médicos de Ana tampouco.

— Escute, Jane — diz Edward a ela —, isto não é hora de ser tímida. Você tem que nos dar detalhes.

— Ele me perguntou se eu teria bons olhos para ele.

— Bons olhos quando?

— Por exemplo, se ele me escrevesse um poema. Elogiando minha beleza. Então eu respondi que sim. Que lhe agradeceria por isso. Que não riria, nem por

trás da mão. E que não faria nenhuma objeção a qualquer afirmação que ele viesse a fazer em verso. Mesmo que fosse exagerada. Porque nos poemas é costume exagerar.

Ele, Cromwell, a felicita.

— A senhorita cobriu todos os ângulos possíveis, Srta. Seymour. Teria sido uma boa advogada.

— O senhor quer dizer se eu tivesse nascido homem? — Ela franze a testa. — Mas, ainda assim, seria improvável, senhor secretário. Os Seymour não são trabalhadores.

Edward Seymour diz:

— Bem-amada. Escrever versos para você. Muito bem. Ótimo até aqui. Mas, se ele tentar qualquer coisa com sua pessoa, você deve gritar.

— E se ninguém vier em meu socorro? — pergunta Jane.

Ele põe a mão no braço de Edward. Quer impedir que a cena avance ainda mais.

— Escute, Jane. Não grite. Ore. Ore em voz alta, é o que quero dizer. Orar em silêncio não dará resultado. Faça uma prece que mencione a Santa Virgem. Algo que apele à religiosidade e ao senso de honra de Sua Majestade.

— Entendo — responde Jane. — O senhor possui um livro de orações consigo, senhor secretário? Irmãos? Não tem problema. Eu buscarei o meu. Tenho certeza de que encontrarei algo adequado.

No início de dezembro, ele recebe dos médicos de Catarina a notícia de que ela está comendo melhor, mas não rezando menos. A morte se deslocou, talvez, da cabeceira para o pé da cama. Suas dores recentes diminuíram e ela está lúcida; ocupa o tempo em resolver seu legado. Catarina deixa à filha Maria um colar de ouro que trouxe da Espanha e suas peles. Ela pede que quinhentas missas sejam rezadas por sua alma e que uma peregrinação seja feita a Walsingham.

Os detalhes de suas disposições chegam a Whitehall.

— Essas peles... — comenta Henrique. — Você chegou a vê-las, Cromwell? Têm algum valor? Se têm, quero que sejam enviadas para mim.

Gangorra.

As mulheres em torno de Ana comentam, nem parece que ela está *enceinte*. Em outubro, ela parecia bastante bem, mas agora parece estar perdendo corpo, em vez de ganhar. Jane Rochford diz a ele:

— Quase poderíamos pensar que ela tem vergonha de sua condição. E Sua Majestade não está atencioso com ela, como estava anteriormente quando sua barriga parecia grande. Antes ele agia como se nada fosse bom o suficiente para ela. Atendia a seus caprichos e cuidava dela como uma dama de companhia. Certa vez entrei e encontrei os pés dela no colo do rei, e ele os esfregava como um cavaliço cuidando de alguma égua de casco torcido.

— Não se melhora um casco torcido esfregando-o — comenta ele, sério. — É preciso apará-lo e ajustar uma ferradura especial.

Rochford o encara.

— Você andou conversando com Jane Seymour?

— Por quê?

— Esqueça — responde ela.

Ele viu o rosto de Ana enquanto ela observa o rei, enquanto ela observa o rei observando Jane. Espera-se uma fúria cega e uma ação correspondente: costuras retalhadas a tesouradas, vidros quebrados. Em vez disso, o rosto dela se retesa; ela mantém a manga do vestido, cravejada de pedras, junto ao corpo, onde a criança cresce.

— Não posso me deixar perturbar — diz Ana. — Isso poderia causar danos ao príncipe.

Ela puxa as saias de lado quando Jane passa. Recolhe-se em si mesma, retraindo os ombros estreitos; parece fria como um órfão deixado na porta de alguém.

Gangorra.

Pelo país corre o rumor de que o secretário-mor trouxe uma mulher de sua viagem recente a Hertfordshire, ou Bedfordshire, e que a instalou em sua casa em Stepney, ou em Austin Friars, ou em King's Place em Hackney, a qual ele está reformando para ela em grande estilo. É uma estalajadeira em uma hospedaria, e seu marido foi capturado e preso por um novo crime inventado por Thomas Cromwell. O pobre corno será condenado e enforcado no próximo tribunal; contudo, segundo alguns relatos, ele já foi encontrado morto em sua cela, espancado e envenenado, com a garganta cortada.

III Anjos

Stepney e Greenwich, Natal de 1535 — Ano-Novo de 1536

Manhã de Natal: ele sai em disparada em busca de qualquer que seja o problema seguinte. Um enorme sapo bloqueia seu caminho.

— Você é Matthew?

Da boca do anfíbio, uma risada juvenil.

— Simon. Feliz Natal, senhor, como vai?

Ele suspira.

— Muito trabalho. Já enviou suas mensagens para seus pais?

Os meninos cantores vão para casa no verão. No Natal, eles se ocupam de cantar.

— O senhor está indo ver o rei? — coxa Simon. — Aposto que as peças da corte não são tão boas quanto as nossas. Estamos encenando *Robin Hood*, e o rei Artur aparece na trama. Eu faço o sapo de Merlin. Mestre Richard Cromwell faz o papa e tem um chapéu para receber esmolas. Ele grita, “Mumpsimus mumpsimus, hocus pocus”. Nós lhe damos pedras como esmolas. Ele nos ameaça dizendo que vamos para o inferno.

Ele afaga a fantasia enrugada de Simon. O sapo sai do caminho com um salto retumbante.

Desde seu retorno de Kimbolton, Londres se fechou à sua volta: final de outono, as noites esmaecidas e melancólicas da cidade, sua escuridão precoce. Os arranjos lentos e pesados da corte o engolfaram, aprisionaram-no em dias inteiros passados diante da mesa, prolongados pela luz de velas em noites inteiras passadas diante da mesa; às vezes ele daria um braço para ver o sol. Ele está comprando terras nas partes mais exuberantes da Inglaterra, mas não tem tempo para visitá-las; assim, essas fazendas, esses tão antigos casarões com seus jardins murados, esses cursos d'água com seus pequenos ancoradouros, essas lagoas com seus peixes dourados subindo na direção do anzol; essas vinhas, esses

jardins, essas pérgulas e passeios, tudo permanece plano para ele, sem dimensão, cada um como um construto de papel, um conjunto de números numa folha de registros de contas: não são margens de rios mordiscadas por ovelhas, nem prados onde vacas afundam até os joelhos na grama, nem clareiras ou bosques onde uma corça branca se alarma, uma pata erguida; são domínios de pergaminho, alugueis e propriedades delimitados por cláusulas de tinta, não por antigos arvoredos ou muros de pedra. Seus acres são acres imaginários, fontes de renda, fontes de insatisfação na madrugada, quando ele acorda e sua mente explora a geografia desses locais: nessas noites insones antes de auroras lúgubres ou congeladas, ele não pensa na liberdade que suas propriedades permitem, mas na intrusão truculenta dos outros, suas licenças e seus direitos de passagem, suas cercas e seus pontos de vista, que lhes permitem impingir-se em suas fronteiras e interferir com a posse tranquila de seu futuro. Deus sabe que ele não é nenhum menino do campo: apesar do lugar onde cresceu, nas ruas perto do cais, Putney Heath ficou em seu rastro, um lugar para evitar. Ele passou longos dias lá, correndo com seus conterrâneos, meninos tão brutos quanto ele: todos fugindo dos pais, de seus cintos e punhos, e da educação com a qual eram ameaçados se ficassem parados. Mas Londres o arrastou para seu ventre urbano; muito antes de navegar pelo Tâmis na barca de secretário-mor, ele já conhecia as correntes e a maré, e sabia o quanto podia ganhar, casualmente, nas feiras dos barqueiros, descarregando barcos e carregando caixotes em carrinhos de mão morro acima, até as belas casas que ladeavam a Strand, as casas de lordes e bispos: casas dos homens com quem ele agora se senta, diariamente, na bancada do conselho.

A corte de inverno perambula, seu circuito habitual: Greenwich e Eltham, as casas da infância de Henrique; Whitehall e Hampton Court, outrora casas do cardeal. É costume hoje em dia que o rei, onde quer que a corte se estabeleça, jante sozinho em seus aposentos privados. Nas antecâmaras de Vigília ou de Guarda — qualquer que seja o nome do salão que precede os apartamentos reais, nos palácios em que nos encontramos — há uma solene mesa, onde o lorde camareiro, chefe da comitiva pessoal do rei, recebe a nobreza. Tio Norfolk se senta a essa mesa, quando está conosco na corte; o mesmo vale para Charles Brandon, duque de Suffolk, e o pai da rainha, o conde de Wiltshire. Existe uma mesa, um pouco menor em status mas servida com a devida honra, para os funcionários como Cromwell e para os velhos amigos do rei que por acaso não

sejam aristocratas. Nicholas Carew se senta ali, cavalição real; e William Fitzwilliam, tesoureiro real, que obviamente conhece Henrique desde que o rei era um menino. William Paulet, chefe da controladoria, preside à cabeceira dessa mesa: e ele se pergunta, até que alguém lhe explica, o porquê do hábito de levantar as taças (e as sobranceiras) num brinde a alguém que não está ali. Até que Paulet explica, um tanto constrangido:

— Nós brindamos ao homem que se sentava aqui antes de mim. O antigo chefe da controladoria. Sir Henry Guildford, bendita seja sua memória. Você o conheceu, Cromwell, claro.

De fato: quem não conheceu Guildford, o experiente diplomata, o mais estudado entre os cortesãos? Da mesma idade do rei, ele foi o braço direito de Henrique desde sua subida ao trono, quando era ainda um príncipe de 19 anos inexperiente, bem-intencionado e otimista. Dois espíritos luminosos, determinados na busca de glória e diversão, o amo e o servo envelheceram juntos. Todos juravam que Guildford sobreviveria a um terremoto; mas ele não sobreviveu a Ana Bolena. Seu partidarismo era claro: ele estimava a rainha Catarina e assim o declarava. (E se não a amasse, dizia ele, só o senso de propriedade e minha consciência cristã já me obrigariam a apoiar sua causa.) O rei o perdeu devido à longa amizade; apenas, suplicara ele, não mencionemos isso, deixemos nosso desacordo de lado. Não mencione Ana Bolena. Faça com que seja possível permanecermos amigos.

Mas o silêncio não foi o bastante para Ana. O dia em que eu for rainha, disse a Guildford, será o dia em que você perderá seu emprego.

Madame, replicou Sir Henry Guildford: o dia em que a senhorita se tornar rainha será o dia em que eu pedirei demissão.

E foi o que ele fez. Henrique disse: Ora, vamos, homem! Não deixe que uma mulher o enxote de seu cargo! É apenas ciúme e despeito femininos, ignore.

Mas eu temo por mim, disse Guildford. Por minha família e meu nome.

Não me abandone, disse o rei.

A culpa é da sua nova esposa, respondeu Henry Guildford.

E assim ele deixou a corte. E foi para o campo, onde tinha sua casa.

— E morreu — diz William Fitzwilliam —, poucos meses depois. De desgosto, dizem.

Um suspiro corre pela mesa. É assim que acontece aos homens; o trabalho de

toda uma vida acabado, o tédio rural estendendo-se adiante: uma procissão de dias, domingo a domingo, todos deformes. O que existe, sem Henrique? Sem a luz de seu sorriso? É como um perpétuo novembro, uma vida no escuro.

— Por isso nós o lembramos — conclui Sir Nicholas Carew. — Nosso velho amigo. E fazemos um brinde, Paulet aqui não se importa, ao homem que ainda seria chefe da controladoria se os tempos não estivessem tão fora de prumo.

Ele tem um jeito sombrio de fazer um brinde, Sir Nicholas Carew. A leveza é desconhecida por alguém tão digno. Ele, Cromwell, passou uma semana sentado à mesa até Sir Nicholas se dignar a lhe pregar um olhar frio e empurrar o cordeiro em sua direção. Mas desde então suas relações se abrandaram; afinal, ele, Cromwell, é um homem fácil de se lidar. Ele vê que existe uma camaradagem entre homens como esses, homens que foram derrotados pelos Bolena: uma camaradagem desafiadora, como a que existe entre os sectários da Europa que estão sempre esperando pelo fim do mundo mas que creem que, após ser a Terra consumida pelo fogo, estarão no trono da glória: um pouco tostados, torrados nas beiradas e enegrecidos em certas partes, mas ainda, graças a Deus, vivos para a eternidade, e sentados à sua mão direita.

Ele conheceu Henry Guildford em pessoa, como Paulet recordou. Deve fazer quase cinco anos agora que ele foi recebido por Guildford generosamente no Castelo de Leeds, em Kent. Apenas porque Guildford queria algo, claro: um favor, de meu amo cardeal. Mas, ainda assim, ele aprendeu com as conversas à mesa de Guildford, com a maneira como ele gerenciava sua casa, com sua prudência e sua sagacidade discreta. Mais recentemente, ele aprendeu com o exemplo de Guildford como Ana Bolena podia destruir uma carreira; e quão longe estão de perdôá-la, seus companheiros de mesa. Homens como Carew, ele sabe, tendem a culpá-lo, Cromwell, pela ascensão de Ana no mundo; ele facilitou o processo, quebrou o antigo casamento e abriu as portas para o novo. Ele não espera que aqueles homens simpatizem com ele, que o incluam; só quer que não cuspem em seu jantar. Mas a rigidez de Carew amolece um pouco quando se junta aos outros na conversa; às vezes, o cavalição real gira para ele sua cabeça comprida, um tanto equina até; às vezes lhe dá uma lenta piscadela cavalaresca e diz, “Pois bem, senhor secretário, como vai o senhor hoje?”.

E, enquanto ele procura uma resposta que Nicholas compreenderá, William Fitzwilliam troca um olhar com ele e sorri.

Durante dezembro, um deslizamento, uma avalanche de papéis ocorreu em sua mesa. Muitas vezes ele termina o dia dolorido e frustrado, porque enviou a Henrique mensagens urgentes e vitais e os cavalheiros da câmara privada decidiram que seria mais fácil para eles se adiassem o assunto até que Henrique estivesse com humor apropriado. Apesar da boa notícia que recebeu da rainha, Henrique anda impaciente, caprichoso. A qualquer momento ele pode exigir a mais estranha informação, ou fazer perguntas sem resposta. Qual é o preço do mercado da lã de Berkshire? Você fala turco? Por que não? Quem fala turco? Quem foi o fundador do mosteiro de Hexham?

Sete xelins o saco, e subindo, Majestade. Não. Porque nunca fui àquelas partes. Encontrarei um homem se houver algum a ser encontrado. São Valfredo, senhor. Ele fecha os olhos.

— Acredito que os escoceses o saquearam, e ele foi reconstruído nos tempos do primeiro Henrique.

— Por que Lutero pensa — pergunta o rei — que eu deveria entrar em conformidade com sua Igreja? Não é ele que deveria pensar em entrar em conformidade comigo?

Pouco antes do Dia de Santa Lúcia, Ana o chama, afastando-o dos assuntos da Universidade de Cambridge. Mas Lady Rochford está lá para atualizá-lo antes que ele alcance a rainha, pondo a mão em seu braço:

— Ela está uma tristeza. Não consegue parar de soluçar. Não está sabendo? Seu cachorrinho morreu. Não tivemos coragem de contar a ela. Tivemos que pedir ao próprio rei para fazê-lo.

Purkoy? Seu preferido? Jane Rochford o conduz para dentro, observa Ana de soslaio. Pobre dama: seus olhos mal se abrem de tão inchados.

— Você sabia — sussurra Lady Rochford — que, quando ela abortou seu último filho, não derramou uma única lágrima?

As mulheres passam ao largo de Ana, mantendo distância como se ela fosse farpada. Ele se lembra do que Gregory disse: Ana está pele e osso. Ninguém poderia confortá-la; até se lhe estendessem a mão, ela consideraria uma presunção ou uma ameaça. Catarina tem razão. Uma rainha está sempre só, seja ao perder o marido, o cão ou o filho.

Ana vira a cabeça.

— Cremuel.

Ela ordena que suas damas se retirem: um gesto veemente, uma criança espantando corvos. Sem pressa, como ousados corvos de alguma espécie nova e sedosa, as damas recolhem suas saias, erguem-se languidamente; suas vozes, como vozes surgidas no próprio ar, demoram-se em seu rastro: suas fofocas interrompidas, suas gargalhadas cúmplices. Lady Rochford é a última a bater as asas, arrastando suas plumas, relutando em ceder terreno.

Agora não há ninguém no aposento exceto ele, Ana e sua anã, que cantarola baixinho no canto, movendo os dedos diante do rosto.

— Sinto muito — diz ele, os olhos baixos.

Ele sabe bem que não deve dizer, a senhora pode arranjar outro cachorro.

— Eles o encontraram — Ana lança a mão no ar — lá fora. Embaixo, no pátio. A janela lá em cima estava aberta. Ele quebrou o pescoço.

Ela não diz, ele deve ter caído. Porque está claro que não é o que ela pensa.

— Você se lembra, você estava aqui, se lembra do dia em que meu primo Francis Bryan o trouxe de Calais? Francis entrou e no mesmo segundo eu peguei Purkoy dos braços dele. Era uma criatura que não fazia mal a ninguém. Que monstro encontraria motivos em seu coração para pegá-lo e matá-lo?

Ele deseja acalmá-la; Ana parece tão arrasada, tão ferida, que é como se sua própria pessoa tivesse sofrido o ataque.

— Provavelmente ele saltou ao parapeito sem que ninguém visse e acabou escorregando. Esses cãesinhos, nós esperamos que eles caiam de pé como os gatos, mas não é o que acontece. Eu tive uma cadelinha que pulou dos braços do meu filho porque viu um rato, e nisso quebrou a perna. Fácil assim.

— E o que aconteceu com ela?

Ele responde delicadamente:

— Não pudemos curá-la.

Ele ergue os olhos para a anã, que sorri sozinha no canto, balançando os punhos com movimentos bruscos. Por que Ana mantém essa coisa? Ela deveria ser enviada para um hospício. A rainha enxuga o rosto; todos os seus bons modos franceses esquecidos, ela usa os nós dos dedos, como uma garotinha.

— Quais são as notícias de Kimbolton? — Ela encontra um lenço e assoa o nariz. — Dizem que Catarina pode viver mais seis meses.

Ele não sabe o que dizer. Será que Ana quer que ele mande um homem a Kimbolton para atirar Catarina de uma boa altura?

— O embaixador francês reclama que foi duas vezes à sua casa e que você não quis vê-lo.

— Eu estava ocupado. — Ele dá de ombros.

— Com...?

— Estava jogando boliche no jardim. Sim, duas vezes. Pratico constantemente, porque se perco um jogo, passo o dia todo furioso e saio em busca de papistas para chutar.

Fosse outro dia, Ana teria rido. Hoje não.

— Pessoalmente, pouco me importo com esse embaixador. Ele não me presta seus respeitos, como o anterior fazia. No entanto, você deve ter cuidado com ele. Deve fazer-lhe todas as honras, porque é só o rei Francisco o que mantém o papa longe de nossas gargantas.

Farnese como um lobo. Rosnando e derramando saliva misturada a sangue. Ele não sabe se Ana está em condições de ouvir opiniões, mas ele tentará:

— Não é por amor a nós que Francisco nos ajuda.

— Eu sei que não é por amor. — Ela revira o lenço molhado, procurando uma parte ainda seca. — Pelo menos não a mim. Não sou tão tola.

— Ele apenas não quer que o imperador Carlos nos esmague e se torne dono do mundo. E ele não gosta da bula de excomunhão. Não acha justo que o bispo de Roma ou qualquer sacerdote se reserve o direito de privar um rei de seu próprio país. Mas eu gostaria que a França compreendesse seu próprio interesse. É uma pena que não haja um homem hábil para lhe apresentar as vantagens de fazer como nosso lorde soberano fez e tomar a liderança de sua própria Igreja.

— Mas não existem dois Cremuels. — Ela consegue abrir um sorriso amargo.

Ele espera. Será que ela sabe como os franceses agora a veem? Já não acreditam mais que ela pode influenciar Henrique. Acham que ela é uma força gasta. E, embora toda a Inglaterra tenha feito um juramento de defender a prole de Ana, ninguém no exterior acredita que, se ela falhar em dar um filho a Henrique, a pequena Elizabeth possa reinar. Como o embaixador francês disse a ele (da última vez que ele o deixou entrar): se a escolha for entre duas mulheres, por que não preferir a mais velha? Ainda que o sangue de Maria seja espanhol, pelo menos é da realeza. E pelo menos ela já consegue andar em linha reta e tem controle dos próprios intestinos.

De seu canto, a criatura, a anã, vem até Ana se arrastando sobre o traseiro;

ela puxa a saia de sua ama.

— Vá embora, Maria — diz Ana. E ri da expressão dele. — Não sabia que eu tinha rebatizado minha boba? A filha do rei é quase uma anã, não? Ainda mais atarracada que a mãe. Os franceses ficariam chocados se a vissem, acho que uma só olhada nela mudaria suas intenções. Oh, eu sei, Cremuel, eu sei o que eles estão tentando fazer pelas minhas costas. Empurraram meu irmão para lá e para cá a fim de negociar, mas nunca tiveram intenção de arranjar um casamento com Elizabeth. — Ah, pensa ele, ela finalmente entendeu. — Estão tentando um casamento entre o delfim e a bastarda espanhola. Todo esse tempo eles sorriram para mim e estavam tramando pelas minhas costas. Você sabia disso e não me contou.

— Senhora — murmura ele —, eu tentei.

— É como se eu não existisse. Como se minha filha nunca tivesse nascido. Como se Catarina ainda fosse rainha. — Sua voz torna-se mais severa. — Eu não vou tolerar isso.

Então o que vai fazer? Ela logo lhe diz:

— Eu pensei numa maneira. Com Maria. — Ele espera. — Eu poderia visitá-la — diz Ana. — E não só. Com alguns cavalheiros jovens e galantes.

— Coisa que não lhe falta.

— Ou por que você não a visita, Cremuel? Você tem alguns belos rapazes em seu séquito. Sabia que a infeliz nunca recebeu um elogio na vida?

— Recebeu do pai, creio eu.

— Quando uma menina faz 18 anos, seu pai já não conta mais. Ela anseia por outras companhias. Acredite em mim, eu sei, porque um dia fui tão tola quanto qualquer menina. Uma menina dessa idade, ela quer alguém que lhe escreva versos. Alguém que vire os olhos para ela e suspire quando ela entrar na sala. Admita, isso é o que ainda não tentamos. Bajular, seduzir Maria.

— Quer que eu a comprometa?

— Nós dois podemos conseguir isso. Faça você mesmo até, eu não me importo, alguém me disse que ela gosta de você. E eu adoraria ver Cremuel fingindo estar apaixonado.

— Só um tolo chegaria perto de Maria. Acho que o rei mandaria matá-lo.

— Não estou sugerindo que alguém a leve para a cama. Deus me livre, eu não obrigaria nenhum amigo meu a passar por isso. Basta que ela passe

vergonha, e que seja em público, para que perca sua reputação.

— Não — responde ele.

— O quê?

— Não é esse o meu objetivo e não recorro a tais métodos.

Ana enrubesce. A ira salpica seu pescoço. Ela fará qualquer coisa, pensa ele. Ana não tem limites.

— Você se arrepende — diz ela — da forma como fala comigo. Acha que se elevou bastante e que não precisa mais de mim. — Sua voz treme. — Sei que você anda falando com os Seymour. Você pensa que é segredo, mas nada é segredo para mim. Fiquei chocada quando soube, confesso, eu não achava que você empenharia seu dinheiro numa aposta tão fraca. O que Jane Seymour tem além da virgindade, e que valor tem a virgindade na manhã seguinte? Antes do evento, ela é a rainha do coração dele, e depois ela é apenas mais uma meretriz que não conseguiu manter as pernas fechadas. Jane não tem beleza nem inteligência. Não segurará Henrique por uma semana. Será despachada de volta a Wolf Hall e esquecida.

— Talvez — diz ele. Há uma chance de que Ana tenha razão; ele não descartaria a hipótese. — Madame, as coisas um dia já foram mais felizes entre nós. A senhora costumava ouvir meus conselhos. Deixe-me aconselhá-la agora. Esqueça seus planos e esquemas. Abandone esse fardo. Conserve-se em quietude até que a criança nasça. Não arrisque a saúde do bebê agitando sua mente. A senhora mesma disse, preocupações e disputas podem marcar uma criança mesmo antes que ela veja a luz do dia. Dobre sua mente aos desejos do rei. Quanto a Jane, ela é tediosa e insossa, não? Finja que não a vê. Desvie o rosto do que não lhe cabe ver.

Ana se inclina à frente, as mãos apertando os joelhos.

— Eu lhe dou um conselho, Cremuel. Entre em acordo comigo antes que meu filho nasça. Mesmo que seja uma menina, eu terei outra criança. Henrique nunca me abandonará. Ele esperou bastante tempo por mim. Eu fiz a espera valer a pena. E, se ele me der as costas, ele dará as costas para a grande e maravilhosa obra feita neste reino desde que me tornei rainha; eu falo dos esforços em prol do evangelho. Henrique nunca se reconciliará com Roma. Jamais dobrará seu joelho. Desde minha coroação, há uma nova Inglaterra. Que não pode subsistir sem mim.

Não é verdade, madame, pensa ele. Se necessário for, eu posso separá-la da história. Ele diz:

— Espero que não estejamos em desacordo. Eu lhe dou conselhos sinceros, de amigo para amiga. Você sabe que sou, ou fui, pai de uma família. Sempre aconselhei minha mulher a manter a calma em momentos como este. Se houver algo que eu possa fazer pela senhora, diga-me e farei. — Ele ergue o olhar para ela. Seus olhos brilham. — Mas não me ameace, boa senhora. É um desconforto para mim.

Ana retruca:

— Seu conforto não é problema meu. Você deve estudar suas vantagens, secretário. Os homens que são elevados também podem ser diminuídos.

— Concordo inteiramente.

Ele faz uma mesura para se retirar. Ele tem pena dela; Ana está lutando com as armas das mulheres, que são tudo que ela tem. Na antessala para sua câmara de recepções, Lady Rochford está sozinha.

— Ainda chorosa? — pergunta ela.

— Acho que ela se recompôs.

— Está perdendo a beleza, não acha? Ela passou muito tempo ao sol este verão? Está começando a enrugar.

— Eu não olho para ela, minha senhora. Bem, não mais do que um súdito deveria.

— Oh, não olha? — Ela acha graça. — Então eu lhe conto. A cada dia ela dá mais e mais indícios da idade, e até parece mais velha. Rostos não são acidentais. São a tela na qual são escritos nossos pecados.

— Jesus! Então o que fiz?

Ela ri.

— Senhor secretário, isso é o que todos gostaríamos de saber. No entanto, talvez nem sempre seja verdade. Maria Bolena lá no interior, ouvi dizer que ela floresce como o mês de maio. Bela e cheia, dizem. Como é possível? Uma mulher de má fama como Maria, que passou por tantas mãos que não há um só garoto de estábulo que não tenha dormido com ela. Mas ponha uma junto da outra, e é Ana que parece... como expressá-lo? Gasta.

Tagarelando, as outras damas enxameiam-se na sala.

— Vocês a deixaram sozinha? — indaga Mary Shelton: como se Ana não

pudesse ficar só.

Ela recolhe suas saias e dispara de volta à câmara interna.

Ele se despede de Lady Rochford. Mas algo rasteja entre seus pés, impedindo seu movimento. É a anã, de quatro. Ela rosna e ameaça mordê-lo. Ele se contém para não chutá-la para longe.

Ele repassa seu dia. E se pergunta, como deve ser para Lady Rochford estar casada com um homem que a humilha, preferindo estar com suas putas e não fazendo nenhum segredo disso? Ele não tem meios de responder à pergunta, admite; absolutamente nenhum ponto de entrada nos sentimentos dela. Ele sabe que não gosta da mão dela em seu braço. A infelicidade parece brotar e vazar de seus poros. Ela ri, mas seus olhos nunca riem; saltam de um rosto a outro, absorvendo tudo.

No dia em que Purkoy veio de Calais para a corte, ele segurou Francis Bryan pela manga:

— Onde posso conseguir um? — Ah, para sua amante, perguntou aquele diabo de um olho só: caçando fofocas. Não, respondeu ele, sorrindo, para mim mesmo.

Logo Calais estava em alvoroço. Cartas voando através do Mar Estreito. O secretário-mor gostaria de um belo cachorrinho. Encontrem um para ele, e encontrem rápido, antes que outra pessoa fique com o crédito. Lady Lisle, esposa do governador, pensou em entregar seu próprio cão. Vindos de um lado e de outro, meia dúzia de spaniels foram trazidos. Todos malhados e alegres, com uma cauda emplumada e delicadas patinhas em miniatura. Nenhum deles era como Purkoy, com as orelhas eretas, seu ar de interrogação. *Pourquoi?*

Boa pergunta.

Advento: primeiro o jejum e depois o banquete. Nas despensas, passas, amêndoas, noz-moscada, macis, cravo, alcaçuz, figos e gengibre. Os enviados do rei da Inglaterra estão na Alemanha, em negociações com a Liga de Schmalkald, a confederação de príncipes protestantes. O imperador está em Nápoles. Barba-Ruiva está em Constantinopla. O servo Anthony está no grande salão em Stepney, empoleirado numa escada e vestindo uma túnica bordada com desenhos da lua e das estrelas.

— Tudo bem, Tom? — grita ele.

A estrela de Natal balança acima de sua cabeça. Ele, Cromwell, tem os olhos

erguidos para suas pontas prateadas: afiadas como lâminas.

Faz apenas um mês que Anthony foi admitido como criado na casa, mas agora é difícil pensar nele como um mendigo no portão. Quando ele retornou de sua visita a Catarina, a habitual massa de londrinos se reunia à entrada de Austin Friars. Podem não conhecê-lo no norte do país, mas aqui o conhecem. Eles vêm para ver seus criados, seus cavalos e os arreios, seus estandartes tremulando; mas hoje ele entra com uma guarda anônima, um bando de homens cansados vindos de lugar algum.

— Onde esteve, lorde Cromwell? — berra um homem: como se ele devesse uma explicação aos londrinos.

Às vezes ele se vê, em sua mente, vestido com trapos surrupiados, um soldado de um exército derrotado: um garoto faminto, um estranho, um pedinte em sua própria porta.

Seu grupo está prestes a cruzar o portão quando ele diz, espere; um rosto pálido oscila a seu lado; um homenzinho se infiltrou por entre a multidão e agarrou seu estribo. Ele está chorando, e é tão evidentemente inofensivo que ninguém sequer levanta a mão para ele; só ele, Cromwell, sente seu pescoço se arrear: é assim que você termina encurralado, sua atenção desviada por algum incidente orquestrado enquanto o assassino chega por trás com o punhal. Mas os homens de armas são uma muralha às suas costas, e aquele infeliz curvado treme tanto que, se sacasse uma lâmina, seria capaz de cortar os próprios joelhos. Ele se inclina para baixo.

— Eu o conheço? Já o vi aqui antes.

Lágrimas escorrem pelo rosto do homem. Ele não tem nenhum dente visível, um estado que perturbaria qualquer um.

— Deus o abençoe, senhor lorde. Que ele o estime e aumente sua riqueza.

— Ah, ele aumenta.

Ele está cansado de dizer às pessoas que não é lorde.

— Dê-me um teto — implora o homem. — Estou em farrapos, como pode ver. Durmo com os cães, se for o que puder me oferecer.

— Talvez os cães não gostem da ideia.

Um membro de sua escolta se aproxima:

— Devo afastá-lo na base do chicote, senhor?

Ao ouvir isso, o homem renova seus gemidos.

— Ah, já basta — diz ele, como se a uma criança.

O lamento redobra, as lágrimas saltam como se o homem tivesse uma bomba por trás do nariz. Será que ele perdeu os dentes de tanto chorar? Isso é possível?

— Sou um homem sem senhor — soluça a pobre criatura. — Meu querido amo foi morto numa explosão.

— Deus tenha misericórdia, que tipo de explosão?

Sua atenção se renova: as pessoas estão gastando pólvora assim à toa? Podemos precisar disso se o imperador vier.

O homem balança o próprio corpo, os braços apertados sobre o peito; as pernas parecem prestes a ceder. Ele, Cromwell, estica o braço e o ergue por seu colete frouxo; não quer o homem rolando no chão e assustando os cavalos.

— Levante-se. Diga seu nome.

Um soluço engasgado:

— Anthony.

— O que sabe fazer, além de chorar?

— Se me permite, eu já fui muito estimado antes... ai de mim!

Ele se descontrola completamente, soluçando e se sacudindo.

— Antes da explosão — diz ele pacientemente. — Bem, o que é que você fazia? Regava o pomar? Lavava as privadas?

— Ai de mim — lamenta o homem. — Nada disso. Nada assim tão útil. — Seu peito se agita. — Senhor, eu era um bobo da corte.

Ele solta seu colete, encara o homem e começa a rir. Um risinho incrédulo corre de homem para homem através da multidão. Sua escolta se dobra sobre as selas, rindo.

O homenzinho parece livrar-se de sua mão num salto, recupera o equilíbrio e ergue os olhos para ele. Suas faces estão bastante secas e um sorriso sorrateiro substituiu as rugas de desespero.

— Então — indaga ele —, posso entrar?

Agora, à medida que o Natal se aproxima, Anthony mantém a casa boquiaberta com histórias dos horrores que se abateram sobre pessoas que ele conhece, sempre em torno da época da Natividade: hospedarias assaltadas, estábulos pegando fogo, gado vagando pelas montanhas. Ele faz vozes diferentes para homens e mulheres, faz cães falarem com impertinência a seus donos, sabe

imitar o embaixador Chapuys e qualquer outra pessoa, basta dizer-lhe um nome.

— Você me imita? — pergunta ele.

— O senhor não me dá oportunidades — responde Anthony. — Um homem pode desejar um amo que rola as palavras pela boca, ou que vive se benzendo e gritando Jesus-Maria-José, ou sorrindo, ou fechando a cara, ou que tenha um tique nervoso. Mas o senhor não cantarola, nem mexe os pés ou torce os polegares.

— Meu pai tinha um temperamento selvagem. Aprendi quando criança a ser quieto e discreto. Se ele reparasse em mim, me batia.

— Quanto ao que tem aí dentro — Anthony o olha nos olhos, bate o dedo na testa —, quanto ao que tem aí dentro, quem sabe? Eu poderia imitar um postigo. Uma tábua tem mais expressão. Uma bica d'água.

— Eu lhe darei um bom personagem, se você quiser um novo amo.

— Ainda conseguirei fazer o senhor. Quando eu aprender a imitar um batente de porta. Uma pedra parada. Uma estátua. Há estátuas que movem os olhos. No norte do país.

— Tenho algumas sob custódia. Nas caixas-fortes.

— Pode me dar a chave? Quero ver se elas ainda mexem os olhos quando estão no escuro sem seus carcereiros.

— Você é um papista, Anthony?

— Talvez seja. Gosto de milagres. Fui um peregrino no meu tempo. Mas o punho de Cromwell está mais próximo que a mão de Deus.

Na véspera de Natal, Anthony canta “Passatempo em Boa Companhia”, interpretando o rei e usando uma tigela como coroa. Ele cresce diante de nossos olhos, seus membros magros ganham carne. O rei tem uma voz tola, aguda demais para um homem grande. É algo que fingimos não perceber. Mas agora ele ri de Anthony, cobrindo a boca com a mão. Quando foi que Anthony viu o rei? Ele parece conhecer cada gesto de Henrique. Eu não ficaria surpreso, pensa ele, se Anthony tiver rodeado a corte durante todos esses anos, ganhando uma *per diem* sem que ninguém perguntasse o que ele faz ou como entrou na folha de pagamento. Se ele pode imitar um rei, pode facilmente imitar um sujeito útil e ocupado com lugares onde deve estar e negócios de que tratar.

Chega o dia de Natal. Os sinos badalam na igreja de Dunstan. Flocos de neve flutuam no vento. Os cãezinhos usam fitas. Mestre Wriothsley é o primeiro a

chegar; ele foi um grande ator quando esteve em Cambridge, e nos últimos anos ficou encarregado das peças da casa.

— Dê-me um papel pequeno — implorou-lhe ele. — Posso ser uma árvore? Assim não preciso decorar fala nenhuma. As árvores têm a habilidade do improvisado.

— Nas Índias — diz Gregory —, as árvores podem perambular. Erguem-se de suas raízes e, se o vento sopra, podem ir para um local mais protegido.

— Quem lhe disse isso?

— Temo que tenha sido eu — diz Me-Chame-de-Risley. — Mas ele ficou tão contente de ouvir que certamente não fez mal algum.

A bela mulher de Wriothesley está vestida como Maid Marian, o cabelo solto e caindo até a cintura. Wriothesley saltita em saias, às quais sua bebê se agarra.

— Eu vim como uma virgem — diz ele. — São tão raras hoje em dia que se enviam unicórnios para procurar por elas.

— Vá se trocar — diz ele. — Não estou gostando disso. — Ele ergue o véu do mestre Wriothesley. — Você não está muito convincente, com essa barba.

Me-Chame faz uma mesura.

— Mas eu preciso de um disfarce, senhor.

— Temos uma fantasia de minhoca sobrando — diz Anthony. — Ou você pode ser uma rosa gigante, daquelas listradas.

— Santa Wilgefotis era virgem e fez crescer uma barba — opina Gregory. — A barba era para repelir seus pretendentes e assim proteger sua castidade. As mulheres rezam para ela quando querem livrar-se de seus maridos.

Me-Chame vai se trocar. Minhoca ou flor?

— Você pode ser a minhoca que vive no botão — sugere Anthony.

Rafe e seu sobrinho Richard entram; ele vê que os dois trocam um olhar. Ele ergue a filha de Wriothesley nos braços, pergunta pelo irmãozinho bebê e elogia sua touca.

— Senhorita, esqueci seu nome.

— Eu me chamo Elizabeth — responde a criança.

Richard Cromwell comenta:

— Não é como todas se chamam hoje em dia?

Eu vou ganhar Me-Chame, pensa ele. Vou ganhá-lo completamente de Stephen Gardiner, e ele verá onde seu verdadeiro interesse reside, e será leal

apenas a mim e a seu rei.

Quando Richard Riche chega com a esposa, ele elogia as mangas novas do vestido dela, de cetim cor de cobre.

— Robert Packington me cobrou 6 xelins — diz ela, num tom indignado. — E 4 pence para forrá-las.

— Riche lhe pagou? — Ele está rindo. — Você não deve pagar a Packington. Só vai incentivá-lo.

Quando chega o próprio Packington, é com um rosto sério; está claro que ele tem algo a dizer, e não é apenas “Como vai?”. Seu amigo Humphrey Monmouth está a seu lado, um dos paladinos da Guilda dos Tecelões.

— William Tyndale ainda está na prisão e provavelmente será morto, segundo ouvi. — Packington hesita, mas é evidente que ele precisa falar. — Eu penso nele em provações, enquanto desfrutamos de nosso banquete. O que você fará por ele, Thomas Cromwell?

Packington é um homem do evangelho, um reformista, um de seus amigos mais antigos. Como amigo, ele lhe apresenta as dificuldades: o próprio Cromwell não pode negociar com as autoridades dos Países Baixos, ele precisa da permissão de Henrique. E Henrique não a concederá, assim como Tyndale nunca daria ao rei uma boa opinião sobre o assunto de seu divórcio. Como Martinho Lutero, Tyndale acredita que o casamento de Henrique com Catarina é válido e nenhuma consideração política mudará sua opinião. Imagina-se que ele cederia, para agradar ao rei da Inglaterra, para fazer dele um amigo; mas Tyndale é um homem obstinado, franco e teimoso como uma mula.

— Então nosso irmão deve ser queimado? É isso que está dizendo? Um feliz Natal para você, secretário-mor. — Ele dá meia-volta. — Dizem que o dinheiro o segue hoje em dia como um cão ao seu dono.

Ele pousa a mão no braço do amigo:

— Rob... — Depois a retira, dizendo de coração: — Eles não estão errados.

Ele sabe o que seu amigo pensa. O secretário-mor é tão poderoso que pode dirigir a consciência do rei; e, se assim é, por que não o faz, a não ser que esteja ocupado demais forrando os próprios bolsos? Ele tem ganas de pedir, dê-me um dia de descanso, em nome de Cristo.

Monmouth diz:

— Você esqueceu nossos irmãos a quem Thomas More queimou? E aqueles

que ele perseguiu até a morte? Aqueles devastados por meses de prisão?

— Ele não derrubou você. Você viveu para vê-lo em derrocada.

— Mas ele esticou o braço para fora do túmulo — diz Packington. — More tinha homens em toda parte, todos no cerco a Tyndale. Foram os agentes dele que o traíram. Se você não pode influenciar o rei, será que a rainha pode?

— A rainha precisa ajudar a si mesma. E, se vocês querem ajudá-la, digam a suas esposas que controlem suas línguas venenosas.

Ele se afasta. Os filhos de Rafe — ou melhor, seus filhos adotivos — o estão chamando para ir até eles ver suas fantasias. Mas a conversa, interrompida, deixa um gosto amargo em sua boca que persiste por toda a festa. Anthony o persegue com piadas, mas ele vira seus olhos para a criança vestida como um anjo: é a enteada de Rafe, filha mais velha de sua esposa, Helen. Ela está usando as asas de pavão que ele mandou fazer há muito tempo para Grace.

Há muito tempo? Não faz nem dez anos, nem perto disso. Os olhos das penas brilham; o dia está escuro, mas fileiras de velas destacam os fios de ouro, a explosão escarlate dos azevinhos presos à parede, as pontas da estrela de prata. Nessa mesma noite, enquanto flocos de neve descem lentamente à terra, Gregory lhe pergunta:

— Onde os mortos vivem agora? Temos Purgatório ou não? Dizem que ainda existe, mas ninguém sabe onde. Dizem que não fazemos bem nenhum em rezar pelas almas que sofrem. Não podemos libertá-las com preces, como podíamos antes.

Quando sua família morreu, ele fez tudo como era costume naqueles tempos: oferendas, missas.

— Eu não sei — responde ele. — O rei não permitirá pregações sobre o Purgatório, é controverso demais. Você pode conversar com o arcebispo Cranmer. — Uma contração de sua boca. — Ele lhe contará as últimas teorias em voga.

— É muito difícil para mim não poder orar por minha mãe. Ou, se me deixam rezar, dizem que estou desperdiçando meu fôlego, porque ninguém me ouve.

Imagine o silêncio agora, naquele lugar que é lugar nenhum, aquela antessala para Deus, onde cada hora tem 10 mil anos de duração. Antes, imaginávamos as almas presas numa grande rede, uma teia trançada por Deus, mantidas seguras

até sua libertação em Seu esplendor. Mas, se a teia é cortada e a rede rompida, elas turbilhonam no espaço gélido, a cada ano caindo mais profundamente no silêncio — até que não haja mais qualquer vestígio seu, absolutamente nenhum?

Ele leva a criança a um espelho para que ela possa ver suas asas. Ela dá passos hesitantes, está pasma consigo mesma. Espelhados, os olhos de pavão falam com ele. Não se esqueça de nós. Sempre que o ano vira, nós estamos aqui: a um sussurro, a um toque, a um sopra de plumas de você.

Quatro dias depois, Eustache Chapuys, o embaixador da Espanha e do Sacro Império Romano, chega a Stepney. Ele encontra uma calorosa recepção da residência, que se aproxima dele e lhe deseja boa estada em latim e francês. Chapuys é saboiano, fala algo de espanhol mas quase nada de inglês, embora esteja começando a entender mais do que fala.

De volta à cidade, as duas casas vêm confraternizando desde uma noite de temporal de outono quando um incêndio começou na residência do embaixador, e seus assistentes vieram, às lágrimas, cobertos de fuligem e carregando tudo que podiam salvar, bater aos portões de Austin Friars. O embaixador perdeu sua mobília e seu guarda-roupa; era impossível evitar o riso ao vê-lo, envolto numa cortina chamuscada apenas com uma camisa por baixo. Sua comitiva passou a noite em colchonetes no chão do salão e o cunhado John Williamson cedeu sua câmara para permitir que o dignitário inesperado a ocupasse. No dia seguinte, o embaixador sofreu o constrangimento de se apresentar em roupas emprestadas, grandes demais para ele; era isso ou vestir a libré Cromwell, um espetáculo do qual a carreira de um embaixador jamais se recuperaria. Ele pôs alfaiates para trabalhar imediatamente.

— Não sei onde vamos replicar aquela violenta seda cor de fogo que é da preferência do senhor. Mas mandarei um recado a Veneza.

No dia seguinte, ele e Chapuys caminharam pelo terreno juntos, sob as vigas enegrecidas. O embaixador gemeu baixo ao revirar com um ramo o lodo preto que seus documentos oficiais haviam se tornado.

— Você acha — indagou ele, erguendo os olhos — que foram os Bolena que fizeram isso?

O embaixador nunca reconheceu Ana Bolena, nunca foi apresentado a ela; ele deve abdicar desse prazer, decretou Henrique, até que esteja pronto para beijar-lhe a mão e chamá-la de rainha. Sua lealdade é para com a outra rainha,

a exilada em Kimbolton; mas Henrique diz, Cromwell, em algum momento teremos que trabalhar para colocar Chapuys frente a frente com a verdade. Eu gostaria de ver o que ele faria, diz o rei, se fosse colocado no caminho de Ana e não pudesse evitá-la.

Hoje o embaixador está usando um chapéu chamativo. Mais do tipo que George Bolena usa do que um chapéu para um conselheiro sério.

— O que acha, Cremuel? — Ele inclina o chapéu para o lado.

— Muito vistoso. Preciso de um desses.

— Permita-me apresentar-lhe... — Chapuys o remove da cabeça com um floreio, mas depois reconsidera a ideia. — Não, não caberia em sua cabeçorra. Mandarei fazer um para você. — Ele toma o braço do outro. — *Mon cher*, sua família e amigos são adoráveis como sempre. Mas podemos falar a sós?

Numa sala privada, o embaixador ataca:

— Estão dizendo que o rei ordenará que os padres se casem.

Ele é pego de surpresa; mas não pretende ser arrancado de seu bom humor.

— Há algum mérito nisso, o de evitar a hipocrisia. Mas eu posso ser claro com você, não vai acontecer. O rei nem cogitaria a hipótese. — Ele olha Chapuys atentamente; terá ele ouvido que Cranmer, arcebispo de Canterbury, mantém uma esposa secreta? Certamente que ele não pode saber. Se soubesse, o denunciaria e o arruinaria. Eles odeiam Thomas Cranmer, esses tais católicos, quase tanto quanto odeiam Thomas Cromwell. Ele indica a melhor cadeira para o embaixador. — Não deseja sentar-se e tomar uma taça de bordeaux?

Mas Chapuys não se deixará ser distraído.

— Ouvi dizer que você colocará todos os monges e freiras na rua.

— De quem ouviu isso?

— Das bocas dos próprios súditos do rei.

— Ouça-me, *monsieur*. Quando meus comissários saem em missão, não ouço nada dos monges além de petições para serem libertos. E as freiras também, elas não suportam sua servidão, vão até meus homens chorando e pedindo liberdade. Tenho em mente um subsídio para os monges, ou tentarei encontrar cargos em que eles se mostrarão úteis. Se forem seminaristas, poderão receber estipêndios. Se padres ordenados, as paróquias terão utilidade para eles. E o dinheiro em que os monges estão sentados, eu gostaria de ver parte dele indo para os párcos. Não sei como é em seu país, mas alguns padres recebem soldos

de cerca de 4 ou 5 xelins anuais. Quem assumirá a cura de almas por uma soma que sequer paga sua lenha? E, quando eu der ao clero uma renda com a qual eles possam viver, quero fazer de cada padre um mentor para um estudante pobre, para que o ajude a passar pela universidade. A próxima geração de padres será culta e, portanto, terá função instrutora. Informe a seu amo isso. Diga a ele que quero que a boa religião se expanda, e não que murche.

Mas Chapuys desvia o rosto. Está puxando nervosamente a manga da camisa, e suas palavras saem atabalhoadas.

— Não conto mentiras a meu amo. Conto-lhe o que vejo. Eu vejo uma população inquieta, Cremuel, vejo descontentamento, vejo miséria; vejo fome, antes da primavera. Você está comprando milho de Flandres. Seja grato ao imperador por permitir que seus territórios alimentem o seu. Esse comércio poderia ser interrompido, você sabe.

— O que ele ganharia em impor fome a meus conterrâneos?

— Ele ganharia o seguinte: assim os ingleses veriam como são malevolamente governados e quão réprobos são os procedimentos do rei. O que seus enviados estão fazendo com os príncipes alemães? Falam, falam, falam, mês após mês. Sei que eles esperam concluir algum tratado com os luteranos e importar suas práticas.

— O rei não mudará a forma da missa. Ele é claro quanto a esse ponto.

— No entanto — Chapuys enterra um dedo no ar —, o herege Melancthon lhe dedicou um livro! Não se pode esconder um livro, pode? Negue o quanto quiser, mas Henrique acabará abolindo metade dos sacramentos e formando uma causa comum com esses hereges, com o propósito de perturbar meu amo, que é seu imperador e soberano. Henrique começa por ridicularizar o papa e terminará abraçando o diabo.

— Você parece conhecê-lo melhor que eu. Henrique, quero dizer. Não o diabo.

Ele está surpreso com o rumo que a conversa tomou. Apenas dez dias atrás ele desfrutou de um agradável jantar com o embaixador, que lhe assegurou que a única preocupação do imperador era com a tranquilidade do reino. Não houve conversas sobre embargos então, não havia planos de esfaimar a Inglaterra.

— Eustache — pergunta ele —, o que aconteceu?

Chapuys se senta abruptamente e desaba à frente com os cotovelos nos

joelhos. Seu chapéu afunda ainda mais, até que ele o remove completamente e o coloca sobre a mesa; não sem um breve olhar de tristeza.

— Thomas, tive notícias de Kimbolton. Dizem que a rainha não consegue manter a comida no estômago, não consegue sequer tomar água. Em seis noites, não dormiu nem duas horas seguidas. — Chapuys esfrega os punhos nos olhos. — Temo que ela não viva mais que um ou dois dias. Não quero que ela morra sozinha, sem ninguém que a ama. Temo que o rei não me permitirá visitá-la. Você me permitiria?

A tristeza do homem o comove; vem do coração, está além de seu mandato como enviado.

— Vamos a Greenwich pedir-lhe permissão — responde ele. — Hoje mesmo. Vamos agora. Ponha de volta seu chapéu.

Na barca, ele diz:

— Isso é um vento de degelo.

Chapuys não parece apreciá-lo. Ele se encolhe, envolto em camadas de pele de ovelha.

— O rei pretendia duelar numa justa hoje — prossegue ele.

Chapuys funga.

— Na neve?

— Ele pode mandar limpar o campo.

— Sem dúvida por monges explorados.

Ele é obrigado a rir da tenacidade do embaixador.

— Temos que rezar para que o jogo tenha corrido bem, assim Henrique estará de bom humor. Ele acaba de visitar a pequena princesa em Eltham. Você deve perguntar pela saúde dela. E deve levar um presente de Ano-Novo para ela, já pensou nisso?

O embaixador lhe prega um olhar furioso. Tudo que ele daria a Elizabeth seria um cascudo na cabeça.

— Fico feliz por não estarmos presos pelo gelo. Às vezes passamos semanas sem poder usar o rio. Já viu quando as águas estão congeladas? — Nenhuma resposta. — Catarina é forte, você sabe. Se não houver mais neve e o rei permitir, talvez você possa viajar amanhã. Ela já esteve doente antes e recuperou suas forças. Você a encontrará sentada na cama lhe perguntando por que apareceu lá.

— Por que está tagarelando? — retruca Chapuys, carrancudo. — Não é do seu feito.

Realmente, por quê? Se Catarina morrer, será ótimo para a Inglaterra. Carlos pode ser seu sobrinho querido, mas ele não seguirá numa batalha por uma mulher morta. A ameaça de guerra desaparecerá. Será uma nova era. Ele só espera que ela não sofra. Eles nada ganhariam com isso.

Eles descem no atracadouro do rei. Chapuys diz:

— Seus invernos são tão longos. Quisera eu ser ainda um jovem na Itália.

A neve está acumulada no cais, os campos ainda cobertos. O embaixador recebeu sua formação em Turim. Lá não se encontra esse tipo de vento, uivando em volta das torres como uma alma atormentada.

— Você está esquecendo os pântanos e o ar fétido, não? — comenta ele. — Eu sou como você, só me lembro do sol.

Ele põe a mão no cotovelo do embaixador para guiá-lo a terra seca. Chapuys mantém uma das mãos firme no chapéu, cujas franjas estão úmidas e lacrimosas; o próprio embaixador parece a ponto de chorar.

Harry Norris é o cavalheiro que os recebe.

— Ah, o “suave Norris” — sussurra Chapuys. — Podia ser pior.

Norris é, como sempre, o exemplo de cortesia.

— Disputamos algumas partidas — diz ele, em resposta a uma pergunta quanto à justa. — Sua Majestade levou a melhor. Os senhores o encontrarão alegre. Agora estamos nos vestindo para o baile de máscaras.

Ele nunca vê Norris sem lembrar-se de Wolsey deixando a própria mansão aos tropeções ante a chegada dos homens do rei, fugindo para uma casa fria e vazia em Esher: o cardeal de joelhos na lama, balbuciando agradecimentos porque o rei enviara, por Norris, um sinal de boa vontade. Wolsey ajoelhava para agradecer a Deus, mas era como se estivesse ajoelhado para Norris. Agora não importa o quanto Norris se esforce por agradar-lhe; ele jamais conseguirá apagar aquela cena de sua mente.

Dentro do palácio, um calor abrasador, pés apressados; músicos afinam seus instrumentos, criados superiores bradam ordens brutas aos de escalões mais baixos. Quando o rei surge para cumprimentá-los, é com o embaixador francês ao lado. Chapuys fica surpreso. Uma saudação efusiva é *de rigueur*; beijo-beijo. Quão suavemente, quão facilmente Chapuys retorna a seu personagem; com um

belo floreio cortês, ele faz sua reverência ao monarca. Um diplomata assim tão experiente conseguiria dobrar os joelhos mesmo que tivessem as juntas rígidas; não pela primeira vez, Chapuys o lembra um professor de dança. O notável chapéu, ele segura ao lado do corpo.

— Feliz Natal, embaixador — diz o rei. E acrescenta esperançosamente: — Os franceses já me mandaram grandes presentes.

— E os presentes do imperador estarão com Vossa Majestade no Ano-Novo — alardeia Chapuys. — O senhor verá que são ainda mais magníficos.

O embaixador francês o encara.

— Feliz Natal, Cremuel. Não jogará boliche hoje?

— Hoje estou a seu dispor, *monsieur*.

— Devo me retirar — diz o francês. Ele parece sardônico; o rei já uniu seu braço ao de Chapuys. — Majestade, posso assegurar nesta despedida que meu amo, o rei Francisco, tem o coração atado ao seu? — Ele desliza o olhar para Chapuys. — Com a amizade da França, o senhor pode ter certeza de que reinará sem importunações e já não precisará mais temer Roma.

— Sem importunações? — repete ele: ele, Cromwell. — Bem, embaixador, é muita generosidade sua.

O francês se vai, deslizando diante dele com um breve cumprimento de cabeça. Chapuys se retesa quando o brocado do sujeito roça sua pessoa; afasta o chapéu, como se para salvá-lo de qualquer contaminação.

— Devo segurá-lo para o senhor? — sussurra Norris.

Mas Chapuys tem sua atenção pregada no rei.

— Catarina, a rainha... — começa ele.

— A princesa viúva de Gales — devolve Henrique com firmeza. — Sim, ouvi dizer que aquela senhora parou de comer novamente. Foi por isso que o senhor veio?

Sussurros de Harry Norris:

— Preciso me vestir como um mouro. Posso retirar-me, senhor secretário?

— Vamos sobreviver sem você — responde ele.

Norris desaparece. Ele é obrigado a passar os dez minutos seguintes de pé, ouvindo o rei mentir fluentemente. Os franceses, diz ele, fizeram-lhe grandes promessas, e ele acredita em todas. O duque de Milão está morto, tanto Carlos quanto Francisco reivindicam o ducado, e, a menos que consigam resolver essa

questão, haverá guerra. Claro, ele sempre será um amigo do imperador, mas os franceses lhe prometeram cidades, prometeram castelos, até mesmo um porto, portanto, comprometido com o bem comum, ele deve pensar seriamente sobre uma aliança formal. No entanto, ele sabe que o imperador tem o poder de fazer ofertas tão boas quanto essa, se não melhores...

— Não pretendo ser dissimulado com o senhor — diz Henrique a Chapuys. — Como inglês, sou sempre direto em minhas negociações. Um inglês nunca mente nem engana, nem mesmo para seu próprio lucro.

— Ao que parece — responde acidamente Chapuys —, Vossa Majestade é boa demais para este mundo. Se não sabe cuidar dos interesses do seu país, devo esclarecer ao senhor: eles não lhe darão território, não importa o que digam. Permita-me recordar-lhe o quanto os franceses foram péssimos amigos da Inglaterra nestes últimos meses, quando o senhor não conseguia alimentar seu povo. Se não fosse pelos carregamentos de grãos que meu amo permite, seus súditos seriam pilhas de cadáveres daqui até a fronteira escocesa.

Um certo exagero aí. Sorte que Henrique está com humor de feriado. Ele gosta de festas, passatempos, uma hora praticando a justa, um iminente baile de máscaras; e gosta mais ainda da ideia de que sua ex-esposa está moribunda tossindo seus últimos suspiros.

— Venha, Chapuys — diz ele. — Conversemos privadamente em meus aposentos.

Ele puxa o embaixador consigo e, acima da cabeça do outro, dá uma piscadela.

Mas Chapuys se detém bruscamente. O rei também é obrigado a parar.

— Majestade, podemos falar sobre isso depois. Minha missão agora não admite atrasos. Peço permissão para cavalgar para onde está a... onde está Catarina. E eu lhe imploro que permita que sua filha vá vê-la. Talvez seja a última vez.

— Oh, eu não poderia deslocar a Srta. Maria para lá e para cá sem a opinião de meu conselho. E não vejo nenhuma esperança de convocá-lo hoje. As estradas, sabe? Quanto ao senhor, como pretende viajar? Tem asas?

O rei ri. Ele segura novamente o embaixador e o arrasta dali. Uma porta se fecha. Ele, Cromwell, fita intensamente a porta. Que outras mentiras serão ditas por trás dela? Chapuys terá que negociar os ossos de sua mãe para corresponder

às grandes ofertas que Henrique afirma ter recebido dos franceses.

Ele pensa, o que o cardeal faria? Wolsey costumava dizer, “Não me venha dizer que ‘ninguém sabe o que se passa atrás de portas fechadas’. Descubra.”.

Pois bem. Ele pensará em alguma razão para se enfiar lá dentro. Mas aqui está Norris bloqueando seu caminho. Em sua fantasia moura, o rosto enegrecido, ele está jocoso e sorridente, mas ainda vigilante. Brincadeira preferida de Natal: vamos acabar com a paciência de Cromwell. Ele está prestes a girar Norris pelos ombros de seda quando um pequeno dragão passa arrastando os pés.

— Quem é esse dragão? — pergunta ele.

Norris bufa com desdém.

— Francis Weston. — Ele empurra a peruca de lã para trás e revela sua testa nobre. — O dito dragão está indo dar um pulinho nos aposentos da rainha para pedir doces.

Ele sorri.

— Você soa amargo, Harry Norris.

Por que não estaria? Ele serviu seu tempo à porta da rainha. No batente da porta.

Norris continua:

— Ela brincar­á com ele e afagará sua pancinha. Ela gosta de bichinhos de estimação.

— Você descobriu quem matou Purkoy?

— Não diga isso — implora o mouro. — Foi um acidente.

De súbito, obrigando-o a se virar, William Brereton se aproxima.

— Cadê aquele dragão maldito dos infernos? — indaga ele. — Meu papel é persegui-lo.

Brereton está vestido como um antigo caçador, usando a pele de uma de suas vítimas.

— Isso é pele de leopardo de verdade, William? Onde a pegou, em Chester? — Ele percebe agudamente: Brereton parece estar nu por baixo. — Isso é apropriado? — pergunta.

Brereton resmunga.

— Essa é a estação da licenciosidade. Se você fosse obrigado a imitar um antigo caçador, usaria uma casaca?

— Contanto que a rainha não seja agraciada com a visão de seus *attributi*.

O mouro ri.

— Não seria nada que ela já não tenha visto.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Sêrio?

Para um mouro, Norris cora muito facilmente.

— Você sabe o que eu quis dizer. Não de William. Do rei.

Ele ergue a mão.

— Por favor, que fique claro que não fui eu quem trouxe esse assunto à tona. Aliás, o dragão foi naquela direção.

Ele se lembra do ano passado, Brereton se exibindo por Whitehall, assobiando como um menino de estábulo; interrompendo-se para comentar com ele:

— Ouvi dizer que, quando não gosta dos documentos que você leva a ele, o rei lhe senta a mão.

Eu é que sentarei a mão em você, pensou ele consigo. Algo nesse homem faz com que ele se sinta um garoto novamente, um bandidinho carrancudo e arruaceiro lutando às margens do rio em Putney. Ele já tinha ouvido antes, esse boato que circulava para rebaixá-lo. Qualquer um que conheça Henrique sabe que é impossível. Ele é o primeiro cavaleiro da Europa, sua cortesia é sem falhas. Se quiser que alguém seja estapeado, Henrique emprega um súdito para fazê-lo; ele não macularia a própria mão. É verdade que às vezes eles discordam. Mas, se Henrique um dia o tocasse, ele se retiraria da função. Há príncipes na Europa que o desejam. Fazem-lhe ofertas; ele poderia ter castelos.

Agora ele vê Brereton dirigindo-se à suíte da rainha, o arco pendurado sobre seu ombro peludo. Ele se vira para falar com Norris, mas sua voz é abafada por um barulho metálico, como um choque de lanças da guarda, e gritos de “Abram alas para o lorde duque de Suffolk”.

A parte superior do corpo do duque ainda está armada; talvez ele estivesse lá fora, praticando a justa sozinho. Seu grande rosto está afogueado, sua barba — mais impressionante a cada ano — espalha-se sobre a couraça. O corajoso mouro se adianta para dizer, “Sua Majestade está em conferência com...”, mas Brandon o empurra de lado, como se estivesse numa cruzada.

Ele, Cromwell, segue nos calcanhares do duque. Se tivesse uma rede, a atiraria sobre ele. Brandon bate o punho uma vez na porta do rei e depois a escancara.

— Deixe o que está fazendo, Majestade. O senhor precisa ouvir isso, por Deus. Está livre da velha. Ela está em seu leito de morte. Logo o senhor será viúvo. Depois poderá livrar-se da outra e unir-se à França pelo casamento, por Deus, e pôr as mãos na Normandia como dote... — Ele percebe a presença de Chapuys. — Oh. Embaixador. Bem, pode se retirar agora. Não há razão para ficar para as sobras. Vá para casa e faça seu próprio Natal, não o queremos aqui.

Henrique empalideceu.

— Pense no que está dizendo! — Ele se aproxima de Brandon como se fosse derrubá-lo; coisa que ele faria se tivesse um machado. — Minha esposa espera uma criança. Eu sou legalmente casado.

— Oh. — Charles infla as bochechas. — Sim, quanto a isso, sim. Mas eu pensei que o senhor tivesse dito...

Ele, Cromwell, se atira na direção do duque. Pelo amor da irmã de Satanás, de onde Charles tirou essa ideia? Unir-se à França? Deve ser um plano do rei, já que Brandon nunca tem planos próprios. Ao que parece, Henrique está aplicando duas políticas externas: uma de que ele está a par e outra que não. Ele agarra Brandon. O duque é uma cabeça mais alto. Ele não acha que será capaz de empurrar aquela meia tonelada de idiotice, ainda mais com os enchimentos e meia armadura. Mas pelo visto ele pode, e rápido, rápido, e tenta tirá-lo do alcance dos ouvidos do embaixador, cujo rosto está perplexo. É só quando ele já arrastou Brandon para o outro lado da câmara de recepções que consegue parar e inquirir:

— Suffolk de onde tirou isso?

— Ah, nós, os lordes da nobreza, sabemos mais do que você. O rei exhibe suas verdadeiras intenções bem claramente para nós. Você acha que conhece todos os segredos de Henrique, mas está enganado, Cromwell.

— Você ouviu o que ele disse. Ana está esperando um filho. Você está louco se acha que Henrique a mandará embora agora.

— Ele é louco se acha que o filho é dele.

— O quê? — Ele se afasta de Brandon como se sua armadura estivesse em brasa. — Se sabe de algo que ateste contra a honra da rainha, é obrigado como súdito a falar abertamente.

Brandon arranca o braço da mão do outro.

— Já falei abertamente antes e veja onde fui parar. Contei a ele sobre Ana e

Wyatt e ele me chutou da corte, mandando-me de volta ao campo no leste.

— Arraste Wyatt para isso e eu chutarei você para a China.

O rosto do duque fica congestionado de raiva. Como eles chegaram a esse ponto? Apenas algumas semanas atrás, Brandon pediu-lhe que fosse padrinho do filho que ele tem com sua nova pequena esposa. Mas agora o duque rosna:

— Volte para o seu ábaco, Cromwell. Você só serve para arranjar dinheiro. Com os assuntos das nações, você não consegue lidar, você é um homem comum sem nenhuma posição, o próprio rei diz isso, você não está apto para falar com príncipes.

A mão de Brandon em seu peito, empurrando-o para trás: mais uma vez, o duque avança na direção do rei. É Chapuys, congelado em dignidade e tristeza, que impõe alguma ordem, interpondo-se entre o rei e a massa trêmula e fêrvida do duque.

— Peço licença para me retirar, Majestade. Como sempre, eu o descubro um príncipe dos mais graciosos. Se eu chegar a tempo, como confio que chegarei, meu amo ficará confortado em receber notícias dos momentos finais de sua tia pela mão de seu próprio enviado.

— Eu não poderia fazer menos que isso — responde Henrique, agora mais calmo. — Vá com Deus.

— Eu parto à primeira luz — conclui Chapuys; rapidamente eles se retiram, por entre os dançarinos e os cavaleiros de pau, passando por um tritão em seu banco de areia, contornando um castelo que vem chacoalhando na direção deles, pedras pintadas sobre rodas lubrificadas.

Lá fora, no cais, Chapuys se vira para ele. Na mente do embaixador, engrenagens lubrificadas devem estar girando; o que ouviu falar sobre a mulher a quem chama de concubina já deve estar codificando em despachos. Eles não podem fingir entre si que ele não ouviu; quando Brandon grita, árvores caem na Alemanha. Não seria surpreendente se o embaixador estivesse se rejubilando em triunfo: não com a ideia de um casamento francês, com certeza, mas com a ideia do eclipse de Ana.

Mas Chapuys contém seu semblante; ele está muito pálido, muito sério.

— Cremuel — comenta ele —, eu notei os comentários do duque. Sobre a sua pessoa. Sobre a sua posição. — Ele pigarreia. — Bem, não que faça muita diferença, mas eu mesmo sou um homem de origens humildes. Embora talvez

não tão baixas...

Ele conhece a história de Chapuys. Sua família é de advogados rasteiros, a duas gerações de distância do chão.

— E mais uma vez, não que faça muita diferença, mas acredito que você seja apto para o papel. Eu o apoiaria em qualquer assembleia debaixo do céu. Você é um homem eloquente e instruído. Se eu quisesse um advogado para defender minha vida, eu lhe daria a tarefa.

— Assim você me lisonjeia, Eustache.

— Volte para Henrique. Convença-o a permitir que a princesa veja sua mãe. Uma mulher moribunda, que política poderia ferir, que interesse?... — Um soluço seco, irritado, brota da garganta do pobre homem. Num rápido momento ele se recupera. Ele descobre a cabeça e fita o chapéu, como se não conseguisse se lembrar onde o adquiriu. — Eu não acho que deveria usar este chapéu — diz ele. — É um chapéu mais para o Natal, não acha? E detestaria perdê-lo, é bastante singular.

— Dê cá. Vou enviá-lo para sua casa, assim você poderá usá-lo em seu retorno. — Quando sair do luto, pensa ele. — Escute... Não posso lhe dar muitas esperanças quanto a Maria.

— Pois você é um inglês, que nunca mente nem engana. — Chapuys dá uma gargalhada. — Jesus-Maria-José!

— O rei não permitirá nenhum encontro que possa reforçar o espírito de desobediência de Maria.

— Mesmo a mãe dela estando à beira da morte?

— Principalmente nesse momento. Não queremos juramentos, promessas no leito de morte. Você entende isso?

Ele fala com seu barqueiro: ficarei aqui para ver como saem as coisas com o dragão, se ele comerá o caçador ou o quê. Leve o embaixador a Londres, ele precisa se preparar para uma viagem.

— Mas como você voltará? — pergunta Chapuys.

— Rastejando, se fosse pela vontade de Brandon. — Ele põe a mão no ombro do homenzinho e diz em voz baixa: — Isso abre caminho, sabe? Para uma aliança com o seu amo. Que será muito boa para a Inglaterra e nosso comércio, e é o que tanto você quanto eu queremos. Catarina se colocou entre nós.

— E quanto ao casamento francês?

— Não haverá casamento francês. É um conto de fadas. Vá. Em uma hora estará escuro. Espero que descanse esta noite.

O poente já toma todo o Tâmis; há recessos crepusculares nas curvas das ondas e uma sombra azulada se derrama ao longo das margens. Ele diz a um dos remadores, você acha que as estradas do norte estarão abertas? Deus me perdoe, senhor, responde o homem: eu só conheço o rio, e mesmo assim nunca passei de Enfield.

Quando ele chega de volta a Stepney, a luz das tochas se derrama da casa, e os meninos cantores, num estado de grande entusiasmo, estão trinando no jardim; os cães latem, vultos negros saltitam na neve, e uma dezena de montes brancos e fantasmagóricos assoma sobre os arbustos congelados. Um deles, mais alto que o resto, veste uma mitra; ele tem o toco de uma cenoura pintada de azul como nariz, e um toco menor como pênis. Gregory corre em sua direção, num frenesi de empolgação:

— Veja, senhor, fizemos o papa de neve.

— Primeiro fizemos o papa. — O rosto rubro junto dele pertence a Dick Purser, o rapaz que cuida dos cães de guarda. — Fizemos o papa, senhor, e, como ele parecia inofensivo sozinho, fizemos um grupo de cardeais. Gostou?

Seus garotos da cozinha enxameiam à sua volta, enregelados e ensopados. Toda a casa está do lado de fora, ou ao menos todos os que têm menos de 30 anos. Eles acenderam uma fogueira — bem longe dos bonecos de neve — e parecem estar dançando ao redor do fogo, liderados por seu garoto Christophe.

Gregory recupera o fôlego.

— Só fizemos isso para dar mais destaque à supremacia do rei. Não acho que seja errado, porque podemos tocar uma trombeta e depois derrubá-los aos chutes, e o primo Richard disse que podíamos, ele próprio modelou a cabeça do papa, e mestre Wriothesley, que veio aqui procurar pelo senhor, foi quem enterrou o pequeno membro do papa, e ficou rindo.

— Que crianças vocês são! — diz ele. — Gostei muito deles. Teremos a fanfarra amanhã, quando houver mais luz, que tal?

— E podemos disparar um canhão?

— Onde eu arranjaria um canhão?

— Fale com o rei, senhor.

Gregory está rindo; ele sabe que um canhão já seria ir longe demais.

O olho afiado de Dick Purser recaiu no chapéu do embaixador.

— Pode nos emprestar isto? Fizemos mal a tiara do papa, porque não sabíamos como é.

Ele gira o chapéu na mão.

— Tem razão, isto é mais o tipo de coisa que Farnese usa. Mas não. Este chapéu é uma incumbência sagrada. Devo satisfações ao imperador como guardião deste chapéu. Agora, deixem-me ir — conclui ele, rindo —, preciso escrever cartas, teremos grandes mudanças em breve.

— Stephen Vaughan está aqui — diz Gregory.

— Está? Ah. Ótimo. Tenho uma tarefa para ele.

Ele marcha rumo a casa, a luz das tochas lambendo seus calcanhares.

— Pobre mestre Vaughan — diz Gregory. — Acho que ele veio para o jantar.

— Stephen! — Um abraço apressado. — Não há tempo — diz ele. — Catarina está morrendo.

— O quê? — diz seu amigo. — Não ouvi nada disso na Antuérpia.

Vaughan vive em trânsito, e está prestes a pôr-se em trânsito novamente. Ele é criado de Cromwell, é criado do rei, olhos e ouvidos do rei do outro lado do Mar Estreito; nada acontece com os comerciantes flamengos ou as guildas de Calais que Stephen não saiba e não comunique.

— Sou obrigado a dizer, senhor secretário: você mantém uma casa bastante desordenada. Dá no mesmo jantar no meio do mato.

— Você está no meio do mato — retruca ele. — Mais ou menos. Ou estará em breve. Você deve pegar a estrada.

— Mas eu acabo de sair do navio!

É assim que Stephen manifesta sua amizade: queixas constantes, críticas e resmungos. Ele se vira e dá ordens: deem comida a Vaughan, deem água a Vaughan, ponham Vaughan na cama, tenham um bom cavalo pronto para partir ao amanhecer.

— Não se desespere, pode passar a noite antes de partir. Depois você deverá escotar Chapuys até Kimbolton. Você fala as línguas, Stephen! Nada deve escapar, seja dito em francês ou espanhol ou latim; eu preciso saber cada palavra.

— Ah. Entendo.

Stephen se recompõe.

— Porque eu acho que, se Catarina morrer, Maria ficará desesperada para tomar um navio para os domínios do imperador. Ele é seu primo, afinal, e, embora ela não devesse confiar nele, tampouco pode ser convencida disso. E nós realmente não podemos acorrentá-la a uma parede.

— Conserve-a no norte. Conserve-a onde não haja porto a menos de dois dias de viagem.

— Se Chapuys visse alguma saída para ela, Maria voaria com o vento e se lançaria ao mar numa peneira.

— Thomas. — Vaughan, um homem sério, põe a mão sobre ele. — O que é toda essa agitação? Não é do seu feitio. Está com medo que uma mocinha lhe passe a perna?

Ele gostaria de contar a Vaughan o que ocorreu, mas como transmitir a a urdidura do evento? A suavidade das mentiras de Henrique, o peso sólido de Brandon quando ele o empurrou, arrastou, forçou-o para longe do rei; a umidade crua do vento em seu rosto, o gosto de sangue na boca. Será sempre assim, pensa ele. Continuará sendo sempre assim. Advento, Quaresma, Pentecostes.

— Escute — suspira ele —, preciso ir; preciso escrever a Stephen Gardiner na França. Se este é o fim de Catarina, é necessário que ele saiba por mim.

— Nunca mais prostrar-nos aos pés franceses pela nossa salvação — diz Stephen. Aquilo é um sorriso? Um sorriso de lobo. Stephen é comerciante, e ele valoriza o comércio dos Países Baixos. Quando as relações com o imperador afundam, a Inglaterra fica sem dinheiro. Quando o imperador está do nosso lado, ficamos ricos. — Podemos resolver todas as contendas — diz Stephen. — Catarina foi a causa de tudo. Seu sobrinho ficará tão aliviado quanto nós. Ele nunca quis invadir nossas terras. E agora, com Milão, ele tem o suficiente com o que se preocupar. Que se engalfinhe com os franceses, se precisar. Nosso rei estará livre. A mão livre para agir como bem quiser.

Isso é o que me preocupa, pensa ele. Essa mão livre. Ele pede licença, mas Vaughan o detém.

— Thomas. Você está se arruinando com esse ritmo. Alguma vez se deu conta de que talvez metade de seus anos tenham sido consumidos?

— Metade? Stephen, eu tenho 50 anos.

— Eu esqueci. — Uma risadinha. — Cinquenta, já? Não acho que você tenha

mudado muito desde que o conheci.

— Isso é uma ilusão — diz ele. — Mas eu prometo descansar um pouco, quando você descansar.

Está quente em seu gabinete. Ele fecha os postigos, isolando-se do clarão branco do exterior. Senta-se para escrever a Gardiner, elogiando-o. O rei está muito satisfeito com sua embaixada na França. Enviará fundos.

Ele baixa a pena. O que será que deu em Charles Brandon? Ele sabe que há boatos de que o filho de Ana não é de Henrique. Houve até mesmo boatos de que ela sequer está grávida, que está apenas fingindo; e é verdade que ela parece muito incerta em determinar quando a criança nascerá. Mas ele pensava que esses rumores estivessem soprando da França para a Inglaterra; e o que eles poderiam saber na corte francesa? Desdenhou-os como pura malícia, vazia de fundamento. É o que Ana atrai; é seu infortúnio, ou um deles.

Sob sua mão há uma carta de Calais, de lorde Lisle. Ele se sente exausto só de pensar no que leu. Lisle lhe conta tudo sobre seu dia de Natal, desde o momento em que acordou na madrugada gelada. Em algum ponto das festividades, lorde Lisle recebeu um insulto: o prefeito de Calais o deixou esperando. Então Lisle, por sua vez, fez o prefeito esperar... e agora ambas as partes escrevem para ele: o que é mais importante, secretário-mor, governador ou prefeito? Diga que sou eu, diga que sou eu!

Lorde Arthur Lisle é o mais agradável homem do mundo; exceto, óbvio, quando o prefeito se coloca em seu caminho. Mas está em dívida com o rei e há sete anos não paga um centavo. Talvez ele devesse fazer algo a respeito; o tesoureiro da câmara do rei lhe enviou uma mensagem sobre o caso. E por falar nisso... Harry Norris, devido a sua posição no serviço imediato do rei, por algum costume cuja origem e utilidade ele nunca conseguiu decifrar, está encarregado dos fundos secretos que o rei guardou em suas principais casas, para uso em alguma emergência; não está claro o que liberaria esses fundos, ou de onde vêm, ou quanto há armazenado, ou quem teria acesso ao dinheiro caso Norris fosse... caso Norris não estivesse de serviço quando surgisse a necessidade. Ou se Norris por acaso sofresse algum acidente. Mais uma vez ele baixa a pena. Começa a imaginar acidentes. Pousa a cabeça nas mãos, leva as pontas dos dedos aos olhos cansados. Ele vê Norris despencando de seu cavalo. Vê Norris caído na lama. Ele diz a si mesmo, “Volte para o seu ábaco, Cromwell”.

Seus presentes de Ano-Novo já começaram a chegar. Um partidário irlandês lhe enviou cobertores brancos irlandeses e um frasco de *aqua vitae*. Sua vontade era enrolar-se nos cobertores, emborcar o frasco, rolar no chão e dormir.

A Irlanda está tranquila neste Natal, em uma paz que não se via há quarenta anos. Esse feito é fruto principalmente dos enforcamentos que ele ordenou. Não muitos: apenas as pessoas certas. É uma arte, uma arte necessária; os líderes irlandeses andavam implorando ao imperador que os deixasse usar seu país como ponto de desembarque, para invadirem a Inglaterra.

Ele suspira. Lisle, prefeito, insultos, Lisle. Calais, Dublin, fundos secretos. Ele quer que Chapuys chegue a Kimbolton em tempo. Mas não quer que Catarina melhore. Não se deve desejar, ele sabe, a morte de nenhuma criatura humana. A morte é o príncipe das pessoas, não somos nós quem a governamos; quando pensamos que ela está ocupada em outras cercanias, ela derruba nossa porta, entra e limpa as botas em nós.

Ele folheia seus papéis. Mais crônicas de monges que passam a noite inteira na taberna e voltam cambaleando para o claustro ao amanhecer; priores encontrados no matagal com prostitutas; mais orações, mais súplicas; histórias de clérigos negligentes que não batizam crianças ou enterram os mortos. Ele os põe de lado. Basta. Um desconhecido lhe escreve — um velho, a julgar pela caligrafia — para dizer que a conversão dos maometanos é iminente. Mas que tipo de igreja podemos oferecer-lhes? A menos que haja uma mudança avassaladora em breve, diz a carta, os pagãos estarão em trevas maiores que antes. E você é vigário-geral, mestre Cromwell, é o vice-regente do rei: o que fará sobre isso?

Ele se pergunta, será que os turcos sobrecarregam seu povo tanto quanto Henrique me sobrecarrega? Se eu tivesse nascido infiel, poderia ter sido pirata. Poderia ter navegado no Mar do Meio.

Quando vira o papel seguinte, ele quase ri; alguma mão colocou diante dele uma robusta concessão de terras, do rei para Charles Brandon. São pastos e florestas, campinas e bosques, e as mansões salpicadas nesse espaço todo: Harry Percy, o conde de Northumberland, entregou essas terras à Coroa como parte do pagamento de suas imensas dívidas. Harry Percy, pensa ele: eu disse que o derrubaria pelo papel que ele teve na destruição de Wolsey. E, por Deus, nem precisei suar a camisa; com seu modo de vida, ele destruiu a si mesmo. Só resta

agora tomar seu condado, como jurei que faria.

A porta se abre discretamente; é Rafe Sadler. Ele ergue os olhos, surpreso.

— Você deveria estar com a sua gente.

— Ouvi dizer que esteve na corte, senhor. Pensei que talvez houvesse cartas para escrever.

— Leia estas, mas não esta noite. — Ele reúne os papéis das concessões. — Brandon talvez não receba todos esses presentes à ocasião deste Ano-Novo. — Ele conta a Rafe o que aconteceu: a explosão de Suffolk, o rosto pasmo de Chapuys. Não conta o que Suffolk disse, de que ele não estava apto a tratar dos assuntos de homens superiores; balança a cabeça e diz: — Charles Brandon, hoje eu estava olhando para ele... Sabe que costumavam enaltecê-lo como um sujeito bonito? A própria irmã do rei se apaixonou por ele. Mas, agora, aquela grande chapa que é seu rosto... tem a mesma graça que uma frigideira engordurada.

Rafe puxa um banco baixo e se senta, pensativo, os braços apoiados na mesa, a cabeça sustentada neles. Os dois estão acostumados com a companhia silenciosa um do outro. Ele aproxima uma vela e observa de cenho franzido mais alguns papéis, faz marcas nas margens. O rosto do rei surge à sua frente: não Henrique como estava hoje, mas Henrique como estava em Wolf Hall, chegando do jardim, a expressão de fascinação, gotas de chuva em sua casaca: e o círculo pálido do rosto de Jane Seymour a seu lado.

Após algum tempo, ele volta-se para Rafe:

— Tudo bem aí embaixo, rapazinho?

Rafe responde:

— Esta casa está sempre cheirando a maçãs.

É verdade; Great Place está situada entre pomares, e o verão parece permanecer nos sótãos onde as frutas são armazenadas. Em Austin Friars, os jardins são novos, com mudas ainda presas a estacas. Mas esta é uma casa antiga; foi outrora uma casa de campo, mas Sir Henry Colet, pai do culto diácono da Catedral de St. Paul, a tornou uma residência para uso próprio. Quando Sir Henry morreu, sua esposa, Lady Christian, terminou seus dias aqui, e depois, de acordo com as orientações deixadas no testamento de Sir Henry, a casa foi transferida para a Guilda dos Comerciantes de Tecidos. Ele a detém numa sublocação de cinquenta anos, que deve seguir até o fim de sua vida e passar a Gregory. Os filhos de Gregory podem crescer envoltos no aroma de pães

assando ao forno, de mel e maçãs cortadas, de passas e cravo. Ele diz:

— Rafe. Preciso casar Gregory.

— Farei um memorando — diz Rafe, e ri.

Há um ano, Rafe não conseguia rir. Thomas, seu primeiro filho, viveu apenas um dia ou dois depois de ser batizado. Rafe reagiu como um cristão, mas o acontecimento o tornou mais grave, e ele já era um jovem sério. Helen tinha filhos com seu primeiro marido, mas nunca perdera um; ela não aceitou bem. No entanto, este ano, depois de um parto longo e difícil que a apavorou, ela teve outro filho no berço, e eles também o chamaram Thomas. Que o nome lhe traga melhor sorte que a seu irmão; embora tenha vindo ao mundo com relutância, o menino parece forte, e Rafe relaxou na paternidade.

— Senhor — diz Rafe —, eu estava querendo lhe perguntar. Este é seu novo chapéu?

— Não — responde ele gravemente. — É o chapéu do embaixador da Espanha e do Império. Gostaria de experimentar?

Uma comoção na porta. É Christophe. Ele não pode entrar da forma comum; trata as portas como suas inimigas. Seu rosto ainda está preto da fogueira.

— Uma mulher está aqui para vê-lo, senhor. Muito urgente. Ela não aceita ser mandada embora.

— Que tipo de mulher?

— Muito velha. Mas não tão velha que a chutaríamos escada abaixo. Não numa noite fria como esta.

— Oh, pelo amor de Deus — diz ele. — Vá lavar o rosto, Christophe. — Ele se vira para Rafe. — Uma mulher desconhecida. Estou sujo de tinta?

— Está ótimo.

Em seu grande salão, esperando por ele à luz dos candelários, uma senhora que ergue o véu e fala com ele em castelhano: Maria, Lady Willoughby, outrora Maria de Salinas. Ele está perplexo: como é possível, pergunta ele, que ela tenha vindo sozinha de sua casa em Londres, à noite, na neve?

Ela o interrompe:

— Eu venho ao senhor em desespero. Não posso chegar ao rei. Não há tempo a perder. Preciso de uma permissão. O senhor tem que me dar um papel. Caso contrário, quando eu chegar a Kimbolton não me deixarão entrar.

Mas ele passa a conversa para o inglês; em qualquer trato com os amigos de

Catarina, ele quer testemunhas.

— Minha senhora, não tem como viajar neste tempo.

— Veja. — Ela procura uma carta. — Leia isto, é do médico da rainha, de próprio punho. Minha ama sente dor e está apavorada e sozinha.

Ele pega o papel. Há cerca de 25 anos, quando a comitiva de Catarina chegou pela primeira vez à Inglaterra, Thomas More os descreveu como pigmeus corcundas, refugiados do inferno. Ele não pode opinar; estava nessa época ainda fora da Inglaterra, e longe da corte, mas isso soa como um dos exageros poéticos de More. Esta dama chegou um pouco depois; era a favorita de Catarina; foi só quando de seu casamento com um inglês que elas se separaram. Ela era bonita então, e agora, uma viúva, ainda é bela; ela sabe disso e está disposta a usá-lo em seu favor, mesmo estando prostrada pela infelicidade e azul de frio. Ela tira o manto com um rodopio e o entrega a Rafe Sadler, como se ele estivesse ali para este fim. Ela atravessa a sala e lhe toma as mãos.

— Por Deus, Thomas Cromwell, deixe-me ir. Você não me recusará isto.

Ele olha para Rafe. O rapaz é tão imune à paixão espanhola quanto seria a um cachorro molhado rascando a porta.

— A senhora deve compreender, Lady Willoughby — diz Rafe friamente —, que isto é um assunto de família, nem sequer um assunto de conselho. Pode implorar o quanto quiser ao secretário-mor, mas cabe ao rei dizer quem visita a viúva.

— Escute, senhora — diz ele. — O clima está horrível. Mesmo que degele esta noite, estará pior no norte. Não posso garantir sua segurança, mesmo que eu lhe dê uma escolta. A senhora poderia cair de seu cavalo.

— Eu irei a pé! — brada ela. — Como pretende deter-me, senhor secretário? Pondo-me em correntes? Mandará que seu camponês de rosto preto me amarre e me tranque num armário até que a rainha esteja morta?

— Está sendo ridícula, madame — comenta Rafe. Ele parece sentir certa necessidade de intervir e protegê-lo, a Cromwell, das artimanhas das mulheres. — É como diz o secretário. A senhora não pode cavalgar com este tempo. Já não é mais jovem.

Entre dentes, ela profere uma oração, ou maldição.

— Obrigada pelo galante lembrete, Sr. Sadler, sem seu conselho eu poderia acreditar que ainda tenho 16 anos. Ah, está vendo? Sou uma inglesa agora! Sei

como dizer o oposto do que penso. — Uma sombra de maquinação atravessa seu rosto. — O cardeal teria permitido minha visita.

— Então é uma pena que ele não esteja aqui para nos dizer isso. — Mas ele pega a capa das mãos de Rafe e a coloca de volta nos ombros da mulher. — Vá, então. Vejo que está determinada. Chapuys está viajando até lá com uma permissão, por isso talvez..

— Eu jurei estar na estrada ao amanhecer. Deus me dê as costas se eu não estiver. Ultrapassarei Chapuys, ele não é impedido como eu sou.

— Mesmo que a senhora chegue até lá... é um terreno duro e as estradas mal dignas de serem chamadas estradas. Talvez a senhora chegue ao castelo e ali tenha uma queda. Mesmo sob as muralhas.

— O quê? — indaga ela. — Oh, entendo.

— Bedingfield tem ordens a obedecer. Mas ele não deixaria uma dama em apuros numa nevasca.

Ela o beija.

— Thomas Cromwell. Deus e o imperador o recompensarão.

Ele assente.

— Eu confio em Deus.

Ela se retira às pressas. Eles ouvem sua voz erguendo-se para perguntar:

— O que são esses estranhos montes de neve?

— Espero que não respondam — comenta ele com Rafe. — Ela é uma papista.

— Ninguém jamais me beija dessa forma — reclama Christophe.

— Talvez se você tivesse lavado a cara — responde ele, olhando atentamente para Rafe. — Você não teria deixado que ela fosse.

— Não teria — repete Rafe rigidamente. — A artimanha não me teria ocorrido. E mesmo que tivesse... não, não permitiria, eu temeria desagradar ao rei.

— É por isso que você vai prosperar e viver até longa idade. — Ele dá de ombros. — Ela viajará. Chapuys viajará. E Stephen Vaughan vigiará a ambos. Você vem amanhã de manhã? Traga Helen e suas filhas. Não o bebê, está muito frio. Vamos fazer uma fanfarra, segundo Gregory, e depois pisotear a corte papal até acabar com todos eles.

— Ela adorou as asas — diz Rafe. — Nossa menininha. Quer saber se pode

usá-las o ano todo.

— Não vejo por que não. Até que Gregory tenha uma filha crescidinha o suficiente.

Eles se abraçam.

— Tente dormir, senhor.

Ele sabe que as palavras de Brandon perseguirão sua mente quando deitar a cabeça no travesseiro.

— Com os assuntos das nações, você não consegue lidar, não está apto a falar com príncipes.

Inútil jurar vingança contra o duque Frigideira Engordurada. Ele mesmo se arruinará, e agora, talvez, de uma vez por todas, gritando por toda Greenwich que Henrique é corno. Nem mesmo um favorito de longa data pode safar-se dessa, não é mesmo?

Além disso, Brandon tem razão. Um duque pode representar seu amo na corte de um rei estrangeiro. Ou um cardeal; mesmo quando vem de nascimento baixo, como Wolsey, seu cargo na Igreja o eleva. Um bispo como Gardiner; pode ser um homem de proveniência duvidosa, mas por seu cargo, ele é Stephen Winchester, encarregado da mais rica sé da Inglaterra. Mas Cremuel continua a ser um ninguém. O rei lhe dá títulos que ninguém consegue entender no exterior e empregos que ninguém na Inglaterra consegue fazer. Ele multiplica cargos, deveres se lhe acumulam: o simples mestre Cromwell sai de casa pela manhã, o simples mestre Cromwell chega à noite. Henrique lhe ofereceu o cargo de lorde chanceler; não, não perturbe lorde Audley, disse-lhe ele. Audley faz um bom trabalho; Audley, na verdade, faz o que mandam. Mas talvez ele devesse ter concordado? Ele suspira ante a ideia de usar o colar do ofício. Ninguém pode ser tanto lorde chanceler quanto secretário-mor, não? E ele não abdicará desse cargo. Não importa se lhe dá um status menor. Não importa se os franceses não compreendem. Que julguem pelos resultados. Brandon pode fazer uma balbúrdia, sem reprovação, perto da pessoa real; pode dar tapinhas nas costas do rei e chamá-lo de Harry; pode rir com o rei sobre antigas piadas e façanhas do terreiro da justa. Mas os dias da cavalaria estão acabados. Em breve, musgo crescerá no campo de justa. Agora têm início os dias do agiota, os dias do mercenário, quando banqueiros se sentam com banqueiros e os reis são os garotos que lhes servem à mesa.

Por fim, ele abre o postigo para dar boa-noite ao papa. Ele ouve as gotas caírem de uma calha acima, ouve um chio profundo quando a neve desliza pelas telhas sobre sua cabeça e cai como um lençol branco que por um segundo oblitera sua visão. Seus olhos seguem o percurso do gelo; com uma pequena lufada semelhante a fumaça branca, a neve caída se mescla à lama pisada no chão. Ele estava certo quanto ao vento do rio. Ele fecha o postigo. O degelo começou. O grande corruptor de almas, com seu conclave, é deixado a derreter no escuro.

No Ano-Novo, ele visita Rafe em sua nova casa em Hackney, três andares de tijolo e vidro junto à Igreja de Santo Agostinho. Quando o visitou pela primeira vez, no final do verão, ele observou que tudo estava pronto para a vida feliz de Rafe: potes de manjerição no peitoril das janelas da cozinha, hortas semeadas e as abelhas em suas colmeias, as pombas em seus pombais e as treliças em seus lugares para serem escaladas pelas rosas; as paredes de carvalho claro brilhando à espera de tinta.

Agora a casa está habitada, ocupada, com cenas dos evangelhos reluzindo na parede: Cristo como pescador de homens, um servo assustado provando do bom vinho em Canaã. Numa sala superior, à qual levam os degraus íngremes da sala de visitas, Helen lê o evangelho de Tyndale enquanto suas criadas costumam: "... pela graça sois salvos." São Paulo não tolera que uma mulher ensine, mas isso não é exatamente ensinar. Helen deixou para trás a pobreza de sua vida progressa. O marido que a espancava está morto ou partiu para tão longe que é dado como morto. Ela pode tornar-se esposa de Sadler, um homem em ascensão no serviço de Henrique; pode tornar-se uma anfitriã serena, uma mulher instruída. Mas não pode abandonar sua história. Um dia o rei perguntará, "Sadler, por que não traz sua esposa à corte, por acaso ela é feia demais para vir?".

Ele interpelará: "Não, senhor, muito bonita." Mas Rafe acrescentará, "Helen nasceu humilde e não conhece as maneiras da corte".

"Por que se casou com ela, então?", Henrique indagará. E depois seu rosto ficará mais brando: Ah, entendo, por amor.

Agora Helen toma suas mãos e lhe deseja que a boa sorte continue.

— Rezo a Deus todos os dias pelo senhor, pois o senhor foi a origem de minha felicidade quando me levou para sua casa. Rogo que Ele lhe dê saúde e sorte e o ouvido atento do rei.

Ele a beija e a abraça como se ela fosse sua filha. Seu afilhado está gritando na sala ao lado.

Na Noite de Reis, a última lua de marzipã é comida. A estrela é retirada, sob a supervisão de Anthony. Suas pontas agudas são encaixadas na capa e ela é cuidadosamente levada para o depósito. As asas de pavão entram suspirando em sua mortalha de linho e são penduradas em seu gancho atrás da porta.

Chegam relatos de Vaughan de que a velha rainha está melhor. Chapuys está tão tranquilo quanto à saúde dela que já se pôs na estrada de volta para Londres. Ele a encontrou acabada, tão fraca que mal conseguia sentar-se. Mas agora está comendo novamente, extraíndo conforto da companhia de sua amiga Maria de Salinas; os carcereiros foram forçados a admitir tal dama, tendo ela sofrido um acidente logo ali nas muralhas.

Contudo, mais tarde ele ouvirá como, na noite de 6 de janeiro — praticamente no mesmo momento, pensa ele, em que desarmávamos nossa decoração de Natal —, Catarina começou a ficar inquieta. Ela se sentiu enfraquecida e durante a noite disse a seu capelão que gostaria de tomar a comunhão: perguntando ansiosamente, que horas são agora? Ainda não são quatro horas, respondeu-lhe ele, mas em caso de urgência, a hora canônica pode ser adiantada. Catarina esperou, os lábios se movendo, uma medalha de santo enfiada na palma da mão.

Catarina diz que morrerá hoje mesmo. Ela estudou a morte, muitas vezes a viu aproximar-se, e não teme sua chegada. Ela dita seus desejos quanto aos arranjos de seu enterro, mas não tem esperança de que esses desejos sejam observados. Ela pede que sua casa receba um valor de compensação, que suas dívidas sejam liquidadas.

Às dez da manhã um padre a unge, tocando o santo óleo em suas pálpebras e lábios, mãos e pés. Essas pálpebras agora serão seladas e não tornarão a se abrir, ela não enxergará nem verá. Estes lábios encerraram suas preces. Estas mãos não assinarão mais nenhum documento. Estes pés terminaram sua jornada. Ao meio-dia sua respiração é estertorosa, ela alcança o fim com sofrimento. Às duas, com a luz sendo refletida dos campos nevados para sua câmara, ela abdica da vida. Quando traga seu último suspiro, as formas sombrias de seus guardiões se aproximam. Eles relutam em perturbar o capelão idoso e as velhas senhoras que se movem junto ao leito. Antes que terminem de lavá-la, Bedingfield já

colocou seu cavaleiro mais rápido na estrada.

Oito de janeiro: a notícia chega à corte. Infiltra-se para fora das câmaras do rei e invade as escadarias, subindo até as salas onde as damas da rainha estão se vestindo, depois atravessa os cubículos onde os meninos da cozinha cochilam aglomerados, e cruza trilhas e passagens entre as adegas e as câmaras frias de conservar peixe, subindo novamente aos jardins, rumo às galerias, e saltando às câmaras atapetadas onde Ana Bolena cai de joelhos e diz:

— Finalmente, meu Deus, já não era sem tempo!

Os músicos afinam os instrumentos para as celebrações.

A rainha Ana veste amarelo, a cor que vestia quando apareceu pela primeira vez na corte, dançando num baile de máscaras: o ano, 1521. Todos lembram, ou dizem lembrar: a segunda filha de Bolena com seus ousados olhos escuros, sua rapidez, sua graça. A moda do amarelo começara entre os ricos da Basileia; por alguns meses, se um costureiro conseguia a cor, podia fazer fortuna. E então de repente o amarelo estava por todo lado, em mangas e meias e até em faixas de cabelo para quem não podia pagar por mais que uma tira de pano. Na época da estreia de Ana, a cor já estava em queda no exterior; nos domínios do Imperador, encontraríamos uma mulher num bordel içando suas tetas gordas e apertando seu corpete amarelo.

Ana sabe disso? Hoje seu vestido é cinco vezes mais caro que aquele que ela usou quando seu pai era sua única fonte de dinheiro. É um traje decorado com pérolas, de forma que ela se move em um turbilhão de luz rósea. Ele pergunta a Lady Rochford, seria esta uma nova cor, ou uma antiga que voltou? A senhora a usará?

Ela responde, pessoalmente, não acho que caia bem em qualquer pele. E Ana deveria ater-se ao preto.

Nessa feliz ocasião, Henrique quer exibir a princesa. Seria de se imaginar que uma criança tão pequena — ela tem agora quase 2 anos e meio — ficasse olhando em volta em busca de sua ama-seca, mas Elizabeth ri quando é passada de mão em mão pelos cavaleiros, esfregando suas barbas e batendo em seus chapéus. O pai a faz quicar em seus braços.

— Ela está ansiosa para ver o irmãozinho, não é, docinho?

Há uma inquietação entre os cortesãos; toda a Europa sabe da condição de Ana, mas é a primeira vez que isso é mencionado em público.

— E eu sofro da mesma impaciência — continua o rei. — Tem sido uma espera consideravelmente longa.

O rosto de Elizabeth está perdendo seu formato redondo de bebê. Vida longa à princesa Cara de Fuinha. Os cortesãos mais velhos dizem que podem ver o pai do rei na menina, e seu irmão, o príncipe Artur. Mas ela tem os olhos da mãe, agitados e cheios nas órbitas. Ele acha que Ana tem belos olhos, embora mais bonitos quando brilham com interesse, como um gato quando vislumbra a cauda de alguma criaturinha.

O rei toma de volta sua querida e brinca com ela.

— Voando, voando! — diz Henrique, jogando a filha para cima, depois pegando-a na queda e estalando um beijo em sua cabeça.

Lady Rochford diz:

— Henrique tem um coração terno, não? Claro, ele adora qualquer criança. Já o vi beijando o bebê de um estranho quase da mesma maneira.

Ao primeiro sinal de cansaço da criança, ela é levada embora, firmemente envolta em peles. Os olhos de Ana a seguem. Henrique diz, como se recordando as boas maneiras:

— Temos que aceitar que o país ficará em luto pela viúva.

Ana diz:

— Eles não a conheciam. Como podem chorar? O que ela era para eles? Uma estrangeira.

— Creio que seja apropriado — diz o rei, relutante. — Pois ela já deteve o título de rainha.

— Equivocadamente — completa Ana.

Ela é incansável.

Os músicos começam. O rei arrasta Mary Shelton para a dança. Mary está rindo. Ela desapareceu na última meia hora e agora tem as faces rosadas, os olhos brilhantes; não há dúvidas quanto ao que andou fazendo. Ele pensa, se o velho bispo Fisher visse esse saltitar, pensaria que o Anticristo chegou. E ele fica surpreso ao se apanhar, mesmo que por um instante, vendo o mundo pelos olhos do bispo Fisher.

Após sua execução, a cabeça de Fisher continuou em tal estado de preservação na Ponte de Londres que começaram a falar de um milagre. Por fim, ele mandou o guarda da ponte tirar a cabeça lá de cima e atirá-la no Tâmsa

em um saco com pesos.

Em Kimbolton, o corpo de Catarina foi entregue aos embalsamadores. Ele imagina um sussurro no escuro, um suspiro, enquanto a nação se prepara para orar.

— Ela me mandou uma carta — diz Henrique, puxando-a das dobras de sua casaca amarela. — Eu não quero. Tome, Cromwell, leve isto embora.

Ao dobrá-la, ele se permite uma espiadela: “*E por fim faço este juramento, de que meus olhos a ti desejam acima de todas as coisas.*”

Após a dança, Ana o convoca em particular. Está sombria, seca, alerta: todo um ar de quem vai tratar de assuntos sérios.

— Quero fazer com que meus pensamentos sejam conhecidos por Lady Maria, a filha do rei. — Ele nota o termo respeitoso. Não é “a princesa Maria”. Mas tampouco é “a bastarda espanhola”. — Agora que sua mãe se foi e já não pode mais influenciá-la — prossegue Ana —, talvez possamos esperar que ela deixe de insistir em seus erros. Não tenho necessidade de me conciliar com ela, Deus sabe. Mas creio que, se eu puder colocar um fim no mal-estar entre o rei e Maria, ele me agradecerá por isto.

— Ele estaria em dívida com a senhora, madame. E seria um ato de compaixão.

— Quero ser uma mãe para ela. — Ana cora; realmente soa improvável. — Não espero que ela me chame de “senhora minha mãe”, mas espero que ela me chame de Vossa Alteza. Se ela se conformar a seu pai, ficarei feliz em recebê-la na corte. Ela terá um lugar de honra, não muito abaixo do meu. Não espero uma profunda reverência de sua parte, mas a forma comum de cortesia que as pessoas da realeza usam entre si, com seus familiares, os mais jovens para com os mais velhos. Pode garantir a ela que não vou obrigá-la a carregar meu manto. Ela não terá que se sentar à mesa com a irmã, a princesa Elizabeth, para que não surja nenhuma questão quanto a sua posição mais baixa. Acredito que seja uma oferta justa. — Ele espera. — Se ela me prestar o respeito que me é devido, eu não passarei a frente dela em ocasiões cotidianas, mas caminharemos de mãos dadas.

Para alguém como Ana, tão sensível quanto a suas dignidades de rainha, são concessões sem precedentes. Mas ele imagina a expressão de Maria quando o assunto lhe for apresentado. Para seu alívio, ele não estará lá para presenciar o

momento.

Ele profere um respeitoso boa-noite, mas Ana o chama de volta. Ela diz, em voz baixa:

— Cremuel, essa é a minha oferta, não irei mais longe. Estou decidida a cumpri-la, e depois não poderão me culpar. Mas não creio que ela aceitará, e assim nós duas teremos a lamentar, pois seremos condenadas a lutar até nossos corpos exalarem os últimos suspiros. Ela é a minha morte, e eu sou a dela. Então diga-lhe, diga que me certificarei de que ela não esteja viva para rir de mim depois que eu me for.

Ela vai à casa de Chapuys para prestar suas condolências. O embaixador está coberto de preto. Um vento gelado corta seus aposentos e parece soprar direto do rio. O ânimo do embaixador é de autocensura.

— Como gostaria de não tê-la deixado! Mas ela parecia melhor. Ela se sentou naquela manhã, e pentearam seus cabelos. Eu a vi comendo um pouco de pão, um bocado ou outro, e pensei que fosse um avanço. Parti esperançoso, e em questão de horas ela estava morrendo.

— Você não deve culpar-se. Seu amo saberá que você fez tudo que podia. Afinal, você foi enviado para cá para observar o rei, não pode se ausentar de Londres por muito tempo no inverno.

Ele pensa, eu estive lá desde que começaram os julgamentos de Catarina: uma centena de eruditos, mil advogados, dez mil horas de debate. Quase imediatamente depois que foi pronunciada a primeira palavra contra o casamento, pois o cardeal me manteve informado; tarde da noite, com uma taça de vinho, ele falava sobre a grande questão do rei e sobre como achava que tudo se resolveria.

Mal, disse ele.

— Ah, este fogo — diz Chapuys. — Vocês chamam isso de fogo? Chamam isso de clima? — A fumaça da lenha se aproxima deles. — Fumaça e cheiro e nada de calor!

— Arranje uma fornalha. Eu tenho fornalhas.

— Ah, sim — geme o embaixador —, mas daí os criados a enchem de lixo e a fornalha explode. Ou as chaminés caem aos pedaços e é preciso mandar buscar alguém lá do outro lado do mar para consertá-las. Sei tudo sobre fornalhas. — Ele esfrega as mãos azuladas. — Eu avisei ao capelão dela, sabe?

Quando ela estiver no leito de morte, eu disse, pergunte-lhe se era virgem ou não quando o príncipe Artur a deixou. Todo mundo acreditará na declaração de uma mulher à beira da morte. Mas ele é um velho. Em sua tristeza e perturbação, esqueceu. Então agora nunca teremos certeza.

Essa é uma grande admissão, pensa ele: de que a verdade poderia ser diferente do que Catarina nos contou todos esses anos.

— Mas sabe — continua Chapuys —, antes que eu partisse, ela me contou algo preocupante. Ela disse, “Talvez seja tudo culpa minha. Porque me coloquei contra o rei, quando poderia ter-me retirado honrosamente e deixado que ele se casasse outra vez”. Eu respondi, madame... porque fiquei perplexo... eu disse, mas que ideia é essa, madame, a senhora tem o direito ao seu lado, o grande peso da opinião, tanto leiga quanto clerical... “Ah, mas”, ela me disse, “para os advogados, havia dúvida no caso. E, se eu errei, então levei Henrique, que não fez oposição, a agir de acordo com sua pior natureza, e assim tenho parte da culpa por seu pecado”. Eu disse a ela, minha boa senhora, só a mais dura autoridade diria isso; que o rei carregue seus próprios pecados, que responda por eles. Mas ela balançou a cabeça. — Chapuys balança a própria; está angustiado, perplexo. — Todas essas mortes, o bom bispo Fisher, Thomas More, os santos monges da Charterhouse... “Eu parto desta vida”, disse ela, “arrastando seus cadáveres”.

Ele está em silêncio. Chapuys atravessa a sala até sua mesa e abre uma pequena caixa embutida.

— Sabe o que é isto?

Ele pega a flor de seda, cuidadosamente, para que não se desfaça em pó entre seus dedos.

— Sim. O presente dado por Henrique. O presente que ela ganhou quando o príncipe do Ano-Novo nasceu.

— Isto mostra o rei sob uma boa luz. Jamais o imaginaria tão carinhoso. Tenho certeza de que não me ocorreria fazê-lo.

— Você é um solteirão melancólico, Eustache.

— E você, um viúvo melancólico. O que deu a sua esposa quando seu adorável Gregory nasceu?

— Ah, acho que foi... um prato de ouro. Um cálice de ouro. Algo para colocar na prateleira. — Ele entrega de volta a flor de seda. — Mulheres de

cidade desejam presentes que possam pesar.

— Catarina me deu esta rosa quando nos despedimos — prossegue Chapuys.
— Ela disse, é tudo que tenho para legar. E disse, escolha uma flor do cofre e vá. Eu beijei sua mão e peguei a estrada. — Chapuys suspira. Deixa a flor sobre a mesa e desliza as mãos frias para dentro das mangas. — Disseram-me que a concubina está consultando adivinhos para lhe dizer o sexo de seu filho, embora ela tenha feito o mesmo antes e todos tenham lhe dito que era um menino. Bem, a morte da rainha alterou a posição da concubina. Mas talvez não da maneira como ela gostaria.

Ele deixa passar esse comentário. Ele espera. Chapuys diz:

— Fui informado de que Henrique desfilou sua pequena bastarda pela corte quando soube da notícia.

Elizabeth é uma criança voluntariosa, explica ele ao embaixador. Mas lembremo-nos de que, quando não era nem um ano mais velho que sua filha agora, o pequeno Henrique cavalcou por Londres, empoleirado na sela de um cavalo de batalha, a 1,80 metro do chão e segurando um bastão com seus rechonchudos punhos infantis. Não desdenhe dela, diz ele a Chapuys, só porque ela é jovem. Os Tudor são guerreiros desde o berço.

— Ah, bem, sim. — Chapuys espana uma partícula de cinza de sua manga. — Supondo que ela seja uma Tudor. Coisa de que alguns duvidam bastante. E o cabelo não prova nada, Cremuel. Considerando que eu poderia sair na rua e pescar meia dúzia de ruivos sem nem uma rede.

— Então — diz ele, rindo — você acha que o filho de Ana poderia ter sido concebido por qualquer transeunte?

O embaixador hesita. Ele não gosta de admitir que tem ouvido rumores franceses.

— Bom — ele funga —, mesmo que seja filha de Henrique, ela ainda é uma bastarda.

— Preciso ir. — Ele se levanta. — Oh. Eu deveria ter trazido o seu chapéu de Natal.

— Pode deixá-lo sob sua custódia. — Chapuys se encolhe. — Estarei de luto por algum tempo. Mas não o use, Thomas. Vai acabar esticando-o, e meu chapéu ficará deformado.

Me-Chame-de-Risley vem direto do rei, trazendo notícias dos preparativos para o

funeral.

— Eu disse a ele, Majestade, o senhor trará o corpo para a Catedral de St. Paul? Ele respondeu, ela pode ter seu descanso eterno em Peterborough, Peterborough é um lugar antigo e honrado e custará menos. Fiquei pasmo. Eu insisti, disse a ele, essas coisas são feitas segundo os precedentes. A irmã de Sua Majestade, Maria, esposa do duque de Suffolk, foi levada com honras de Estado para jazer na St. Paul. E o senhor não chama Catarina de irmã? E ele respondeu: ah, mas minha irmã Maria era uma mulher da realeza, outrora casada com o rei da França. — Wriothesley franze o cenho. — E Catarina não é da realeza, alegou ele, embora seus pais fossem soberanos. O rei disse, ela terá tudo a que tem direito como princesa viúva de Gales. E disse, onde está a mortalha de Estado que foi colocada sobre o ataúde quando Artur morreu? Deve estar em algum lugar do Guarda-Roupa Real. Pode ser reutilizada.

— Faz sentido — comenta ele. — As plumas do príncipe de Gales. Não haveria tempo para tecer uma nova. A menos que mantivéssemos a defunta flutuando acima do chão.

— Parece que ela pediu quinhentas missas por sua alma — segue Wriothesley. — Mas eu não estava ansioso por dizê-lo a Henrique, porque, de um dia para o outro, nunca se sabe em que ele acredita. Enfim, as trombetas soaram. E ele marchou para a missa. E a rainha com ele. E ela estava sorrindo. E ele tinha uma corrente de ouro nova.

O tom de Wriothesley sugere que ele acha o dado curioso: apenas isso. Não transpira nenhum julgamento.

— Bem — diz ele —, se você está morto, Peterborough é um lugar tão bom quanto qualquer outro.

Richard Riche está em Kimbolton fazendo um inventário e começou uma rixa com Henrique quanto aos bens de Catarina; não que Riche ame a antiga rainha, mas ama a lei. Henrique quer suas pratarias e suas peles, mas Riche diz, Majestade, se o senhor nunca foi casado com ela, ela era uma *feme sole* e não uma *feme covert*; se o senhor não era seu marido, não tem direito de pôr as mãos naquilo que era de sua propriedade.

Ele acha graça.

— Henrique ficará com as peles — diz ele. — Para o rei, Riche encontrará uma forma de contornar a lei, acredite em mim. Sabe o que ela deveria ter feito?

Deveria tê-las empacotado e dado a Chapuys. Eis aí um homem que sente calafrios.

Chega uma mensagem, de Lady Maria para a rainha Ana, em resposta à gentil oferta de ser uma mãe para ela. Maria diz que perdeu a melhor mãe do mundo e não tem necessidade de uma substituta. Quanto a uma comunhão com a concubina de seu pai, ela não se degradaria. Não daria as mãos a alguém que afagou o diabo.

Ele comenta:

— Talvez o momento tenha sido inoportuno. Talvez ela tenha ouvido falar do baile. E do vestido amarelo.

Maria diz que obedecerá ao pai, até onde sua honra e consciência permitirem. Mas é tudo o que fará. Não fará nenhuma declaração nem prestará nenhum juramento que a obrigue a reconhecer que sua mãe não foi casada com seu pai ou a aceitar um filho de Ana Bolena como herdeiro da Inglaterra.

Ana diz:

— Como ela ousa? Como ela pode pensar que está em condições de negociar? Se meu filho for um menino, eu sei o que acontecerá com ela. É melhor que ela faça as pazes com o pai agora, em vez de vir implorando por misericórdia quando for tarde demais.

— É um bom conselho — comenta ele. — Duvido que ela aceite.

— Então não posso fazer mais nada.

— Eu honestamente acho que não pode mesmo.

E ele não vê o que mais pode fazer por Ana Bolena. Ela está coroada, está proclamada, seu nome está escrito nos estatutos, nos arquivos: mas se o povo não a aceita como rainha...

O funeral de Catarina está marcado para 29 de janeiro. As primeiras contas estão chegando, relativas aos trajes de luto e às velas. O rei continua exultante. Está ordenando entretenimentos da corte. Deve haver um torneio na terceira semana do mês, e Gregory é um dos competidores. O rapaz já está ansioso pela preparação. Ele vive chamando seu armeiro, depois o manda embora e depois o chama de novo; vive mudando de ideia quanto ao cavalo.

— Pai, espero não ser sorteado para lutar contra o rei — diz ele. — Não que eu tenha medo. Mas será difícil, tentar lembrar que é o rei, e também tentar

esquecer que é o rei, e dar o meu máximo para conseguir tocá-lo com a arma, mas, por favor, Deus, que não passe disso, um toque. Imagine se eu tiver o azar de desmontá-lo? Já imaginou se ele cai, ainda mais sendo eu um iniciante?

— Eu não me preocuparia se fosse você — responde ele. — Antes que você aprendesse a andar, Henrique já disputava a justa.

— Essa é toda a dificuldade, senhor. Ele não é mais tão rápido quanto era. É o que dizem os cavaleiros. Norris diz que uma pessoa não pode disputar se não sente medo, e Henrique está convencido de que é o melhor, portanto não teme nenhum adversário. E é preciso temer, diz Norris. O medo nos mantém alertas.

— Da próxima vez — diz ele —, seja sorteado no time do rei no início. Assim você evita o problema.

— E como se faz isso?

Oh, santo Deus. Como se faz qualquer coisa, Gregory?

— Eu darei uma palavrinha — responde ele pacientemente.

— Não, não faça isso. — Gregory fica chateado. — Como isso se refletiria em minha honra? Se você estivesse lá, arranjando tudo para mim? Isso é algo que devo fazer por mim mesmo. Sei que você sabe tudo, pai. Mas você nunca esteve nas justas.

Ele assente. Como quiser. Seu filho se retira, a armadura badalando. Seu terno filho.

O novo ano começa, e Jane Seymour segue em seus deveres para com a rainha; expressões ilegíveis pairam em seu rosto, como se ela se movesse dentro de uma nuvem. Mary Shelton diz a ele:

— A rainha diz que, se Jane se entregar a Henrique, ele se cansará dela em um dia, e, se ela não se entregar, ele se cansará de qualquer maneira. Então Jane será enviada de volta a Wolf Hall e sua família a trancará em um convento porque ela já não terá mais utilidade para eles. E Jane não diz nada. — Shelton ri, mas não com antipatia. — Jane não sente que seria muito diferente. Pois ela já vive agora num convento ambulante e está presa por seus próprios votos. Ela diz, “o secretário-mor acha que eu seria pecaminosa demais se deixasse o rei segurar minha mão, embora ele implore, ‘Jane, dê cá sua mãozinha’. E como o secretário está abaixo apenas do rei em assuntos eclesiásticos e é um homem muito religioso, eu dou ouvidos ao que ele diz.”

Um dia, Henrique agarra Jane quando ela está passando e a senta em seu

joelho. É um gesto brincalhão, de garoto, impetuoso, nenhum mal nisso; é o que o rei diz depois, desculpando-se timidamente. Jane não sorri nem fala. Fica sentada calmamente até ser liberada, como se o rei fosse um banco qualquer.

Christophe chega a ele sussurrando:

— Senhor, estão dizendo nas ruas que Catarina foi assassinada. Estão dizendo que o rei a trancou num quarto e a fez passar fome até morrer. Dizem que ele lhe enviou amêndoas, que ela comeu, e que foi envenenada. Dizem que você enviou dois assassinos com punhais e que eles lhe arrancaram o coração e que, quando examinaram, seu nome estava gravado no órgão vital da ex-rainha em grandes letras pretas.

— O quê? No coração dela? “Thomas Cromwell”?

Christophe hesita.

— *Alors...* Talvez só as iniciais.

SEGUNDA PARTE

I O Livro Negro

Londres, janeiro — abril de 1536

Quando ouve o grito de “Fogo!”, ele se vira na cama e cai de volta no sonho. Ele supõe que o incêndio seja um sonho; é o tipo de sonho que ele costuma ter.

Até que acorda com Christophe gritando em seu ouvido:

— Levante-se! A rainha está pegando fogo.

Ele salta da cama. O frio o açoita. Christophe grita:

— Rápido, rápido! Ela está totalmente incinerada!

Momentos depois, quando chega ao andar da rainha, ele sente no ar o pesado cheiro de tecido queimado. Ana está cercada de mulheres que tagarelam sem parar, entretanto se encontra ilesa, sentada em uma cadeira, envolta em seda preta, com um cálice de vinho aquecido nas mãos. A taça treme, derrama um pouco do líquido; Henrique tem os olhos úmidos, abraça a rainha e a seu herdeiro dentro dela.

— Se ao menos eu estivesse com você, querida. Se ao menos tivesse passado a noite em seu quarto. Eu poderia tê-la afastado do perigo num instante.

E o rei segue falando. Agradecemos ao Senhor Deus que olha por nós. Agradecemos ao Deus que protege a Inglaterra. Se ao menos eu... Com um cobertor, uma colcha, apagaria... Eu, num instante, bateria as chamas...

Ana toma um gole do vinho.

— Já acabou. Não estou machucada. Por favor, senhor meu marido. Basta. Deixe-me beber isto.

Numa fração de segundo, ele vê como Henrique a irrita; sua solicitude, sua devoção, seu apego. E, nas profundezas de uma noite de janeiro, Ana não consegue disfarçar a irritação. Ela parece cinzenta, o sono interrompido. Vira-se para ele, Cromwell, e fala, em francês:

— Há uma profecia de que uma rainha da Inglaterra será queimada. Eu não imaginei que seria em sua própria cama. Foi uma vela que esqueceram acesa. Ou é o que presumimos.

— Quem esqueceu?

Ana estremece. Desvia o olhar.

— É melhor emitirmos uma ordem — diz ele ao rei — de que sempre haja água à mão e uma mulher em cada turno para assegurar que todas as velas estejam apagadas nas proximidades da rainha. Não sei por que isso já não é costume.

Todas essas coisas estão escritas no Livro Negro, que vem dos tempos do rei Eduardo. Todos os mecanismos diários do palácio, é este livro que ordena: ordena tudo, na verdade, à exceção da câmara privada do rei, cujo funcionamento não é transparente.

— Se ao menos eu estivesse com ela... — diz Henrique. — Mas, você vê, sendo nossas esperanças como são no momento...

O rei da Inglaterra não pode se dar ao luxo de manter relações carnavais com a mulher que carrega seu filho no ventre. O risco de aborto é muito grande. E ele busca companhia em outras partes também. Esta noite é possível notar como o corpo de Ana endurece ao esquivar-se das mãos do marido, mas, nas horas de dia claro, a posição é invertida. Ele já viu como Ana tenta puxar o rei para conversas. A brusquidão dele, demasiadamente frequente. Seu rosto virado. Como se para negar a necessidade que tem dela. E ainda assim seus olhos a seguem...

Ele se irrita; são coisas de mulher. E o fato de que o corpo da rainha, coberto apenas por uma camisola de damasco, parece estreito demais para uma mulher que dará à luz na primavera; isto é também coisa de mulher. O rei diz:

— O fogo não chegou muito perto dela. O que queimou foi a ponta do arrás. É Absalão enforcado na árvore. É uma tapeçaria muito boa, e eu gostaria que você...

— Vou mandar vir alguém de Bruxelas — responde ele.

O fogo não tocou o filho do rei Davi. Ele está pendurado no galho, enforcado por seu longo cabelo: os olhos estão saltados e sua boca se abre num grito.

Ainda faltam horas até o amanhecer. Os quartos do palácio parecem calados, como se esperassem por uma explicação. Guardas patrulham durante as horas negras; onde eles estavam? Não deveria haver alguma mulher com a rainha, dormindo num estrado ao pé de sua cama? Ele diz a Lady Rochford:

— Eu sei que a rainha tem inimigos, mas como eles foram autorizados a

chegar tão perto dela?

Jane Rochford está na defensiva; ela acha que ele tenta culpá-la.

— Escute, senhor secretário. Posso ser direta com o senhor?

— Deve.

— Primeiro, isto é um assunto doméstico. Não é da sua competência. Em segundo lugar, ela não se viu em perigo. Terceiro, não sei quem acendeu a vela. Quarto, se soubesse, não lhe diria.

Ele espera.

— Quinto: tampouco outra pessoa lhe dirá.

Ele espera.

— Se, como pode acontecer, alguém visita a rainha depois que as velas foram apagadas, então é um evento sobre o qual devemos lançar um véu.

— Alguém. — Ele digere a informação. — Alguém com um propósito incendiário, ou com outro propósito?

— Para propósitos habituais de alcovas — diz ela. — Não que eu esteja dizendo que existe tal pessoa. Eu não teria conhecimento algum disso. A rainha sabe como manter seus segredos.

— Jane — diz ele —, se chegar um momento em que você queira aliviar sua consciência, não procure um padre, procure a mim. O padre lhe dará uma penitência; eu lhe darei uma recompensa.

Qual é a natureza da fronteira entre verdade e mentira? É uma fronteira permeável e turva, porque é densa de tantos rumores, confabulações, mal-entendidos e histórias distorcidas. A verdade pode bater aos portões, pode uivar nas ruas; a menos que seja agradável, simpática e fácil de se apreciar, a verdade está condenada a choramingar na porta dos fundos.

Enquanto tomava as providências necessárias após a morte de Catarina, ele foi compelido a explorar algumas lendas da juventude da ex-rainha. Livros de contabilidade formam uma narrativa tão envolvente quanto qualquer conto de monstros marinhos ou canibais. Catarina sempre disse que, entre a morte de Artur e seu casamento com o jovem príncipe Henrique, tinha sido miseravelmente negligenciada, vivido em abjeta pobreza: comendo peixe do dia anterior e assim por diante. Culpavam o velho rei por isto, mas, ao examinarmos os livros, percebemos que ele foi até bem generoso. Os criados e familiares de Catarina a enganavam. Suas pratarias e joias iam parar no mercado; nisto ela

deve ter sido cúmplice, não? Ela era pródiga, descobriu ele, e generosa; régia, em outras palavras, sem a menor ideia do que seria viver dentro de suas possibilidades.

É de se perguntar em que mais acreditávamos, acreditávamos sem motivos para tal. Seu pai Walter dispendeu dinheiro para o seu bem, ou foi o que Gardiner disse: indenização pela facada que ele infligiu, para apaziguar a família lesada. Ele pensa, e se Walter não me odiava? E se ele apenas se exasperava comigo, e me fazia saber disso me chutando de um lado a outro da cervejaria? E se eu merecia? Porque eu vivia provocando, “Primeiro, sou melhor de copo que você; segundo, sou melhor que você em tudo. Terceiro, sou o príncipe de Putney e posso derrubar qualquer um de Wimbledon, que venham de Mortlake, farei picadinho deles. Quarto, já sou um dedo mais alto que você, olhe para a porta onde fiz um risco, vá lá, vá lá, pai, vá lá e fique de pé contra a parede.”

Ele escreve:

Os dentes de Anthony.

Pergunta: O que aconteceu com eles?

Testemunho de Anthony, em resposta a mim, Thomas Cromwell: Ele os perdeu devido às surras que seu brutal pai lhe dava.

Para Richard Cromwell: Ele estava numa fortaleza sitiada pelo papa. Em algum lugar no exterior. Algum ano. Algum papa. A fortaleza foi minada e um explosivo, plantado. Como ele estava num local desafortunado, seus dentes foram totalmente lançados para fora de sua cabeça.

Para Thomas Wriothesley: Quando ele era marinheiro na Islândia, o capitão do navio trocou seus dentes por provisões, com um homem que sabia esculpir peças de xadrez em dentes. Ele só compreendeu a natureza do negócio até que homens cobertos de peles chegaram para arrancá-los.

Para Richard Riche: Ele os perdeu numa disputa com um homem que impugnou os poderes do Parlamento.

Para Christophe: Alguém colocou um feitiço nele e todos caíram. Segundo Christophe, “Quando criança, ouvi falar sobre satanistas na

Inglaterra. Há uma bruxa em cada rua. Praticamente”.

Para Thurston: Ele tinha um inimigo que era cozinheiro. Esse inimigo pintou um monte de pedras para fazer parecerem avelãs e lhe ofereceu um punhado.

Para Gregory: Eles foram sugados para fora de sua cabeça por um grande verme que saiu do chão e engoliu sua esposa. Isso foi em Yorkshire, no ano passado.

Ele sublinha suas conclusões. E diz:

— Gregory, o que devo fazer quanto ao grande verme?

— Envie uma comissão contra o bicho, senhor — responde o rapaz — Ele tem que ser morto. O bispo Rowland Lee investiria contra ele. Ou Fitz.

Ele lança um longo olhar em seu filho.

— Você sabe que isso é um conto de Arthur Cobbler, não?

Gregory lhe devolve o olhar longo.

— Sim, eu sei. — Sua voz soa arrependida. — Mas as pessoas ficam tão felizes quando acredito nessas histórias... O Sr. Wriothlesley especialmente. Embora ultimamente ele ande muito sério. Ele costumava divertir-se segurando minha cabeça sob uma bica d'água. Mas agora ele volta os olhos para o céu e diz, “Sua Majestade, o rei”. Embora antes ele o chamasse de Sua Alteza Funesta. E imitasse como ele anda.

Gregory planta os punhos nos quadris e marcha por toda a sala.

Ele ergue a mão para cobrir o sorriso.

Chega o dia do torneio. Ele está em Greenwich, mas se retira da plataforma dos espectadores. O rei o interrogou esta manhã, quando se sentaram lado a lado em seu camarote na missa matinal:

— Quanto rende a área de lorde Ripon? Para o arcebispo de York?

— Pouco mais de 260 libras, senhor.

— E Southwell?

— Meras 150, senhor.

— Jura? Pensei que fosse mais.

Henrique anda demonstrando um profundo interesse nas finanças dos bispos. Alguns dizem, e quem é ele para contestar, que deveríamos dar aos bispos uma

renda fixa e dirigir os lucros de suas dioceses para o tesouro real. Ele calculou que o dinheiro arrecadado poderia custear um exército permanente.

Mas esse não é o momento de colocar a ideia diante de Henrique. O rei cai de joelhos e reza para qualquer que seja o santo que proteja os cavaleiros nas justas.

— Majestade — diz ele —, se o senhor disputar contra meu filho Gregory, poderia abdicar de desmontá-lo? Se puder evitar?

Mas o rei diz:

— Eu não me importaria se o pequeno Gregory me desmontasse. Embora improvável, eu o aceitaria de bom grado. E não podemos evitar o que fazemos, não mesmo. Uma vez que estamos galopando na direção de outro homem, não podemos frear. — Ele faz uma pausa e diz amavelmente: — É um evento bastante raro, sabe, derrubar seu oponente. Não é o objetivo do torneio. Se você está preocupado com que exibição ele fará, não há necessidade. Ele é muito capaz. Caso contrário, não seria um combatente. Não se pode quebrar uma lança num adversário tímido, ele deve correr a plena velocidade contra você. Além disso, ninguém é criticado. Não é permitido. Você sabe como os arautos anunciam. Por exemplo, “Gregory Cromwell correu bem, Henry Norris correu muito bem, mas nosso senhor soberano o rei correu melhor que todos”.

— E é verdade, senhor? — Ele sorri para evitar que as palavras soem mal.

— Eu sei que vocês conselheiros acham que eu deveria recolher-me ao banco dos espectadores. E é o que farei, prometo; não me escapa o fato de que um homem de minha idade já passou de seu ápice. Mas você vê, Crumb, é difícil desistir do que aperfeiçoei desde que era menino. Certa vez houve alguns visitantes italianos, e eles nos aplaudiam, a Brandon e a mim, achando que Aquiles e Heitor tinham voltado à vida. Foi o que disseram.

Mas qual seria qual? Um arrastado na lama pelo outro...

O rei diz:

— Você cria seu garoto maravilhosamente bem, assim como a seu sobrinho Richard. Nenhum nobre poderia fazer melhor. Eles são um mérito para a sua casa.

Gregory tem se saído bem. Gregory tem se saído muito bem. Gregory tem se saído melhor que todo o resto.

— Eu não quero que meu filho seja Aquiles — diz ele —, só não quero que

ele não seja ninguém.

Há uma correspondência entre a folha de pontuação para as partidas de justa e o corpo humano: o papel tem divisões, marcações para a cabeça e o torso. Um toque na couraça é anotado, mas costelas quebradas não. Um toque no elmo é anotado, mas não um crânio rachado. É possível examinar as folhas de pontuação depois das disputas e ler ali o registro do dia, mas as marcas no papel não informam sobre a dor de um tornozelo quebrado ou os esforços de um homem sufocado para não vomitar dentro de seu elmo. Como os combatentes sempre dizem, você realmente precisa ver, você precisa estar lá.

Gregory ficou desapontado quando seu pai se retirou da plateia, alegando ter um compromisso prioritário com seus papéis. O Vaticano está oferecendo a Henrique três meses para voltar à obediência, ou a bula de excomunhão contra ele será impressa e distribuída por toda a Europa, e cada cristão se voltará contra ele. A frota do imperador se dirige a Argel, com 40 mil homens armados. O abade de Fountains está roubando sistematicamente a própria instituição, e mantém seis amantes, ainda que presumivelmente precise de um descanso entre uma e outra. E a sessão parlamentar será aberta dentro de duas semanas.

Certa vez ele conheceu um velho cavaleiro em Veneza, um daqueles homens que fizeram carreira participando de torneios por toda a Europa. O homem descreveu sua vida para ele, uma vida de cruzar fronteiras com seu bando de escudeiros e sua fila de cavalos, sempre em movimento, indo de um prêmio para o seguinte, até que a idade e o acúmulo de ferimentos o tiraram do jogo. Agora sozinho, ele tentava ganhar a vida ensinando jovens lordes, suportando zombarias e perda de tempo; no meu tempo, disse ele, ensinavam-se boas maneiras aos jovens, mas agora eu me vejo selando cavalos e polindo couraças para um mijão a quem eu não permitiria sequer que limpasse minhas botas nos velhos tempos; pois olhe para mim agora, reduzido a beber com... o que é você, um inglês?

O cavaleiro era português, mas arranhava o latim e uma espécie de alemão, intercalados com termos técnicos que são praticamente os mesmos em todas as línguas. Nos velhos tempos, cada torneio era um terreno de testes. Não havia nenhuma exibição de luxos inúteis. As mulheres, em vez de sorrir aos homens de sob tendas douradas, eram guardadas para depois. Naqueles dias o placar era complexo e os juízes não tinham piedade em nenhum caso de infração às regras,

então podia acontecer de o cavaleiro quebrar todas as suas lanças mas perder nos pontos, ou esmagar seu adversário e sair não com uma bolsa de ouro, mas com uma multa ou uma mancha em seu histórico. Uma violação das regras o perseguiria pela Europa, portanto algumas infrações cometidas em, digamos, Lisboa alcançavam um homem em Ferrara; a reputação chegava antes do homem, e no fim, disse o cavaleiro, após uma má temporada, uma corrida de má sorte, a reputação era tudo que se tinha; por isso não abuse da sorte, disse ele, quando a estrela da fortuna brilhar, porque no minuto seguinte ela desaparece. Por falar nisso, não gaste dinheiro em horóscopos. Se as coisas sairão mal para você, é disso que precisa saber quando sobe à sela?

Só uma bebida, e o velho cavaleiro já começou a falar como se todos tivessem seguido seu ofício. Você precisa colocar seus escudeiros, disse ele, em cada extremidade da barreira, para fazer seu cavalo abrir a curva quando tentar fazer a volta, caso contrário você pode esmagar seu pé, fácil de acontecer se não há guarda na ponta, e horrivelmente doloroso: já fez isso? Alguns idiotas espalham seus garotos pelo meio, onde o *atteint* ocorrerá; mas qual é a utilidade disso? Realmente, concordou ele, qual é a utilidade?, e ponderou sobre aquela delicada palavra, *atteint*, usada para designar o brutal choque do contato. Esses escudos armados de molas, prosseguiu o velho, já viu como se abrem quando são atingidos? Truque de criança. Os juizes de antigamente não precisavam de um dispositivo como esse para saber quando um homem era atingido — não, eles usavam os olhos, tinham olhos naquele tempo. Escute, disse ele: há três maneiras de falhar na justa. O cavalo pode falhar. Os garotos podem falhar. Os nervos podem falhar.

Você tem que pôr seu elmo com firmeza para ter uma boa linha de visão. Você mantém o corpo rijo e, quando está prestes a golpear, então e só então vira a cabeça para ter uma visão completa de seu oponente e observar a ponta de ferro de sua lança apontada precisamente para o alvo. Alguns desviam no último segundo antes do choque. É natural, mas esqueça o que é natural. Pratique até dobrar seu instinto. Dada a oportunidade, você sempre desviará. Seu corpo quer se preservar, e seu instinto tentará evitar arrebentar seu cavalo encouraçado e sua pessoa encouraçada contra outro homem sobre cavalo que venha em total disparada lá do outro lado. Alguns homens não desviam; em vez disso, fecham os olhos no momento do impacto. Esses homens são de dois tipos: os que sabem que

fazem isso e não conseguem evitar, e os que não sabem que fazem. Coloque seus garotos para o observarem enquanto você pratica. Não seja nenhum desses dois tipos de homens.

Então como posso melhorar, indagou ele ao velho cavaleiro, como posso vencer? Essas foram as instruções que ele recebeu: você deve se sentar confortavelmente em sua sela, como se estivesse passeando para tomar um ar. Segure as rédeas sem muita força, mas tenha seu cavalo sob controle. No *combat à plaisance*, com as bandeiras tremulando, as guirlandas, as espadas sem fio e as lanças de ponta amortecida, monte como se estivesse pronto para matar. No *combat à l'outrance*, mate como se fosse um esporte. Agora veja, disse o cavaleiro, e bateu na mesa, eis o que eu vi, mais vezes do que gostaria de contar: seu homem se prepara para o *atteint*, e naquele momento final a urgência do desejo o trai: ele enrijece os músculos, puxa o braço da lança para junto do corpo, a ponta se ergue e ele perde o alvo; se tiver que evitar uma falha, evite esta. Segure sua lança com certa frouxidão, pois assim, quando você retesar o corpo e puxar o braço, a ponta estará direcionada exatamente para o alvo. Mas lembre-se disto acima de tudo: vença seus instintos. O amor pela glória deve derrotar sua vontade de sobreviver; senão, por que combater? Por que não ser um ferreiro, um cervejeiro, um comerciante de lã? Por que está na disputa se não para vencer, e se não para vencer, então para morrer?

No dia seguinte, ele viu o cavaleiro novamente. Ele, Tommaso, voltava de uma noite de bebedeira com seu amigo Karl Heinz, e encontraram o velho deitado com a cabeça em terra firme, mas os pés na água; em Veneza, ao anoitecer, o contrário pode acontecer facilmente. Eles o puxaram para a margem e o viraram de frente. Eu conheço este homem, disse ele. Seu amigo perguntou, quem é o senhor dele? Ninguém é senhor dele, mas ele pragueja em alemão, portanto vamos levá-lo à Casa Alemã, pois eu mesmo não estou na Casa Toscana, mas com um homem que dirige uma fundição. Karl Heinz perguntou, você está negociando armas?, e ele respondeu, não, toalhas de altar. Karl Heinz disse, é mais fácil cagar rubis que descobrir os segredos de um inglês.

Enquanto falavam, eles puseram o homem de pé, e Karl Heinz disse, cortaram a bolsa dele, veja. Não sei como não o mataram. Levaram-no de barco ao Fondaco, onde ficam os mercadores alemães, e que estava sendo reconstruído após o incêndio. Podem deitá-lo no armazém entre os caixotes, disse

ele. Encontrem algo para cobri-lo e deem-lhe comida e bebida quando ele acordar. Ele vai sobreviver. É velho, mas forte. Tomem aqui algum dinheiro.

Um inglês cheio de manias, disse Karl Heinz. Ele respondeu, eu mesmo já fui ajudado por estranhos que eram anjos disfarçados.

Há um guarda no atracadouro, contratado não pelos comerciantes, mas pelo Estado, pois os venezianos desejam saber tudo o que se passa dentro das casas das nações. Mais moedas, então, são passadas, desta vez ao guarda. Eles puxam o velho para fora do barco; ele está semiconsciente agora, agitando os braços e falando algo, talvez em português. Eles o arrastam para dentro, passando sob o pórtico, quando Karl Heinz diz:

— Thomas, você viu nossas pinturas? Aqui — diz ele —, você, guarda, faça o favor de erguer a sua tocha, ou temos que pagar por isso também?

A luz bruxuleia contra a parede. Dos tijolos floresce um fluxo de seda; seda vermelha, ou sangue acumulado. Ele vê uma curva branca, uma lua esbelta, um fio de foice; quando a luz banha a parede, ele vê o rosto de uma mulher, o contorno de seu rosto desenhado com ouro. É uma deusa.

— Erga a tocha — diz ele. Nos cabelos agitados e revoltos da deusa há uma coroa dourada. Atrás dela estão os planetas e estrelas. — Quem você contratou para pintar isso? — pergunta ele.

Karl Heinz responde:

— Giorgione está pintando para nós, seu amigo Ticiano está pintando a frente do Rialto, o Senado está pagando seus honorários. Mas Deus sabe que eles vão tirar nosso couro com as encomendas. Gostou dela?

A luz toca a pele branca da deusa e então se afasta, vacilante, manchando-a de negro. O guarda baixa a tocha e diz, como é, está achando que eu vou passar a noite toda aqui à sua disposição nesse frio maldito? O que é um exagero, para conseguir mais dinheiro, mas é verdade que a névoa se infiltra por entre as pontes e passadiços e que um vento frio se levantou do mar.

Separando-se de Karl Heinz, a própria lua sendo uma pedra nas águas do canal, ele vê uma prostituta de luxo saindo tarde, cambaleando na pedraria em seus saltos altos, seus criados apoiando-a pelos cotovelos. Seu riso badala no ar, e a extremidade franjada de seu lenço amarelo desliza de seu pescoço branco, serpenteando na neblina. Ele a observa; ela não o nota. E então ela some. Em algum lugar uma porta se abre para ela e em algum lugar uma porta se fecha.

Tal qual a mulher na parede, ela se apaga e se perde no escuro. A praça está vazia novamente; e ele próprio é apenas uma silhueta negra contra os tijolos, um fragmento recortado na noite. Se eu um dia precisar desaparecer, diz ele, este é o lugar.

Mas isso foi há muito tempo e em outro país. Agora Rafe Sadler está aqui com uma mensagem: ele deve retornar imediatamente a Greenwich, a esta manhã indigesta, a chuva apenas adiando sua aparição. Onde estará Karl Heinz hoje? Provavelmente morto. Desde a noite em que viu a deusa brotando da parede, ele decidiu encomendar uma para si, mas outros fins — ganhar dinheiro e elaborar uma legislação — tomaram seu tempo.

— Rafe?

Rafe espera à porta e não responde. Ele ergue os olhos para o rosto do jovem. Sua mão larga a pena e a tinta se derrama no papel. Ele se levanta de imediato, envolvendo-se com o manto de pele como se para amortecer o que está por vir. Ele indaga, “Gregory?”, e Rafe balança a cabeça em negativa.

Gregory está intacto. Ele não disputou.

O torneio foi interrompido.

É o rei, diz Rafe. É Henrique, ele morreu.

Ah, diz ele.

Ele seca a tinta com o pó do estojo de osso. Sangue por todo lado, sem dúvida, diz.

Ele conserva à mão um presente que lhe foi dado uma vez, uma adaga turca feita de ferro, um padrão de girassóis gravado na bainha. Sempre pensou no objeto como um ornamento, uma curiosidade; até agora. Ele o esconde entre as vestes.

Ele se lembrará, mais tarde, de como foi difícil passar pela porta, dirigir seus passos ao terreiro da justa. Ele se sente fraco, a reverberação da debilidade que o fez deixar cair a pena quando pensou que Gregory havia sido ferido. Ele diz a si mesmo, não foi Gregory; mas seu corpo está atordoado, demorando a absorver a notícia, como se ele próprio houvesse recebido um golpe mortal. E agora, decidir entre seguir adiante e tentar tomar o comando da situação ou aproveitar o momento, talvez o último, para sair de cena: uma grande fuga, antes que os portos sejam fechados, e ir para onde? Talvez para a Alemanha? Existe algum principado, Estado, onde ele estaria a salvo do alcance do imperador ou do papa,

ou do novo governante da Inglaterra, quem quer que venha a ser?

Ele jamais recuou; ou uma vez, quem sabe, fugindo de Walter aos 7 anos: mas Walter o perseguiu. Desde então: em frente, em frente, *en avant!* Assim, sua hesitação não é longa, mas depois ele não terá nenhuma lembrança de como chegou a uma tenda alta e dourada, bordada com as armas e os escudos da Inglaterra, e assomou sobre o cadáver do rei Henrique VIII. Rafe diz, a competição ainda não havia começado, ele estava correndo pelo ringue, a ponta de sua lança resvalou no centro do círculo. Então o cavalo tropeçou sob ele, homem e cavaleiro desabaram, o animal rolou com um grito, e Henrique debaixo dele. Agora o Gentil Norris está de joelhos junto ao falecido, rezando, lágrimas em cascata por suas faces. Há um borrão de luz sobre armaduras, elmos escondendo rostos, mandíbulas de ferro, bocas de rã, as fendas das viseiras. Alguém diz, o animal caiu como se tivesse a perna quebrada, não havia ninguém perto do rei, não há ninguém para culpar. Ele parece ouvir o horrendo barulho, o berro agudo de terror do cavalo, os gritos dos espectadores, o rilhar de armadura e cascos sobre aço quando um enorme animal se enrosca em outro, cavalo de batalha e rei desabando juntos, o metal se enterrando na carne, casco penetrando osso.

— Tragam um espelho — diz ele —, para colocarmos junto a seus lábios. Tragam uma pena para vermos se ela se agita.

O rei foi arrancado de sua armadura, mas ainda está em seu negro gibão acolchoado, como se em luto por si mesmo. Não há sangue evidente, então ele se pergunta, onde ele foi ferido? Alguém diz, ele bateu a cabeça; mas nisso se resume todo o sentido que ele consegue colher do pranto e do tumulto que enchem a tenda. Plumas, espelhos, eles indicam que isso já foi feito; as línguas badalam como sinos, os olhos são como pedras em suas cabeças, cada rosto chocado e vazio se volta ao seguinte, juramentos e preces são proferidos, e eles se movem lentamente, lentamente; ninguém quer transportar o cadáver para dentro, é demasiada responsabilidade para um homem, será algo visto, comunicado. É um erro pensar que quando o rei morre seus conselheiros gritam, “Vida longa ao rei”. Muitas vezes, o fato da morte é escondido por dias. E este deve ser ocultado... Henrique está branco, e ele vê a chocante fragilidade da carne humana retirada do aço. O rei está deitado de costas, toda a sua magnífica altura esticada num pedaço de tecido azul-marinho. Seus membros estão retos.

Ele parece intacto. Ele toca seu rosto. Ainda quente. O destino não o desfigurou ou mutilou. Ele está imaculado, um presente para os deuses. Eles o levam de volta da forma como foi enviado.

Ele abre a boca e grita. O que estão pensando, deixando o rei deitado aqui, intocado por mão cristã, como se já estivesse excomungado? Se fosse qualquer outro homem caído, eles estariam tentando despertar seus sentidos com pétalas de rosa e mirra. Estariam puxando seu cabelo e torcendo suas orelhas, queimando papel sob seu nariz, abrindo à força sua mandíbula para pingar água benta em sua boca, soprando uma corneta junto a sua cabeça. Tudo isso deveria ser feito e — ele olha para cima e vê Thomas Howard, o duque de Norfolk, correndo na sua direção como um demônio. Tio Norfolk tio da rainha, o mais alto nobre da Inglaterra.

— Por Deus, Cromwell! — rosna ele.

E é claro o que quer dizer. Por Deus, você agora está em minhas mãos; por Deus, suas entranhas presunçosas serão arrancadas: por Deus, antes que o dia acabe sua cabeça estará espetada em uma lança.

Talvez Mas, nos segundos seguintes, ele, Cromwell, parece crescer em tamanho e preencher todo o espaço em torno do homem caído. Ele vê a si mesmo, como se observasse do topo da tenda acima: sua largura se expande, até mesmo sua altura. De modo que ele ocupe mais terra. De modo que tome mais espaço, respire mais ar, que fique plantado e sólido quando Norfolk dispara em sua direção, torcendo-se, tremendo. De modo que ele se torne uma fortaleza sobre uma rocha, sereno, e Thomas Howard apenas rebote de suas muralhas, trepidando, retraindo-se e ganhando sabe Deus o quê sobre sabe Deus quem.

— LORDE NORFOLK! — vocifera ele para o outro. — Lorde Norfolk, onde está a rainha?

Norfolk ofega sofregamente.

— No chão. Conte-i a ela. Eu mesmo. Meu dever fazê-lo. Meu dever, sou seu tio. Ela teve um ataque. Caiu no chão. A anã tentava erguê-la. Chutei aquilo para longe. Oh Deus Todo-Poderoso!

Agora quem governará para o filho ainda não nascido de Ana? Quando Henrique se propôs a ir à França, disse que deixaria Ana como regente, mas isso foi há mais de ano, e no fim das contas ele nunca viajou, por isso não sabemos se é o que ele de fato teria feito; Ana lhe disse, Cremuel, se eu for regente, você

tome cuidado, arrancarei de você a obediência ou arrancarei fora sua cabeça. Ana como regente teria feito picadinho de Catarina, de Maria: Catarina já está fora de seu alcance, mas Maria está lá para o abate. Tio Norfolk, inclinado sobre o cadáver para uma rápida oração, pôs-se novamente de pé num tranco.

— Não, não, não — está dizendo Norfolk — Mulher de barriga não. Uma coisa assim não pode governar. Ana não pode governar. Eu, eu, eu.

Gregory está abrindo caminho em meio à multidão. Ele teve o bom senso de buscar Fitzwilliam, o tesoureiro real.

— A princesa Maria — diz ele a Fitz. — Como chegar a ela. Preciso buscá-la. Ou o reino está acabado.

Fitzwilliam é um dos velhos amigos de Henrique, um homem de sua idade: competente demais por natureza, graças a Deus, para entrar em pânico ou se pôr a tagarelar sem nexos.

— Os guardas dela são Bolena — responde Fitz. — Não sei se a entregarão.

Sim, e que tolo eu fui, pensa ele, de não procurá-los e suborná-los e comprá-los de antemão para uma ocasião como esta; falei que enviaria meu anel para a libertação de Catarina, mas para a princesa não fiz nenhum arranjo desse tipo. Se Maria permanece nas mãos dos Bolena, ela está morta. Se cai nas mãos dos papistas, eles a entronarão, e eu estarei morto. Haverá guerra civil.

Cortesãos estão agora invadindo a tenda, todos inventando como foi que Henrique morreu, todos exclamando, negando, lamentando; o barulho aumenta, e ele agarra o braço de Fitz:

— Se esta notícia chegar ao norte antes de nós, jamais veremos Maria com vida novamente.

Seus guardiões não a enforcarão no topo da escada, não a esfaquearão, mas garantirão que ela sofra um acidente, um pescoço quebrado na estrada. Assim, se o filho no ventre de Ana for uma menina, Elizabeth é rainha, pois não temos outro herdeiro.

Fitzwilliam diz:

— Espere, deixe-me pensar. Onde está Richmond?

O bastardo do rei, 16 anos. Ele pode vir a ser útil, ele deve ser considerado, deve ser protegido. Richmond é genro de Norfolk. Norfolk deve saber onde ele está, Norfolk é quem está em melhor posição para pôr as mãos nele, negociar com ele, prendê-lo ou soltá-lo; mas ele, Cromwell, não teme um menino

bastardo, e, além disso, o jovem simpatiza com ele; em todos os contatos que tiveram, ele o amaciou como a um purê.

Norfolk está agora zunindo de um lado a outro, uma vespa tresloucada, e, como se ele fosse mesmo uma vespa, os espectadores recuam dele, desviam, curvam-se para trás. O duque zombe para ele; ele, Cromwell, enxota o duque. Baixa os olhos para Henrique. Ele acha que viu, mas talvez seja ilusão, um leve tremor da pálpebra. É o suficiente. Ele se coloca acima de Henrique, como uma escultura num túmulo: um grande anjo sepulcral, mudo e feio. Ele espera: e então vê aquele movimento novamente, acha que vê. Seu coração salta. Ele leva a mão ao peito do rei, batendo-a em sua roupa, como um comerciante fechando um negócio. Diz calmamente:

— O rei está respirando.

Um rugido infernal. Algo entre um gemido, um viva e um uivo de pânico, um grito a Deus, uma provocação ao diabo.

Sob o gibão, dentro do acolchoado de crina de cavalo, uma fibrilação, um tremor de vida: com sua mão aberta e pesada sobre o peito real, ele sente que está ressuscitando Lázaro. É como se a palma de sua mão, magnetizada, injetasse a vida de volta em Henrique. A respiração do rei, embora curta, parece estável. Ele, Cromwell, viu o futuro; ele viu a Inglaterra sem Henrique; ele reza em voz alta, “Vida longa ao rei”.

— Tragam os médicos — ordena ele. — Tragam Butts. Tragam qualquer homem com habilidade. Se ele morrer de novo, eles não serão responsabilizados. Dou minha palavra quanto a isso. Tragam-me Richard Cromwell, meu sobrinho. Tragam um banco para lord Norfolk, ele sofreu um choque.

Ele se sente tentado a acrescentar, joguem um balde de água no Gentil Norris: cujas preces, ele teve tempo de perceber, são de caráter marcadamente papista.

A tenda agora está tão lotada que parece ter sido erguida das estacas para ser carregada nas cabeças dos homens. Ele dirige um último olhar a Henrique antes que sua forma imóvel desapareça sob as ministrações de médicos e padres. Ele ouve um aspirar longo, estertoroso; mas o mesmo já se ouviu de cadáveres.

— Respire! — grita Norfolk — Deixem o rei respirar!

E, como se em obediência, o homem caído toma um fôlego profundo, trágado, áspero. E então pragueja. E depois tenta sentar-se.

E tudo está acabado.

Mas não completamente: não até que ele tenha estudado as expressões dos Bolena ao redor. Eles parecem entorpecidos, atordoados. Seus rostos estão contraídos no frio cortante. O grande momento deles passou, antes mesmo que eles percebessem que havia chegado. Como todos vieram até aqui tão rápido? Onde estavam antes?, pergunta ele a Fitz. Só então ele percebe que está escurecendo. O que pareceram dez minutos foram duas horas: duas horas desde que Rafe apareceu à porta, e que ele deixou cair a pena no papel.

Ele diz a Fitzwilliam:

— Claro, isso nunca aconteceu. Ou, se aconteceu, foi um incidente sem importância.

Para Chapuys e os outros embaixadores, ele manterá sua versão original: o rei caiu, bateu com a cabeça e ficou inconsciente por dez minutos. Não, em nenhum momento pensamos que ele tivesse morrido. Após dez minutos, ele se ergueu, colocando-se sentado. E agora está perfeitamente bem.

Desse jeito, diz ele a Fitzwilliam, parece até que o golpe na cabeça fez ficar ainda melhor. Que na verdade foi tudo proposital. Que todo monarca precisa de uma pancada na cabeça de tempos em tempos.

Fitzwilliam acha graça.

— Os pensamentos de um homem numa hora tão dura dificilmente parecem bem sob escrutínio. Lembro-me de ter pensado, não deveríamos chamar o lorde chanceler? Mas não sei o que eu achava que ele poderia fazer.

— Meu pensamento — confessa ele — foi, alguém vá buscar o arcebispo de Canterbury. Acho que meu raciocínio foi de que um rei não poderia morrer sem sua supervisão. Imagine tentar arrastar Cranmer pelo Tâmis. Primeiro ele nos obrigaria a fazer uma leitura do evangelho.

O que diz o Livro Negro? Nada que sirva a um caso como esse. Ninguém planejou o que fazer quando um rei é derrubado de uma hora para outra, num segundo altivo em sua sela e cavalgando com lança em riste, no instante seguinte prostrado no chão. Ninguém se atreveu. Ninguém ousa pensar nisso. E, onde o protocolo falha, aí é briga de faca. Ele se lembra de Fitzwilliam a seu lado; Gregory no meio da aglomeração; Rafe a seu lado e depois seu sobrinho Richard. Foi Richard quem ajudou a erguer o rei quando ele tentou se sentar, enquanto os médicos gritavam “Não, não, deite o rei!”? Henrique apertou as

mãos no peito, como se para espremer o próprio coração. Lutou para se erguer, produziu ruídos inarticulados — que pareciam palavras mas não eram, como se o Espírito Santo houvesse descido e o feito falar em línguas. Atravessado pelo pânico, ele pensou, e se ele jamais voltar a recuperar a razão? O que diz o Livro Negro se a mente do rei se torna inútil? Ele se lembra vagamente dos berros do cavalo caído de Henrique, lutando para ficar de pé; mas isso não pode ser o que ele ouviu, com certeza o abateram, não?

Mais tarde, o próprio Henrique urrava. À noite, o rei rasga as bandagens de sua cabeça. Os hematomas, o inchaço, são o veredicto que Deus fez do dia. Henrique está determinado a mostrar-se para sua corte, a combater quaisquer rumores de que está mutilado ou morto. Ana se aproxima dele, apoiando-se em seu pai, o “monsenhor”. O conde realmente a apoia, não está fingindo. Ela parece branca e frágil; e agora sua gravidez está aparente.

— Meu amo — diz ela —, eu oro, toda a Inglaterra ora, para que nunca dispute a justa novamente.

Com um gesto, Henrique ordena que ela se aproxime. Continua a chamando até que o rosto dela está próximo do seu. Sua voz é baixa e veemente:

— Por que não aproveita e me castra também? Isso lhe seria conveniente, não seria, madame?

Rostos se arregalam em choque. Os Bolena têm o bom senso de afastar Ana, afastá-la e levá-la embora, Mary Shelton e Jane Rochford abanando e consolando, todo o clã Howard e Bolena se fechando em torno dela. Jane Seymour é a única entre as damas a não se mover. Ela se ergue e olha para Henrique e os olhos do rei voam direto para ela, e eis que um espaço se abre a seu redor e por um momento ela está sobre o vazio, como uma dançarina deixada para trás enquanto todos os outros prosseguem na coreografia.

Mais tarde, ele está com Henrique em sua câmara, o rei atirado numa poltrona de veludo. Henrique diz, quando eu era menino, estava andando com meu pai na galeria de um prédio em Richmond certa noite de verão por volta das onze horas; ele tinha o braço dado ao meu e estávamos em profunda conversação, ou ao menos ele estava: e de repente houve um grande estrondo e um estilhaçar, e todo o edifício proferiu um profundo gemido e o chão desapareceu de sob nossos pés. Eu me lembrarei daquilo por toda a minha vida, de estarmos parados à beira do abismo, e o mundo tendo desaparecido debaixo de nós. Mas por um momento eu

não compreendi o que tinha ouvido, se era a madeira se partindo ou nossos ossos. Nós dois, pela graça de Deus, continuamos em piso firme, e contudo eu me vi despencando, caindo para o andar de baixo até atingir a terra e sentir seu cheiro, úmido como uma tumba. Bem... quando caí hoje, foi assim. Eu ouvia vozes. Muito distantes. Não conseguia distinguir as palavras. Senti-me flutuando no ar. Não vi Deus. Nem anjos.

— Espero que não tenha ficado decepcionado quando acordou. Apenas para deparar-se com Thomas Cromwell.

— Você nunca foi tão bem-vindo — responde Henrique. — Sua própria mãe no dia em que você nasceu não ficou mais contente em vê-lo do que eu hoje.

Os cavalheiros da câmara estão aqui, ocupando-se a passos leves de suas funções habituais, salpicando os lençóis do rei com água benta.

— Devagar — diz Henrique, irritado. — Querem que eu pegue um resfriado? Um afogamento não é mais eficaz que uma queda. — Ele se vira e diz, em voz baixa: — Crumb, você sabe que isso nunca aconteceu?

Ele assente. Quaisquer registros que já tenham sido feitos, ele está em processo de expurgar. Depois que o fizer, será sabido que em tal data o cavalo do rei tropeçou. Mas a mão de Deus o ergueu do chão e o pôs de volta em seu trono, rindo. Mais um item para incluir no Livro Chamado Henrique: derrube-o, e ele apenas quicará, para logo se ver novamente de pé.

Mas a rainha tem razão em uma coisa. Todos já viram os justadores do tempo do antigo rei mancando pela corte, os debilitados e perturbados sobreviventes das justas; homens que levaram pancadas na cabeça por vezes demais, homens que andam tortos, dobrados como uma cantoneira. E todas as suas habilidades não contam para nada quando chegar o dia de seu juízo. O cavalo pode falhar. Os garotos podem falhar. Os nervos podem falhar.

À noite, ele conversa com Richard Cromwell.

— Foi um momento ruim para mim. Quantos homens podem dizer, como eu posso, “Meu único amigo é o rei da Inglaterra”? Eu tenho tudo, poderiam pensar. E, entretanto, leve Henrique embora e não tenho nada.

Richard percebe aquela verdade incontornável. Diz:

— Sim.

O que mais ele pode dizer?

Mais tarde, ele expressa o mesmo pensamento para Fitzwilliam, porém de

forma cautelosa e modificada. Fitzwilliam o encara: pensativo, não sem compaixão.

— Não sei, Crumb. Não é como se você não tivesse apoio, você sabe.

— Perdoe-me — diz ele, cético —, mas de que forma esse apoio se manifesta?

— Quero dizer que você teria apoio, se precisasse, contra os Bolena.

— Por que precisaria? A rainha e eu somos perfeitos amigos.

— Não é o que você diz a Chapuys.

Ele inclina a cabeça. Interessante, as pessoas que conversam com Chapuys; interessante também aquilo que o embaixador escolhe passar adiante, de uma parte a outra.

— Você os ouviu? — diz Fitz. Seu tom é de repulsa. — Fora da tenda, quando pensávamos que o rei estivesse morto? Gritando “Bolena, Bolena!”. Gritando o próprio nome. Como cucos.

Ele espera. Claro que ouviu; qual é a verdadeira questão aqui? Fitz é próximo do rei. Ele foi criado na corte com Henrique desde que ambos eram meninos, embora sua família pertença à baixa nobreza. Ele esteve na guerra. Foi atingido por uma seta de balestra. Esteve em embaixadas no exterior, conhece a França, conhece Calais, conhece o enclave inglês de lá e sua política. Pertence àquela ordem exclusiva, os cavaleiros da Jarreteira. Escreve boas cartas, na medida certa, nem abruptas nem prolixas, nem entremeadas de elogios nem negligentes em expressões de respeito. O cardeal gostava dele, e ele é afável com Thomas Cromwell quando almoçam, diariamente, na câmara da guarda. Ele é sempre afável: e agora mais ainda?

— O que teria acontecido, Crumb, se o rei não tivesse voltado à vida? Nunca me esquecerei de Howard gritando, “Eu, eu, eu!”.

— Não é um espetáculo que apagaremos de nossas mentes. Quanto a... — hesita ele. — Bem, se o pior acontecesse, o corpo do rei morreria mas o corpo político continuaria. Talvez fosse possível convocar um conselho dirigente, composto dos oficiais da lei e daqueles principais conselheiros que são agora...

— ... entre os quais, a sua pessoa...

— A minha pessoa, correto. — A minha pessoa em várias capacidades, pensa ele: quem mais confiável, mais próximo, e não apenas secretário-mor mas também um oficial da lei, arquivista-mor? — Se o Parlamento se dispusesse,

poderíamos reunir um corpo que governasse como regente até que a rainha desse à luz, e, talvez com a permissão dela, durante a minoridade...

— Mas você sabe que Ana não daria nenhuma permissão desse tipo — diz Fitz.

— Não, ela teria tudo para governar sozinha. Mas teria que lutar com o tio Norfolk. Entre os dois, não sei a quem eu apoiaria. A dama, acho.

— Deus ajude o reino — diz Fitzwilliam —, e todos os homens nele. Entre os dois, eu preferiria Thomas Howard. Pelo menos, se chegasse a isso, alguém poderia desafiá-lo a sair e lutar. Deixe a mulher ser regente e os Bolena caminhariam nas nossas costas. Seríamos seus tapetes vivos. Ela mandaria bordar “AB” em nossa pele. — Fitz esfrega o queixo. — Mas é o que ela fará de qualquer maneira. Se der um filho a Harry.

Ele está ciente de que Fitz o observa.

— Falando sobre filhos — diz ele —, eu já lhe agradei de forma apropriada? Diga-me se houver alguma coisa que eu possa fazer por você. Gregory cresceu muito sob sua orientação.

— O prazer é meu. Mande-o de volta para mim em breve.

Mandarei, pensa ele, e com a concessão de uma ou duas pequenas abadias quando minhas novas leis estiverem aprovadas. Em sua mesa tem uma enorme pilha de questões para a nova sessão do Parlamento. Antes que muitos anos se passem, ele gostaria que Gregory tivesse um assento a seu lado nos Comuns. Ele precisa ver todos os aspectos de como o reino é governado. Um período no Parlamento é um exercício de frustração, é uma lição de paciência: a perspectiva que preferir adotar. Eles debatem guerra, paz, contendas, disputas, murmúrios, rixas, riqueza, pobreza, verdade, falsidade, justiça, equidade, opressão, traição, assassinato e a edificação e manutenção do país; depois fazem como seus antecessores fizeram — isto é, como teriam feito — e param no mesmo ponto em que começaram.

Depois do acidente do rei, está tudo igual, e contudo nada mais é igual. Ele ainda está do lado errado dos Bolena, dos partidários de Maria, do duque de Norfolk, do duque de Suffolk e do ausente bispo de Winchester; para não mencionar o rei da França, o imperador e o bispo de Roma, também conhecido como o papa. Mas o torneio — cada torneio — está mais afiado agora.

No dia do funeral de Catarina, ele se vê abatido. Quão estreitamente

abraçamos nossos inimigos! Eles são nossos parentes, nosso outro eu. Enquanto ela estava sentada numa almofada de seda no Alhambra, uma menina de 7 anos trabalhando em seu primeiro bordado, ele estava esfregando raízes na cozinha do Palácio de Lambeth sob o olhar de seu tio John, o cozinheiro.

Tantas vezes ele tomou partido de Catarina em conselho, como se fosse um dos advogados nomeados por ela. “Os senhores apresentam este argumento”, dizia ele, “mas a princesa viúva alegrará...” E “Catarina refutará os senhores, da seguinte forma”. Não porque ele esteja a favor da causa dela, mas porque assim se ganha tempo; como seu adversário, ele adentra suas preocupações, julga seus estratagemas, apresenta cada ponto antes que ela o faça. Há muito que isso tem sido um enigma para Charles Brandon, que indaga: “De que lado está esse sujeito?”

Mas mesmo agora a causa de Catarina não é considerada encerrada, em Roma. Uma vez que os advogados do Vaticano iniciam um caso, eles não o encerram apenas porque uma das partes faleceu. Possivelmente, quando todos nós estivermos mortos, de alguma portinhola do Vaticano surgirá tremelizando um secretário-esqueleto, para consultar seus colegas esqueletos sobre algum ponto do direito canônico. Eles chocalharão seus dentes uns para os outros; baixarão os olhos ausentes nas órbitas apenas para ver que seus pergaminhos se tornaram partículas de poeira na luz. Quem tirou a virgindade de Catarina, seu primeiro marido ou o segundo? Por toda a eternidade, nunca saberemos.

Ele diz a Rafe:

— Quem pode entender a vida das mulheres?

— Ou a morte delas — completa Rafe.

Ele ergue os olhos.

— Até você! Não acha que ela foi envenenada, acha?

— Dizem os boatos — responde Rafe gravemente — que o veneno penetrou em seu corpo por alguma cerveja forte de Gales. Uma bebida pela qual, ao que parece, ela tomou gosto nesses últimos meses.

Ele encara Rafe e bufa, com uma risada reprimida. A princesa viúva, bebericando cerveja galesa.

— De uma caneca de couro — diz Rafe. — E imagine Catarina batendo a caneca na mesa. E rugindo, “Encha de novo”.

Ele ouve a aproximação de pés correndo. O que será agora? Uma batida na

porta e seu garoto galês aparece, sem fôlego.

— Senhor, precisa ir até o rei imediatamente. A gente de Fitzwilliam veio buscá-lo. Acho que alguém morreu.

— Como, outro alguém? — Ele pega seus papéis, joga-os num baú, vira a chave e a entrega a Rafe. De agora em diante ele não deixará nenhum segredo sem vigilância, nenhuma tinta fresca exposta ao ar. — Quem tenho que trazer dos mortos desta vez?

Sabe como é quando um coche vira na rua? Todo mundo que você conhece testemunhou o ocorrido. Viram a perna de um homem totalmente decepada. Viram uma mulher dar seu último suspiro. Viram os bens saqueados, ladrões roubando da traseira, enquanto o cocheiro estava esmagado na frente. Ouviram um homem berrar sua última confissão, enquanto outro sussurrava seu último desejo e seu testamento. E, se todas as pessoas que dizem que estavam lá realmente estivessem lá, então toda a escória de Londres teria acabado naquele único local, as prisões esvaziadas dos ladrões, as camas vazias de prostitutas, e todos os advogados seriam erguidos nos ombros dos açougueiros para ter uma visão melhor.

Mais tarde nesse mesmo dia, 29 de janeiro, ele estará a caminho de Greenwich, chocado, apreensivo com as notícias que os homens de Fitzwilliam lhe trouxeram. As pessoas lhe dirão: “Eu estava lá, eu estava lá quando Ana interrompeu sua conversa, eu estava lá quando ela pousou o livro, a costura, o alaúde, eu estava lá quando ela interrompeu sua celebração pela ideia de que Catarina está descendo a uma cova. Eu vi seu rosto mudando. Eu vi suas damas se fechando em torno dela. Eu vi quando a arrastaram para sua câmara e trancaram a porta, e vi o rastro de sangue deixado no chão quando ela passou.”

Não precisamos acreditar nisso. Não no rastro de sangue. Eles o viram em sua imaginação, talvez. Ele perguntará, a que horas começaram as dores da rainha? Mas ninguém parecerá capaz de lhe dizer, apesar de terem um profundo conhecimento do incidente. Eles se concentraram na trilha de sangue e deixaram de lado os fatos. Levará o dia todo até que a má notícia vaze da cabeceira da rainha. Às vezes as mulheres sangram mas a criança segue firme na barriga e cresce. Não dessa vez. Catarina não está há tanto tempo no túmulo para descansar tranquila. Ela estendeu o braço e arrancou a criança de Ana, que é trazida prematura ao mundo e não maior que um rato.

À noite, fora da suíte da rainha, a anã se senta no chão, se balançando e gemendo. Ela finge estar em trabalho de parto, alguém explica: desnecessariamente.

— Vocês não podem tirá-la daqui? — pergunta ele às mulheres.

Jane Rochford diz:

— Era um menino, senhor secretário. Ela o levou por menos de quatro meses, segundo nossos cálculos.

Início de outubro, então. Estávamos ainda em viagem.

— O senhor deve manter um registro do itinerário — murmura Lady Rochford. — Onde ela estava nessa época?

— Isso importa?

— Imagino que o senhor queira saber. Oh, eu sei que planos foram alterados, por vezes em cima da hora. Que às vezes ela estava com o rei, às vezes não, que às vezes Norris estava com ela, e às vezes outros cavalheiros. Mas o senhor tem razão, secretário. Não é o momento. Os médicos não podem dar certeza de quase nada. Não podemos dizer quando foi concebido. Ou quem estava aqui e quem estava lá.

— Talvez devêssemos deixar as coisas como estão — diz ele.

— Pois bem. Agora que ela perdeu outra chance, pobre dama... que mundo será?

A anã se põe de pé. Observando-o, sustentando seu olhar, ela ergue as saias. Ele não é rápido o suficiente para desviar o olhar. Ela raspou a si mesma ou alguém a raspou, e suas partes estão peladas, como as partes de uma velha ou de uma criança pequena.

Mais tarde, diante do rei, segurando a mão de Mary Shelton, Jane Rochford não tem certeza de nada.

— A criança parecia ser um menino — diz ela —, de cerca de 15 semanas de gestação.

— O que quer dizer com “parecia”? — interroga o rei. — Não sabe dizer? Ora, saia daqui, mulher, você nunca deu à luz, o que sabe? Deveria ter havido matronas à cabeceira dela, o que você foi fazer lá? Os Bolena não podiam dar lugar a alguém mais útil? Vocês precisam estar lá no meio da confusão sempre que um desastre acontece?

A voz de Lady Rochford vacila, mas ela sustenta sua opinião.

— Vossa Majestade pode entrevistar os médicos.

— Já fiz isso.

— Estou apenas repetindo as palavras deles.

Mary Shelton explode em lágrimas. Henrique olha para ela e diz humildemente:

— Srta. Shelton, perdão. Querida, eu não queria fazê-la chorar.

Henrique sente dor. Sua perna foi atada pelos cirurgiões, a perna que ele feriu na justa há mais de dez anos; é propensa a ulcerações, e parece que a recente queda abriu um canal na carne. Toda a bravata do rei desapareceu; é como nos dias em que ele sonhava com seu irmão Artur, nos dias em que era assombrado pelos mortos. É o segundo filho que ela perde, diz ele à noite, em particular: contudo, quem sabe, talvez tenha havido outros, as mulheres guardam essas coisas para si até que a barriga apareça, não sabemos quantos de meus herdeiros definharam em sangue. O que Deus quer de mim agora? O que devo fazer para agradá-lo? Vejo que ele não me dará filhos homens.

Ele, Cromwell, espera à distância enquanto Thomas Cranmer, pálido e delicado, encarrega-se da infelicidade do rei. Interpretamos muito mal o nosso criador, diz o arcebispo, se o culpamos por todos os acidentes de natureza decaída.

Pensei que Ele cuidasse de cada pássaro que cai, diz o rei, truculento como uma criança. Então por que não se importa com a Inglaterra?

Cranmer argumenta. Ele mal escuta. Ele pensa nas mulheres em torno de Ana: astutas como serpentes, suaves como pombas. Uma determinada história já está tramada, sobre os acontecimentos do dia; tramada na câmara da rainha. Ana Bolena não é culpada por este infortúnio. É a seu tio Thomas Howard, o duque de Norfolk, que devemos culpar. Quando o rei sofreu a queda, foi Norfolk quem apavorou a rainha, gritando que Henrique estava morto e assim provocando-lhe um choque tão grande que o coração do bebê ainda não nascido parou.

E mais: é culpa de Henrique. Pela maneira como ele vem se comportando, namoricando a filha do velho Seymour, deixando cartas no assento reservado à moça na capela e enviando-lhe doces de sua mesa. Quando a rainha viu que ele amava outra, foi atingida até o âmago. A tristeza que a tomou fez com que suas vísceras se revoltassem e rejeitassem a frágil criança.

Apenas seja clara, diz Henrique friamente quando se coloca ao pé do leito da rainha e ouve tal relato dos acontecimentos. Apenas seja clara sobre isso, madame. Se alguma mulher tem a culpa, é aquela que estou fitando. Falarei com você quando estiver melhor. E agora me despeço, pois estou indo a Whitehall me preparar para o Parlamento, e é melhor que você fique na cama até se recuperar. O que, quanto a mim, duvido que me acontecerá.

É então que Ana grita para ele — ou ao menos assim conta Lady Rochford:

— Fique, fique, meu amo, logo lhe darei outro filho, e muito mais rápido agora que Catarina está morta...

— Não vejo como isso aceleraria o trâmite.

Henrique se retira claudicando. Depois, em seus próprios aposentos, os cavalheiros da câmara fazem os preparativos para a partida movendo-se com cautela à sua volta, como se ele fosse feito de vidro. Henrique agora está arrependido de seu pronunciamento precipitado, porque, se a rainha não vai junto com ele, nenhuma mulher vai, e ele não poderá banquetear os olhos com seu docinho, Jane. Mais razoáveis argumentos o perseguem, comunicados a ele por Ana, num bilhete, talvez: o feto perdido, concebido quando Catarina ainda estava viva, é inferior à concepção que se seguirá, em alguma data desconhecida mas em breve. Pois, mesmo que a criança tivesse vivido e crescido, ainda haveria quem duvidasse de seu direito; ao passo que, agora que Henrique é um viúvo, ninguém na cristandade pode contestar que seu casamento com Ana é lícito e que qualquer filho que eles gerem será o herdeiro da Inglaterra.

— Bem, o que acham dessa linha de raciocínio? — pergunta Henrique. A perna dura de tantas bandagens, ele se deixa afundar numa poltrona em seus aposentos privados. — Não, não conferenciem, quero uma resposta de cada um de vocês, cada Thomas sozinho. — Ele faz uma careta, embora a intenção seja produzir um sorriso. — Sabem a confusão que vocês causam entre os franceses? Eles fizeram de vocês dois um só conselheiro, e nos despachos o chamam de Dr. Chramuel.

Eles trocam olhares, ele e Cranmer: o açougueiro e o anjo. Mas o rei não espera por seus conselhos, seja em conjunto ou separados; ele segue falando, como um homem que enfia uma adaga em si mesmo para provar o quanto dói.

— Se um rei não pode ter um filho, se não consegue fazer isso, não importa o que mais ele consegue fazer. As vitórias, os despojos da vitória, as leis justas que

ele elabora, as notórias cortes que ele sustenta, tudo isso é como nada.

É verdade. Para manter a estabilidade do reino: esse é o pacto que o rei faz com seu povo. Se ele não pode ter um filho seu, deve encontrar um herdeiro, nomeá-lo antes que seu país caia em dúvida e confusão de facções e conspirações. E quem Henrique pode nomear que não venha a ser alvo de zombaria? O rei diz:

— Quando lembro o que fiz pela atual rainha, como a elevei da posição de mera filha de um cavaleiro... não consigo entender agora por que fiz isso. — Ele olha para os dois como se perguntasse, você sabe, Dr. Chramuel? — Tenho a impressão... — ele está tateando, perplexo, em busca das frases certas — ... tenho a impressão de que fui, de certa forma, levado a este casamento de má-fé.

Ele, Cromwell, olha de soslaio para a outra metade de si mesmo, como se para um espelho: Cranmer parece perplexo.

— Como, de má-fé? — pergunta o arcebispo.

— Tenho certeza de que eu não estava em meu juízo perfeito. Não como estou agora.

— Mas, senhor — pondera Cranmer. — Majestade. Perdoe-me, mas seu juízo não tem como estar perfeito. Vossa Majestade sofreu uma grande perda.

Duas, na verdade, pensa ele: hoje seu filho nasceu morto e sua primeira esposa foi enterrada. Não admira que esteja vacilante.

— A mim me parece que fui persuadido — diz Henrique —, isto é, fui manipulado, talvez com amuletos, talvez com feitiços. As mulheres de fato usam essas coisas. E, se assim tiver sido, então o casamento seria nulo, não é?

Cranmer estende as mãos, como um homem tentando empurrar a maré de volta. Ele vê sua rainha evaporando no ar: sua rainha, que tanto fez pela verdadeira religião.

— Senhor, senhor... Majestade...

— Ah, chega! — diz Henrique: como se Cranmer é que tivesse começado a discussão. — Cromwell, quando você era soldado, chegou a ouvir falar de algo que pudesse curar uma perna como a minha? Levei um novo golpe nela, e os cirurgiões dizem que os humores malignos precisam sair. Eles temem que a podridão tenha avançado até o osso. Mas não conte a ninguém. Eu não gostaria que o boato se espalhasse fora do reino. Pode enviar um pajem para buscar Thomas Vicary? Acho que ele precisa sangrar-me. Preciso de algum alívio. Boa

noite para vocês. — Ele acrescenta, quase inaudível: — Pois imagino que até o dia de hoje irá acabar.

O Dr. Chramuel sai. Em uma antecâmara, um se vira para o outro.

— Ele estará diferente amanhã — diz o arcebispo.

— Sim. Um homem com dor pode dizer qualquer coisa.

— Não devemos levar a sério.

— Não.

São como dois homens atravessando gelo fino; um se apoiando no outro, ambos dando passos pequenos, tímidos. Como se isso fosse adiantar de alguma coisa quando o gelo debaixo deles começar a rachar por todos os lados.

Cranmer diz, incerto:

— A dor pela criança o confunde. Ele teria esperado tanto tempo por Ana, para depois livrar-se dela assim tão rápido? Em breve serão melhores amigos.

— Além disso — diz ele —, Henrique não é homem de admitir que errou. Ele pode ter suas dúvidas quanto a seu casamento. Mas, se qualquer outra pessoa levantar esse tipo de questionamento, que Deus a ajude.

— Precisamos apaziguar essas dúvidas — diz Cranmer. — Nós dois temos que conseguir isso.

— Ele gostaria de não ser inimigo do imperador. Agora que Catarina não está aqui para causar mal-estar entre eles. Assim, temos que encarar o fato de que a atual rainha é... — Ele hesita em dizer, supérflua; hesita em dizer, um obstáculo à paz.

— Ela está no caminho dele — diz Cranmer, sem rodeios. — Mas ele não a sacrificará, correto? Certamente que não. Não para agradar o imperador Carlos ou a qualquer homem. Eles nem precisam se perguntar isso. Roma não precisa se perguntar. Ele nunca voltará atrás.

— Não. Tenha um pouco de fé em nosso bom amo para manter a Igreja.

Cranmer ouve as palavras que ele não pronunciou: o rei não precisa de Ana para ajudá-lo a fazer isso.

Contudo, ele diz a Cranmer. É difícil se lembrar do rei, antes de Ana; difícil imaginá-lo sem ela. Ana gira à volta dele. Ela lê por cima de seu ombro. Ela se infiltra em seus sonhos. Mesmo quando está deitada junto dele, isto não é perto o bastante para ela.

— Eu lhe direi o que vamos fazer — prossegue ele, apertando o braço de

Cranmer. — Vamos oferecer um jantar, que tal? E convidar o duque de Norfolk

Cranmer se retrai.

— Norfolk? Por que faríamos isso?

— Por reconciliação — diz ele casualmente. — Temo ter, hum, talvez desprezado suas pretensões no dia do acidente do rei. Na tenda. Quando ele correu para dentro. Pretensões bem-fundamentadas — acrescenta ele, reverente. — Pois não é ele nosso mais alto aristocrata? Não, tenho piedade do duque do fundo do coração.

— O que você fez, Cromwell? — O arcebispo está lívido. — O que você fez naquela tenda? Colocou mãos violentas sobre ele, como ouvi dizer que fez recentemente com o duque de Suffolk?

— Como, Brandon? Eu só o levei para outro lugar.

— Quando ele não pretendia ser levado.

— Foi para o próprio bem dele. Se eu o deixasse na presença do rei, suas palavras o teriam levado para a Torre. Ele estava difamando a rainha, entende? — E qualquer calúnia, qualquer dúvida, pensa ele, deve vir de Henrique, de sua própria boca, e não da minha ou de qualquer outro homem. — Por favor, por favor — diz ele —, vamos oferecer um jantar. Você precisa organizá-lo em Lambeth, Norfolk não virá até mim, ele pensará que pretendo colocar um sonífero no vinho dele e enfiá-lo a bordo de um navio para ser vendido como escravo. Ele gostará de ir visitar você. Eu fornecerei a carne de gamo. Teremos gelatinas no formato dos principais castelos do duque. Não será nenhum dispêndio para você. E nenhum trabalho para os seus cozinheiros.

Cranmer ri. Finalmente, ele ri. Foi uma árdua campanha para arrancar dele ao menos um sorriso.

— Como quiser, Thomas. Façamos um jantar.

O arcebispo pousa as mãos nos braços dele, dá-lhe um beijo à direita e outro à esquerda. O beijo da paz. Ele não se sente aliviado, ou tranquilizado, quando retorna a seus aposentos, cruzando o palácio estranhamente silencioso: nenhuma música em salas distantes, talvez o murmúrio de uma prece. Ele tenta imaginar a criança perdida, o bonequinho, seus membros brotando, seu rosto velho e sábio.

Poucos homens já viram tal coisa. Por certo que ele não viu. Na Itália, certa vez, ele segurou uma lanterna para um cirurgião que, num quarto fechado imerso em sombras, fatiava um morto para ver as engrenagens do corpo por

dentro. Foi uma noite pavorosa, o fedor de entranhas e sangue obstruindo a garganta, e artistas se empurrando e negociando um lugar com boa visão, tentando enxotá-lo às cotoveladas: mas ele permaneceu firme, pois garantira que assim o faria, prometera segurar a luz. E assim ele esteve entre os eleitos daquela comitiva, os luminares, que viram o músculo ser separado do osso. Mas nunca chegou a ver o interior de uma mulher, muito menos um cadáver grávido; nenhum cirurgião, nem mesmo por dinheiro, faria um trabalho desses diante de uma plateia.

Ele pensa em Catarina, embalsamada e sepultada. Seu espírito liberto, partindo em busca de seu primeiro marido: vagando agora, chamando seu nome. Será que Artur ficará chocado ao vê-la, uma velha tão corpulenta, e ele ainda um garoto franzino?

O rei Artur, abençoada seja sua memória, não pôde ter um filho. E o que aconteceu depois de Artur? Não sabemos. Mas sabemos que sua glória desapareceu do mundo.

Ele pensa no lema escolhido por Ana, pintado com seu brasão de armas: “A mais afortunada.”

Ele disse a Jane Rochford:

— Como vai minha ama, a rainha?

Rochford respondeu:

— Sentada, se lamentando.

Mas o que ele queria saber era, ela perdeu muito sangue?

Catarina não era sem pecado, mas agora seus pecados foram tirados dela. Estão todos amontoados em Ana: a sombra que flutua em seu encaço, a mulher vestida de escuridão. A ex-rainha habita a luminosa presença de Deus, com seus bebês mortos embalados a seus pés, mas Ana ainda habita o mundo pecaminoso abaixo, cozida em seu suor de parto, em seu lençol sujo. Mas suas mãos e pés estão frios e seu coração é como uma pedra.

Enfim, aqui está o duque de Norfolk, esperando que lhe deem de comer. Vestido com o que tem de melhor, ou pelo menos com o que é bom o bastante para o Palácio de Lambeth, ele parece um pedaço de corda mastigado por um cão, ou um pedaço de tendão abandonado de lado numa tábua de cortar carne. Olhos brilhantes e ferozes sob sobrancelhas ingovernáveis. O cabelo como uma lixa de aço. Sua figura é magra e musculosa, e ele cheira a cavalo e couro e à oficina de

um armeiro e, misteriosamente, a fornos ou talvez cinzas frias: seco como pó, pungente. Ele não teme nenhum homem vivo exceto Henrique Tudor, que num capricho pode sacar-lhe seu ducado, mas teme os mortos. Dizem que em todas as suas casas, ao fim do dia, é possível ouvi-lo batendo os postigos e passando as trancas, para que o falecido cardeal Wolsey não entre voando pela janela ou deslizando escada acima. Se Wolsey quisesse Norfolk, esperaria em silêncio sob o tampo da mesa, suspirando pelos nós da madeira; entraria por um buraco de fechadura ou se jogaria dentro de uma chaminé com uma penugem macia como uma pomba coberta de fuligem.

Quando Ana Bolena surgiu no mundo, e sendo sobrinha da ilustre família dele, o duque pensou que seus problemas estivessem terminados. Porque ele tem problemas; o mais alto nobre tem seus rivais, os agourentos, os difamadores. Mas ele acreditava que, com Ana coroada no devido tempo, estaria sempre junto ao braço direito do rei. Não funcionou dessa forma, e o duque se tornou um desafeto. O casamento não trouxe aos Howard as riquezas e honras que ele esperava. Ana tomou as recompensas para si, e Thomas Cromwell usurpou-as. O duque pensa que Ana deveria ser guiada por seus parentes varões, mas ela não deixará que a guiem; na verdade, ela já deixou claro que vê a si mesma, e não ao duque, como chefe da família agora. O que não é natural, do ponto de vista do duque: uma mulher não pode ser chefe de nada, a subordinação e a submissão são seu papel. Ainda que seja uma rainha e uma mulher rica, ainda assim ela deveria saber seu lugar, ou deveriam ensinar-lhe. Howard às vezes reclama em público: não de Henrique, mas de Ana Bolena. E ele achou oportuno passar algum tempo em suas próprias terras, importunando sua duquesa, que muitas vezes escreve a Thomas Cromwell com queixas acerca do tratamento que recebe do marido. Como se ele, Thomas Cromwell, pudesse transformar o duque num dos maiores amantes do mundo, ou mesmo em um homem minimamente razoável.

Mas, quando a última gravidez de Ana tornou-se pública, o duque veio à corte, ladeado por seus criados portando sorrisinhos, e logo seu peculiar filho fez o mesmo. Surrey é um jovem que tem em relação a si próprio a grande imagem de um homem bonito, talentoso e sortudo. Mas seu rosto é torto e ele não se favorece ao cortar o cabelo no formato de uma tigela. Hans Holbein admite que o considera um desafio. Surrey está aqui esta noite em Lambeth, abrindo mão de

uma noite no bordel. Seus olhos percorrem o salão; talvez ele pense que Cranmer esconde garotas nuas por trás das tapeçarias.

— Bem, e então — diz o duque, esfregando as mãos. — Quando você me visitará em Kenninghall, Thomas Cromwell? Temos boa caça, por Deus, temos algo em que atirar em todas as estações do ano. E podemos arranjar-lhe um cobertor de orelha se você quiser um, uma plebeia do tipo que você gosta, arranjamos uma nova criada há pouco — o duque suga a saliva —, você deveria ver os peitinhos dela. — Seus dedos nodosos beliscam o ar.

— Bem, se ela é sua — murmura ele —, eu não gostaria de privá-lo dela.

O duque atira um olhar a Cranmer. Talvez não seja apropriado falar sobre mulheres? Se bem que, por outro lado, Cranmer tampouco é um arcebispo apropriado, na opinião de Norfolk; é um secretário insignificante que Henrique encontrou nos pântanos certo ano e que prometeu fazer tudo que o rei pedisse em troca de uma mitra e duas boas refeições por dia.

— Por Deus, você parece doente, Cranmer — diz o duque, com prazer sombrio. — Parece incapaz de manter as carnes nos ossos. Eu tampouco consigo. Veja isso. — O duque se empurra para longe da mesa, acotovelando um pobre rapaz que está de prontidão com a ânfora de vinho. Ele se levanta e abre a toga, colocando para fora um tornozelo magro. — O que me dizem disso?

É horrível, concorda ele. O que definha Thomas Howard até os ossos é certamente a humilhação, não? Em público, sua sobrinha o interrompe e fala por cima da voz dele. Ri de suas medalhinhas e das relíquias que ele usa, algumas muito sagradas. À mesa, ela se inclina para ele e diz, Venha, tio, coma uma migalha de minha mão, você está desaparecendo.

— E estou mesmo — diz ele. — Não sei como você consegue, Cromwell. Olhe para você, todo robusto em sua toga, um ogro o comeria assado.

— Ah, bem — diz ele, sorrindo —, é o risco que eu corro.

— Acho que você ingere algum pó que arranjou na Itália. É o que o mantém em forma. Suponho que você não partilharia desse segredo, ou sim?

— Coma sua gelatina, meu amo — responde ele pacientemente. — Se souber de algum pó, eu lhe trarei uma amostra. Meu único segredo é que durmo à noite. Estou em paz com meu criador. E, é claro — acrescenta ele, recostando-se à vontade —, não tenho inimigos.

— O quê? — exclama o duque.

Suas sobranceiras sobem até os cabelos. Ele se serve de um pouco mais das construções de gelatina de Thurston, do escarlate e do branco, da pedra aerada e do tijolo sanguíneo. Enquanto os gira na boca, ele opina sobre vários temas. Principalmente sobre Wiltshire, o pai da rainha. Que deveria ter criado Ana direito e com mais atenção à disciplina. Mas não, ele estava muito ocupado gabando-se dela em francês, gabando-se do que ela se tornaria.

— Bem, ela de fato se tornou — diz o jovem Surrey. — Não é mesmo, senhor meu pai?

— Eu acho que é ela quem está me fazendo definhar — diz o duque. — Ela sabe tudo sobre pós. Dizem que mantém envenenadores à sua disposição. Vocês sabem o que ela fez com o antigo bispo Fisher.

— O que ela fez? — pergunta o jovem Surrey.

— Você nunca sabe nada, rapaz? O cozinheiro de Fisher foi pago para colocar um pó no caldo. Quase o matou.

— Não teria sido perda alguma — diz o rapaz. — Ele era um traidor.

— Sim — diz Norfolk —, mas na época sua traição ainda estava à espera de ser provada. Aqui não é a Itália, garoto. Temos tribunais de justiça. Bem, o velho contornou o veneno, mas nunca mais se recuperou. Henrique mandou ferver vivo o cozinheiro.

— Mas ele nunca confessou — comenta ele: ele, Cromwell. — Portanto, não podemos dizer com certeza que os Bolena fizeram isso.

Norfolk bufa.

— Eles tinham motivo. Maria tem mais é que tomar cuidado.

— Concordo — diz ele. — Embora eu não creia que veneno seja o principal perigo para ela.

— O quê, então? — pergunta Surrey.

— Mau aconselhamento, meu amo.

— Acha que ela deveria dar-lhe ouvidos, Cromwell?

O jovem Surrey agora poussa a faca e começa a reclamar. Os nobres, lamenta ele, não são mais respeitados como eram nos dias em que a Inglaterra era grande. O atual rei mantém a sua volta uma coleção de homens de nível baixo, e nada de bom resultará disso. Cranmer se inclina à frente em sua cadeira, como se para interferir, mas Surrey lhe prega um olhar hostil que diz, é exatamente de você que estou falando, arcebispo.

Com um gesto de cabeça, ele ordena a um menino que complete a taça do jovem.

— Este não é o melhor público para tal discurso, senhor.

— Por que eu me importaria com isso? — retruca Surrey.

— Thomas Wyatt disse que você está estudando para escrever versos. Eu gosto muito de poemas, pois passei minha juventude entre os italianos. Se quiser dar-me o privilégio, eu gostaria de ler alguns.

— Não tenho dúvida de que gostaria — responde Surrey. — Mas eu os reservo aos meus amigos.

* * *

Quando ele chega em casa, seu filho sai para recebê-lo.

— Soube o que a rainha está fazendo? Ela se ergueu do leito de parto, e estão falando coisas inacreditáveis sobre ela. Dizem que foi vista tostando avelãs sobre o fogareiro de sua câmara, virando-as em uma frigideira, pronta para fazer doces envenenados para Lady Maria.

— Teria que ser outro alguém manipulando a frigideira — diz ele, sorrindo.

— Um criado. Weston. Aquele garoto, Mark.

Gregory defende obstinadamente sua versão:

— Foi ela mesma. Torrando. Então o rei entrou e achou estranho vê-la ocupada com aquilo, pois ele não sabia do que se tratava, e ele suspeita dela, sabe? O que está aprontando, perguntou ele, e a rainha Ana respondeu, oh, meu amo, estou apenas fazendo doces para recompensar as mulheres pobres que ficam ao portão exclamando saudações para mim. Ao que o rei disse, verdade, minha amada? Então que Deus a abençoe. E assim ele foi totalmente enganado, veja o senhor.

— E onde isso aconteceu, Gregory? Pois veja bem, ela está em Greenwich, e o rei em Whitehall.

— Não importa — diz Gregory alegremente. — Na França as bruxas podem voar, com frigideiras, avelãs e tudo o mais. E foi lá que ela aprendeu. Na verdade, todas as Bolena se tornarão bruxas para conjurar um menino para ela, pois o rei teme ser incapaz de lhe dar um.

Seu sorriso se torna doloroso.

— Não espalhe isso pela casa.

Gregory diz alegremente:

— Tarde demais, foi a casa que espalhou por mim.

Ele se recorda de Jane Rochford dizendo, talvez dois anos atrás: “A rainha se vangloria de que dará à filha de Catarina um desjejum de que ela não se recuperará.”

Feliz no desjejum, morto no jantar. Era o que costumavam dizer sobre a doença dos suores, que matou sua esposa e suas filhas. E os falecimentos não naturais, quando ocorrem, geralmente são mais rápidos que isso; abatem de um só golpe.

— Estou indo para meus aposentos — diz ele. — Tenho que elaborar um documento. Não permita que me interrompam. Richard pode entrar se quiser.

— E, quanto a mim, posso entrar? Por exemplo, se a casa estiver pegando fogo, o senhor gostaria de saber?

— Não de você. Por que eu acreditaria em você?

Ele dá tapinhas no filho. Depois corre para seu quarto privado e fecha a porta.

O encontro com Norfolk não teve nenhuma recompensa aparente. Mas esperem. Ele pega o documento. No topo, escreve:

THOMAS BOLENA

Este é o pai da dama. Ele o visualiza em sua mente. Um homem ereto, ainda ágil, orgulhoso de sua aparência, que dedica grande atenção a como se apresentar, assim como seu filho George: um homem que gasta a criatividade dos ourives de Londres e gira em seus dedos joias que diz terem sido presentes de governantes estrangeiros. Vem atuando como diplomata para Henrique há muitos anos, um ofício para o qual é apto devido a sua fria emoliência. Não é homem talhado para a ação, Bolena, mas um homem que se coloca de lado, sorrindo de leve e cofiando a barba; ele acha que assim parece enigmático, mas na verdade parece estar se acariciando.

Ainda assim, ele soube como agir quando a oportunidade se apresentou, soube como propiciar a escalada de sua família, que subiu e subiu, chegando aos mais altos galhos da árvore. Faz frio lá no alto quando o vento sopra, o vento cortante de 1536.

Como sabemos, o título de conde de Wiltshire parece-lhe insuficiente para

indicar sua posição especial, de modo que ele inventou para si um título, monsenhor. E isso lhe dá prazer, ser assim referido. Ele faz saber que esse título deve ser universalmente adotado. Basta observarmos se os cortesãos satisfazem tal exigência para sabermos seu posicionamento na rede de alianças.

Ele escreve:

Monsenhor: Todos os Bolena. Suas mulheres. Seus capelães. Seus criados.

Todos os bajuladores Bolena na câmara privada, isto é:

Henry Norris

Francis Weston

William Brereton, etc.

Mas o velho "Wiltshire", pronunciado com sotaque rápido:

O duque de Norfolk

Sir Nicholas Carew (da câmara privada), que é primo de:

Edward Seymour, e casado com a irmã de:

Sir Francis Bryan, primo dos Bolena, mas primo também dos:

Seymour, e amigo do:

Tesoureiro real, William Fitzwilliam.

Ele examina a lista. E acrescenta os nomes de dois grandes nobres:

O marquês de Exeter, Henry Courtenay.

Henry Pole, lorde Montague.

Estas são as famílias tradicionais da Inglaterra; eles derivam seus direitos de antigas linhagens; eles se aviltam, mais que qualquer um de nós, sob as pretensões dos Bolena.

Ele enrola seu documento. Norfolk, Carew, Fitz. Francis Bryan. Os Courtenay, os Montague e sua laia. E Suffolk, que odeia Ana. É um conjunto de nomes. Não se pode tirar muito da lista. Essas pessoas não são necessariamente amigas umas das outras. Cada uma em certo grau, são amigas apenas do antigo sistema e inimigas dos Bolena.

Ele fecha os olhos. Ele espera, sentado, a respiração calma. Em sua mente, uma imagem aparece. Um salão alto. No qual ele encabeça uma mesa.

Os pés das compridas mesas são arrastados por laçaios.

O tampo é fixado no lugar.

Funcionários de libré desenrolam o tecido, puxando-o e alisando-o; assim como a toalha de mesa do rei, esta é abençoada, os criados murmurando uma fórmula latina enquanto dão um passo para trás a fim de ter uma visão geral e equiparar o comprimento das beiradas.

Certo, mesa preparada. Agora algum lugar para que os convidados se sentem.

Os criados arrastam pelo chão uma pesada cadeira, com o brasão dos Howard esculpido no espaldar. É para o duque de Norfolk, que senta seu traseiro ossudo.

— O que você tem — pergunta ele queixosamente — para tentar meu apetite, Crumb?

Agora tragam outra cadeira, ordena ele aos criados. Coloquem-na à direita de lord Norfolk

Esta é para Henry Courtenay, o marquês de Exeter. Que diz:

— Cromwell, minha esposa insistiu em vir!

— Faz bem a meu coração vê-la, Lady Gertrude — diz ele, curvando-se. — Tome seu lugar. — Até este jantar, ele sempre tentou evitar essa mulher rude e intrometida. Mas agora ele veste seu rosto educado: — Qualquer amiga de Lady Maria é bem-vinda para jantar.

— Princesa Maria — retruca acidamente Gertrude Courtenay.

— Como queira, senhora. — Ele suspira.

— Aí vem Henry Pole! — exclama Norfolk — Será que ele roubará meu jantar?

— Há comida para todos — responde ele. — Tragam mais uma cadeira, para lord Montague. Uma cadeira à altura de um homem de sangue real.

— Nós chamamos de trono — diz Montague. — Por sinal, minha mãe está aqui.

Lady Margaret Pole, a condessa de Salisbury. A rainha da Inglaterra por direito, segundo alguns. O rei Henrique adotou um curso sábio com ela e toda a sua família. Ele os honrou, estimou, manteve-os por perto. Fez muitíssimo bem: eles ainda acham que os Tudor são usurpadores, embora a condessa goste da princesa Maria, de quem foi governanta em sua infância: e a estima mais por sua

mãe real, Catarina, que por seu pai, a quem ela considera descendente de ladrões de gado de Gales.

Agora a condessa, em sua imaginação, vai claudicando até seu lugar. Ela olha ao redor.

— Você tem um magnífico salão aqui, Cromwell — diz ela, irritada.

— As recompensas da maldade — diz seu filho Montague.

Ele faz uma nova mesura. A essa altura, engolirá qualquer insulto.

— Bem — diz Norfolk —, onde está meu primeiro prato?

— Paciência, meu amo — diz ele.

Ele toma seu lugar, um humilde banquinho de três pernas, lá no fim da mesa. Ergue os olhos para seus superiores.

— Os pratos já virão. Mas, primeiro, demos graças?

Ele ergue os olhos para as vigas. No alto estão esculpidos e pintados os rostos dos mortos: More, Fisher, o cardeal, a rainha Catarina. Abaixo deles, a fina flor da Inglaterra viva. Oremos para que o telhado não desabe.

Um dia depois que ele, Thomas Cromwell, exercitou assim sua imaginação, ele sente a necessidade de esclarecer sua posição, no mundo real; e de aumentar a lista de convidados. Sua fantasia não chegou até o banquete em si, então ele não sabe que pratos oferecer. Precisa ser algo bom, ou a nobreza se retirará num rompante, arrancando a toalha da mesa e chutando seus criados.

Pois bem: ele agora fala com os Seymour, em particular mas direto ao ponto:

— Enquanto o rei sustentar a rainha atual, eu também a sustentarei. Mas, se ele rejeitá-la, devo reconsiderar.

— Então você não tem nenhum interesse próprio nisso? — pergunta Edward Seymour, com ceticismo.

— Eu represento os interesses do rei. É para isso que sirvo.

Edward sabe que não conseguirá mais que isso.

— Mesmo assim... — diz ele.

Ana em breve estará recuperada de seu infortúnio e Henrique poderá tê-la de volta na cama, mas está claro que a perspectiva não o fez perder o interesse em Jane. O jogo mudou, e Jane deve ser reposicionada. O desafio põe um brilho nos olhos de Seymour. Agora que Ana fracassou mais uma vez, é possível que Henrique deseje recasar-se. Toda a corte está falando disso. E é o antigo sucesso de Ana Bolena que lhes permite imaginá-lo.

— Vocês, Seymour, não devem elevar suas esperanças — diz ele. — Henrique se desentende com Ana e depois se entende de novo, e daí não poupa esforços por ela. É assim que eles sempre foram.

Tom Seymour diz:

— Por que alguém preferiria uma galinha velha e dura a uma franguinha ainda cheia de carne? Qual é a utilidade da primeira?

— Sopa — responde ele: mas não para que Tom possa ouvir.

Os Seymour estão de luto, mas não pela viúva Catarina. Anthony Oughtred está morto, o governador de Jersey, e a irmã de Jane, Elizabeth, tornou-se viúva.

Tom Seymour diz:

— Se o rei tomar Jane como amante, ou o que seja, teremos que planejar um bom casamento para Bess.

Edward responde:

— Atenha-se ao assunto em questão, irmão.

A jovem e efusiva viúva chega à corte, para ajudar a família em sua campanha. Ele achava que a chamavam de Lizzie, àquela jovem, mas parece que era apenas o apelido do marido para ela, e para sua família ela é Bess. Ele fica satisfeito, embora não saiba por quê. É irracional de sua parte pensar que outras mulheres não podem ter o nome de sua esposa. Bess não é nenhuma grande beleza, e é menos alva que sua irmã, mas tem uma vivacidade confiante que aprisiona o olhar.

— Seja gentil com Jane, senhor secretário — diz Bess. — Ela não é orgulhosa, ao contrário do que algumas pessoas pensam. Ficam se perguntando por que ela não fala com eles, mas é só porque ela não consegue pensar no que dizer.

— Mas ela falará comigo.

— Ela ouvirá.

— Uma bela qualidade em mulheres.

— Uma bela qualidade em qualquer um. Não acha? Contudo, Jane, mais do que todas as mulheres, espera que os homens lhe digam o que deve fazer.

— Para então obedecer?

— Não necessariamente. — Ela ri. As pontas dos seus dedos deslizam pelas costas da mão dele. — Venha. Ela está pronta para recebê-lo.

Aquecida pelo sol que é o desejo do rei da Inglaterra, qual donzela não

brilhari? Não Jane. Ao que parece, ela veste um negro mais negro que o resto de sua família, e faz saber que tem orado pela alma de Catarina: não que a falecida precise, pois certamente, se alguma mulher já foi direto para o céu...

— Jane — diz Edward Seymour —, vou avisá-la agora e quero que você ouça com atenção e considere o que digo. Quando você estiver na presença do rei, deve agir como se uma mulher como a falecida Catarina jamais tivesse existido. Se ele ouvir o nome dela da sua boca, deixará de procurá-la no mesmo instante.

— Escute — diz Tom Seymour —, Cromwell aqui quer saber, você é verdadeira e totalmente virgem?

Ele se constringe por ela.

— Se não for, Srta. Jane — diz ele —, isso pode ser administrado. Mas você deve nos dizer agora.

O olhar pálido, alheio.

— O quê?

Tom Seymour:

— Jane, até você é capaz de entender essa pergunta.

— É verdade que ninguém jamais a pediu em casamento? Nenhum contrato ou entendimento? — Ele se sente desesperado. — Você nunca gostou de ninguém, Jane?

— Eu gostava de William Dormer. Mas ele se casou com Mary Sidney. — Ela olha para cima: um lampejo daqueles olhos azul-gelo. — Ouvi dizer que eles são muito infelizes.

— Os Dormer acharam que não éramos bons o bastante — diz Tom. — Mas veja agora.

Ele prossegue:

— É algo a seu favor, Srta. Jane, que não tenha formado nenhum laço até que sua família estivesse pronta para casá-la. Pois as jovens muitas vezes o fazem, e depois tudo acaba mal. — Ele sente que deveria esclarecer a questão. — Os homens lhe dirão que a paixão que sentem pela senhorita é tão forte que os está deixando doentes. Dirão que já não mais comem nem dormem. Eles dizem que, a menos que possam tê-la, vão morrer. Depois, no momento em que você se rende, eles se levantam e vão embora e perdem todo o interesse. Na semana seguinte, passam por você como se não a conhecessem.

— O senhor já fez isso, senhor secretário? — pergunta Jane.

Ele hesita.

— E então? — insiste Tom Seymour. — Nós gostaríamos de saber.

— Provavelmente sim. Quando era jovem. Eu lhe conto isso para o caso de seus irmãos não conseguirem se forçar a admitir. Não é algo bonito para um homem ter que confessar à própria irmã.

— Então entenda — incita Edward. — Você não deve ceder ao rei.

Jane diz:

— E por que eu iria querer fazer isso?

— Porque as palavras melífluas do rei... — começa Edward.

— As palavras o quê?

O embaixador do imperador agora só vive trancafiado e não sai para encontrar Thomas Cromwell. Ele se recusou a ir a Peterborough para o funeral de Catarina porque ela não seria enterrada como uma rainha, e agora diz que tem que observar seu período de luto. Finalmente, um encontro é planejado: o embaixador por acaso estará voltando da missa na Igreja de Austin Friars, enquanto Thomas Cromwell, agora em residência na Rolls House, em Chancery Lane, resolveu passar por ali para inspecionar suas obras, extensões para sua casa próxima à igreja. “Embaixador!”, exclama ele: como se fosse uma grande surpresa.

Os tijolos prontos para serem usados hoje foram cozidos no verão passado, quando o rei ainda estava em sua viagem através dos condados do oeste; a argila usada para produzi-los foi extraída no inverno anterior, e na época o gelo rachava os moldes dos tijolos ao mesmo tempo em que ele, Cromwell, tentava impingir rachaduras na figura de Thomas More. Enquanto esperava Chapuys aparecer, ele reclamou com o capataz do oleiro quanto a infiltrações, coisa que ele definitivamente não deseja. Agora, ele se apodera de Chapuys e o afasta do barulho e do pó de serragem. Eustache está fervendo de perguntas; dá para senti-las, saltando e se agitando nos músculos de seu braço, borbulhando na trama de suas roupas.

— Essa menina Sêmor...

É um dia sem luz, parado, o ar gelado.

— Hoje seria um bom dia para pescar perca — comenta ele.

O embaixador se esforça para dominar seu desalento.

— Certamente seus criados... se você precisa do peixe...

— Ah, Eustache, vejo que você não entende o esporte. Não tenha medo, eu lhe ensinarei. O que pode ser melhor para a saúde que estar ao relento do amanhecer ao anoitecer, horas e horas numa margem lamacenta, com as árvores pingando acima, vendo sua própria respiração se vaporizando no ar, sozinho ou com um bom companheiro?

Várias ideias colidem umas com as outras na cabeça do embaixador. Por um lado, horas e horas com Cromwell: durante as quais ele pode acabar baixando a guarda, dizer algo. Por outro lado, que utilidade terei para meu amo imperial se meus joelhos se enferrujarem por completo e eu tiver que ser levado à corte de maca?

— Não podemos pescar no verão? — pergunta ele, sem muita esperança.

— Eu não poderia arriscar a sua pessoa. Uma perca de verão o arrastaria para a água. — Ele se rende. — A dama de quem fala se chama Seymour. Pronuncia-se “Si-mor”. Embora alguns velhos pronunciem Sêmor.

— Eu não faço nenhum progresso nesta língua — reclama o embaixador. — Cada um diz seu nome do jeito que quer, com diferentes pronúncias em diferentes dias. O que ouvi é que a família é antiga e a moça em si não é tão jovem.

— Jane serviu à princesa viúva. Ela gostava de Catarina. Ela lamentou, na verdade, o que se abateu sobre a viúva. Jane está preocupada com Lady Maria, e dizem que enviou-lhe mensagens para encorajá-la. Se o rei mantiver seu favorecimento para com Jane, ela poderá fazer algum bem a Maria.

— Hum. — O embaixador parece cético. — Ouvi dizerem isso, e também que ela é de caráter muito manso e devoto. Mas temo que haja um escorpião escondido sob o mel. Eu gostaria de ver a Srta. Sêmor, você pode providenciar isso? Não conhecê-la. Apenas vê-la.

— Fico surpreso com tamanho interesse da sua parte. Eu esperava que você estivesse mais interessado em saber qual princesa francesa Henrique desposará, caso ele venha a dissolver seus votos atuais.

Agora o embaixador está à beira do terror. Melhor o diabo que já se conhece? Melhor Ana Bolena que uma nova ameaça, um novo tratado, uma nova aliança entre França e Inglaterra?

— Mas não pode ser! — explode ele. — Cremuel, você me disse que isso era

um conto de fadas! Você disse ser um amigo de meu amo e não vai se opor a um casamento francês?

— Calma, embaixador, calma. Eu não afirmo poder governar Henrique. Além do mais, ele talvez decida continuar em seu casamento atual, ou, caso resolva anulá-lo, talvez queira viver no celibato.

— Você está rindo! — acusa o embaixador. — Cremuel! Você está cobrindo o riso.

E está mesmo. Os trabalhadores de construção contornam a dupla, abrindo espaço para eles, rudes pedreiros de Londres com ferramentas presas nos cintos. Penitente, ele diz:

— Não eleve suas esperanças. Quando o rei e sua mulher se reconciliam, todos que se manifestaram contra ela nesse intervalo pagam por isso.

— Você a preservaria? Você a apoiaria? — Todo o corpo do embaixador se retesa, como se ele realmente tivesse passado o dia inteiro na margem do rio. — Ela pode ser sua correligionária...

— O quê? — Ele arregala os olhos. — Minha correligionária? Tal como meu senhor, o rei, eu sou um filho fiel da sagrada Igreja Católica. Só não estamos em comunhão com o papa no momento.

— Deixe-me colocar a questão de outra forma — insiste Chapuys. Ele aperta os olhos para o céu cinzento de Londres, como se procurasse ajuda do alto. — Digamos que seus laços com ela sejam materiais, e não espirituais. Eu entendo que você tenha dado preferência a ela. Tenho consciência disso.

— Não me julgue equivocadamente. Não devo nada a Ana. Eu honro o rei, mais ninguém.

— Você às vezes a chamava de sua querida amiga. Eu me lembro de certas ocasiões.

— Às vezes eu o chamei de querido amigo. Mas você não é, é?

Chapuys digere a observação.

— Não há nada que eu deseje mais — diz ele — do que ver a paz entre nossas nações. O que poderia marcar melhor o sucesso de um embaixador em seu posto que uma reaproximação após anos de tribulações? E agora temos a oportunidade.

— Agora que Catarina se foi.

Chapuys não contesta isto. Apenas fecha o manto mais firmemente em torno

de si.

— O rei não extraiu nada de bom da concubina, e agora tampouco o fará. Nenhum poder da Europa reconhece seu casamento. Nem mesmo os hereges a reconhecem, embora ela tenha feito de tudo para aproximar-se deles. Que vantagem pode haver, para vocês, manter as coisas como estão: o rei infeliz, o Parlamento apavorado, a nobreza em disputa, o país inteiro revoltado com as pretensões dessa mulher?

Lentas gotas de chuva começaram a cair: pesadas, geladas. Irritado, Chapuys novamente ergue os olhos, como se Deus o estivesse minando justo neste momento crucial. Tomando o braço do embaixador mais uma vez, ele o reboca pelo terreno difícil até um abrigo. Os homens erguem um dossel, e ele os afasta dali, dizendo:

— Deem-nos um minuto, rapazes, por favor?

Chapuys se encolhe junto ao braseiro e assume um tom confidencial:

— Ouvi dizer que o rei tem falado em feitiçaria — murmura ele. — Henrique alega que foi seduzido por certos encantamentos e práticas perversas. Vejo que ele não confia em você. Mas tem falado com seu confessor. Se é assim, se ele contraiu essa união em um estado de transe, então talvez descubra que simplesmente não está casado e que é livre para tomar uma nova esposa.

Ele olha por cima do ombro do embaixador. Escute, diz ele, vai ser o seguinte: em um ano, estes espaços úmidos e congelados serão aposentos habitados. Sua mão esboça a linha dos andares superiores avançados, os aposentos envidraçados.

Inventários para este projeto: cal e areia, madeiras de carvalho e cimentos especiais, pás e enxadas, cestos e cordas, travas, porcas e parafusos, tubos de chumbo; azulejos amarelos e azulejos azuis, trancas de janela, trincos, fechaduras e dobradiças, puxadores de ferro em forma de rosa para as portas; douração, pintura, 1 quilo de incenso de olíbano para perfumar os novos quartos; 6 pence por dia por trabalhador e o custo das velas para o trabalho à noite.

— Meu amigo — diz Chapuys —, Ana está desesperada e perigosa. Ataque primeiro, antes que ela ataque você. Lembre-se de como ela derrubou Wolsey.

O passado jaz à sua volta como uma casa incendiada. Ele construiu e construiu incessantemente, mas tem levado anos para limpar os destroços.

Na Rolls House, ele encontra seu filho, que está fazendo as malas para a próxima

fase de sua educação.

— Gregory, você se lembra do que falou sobre Santa Wilgefortis? Você disse que as mulheres rezam para ela quando querem se livrar de maridos inúteis. Bem, existe algum santo ao qual os homens podem rezar se quiserem se livrar de suas esposas?

— Acho que não, — Gregory está chocado. — As mulheres oram porque não têm outros meios. Um homem pode consultar um clérigo para encontrar uma forma de provar que o casamento não é lícito. Ou pode mandar a mulher embora e dar-lhe dinheiro para ficar em uma casa separada. Como faz o duque de Norfolk

Ele assente.

— Obrigado pela ajuda, Gregory.

Ana Bolena vem a Whitehall para celebrar a Festa de São Matias com o rei. Ela mudou, em apenas uma estação. Está magra, desnutrida, tem a mesma aparência de seus dias de espera, aqueles anos inúteis de negociações até que ele, Thomas Cromwell, surgisse e desatasse o nó. Sua vivacidade esfuziante desbotou, tornando-se algo austero e contido, quase lembrando o ar de uma freira. Mas ela não tem a compostura de uma freira. Seus dedos brincam com as joias em sua cintura, puxam as mangas do vestido, tocam vezes e mais vezes as pedras em seu pescoço.

Lady Rochford diz:

— Ela pensava que, quando fosse rainha, seria reconfortante recordar os dias de sua coroação, cada hora daquele momento. Mas ela diz que esqueceu. Quando tenta se lembrar, é como se tivesse acontecido a outra pessoa, como se ela jamais tivesse estado lá. Ela não me contou isso, claro. Contou ao irmão, George.

Dos aposentos da rainha vem um despacho: uma profetisa disse que ela não terá um filho de Henrique enquanto sua filha Maria estiver viva.

É preciso admirá-la, diz ele ao sobrinho. Ela está na ofensiva. É como uma serpente, nunca se sabe quando ela atacará.

Ele sempre considerou Ana uma grande estrategista. Nunca acreditou nela como uma mulher passional, impulsiva. Tudo que ela faz é calculado, assim como tudo que ele faz. Ele observa, como tem feito há muitos anos, a cuidadosa movimentação de seus olhos cintilantes. E se pergunta o que a faria entrar em

pânico.

O rei canta:

“Meu maior desejo, minha palma pode alcançar,
Minha vontade sempre à mão está;
Eu, em suplicar não tardo,
A ela, seu poder de diretorado.”

É isso o que ele pensa. Ele pode implorar e implorar, mas não surte nenhum efeito sobre Jane.

Mas os assuntos da nação devem seguir adiante, e desta maneira: um projeto de lei para ser apresentado aos membros galeses do Parlamento e fazer do inglês a língua de seus tribunais, e reduzir o poder dos lordes dos charcos galeses. Um projeto para dissolver os pequenos monastérios, aquelas casas que rendem menos de 200 libras por ano. Um projeto para instituir um tribunal de espólios, um novo órgão que trataria do fluxo de renda proveniente desses monastérios: Richard Riche sendo o chanceler de tal órgão.

Em março, o Parlamento vota a pobre de sua nova lei. Era demais para que os Comuns digerissem, essa ideia de que os ricos pudessem ter algum dever para com os pobres; de que se alguém enriquece — como fazem os cavalheiros da Inglaterra — com o comércio de lã, deve ter alguma responsabilidade com os homens expulsos da terra, os trabalhadores sem trabalho, os agricultores sem campo. A Inglaterra precisa de estradas, fortes, portos, pontes. Os homens precisam de trabalho. É uma vergonha vê-los implorando por pão quando o trabalho honesto poderia manter o reino seguro. Não podemos unir os dois, mãos e tarefas?

Mas o Parlamento não consegue ver de que maneira criar empregos é trabalho do Estado. Não estariam essas questões nas mãos de Deus, e a pobreza e o abandono não seriam parte de Sua ordem eterna? Para tudo há um tempo: um tempo para passar fome e um tempo para roubar. Se a chuva cai por seis meses contínuos e apodrece o grão nos campos, nisto deve haver providência divina; pois Deus conhece seu ofício. É um ultraje para os ricos e empreendedores sugerir que eles paguem um imposto de renda apenas para colocar pão na boca dos vagabundos. E se o secretário Cromwell argumenta que a fome provoca

criminalidade: bem, não há suficientes carrascos para enforcá-los?

O próprio rei vai aos Comuns para argumentar em prol da lei. Ele quer ser Henrique, o Bem-Amado, um pai para seu povo, um pastor para seu rebanho. Mas os Comuns estão sentados com expressão impassível em seus bancos, e o encaram incansavelmente. O fracasso da medida é total.

— Acabou tornando-se um projeto para castigar mendigos — diz Richard Riche. — É mais contra os pobres que por eles.

— Talvez possamos tornar a apresentar a proposta — diz Henrique. — Em um ano melhor. Não desanime, secretário.

Bem: haverá anos melhores, não? Ele seguirá tentando; vai fazê-la passar quando eles estiverem distraídos, avançar a medida na Câmara dos Lordes e enfrentar a oposição... Há umas e outras maneiras de se lidar com o Parlamento, mas há momentos em que ele gostaria de poder chutar os membros de volta para seus condados, pois avançaria mais rápido sem eles. Ele comenta:

— Se eu fosse rei, não aceitaria isso tão calmamente. Eu os faria tremer das pernas.

Richard Riche é o presidente de mesa neste Parlamento; ele diz nervosamente:

— Não incite o rei, senhor. Você sabe o que More costumava dizer. “Se o leão conhecesse a própria força, seria difícil dominá-lo.”

— Obrigado. Isso me consola tremendamente, Sr. Bolsa, uma citação direto do túmulo daquele hipócrita sanguinário. Ele tem algo mais a dizer sobre a situação? Porque, se for o caso, vou recuperar a cabeça dele das mãos de sua filha e chutá-la de um lado a outro de Whitehall até que ele se cale em definitivo. — Ele cai na risada. — Os Comuns. Que Deus os apodreça. Suas cabeças são vazias. Só pensam no próprio bolso.

Ainda assim, se seus pares no Parlamento estão preocupados com os próprios rendimentos, ele está exultante com o seu. Embora as casas monásticas menos importantes devam ser dissolvidas, é possível pedir isenção, e todos esses requerimentos vêm parar nas mãos dele, acompanhados de uma taxa ou de encargos periódicos. O rei não colocará todas as suas novas terras no próprio nome, vai arrendá-las; assim, chegam propostas incessantes a ele, por este ou aquele lugar, por mansões, fazendas, pastagens; e cada candidato lhe oferece uma coisinha, um pagamento único ou uma anuidade, uma anuidade que, com o

tempo, passará para Gregory. É assim que sempre foram realizados os negócios, favores, dulcificantes, uma transferência de fundos em boa hora para garantir atenções ou uma promessa de rendimentos divididos: só que agora há negócios, transações, ofertas demais, que, em nome da polidez, ele não pode recusar. Nenhum homem na Inglaterra trabalha mais que ele. Digam o que quiserem sobre Thomas Cromwell, ele oferece um bom retorno pelo que toma para si. E está sempre disposto a emprestar: William Fitzwilliam, Sir Nicholas Carew, aquele velho réprobo e caolho de Francis Bryan.

Ele chama Sir Francis para uma visita e o embebeda. Ele, Cromwell, pode confiar em si mesmo; quando era jovem, aprendeu a beber com alemães. Faz mais de um ano que Francis Bryan brigou com George Bolena: por que motivo, Francis nem lembra, mas a rixa permanece, e, antes que suas pernas desabem sob seu corpo, ele consegue encenar as partes mais notórias da briga, erguendo-se e agitando os braços. De sua prima Ana, Francis diz:

— É bom saber em que pé a gente está com uma mulher. Ela é uma prostituta ou uma dama? Ana quer ser tratada como a Virgem Maria, mas também quer que você ponha o dinheiro na mesa, faça o que tem que fazer e suma de vista.

Sir Francis é intermitentemente carola, como os pecadores contumazes tendem a ser. A Quaresma está próxima.

— Está na hora de entrar em seu frenesi anual de penitências, não?

Francis ergue o tapa-olho de seu olho cego e coça a cicatriz; isso coça, explica ele.

— Wyatt a teve — diz Francis —, é claro.

Ele, Thomas Cromwell, espera.

Mas então Francis pousa a cabeça na mesa e começa a roncar.

— O Vigário do Inferno — diz ele, pensativo, e chama os rapazes para que entrem. — Levem Sir Francis para sua gente, em sua casa. Mas coloquem nele uma boa manta, talvez necessitemos de seu testemunho nos dias futuros.

Ele se pergunta quanto exatamente seria preciso deixar na mesa para Ana. Ela custou a Henrique sua honra, sua paz de espírito. Para ele, Cromwell, ela é apenas mais uma profissional do comércio. Ele admira a maneira como ela colocou seus bens à venda. Ele, pessoalmente, não quer comprar; mas há bastante clientela.

Agora Edward Seymour é promovido à câmara privada do rei, um sinal claro de favorecimento. E o rei lhe diz:

— Acho que eu deveria ter o jovem Rafe Sadler entre meu séquito. Ele é um cavalheiro nato e um jovem agradável para se ter por perto, e acho que isso ajudaria você, Cromwell, não acha? Só que ele não deve jamais colocar papéis debaixo do meu nariz.

A esposa de Rafe, Helen, desfaz-se em lágrimas quando ouve a notícia.

— Ele ficará longe de mim, na corte — diz ela —, por semanas inteiras.

Ele se senta com ela na sala de estar do Brick Place, consolando-a da melhor maneira que pode.

— Esta é a melhor coisa que já aconteceu a Rafe, eu sei — diz ela. — Sou uma tola por chorar por isso. Mas não suporto separar-me dele, nem ele de mim. Quando ele chega tarde, mando homens para ir buscá-lo na estrada. Eu gostaria que pudéssemos estar sob o mesmo teto todas as noites de nossas vidas.

— Ele é um homem de sorte. E não me refiro apenas à sorte de conquistar o favor do rei. Vocês dois são afortunados. Por se amarem tanto.

Henrique costumava cantar uma canção, em seus dias de Catarina:

“Nenhum homem hei de ferir,
nenhum erro cometerei,
encontro verdadeiro amor onde me casei.”

Rafe diz:

— É preciso nervos firmes, para estar sempre com Henrique.

— Você tem nervos firmes, Rafe.

Ele poderia dar conselhos a Rafe. Trechos do Livro Chamado Henrique. Quando criança, e também quando jovem, elogiado pela doçura de sua natureza e sua aparência dourada, Henrique cresceu acreditando que o mundo inteiro era seu amigo e que todos só queriam que ele fosse feliz. Assim, qualquer dor, qualquer atraso, frustração ou golpe de má sorte lhe parece uma anomalia, um ultraje. Qualquer atividade que ele julgue cansativa ou desagradável, tentará honestamente transformar em diversão, e, se não conseguir encontrar na tarefa algum fio de prazer, ele a evitará; isso lhe parece razoável e natural. Ele tem seus conselheiros, cuja função é fritar seus cérebros em seu lugar, e, se fica de mau humor, provavelmente é por culpa deles; eles não deveriam detê-lo ou provocá-

lo. Henrique não quer pessoas que digam, “Não, mas...”. Ele quer pessoas que digam, “Sim, e...”. Ele não gosta de homens pessimistas e céticos, que entortam o canto da boca e calculam o preço dos brilhantes projetos dele com um rabisco nas margens do papel. Faça as contas em sua cabeça, onde ninguém pode vê-las. Não espere consistência dele. Henrique se orgulha de compreender seus conselheiros, suas opiniões e seus desejos secretos, mas ele está convencido de que nenhum de seus conselheiros jamais o entenderá. Ele suspeita de qualquer plano que não seja concebido por ele, ou que pareça não ser. É possível argumentar com ele, mas deve-se ponderar quanto ao melhor momento e modo de fazê-lo. É melhor ceder em todos os pontos possíveis até o ponto de contenda, e se colocar como alguém necessitado de orientação e instrução, em vez de manter uma opinião fixa desde o início e fazer com que ele pense que você acredita saber mais que ele. Seja sinuoso na argumentação e permita-lhe escapatórias: não o encurrale, não o coloque contra a parede. Lembre-se de que seu estado de espírito depende de outras pessoas, então considere quem esteve com ele desde que você o viu pela última vez. Lembre-se de que ele não quer apenas conselhos sobre seu poder, ele quer mais: ele quer ouvir que está certo. Ele nunca se engana. Só que outras pessoas cometem enganos em seu nome ou o enganam com informações falsas. Henrique quer ouvir que se comporta bem, tanto aos olhos de Deus quanto dos homens. “Cromwell”, diz ele, “sabe o que deveríamos tentar? Cromwell, não seria bom para minha honra se eu...? Cromwell, não confundiria meus inimigos se...?” E são todas ideias que você apresentou a ele na semana passada. Não importa. Você não quer o crédito. Você só quer ação.

Mas não há necessidade para essas aulas. Rafe foi treinado para isso por toda a sua vida. Um fiapo de menino, ele não é atleta, jamais poderia praticar a justa ou disputar um torneio, uma leve brisa o arrancaria da sela. Mas para isso ele tem peso. Ele sabe observar. Sabe ouvir. Sabe como enviar uma mensagem criptografada ou uma mensagem tão secreta que pareça não haver nenhuma mensagem; uma informação tão sólida que seu significado pareça uma pegada na terra, contudo em uma forma tão frágil que pareça transmitida por anjos. Rafe conhece seu amo; Henrique é seu amo. Mas Cromwell é seu pai e seu amigo.

Você pode ser alegre com o rei, pode contar-lhe uma piada. Mas, como

Thomas More costumava dizer, é como brincar com um leão domesticado. Você afaga sua juba e puxa suas orelhas, mas o tempo todo está pensando, as garras, as garras, as garras.

Na nova Igreja de Henrique, a Quaresma é mais dura e fria do que jamais foi sob o poder do papa. Dias sem alegria nem carne irritam os nervos de um homem. Quando Henrique fala sobre Jane, ele pisca, lágrimas saltando-lhe aos olhos.

— As mãozinhas dela, Crumb. São patinhas, como as de uma criança. Ela não tem maldade. E nunca fala. E, quando fala, tenho que inclinar a cabeça para ouvir o que diz. E durante uma frase e outra posso ouvir meu coração. Suas pequenas peças de bordado, seus retalhos de seda, suas luvas azul-prata que ela cortou do tecido que algum admirador lhe deu um dia, algum pobre rapaz arrebatado de amor por ela... e, ainda assim, ela nunca sucumbiu. As pequeninas mangas de seu vestido, seu colar de pérola arroz... Ela não tem nada... e não espera nada...

Uma lágrima finalmente foge do olho de Henrique, serpenteia por sua face e desaparece no cinza malhado de rubro de sua barba.

Observe como ele fala de Jane: tão humilde, tão tímida. Até o arcebispo Cranmer deve reconhecer o retrato, o retrato reverso da atual rainha. Nem todas as riquezas do Novo Mundo poderiam saciá-la; ao passo que Jane fica grata com um sorriso.

Vou escrever uma carta a Jane, diz Henrique. Vou enviar-lhe algumas moedas, pois ela precisará de dinheiro para si agora que foi removida da câmara da rainha.

Papel e penas são trazidos a sua mão. Ele se senta e suspira e se dedica ao caso. A caligrafia do rei é quadrada, a forma que ele aprendeu com a mãe quando criança. Ele nunca adquiriu agilidade na escrita; quanto mais esforço coloca na tarefa, mais as letras parecem se voltar contra si mesmas. Ele se apieda do rei:

— Senhor, gostaria de ditar a carta, e eu escrevo em seu lugar?

Não seria a primeira vez que ele redigiria uma carta de amor por Henrique. Olhando-o por cima da cabeça baixa de seu soberano, Cranmer ergue a cabeça e encontra seus olhos: cheio de acusação.

— Dê uma olhada — diz Henrique. Ele não a oferece a Cranmer. — Ela

entenderá que eu a desejo, não?

Ele lê, tentando colocar-se no lugar de uma donzela. Ele ergue os olhos.

— Está expressa com demasiada delicadeza, senhor. E ela é muito inocente.

Henrique toma a carta de volta e acrescenta algumas frases de reforço.

* * *

É fim de março. A Srta. Seymour, acometida de pânico, deseja uma entrevista com o senhor secretário, que é marcada por Sir Nicholas Carew, embora o próprio Sir Nicholas esteja ausente do encontro, pois ainda não se julga pronto para se comprometer com negociações. A irmã viúva de Jane a acompanha. Bess dirige a ele um breve olhar inquisitivo; em seguida, baixa seus brilhantes olhos.

— Eis a minha dificuldade — começa Jane.

Ela olha para ele em desespero; ele pensa, talvez fosse apenas isso o que ela pretendia dizer: eis a minha dificuldade.

Ela continua:

— Não é possível... Sua Graça, Sua Majestade, não é possível nem por um momento esquecer quem ele é, mesmo que ele exija isso de você. Quanto mais ele diz, “Jane, sou seu humilde pretendente”, menos humilde você sabe que ele é. E a cada momento você pensa, e se ele parar de falar e eu tiver que dizer alguma coisa? Sinto como se estivesse pisando em uma almofada de agulhas, com as agulhas para cima. Fico pensando, vou me acostumar, da próxima vez me sairei melhor, mas, quando ele entra, “Jane, Jane...”, sou como um gato escaldado. Mas o senhor já viu um gato escaldado, senhor secretário? Eu não. Mas penso, se, após esse tempo tão curto, já sinto tanto medo dele...

— Ele quer que as pessoas tenham medo.

As palavras trazem consigo a verdade que carregam. Mas Jane está concentrada demais em seus próprios dilemas para ouvir o que ele disse.

— Se já sinto medo dele agora, como será vê-lo todos os dias? — Ela faz uma pausa. — Oh. Imagino que o senhor saiba. O senhor o vê, secretário, quase todos os dias. Mas mesmo assim. Não é a mesma coisa, suponho.

— Não, não é o mesmo — comenta ele.

Ele vê Bess erguer os olhos para a irmã em compaixão.

— Mas mestre Cromwell — diz Bess —, não é possível que sejam sempre

projetos do Parlamento e despachos a embaixadores e rendimentos e Gales e monges e piratas e tramoias de traidores e Bíblias e juramentos e guardas e arrendamentos e o preço da lã e se deveríamos ou não orar pelos mortos. Às vezes deve haver outros temas.

Ele fica impressionado com a visão que Bess tem da situação dele. É como se ela tivesse entendido sua vida. Ele é tomado por um impulso de apertar sua mão e pedi-la em casamento; mesmo que não se entendessem na cama, ela parece ter um dom de síntese que escapa à maioria de seus funcionários.

— E então? — pergunta Jane. — Há outros? Outros assuntos?

Ele não consegue se lembrar. Ele aperta o chapéu macio entre as mãos.

— Cavalos — diz ele. — Henrique gosta de saber sobre ofícios e profissões, coisas simples. Em minha juventude, aprendi a ferrar cavalos, ele gosta de saber sobre isso, a ferradura certa para o trabalho, para que ele possa confundir seus próprios ferreiros com seu conhecimento. O arcebispo também, ele é capaz de montar qualquer cavalo que lhe venha à mão, é um homem tímido, mas os cavalos gostam dele, ele aprendeu a manejá-los quando jovem. Quando ele está cansado de Deus e dos homens, falamos desses assuntos com o rei.

— E? — insiste Bess. — Vocês passam muitas horas juntos.

— Cães, às vezes. Cães de caça; suas qualidades, reprodução. Fortalezas. Como construí-las. Artilharia. O alcance. Fundições de canhão. Deus do céu. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Às vezes dizemos, vamos tirar um dia para fazer um passeio juntos, cavalguemos até Kent, à fundição, para ver os ferreiros de lá, estudar suas operações e propor-lhes novas formas de fundir canhões. Mas nunca o fazemos. Há sempre algo em nosso caminho.

Ele se sente irremediavelmente triste. Como se tivesse mergulhado em luto. E ao mesmo tempo sente que, se alguém atirasse uma cama de plumas para dentro do salão (o que é improvável), ele jogaria Bess sobre a cama e a agarraria ali mesmo.

— Bem, é isso — diz Jane, em tom resignado. — Eu não saberia fazer um canhão nem que fosse para salvar minha vida. Lamento ter tomado seu tempo, senhor secretário. É melhor que o senhor volte a Gales.

Ele sabe o que ela quer dizer.

No dia seguinte, a carta de amor do rei é levada a Jane, junto com uma pesada bolsa. É uma cena desenrolada diante de testemunhas.

— Devo devolver esta bolsa de moedas — diz Jane. (Mas só diz depois de pesá-la e acariciá-la em sua mãozinha.) — Devo pedir ao rei que, se ele quiser oferecer-me um presente de dinheiro, que o envie novamente quando eu contratar um casamento honroso.

Ao receber a carta do rei, ela declara que é melhor não abri-la. Pois conhece bem o coração dele, seu coração galante e ardente. Quanto a ela, sua única posse é sua honra feminina, sua donzelice. Portanto — não, é sério —, é melhor nem quebrar o selo.

Assim, antes de devolvê-la ao mensageiro, ela segura a carta com as duas mãos: e planta, sobre o selo, um beijo casto.

— Ela beijou a carta! — exulta Tom Seymour. — Que gênio se apossou dela? Primeiro o selo. Depois — ele ri — será o cetro!

Em um arroubo de alegria, ele derruba o chapéu de seu irmão Edward. Há vinte anos ou mais que ele faz essa brincadeira, e Edward nunca achou graça. Mas ao menos dessa vez consegue arrancar dele um sorriso.

Quando o rei recebe a carta de volta de Jane, ouve atentamente o que o mensageiro tem a lhe dizer e seu rosto se ilumina.

— Vejo que erreí em enviá-la. Nosso Cromwell aqui me falou da inocência e da virtude dela, e com razão, pelo visto. De agora em diante não farei nada que possa ofender sua honra. Na verdade, só falarei com ela na presença de seus parentes.

Se a mulher de Edward Seymour viesse para a corte, eles poderiam fazer uma festa em família, na qual o rei poderia jantar com Jane sem cometer qualquer afronta ao pudor dela. Talvez Edward deva ter uma suíte no palácio, quem sabe? Aqueles meus aposentos em Greenwich, recorda ele a Henrique, que se comunicam diretamente com os seus: e se eu os esvaziasse para deixar que os Seymour os ocupassem? Henrique sorri largamente para ele.

Ele vem estudando os irmãos Seymour atentamente desde a visita a Wolf Hall. Ele terá que trabalhar com os dois; as mulheres de Henrique chegam arrastando famílias, ele não encontra suas noivas escondidas debaixo de uma folha na floresta. Edward é grave, sério, mas disposto a revelar seus pensamentos. Tom é fechado, é o que pensa ele; fechado e astuto, o cérebro trabalhando fervorosamente sob aquele espetáculo de cordialidade. Mas talvez não seja o melhor dos cérebros. Tom Seymour não me causará problemas,

pensa ele, e Edward, posso levar comigo. Sua mente já está avançando, a um tempo em que o rei indique sua vontade. Gregory e o embaixador do imperador sugeriram o caminho que existe à frente.

— Se ele conseguiu anular vinte anos com sua verdadeira esposa — disse Chapuys a ele —, tenho certeza de que não está além de sua sagacidade encontrar algum fundamento para libertá-lo de sua concubina. Antes de mais nada, ninguém jamais acreditou que esse casamento fosse legítimo, exceto aqueles que são pagos para lhe dizer que sim.

Contudo, ele tem dúvidas quanto ao “ninguém” do embaixador. Ninguém na corte do imperador, talvez: mas toda a Inglaterra prestou juramento ao matrimônio. Não é coisa simples, diz ele a seu sobrinho Richard, desfazê-lo legalmente, mesmo que o rei o ordene. Vamos esperar um pouco, não procuremos ninguém, deixemos que venham até nós.

Ele pede que um documento seja elaborado, enumerando todas as concessões aos Bolena desde 1524.

— Seria bom ter algo assim ao alcance de minha mão, caso o rei peça.

Ele não pretende sacar nada dos Bolena. Pelo contrário, aumentemos suas posses. Despejemos honras sobre eles. Gargalhemos de suas piadas.

Entretanto, é preciso ter cuidado ao escolher do que se vai rir. Sexton, o bufão do rei, fez uma brincadeira sobre Ana, chamando-a de lasciva. Achou que tivesse tal liberdade, mas Henrique cruzou o salão, claudicando, para esbofeteá-lo e bater com sua cabeça na parede, e o baniu da corte. Dizem que Nicholas Carew deu refúgio ao homem, por piedade.

Anthony se ressentido por Sexton. Um bobo não gosta de ouvir sobre a queda do outro; especialmente, diz Anthony, quando seu único defeito é a antevisão. Oh, replica ele, você anda ouvindo as fofocas na cozinha. Mas o bufão diz:

— Henrique chutou a verdade para fora junto com Sexton. Mas hoje em dia ela sabe se infiltrar por sob a porta trancada e entrar pela chaminé. Um dia ele se renderá e a convidará a descansar junto à lareira.

William Fitzwilliam vem à Rolls House e se senta com ele.

— E, então, como vai a rainha, Crumb? Ainda sua melhor amiga, mesmo quando você janta com os Seymour?

Ele sorri.

Fitzwilliam se ergue de um salto, escancara a porta já aberta para ver se não

há alguém à espreita, depois se senta novamente e recomeça.

— Pense em retrospectiva. Este noivado Bolena, este casamento Bolena. Como o rei figurou aos olhos de homens adultos? Como alguém que considera apenas seus próprios prazeres. Isto é, como uma criança. Ser tão passional, tão escravizado por uma mulher, que afinal de contas é feita do mesmo que as outras mulheres... Alguns disseram que foi algo indigno de um homem.

— Mesmo? Bem, estou chocado. Não podemos dizer de Henrique que ele não seja homem.

— Um homem — e Fitzwilliam destaca a palavra —, um homem deve saber governar suas paixões. Henrique mostra muita força de vontade, mas pouca sabedoria. Isso o prejudica. Ela o prejudica. E ele continuará sendo prejudicado.

Pelo visto ele não a citará pelo nome, Ana Bolena, La Ana, a concubina. Então, se ela prejudica o rei, removê-la de sua posição seria um ato de um bom inglês? A possibilidade paira entre eles, aproximada, mas ainda inexplorada. É traição, claro, falar contra a atual rainha e seus herdeiros; uma traição da qual só o rei é isento, pois ele não violaria seu próprio interesse. Ele lembra Fitzwilliam disso: e acrescenta, mesmo que Henrique fale contra ela, não seja levado a fazer o mesmo.

— Mas o que procuramos numa rainha? — pergunta Fitzwilliam. — Ela deve ter todas as virtudes de uma mulher comum, mas deve tê-las num alto grau. Deve ser mais pudica, mais humilde, mais discreta e mais obediente até do que as outras: de modo que dê o exemplo. Há quem se pergunte, Ana Bolena tem alguma dessas qualidades?

Ele encara o tesoureiro real: prossiga.

— Creio que posso falar francamente com você, Cromwell — diz Fitz e (depois de verificar a porta mais uma vez) é o que faz. — Uma rainha deve ser terna e piedosa. Deve dirigir o rei à misericórdia, e não levá-lo à severidade.

— Tem algum caso específico em mente?

Fitz serviu na casa de Wolsey quando jovem. Ninguém sabe que parte Ana teve na queda do cardeal; sua mão esteve escondida na manga. Wolsey sabia que não podia esperar piedade alguma dela, e de fato não recebeu nenhuma. Mas Fitz parece deixar o cardeal de lado. Ele diz:

— Eu não defendo Thomas More. Ele não era o perito em assuntos de Estado que pensava ser. Achou que pudesse influenciar o rei, achou que pudesse

controlá-lo, achou que Henrique ainda fosse um doce príncipezinho que ele podia levar pela mão. Mas Henrique é um rei, e será obedecido.

— Sim, mas?

— Mas eu gostaria que tivesse acabado de outra maneira para More. Um erudito, um homem que foi lorde chanceler, arrastá-lo para a chuva e cortar sua cabeça...

— Sabe que às vezes esqueço que ele se foi? Chega alguma notícia e penso, o que More dirá sobre isso?

Fitz ergue os olhos.

— Você não fala com ele, fala?

Ele ri.

— Não o procuro em busca de conselhos. — Embora, claro, eu consulte o cardeal: na privacidade de minhas poucas horas de sono.

Fitz diz:

— Thomas More destruiu suas chances com Ana quando se recusou a ir vê-la ser coroada. Ela o teria levado à morte um ano antes de quando acabou acontecendo, se tivesse conseguido provar a traição dele.

— Mas More era um advogado astuto. Entre outras coisas que era.

— A princesa Maria... Lady Maria, quero dizer... ela não é uma advogada. É uma menina sem amigos.

— Oh, eu consideraria seu primo, o imperador, um amigo de Maria. E um amigo muito bom de se ter.

Fitz parece irritado.

— O imperador é um grande ídolo, instalado em outro país. A cada dia ela precisa de um defensor mais próximo. Lady Maria precisa de alguém que faça avançar seus interesses. Você precisa parar com isso, Crumb: parar de rodear o assunto.

— Maria só precisa continuar respirando — diz ele. — Não é sempre que sou acusado de rodeios.

Fitzwilliam se levanta.

— Pois bem. Um conselho a quem tiver ouvidos.

A sensação é de que há algo errado com a Inglaterra e que deve ser corrigido. Não são as leis que estão erradas, ou os costumes. É algo mais profundo.

Fitzwilliam deixa a sala, depois volta a entrar. Então diz, abruptamente:

— Se a próxima é a filha do velho Seymour, haverá alguma inveja entre aqueles que pensam que sua própria casa nobre é que deveria ter preferência... mas, no fim das contas, os Seymour são uma família antiga, e ele não terá esse problema com ela. Isto é, homens correndo atrás dela como cães atrás de uma... bem... Basta olhar para ela, para a caçula de Seymour, para saber que ninguém nunca levantou suas saias.

Dessa vez ele realmente se vai; mas dirigindo-lhe, a Cromwell, uma espécie de debochada saudação, um floreio na direção de seu chapéu.

Sir Nicholas Carew vem vê-lo. Até os fios de sua barba estão eriçados com seu ar de conspiração. Ele quase espera que o cavaleiro lhe dê uma piscadela quando se senta.

Quando o assunto é levantado, Carew é surpreendentemente rápido.

— Queremos a concubina deposta. Sabemos que vocês também querem isso.

— Nós?

Carew lhe dirige um olhar de sob sobrancelhas saltadas; como um homem que disparou sua única flecha, ele agora precisa correr pelo terreno, buscando amigos ou inimigos ou apenas um lugar para se esconder durante a noite. Lentamente, ele esclarece:

— Meus amigos neste tema compreendem boa parte da antiga nobreza desta nação, aqueles de linhagem honrosa, e... — Ele vê a expressão de Cromwell e se apressa. — Falo daqueles muito próximos ao trono, aqueles da linhagem do antigo rei Eduardo. Lorde Exeter, a família Courtenay. Também lorde Montague e seu irmão Geoffrey Pole. Lady Margaret Pole, que, como você sabe, foi governanta da princesa Maria.

Ele revira os olhos.

— Lady Maria.

— Como preferir. Nós a chamamos de princesa.

Ele assente.

— Não deixemos de discutir sobre ela por causa disso.

— Aqueles que citei — diz Carew — são as principais pessoas em cujo nome falo, mas, como você bem sabe, a maior parte da Inglaterra exultaria em ver o rei livre dela.

— Acho que a maior parte da Inglaterra não sabe e tampouco se importa.

Carew quis dizer, é claro, a maior parte da *minha* Inglaterra, a Inglaterra de sangue antigo. Para Sir Nicholas, não existe nenhum outro país.

Ele diz

— Imagino que a esposa de Exeter, Gertrude, esteja empenhada nesse assunto.

— Ela tem mantido — Carew se inclina à frente para transmitir algo muito secreto — contato com Maria.

— Eu sei. — Ele suspira.

— Você lê as cartas delas?

— Eu leio as cartas de todo mundo. — Incluindo as suas. — Mas escute, isso está me cheirando a intriga contra o próprio rei, não?

— De maneira alguma. A honra de Sua Majestade é o cerne de tudo isso.

Ele assente. Entendido.

— E então? O que querem de mim?

— Queremos que se junte a nós. Estamos satisfeitos em ter uma Seymour coroada. A moça é minha parenta, e conhecida por defender a verdadeira religião. Acreditamos que ela fará Henrique alinhar-se novamente com Roma.

— Uma causa cara a meu coração — murmura ele.

Sir Nicholas se inclina para a frente.

— Essa é a nossa dificuldade, Cromwell. Você é um luterano.

Ele lhe toca a casaca: próximo ao coração.

— Não, senhor; sou um banqueiro. Lutero condena ao inferno aqueles que emprestam a juros. Por acaso parece provável que eu fique do lado dele?

Sir Nicholas ri abertamente.

— Eu não sabia. Onde estaríamos sem Cromwell para nos emprestar dinheiro?

Ele pergunta:

— O que acontecerá com Ana Bolena?

— Não sei. Convento?

Então o acordo está feito e selado: ele, Cromwell, deve ajudar as antigas famílias, os verdadeiros fiéis; e depois, sob o novo regime, eles levarão seus serviços em consideração: seu zelo nesse assunto poderá fazê-los esquecer as blasfêmias dos últimos três anos, que de outra forma implicariam um merecido castigo.

— Só uma coisa, Cromwell. — Carew se levanta. — Não me deixe esperando da próxima vez. Não reflete bem em um homem de sua estampa manter um homem de minha estampa marchando de lá para cá numa antessala.

— Ah, aquele barulho era isso? — Embora Carew use as sapatilhas de cetim acolchoadas típicas de um cortesão, ele sempre se imagina em armadura de desfile: não do tipo em que se luta, mas do tipo que se compra na Itália para impressionar os amigos. Marchar de lá para cá seria um negócio barulhento, nesse caso: um retinir de metal, um clangor sem fim. Ele ergue os olhos. — Não faço por mal, Sir Nicholas. A partir de agora, não será mais possível nos deter. Considere-me junto a seu braço direito, preparado para a batalha.

Esse é o tipo de linguagem de impacto que Carew entende.

Agora Fitzwilliam está conversando com Carew. Carew está conversando com sua esposa, que é irmã de Francis Bryan. Sua esposa está falando, ou escrevendo pelo menos, a Maria, para que ela saiba que suas perspectivas estão melhorando a cada momento, que La Ana talvez seja deposta. No mínimo do mínimo, é uma forma de manter Maria quieta por enquanto. Ele não quer que ela ouça os rumores de que Ana está lançando novas hostilidades. Talvez entre em pânico e tente fugir; dizem que Maria tem vários planos absurdos, como drogar as mulheres Bolena à sua volta e fugir à noite a plena espora. Ele alertou Chapuys, embora não nestas palavras, claro, de que, se Maria fugir, Henrique provavelmente o considerará responsável e ele perderá qualquer consideração pela proteção de seu status diplomático. No mínimo, será chutado como Sexton, o bobo da corte. Na pior das hipóteses, talvez jamais veja sua amada terra natal novamente.

Francis Bryan mantém os Seymour em Wolf Hall a par dos eventos da corte. Fitzwilliam e Carew falam com o marquês de Exeter e Gertrude, sua esposa. Gertrude conversa, durante um jantar, com o embaixador imperial e com a família Pole, que são os mais papistas que ousam ser e que nos últimos quatro anos têm andado na corda bamba da traição. Ninguém está falando com o embaixador francês. Mas todos estão falando com ele, Thomas Cromwell.

Em suma, essa é a pergunta sobre a qual seus novos amigos têm ponderado: se Henrique conseguiu aposentar uma esposa mesmo sendo ela uma filha da Espanha, não poderia dar uma pensão à filha de Bolena e exilá-la em alguma casa de campo, após encontrar alguns defeitos nos documentos do casamento? A

deposição de Catarina após vinte anos de união ofendeu toda a Europa. O casamento com Ana não é reconhecido em lugar algum além deste reino, e não resistiu nem três anos; ele poderia anulá-lo, alegar ter sido uma loucura. Afinal, ele tem sua própria Igreja para fazê-lo, seu próprio arcebispo.

Mentalmente, ele ensaia um pedido. “Sir Nicholas? Sir William? Desejam ir à minha humilde casa para jantar?”

Ele não pretende convidá-los de fato. A notícia logo chegaria aos ouvidos da rainha. Um olhar codificado é o suficiente, um aceno e uma piscadela. Contudo, em sua imaginação ele põe a mesa mais uma vez.

Norfolk na cabeceira. Montague e sua santa mãe. Courtenay e sua esposa detestável. Seguindo silenciosamente nos calcanhares deles, nosso amigo *monsieur* Chapuys.

— Ah, maldição — reclama Norfolk —, agora teremos que falar francês?

— Eu traduzirei — oferece ele. Mas quem é este entrando com um estardalhaço? É o duque Frigideira. — Bem-vindo, meu lorde Suffolk — diz ele. — Sente-se. Cuidado para não derrubar migalhas nessa sua grande barba.

— Se ao menos houvesse alguma migalha... — Norfolk está com fome.

Margaret Pole o empala com um olhar glacial.

— Você pôs a mesa. Você nos deu a todos lugares. Você não nos deu nenhum guardanapo.

— Queira me perdoar. — Ele chama um criado. — A senhora não iria querer sujar as mãos.

Margaret Pole sacode o guardanapo para abri-lo. No tecido está impressa a face de Catarina morta.

Um berro vem de fora, da direção dos fornos. Francis Bryan entra aos trancos, já tendo entornado uma garrafa inteira.

— *Passatempo em boa companhia...*

Ele desaba em seu lugar.

Agora ele, Cromwell, acena para seus criados. Mais cadeiras são trazidas.

— Façam-nas caber na mesa — diz ele.

Entram Carew e Fitzwilliam. Eles tomam seus lugares sem nem um sorriso ou um cumprimento de cabeça. Chegam prontos para o banquete, facas em mãos.

Ele passa os olhos por seus convidados. Estão todos preparados. Uma prece

em latim; o inglês seria sua escolha, mas ele quer agradar seus convivas. Que se benzem ostensivamente, ao estilo papista. Que o encaram, em expectativa.

Ele grita para os criados que virão servir a mesa. As portas se escancaram. Homens trazem os pratos, suando. Parece que a carne é fresca, na verdade sequer abatida ainda.

É apenas uma pequena violação da etiqueta. Os convivas têm que esperar sentados, salivando.

Os Bolena são postos à mesa, à sua frente, para serem por ele destrinchados.

Agora que Rafe está servindo na câmara privada, ele tem maior familiaridade com o músico, Mark Smeaton, que foi promovido, passando a figurar entre os atendentes. Quando Mark apresentou-se pela primeira vez à porta do cardeal, estava enfiado em botas remendadas e um gibão de lona que pertencera a um homem maior que ele. O cardeal o vestiu com lã, mas, desde que se juntou à família real, Mark anda de damasco, empoleirado sobre um belo capão com sela de couro espanhol, as rédeas presas entre luvas bordadas de dourado. De onde está vindo esse dinheiro? Ana é de uma generosidade imprudente, explica Rafe. Corre a fofoca de que ela deu a Francis Weston uma quantia para ajudá-lo com seus credores.

Dá para entender, diz Rafe, pois agora que o rei já não admira tanto a rainha, ela está louca por ter jovens a seu redor que prestem atenção a cada palavra sua. Seus aposentos são como avenidas agitadas, com os cavaleiros de câmara constantemente aparecendo para realizar esta ou aquela tarefa e se demorando para jogar algum jogo ou ouvir uma canção; quando não há nenhuma mensagem a transmitir, eles inventam uma.

Aqueles que não estão em tão boas graças com a rainha estão sempre ansiosos por falar com o recém-chegado Rafe e o atualizam de todas as fofocas. E certas coisas ele não precisa que lhe contem, pois consegue ver e ouvir por si mesmo. Sussurros e passinhos por trás das portas. O rei ridicularizado pelas costas. Suas roupas, sua música. Insinuações de suas limitações na cama. De onde viriam essas sugestões, se não da rainha?

Alguns homens falam o tempo todo sobre seus cavalos. Esta é uma montaria estável, mas eu já tive uma mais rápida; é uma potranca muito boa que você tem aí, mas você deveria ver este baio em que estou de olho. Com Henrique, são as damas: ele encontra algo para apreciar em quase toda mulher que cruza seu

caminho, e arrisca um elogio mesmo que ela seja sem graça e esteja velha e passada. Com as jovens, ele é arrebatado de paixão duas vezes por dia: não são os mais belos olhos que já se viu? Seu pescoço o mais alvo, sua voz a mais doce, sua mão a mais bem modelada? Geralmente ele se limita a olhar sem tocar: o máximo que arrisca, corando ligeiramente, é, “Não acha que ela deve ter biquinhos lindos?”.

Um dia, Rafe ouve a voz de Weston tagarelando na sala ao lado, divertindo-se em imitar o rei:

— Ela não tem a cona mais molhada que você já dedou? — Risinhos, olhares cúmplices. E: — Shhh! O espião de Cromwell está por perto.

Harry Norris anda ausente da corte nos últimos tempos, passando algum tempo em suas propriedades. Quando está em serviço, conta Rafe, ele tenta não conversar, às vezes parece furioso em falar; mas às vezes ele se permite sorrir. Eles comentam sobre a rainha e especulam...

Continue, Rafe, diz ele.

Rafe não gosta de contar isso. Ele sente que ser um espião é algo baixo demais para sua pessoa. Ele pensa muito antes de falar.

— A rainha precisa conceber outra criança rapidamente para agradar o rei, mas como, perguntam-se eles. Já que não se pode confiar em Henrique para fazer o trabalho, qual dos cavalheiros deve fazer-lhe este favor?

— E eles chegaram a alguma conclusão?

Rafe esfrega o alto da cabeça, bagunçando o cabelo. Ele diz, sabe, na verdade eles não fariam isso. Nenhum deles. A rainha é sagrada. É um pecado grande demais, mesmo para homens lascivos como estes, e eles temem demais o rei, sem dúvida, embora caçoem dele. Além disso, ela não seria tola a esse ponto.

— Vou lhe perguntar outra vez, eles chegaram a alguma conclusão?

— Acho que é cada um por si.

Ele ri.

— *Sauve qui peut.*

Ele espera que nada disso seja necessário. Se tiver que agir contra Ana, ele espera que seja de uma forma mais limpa. Isso tudo não passa de leviandades. Mas Rafe não pode deixar de ouvir, não pode deixar de saber, simples assim.

Clima de março, clima de abril, tempestades geladas e brechas para o sol; ele

encontra Chapuys, mas dessa vez não a céu aberto.

— Você parece pensativo, senhor secretário. Venha para perto do fogo.

Ele sacode as gotas de chuva do chapéu.

— Há algo pesando em minha mente.

— Acho que você só marca esses encontros comigo para irritar o embaixador francês, sabia?

— Ah sim — ele suspira —, ele é muito invejoso. Na verdade eu viria visitá-lo com mais frequência, mas as fofocas sempre chegam à rainha. E ela arranja meios de usá-las contra mim de uma forma ou de outra.

— Eu lhe desejaria uma ama mais afável.

A pergunta implícita do embaixador: como anda essa história de arranjar uma nova ama? Chapuys insinuou, não poderia haver um novo acordo entre nossos soberanos? Algo para proteger Maria, seus interesses, talvez colocá-la de volta na linha de sucessão, atrás dos eventuais filhos que Henrique possa vir a ter com uma nova esposa? Supondo, claro, que a atual rainha esteja fora de cena.

— Ah, Lady Maria. — Ele agora está com a mania de levar a mão ao chapéu quando o nome dela é mencionado. Ele vê que o embaixador se comove com isso, vê que Chapuys tenciona relatar tal detalhe em seus despachos. — O rei está aberto a negociações. Seria um prazer estabelecer um entendimento com o imperador. Foi o que ele disse.

— Agora você deve levá-lo a concretizar tal disposição.

— Eu tenho influência sobre o rei, mas não posso responder por ele, nenhum súdito pode. Essa é a minha dificuldade. Para ter sucesso com ele, é preciso prever seus desejos. Mas então fica-se exposto se ele muda de ideia.

Seu mestre, Wolsey, aconselhou-o, faça com que ele diga o que quer, não suponha, pois, supondo, você pode destruir a si mesmo. Mas, desde os tempos de Wolsey, as ordens não expressas do rei podem ter se tornado mais difíceis de ignorar. Henrique preenche a sala com um descontentamento fervente, eleva os olhos para o céu quando você lhe pede que assine um papel: como se esperasse por libertação.

— Você tem medo de que ele se volte contra você — diz Chapuys.

— Isso acontecerá, imagino. Um dia.

Às vezes ele acorda no meio da noite e fica pensando nisso. Há cortesãos que se aposentaram honrosamente. Ele pode citar alguns exemplos. Embora, é claro,

os exemplos em contrário lhe surjam à mente com mais força nas madrugadas insones.

— Mas se esse dia chegar — indaga o embaixador —, o que você fará?

— O que poderei fazer? Armar-me com paciência e deixar o resto para Deus. — E torcer para que o fim seja rápido.

— Sua religiosidade lhe dá crédito — diz Chapuys. — Se a sorte lhe voltar as costas, você precisará de amigos. O imperador...

— O imperador não perderia nem um segundo considerando a ideia de me apoiar, Eustache. Ou a qualquer plebeu. Ninguém levantou um dedo para ajudar o cardeal.

— O pobre cardeal. Eu gostaria de tê-lo conhecido melhor.

— Pare de me bajular — retruca ele bruscamente. — Já basta.

Chapuys lhe prega um olhar inquisitivo. O fogo se ergue. Vapores sobem das roupas dele. A chuva tamborila na janela. Ele estremece.

— Você está doente? — pergunta Chapuys.

— Não, não tenho autorização para adoecer. Se eu caísse de cama, a rainha me colocaria de pé à força e diria que estou fingindo. Se você quer me animar, ponha aquele seu chapéu de Natal. Uma pena que teve que guardá-lo para o período de luto. Esperar até a Páscoa para vê-lo novamente seria tempo demais.

— Acho que você está fazendo piada, Thomas, à custa do meu chapéu. Ouvi dizer que enquanto ele esteve sob sua custódia, foi ridicularizado, não só por seus funcionários mas também por seus cavaleiros e tratadores de cães.

— Na verdade foi o contrário. Houve muitos pedidos para experimentá-lo. Espero que possamos vê-lo em todos os grandes feriados santos.

— Mais uma vez — replica Chapuys —, sua religiosidade lhe dá crédito.

Ele envia Gregory até seu amigo Richard Southwell, para aprender a arte de falar em público. É bom para ele sair de Londres, fugir da corte, onde a atmosfera é tensa. Por todo lado a seu redor há sinais de mal-estar, pequenos grupos de cortesãos que se dispersam ao notarem sua aproximação. Se é preciso colocar tudo em risco, e ele acha que é o que está fazendo, então Gregory não precisa passar pela dor e pela dúvida, hora após hora. Que Gregory ouça apenas a conclusão dos eventos; ele não precisa atravessá-los. Ele não tem tempo agora para explicar o mundo aos simplórios e aos jovens. Precisa observar os movimentos de cavalaria e artilharia em toda a Europa, e os navios nos mares, e

os homens de comércio e de guerra: o influxo de ouro das Américas para o tesouro do imperador. Às vezes a paz parece guerra, não conseguimos distinguir uma da outra; às vezes estas ilhas parecem muito pequenas. As notícias que chegam da Europa dizem que o monte Etna entrou em erupção, causando inundações em toda a Sicília. Em Portugal há uma seca; em toda parte, inveja e discórdia, medo do futuro, medo da fome ou a fome propriamente dita, medo de Deus e a dúvida quanto à forma de acalmá-lo, e em que idioma. As notícias, quando chegam até ele, chegam com uma quinzena de atraso: os correios estão lentos; as marés, contra ele. Justo quando o trabalho de fortificar Dover está chegando ao fim, as muralhas de Calais começam a ruir; o gelo rachou a alvenaria e abriu uma fissura entre Watergate e Lanterngate.

No Domingo de Ramos, um sermão é rezado na capela do rei pelo esmoler de Ana, John Skip. Parece ser uma alegoria, sua força, pelo visto, dirigida contra ele, Thomas Cromwell. Ele sorri abertamente quando os ouvintes lhe relatam, frase a frase: tanto seus inimigos quanto seus simpatizantes. Mas ele não é homem de ser derrubado por um sermão ou de se sentir perseguido por figuras de linguagem.

Certa vez, quando menino, ele se enfureceu com o pai, Walter, e correu de encontro a ele com a intenção de dar-lhe uma cabeçada na barriga. Mas foi pouco antes de os rebeldes córnicos enxamearem o país, e, como Putney sabia que estava no caminho da marcha deles, Walter vinha forjando armaduras para si e seus amigos. Assim, quando Thomas correu de cabeça contra ele, houve um estrondo, que ele ouviu antes de sentir. Walter estava experimentando uma de suas criações.

— Que lhe sirva de lição — disse o pai, fleumático.

Ele sempre se lembra daquilo, daquela barriga de ferro. E ele acredita que tem uma igual, só que sem a inconveniência e o peso do metal. “Cromwell tem muito estômago”, dizem seus amigos; seus inimigos também. Com isso querem dizer que ele tem apetite, gosto, sabe atacar: um naco sangrento de carne não o nausearia nem na primeira hora da manhã nem na última da noite, e se você acordá-lo de madrugada, ele também estará com fome.

Chega um inventário, da Abadia de Tilney: vestes de cetim turco vermelho e algodão branco, com animais bordados em ouro. Duas toalhas de altar de cetim branco de Bruges, com gotas semelhantes a manchas de sangue, feitas de veludo

vermelho. E os utensílios de cozinha: pesos, pinças e garfos para o fogo, ganchos de carne.

O inverno se derrete em primavera. O Parlamento é dissolvido. Páscoa: cordeiro com molho de gengibre, uma abençoada ausência de peixes. Ele se lembra dos ovos que as crianças costumavam pintar, dando a cada casca pintalgada de tinta um chapéu de cardeal. Ele se lembra de sua filha Anne, sua mãozinha quente em concha ao redor da casca do ovo para que a cor escorresse:

— Veja! *Regardez!*

Ela estava aprendendo francês aquele ano. Depois, seu rosto espantado; sua língua curiosa surgindo para lamber a mancha da palma de sua mão.

O imperador está em Roma, e a notícia é de que ele teve uma reunião de sete horas com o papa; quanto desse tempo foi dedicado a conspirar contra a Inglaterra? Ou será que o imperador falou em prol de seu irmão monarca? Correm boatos de que haverá um acordo entre o imperador e os franceses: más notícias para a Inglaterra, se procederem. Hora de pressionar pelas negociações. Ele marca uma reunião entre Chapuys e Henrique.

Uma carta lhe é enviada da Itália, começando com, “*Molto magnifico signor...*”. Ele se lembra de Hércules, o faz-tudo.

Dois dias depois da Páscoa, o embaixador imperial é recebido na corte por George Bolena. À visão do cintilante George, luzindo dentes e botões de pérolas, o olho do embaixador rola como o olho de um cavalo assustado. Ele já foi recebido por George antes, mas não esperava por ele hoje: algum de seus próprios amigos, isso sim; talvez Carew. George o cumprimenta longamente em seu francês elegante e polido. O senhor fará o obséquo de assistir à missa com Sua Majestade e, em seguida, se deseja agraciá-lo, será meu prazer recebê-lo pessoalmente para almoçar.

Chapuys está olhando ao redor: Cremuel, socorro!

Ele está afastado, sorrindo, observando as manobras de George, pensando, sentirei sua falta nos dias em que tudo estiver acabado para ele: quando eu chutá-lo de volta para Kent para que fique por lá contando suas ovelhas e desenvolvendo um interesse simplório pela safra de grãos.

O próprio rei dirige um sorriso, uma palavra amável a Chapuys. Ele, Henrique, vai para sua galeria particular, acima. Chapuys se coloca entre os

puxa-sacos de George. “*Judica me, Deus*”, entoa o padre. “Julgai-me, oh Deus, e separai minha causa da nação que não é santificada: livrai-me do homem injusto e enganoso.”

Chapuy's agora se vira e o apunhala com um olhar. Ele sorri. “Por que estás triste, oh alma minha?”, indaga o padre: em latim, claro.

Quando o embaixador ruma ao altar, relutante, para receber a hóstia sagrada, os cavalheiros a seu redor, a postos como bailarinos experientes, hesitam meio passo e então seguem em seu encaço. Chapuy's vacila; está rodeado pelos amigos de George. Ele dardeja um olhar para trás. Onde estou, o que devo fazer?

Nesse momento, e exatamente na linha de visão dele, a rainha Ana desce de seu camarote particular nas galerias: cabeça erguida lá no alto, veludo e zibelina, rubis em seu pescoço. Chapuy's hesita. Não pode ir adiante, pois tem medo de cruzar o caminho dela. Tampouco pode retroceder, porque George e seus asseclas o encurralaram. Ana vira a cabeça. Um sorriso pontual: e ao inimigo ela faz uma reverência, uma inclinação graciosa de seu pescoço adornado. Chapuy's estreita os olhos com força, e se curva em mesura à concubina.

Depois de todos esses anos! Todos esses anos, ele escolheu seu caminho cuidadosamente de modo a nunca, jamais, se colocar face a face com ela, jamais ter que enfrentar esta dura escolha, esta maldita polidez. Mas que opção tinha ele? Em breve este momento constará de relatos. Chegará ao imperador. Torçamos e oremos para que Carlos entenda.

Tudo isso se revela no rosto do embaixador. Ele, Cremuel, ajoelha e recebe a comunhão. Deus se transforma em cola em sua língua. Durante esse processo de transmutação, é reverente fechar os olhos; mas, nesta ocasião singular, Deus o perdoará por dar uma conferida no que acontece em volta. Ele vê George Bolena, rubro de prazer. Ele vê Chapuy's, branco de humilhação. Ele vê Henrique deslumbrante em ouro, descendo ponderoso da galeria. O caminhar do rei é calculado, seu passo é lento; seu rosto está iluminado de solene triunfo.

Apesar dos maiores esforços do perolado George, o embaixador se afasta quando eles saem da capela. Chapuy's corre até ele e o agarra, sua mão fechando-se em torno de seu braço como um cachorrinho que o morderse.

— Cremuel! Você sabia que isso estava planejado. Como pôde envergonhar-me assim?

— Foi com as melhores intenções, eu lhe garanto. — Ele acrescenta,

sombrio, pensativo: — Que utilidade você teria como diplomata, Eustache, se não entendesse o caráter dos príncipes? Eles não pensam como os outros homens. Para mentes plebeias como as nossas, Henrique parece perverso.

Então tudo fica claro para o embaixador.

— Ahhh.

Ele suspira demoradamente. Nesse exato momento, Chapuys entende por que Henrique o obrigou a fazer uma reverência pública a uma rainha que já não deseja. Henrique é tenaz em sua vontade, é obstinado. Agora ele realizou seu objetivo: seu segundo casamento foi reconhecido. Ou seja, agora, se ele quiser, pode abandoná-lo.

Chapuys aperta as roupas contra o corpo, como se sentisse o vento do futuro, e sussurra:

— É realmente necessário que eu vá jantar com o irmão dela?

— Oh, sim. Você verá que ele é um anfitrião encantador. Afinal — ele levanta a mão para esconder o sorriso —, ele não acabou de desfrutar de um triunfo? Ele e toda a sua família?

Chapuys se aproxima.

— Estou chocado em vê-la. Nunca a vi tão de perto. Parece uma velha esquelada. Aquela era a Srta. Seymour, com as mangas azul-prata? Ela é bem sem graça. O que Henrique viu nela?

— Ele a acha burra. Acha que isso lhe proporcionaria tranquilidade.

— É evidente que ele está apaixonado. Deve haver algo nela que não é óbvio aos olhos de qualquer um. — O embaixador dá uma risadinha. — Sem dúvida, deve ter um *enigme* muito belo.

— Ninguém sabe — diz ele, sem expressão. — Ela é virgem.

— Depois de tanto tempo na corte? Certamente Henrique está iludido.

— Embaixador, guarde isso para mais tarde. Seu anfitrião está aqui.

Chapuys cruza as mãos sobre o coração. Ele dirige a George, lorde Rochford, uma ampla mesura. Lorde Rochford faz o mesmo. De braços dados, eles seguem papeando. Soa como se lorde Rochford estivesse recitando versos em louvor da primavera.

— Hmm — comenta lorde Audley. — Que espetáculo. — A fraca luz do sol reluz no colar de ofício do lorde chanceler. — Vamos lá, meu rapaz, vamos mordiscar alguma coisa. — Audley ri. — Pobre embaixador. Parece que está

sendo levado por navios negreiros para a costa bárbara. Não sabe em que país acordará amanhã.

Nem eu, pensa ele. Ah, Audley e sua jovialidade. Ele fecha os olhos. Ele tem a sensação, o pressentimento, de que o melhor deste dia já passou, embora sejam apenas dez da manhã.

— Crumb? — chama o lorde chanceler.

É pouco depois do almoço que tudo começa a ruir, e da pior maneira possível. Ele deixou Henrique e o embaixador junto a uma fresta da janela para que se acariciassem mutuamente com palavras, para que ronronassem em torno de uma aliança, para que fizessem propostas indecentes um ao outro. O que ele percebe primeiro é o rei mudar de cor. De rosado e branco a vermelho-tijolo. Em seguida ele ouve a voz de Henrique, aguda e cortante:

— Acho que você presume demais, Chapuys. Você diz que eu reconheço o direito de seu amo governar em Milão: mas talvez o rei da França tenha tanto direito quanto ele, ou mais. Não presuma conhecer minha política, embaixador.

Chapuys dá um salto para trás. Ele se lembra da pergunta de Jane Seymour: “O senhor já viu um gato escaldado?”

O embaixador fala: algo em voz baixa e suplicante. Henrique dispara em resposta:

— Você quer dizer que aquilo que pensei ser uma cortesia, de um príncipe cristão a outro, é na verdade uma posição de barganha? Você concorda em se curvar à minha esposa a rainha, mas depois vem me mandar a conta?

Ele, Cromwell, vê Chapuys erguendo uma mão apaziguadora. O embaixador está tentando deter os estragos, minimizá-los, mas Henrique o corta, falando para toda a câmara ouvir, para toda a assembleia boquiaberta e para aqueles espiando dos fundos.

— Seu amo não recorda o que fiz por ele, em suas primeiras provações? Quando seus súditos espanhóis se levantaram contra ele? Eu mantive os mares abertos para ele. Eu lhe emprestei dinheiro. E o que ganho em retorno?

Uma pausa. Chapuys tem que lançar a mente às pressas ao passado, a anos em que ele ainda nem ocupava o posto.

— Dinheiro? — sugere ele, debilmente.

— Nada além de promessas não cumpridas. Lembre-se, por favor, de como eu o auxiliei contra os franceses. Ele me prometeu territórios; e, quando me dei

conta, ele estava fazendo um tratado com Francisco. Por que eu deveria confiar em uma palavra do que ele diz?

Chapuy's se empertiga: o máximo possível para um homem baixo.

— Galinho de briga — comenta Audley em seu ouvido.

Mas ele, Cromwell, não deve se deixar distrair. Seus olhos estão pregados no rei. Ele ouve Chapuy's dizendo:

— Majestade. Esse não é o tipo de pergunta que se faz, de um príncipe a outro.

— Não é?! — rosna Henrique. — Em tempos passados, eu jamais seria obrigado a perguntar isso; jamais. Considero todo irmão príncipe honrado, tal como eu próprio o sou. Mas devo sugerir-lhe, *monsieur*, que às vezes nossas afáveis e naturais suposições devem dar lugar à amarga experiência. Eu lhe pergunto, seu amo me toma por tolo? — A voz de Henrique dá uma guinada para cima; ele se dobra, e com os dedos dá tapinhas nos joelhos, como se chamasse para seu colo uma criança ou um cãozinho. — Henrique! — guincha o rei. — Venha para o Carlos! Venha para o seu bom amo! — Ele se apruma, quase cuspiendo de raiva. — O imperador me trata como uma criança. Primeiro me açoita, depois me afaga, depois é açoite novamente! Diga-lhe que não sou uma criança. Diga-lhe que sou um imperador em meu próprio reino, e um homem, e um pai. Diga-lhe que mantenha distância de meus assuntos de família. Já tolerei sua interferência por tempo demais. Primeiro ele quer me dizer com quem posso casar. Depois quer mostrar-me como lidar com minha filha. Diga-lhe, eu lidarei com Maria como bem quiser, como um pai tem que lidar com um filho desobediente. Não importando quem é sua mãe.

A mão do rei — fechada em punho, Deus do céu — toca brutalmente o ombro do embaixador. E assim, tendo aberto seu caminho, Henrique marcha para fora. Uma performance imperial. Exceto que sua perna se demora. Ele grita por cima do ombro:

— Exijo um pedido de desculpas, sério e público.

Ele, Cromwell, solta a respiração. O embaixador chia do outro lado da sala, balbuciando. Atormentado, ele lhe agarra o braço.

— Cremuel, não sei pelo que tenho que pedir desculpas. Eu venho aqui de boa-fé, sou manipulado de forma a ficar frente a frente com aquela criatura, sou forçado a trocar elogios com o irmão dela durante todo um almoço e agora sou

atacado por Henrique. Ele quer meu amo, ele precisa de meu amo, está apenas jogando o velho jogo, tentando vender-se a um preço mais caro, blefando ao dizer que poderia enviar tropas ao rei Francisco para combater na Itália; onde estão essas tropas? Eu não as vejo, eu tenho olhos, não estou vendo o exército dele.

— Calma, calma — contemporiza Audley. — Faremos o pedido de desculpas, *monsieur*. Deixe que ele esfrie a cabeça. Não tema. Adie seus despachos para o seu bom amo, não escreva hoje à noite. Vamos seguir com as negociações.

Por sobre o ombro de Audley, ele vê Edward Seymour deslizando por entre a multidão.

— Ah, embaixador — diz ele, com uma aprazível confiança que não é o que de fato sente. — Esta é uma oportunidade para que o senhor conheça...

Edward salta à frente:

— *Mon cher ami...*

Olhares sombrios por parte dos Bolena. Edward aproveita a brecha, armado com um francês confiante. Puxa Chapuys de lado: já não era sem tempo. Uma agitação na porta. O rei voltou e irrompe no meio dos cavaleiros.

— Cromwell! — Henrique se posta à sua frente. Ele respira com dificuldade. — Faça com que ele compreenda. Não cabe ao imperador me impor condições. Cabe ao imperador pedir desculpas, por me ameaçar com a guerra. — Seu rosto se congestionava. — Cromwell, eu compreendo exatamente o que você fez. Você foi longe demais nesse assunto. O que prometeu a ele? Seja o que for, você não tem autoridade! Você pôs minha honra em risco. Mas o que eu poderia esperar, não? Como um homem como você poderia entender a honra dos príncipes? Você disse, “Oh, eu tenho certeza quanto a Henrique, tenho o rei na palma da minha mão”. Não negue, Cromwell, posso ouvi-lo dizendo isso. Você pretende adestrarme, não? Como um dos seus garotos que vivem em Austin Friars? Quer que eu toque minha boina quando você desce pela manhã e diga: “Como vai, senhor?” Quer que eu caminhe por Whitehall meio passo atrás de você. Que leve suas pastas, seu tinteiro e seu selo. E por que não uma coroa, hein, levada em seu rastro numa bolsa de couro? — Henrique está convulsionado pela raiva. — Eu realmente acho, Cromwell, que você pensa ser rei, e que sou eu o filho do ferreiro!

Ele jamais dirá, mais tarde, que seu coração não se revirou no peito. Ele não é homem de se gabar de uma frieza que nenhum homem razoável possuiria. Henrique poderia, a qualquer momento, gesticular para seus guardas; e assim ele se veria com metal frio entre as costelas, e seu tempo estaria acabado.

Mas ele recua; ele sabe que seu rosto não revela nada, nem arrependimento, nem remorso, nem medo. Ele pensa, você nunca poderia ser o filho do ferreiro. Walter não o aceitaria em sua forja. Brios não são tudo. Entre as chamas, é preciso ter cabeça fria, quando as faíscas estão saltando até o teto; é preciso ver quando elas caem sobre você e apagar o fogo com um golpe da mão dura: um homem que entra em pânico não tem utilidade numa oficina cheia de metal incandescente. E agora, com o rosto suado do monarca colado no seu nariz, ele se lembra de algo que seu pai lhe disse: se você queimar a mão, Tom, erga os braços e cruze os pulsos na frente do corpo e fique assim até alcançar um pouco de água ou pomada: não sei como isso funciona, mas confunde a dor, e, se você fizer uma oração ao mesmo tempo, talvez não se saia tão mal do incidente.

Ele levanta as palmas das mãos. Cruza os punhos. Para trás, Henrique. Como se confundido pelo gesto — como se quase aliviado por o deterem —, o rei cessa de berrar: e recua um passo, virando o rosto e assim libertando-o, a Cromwell, daquele olhar injetado, da proximidade indecente dos brancos e azuis que saltam de seus olhos. Ele diz, baixo:

— Deus o proteja, Majestade. Agora poderia dar-me licença?

E assim, não importando se Henrique dará licença ou não, ele se retira. Vai para a sala ao lado. Já ouviram a expressão “ter o sangue fervendo nas veias”? Ele sente o sangue fervendo. Ele cruza os punhos. Senta num baú e pede uma bebida. Quando o servem, ele toma a taça fria de estanho em sua mão direita, passando as pontas dos dedos pelas curvas: o vinho é um Bordeaux forte. Ele derrama uma gota; apara-a com o indicador e toca com a língua para que desapareça. Ele não sabe dizer se o truque diminuiu a dor, como Walter disse que aconteceria. Mas está feliz por seu pai estar a seu lado. Alguém precisa estar.

Ele ergue os olhos. O rosto de Chapuys acima dele: sorrindo, uma máscara de malícia.

— Meu caro amigo. Achei que fosse o fim da linha para você. Pensei que você perderia a cabeça e o esmurraria, sabe?

Ele levanta a cabeça e sorri.

— Nunca perco a cabeça. Tudo que faço, é com a intenção de fazer.

— Embora talvez você não diga o que realmente quer dizer.

Ele pensa, o embaixador sofreu cruelmente, apenas por fazer seu trabalho. Além disso, eu feri seus sentimentos, fui irônico ao falar de seu chapéu. Amanhã lhe encomendarei um presente, um cavalo, um cavalo de alguma magnificência, um cavalo para seu próprio uso. Antes que o animal parta de meus estábulos, eu mesmo levantarei seu casco e verificarei a ferradura.

O conselho do rei se reúne no dia seguinte. Wiltshire, ou o monsenhor, está presente: os Bolena são gatos sinuosos, refestelados em seus assentos e cofiando os bigodes. O duque de Norfolk parece exasperado, inquieto; ele se coloca em seu caminho na entrada — o seu caminho, de Cromwell.

— Tudo bem, rapaz?

Algum dia um arquivista-mor já foi abordado dessa maneira pelo conde marechal da Inglaterra? Na câmara do conselho, Norfolk move os bancos para lá e para cá, ocupa aquele que lhe convém, fazendo o assento ranger.

— É isso que ele faz, sabe? — Norfolk abre um sorriso; ele tem um vislumbre de suas presas. — Quando você está ganhando equilíbrio, firmando o passo, é então que ele puxa o tapete de sob seus pés.

Ele assente, sorrindo com paciência. Henrique entra, sentando-se à cabeceira da mesa como um grande bebê mal-humorado. Não troca olhares com ninguém.

Agora: ele espera que os outros saibam seus papéis. Já disse a eles inúmeras vezes. Bajulem Henrique. Agradem Henrique. Implorem a ele que faça o que vocês sabem que ele precisa fazer de qualquer jeito. Para que Henrique sinta que tem alguma escolha. Para que tenha uma boa opinião de si mesmo, como se não estivesse pesando os próprios interesses e sim os dos senhores.

Majestade, dizem os conselheiros. Por obséquio. Considere favoravelmente, pelo bem do reino e do coletivo, as aberturas servis demonstradas pelo imperador. Suas lamúrias e súplicas.

Isso toma 15 minutos. Por fim, Henrique diz, bem, se é pelo bem do povo, eu receberei Chapuys, continuaremos as negociações. Devo engolir, suponho, todos os insultos pessoais que sofri.

Norfolk se inclina para a frente.

— Pense nisso como um xarope medicinal, Henrique. Amargo. Mas pelo bem da Inglaterra, não cuspa.

Uma vez levantado o assunto medicinal, o casamento de Lady Maria é discutido. Ela não se cansa de se queixar, onde quer que o rei a aloje, dos maus ares, de comida insuficiente, de consideração insuficiente para com sua privacidade, de intensas dores nos membros, de dores de cabeça e de espírito pesado. Os médicos aconselharam que o matrimônio faria bem a sua saúde. Se os humores vitais de uma jovem estão sufocados, se ela se torna pálida e magra, seu apetite diminui, ela começa a definhar; o casamento torna-se uma ocupação, ela esquece seus males menores; seu ventre permanece ancorado e preparado para uso, e não mostra tendência de passear por seu corpo como se nada melhor tivesse para fazer. Na falta de um homem, Lady Maria precisa de extenuantes exercícios a cavalo; difícil, para alguém sob prisão domiciliar.

Henrique finalmente pigarreia e fala:

— O imperador, não é segredo algum, discutiu com seus próprios conselheiros sobre Maria. Ele gostaria que ela se casasse fora deste reino, com um de seus parentes, dentro de seus próprios domínios. — Ele comprime os lábios. — De forma alguma suportarei que ela deixe o país; ou mesmo que vá a qualquer lugar, enquanto seu comportamento para comigo não for o que deve ser.

Ele, Cromwell, diz:

— A morte da mãe ainda é algo recente para Maria. Não tenho dúvidas de que ela tomará consciência de seu dever ao longo das próximas semanas.

— Como é agradável ouvi-lo só agora, Cromwell — diz o monsenhor, com um sorriso de deboche. — Você geralmente é o primeiro a falar, e também o último, além de aproveitar toda oportunidade que surge no meio, de modo que nós, conselheiros mais modestos, somos obrigados a nos manifestarmos *sotto voce*, ou mesmo nunca, e passar bilhetes uns aos outros. Permita-nos indagar se essa sua nova reticência está relacionada, de alguma maneira, aos acontecimentos de ontem, quando Sua Majestade, se me recorde corretamente, aplicou um freio a sua ambição?

— Obrigado por tal contribuição à discussão — retruca o lorde chanceler, seco —, lorde Wiltshire.

O rei diz:

— Meus senhores, o assunto em questão é minha filha. Lamento ter que lembrá-los. Embora eu não tenha nem a mais remota certeza de que isso deva

ser discutido em conselho.

— Eu pessoalmente — diz Norfolk — iria até o norte e obrigaria Maria a prestar o juramento, espalmaria sua mão no evangelho e ali a seguraria, e, se ela não fizesse o juramento ao rei e à filha de minha sobrinha, eu bateria sua cabeça na parede até esmagá-la como a um purê de maçã.

— Ora, obrigado novamente — comenta Audley —, lorde Norfolk.

— Enfim — prossegue o rei, melancólico. — Não temos tantos descendentes a ponto de nos dar ao luxo de perder uma para outro reino. Eu preferiria não me separar dela. Um dia ela será uma boa filha para mim.

Os Bolena se recostam, sorrindo, enquanto ouvem o rei dizer que não busca um grande casamento estrangeiro para Maria, que ela não tem nenhuma importância, que é uma bastarda a quem se presta consideração apenas por caridade. Estão bastante satisfeitos com o triunfo que lhes foi oferecido ontem pelo embaixador imperial; e ostentam sua superioridade ao não se gabarem disso.

Assim que a reunião termina, ele, Cromwell, é assediado pelos conselheiros: com exceção dos Bolena, que se afastam na outra direção. A reunião correu bem; ele obteve tudo que queria; Henrique está novamente no caminho para um tratado com o imperador: por que então ele se sente tão inquieto, sufocado? Ele afasta os outros à base de cotoveladas, embora de forma gentil. Ele precisa de ar. Henrique passa por ele, para, dá meia-volta, diz:

— Senhor secretário. Poderia caminhar comigo?

Eles caminham. Em silêncio. Cabe ao príncipe, e não ao ministro, introduzir um tópico.

Ele pode esperar.

Henrique diz:

— Sabe, eu gostaria de ir até a fundição algum dia, como já falamos, para conversar com os forjadores.

Ele espera.

— Recebi vários desenhos, desenhos matemáticos, e conselhos sobre como nosso material bélico pode ser melhorado, mas, para ser sincero, não consigo tirar tanto proveito do material quanto você conseguiria.

Mais humilde, pensa ele. Só um pouco mais.

Henrique diz:

— Você já esteve na floresta e conheceu carvoeiros. Lembro que você me disse certa vez que são homens muito pobres.

Ele espera. Henrique continua:

— É preciso conhecer o processo desde o início, imagino, quer estejamos fazendo armaduras, quer munição. Não adianta demandar quantidades de um metal que tem determinadas propriedades, uma determinada têmpera, a menos que se saiba como ele é feito e as dificuldades que o artesão pode encontrar. Bem, não me orgulho de jamais ter sentado por uma hora com meu armeiro de mão, que arma minha mão direita. Temos que estudar, penso eu, cada pino, cada rebite.

E? Sim?

Ele deixa que o rei prossiga gaguejando:

— E, bem. Bem, é isso. Você é a minha mão direita, senhor.

Ele assente. Senhor. Que comovente.

Henrique diz:

— Então, Kent, a fundição: podemos ir? Devo escolher uma semana? Dois, três dias devem ser o bastante.

Ele sorri.

— Não este verão, senhor. Terá outros compromissos. Além disso, os forjadores são como todos nós. Precisam de férias. Precisam de um tempo para deitar ao sol. Precisam colher maçãs.

Henrique o encara, humilde, suplicante, com o rabo de seu olho azul: dê-me um verão feliz. Ele diz:

— Não posso viver como tenho vivido, Cromwell.

Henrique está aqui para receber instruções. Traga-me Jane: Jane, tão bondosa, que suspira pelo palato como manteiga doce. Livre-me do amargor, do fel.

— Talvez eu vá para casa — responde ele. — Se Vossa Majestade permitir. Tenho muito o que fazer se for pôr este assunto em marcha, e me sinto... — Seu inglês o abandona. Acontece às vezes. — *Un peu...* — Mas seu francês também o abandona.

— Mas você não está doente, está? Voltará em breve?

— Devo fazer uma consulta com os eruditos canônicos. Pode levar alguns dias, o senhor sabe como eles são. Não tardará mais do que eu puder evitar.

Falarei com o arcebispo.

— E talvez com Harry Percy — diz Henrique. — Você sabe como ela... o noivado, ou o que quer que seja a relação entre eles... Bem, acho que eles foram praticamente casados, não? E se não funcionar... — Ele coça a barba. — Você sabe que eu estive, antes de estar com a rainha, eu estive, por vezes, em companhia da irmã dela, sua irmã Maria, que...

— Ah, sim, senhor. Eu me lembro de Maria Bolena.

— ... e será visto que, tendo me associado a uma mulher tão próxima de Ana em termos de parentesco, meu casamento com ela não poderia ser válido... No entanto, você só usará isso se for preciso, não quero um...

Ele assente. Você não quer que a história o exponha como um mentiroso. Em público, você me fez afirmar diante de seus cortesãos que jamais tivera nada com Maria Bolena, e você ali sentado e assentindo. Você removeu todos os obstáculos: Maria Bolena, Harry Percy, você os varreu para o lado. Mas agora nossas necessidades mudaram, e assim os fatos mudaram em nosso rastro.

— Pois bem, boa sorte — diz Henrique. — Seja bastante sigiloso. Confio em sua discrição e em sua habilidade.

Quão necessário, porém quão triste, é ouvir Henrique se desculpendo. Ele está desenvolvendo um perverso respeito por Norfolk, com seu resmungo de “Tudo bem, rapaz?”.

Em uma antecâmara, mestre Wriothsesley espera por ele.

— E, então, tem instruções, senhor?

— Bem, tenho algumas pistas para seguir.

— E sabe quando essas pistas poderão tomar forma?

Ele sorri.

Me-Chame prossegue:

— Ouvi dizer que o rei declarou em conselho que tem a intenção de casar Lady Maria com um súdito.

Certamente não foi isso que a assembleia concluiu, foi? Por um momento ele se sente o verdadeiro Cromwell que é: ele se ouve rindo e respondendo:

— Oh, pelo amor de Deus, Me-Chame. Quem lhe disse isso? Às vezes — diz ele —, acho que pouparia tempo e trabalho se todas as partes interessadas viessem ao conselho, incluindo os embaixadores estrangeiros. As decisões acabam vazando de qualquer jeito, e, para poupá-los de repetições e

interpretações distorcidas, seria melhor que fossem todas ouvidas logo em primeira mão.

— Eu entendi errado, então? — pergunta Wriothlesley. — Porque pensei que casar Maria com um súdito, com algum homem de origens baixas, que esse fosse um plano idealizado pela rainha atual.

Ele dá de ombros. O jovem lhe devolve um olhar vítreo. Levará alguns anos até que ele entenda por quê.

Edward Seymour solicita um encontro com ele. Em sua mente não há dúvida de que os Seymour virão a sua mesa, mesmo que tenham que sentar no chão e catar as migalhas.

Edward está tenso, apressado, nervoso.

— Senhor secretário, se formos pensar a longo prazo...

— Nesse assunto, um dia já é longo prazo. Tire sua menina disso, deixe que Carew a leve para sua casa em Surrey.

— Não pense que eu desejo saber seus segredos — diz Edward, escolhendo as palavras. — Não pense que quero me meter em assuntos que não são da minha alçada. Mas, pelo bem de minha irmã, eu gostaria de ter alguma indicação de...

— Ah, entendo, você quer saber se ela deve encomendar o enxoval de casamento? — Edward lhe lança um olhar suplicante. Ele prossegue calmamente: — Vamos buscar uma anulação. Só não sei ainda com base em que fundamento.

— Mas eles vão resistir — diz Edward. — Se caírem, os Bolena nos levarão junto. Ouvi falar de serpentes que, mesmo morrendo, exalam veneno através da pele.

— Já pegou em uma cobra? — pergunta ele. — Eu sim; uma vez, na Itália. — Ele mostra as palmas das mãos. — Não tenho nenhuma marca.

— Temos que ser muito sigilosos, então. Ana não pode saber.

— Bem — diz ele secamente —, acho que não podemos guardar esse segredo dela para sempre.

Mas ela saberá cedo demais se os novos amigos dele não pararem de detê-lo em antecâmaras, bloqueando seu caminho e se curvando em mesuras para ele; se não pararem de cochichar e de erguer as sobrancelhas e de darem cutucões uns nos outros.

Ele diz a Edward, preciso ir para casa e fechar a porta e ponderar a sós. A rainha está tramando algo, não sei o quê, algo diabólico, algo obscuro, talvez tão obscuro que nem ela mesma saiba o que é e por enquanto ainda esteja apenas sonhando com isso; mas preciso ser rápido, preciso sonhar no lugar dela, trazer o sonho à realidade.

De acordo com Lady Rochford, Ana reclama que, desde que deixou o leito de parto, Henrique vive vigiando-a; e não da maneira como costumava fazer.

Há muito tempo ele vem percebendo que Harry Norris observa a rainha; e, de certa proeminência, empoleirado acima como aqueles falcões esculpidos sobre as portas, ele via a si mesmo observando Harry Norris.

Por ora, Ana parece alheia às asas que pairam sobre sua cabeça, ao olho que avalia seu caminho quando ela hesita e desvia. Ela tagarela sobre a filha, Elizabeth, erguendo nos dedos uma pequeníssima touca, uma bela touca com fitas, recém-chegada da bordadeira.

Henrique olha para ela inexpressivamente, como se dissesse, por que me está mostrando isso, o que isso significa para mim?

Ana acaricia o pedaço de seda. Ele sente uma pontada de piedade, um instante de remorso. Estuda o trançado de seda fina que forma a barra das mangas da rainha. Alguma mulher com as habilidades de sua falecida esposa fez aquele trançado. Ele observa a rainha muito de perto, sente que a conhece como uma mãe conhece sua filha, ou uma filha conhece a mãe. Ele sabe de cor cada ponto de seu corpete. Ele nota o sobe e desce de cada respiração. O que há em seu coração, madame? Esta é a última porta a ser aberta. Agora ele está no limiar dessa porta e tem a chave na mão e quase teme inseri-la na fechadura. Mas e se a chave não entrar e ele se atrapalhar, sob os olhos de Henrique, ouvindo o muxoxo impaciente vindo da garganta real, tão certamente quanto seu mestre Wolsey ouviu em outros tempos?

Pois bem. Houve uma ocasião — em Bruges, não? — em que ele derrubou uma porta. Não era um hábito seu, derrubar portas, mas ele tinha um cliente que queria resultados e os queria imediatamente. Fechaduras podem ser arrombadas, mas isso é para quem tem tempo de sobra. Quem tem um ombro e uma bota não precisa de habilidade e não precisa de tempo. Ele pensa, eu não tinha nem 30 anos na época. Era jovem. Distraidamente, ele leva a mão direita ao ombro esquerdo, ao antebraço, afagando-os como se recordasse dos machucados. Ele

se imagina entrando em Ana, não como amante, mas como advogado, e com seus papéis, seus documentos enroscados dentro do punho; ele se imagina invadindo o coração da rainha. Nas câmaras do órgão vital dela ouve o clique dos próprios calcanhares.

Em casa, ele tira do baú o livro de horas que pertenceu a sua esposa. Um presente de seu primeiro marido, Tom Williams, que era um sujeito até que bem bom, mas não um homem de substância como ele. Sempre que ele pensa em Tom Williams agora, é como uma lacuna em branco, um serviçal sem rosto vestido com a libré de Cromwell, segurando seu casaco ou talvez seu cavalo. Agora que ele pode manipular, a seu bel-prazer, os melhores textos da biblioteca do rei, o livro de orações lhe parece pobre; cadê a folha de ouro? No entanto, a essência de Elizabeth está nesse livro, sua pobre esposa com sua touca branca, seu jeito franco, seu sorriso de lado e seus ocupados dedos de artesã. Certa vez ele viu Liz fazendo uma trança de seda. Uma extremidade era presa por um prego à parede e em cada dedo das suas mãos erguidas ela dava voltas nos fios, os dedos se movendo tão rápido que ele não conseguia ver como a coisa funcionava.

— Devagar — disse ele —, para que eu possa ver como você faz.

Mas ela riu e disse:

— Não posso ir mais devagar. Se eu parasse para pensar como faço, não conseguiria de jeito nenhum.

II Senhor dos fantasmas

Londres, abril — maio de 1536

— Venha sentar-se comigo um pouco.

— Por quê? — Lady Worcester está desconfiada.

— Porque tenho tortas.

Ela sorri.

— Estou faminta.

— Tenho até um mordomo para servi-las.

Ela dá uma espiada em Christophe.

— Esse menino é um mordomo?

— Christophe, Lady Worcester necessita de uma almofada.

A almofada é fofa, cheia de penas, e bordada com um desenho de falcões e flores. Ela a toma nas mãos, a afaga distraidamente, depois a coloca atrás de si e se recosta.

— Ah, assim está melhor.

Ela sorri. Grávida, Lady Worcester repousa a mão na barriga, como uma Madona em uma pintura. Nesta pequena sala, a janela aberta para o ar brando da primavera, ele está realizando uma sessão de inquérito. Não se preocupa com quem chega para vê-lo, quem é visto saindo ou entrando. Quem não gostaria de passar um tempo com um homem que tem tortas a oferecer? E o secretário-mor é sempre agradável e prestativo.

— Christophe, providencie um guardanapo para a senhora e depois vá sentar-se ao sol por dez minutos. Feche a porta ao sair.

Lady Worcester — Elizabeth — vê a porta fechando; ela então se inclina para a frente e sussurra:

— Senhor secretário, estou com um grande problema.

— E isso — ele aponta para a figura dela — não deve ser nada fácil. A rainha inveja sua condição?

— Bem, ela me mantém por perto, e sem necessidade. Todo dia me pergunta

como estou. Eu não poderia ter uma ama mais gentil. — Mas seu rosto demonstra dúvida. — Em certos aspectos, seria melhor se eu fosse para casa, no campo. Do jeito que estou, mantida diante da corte, sou apontada por todos.

— Você acha então que foi a própria rainha quem começou os rumores contra você?

— Quem mais pode ter sido?

Corre um boato na corte de que o bebê que Lady Worcester espera não é filho do conde. Talvez tenha sido espalhado por malícia; talvez seja a ideia de piada que alguém tem: talvez alguém estivesse entediado. O polido irmão da dama, o cortesão Anthony Browne, invadiu os aposentos dela para tirar satisfação.

— Eu disse a ele — conta ela —, não me espezinhe. Por que implicar justo comigo?

Como se partilhando de sua indignação, a torta de coalhada na mão dela trepida na concha de massa.

Ele franze a testa.

— Permita-me retroceder um passo. Sua família a culpa porque as pessoas estão falando da senhora, ou porque há verdade no que dizem?

Lady Worcester toca os lábios com o guardanapo.

— Acha que vou confessar apenas em troca de tortas?

— Vou esclarecer as coisas para a senhora. Eu desejo ajudá-la, se me for possível. Seu marido tem razão para estar com raiva?

— Ah, homens. Estão sempre com raiva. Têm tanta raiva que às vezes nem sabem por quê.

— Então poderia ser do conde?

— Se for um menino forte, ousou dizer que ele o legitimará. — As tortas a distraem: — Aquela branca é creme de amêndoas?

O irmão de Lady Worcester, Anthony Browne, é meio-irmão de Fitzwilliam. (São todos parentes uns dos outros, essa gente. Felizmente, o cardeal lhe deixou um mapa esquemático das famílias, que ele atualiza sempre que há um casamento.) Fitzwilliam e Browne e o conde ofendido andam confabulando pelos cantos. E Fitzwilliam lhe perguntou, você consegue descobrir, Crumb, o que diabos está acontecendo entre as damas de companhia da rainha? Pois sei que eu não consigo.

— E ainda há as dívidas — prossegue ele. — A senhora está em uma triste posição. Tomou empréstimos de todo mundo. O que comprou? Sei que há belos jovens ao redor do rei, jovens inteligentes também, sempre amorosos e prontos para escrever uma carta a uma dama. A senhora paga para ser lisonjeada?

— Não. Para ser elogiada.

— Pois deveria ganhar elogios de graça.

— São palavras muito galantes. — Ela lambe os dedos. — Mas o senhor é um homem do mundo, senhor secretário, e sabe que, se escrevesse um poema a uma mulher, mandaria a conta junto.

Ele ri.

— Verdade. Eu sei como meu tempo é precioso. Mas não pensei que os seus admiradores fossem tão mesquinhos.

— Mas eles têm muito a fazer, aqueles meninos! — Ela escolhe uma violeta açucarada e a mordisca. — Não sei por que se diz que são jovens ociosos. Eles vivem ocupados dia e noite, fazendo suas carreiras. Não chegariam a mandar uma fatura, mas é preciso comprar uma joia para suas boinas. Ou alguns botões dourados para suas mangas. Ou pagar seu alfaiate, talvez.

Ele pensa em Mark Smeaton, em sua elegância.

— Será que a rainha paga dessa forma?

— Nós chamamos de retribuição. Não chamamos de pagamento.

— Eu aceito sua correção. — Meu Deus, pensa ele, então um homem poderia utilizar os serviços de uma prostituta e chamar isso de “retribuição”. Lady Worcester deixou cair algumas passas sobre a mesa, e ele sente ganas de pegá-las e dar-lhe na boca; provavelmente ela não se importaria. — Então, quando a rainha retribui esses rapazes, ela alguma vez... ela alguma vez lhes retribui em particular?

— Em particular? Como eu haveria de saber?

Ele assente. É um jogo de tênis, pensa ele. Essa devolução foi boa demais para mim.

— O que ela veste, quando vai fazer essas retribuições?

— Eu pessoalmente não a vi nua.

— Então a senhora acha, quanto a esses bajuladores, a senhora acredita que ela não vai até o fim com eles?

— Não diante de meus olhos ou ao alcance de meus ouvidos.

— E a portas fechadas?

— As portas estão sempre fechadas. É algo comum.

— Se eu lhe pedisse que prestasse testemunho, a senhora repetiria isso sob juramento?

Ela limpa uma pontinha de creme.

— Que as portas muitas vezes estão fechadas? Eu poderia chegar até aí.

— E quanto cobraria por isso?

Ele está sorrindo; seus olhos repousam no rosto dela.

— Tenho um pouco de medo do meu marido. Porque peguei dinheiro emprestado. Ele não sabe, então por favor... mantenha silêncio.

— Mande seus credores virem até mim. E no futuro, se precisar de um elogio, venha fazer um saque no banco Cromwell. Cuidamos bem dos nossos clientes e nossas condições são generosas. Somos conhecidos por isso.

Lady Worcester baixa o guardanapo; pega uma última pétala de primula da última torta de queijo. Vira-se para a porta. Um pensamento lhe ocorre. Ela reúne as saias.

— O rei quer uma razão para deixá-la de lado, não? As portas fechadas serão suficientes? Eu não desejaria mal a ela.

Lady Worcester compreende a situação, ao menos em parte. A mulher de César deve estar acima de qualquer suspeita. Uma suspeita arruinaria a rainha, uma migalha ou lasca de verdade arruinaria ainda mais rápido; não precisamos de um lençol com um rastro de visgo deixado por Francis Weston ou algum outro sonetista.

— Deixá-la de lado — repete ele. — Sim, possivelmente. A menos que se prove que os rumores são mal-entendidos. Como tenho certeza de que são no seu caso. Tenho certeza de que o seu marido ficará contente quando a criança nascer.

A expressão dela se tranquiliza.

— Então o senhor falará com ele? Mas não sobre a dívida? E falará com meu irmão? E com William Fitzwilliam? Pode convencê-los a me deixar em paz, por favor? Eu não fiz nada que outras mulheres não tenham feito também.

— A Srta. Shelton? — indaga ele.

— Não seria surpresa.

— A Srta. Seymour.

— Isso sim seria surpresa.

— Lady Rochford?

Ela hesita.

— Jane Rochford não gosta do esporte.

— Como assim, lorde Rochford é inapto?

— Inapto. — Ela parece saborear a palavra. — Nunca a ouvi descrevendo a situação dessa maneira. — Ela sorri. — Mas já a ouvi descrevendo de outras formas.

Christophe voltou. Ela se retira, passando por ele a passos leves, uma mulher a quem tiraram um fardo dos ombros.

— Oh, veja só — diz Christophe. — Ela pegou todas as pétalas de cima da torta e deixou o miolo.

Christophe se senta para encher a panela com os restos. Ele anseia por mel, açúcar. É impossível não identificar um menino que cresceu com fome. Estamos chegando à época doce do ano, quando o ar é ameno e as folhas claras, e as tortas de limão são temperadas com lavanda: cremes de ovos, levemente depositados, infundidos com um ramo de manjeriço; flores de sambuco são cozidas em calda de açúcar e derramadas sobre metades de morangos.

Dia de São Jorge. Por toda a Inglaterra, dragões de pano e papel se agitam em uma barulhenta procissão pelas ruas, seguidos pelo matador de dragões em sua armadura de lata, batendo uma velha espada enferrujada em seu escudo. Virgens trançam guirlandas de folhas, e flores da primavera são levadas para a igreja. No salão de Austin Friars, Anthony pendurou nas vigas do teto um animal de escamas verdes que revira um olho e enrosca a língua; parece uma fera lasciva, e lhe lembra algo, mas ele não consegue identificar o quê.

Este é o dia em que os cavaleiros da Jarreteira fazem sua assembleia, quando elegem um novo cavaleiro se algum membro faleceu. A Jarreteira é a ordem mais ilustre da cavalaria da cristandade: o rei da França é membro, assim como o da Escócia. Assim como o monsenhor, pai da rainha, e o bastardo do rei, Harry Fitzroy. Este ano, o encontro se dá em Greenwich. Por consenso implícito, os membros estrangeiros não participarão, mas a assembleia ainda assim acaba servindo para reunir seus novos aliados: William Fitzwilliam, Henry Courtenay (marquês de Exeter), lorde Norfolk e Charles Brandon, que parece tê-lo perdoado, a Thomas Cromwell, por tê-lo enxotado da câmara de recepções do

rei, e que agora o procura e diz:

— Cromwell, nós tivemos nossas diferenças. Mas eu sempre disse a Harry Tudor, preste atenção em Cromwell, que ele não caia como caiu seu ingrato mestre, porque Wolsey lhe passou seus truques e ele pode lhe ser útil nesse sentido.

— Sempre disse isso, senhor? Eu lhe devo muito por essas palavras.

— Sim, e bem, podemos ver as consequências, pois agora você é um homem rico, não? — Ele ri. — E também Henrique está rico.

— Sempre me alegro em direcionar corretamente minha gratidão. Permita-me perguntar, em quem o senhor votará na assembleia da Jarreteira?

Brandon lhe dirige uma piscadela forçada.

— Confie em mim.

Há uma vaga, devido à morte de lorde Bergavenny; e dois homens têm esperanças de ocupá-la. Ana tem propagandeado os méritos de seu irmão George. O outro candidato é Nicholas Carew; e, depois que as opiniões são ouvidas e os votos contados, o nome lido em voz alta pelo rei é o de Sir Nicholas. O séquito de George se apressa em minimizar os danos, em fazer parecer que não esperavam coisa alguma: que já havia uma promessa anterior, que há três anos o próprio rei Francisco pediu a Henrique que a primeira vaga que surgisse fosse ocupada por Carew. Se a rainha está descontente, não o demonstra, e o rei e George Bolena têm um projeto a discutir. No dia seguinte ao primeiro de maio, uma comitiva real deve viajar a Dover para inspecionar a nova obra no porto, e George também irá, na qualidade de guardião dos Cinque Ports: um cargo que ele ocupa mal, na opinião dele, de Cromwell. Ele próprio pretende viajar com o rei; ele bem poderia ir a Calais, passar lá um ou dois dias, e a ordem é algo importante por lá; então ele faz correr o boato de sua chegada, o que servirá para manter a guarnição em alerta.

Harry Percy desceu de suas terras para a reunião da Jarreteira e agora está em sua casa em Stoke Newington. Talvez isso seja útil, diz ele a seu sobrinho Richard, eu poderia enviar alguém para vê-lo e sondar se ele está disposto a retirar o que disse sobre o acordo pré-nupcial. Eu mesmo irei, se necessário. Mas precisamos avançar esta semana passo a passo. Richard Sampson está esperando por ele, o decano da capela real, doutor em direito canônico (Cambridge, Paris, Pérugia, Siena): procurador do rei em seu primeiro divórcio.

— Mas que belo de um abacaxi. — É tudo que o decano diz, baixando suas pastas à sua maneira meticulosa. Há uma carroça de mula do lado de fora, rangendo sob o peso de mais pastas, bem embrulhadas para protegê-las do mau tempo: os documentos percorrem todo o caminho desde a primeira insatisfação expressa pelo rei quanto a sua primeira rainha. Uma época em que, diz ele ao decano, éramos todos jovens. Sampson ri; é uma risada clerical, como os estalidos de um baú de batinas. — Mal me lembro de ter sido jovem, mas creio que éramos. E alguns de nós éramos despreocupados.

Eles tentarão a anulação, verão se Henrique pode ser libertado.

— Ouvi dizer que Harry Percy se esvai em lágrimas ao som do seu nome — comenta Sampson.

— Exageram muito. O conde e eu tivemos muitos colóquios civilizados nos últimos meses.

Ele segue virando as páginas do primeiro divórcio, e encontrando a caligrafia do cardeal, alterando, sugerindo, desenhando setas na margem.

— A menos — diz ele — que a rainha Ana decida entrar para a religião. Assim o casamento seria dissolvido por si só.

— Estou seguro de que ela seria uma excelente abadessa — responde Sampson educadamente. — Já sondou meu senhor arcebispo?

Cranmer está longe. Ele vem protelando.

— Tenho que mostrar ao arcebispo — diz ele ao decano — que nossa causa, isto é, a causa da Bíblia inglesa, prosseguirá melhor sem ela. Nós queremos que a palavra viva de Deus soe nos ouvidos do rei como música, não como os choramingos ingratos de Ana.

Ele diz “nós”, incluindo o decano por cortesia. Em seu coração, ele não tem certeza alguma de que Sampson seja devotado à reforma, mas o que lhe importa é a concordância exterior, e o decano é sempre cooperativo.

— Aquele pequeno tema da feitiçaria. — Sampson limpa a garganta. — O rei não quer que investiguemos a sério, quer? Se pudesse ser provado que algum meio sobrenatural foi usado para induzi-lo ao casamento, então é claro que seu consentimento não teria sido espontâneo, e o contrato não teria efeito; mas certamente, quando ele diz que foi seduzido por encantos, por feitiços, ele fala, por assim dizer, em figuras de linguagem, não? Como um poeta talvez fale dos encantos de fada de alguma dama, seus truques, suas seduções...? Ah, por Deus

— reclama o decano debilmente. — Não me olhe dessa maneira, Thomas Cromwell. É um assunto em que prefiro não me meter. Prefiro ter Harry Percy novamente e, juntos, fazermos com que volte à razão. Até prefiro levantar o assunto de Maria Bolena, cujo nome, por sinal, eu esperava jamais ouvir novamente.

Ele dá de ombros. Às vezes ele pensa em Maria; em como teria sido se ele tivesse aceitado as ofertas dela. Naquela noite em Calais, ele esteve tão perto que pôde sentir-lhe o hálito, doces e especiarias, vinho... Mas é claro que, naquela noite em Calais, qualquer homem com a engrenagem funcionando teria servido para Maria. Delicadamente, o decano interrompe seus pensamentos:

— Permita-me fazer uma sugestão: vá falar com o pai da rainha. Fale com Wiltshire. Ele é um homem razoável, servimos em Bilbao há alguns anos, em missão diplomática, e sempre o achei razoável. Faça com que ele convença a filha a se retirar de cena tranquilamente. Que nos poupe a todos vinte anos de sofrimento.

Pois bem, rumo ao “monsieur”: ele leva Wriothsley para tomar notas do encontro. O pai de Ana traz sua própria pasta, ao passo que o irmão dela, George, traz apenas sua pessoa adorável. Ele é sempre um espetáculo para os olhos: George gosta de roupas com tranças e borlas, todas pontilhadas e listradas e bem-talhadas. Hoje ele veste veludo branco sobre seda vermelha, o escarlate borbotando de cada corte no tecido. Ele se recorda de uma imagem que viu certa vez nos Países Baixos, de um santo sendo esfolado vivo. A pele das pernas do homem estava cuidadosamente dobrada sobre seus tornozelos, como botas macias, e seu rosto tinha uma expressão de permanente serenidade.

Ele coloca seus papéis sobre a mesa.

— Não vou desperdiçar palavras. Os senhores compreendem a situação. Chegaram à atenção do rei alguns assuntos que, caso fossem de seu conhecimento antes, teriam impedido este pretenso casamento com Lady Ana.

George responde:

— Eu falei com o conde de Northumberland. Ele defende seu juramento. Não houve acordo pré-nupcial.

— Então isso é lamentável. Não vejo o que devo fazer. Talvez o senhor possa me ajudar, lorde Rochford, com algumas sugestões.

— Nós vamos ajudá-lo a ser mandado para a Torre — retruca George.

— Tome nota disso — diz ele a Wriothesley. — Lorde Wiltshire, permita-me recordá-lo de algumas circunstâncias de que seu filho aqui talvez não esteja a par. Quanto a este assunto envolvendo sua filha e Harry Percy, o falecido cardeal o convocou em reunião para alertá-lo de que não poderia haver casamento entre eles devido à plebeidade de sua família e à elevada linhagem de Percy. E o senhor respondeu que não era responsável pelo que Ana fazia, que não podia controlar seus próprios filhos.

Thomas Bolena recompõe sua expressão, pois certa lembrança lhe surgiu à mente.

— Então era você, Cromwell. Anotando tudo nas sombras.

— Nunca neguei que era eu, senhor. Pois bem, naquela ocasião o senhor não obteve muita compaixão da parte do cardeal. Sendo um pai de família, eu pessoalmente entendo como essas coisas acontecem. Na época, o senhor afirmava que sua filha e Harry Percy tinham chegado mais longe do que deveriam. E com isso queria dizer, como o cardeal gostava de colocar, um palheiro e uma noite quente. O senhor indicou que a ligação dos dois tinha sido consumada e que era um verdadeiro casamento.

Bolena sorri.

— Mas depois o rei tornou manifestos seus sentimentos por minha filha.

— E o senhor repensou sua posição. Como qualquer um faria. Eu agora lhe peço que repense uma vez mais. Seria melhor para sua filha se ela de fato tivesse se casado com Harry Percy. Assim o casamento dela com o rei poderia ser invalidado. E o rei estaria livre para escolher outra dama.

Uma década de engrandecimento pessoal, desde que sua filha levantou as saias para o rei, tornou Bolena rico e bem-estabelecido e confiante. Sua era está chegando ao fim, e ele, Cromwell, vê que Bolena decide não resistir. Mulheres envelhecem, homens gostam de variedade: é uma velha história, da qual nem uma rainha ungida pode escapar para escrever um final diferente para si.

— Bem, e quanto a Ana? — pergunta o pai.

Nenhuma ternura em especial vem agregada à pergunta.

Ele sugere, como fez Carew:

— Convento?

— Espero fazermos um acordo generoso — diz Bolena. — Para a família, quero dizer.

— Espere — interrompe George. — Senhor meu pai, não faça nenhum acordo com este homem. Nenhuma negociação.

Wiltshire fala friamente com o filho:

— Senhor. Acalme-se. As coisas são como são. E se ela permanecesse, Cromwell, de posse de suas propriedades como marquesa? E nós, sua família, continuássemos de posse imperturbada das nossas?

— Acredito que o rei preferiria que ela se retirasse da sociedade. Tenho certeza de que podemos encontrar alguma santa casa bem administrada onde suas crenças e pontos de vista sejam confortáveis.

— Estou enojado — declara George. E se afasta do pai.

Ele diz

— Registre o nojo de lorde Rochford.

A pena de Wriothsley se põe em movimento.

— Mas e nossas terras? — prossegue Wiltshire. — Nossos cargos oficiais? Eu certamente poderia continuar a servir ao rei como seu guarda-selo pessoal. E o meu filho aqui, suas dignidades e títulos...

— Cromwell quer me ver longe. — George se põe subitamente de pé. — Esta é a pura verdade. Ele nunca deixou de interferir com o que faço em defesa do reino, ele escreve para Dover, escreve para Sandwich, seus homens estão por toda parte, minhas cartas são redirecionadas para ele, minhas ordens revogadas por ele...

— Ora, sente-se — exclama Wriothsley. Ele ri: tanto da própria insolência quanto da expressão de George. — Ou é claro, fique de pé, senhor, se desejar.

Agora Rochford não sabe o que fazer. Só lhe resta, a fim de reafirmar que está de pé, bater o pé no chão; e pegar seu chapéu; e dizer:

— Tenho pena de você, secretário. Se conseguir arrancar minha irmã do trono, seus novos amigos farão picadinho de você quando ela se for, e se não conseguir, e ela e o rei se reconciliarem, então eu farei picadinho de você. Assim, para onde quer que se vire, Cromwell, desta vez você foi longe demais.

Ele responde tranquilamente:

— Eu só marquei este encontro, lorde Rochford, porque o senhor, mais que todos os homens, tem influência sobre sua irmã. Ofereço-lhe segurança, em troca de sua bondosa ajuda.

O velho Bolena fecha os olhos.

— Eu vou falar com ela. Vou falar com Ana.

— E fale com seu filho aqui, porque eu não falarei mais com ele.

Wiltshire diz:

— Espanta-me, George, ver que você não enxerga o rumo que isso está tomando.

— O quê? — indaga George. — Como, o quê? — Ele ainda está tagarelando quando seu pai o reboca para fora. À porta, o velho Bolena faz uma polida medida de cabeça. — Senhor secretário. Mestre Wriothesley.

Eles os observam sair: pai e filho.

— Foi interessante — diz Wriothesley. — E que rumo isso está tomando, senhor?

Ele remexe em seus papéis.

— Eu me lembro — prossegue Wriothesley — de certa brincadeira na corte, após a queda do cardeal. Lembro-me de Sexton, o bufão, em túnicas vermelhas, vestido como o cardeal, e de que quatro demônios o arrastaram para o inferno, cada um o puxando por um braço ou perna. E estavam mascarados. E eu me perguntava, será que George...

— Pata dianteira direita.

— Ah — faz Me-Chame.

— Eu passei nos bastidores, atrás da tela no salão. Vi quando eles despiram seus trajes peludos e lorde Rochford sacou sua máscara. Por que você não me seguiu? Poderia ter visto por si mesmo.

Wriothesley sorri.

— Eu não queria ir aos bastidores. Temia que você me confundisse com os atores e assim eu ficasse para sempre manchado em sua avaliação.

Ele se lembra: uma noite de terrível mau cheiro, quando a fina flor da cavalaria se converteu em uma matilha de cães de caça, ganhando por sangue, toda a corte rindo e arreganhando os dentes enquanto a figura do cardeal era arrastada e chutada pelo chão. Depois uma voz se ergueu no salão: “Que vergonha!” Ele pergunta a Wriothesley:

— Não foi você quem gritou?

Me-Chame não mente:

— Não. Creio que tenha sido Thomas Wyatt.

— Acho que foi. Pensei sobre isso todos esses anos. Ouça, Me-Chame, tenho

que ir ver o rei. Tomamos uma taça de vinho primeiro?

Mestre Wriothsesley se põe de pé. Vai em busca de um criado, um menino. A luz se reflete na curva de uma jarra de estanho. O vinho gascão se derrama em uma taça.

— Dei a Francis Bryan uma licença de importação para isto — comenta ele. — Esse vinho deve ser de três meses atrás. O homem não tem paladar, hã? Eu não sabia que ele os venderia de volta às adegas do rei.

Ele vai a Henrique, apartando guardas, atendentes, cavalheiros; mal é anunciado, de modo que Henrique ergue os olhos, alarmado, de seu livro de música.

— Thomas Bolena entende seu caminho. Sua única preocupação é em manter seu bom nome para com Vossa Majestade. Mas não consigo obter cooperação alguma do filho.

— Por que não?

Porque ele é um idiota?

— Acho que ele acredita que Vossa Majestade pode mudar de ideia.

Henrique se encrespa.

— Ele deveria me conhecer. George era um menininho de 10 anos quando chegou à corte, deveria me conhecer. Eu não mudo de ideia.

É verdade, de certa forma. Como um caranguejo, o rei avança de lado até seu destino, mas depois acaba enterrando suas pinças. Jane Seymour é quem levará o beliscão.

— Vou lhe dizer o que penso de Rochford — prossegue Henrique. — Ele tem, o quê?, 32 anos agora, mas ainda é chamado de filho de Wiltshire, ainda é chamado de irmão da rainha, ele não sente que tem vida própria, e não tem herdeiro para dar-lhe continuidade, nem sequer uma filha. Eu fiz o que pude por ele. Enviei-o muitas vezes ao exterior para me representar. E isso não vai mais acontecer, suponho, porque, quando ele já não for mais meu cunhado, ninguém tomará conhecimento dele. No entanto, ele não será um homem pobre. Talvez eu continue a favorecê-lo. Embora não possa fazê-lo se ele for obstrutivo. Portanto, ele deve ser alertado. Devo eu mesmo falar com ele?

Henrique parece irritado. Não deveria ter que lidar com isso. Cromwell é quem tem que resolver o assunto para ele. Retirar os Bolena, receber os Seymour. O trabalho de Henrique é o trabalho de um rei: rezar pelo sucesso de seus empreendimentos e escrever canções para Jane.

— Esperemos um dia ou dois, senhor, e eu tratarei com ele em separado do pai. Acho que, em presença de lordes Wiltshire, ele sente a necessidade de pavonear-se e fazer pose.

— Sim, eu não costumo me enganar — diz Henrique. — Vaidade, é tudo vaidade. Agora escute.

O rei canta:

“A margarida deleitável,

A violeta suave e azul.

Não sou variável...”

— Perceba que é uma antiga canção que estou tentando retrabalhar. O que rima com azul, além de “sul”?

Como se precisasse de mais alguma coisa, pensa ele. E pede licença. As galerias estão iluminadas por tochas, das quais figuras se derretem. Nesta noite de sexta de abril, a atmosfera na corte lhe lembra as casas de banho públicas de Roma. O ar é denso e as silhuetas de outros homens passam deslizando na água por você — talvez conhecidos seus, mas você não os reconhece sem as roupas. Sua pele está quente depois fica fria depois quente outra vez. As lajotas são escorregadias sob seus pés. De cada lado, portas deixadas entreabertas, apenas alguns centímetros, e fora de sua linha de visão, mas muito perto, perversidades ocorrem, conjugações antinaturais de corpos, homens e mulheres e homens e homens. Você se sente nauseado, pelo calor pegajoso e pelo que sabe da natureza humana, e se pergunta por que veio até esse lugar. Mas disseram-lhe que um homem deve ir a uma casa de banhos ao menos uma vez na vida, ou ele não acreditará quando outros lhe disserem o que se passa ali dentro.

— A verdade — diz Mary Shelton — é que eu teria tentado vê-lo, senhor secretário, mesmo que não tivesse sido chamada. — Sua mão treme; ela toma um gole de vinho, fita o cálice intensamente como se em divinação, e depois ergue os olhos eloquentes. — Rezo para jamais passar outro dia como este. Nan Cobham deseja vê-lo. Marjorie Horsman. Todas as mulheres da câmara de dormir.

— Você tem algo para me dizer? Ou só quer chorar sobre minha papelada e borrar a tinta?

Ela baixa o copo e lhe dá as mãos. Ele fica comovido pelo gesto, é como uma criança mostrando que tem as mãos limpas.

— Vamos tentar esclarecer isto? — pede ele gentilmente.

Nos aposentos da rainha, o dia inteiro é de gritaria, portas batendo, pés apressados: conversas sussurradas em meios-tons.

— Eu queria ir embora da corte — diz Shelton. — Queria viver em outro lugar. — Ela retira as mãos das dele. — Eu deveria estar casada. É querer demais, estar casada e ter alguns filhos, enquanto ainda sou jovem?

— Ora, não lamente por si mesma. Pensei que você fosse se casar com Harry Norris.

— Também pensei.

— Sei que houve alguma briga entre vocês, mas isso já não faz um ano?

— Creio que Lady Rochford lhe contou. O senhor não deveria dar ouvidos, sabe? Ela inventa coisas. Mas sim, é verdade, eu briguei com Harry, ou ele brigou comigo, e foi por causa do jovem Weston, vindo aos aposentos da rainha a toda hora; Harry pensou que Weston estava jogando seu charme para mim. E eu também pensei. Mas eu não encorajei Weston, juro.

Ele ri.

— Mas, Mary, você encoraja os homens. É o que você faz, não consegue evitar.

— Então Harry Norris disse, vou dar um chute nas costelas desse cachorro que ele não esquecerá. Embora Harry não seja do tipo que anda por aí chutando cães. E minha prima, a rainha, disse, nada de chutes em minha câmara, faça o favor. Então Harry disse, com sua licença real, eu vou levá-lo lá para fora e chutá-lo, e... — Mary não consegue evitar o riso, apesar de ser um riso trêmulo, lamentável — ... e Francis ali o tempo todo, embora os dois falassem dele como se ele estivesse em outro lugar. Então Francis disse, bem, quero ver você me chutar, pois na sua idade avançada, Norris, você vai é acabar tropeçando e caindo...

— Senhorita — pede ele —, não tem como resumir essa história?

— Eles seguiram assim por uma hora ou mais, provocando-se e disputando e implorando pelo favor dela. E minha ama rainha nunca se cansava, ela os

incitava. Então Weston, ele disse, não se incomode, Gentil Norris, pois não venho aqui pela Srta. Shelton, eu venho por outra dama, e você sabe quem é. E Ana perguntou, pois então me conte, não posso adivinhar. É Lady Worcester? É Lady Rochford? Vamos, conte-nos, Francis. Diga-nos a quem você ama. E ele respondeu, madame, é a senhora.

— E o que a rainha disse?

— Oh, ela o desafiou. Ela respondeu, você não deveria dizer isso, pois meu irmão George virá e o chutará também, pela honra da rainha da Inglaterra. E ela estava rindo. Mas então Harry Norris brigou comigo, por causa de Weston. E Weston brigou com ele, por causa da rainha. E ambos brigaram com William Brereton.

— Brereton? O que ele tinha a ver com a história?

— Bem, ele apareceu por acaso. — Ela franze a testa. — Acho que foi nessa hora. Ou foi em algum outro momento que ele por acaso apareceu. E a rainha disse, pronto, eis aqui o homem certo para mim, Will é daqueles que sabem disparar uma flecha para o alvo. Mas ela estava provocando a todos. Não dá para entendê-la. Num momento ela está lendo o evangelho de nosso mestre Tyndale. No momento seguinte... — Mary Shelton dá de ombros — ... ela abre a boca e vemos o rabo do diabo se insinuar para fora.

Depois, segundo o relato de Shelton, um ano se passa. Harry Norris e a Srta. Shelton voltam a se falar e logo fazem as pazes e Harry acaba frequentando novamente sua cama. Tudo volta a ser como antes. Até hoje: 29 de abril.

— Hoje de manhã, começou com Mark — explica Mary Shelton. — Sabe como ele fica rondando? Ele está sempre à entrada da câmara de recepção da rainha. E, quando ela passa, ela não fala com ele; em vez disso, ri e puxa a manga de seu casaco ou lhe cutuca o cotovelo, e certa vez ela lhe arrancou a pena da boina.

— Nunca ouvi falar disso como uma brincadeira de amor — comenta ele. — É algo que se faz na França?

— E hoje de manhã ela disse, oh, vejam este cachorrinho, e o despenteou e puxou suas orelhas. E ele arregalando aqueles olhos tolos. Depois ela disse, por que está tão triste, Mark, não é seu trabalho ficar triste, você está aqui para nos divertir. E ele ameaçou ajoelhar-se, dizendo: “Senhora...”, mas ela o deteve. Ela disse, oh, pelo amor de Maria, fique sobre seus pés, eu já faço o favor de lhe dar

uma mínima atenção, o que mais espera? Acha que eu deveria me dirigir a você como se fosse um nobre? Não posso, Mark, porque você é uma pessoa inferior. Ele disse, não, não, senhora, não espero uma palavra, um olhar basta para mim. Então ela esperou. Porque ela achava que ele iria louvar o poder de seu olhar. Que dissesse que seus olhos são imãs, e assim por diante. Mas ele não disse isso, simplesmente começou a chorar e “Adeus”, ele disse, e foi embora. Simplesmente virou as costas para ela. E ela riu. E assim nós entramos em sua câmara.

— Não tenha pressa — diz ele.

— Ana disse, será que ele pensa que sou algum artigo do Jardim de Paris? Que é um... sabe...

— Eu sei o que é o Jardim de Paris.

Ela cora.

— Claro que sabe. E Lady Rochford disse, não seria nada mau se Mark fosse atirado de uma janela, como o cão da senhora, Purkoy. E aí a rainha começou a chorar. E esbofeteou Lady Rochford. E Lady Rochford respondeu, faça isso de novo e eu a estapeio de volta, a senhora não é rainha coisa nenhuma, é a mera filha de um cavaleiro, o secretário Cromwell já a tem na palma da mão, seu tempo acabou, madame.

Ele diz

— Lady Rochford está se precipitando.

— Ai Harry Norris entrou.

— Eu já estava me perguntando por onde ele andava.

— Norris perguntou, que barulho é esse? Ana respondeu, faça-me um favor, leve embora a mulher de meu irmão e a afogue, assim ele poderá ter uma esposa nova que lhe faça algum bem. E Harry Norris ficou pasmo. Ana disse a ele, você não jurou que faria qualquer coisa que eu lhe pedisse? Que caminharia descalço até a China por mim? E Harry disse... O senhor sabe como ele é debochado... Ele disse, acho que foi até Walsingham que me dispus a ir descalço. Sim, ela respondeu, e lá purgar seus pecados, porque o seu desejo é pilhar um homem morto: se algum infortúnio sucedesse ao rei, você tentaria me possuir.

Ele quer anotar o que Shelton conta, mas ele não ousa nem se mexer para que ela não pare de falar.

— Então a rainha se virou para mim e disse, Srta. Shelton, percebe agora por

que ele não se casa com você? Está apaixonado por mim. É o que ele afirma, e vem afirmando esse tempo todo. Mas ele não dá provas de seu amor, ele se recusa a colocar Lady Rochford em um saco e atirá-la no rio, coisa que tanto desejo. Nesse ponto Lady Rochford saiu correndo dali.

— Acho que entendo por quê.

Mary ergue os olhos.

— Sei que o senhor está rindo de nós. Mas foi horrível. Para mim, foi. Porque pensei que fosse uma brincadeira entre eles dizer que Harry Norris a amava, e ali eu vi que não era. Juro que ele empalideceu e disse a Ana, sua intenção é alardear todos os seus segredos, ou só alguns? E então saiu e nem sequer se curvou para ela, e ela foi atrás dele. E eu não sei o que ela disse, porque estávamos todos imóveis como estátuas.

Alardear seus segredos. Todos ou só alguns.

— Quem ouviu isso?

Ela balança a cabeça em lamentação.

— Uma dúzia de pessoas, talvez. Não tinha como não ouvir.

Em seguida, ao que parece, a rainha entrou em pânico.

— Ela olhou para todos nós, enfileirados à sua volta, e quis mandar buscar Norris de volta, disse que um padre tinha que ser chamado, disse que Harry tinha que prestar juramento afirmando saber que ela é uma esposa boa, casta, fiel. Que ele tinha que retirar tudo que dissera, e que ela também retiraria, e eles colocariam as mãos sobre a Bíblia em sua câmara e assim todos saberiam que aquilo tudo tinha sido falado por falar, que era bobagem. Ela está apavorada, temendo que Lady Rochford vá contar ao rei.

— Eu sei que Jane Rochford gosta de dar más notícias. Mas não assim tão más.

Não a um marido. Não que sua esposa e o querido amigo dele discutiram sua morte, prevenendo como se consolariam mutuamente depois.

É traição. Possivelmente. Visionar a morte do rei. A lei o reconhece: quão curto é o passo entre sonhar e desejar e planejar. Nós chamamos de “imaginar” sua morte: o pensamento é o pai da ação, e a ação nasce crua, feia, prematura. Mary Shelton não sabe o que testemunhou. Pensa que foi uma briga entre amantes. Que é apenas um incidente em sua longa carreira de amor e infortúnios de amor.

— Duvido — diz ela, em desalento — que Harry Norris se case comigo agora, ou mesmo que se dê ao trabalho de fingir que se casará comigo. Se o senhor me perguntasse na semana passada se a rainha cedeu aos avanços dele, eu teria dito que não, mas vendo-os agora, é claro que certas palavras foram trocadas entre eles, certos olhares, e como posso saber que tipo de coisa aconteceu? Penso que... Eu não sei o que pensar.

— Eu me casarei com você, Mary — diz ele.

Ela ri, apesar de tudo.

— Secretário, o senhor não se casará, o senhor vive dizendo que se casará com esta ou aquela dama, mas sabemos que está se guardando para um grande partido.

— Ah, bem. De volta, então, ao Jardim de Paris. — Ele dá de ombros, sorri; mas sente a necessidade de ser rápido com ela, de acelerar as coisas. — Agora preste atenção, você precisa ser discreta e manter silêncio. O que você precisa fazer agora, você e as outras damas, é se proteger.

Mary está confusa.

— Isso não vai acabar mal, vai? Se o rei souber do que se passou, ele saberá como interpretar, não? Talvez considere que foi apenas brincadeira... Que não foi dito por mal... É tudo conjectura, talvez eu tenha me precipitado em meu julgamento, não há como saber se algo aconteceu entre eles, eu não poderia afirmá-lo sob juramento. — Ele pensa, mas você vai afirmar; por bem ou por mal, vai afirmar. — Entenda, Ana é minha prima. — A voz da moça vacila. — Ela sempre fez de tudo por mim...

Até empurrou você para a cama do rei, pensa ele, quando estava grávida: para conservar Henrique entre as mulheres da família.

— O que acontecerá com ela? — Os olhos de Mary estão sérios. — Ele vai deixá-la? Correm boatos, mas Ana não acredita no que ouve.

— Ela deveria ampliar um pouco sua credulidade.

— Ela diz, sempre consigo fazê-lo voltar para mim, eu sei como. E o senhor sabe que ela sempre conseguiu. Mas, seja lá o que aconteceu com Harry Norris, não continuarei com ela, porque sei que ela o tomaria de mim sem qualquer escrúpulo, se é que já não o tomou. E damas como nós não podem viver em tais termos. E Lady Rochford também não pode continuar. E Jane Seymour foi afastada, por... Bem, não vou dizer por quê. E Lady Worcester deve voltar para

casa no verão, a fim de se preparar para o parto.

Ele vê os olhos da jovem se mexendo, calculando, contando. Para ela, um problema assoma: o problema de recrutar damas para a câmara privada de Ana.

— Mas imagino que a Inglaterra tenha damas suficientes — prossegue Shelton. — Seria bom que ela começasse de novo. Sim, um recomeço. Lady Lisle, em Calais, deseja enviar suas filhas. Quero dizer, as filhas de seu primeiro marido. São meninas bonitas, e acho que se sairão muito bem depois de treinadas.

É como se Ana Bolena os tivesse enfeitado, a homens e mulheres, de modo que eles não conseguem ver o que está acontecendo ao redor e não compreendem o significado das próprias palavras. Vivem nessa estupidez há muito tempo.

— Pois então o senhor escreva para Honor Lisle — diz Mary, com plena confiança. — Ela estará em dívida eterna com o senhor se conseguir colocar suas meninas na corte.

— E você? O que vai fazer?

— Vou pensar — responde ela.

Mary nunca fica cabisbaixa por muito tempo. É por isso que os homens gostam dela. Haverá outros momentos, outros homens, outras condutas. Ela fica de pé em um salto. Planta-lhe um beijo na bochecha.

É noite de sábado.

Domingo:

— O senhor deveria ter estado aqui esta manhã — diz Lady Rochford com deleite. — Foi algo a se testemunhar. O rei e Ana juntos na grande janela, e todo mundo podia vê-los do pátio abaixo. O rei soube a respeito da briga que ela teve com Norris ontem. Bem, toda a Inglaterra soube. Dava para ver que o rei estava fora de si, o rosto roxo. Ela ficou parada com as mãos apertadas sobre o peito... — Rochford a imita para ele, apertando as próprias mãos. — Sabe, como a rainha Ester naquela grande tapeçaria do rei?

Ele pode imaginar facilmente, aquela cena ricamente texturizada, os cortesãos tecidos em torno de sua angustiada rainha. Como se despreocupada, uma criada carrega um alaúde, talvez a caminho dos aposentos de Ester; outras fofocam de lado, os rostos macios das mulheres erguendo-se, os homens com as cabeças inclinadas. Ele procurou em vão entre esses cortesãos, com suas joias e

seus chapéus ornamentados, pelo próprio rosto. Talvez esteja em outro lugar, tramando: um novelo interrompido, uma ponta inacabada, um intratável nó de fios.

— Como Ester — responde ele. — Sim.

— Ana deve ter mandado buscarem a pequena princesa — diz Lady Rochford —, porque logo uma ama-seca surgiu com a menina, e Ana a agarrou e a ergueu, como se dissesse: “Esposo, como pode duvidar de que esta é sua filha?”

— A senhora está supondo que foi isso o que ele questionou. A senhora não ouviu o que foi dito.

Sua voz é fria; ele ouve a si mesmo, e sua frieza o surpreende.

— Não de onde eu estava. Mas duvido que fosse de bom agouro para ela.

— A senhora não foi até ela, para confortá-la? Sendo ela sua ama?

— Não. Eu vim procurar o senhor. — Ela se contém, o tom subitamente sério. — Nós, as damas dela, queremos depor e nos salvar. Estamos com medo de que ela não esteja sendo honesta e que sejamos responsabilizadas por cumplicidade.

— No verão — diz ele —, não no verão passado, mas no retrasado, a senhora me disse que acreditava que a rainha estivesse desesperada para ter um filho, e temia que o rei não pudesse lhe dar um. Disse também que ele não conseguia satisfazer a rainha. A senhora repetiria isso agora?

— Estou surpresa por não haver um registro de nossa conversa.

— Foi uma longa conversa e, com todo respeito, minha senhora, mais cheia de insinuações que de detalhes. Eu quero saber o que a senhora afirmaria, se colocada sob juramento perante um tribunal.

— Quem será julgado?

— Isso é o que eu desejo determinar. Com sua gentil ajuda.

Ele ouve as frases que fluem da própria boca. Com sua gentil ajuda. Com todo o respeito. Salvar Sua Majestade.

— O senhor sabe o que veio à tona sobre Norris e Weston — diz ela. — Que eles declararam seu amor por ela. E não são os únicos.

— Não acha que isso seria apenas uma forma de cortesia?

— Por cortesia, ninguém precisa esgueirar-se no escuro. Entrar e sair de barcas. Passar às escondidas por portões à luz de tochas. Subornar sentinelas.

Vem acontecendo há mais de dois anos. Não dá para saber quem foi visto, onde e quando. Só alguém muito esperto para pegar algum deles. — Ela faz uma pausa, para ter certeza de que tem sua atenção. — Digamos que a corte esteja em Greenwich. Você vê certo cavalheiro, daqueles que atendem ao rei. E acha que ele terminou seu turno de serviço e imagina que ele foi para o campo; mas depois, ocupada com seus próprios deveres para com a rainha, você avista o cavalheiro passando ali perto e pensa, o que ele está fazendo aqui? Norris, é você? Muitas vezes pensei que algum deles estivesse em Westminster, e depois o via em Richmond. Ou ele deveria estar em Greenwich, e lá aparecia ele em Hampton Court.

— Se eles substituem um ao outro em suas funções, não é problema.

— Mas eu não quis dizer isso. Não se trata de quando são vistos, senhor secretário. São os lugares. É na galeria da rainha, é em sua antecâmara, em seu pórtico, e às vezes na escada que dá para seu jardim, ou num pequeno portão deixado aberto por algum descuido. — Ela se inclina para a frente, e as pontas dos seus dedos roçam a mão dele, pousada sobre seus papéis. — Quero dizer que eles vêm e vão à noite. E, se alguém pergunta o que fazem lá, eles respondem que levam uma mensagem particular do rei, não podendo dizer a quem.

Ele assente. Os cavalheiros da câmara privada transmitem mensagens não escritas, é uma de suas tarefas. Eles vêm e vão entre o rei e seus pares, às vezes entre o rei e embaixadores estrangeiros, e sem dúvida entre o rei e sua esposa. Não há abertura para questioná-los. Eles não podem ser responsabilizados por isso.

Lady Rochford se recosta. Ela diz em voz baixa:

— Antes do casamento, Ana costumava praticar com Henrique à moda francesa. O senhor sabe o que quero dizer.

— Não faço ideia do que a senhora quer dizer. Alguma vez já foi à França?

— Não. Pensei que o senhor houvesse ido.

— Como soldado. Entre os militares, a *ars amatoria* não é refinada.

Ela considera a informação. Certa dureza se infiltra em sua voz:

— O senhor quer me constranger e me impedir de dizer o que devo dizer, mas eu não sou uma mocinha virgem, não vejo razão para não falar. Ela induziu Henrique a colocar sua semente em lugar diferente do que deveria. Então agora ele a repreende, por tê-lo incitado a fazer isso.

— Oportunidades perdidas. Eu entendo.

A semente desperdiçada, mergulhada em algum recesso do corpo dela ou por sua garganta abaixo. Quando ele poderia ter optado pela honesta maneira inglesa.

— Ele diz que é um procedimento sujo. Mas Deus o ajude, Henrique nem imagina o que é sujeira. Meu marido George está sempre com Ana. Mas eu já lhe contei isso antes.

— Eles são irmãos, creio que seja algo natural.

— Natural? É assim que chama?

— Minha senhora, eu sei que, se dependesse da sua vontade, ser um irmão amoroso e um marido frio seriam crimes. Mas não há nenhuma lei que diga isso, e nenhum precedente para aliviá-la. — Ele hesita. — Não pense que não tem minha compaixão.

Pois o que uma mulher como Jane Rochford pode fazer quando as circunstâncias estão contra ela? Uma viúva bem provida pode fazer uma presença no mundo. A esposa de um comerciante pode, com diligência e prudência, tomar os negócios em suas mãos e arrebatar uma pilha de ouro. Uma trabalhadora maltratada pelo marido pode convocar amigas robustas, que ficarão do lado de fora de sua casa batendo panelas a noite toda, até que o caipira barbado saia de camisa para enxotá-las, e elas então levantarão sua camisa e farão troça de seu membro. Mas uma jovem esposa da nobreza não tem meios de ajudar a si própria. Ela tem tanto poder quanto um asno; pode apenas torcer por um amo que economize no chicote.

— Sabe — diz ele —, seu pai, lorde Morley, é um estudioso que tenho em grande estima. A senhora nunca se aconselhou com ele?

— De que adiantaria? — desdenha ela. — Quando me casei, ele disse que estava fazendo o melhor por mim. É o que os pais dizem. Ele deu menos atenção a contratar-me com Bolena do que faria se fosse para vender um filhote de galgo. Se você crê que haverá um canil quente e um prato com restos de carne, o que mais precisa saber? Ninguém pergunta ao cachorro o que ele quer.

— Então a senhora nunca pensou que talvez pudesse ser liberada de seu casamento?

— Não, mestre Cromwell. Meu pai pensou em tudo minuciosamente. Tão minuciosamente quanto se pode esperar de um amigo seu. Nenhuma promessa

anterior à união, nenhum pré-contrato, nem sombra de um. Nem o senhor e Cranmer juntos conseguiriam uma anulação para nós. No dia do casamento, nós nos sentamos para jantar com nossos amigos e George me disse, só estou fazendo isso porque meu pai mandou. Coisa boa de se ouvir, o senhor há de concordar, sendo você uma moça de 20 anos que acalenta a esperança do amor. E eu o desafiei, eu disse o mesmo a ele: eu disse, se meu pai não tivesse me obrigado, eu estaria longe do senhor. Então a luz do dia se foi e nós fomos para a cama. Ele esticou a mão, expôs meu seio e disse, já vi vários destes, e muitos eram melhores. Ele disse, deite-se, abra o corpo, vamos cumprir nosso dever e fazer de meu pai um avô e, se tivermos um filho, podemos viver separados. Eu disse a ele, então faça se acha que é capaz, rogue a Deus para que sua semente funcione esta noite, e depois pode levar a sua ferramenta embora e eu não precisarei vê-la de novo. — Uma pequena risada. — Mas eu sou estéril, veja o senhor. Ou ao menos devo acreditar que sou. Pode ser que a semente de meu marido seja ruim ou fraca. Deus sabe que ele a depositou em lugares duvidosos. Ah, ele é do evangelho, George, que São Mateus o guie e São Lucas o proteja. Não há homem mais devoto que George; a única falha que ele encontra em Deus é ter feito as pessoas com poucos orifícios. Se George encontrasse uma mulher com uma cona embaixo do braço, ele gritaria “Glória a Deus” e a instalaria em uma casa e a visitaria todos os dias, até que a novidade se gastasse. Nada é proibido para George, como vê. Ele se meteria com uma cadela se ela abanasse o rabo e fizesse au-au para ele.

Por uma vez na vida, Cromwell fica sem palavras. Ele sabe que nunca mais vai tirar da mente a imagem de George num agarramento peludo com uma cadela.

Ela diz

— Temo que ele tenha me transmitido uma doença e que tenha sido por isso que eu jamais concebi uma criança. Acho que há algo me destruindo por dentro. Acho que talvez eu venha a morrer disso.

Certa vez ela lhe pediu, se eu morrer de repente, mande que abram meu cadáver para examiná-lo por dentro. Naquela época, ela achava que lorde Rochford poderia envenená-la; hoje ela tem certeza de que ele o fez. Ele murmura, senhora, é um grande peso que a senhora tem suportado. Ele ergue os olhos.

— Mas não é esta a questão aqui. Se George sabe algo sobre a rainha de que o rei deveria ser informado, eu posso obrigá-lo a testemunhar, mas não posso ter certeza de que ele falará. Dificilmente conseguirei comprometer o irmão contra a irmã.

Ela responde:

— Não estou falando de ele atuar como testemunha. Estou lhe dizendo que ele passa muito tempo na câmara dela. A sós com ela. E a portas fechadas.

— Conversando?

— Eu me aproximei da porta e não ouvi vozes.

— Talvez eles se unam para orações silenciosas.

— Eu vi os dois se beijando.

— Um irmão pode beijar sua irmã.

— Não pode, não daquela maneira.

Ele toma de sua pena.

— Lady Rochford, não posso escrever “Ele a beijou daquela maneira”.

— A língua dele dentro da boca dela. E a dela na boca dele.

— Quer que eu registre isso?

— Se acha que não se lembrará...

Ele pensa, se isso surgir em um tribunal, haverá tumulto na cidade, se for mencionado no Parlamento os bispos se flagelarão em seus assentos. Ele espera, a pena a postos.

— Por que ela faria isso, tamanho crime contra a natureza?

— Tanto melhor para governar. Claro que o senhor entende, não? Ela teve sorte com Elizabeth, a criança é parecida com ela. Mas imagine se nasce um menino e ele tem o rosto comprido de Weston, se parece com Will Brereton? O que o rei dirá disso? Mas ninguém poderá chamá-lo de bastardo se ele parecer um Bolena.

Brereton também. Ele toma nota. Ele se lembra de que Brereton certa vez brincou dizendo que podia estar em dois lugares ao mesmo tempo: uma piada fria, uma piada hostil, e agora, pensa ele, agora finalmente acho graça. Lady Rochford pergunta:

— Por que está sorrindo?

— Ouvi dizer que houve, nos aposentos da rainha, conversas entre seus amantes sobre a morte do rei. George já tomou parte nisso?

— Henrique morreria se soubesse como riem dele. Como seu membro é discutido.

— Quero que a senhora pense bem — insiste ele. — Tenha certeza do que está fazendo. Se fornecer provas contra seu marido, em um tribunal ou para o conselho, talvez se torne uma mulher solitária nos anos que virão.

A expressão dela diz, por acaso estou rodeada de amigos agora?

— Eu não carregarei a culpa. O senhor é que carregará, senhor secretário. Sou considerada uma mulher sem grande sagacidade ou perspicácia. E o senhor é o que é, um homem de recursos que não poupa ninguém. Eles acreditarão que o senhor arrancou a verdade de mim, não importando se foi contra minha vontade ou não.

Ele vê que não há muito mais a ser dito.

— Para sustentar esta moção, será necessário que a senhora contenha o seu prazer e finja angústia. George sendo preso, a senhora deve fazer uma petição de misericórdia para ele.

— Eu posso fazer isso. — Jane Rochford coloca a ponta da língua para fora, como se o momento fosse açucarado e ela o saboreasse. — Não corro perigo, pois o rei não notará nada, posso garantir.

— Ouça meu conselho. Não fale com ninguém.

— Ouça meu conselho. Fale com Mark Smeaton.

Ele diz a ela:

— Estou indo para minha casa em Stepney. Convidei Mark para o jantar.

— Por que não o recebe aqui?

— Já houve perturbação suficiente, não acha?

— Perturbação? Ah, entendo — diz ela.

Ele a observa sair. A porta nem se fecha e Rafe e Me-Chame-de-Risley já estão na sala com ele. Pálidos e preparados, ambos firmes: daí ele concluiu que os dois não estavam escutando.

— O rei deseja que os inquéritos comecem — diz Wriothlesley. — A máxima discrição, mas com toda a rapidez possível. Ele já não pode mais ignorar os boatos, após o incidente. A discussão. Ele não abordou Norris.

— Não — acrescenta Rafe. — Eles pensam, os cavalheiros da câmara privada, que o pior já passou. A rainha se acalmou, pelo que dizem os relatos. Amanhã as justas devem acontecer como de costume.

— Eu gostaria de saber — diz ele —, você iria até Richard Sampson, Rafe, para dizer-lhe que, *entre nous*, os assuntos estão fora de nossa alçada? Talvez não seja necessário entrar com um processo de anulação afinal. Ou, no mínimo, acho que a rainha estará disposta a concordar com qualquer coisa que o rei exija dela. Ana já não está mais em posição de negociar. Acho que temos Henry Norris na mira do arco. Weston. Ah, e Breerton também.

Rafe Sadler ergue as sobrancelhas.

— Eu pensei que a rainha mal o conhecesse.

— Parece que ele tem o hábito de aparecer no momento errado.

— Você parece muito calmo, senhor — comenta Me-Chame.

— Sim. Aprenda com isto.

— O que Lady Rochford diz?

Ele franze a testa.

— Rafe, antes de ir até Sampson, sente-se ali, à cabeceira da mesa. Finja que é o conselho do rei, reunido em sessão privada.

— Todos eles, senhor?

— Norfolk e Fitzwilliam e tudo o mais. Agora, Me-Chame. Você é uma dama da câmara da rainha. De pé. Podemos ter uma mesura? Obrigado. Pois bem, eu sou um pajem que lhe traz um banquinho. E uma almofada sobre o banquinho. Sente-se e dê um sorriso aos conselheiros.

— Como quiser — diz Rafe, incerto. Mas depois o espírito da coisa se apodera dele. Rafe estica o braço e faz cócegas sob o queixo de Me-Chame. — O que tem a nos dizer, delicada senhora? Súplicas, revelações: abra essa sua boca de rubi.

— Esta bela senhora alega — diz ele: ele, Cromwell, com um floreio da mão — que a rainha é dada a comportamentos levianos. Que sua conduta faz despertar a suspeita de práticas malignas, de desprezo às leis de Deus, ainda que ninguém tenha testemunhado atos contrários aos estatutos.

Rafe limpa a garganta.

— Há quem possa vir a indagar, senhora, por que não falou sobre isso antes?

— Porque era traição falar contra a rainha. — Mestre Wriothesley é um homem preparado, e as desculpas donzelescas se derramam dele com facilidade. — Não tínhamos escolha a não ser protegê-la. O que poderíamos fazer além de mostrar-lhe o caminho da razão e convencê-la a abrir mão de seus

modos levianos? E, no entanto, não conseguimos. Era assombroso. Ela tem inveja de qualquer uma que tenha um admirador, quer roubá-lo para si. Não tem escrúpulo de ameaçar qualquer uma que ela acredita ter cometido um erro, não importando se é matrona ou donzela, e pode arruinar uma mulher dessa forma, vejamos Elizabeth Worcester.

— Então agora a senhora já não pode abster-se de falar a verdade? — indaga Rafe.

— Agora se desfaça em lágrimas, Wriothesley — instrui ele.

— É para já. — Me-Chame enxuga os olhos.

— Que peça daria isto. — Ele suspira. — Quem dera pudéssemos agora tirar nossos figurinos e ir para casa.

Ele está se lembrando de Sion Madoc, um barqueiro, em Windsor: “Ela faz com o irmão.”

Thurston, seu cozinheiro: “Fazem fila mexendo em seus membros.”

Lembra que Thomas Wyatt lhe disse: “Esta é a tática de Ana, ela diz sim, sim, sim, depois diz não... O pior de tudo eram suas insinuações, ela quase se vangloriava de que dizia *não* a mim mas *sim* a outros.”

Ele indagou a Wyatt, quantos amantes você acha que ela teve? E Wyatt respondeu, “Uma dúzia? Ou nenhum? Ou uma centena?”.

Ele na verdade a achava fria, uma mulher que levou sua virgindade ao mercado e a vendeu pelo melhor preço. Mas essa frieza... isso foi antes do casamento. Foi antes de Henrique se lançar sobre ela, e sair novamente, e ela ser deixada ali; depois que ele voltou a seus próprios aposentos, cambaleante, e ela deixada ali com os círculos de luz das velas tremeluzindo no teto, com os murmúrios de suas damas de companhia, a bacia de água quente e os panos: e a voz de Lady Rochford enquanto ela se limpa, “Cuidado, minha ama, não lave um príncipe de Gales”. Logo ela está sozinha no escuro, com o cheiro de suor masculino na roupa de cama e talvez uma criada inútil se mexendo e fungando num estrado: ela está sozinha com os pequenos sons do rio e do palácio. E ela fala, e ninguém responde, exceto a criada que resmungua durante o sono: ela reza, e ninguém responde; e ela rola para o lado, e desliza as mãos pelas coxas, e toca os próprios seios.

Ou seja, e se um dia foi sim, sim, sim, sim, sim? A quem quer que estivesse parado ali quando o fio de sua virtude se rompeu? Mesmo que fosse seu próprio

irmão?

Ele diz a Rafe, a Me-Chame:

— Ouvi uma história hoje que nunca pensei que fosse ouvir em um país cristão.

Eles esperam, os jovens cavalheiros: seus olhos no rosto dele. Me-Chame pergunta:

— Ainda sou uma dama, ou devo tomar meu lugar e pegar minha pena?

Ele pensa, o que fazemos aqui na Inglaterra, mandamos nossos filhos para outras famílias quando são jovens, e por isso não é raro que um irmão e uma irmã se reencontrem quando adultos como se fosse a primeira vez que se vissem. Imagine então como deve ser: aquela fascinante estranha que você conhece, aquela cópia sua. Você se apaixona, só um pouco: por uma hora, uma tarde. E aí faz piada sobre isso; e o que resta é uma ternura residual. É um sentimento que civiliza homens e faz com que se comportem com as mulheres da família de maneira melhor do que fariam de outra forma. Contudo, ir mais longe que isso, isto é, invadir a carne proibida, saltar o grande abismo que existe entre uma ideia fugaz e a ação... Os padres nos dizem que da tentação para o pecado é um mero escorregar, e que nem um fio de cabelo cabe no espaço entre os dois. Mas é claro que isso não é verdade. Você beija o rosto da mulher, tudo bem; depois você morde seu pescoço? Você diz, “Querida irmã”, e no minuto seguinte você a vira de costas e joga suas saias para cima? Certamente que não. Há um aposento a ser cruzado e botões a serem abertos. Ninguém faz isso como um sonâmbulo. Ninguém fornicava inadvertidamente. Ninguém deixa de ver a outra parte, quem ela é. Ela não esconde seu rosto.

No entanto, pode ser que Jane Rochford esteja mentindo. Ela tem motivos para isso.

— Não sou de ficar perplexo — diz ele —, sem saber como proceder, mas descobri que tenho que lidar com uma questão da qual mal ousou falar. Só consigo descrevê-la em parte, então não sei como elaborar uma acusação formal. Sinto-me como um daqueles apresentadores de feiras de aberrações.

Em uma feira, os bêbados derramam seu dinheiro e depois desdenham do que você oferece. “Chama isso de aberração? Isso não é nada perto da minha sogra!”

E todos os camaradas do sujeito trocam tapinhas nas costas e gargalham.

Mas então você diz a eles, bem, vizinhos, só lhes mostrei isto para testar o estômago dos senhores. Deem um penny a mais e eu mostrarei o que tenho aqui nos fundos da tenda. É uma visão de fazer tremer os homens mais durões. E garanto que nunca se viu uma obra do diabo como esta.

E assim eles olham. E depois vomitam em suas botas. E então você conta o dinheiro. E o tranca em seu cofre.

* * *

Markem Stepney.

— Ele trouxe seu instrumento — diz Richard. — Seu alaúde.

— Diga-lhe para deixá-lo do lado de fora.

Se Markantes era insolente, agora ele suspeita, hesita. No limiar da porta:

— Eu pensei, senhor, que deveria vir entretê-lo.

— Não tenha dúvida disso. — Achei que fosse haver muitos convivas, senhor.

— Você conhece meu sobrinho, mestre Richard Cromwell?

— De qualquer forma, fico feliz de tocar para o senhor. Talvez queira que eu ouça seu coro infantil, não?

— Hoje não. Nas atuais circunstâncias, talvez você se sinta tentado a elogiá-los excessivamente. Mas queira sentar-se e tomar uma taça de vinho conosco, sim?

— Seria uma bondade sua se nos colocasse em contato com um rabequista — diz Richard. — Só temos um, e ele vive viajando a Farnham para ver a família.

— Pobre rapaz — diz ele em flamengo —, acho que ele sente saudades de casa.

Markergue os olhos.

— Eu não sabia que o senhor falava a minha língua.

— Eu sei que você não sabia. Ou não a teria usado para ser tão desrespeitoso comigo.

— Estou seguro, senhor, de que nunca falei nada por mal.

Mark não se lembra do que disse ou deixou de dizer sobre seu anfitrião. Mas seu rosto mostra que ele se recorda do teor geral do que foi dito.

— Você previu que eu seria enforcado. — Ele abre os braços. — No entanto, estou vivo e respirando. Mas estou em dificuldade, e, embora você não goste de mim, não tenho escolha a não ser recorrer a você. Por isso, apelo a sua caridade.

Mark se senta, os lábios ligeiramente entreabertos, as costas rígidas e um pé apontando para a porta, mostrando que ele gostaria muito de estar bem longe dali.

— Veja bem. — Ele cola as palmas das mãos: como se Mark fosse um santo em um pedestal. — Meu amo, o rei, e minha ama, a rainha, tiveram um desentendimento. Todo mundo sabe disso. Bem, meu mais sincero desejo é reconciliá-los. Para o conforto de todo o reino.

Há que se dar o crédito ao garoto: ele não é covarde.

— Mas, senhor secretário, o boato na corte é de que o senhor está fazendo amizade com os inimigos da rainha.

— Para melhor conhecer suas práticas — diz ele.

— Como se eu pudesse acreditar nisso.

Ele vê Richard se mexer em seu banco, impaciente.

— Têm sido dias amargos — prossegue ele. — Não me lembro de outra época de tanta tensão e infelicidade, não desde a queda do cardeal. Na verdade, eu não o culpo, Mark, se for difícil para você confiar em mim; há um sentimento tão ruim na corte que ninguém confia mais em ninguém. Mas eu o procurei porque você é próximo da rainha, e os outros cavalheiros não querem me ajudar. Eu tenho o poder de recompensá-lo, e garanto que você receberá tudo que merece se puder me prover com alguma compreensão dos desejos da rainha. Eu preciso saber por que ela é tão infeliz e o que posso fazer para solucionar sua infelicidade. Pois é improvável que ela conceba um herdeiro enquanto sua mente estiver intranquila. E se ela pudesse fazer isso: ah, então todas as nossas lágrimas secariam.

Mark ergue os olhos.

— Ora, não é de se admirar que a rainha esteja infeliz. Ela está apaixonada.

— Por quem?

— Por mim.

Ele, Cromwell, se inclina à frente, cotovelos na mesa: depois ergue a mão para cobrir o rosto.

— O senhor está perplexo — sugere Mark

Isso é apenas parte do que ele sente. Eu pensei, diz ele a si mesmo, que isso seria difícil. Mas é como tirar doce de criança. Ele baixa a mão e sorri para o rapaz.

— Não tão perplexo quanto talvez você imagine. Porque eu observava você, e via os gestos dela, seus olhares eloquentes, suas muitas indicações de favor. E, se isso é o que se vê em público, imagine como será em particular! E é claro que não é surpresa nenhuma que uma mulher se sinta atraída por você. Você é um jovem muito bonito.

— Embora pensássemos que fosse sodomita — completa Richard.

— Eu não, senhor! — Mark fica cor-de-rosa. — Sou tão homem quanto qualquer um deles.

— Então a rainha recomendaria você? — pergunta ele, sorrindo. — Ela o experimentou e descobriu que você é do gosto dela?

O olhar do garoto desliza para longe, como seda sobre vidro.

— Não posso discutir esse assunto.

— Claro que não. Mas podemos tirar nossas próprias conclusões. Ela não é uma mulher inexperiente, acredito eu, não se interessaria por um desempenho que fosse menos que magistral.

— Nós, os homens pobres — diz Mark —, nascidos pobres, não somos de modo algum inferiores nesse aspecto.

— Verdade — comenta ele. — Embora os nobres escondam esse fato das damas, sempre que podem.

— Caso contrário — acrescenta Richard —, toda duquesa estaria se divertindo pelos bosques com um lenhador.

Ele não pode deixar de rir.

— Só que existem pouquíssimas duquesas e lenhadores demais. Deve haver alguma competição entre eles, imagina-se.

Mark o encara como se ele estivesse profanando um mistério sagrado.

— Se quer dizer que ela tem outros amantes, eu nunca perguntei, não perguntaria, mas sei que eles sentem ciúmes de mim.

— Talvez ela os tenha experimentado e achado uma decepção — opina Richard. — E Mark aqui levou o prêmio. Meus parabéns, Mark — Que tamanha simplicidade cromwelliana quando ele se inclina para perto do garoto e pergunta: — Qual era a frequência?

— Não deve ser fácil encontrar oportunidade — sugere ele. — Mesmo as damas dela sendo cúmplices.

— Elas não são minhas amigas — diz Mark — Até negariam o que eu lhe

contei. São amigas de Weston, Norris, aqueles lordes. Não sou nada a seus olhos, elas bagunçam meu cabelo e me chamam de criado de servir mesa.

— A rainha é sua única amiga — diz ele. — Mas que amiga! — Ele faz uma pausa. — Em algum momento, será necessário que você diga quem são os outros. Você nos deu dois nomes. — Mark ergue os olhos, chocado com a mudança de tom. — Agora liste todos eles. E responda ao mestre Richard. Com que frequência?

O rapaz congelou sob seu olhar. Mas ao menos ele desfrutou de seu momento ao sol. Ao menos pode dizer que pegou o secretário de surpresa: coisa que poucos homens ainda vivos podem dizer.

Ele espera Mark se pronunciar.

— Bem, talvez você esteja certo em não falar. Melhor colocá-lo por escrito, não? Devo dizer, Mark, meus funcionários ficarão tão perplexos quanto eu. Seus dedos vão tremer, e eles vão borrar a página. Assim como o conselho ficará perplexo, quando souberem de seus sucessos. Muitos lordes o invejarão. Não espere compaixão deles. “Smeaton, qual é o seu segredo?”, eles vão perguntar. Você vai corar e dizer, ah, cavalheiros, não posso dizer. Mas você dirá tudo, Mark, pois eles o obrigarão. E você o fará, por vontade própria ou forçadamente.

Ele desvia o olhar quando o rosto de Mark se entrega ao pânico, quando seu corpo começa a tremer: cinco minutos de gabolice impensada em uma vida sem glórias e, como credores nervosos, os deuses já mandam sua conta. Mark viveu uma história de sua própria criação, onde a bela princesa na torre ouve, vindo de algum lugar para além de sua prisão, uma música de doçura sobrenatural. Ela olha para fora e vê, à luz da lua, o humilde músico com seu alaúde. Mas, a menos que o músico se revele um príncipe disfarçado, esta história não pode acabar bem. As portas se abrem e rostos comuns enxameiam para dentro, a superfície do sonho é despedaçada: você está em Stepney em uma noite quente de início de primavera, o último canto dos pássaros submerge no silêncio do crepúsculo, em algum lugar uma tranca é puxada, um banco é arrastado pelo chão, um cão late sob a janela e Thomas Cromwell lhe diz:

— Todos queremos jantar, vamos ao que interessa, aqui está o papel e a tinta. Eis aqui o mestre Wriothsley, ele redigirá para nós.

— Eu não posso dar nomes — diz o rapaz.

— Você quer dizer que a rainha não tem amantes, só você? Isso é o que ela

lhe diz. Mas eu acho, Mark, que ela tem enganado você. Coisa que ela poderia fazer facilmente, você há de admitir, se ela engana o rei.

— Não. — O pobre rapaz balança a cabeça. — Eu acho que ela é casta. Não sei como pude dizer o que disse.

— Nem eu. Ninguém machucou você, certo? Ninguém o coagiu ou enganou, não? Você falou livremente. Mestre Richard é minha testemunha.

— Eu retiro o que disse.

— Acho que não.

Há uma pausa, enquanto a sala se reposiciona, figuras dispendo-se na paisagem noturna. O secretário-mor diz:

— Está frio, deveríamos acender um fogo.

É apenas um simples pedido doméstico e, no entanto, Mark acha que eles pretendem queimá-lo. Ele salta de seu banco e corre para a porta; talvez o primeiro fragmento de razão que ele demonstra, mas Christophe está lá, largo e amável, para detê-lo.

— Sente-se, menino bonito — diz Christophe.

A lenha já está no lugar. Um bom tempo é necessário para atizar a centelha. Um estalido pequeno, bem-vindo, e o criado se retira, limpando as mãos no avental, e Mark observa a porta se fechando atrás do homem com uma expressão de desalento que pode ser inveja, porque ele agora preferiria ser um ajudante de cozinha ou mesmo um menino que esfrega penicos.

— Ah, Mark — diz o secretário-mor —, a ambição é um pecado. É o que dizem. Embora eu nunca tenha entendido em que ela difere de usar nossos talentos, coisa que a Bíblia ordena que façamos. Portanto aqui está você, e aqui estou eu, e nós dois servimos ao cardeal em certa época. E, se ele pudesse nos ver sentados aqui esta noite, acho que ele não ficaria nem um pouco surpreso, sabe? Bem, vamos ao que interessa. Quem você substituiu na cama da rainha, foi Norris? Ou vocês se revezam, como os criados da câmara da rainha?

— Não sei. Retiro o que disse. Não posso lhe dar nenhum nome.

— É uma vergonha que você deva sofrer sozinho se há outros culpados. E, claro, eles são mais culpados que você, pois são cavalheiros a quem o rei recompensou e engrandeceu pessoalmente, e todos são homens educados e alguns já em idade madura: ao passo que você é simples e jovem, e tão digno de pena quanto de castigo, eu diria. Conte-nos agora sobre o adultério que a rainha

cometeu com você, e o que você sabe das relações dela com outros homens, e se sua confissão for rápida e completa, clara e detalhada, é possível que o rei tenha misericórdia.

Mark mal escuta. Suas pernas e braços estão tremendo e sua respiração é arfante, ele está começando a chorar e a tropeçar nas palavras. A simplicidade é a melhor opção agora, perguntas rápidas que exijam respostas fáceis. Richard indaga a ele:

— Está vendo esta pessoa aqui? — Christophe aponta para si mesmo, caso Mark tenha dúvidas. — Acha que ele é um bom sujeito? — continua Richard. — Gostaria de passar dez minutos a sós com ele?

— Cinco já bastariam — calcula Christophe.

Ele prossegue:

— Como eu lhe expliquei, Mark, mestre Wriothesley escreverá o que dissermos. Mas ele não escreverá necessariamente o que fizermos. Entende? Essa parte ficará apenas entre nós.

Mark diz:

— Minha Virgem Maria, me ajude.

Mestre Wriothesley diz:

— Podemos levá-lo para a Torre, onde há um balcão de estiramento.

— Wriothesley, posso ter uma palavra com você em particular? — Ele convoca Me-Chame para fora da sala e, no limiar da porta, fala em voz baixa: — É melhor não especificar a natureza da dor. Como Juvenal diz, a mente é o melhor agente de autotortura. Além disso, você não deve fazer ameaças vazias. Eu não usarei o estiramento com ele. Não quero que ele apareça para o julgamento em uma cadeira. E se eu precisar arrebentar um pobre-diabo como este na roda... o que virá depois? Pisotear ratinhos?

— Fui reprovado — diz mestre Wriothesley.

Ele coloca a mão no braço dele.

— Não importa. Você está indo muito bem.

Esse tipo de ação põe em teste até os mais experientes. Ele se lembra daquele dia na forja quando um ferro quente estorricou sua pele. Não havia chance de resistir à dor. Sua boca se escancarou e um grito se lançou de sua garganta e foi parar na parede. Seu pai correu até ele e disse: “Cruze as mãos”, e o ajudou com água e unguento, mas depois Walter disse:

— Todos nós já passamos por isso. É assim que se aprende. Assim você aprende a fazer as coisas da maneira que seu pai ensinou, e não por algum método tolo que você inventou há meia hora.

Ele pensa nisso: voltando para a sala, pergunta a Mark

— Sabia que é possível aprender com a dor?

Contudo, explica ele, é preciso as circunstâncias corretas. Para aprender, você precisa ter um futuro: e se alguém escolheu esta dor para você e pretende infligi-la durante o tempo que quiser, cessando apenas quando você já estiver morto? Você pode extrair sentido de seu suplício, talvez. Pode oferecê-lo às almas em luta no Purgatório, se acredita no Purgatório. Talvez isso funcione com os santos, cujas almas são luminosas de tão brancas. Mas não para Mark Smeaton, que está em pecado mortal, um adúltero confesso. Ele explica:

— Ninguém quer a sua dor, Mark. Ela não serve para ninguém, não desperta interesse algum. Nem mesmo no próprio Deus, e em mim certamente que não. Seus gritos não têm nenhuma utilidade para mim. Eu quero palavras que façam sentido. Palavras que eu possa transcrever. Você já as pronunciou, e será bastante fácil repeti-las. Portanto, o que fará agora é escolha sua. É sua responsabilidade. Você fez o suficiente, por sua própria conta, para condenar a si mesmo. Não faça de todos nós pecadores.

Talvez seja necessário, mesmo agora, impressionar a imaginação do rapaz com as etapas do que se seguirá: a caminhada desde o quarto de confinamento até o local do suplício: a espera, enquanto a corda é desenrolada ou o inocente ferro é posto para aquecer. Nesse percurso, cada pensamento que ocupa a mente é expulso e substituído por um terror cego. Seu corpo se esvazia e é preenchido de pavor. Os pés tropeçam, a respiração é difícil. Olhos e ouvidos funcionam, mas a cabeça não consegue apreender o que é visto e ouvido. O tempo se falsifica, momentos se transformando em dias. Os rostos de seus torturadores assomam como gigantes ou se tornam impossivelmente distantes, pequenos, pontos ao longe. Palavras são ditas: tragam-no, ponham-no sentado, chegou a hora. São palavras associadas a outros significados mais comuns, mas se você sobreviver a isso, terão um só significado, e o significado será dor. O ferro chia ao ser erguido da chama. A corda se dobra como uma serpente, se enrosca e espera. É tarde demais para você. Você não falará agora, porque sua língua inchou e encheu sua boca e a linguagem engoliu a si mesma. Mais tarde você

falará, quando for levado para longe dos aparelhos e deitado na palha. Eu suportei, você dirá. Eu atravessei. E a piedade e o amor-próprio abrirão seu coração, de modo que ao primeiro gesto de bondade — digamos, um cobertor ou um gole de vinho — seu coração transbordará, sua língua vai disparar. As palavras fluindo sem parar. Você não foi trazido a esta sala para pensar, mas para sentir. E, no final, você sentiu muito por si mesmo.

Mas Mark será poupado disso; pois agora ele ergue os olhos:

— Senhor secretário, pode me dizer novamente como deve ser minha confissão? Clara e... o que mais mesmo? Havia quatro coisas, mas já esqueci. — Em um arbusto de palavras ele ficou preso, e, quanto mais luta, mais fundo os espinhos lhe rasgam a carne. Se for preciso, uma tradução pode ser providenciada para ele, embora seu inglês sempre tenha parecido bom o bastante. — Mas o senhor me entende, entende que não posso lhe dizer o que não sei?

— Não pode? Então você terá que ser meu hóspede esta noite. Christophe pode providenciar isso, eu acho. Pela manhã, Mark, você se surpreenderá com os próprios poderes. Sua mente estará clara e sua memória, perfeita. Você verá que não é do seu interesse proteger os cavalheiros que partilham de seu pecado. Porque se a posição fosse invertida, acredite em mim, eles não pensariam duas vezes antes de delatar você.

Ele observa Christophe levando Mark embora pela mão, como se conduzisse um demente. Despacha Richard e Me-Chame para irem jantar. Ele pretendia acompanhá-los, mas descobriu que não quer comer nada, ou só um prato que comia quando menino, uma simples salada de beldroega, com folhas colhidas na mesma manhã e conservadas em um pano úmido. Ele comia isso, na época, por falta de coisa melhor, e não lhe matava a fome. Agora é o suficiente. Quando da queda do cardeal, ele arranjou trabalho para muitos dos criados pobres de Wolsey, acolhendo alguns em sua própria casa; se Mark tivesse sido menos insolente, talvez também tivesse sido acolhido. E assim Mark não teria se tornado um ser arruinado, como agora é. Suas afetações teriam sido motivo de uma afetuosa troca, até que ele se tornasse mais viril. Suas habilidades teriam sido emprestadas a outras casas, e ele teria sido ensinado a se valorizar e a cobrar devidamente por seu tempo. Ele teria aprendido a fazer dinheiro e seria conduzido a uma esposa: em vez de perder seus melhores anos fungando e

rascando a porta dos aposentos da esposa de um rei, apenas para que ela lhe cutucasse o cotovelo e arrancasse a pena de seu chapéu.

À meia-noite, depois que toda a casa se recolhe, chega uma mensagem do rei, para dizer que ele cancelou a visita dessa semana a Dover. As justas, no entanto, seguirão como agendadas. Norris está na lista de combatentes, assim como George Bolena. Estão em equipes opostas, um dos desafiantes, outro dos defensores: talvez eles acabem ferindo um ao outro.

Ele não dorme. Seus pensamentos estão em disparada. Ele pensa, eu nunca passei uma noite insone por amor, embora os poetas me digam que este é o procedimento. Agora fico acordado devido ao oposto. Se bem que ele não odeia Ana, apenas lhe é indiferente. Ele sequer odeia Francis Weston, não mais do que alguém odeia um mosquito que lhe está picando a pele; você só se pergunta por que ele existe. Ele se compadece de Mark, mas, por outro lado, pensa, nós o vemos como um menino: quando eu tinha a idade dele, já havia atravessado o mar e as fronteiras da Europa. Já tinha sido atirado aos berros em uma vala e me arrastado para fora, e colocado o pé na estrada: não uma, mas duas vezes, uma fugindo de meu pai e outra dos espanhóis no campo de batalha. Quando eu tinha a idade que Mark tem agora, ou a de Francis Weston, já havia me destacado nas casas de Portinari, de Frescobaldi, e, muito antes de alcançar a idade de George Bolena, eu já havia negociado em nome de tais casas nas bolsas da Europa; já havia derrubado portas na Antuérpia; já havia voltado para a Inglaterra, um homem mudado. Tinha aperfeiçoado minha linguagem e inesperadamente, e, para minha alegria, passei a falar meu idioma nativo com mais fluência do que quando fora embora; passei a trabalhar com o cardeal e na mesma época estava desposando uma mulher, provando meu valor nos tribunais de justiça, eu entrava nos julgamentos e sorria para os juizes e falava, minha perícia perdendo apenas para minha oratória, e os juizes ficavam tão contentes por eu sorrir para eles em vez de esbofeteá-los que quase sempre concluíam o caso segundo a minha vontade. As coisas que acreditamos serem os desastres em nossa vida não são realmente desastres. Quase tudo pode ser revertido: a partir de cada vala abre-se um caminho, se ao menos você conseguir enxergá-lo.

Ele se lembra de processos em que havia anos não pensava. Se o veredicto foi bom. Se ele teria dado o mesmo veredicto se fosse contra si mesmo.

Ele se pergunta se conseguirá dormir, e com o que sonhará. É apenas em

seus sonhos que ele tem privacidade. Thomas More costumava dizer, um homem deve construir para si um retiro, um eremitério, dentro da própria casa. Mas este era More: capaz de bater a porta na cara de todo mundo. Na verdade não se pode separá-los, sua figura pública e seu eu privado. More achava que era possível, mas no final ele mandou arrastar homens a quem chamava de hereges para sua casa em Chelsea, para que pudesse atormentá-los mais convenientemente no seio de sua família. Você pode insistir nessa separação, se quiser: vá para seu gabinete e diga: “Deixem-me em paz para ler.” Mas fora daquela sala você ouve o respirar áspero e os pés rápidos, à medida que o descontentamento cresce, um burburinho de expectativa: ele é um homem público, ele pertence a nós, quando sairá de lá? Não se pode silenciá-lo, o arrastar dos pés do corpo político.

Ele se vira na cama e faz uma oração. Nas profundezas da noite, ele ouve gritos. Soa mais como uma criança lamentando um pesadelo que teve do que um homem uivando de dor, e ele pensa, sonolento, uma mulher deveria se ocupar disso, não? Depois ele pensa, deve ser Mark O que estão fazendo com ele? Eu falei para não fazerem nada ainda.

Mas ele não se mexe. Não acredita que seus homens agiriam contra suas ordens. Será que estão todos dormindo em Greenwich? O arsenal é muito próximo do palácio e as horas que precedem um torneio muitas vezes ficam agitadas pelo bater dos martelos. As pancadas, a modelagem, a soldadura, o polimento no torno, essas operações são completas; depois, restam apenas alguns rebites de última hora, uma lubrificação e certa flexibilização, ajustes finais para agradar os ansiosos combatentes.

Ele se pergunta, por que dei a Mark aquele espaço para se vangloriar, para se prejudicar? Eu poderia ter condensado o processo; poderia ter dito a ele o que eu queria, e ameaçado. Mas eu o encorajei; eu fiz de modo que ele fosse cúmplice. Se Mark disse a verdade sobre Ana, ele é culpado. Se mentiu sobre Ana, dificilmente é inocente. Eu estava preparado, se necessário, para pressioná-lo. Na França, a tortura é comum, tão necessária quanto o sal para a carne; na Itália, é um esporte para a *piazza*. Na Inglaterra, a lei não a admite. Mas pode ser usada, sob o assentimento do rei: com um mandado. É verdade que existe um balcão de estiramento na Torre. Ninguém resiste a esse mecanismo. Ninguém. Para a maioria dos homens, uma vez que o modo como funciona é tão óbvio, um olhar é o suficiente.

Ele pensa, vou dizer isso a Mark. Fará com que ele se sinta melhor consigo mesmo.

Ele puxa as cobertas sobre si. No momento seguinte, Christophe entra em seu aposento para acordá-lo. Seus olhos parecem recuar da luz. Ele se senta.

— Santo Cristo. Não dormi a noite toda. Por que Mark estava gritando?

O menino ri.

— Nós o trancamos no depósito de arranjos de Natal. Eu mesmo tive a ideia. Lembra quando vi a estrela de Natal na capa pela primeira vez? Eu disse, senhor, o que é aquela máquina cheia de pontas? Pensei que fosse um engenho de tortura. Bem, o quarto do Natal é escuro. Ele caiu contra a estrela, e a estrela o empalou. Depois, as asas de pavão saíram do pano e roçaram seu rosto como dedos. E ele pensou que tivesse um fantasma trancado com ele no escuro.

Ele diz

— Vocês terão que ficar sem mim por uma hora.

— Por Deus, não está doente, está?

— Não, só exaurido pela insônia.

— Puxe as cobertas sobre a cabeça e deite-se como um morto — aconselha Christophe. — Eu voltarei em uma hora, com pão e cerveja.

Quando sai do quarto aos tropeções, Mark está cinza de choque. Há penas grudadas em suas roupas, não de pavão, mas a penugem das asas de serafins paroquiais, salpicadas com o dourado das vestes dos Três Reis Magos. Os nomes saem de sua boca com tanta fluência que ele precisa fazê-lo parar; as pernas do garoto ameaçam ceder, e Richard tem que segurá-lo. Ele nunca teve esse problema antes, o problema de ter assustado alguém em demasia. Ouve-se “Norris” em algum ponto da confusão de frases, e “Weston” também aparece: e depois Mark cita cortesãos tão rápido que seus nomes se confundem e fogem, ele ouve Brereton e diz, “Registrem isso”, ele jura que ouve Carew, e também Fitzwilliam, e o esmoler de Ana e o arcebispo de Canterbury; ele próprio também está lá, naturalmente, e em algum ponto o garoto alega que Ana já cometeu adultério com seu próprio marido.

— Thomas Wyatt... — pia Mark

— Não, Wyatt não.

Christophe se inclina para a frente e dá um cascudo na lateral da cabeça do garoto. Mark se cala. Ele olha em volta, aturdido, procurando a origem da dor.

Logo recomeça a confessar e confessar. Ele já passou por toda a câmara privada, de cavalheiros a criados, e começa a dar nomes desconhecidos, provavelmente cozinheiros e auxiliares de cozinha que ele conheceu em sua vida pregressa e menos elevada.

— Coloque-o de volta com o fantasma — diz ele, e Mark dá um grito e depois fica em silêncio. — Quantas vezes você se imiscuiu com a rainha?

Mark responde:

— Mil.

Christophe lhe dá um tapinha.

— Três ou quatro vezes.

— Obrigado.

Mark pergunta:

— O que vai acontecer comigo?

— Isso cabe ao tribunal que o julgará.

— O que vai acontecer com a rainha?

— Isso cabe ao rei.

— Não será nada de bom — comenta Wriothesley: e ri.

Ele se vira.

— Me-Chame. Acordou cedo hoje?

— Não consegui dormir. Posso ter uma palavra com o senhor?

Então hoje as posições se invertem, é Me-Chame-de-Risley quem o puxa de lado, a testa franzida.

— Wyatt terá que ser incluído, senhor. Está levando a sério demais esta incumbência que o pai dele colocou sobre o senhor. Se chegarmos às vias de fato, o senhor não poderá protegê-lo. A corte vem falando há anos sobre o que ele talvez tenha feito com Ana. Ele é o primeiro suspeito.

Ele assente. Não é fácil explicar a um jovem como Wriothesley por que ele valoriza Wyatt. Ele deseja responder, porque, por melhores que vocês sejam, ele não é como você ou Richard Riche. Ele não fala apenas para ouvir a própria voz, nem entra em discussões apenas para vencê-las. Ele não é como George Bolena: não escreve versos para seis mulheres na esperança de agarrar alguma em um canto escuro onde ele possa enfiar nela o pau. Ele escreve para advertir e censurar, não para confessar sua necessidade, mas para ocultá-la. Wyatt compreende a honra, mas não se vangloria nesse sentido. Ele é um perfeito

cortesão, mas tem consciência do pouco valor disso. Ele estudou o mundo sem desprezá-lo. Compreende o mundo sem rejeitá-lo. Não tem ilusões, mas tem esperanças. Não avança pela vida como um sonâmbulo. Seus olhos estão abertos, e seus ouvidos são voltados para sons que outros não ouvem.

Mas ele decide dar uma explicação que Wriothesley possa entender.

— Não é Wyatt quem se coloca no meu caminho para o rei. Não é Wyatt quem me põe para fora da câmara privada quando preciso da assinatura do rei. Não é ele quem vive despejando no ouvido de Henrique calúnias contra mim que são como veneno.

Wriothesley o encara, especulativo.

— Entendo. Não se trata tanto de quem é culpado, mas de qual culpa é útil para você. — Ele sorri. — Eu o admiro, senhor. O senhor é hábil nessas questões e sem falsa contrição.

Ele não sabe bem se deseja a admiração de Wriothesley. Não por esses motivos. Ele diz:

— Pode ser que esses senhores que foram citados desarmem as suspeitas. Ou, se a suspeita permanecer, eles poderão, usando de algum apelo, deter a mão do rei. Me-Chame, nós não somos padres. Não queremos aquele tipo de confissão. Somos advogados. Queremos a verdade pouco a pouco, e só as partes que podemos usar.

Wriothesley concorda.

— Mas ainda assim eu digo, inclua Thomas Wyatt. Se o senhor não prendê-lo, seus novos amigos o farão. E eu andei pensando, senhor, perdoe minha insistência, mas o que acontecerá depois com seus novos amigos? Se os Bolena caírem, e parece que eles cairão, os amigos da princesa Maria levarão o crédito. Eles não vão lhe agradecer pelo papel desempenhado pelo senhor. Talvez falem bem com o senhor agora, mas nunca o perdoarão por Fisher e More. Eles o expulsarão do cargo, e talvez o destruam por completo. Carew, os Courtenay, essa gente, eles terão tudo para governar.

— Não. O rei terá tudo para governar.

— Mas eles vão persuadi-lo e seduzi-lo. Falo dos filhos de Margaret Pole, as antigas casas nobres; eles consideram natural terem o comando, e pretendem obtê-lo. Eles desfarão tudo de bom que o senhor fez nos últimos cinco anos. E dizem também que a irmã de Edward Seymour, se Henrique se casar com ela,

que ela o reconciliará com Roma.

Ele sorri.

— Bem, Me-Chame, em quem você apostaria em um embate, Thomas Cromwell ou a Srta. Seymour?

Mas é claro que Me-Chame tem razão. Seus novos aliados o consideram barato. Veem o próprio triunfo como algo natural, e, por uma mera promessa de perdão, ele deve segui-los e trabalhar para eles e arrepende-se de tudo que fez. Ele diz:

— Não tenho a pretensão de prever o futuro, mas sei de uma ou duas coisas que essa gente ignora.

Nunca se pode saber ao certo o que Wriothesley anda relatando a Gardiner. Com sorte serão assuntos que façam Gardiner coçar a cabeça em assombro e tremer em alarme. Ele diz:

— O que você ouve da França? Entendo que muito tem se falado sobre o livro que Winchester escreveu, justificando a supremacia do rei. Os franceses acreditam que ele o escreveu sob coação. Será que ele permite que as pessoas pensem isso?

— Tenho certeza de que... — começa Wriothesley.

Ele o interrompe:

— Não importa. Estou vendo que gosto da imagem que isso cria em minha cabeça, Gardiner choramingando, reclamando que foi pressionado.

Ele pensa, vejamos se isso voltará para mim. É o ponto de vista dele que Me-Chame esquece durante as semanas a fio que passa servindo o bispo. Ele é um jovem irritadiço, tenso, e os berros de Gardiner lhe fazem mal; Cromwell é um amo agradável e fácil de se lidar no dia a dia. Ele disse a Rafe, eu gosto bastante de Me-Chame, sabe? Estou interessado em investir em sua carreira. Gosto de observá-lo. Se um dia eu romper com ele, Gardiner enviará outro espião, que talvez seja pior.

— Pois bem — diz ele, voltando a unir-se ao grupo —, melhor levarmos o pobre Mark para a Torre. — O rapaz caiu de joelhos e está implorando para não ser colocado de volta com o Natal. — Dê um descanso ao rapaz — diz ele a Richard —, em um lugar livre de fantasmas. Ofereça-lhe comida. Quando ele recuperar a coerência, tome sua declaração formal, e que seja bem testemunhada antes que ele saia daqui. Se ele se mostrar difícil, deixe-o com

Christophe e mestre Wriothesley, isso é tarefa deles. — Os Cromwell não se esgotam em trabalhos braçais; se foi assim um dia, esse dia ficou para trás. Ele prossegue: — Se, quando sair daqui, Mark tentar negar o que disse, eles saberão o que fazer na Torre. Uma vez que tenha a confissão dele garantida e todos os nomes de que necessite, vá até o rei em Greenwich. Ele estará à sua espera. Não confie a mensagem a ninguém. Deposite você mesmo a palavra no ouvido dele.

Richard põe Mark Smeaton de pé, manejando-o como se pegasse um boneco: e sem maior má vontade do que alguém demonstraria para com uma marionete. À mente dele vem, repentinamente, um flash da imagem do velho bispo Fisher cambaleando até o cadafalso, esquelético e obstinado.

Já são nove da manhã. O orvalho do 1º de maio já evaporou da grama. Por toda a Inglaterra, ramos verdes são trazidos da floresta. Ele tem fome. Poderia comer um naco de carne de carneiro: com funcho, se chegou algum de Kent. Ele precisa se sentar para seu barbeiro. Ainda não aperfeiçoou a arte de ditar cartas enquanto é barbeado. Talvez eu deixe crescer a barba, pensa. Pouparia tempo. Só que Hans insistiria em cometer outro retrato contra mim.

A essa hora, em Greenwich, devem estar cobrindo de areia a arena para as justas. Christophe pergunta:

— O rei disputará hoje? Será que ele vai lutar contra lorde Norris e matá-lo?

Não, pensa ele, o rei vai deixar essa tarefa para mim. Passando direto pelas oficinas, as despensas e os molhes, refúgio natural de homens como ele, os pajens colocarão almofadas de seda para as damas nas torres que dão vista para o terreiro da justa. Lona e corda e alcatrão dão lugar a damasco e linho fino. O óleo, o fedor e o barulho, o cheiro do rio dão lugar ao perfume de água de rosas e ao murmúrio das damas vestindo a rainha para o dia que se seguirá. Elas limpam os restos da pequena refeição da rainha, as migalhas de pão branco, as fatias de frutas em conserva. Trazem as anáguas e saiotas e mangas e ela escolhe. Ela é atada e comprimida e amarrada, é polida e empoada e cravejada de pedras preciosas.

O rei — faz três ou quatro anos, e para justificar seu primeiro divórcio — lançou um livro chamado *Um espelho da verdade*. Partes da obra, dizem, foram escritas de próprio punho.

Agora Ana Bolena pede seu espelho. Ela se vê: a pele ictérica, o pescoço fino, as clavículas como lâminas gêmeas.

Primeiro de maio de 1536: este, certamente, é o último dia da cavalaria. O que acontecer depois disso — e tais torneios continuarão — não será mais que um desfile morto de estandartes, uma disputa de cadáveres. O rei deixará o campo. O dia acabará, destruído, estalado como uma tibia, cuspidos fora como dentes quebrados. George Bolena, irmão da rainha, entrará no pavilhão de seda para se desarmar, deixando de lado os favores e prêmios, os pedaços de fita que as damas lhe deram para carregar. Quando sacar o elmo, ele o entregará a seu escudeiro, e verá o mundo com olhos velados, falcões em relevo, leopardos agachados, garras, unhas, dentes: sentirá a cabeça em seus ombros trepidando como gelatina.

Whitehall: naquela noite, sabendo que Norris está sob custódia, ele vai até o rei. Uma breve palavra trocada com Rafe em uma antessala: como ele está?

— Bem — responde Rafe —, seria de se esperar que ele estivesse marchando de um lado a outro como Edgar, o Pacífico, à procura de alguém em quem enfiar um dardo. — Eles trocam um sorriso, lembrando-se da mesa de jantar em Wolf Hall. — Mas ele está calmo. Surpreendentemente calmo. Como se soubesse, há muito tempo. Como se tivesse sentido. E, por sua vontade expressa, está sozinho.

Sozinho: mas com quem ele estaria? Inútil esperar que o Gentil Norris estivesse sussurrando para ele. Norris era o guardião da bolsa pessoal do rei; agora imaginamos o dinheiro do rei desaparecido e rolando pelas avenidas. As harpas dos anjos são arrebatadas, e a discórdia é geral; os cordões da bolsa estão cortados e os laços de seda do vestuário se romperam para derramar carne.

Quando ele surge à entrada, Henrique volta seus olhos em sua direção:

— Crumb — diz o rei pesadamente. — Venha e sente-se. — O rei despacha, com um gesto, as atenções do camareiro que espera junto à porta. Ele tem vinho e serve a si mesmo. — Seu sobrinho deve ter lhe contado o que aconteceu no terreiro da justa. — Henrique diz em voz baixa: — É um bom menino, Richard, não é? — Seu olhar é distante, como se ele quisesse fugir do assunto. — Eu estava entre os espectadores de hoje, não entrei em cena. Ela, obviamente, estava como sempre: à vontade entre suas damas, seu semblante muito altivo, mas depois sorrindo e parando para conversar com este ou aquele senhor. — Ele ri, um som seco, incrédulo. — Ah, sim, ela realmente conversa.

Depois começaram os embates, os arautos chamando cada cavaleiro. Henry Norris não deu muita sorte. Seu cavalo, assustado com algo, vacilou e baixou as orelhas, escoiceou e tentou derrubar seu cavaleiro. (O cavalo pode falhar. Os garotos podem falhar. Os nervos podem falhar.) O rei mandou mensagem a Norris lá embaixo, aconselhando-o a se retirar; um substituto seria enviado a ele, algum animal da própria gama de cavalos de combate do rei, sempre aparados e equipados para o caso de o soberano sentir a vontade súbita de entrar em campo.

— Foi uma cortesia habitual — explica Henrique; e se mexe desconfortável na poltrona, como alguém intimado a se justificar. Ele assente: claro, senhor. Se Norris realmente retornou aos torneios, ele não sabe ao certo. Foi em plena tarde que Richard Cromwell abriu caminho através da multidão até a galeria e se ajoelhou diante do rei; e, com uma palavra, aproximou-se para sussurrar em seu ouvido. — Ele explicou como o músico Mark foi preso — prossegue o rei. — Ele confessou tudo, disse seu sobrinho. Como assim, confessou livremente?, eu lhe perguntei. Seu sobrinho respondeu, nada foi feito contra Mark. Nem um fio de cabelo foi tocado.

Ele pensa, mas talvez eu tenha que queimar as asas de pavão.

— E então... — diz o rei.

Por um momento ele se detém, como o cavalo de Norris: e cai em silêncio.

Ele não concluirá. Mas ele, Cromwell, já sabe o que ocorreu. Ao ouvir a notícia de Richard, o rei se ergueu de seu lugar. Seus criados o rodearam. Ele sinalizou a um pajem:

— Encontre Henry Norris e diga-lhe que partirei para Whitehall, agora. Quero a companhia dele.

Não deu nenhuma explicação. Não perdeu tempo. Não falou com a rainha. Mas cruzou os quilômetros do caminho de volta, com Norris ao lado: Norris perplexo, Norris atônito, Norris quase caindo da sela de pavor.

— Eu o interroguei sobre o assunto — conta Henrique. — Sobre a confissão do garoto Mark. Ele só sabia alegar inocência. — Mais uma vez aquela risadinha seca, desdenhosa. — Mas depois o tesoureiro o questionou. Norris admite, diz que a amou. Mas quando Fitz afirmou que ele é um adúltero, que ele desejou minha morte para poder casar-se com ela, ele respondeu que não, não e não. Você o interrogará, Cromwell, mas quando o fizer, repita o que eu disse a ele quando cavalgávamos. Não pode haver misericórdia. Talvez haja misericórdia apenas se

ele confessar e acusar os outros.

— Temos os nomes que Mark Smeaton forneceu.

— Eu não confio nele — diz Henrique, com desprezo. — Não confiaria a um violinista a vida de homens a quem chamava de amigos. Estou à espera de alguma corroboração da história dele. Vejamos o que a senhora dirá quando for levada.

— As confissões deles serão o suficiente, Majestade, com certeza. O senhor sabe quem são os suspeitos. Permita que eu coloque todos sob custódia.

Mas os pensamentos de Henrique já se desviaram.

— Cromwell, o que significa isso, quando uma mulher não consegue sossegar na cama? Oferecendo-se, de todas as maneiras? O que se passa em sua cabeça para fazer uma coisa dessas?

Há apenas uma resposta. Experiência, senhor. Dos desejos dos homens e dos próprios. Ele não precisa dizer isso.

— Uma única maneira é aquela que é apta para a procriação de filhos — prossegue Henrique. — O homem se deita sobre ela. A Santa Igreja sanciona essa maneira, nos dias permitidos. Alguns clérigos dizem que, embora seja grave um irmão copular com a irmã, é ainda mais grave que uma mulher monte em um homem, ou que um homem tome uma mulher como se ela fosse uma cadela. Por essas práticas, e também por outras que não citarei, Sodoma foi destruída. Temo que qualquer homem ou mulher cristã que esteja escravo desses vícios incorrerá em julgamento: o que você diria? Onde uma mulher que não foi criada em um prostíbulo poderia adquirir conhecimento de tais coisas?

— As mulheres conversam entre si — responde ele. — Como os homens.

— Mas uma matrona sóbria, religiosa, cujo único dever é ter um filho?

— Suponho que ela talvez queira alimentar o interesse de seu bom esposo, senhor. Para que ele não se aventure no Jardim de Paris ou algum outro lugar de má reputação. Se, digamos, estão casados há muito tempo.

— Mas três anos? Isso é muito?

— Não, senhor.

— Não faz nem três. — Por um momento o rei esquece que não estamos falando dele, mas de um hipotético inglês temente a Deus, um homem dos bosques ou da lavoura. — Onde ela teria a ideia? — persiste ele. — Como saberia que o homem iria gostar?

Ele engole de volta a resposta óbvia: talvez ela tenha conversado com a irmã, que esteve em sua cama primeiro. Mas agora o rei já partiu de Whitehall e voltou para o interior, para o camponês de dedos nodosos e sua esposa de avental e touca: o homem que se benze e pede licença ao papa antes de apagar a vela entre os dedos e se voltar solenemente à esposa, ela com os joelhos virados para o teto e ele subindo e descendo o traseiro. Depois, este casal de Deus, eles se ajoelham junto à cama: unidos em oração.

Mas um dia, enquanto o camponês se dedica à labuta, o pequeno aprendiz de lenhador entra sorrateiramente e põe sua ferramenta para fora: agora, Joan, diz ele, agora, Jenny, dobre-se sobre a mesa e eu lhe ensinarei algo que sua mãe nunca lhe ensinou. E então ela treme; e então ele ensina; e, quando o honesto camponês volta à casa e a monta naquela noite, a cada estocada e gemido ela pensa em uma nova maneira de fazer as coisas, uma maneira mais doce, uma maneira mais suja, uma maneira que faz seus olhos se arregalarem de surpresa e o nome de outro homem irromper de sua boca. Doce Robin, diz ela. Doce Adam. E, quando o marido recorda que seu nome na verdade é Henrique, isso não o faz coçar a careca?

Anoitece agora, do lado de fora das janelas do rei; seu reino se esfria, seu conselheiro também. Eles precisam de luzes e fogo. Ele abre a porta e subitamente a sala está cheia de gente: em torno da pessoa do rei, os atendentes correm e rodopiam como andorinhas ao crepúsculo. Henrique mal os nota. Ele pergunta:

— Cromwell, acha que os rumores não chegaram até mim? Quando qualquer mulher de taberneiro já os ouviu? Sou um homem simples, vê? Ana me disse que era virgem e eu escolhi acreditar nela. Ela mentiu para mim por sete anos, alegando ser uma donzela pura e casta. Se ela pôde manter tamanha mentira, o que mais ela é capaz de fazer? Pode prendê-la amanhã. E ao irmão. Alguns dos atos alegados contra ela não são passíveis de serem discutidos entre pessoas decentes, para que não sejam encorajadas por este exemplo a cometer pecados que, caso contrário, nem sonhariam existir. Peço a você, e a todos os meus conselheiros, que sejam reservados e discretos.

— É fácil — responde ele — ser enganado quanto à história de uma mulher.

Pois suponhamos que Joan, suponhamos que Jenny teve outra vida antes de sua vida na cabana? Você achava que ela havia crescido em uma clareira do

outro lado do bosque. Agora descobre, por fontes confiáveis, que ela chegou à maturidade em uma cidade portuária e que dançava nua sobre a mesa para os marinheiros.

Ele mais tarde se perguntará, Ana entendeu o que estava por vir? Seria de se imaginar que, em Greenwich, ela estaria orando ou escrevendo cartas para seus amigos. Em vez disso, se os relatos são verdadeiros, ela passou cegamente pelas horas de sua última manhã, fazendo o que sempre costumava fazer: foi às quadras de tênis, onde fez apostas relativas ao resultado dos jogos. No fim da manhã, um mensageiro aproximou-se para solicitar seu comparecimento perante o conselho do rei, reunido na ausência de Sua Majestade: na ausência, também, do secretário-mor, que está ocupado em algum outro lugar. Os conselheiros informaram que ela seria acusada de adultério com Henry Norris e Mark Smeaton: e com um outro cavalheiro, seu nome por enquanto não mencionado. Que ela iria para a Torre, onde aguardaria o processo. A reação de Ana, contaria Fitzwilliam a ele mais tarde, foi de incredulidade e arrogância. Os senhores não podem levar uma rainha em julgamento, disse ela. Quem tem competência para julgá-la? Mas depois, quando informada de que Mark e Henry Norris haviam confessado, ela irrompeu em lágrimas.

Da câmara do conselho, ela é escoltada a seus aposentos, para a refeição. Às duas da tarde, ele está rumando para lá, com o lorde chanceler Audley e Fitzwilliam a seu lado. O afável rosto do tesoureiro está crivado pela tensão.

— Não fiquei satisfeito esta manhã no conselho, vendo como ela foi informada tão brutalmente de que Harry Norris confessou. Ele me confessou que a amava, não confessou nenhum ato.

— E o que você fez, Fitz? Você se pronunciou?

— Não — responde Audley. — Ele ficou se remexendo e fitando o vazio. Não foi, tesoureiro real?

— Cromwell! — É Norfolk quem vem rugindo, abrindo caminho aos trancos entre a massa de cortesãos a sua volta. — Ora, Cromwell! Ouvi dizer que o cantor entoou a música do secretário-mor. O que você fez com ele? Quisera eu ter estado lá. Isso dará uma bela balada para a oficina do tipógrafo. Henrique dedilhando o alaúde, enquanto o alaudista dedilha a fenda de sua esposa.

— Se souber de alguma prensa desse gênero — responde ele —, avise-me e eu mandarei fechá-la.

Norfolk diz:

— Mas me escute, Cromwell. Não é minha intenção que aquele saco de ossos seja a ruína de minha nobre casa. Se ela se conduziu levemente, isso não deve recair sobre os Howard, apenas sobre os Bolena. E eu não preciso de Wiltshire acabado. Só quero aquele título idiota retirado dele. *Monsenhor*, ora por favor. — O duque arreganha os dentes de alegria. — Quero vê-lo diminuído, após tanto orgulho nos últimos anos. Você há de lembrar que eu jamais promovi este casamento. Não, Cromwell, isso foi você quem fez. Sempre alertei Henrique Tudor quanto ao caráter dela. Talvez isso o ensine a me ouvir no futuro.

— Meu senhor, trouxe o mandado?

Norfolk apresenta um pergaminho com um floreio. Quando eles entram nos aposentos de Ana, os cavalheiros que a atendem estão enrolando a toalha da grande mesa, e ela ainda está sentada sob seu baldaquino de Estado. Ela veste veludo carmesim e vira — o saco de ossos — o perfeito oval marfim de seu rosto. Difícil pensar que ela comeu algo; há um silêncio alarmado na sala, a tensão visível em cada rosto. Eles devem esperar, os conselheiros, até que a toalha seja enrolada, até que os guardanapos sejam dobrados e que as corretas reverências sejam feitas.

— Então você veio, tio — diz ela. Um fiapo de voz. Um a um, ela os cumprimenta: — Lorde chanceler. Tesoureiro real. — Outros conselheiros vão se aglomerando atrás deles. Muitas pessoas, ao que parece, sonharam com este momento; elas sonharam que Ana lhes suplicaria de joelhos. — Lorde Oxford — continua ela. — E William Sandys. Como vai, Sir William? — É como se ela achesse calmanete pronunciar os nomes de todos. — E você, Cremuel. — Ela se inclina para a frente. — Sabe, fui eu que criei você.

— E ele a criou, senhora — devolve Norfolk — E pode ter certeza de que ele se arrepende.

— Mas eu me arrependi primeiro — responde Ana. Ela ri. — E me arrependo mais.

— Pronta para ir? — pergunta Norfolk

— Não sei como estar pronta — responde ela simplesmente.

— Apenas venha conosco — diz ele: ele, Cromwell. E estende a mão.

— Eu preferiria não ir para a Torre. — A mesma voz miúda, destituída de tudo exceto da polidez. — Eu gostaria de ver o rei. Não posso ser levada a

Whitehall?

Ela sabe a resposta. Henrique nunca diz adeus. Tempos atrás, em um dia de verão com o calor suspenso, ele partiu de Windsor deixando Catarina para trás; nunca tornou a vê-la.

Ana diz:

— Certamente que os senhores não me levarão assim como estou, não? Não tenho nenhum apetrecho, nenhuma roupa para trocar, e preciso das minhas damas comigo.

— Suas roupas lhe serão levadas — explica ele. — E mulheres para servi-la.

— Eu gostaria de ter minhas próprias damas da minha câmara privada.

Olhares são trocados. Ela parece não saber que aquelas mesmas mulheres ofereceram provas contra ela, que enxameiam em torno do secretário-mor aonde quer que ele vá, ansiosas por contar tudo que ele quiser, desesperadas por se proteger.

— Bem, se não posso ter aquelas de minha escolha... Algumas pessoas de minha casa real, pelo menos. Para que eu possa me manter em estado apropriado.

Fitz limpa a garganta.

— Senhora, sua casa real será dissolvida.

Ana se retrai.

— Cremuel encontrará lugar para eles — responde ela suavemente. — Ele é bom com criados.

Norfolk cutuca o lorde chanceler.

— Porque cresceu com eles, hã?

Audley desvia o rosto: ele é sempre homem de Cromwell.

— Acho que não irei com nenhum de vocês — diz Ana. — Irei com William Paulet, se ele puder me escutar, porque no conselho esta manhã todos vocês me desrespeitaram, mas Paulet foi um verdadeiro cavalheiro.

— Por Deus. — Norfolk ri. — Vai com Paulet, é? Eu vou colocá-la embaixo do braço e arrastá-la para a barca com sua bunda no ar. É isso que quer?

A um só tempo, os conselheiros se voltam para ele e o encaram com reprovação.

— Senhora — emenda Audley —, tenha certeza de que será tratada como convém à sua posição.

Ana se põe de pé. Recolhe suas saias vermelhas, erguendo-as, meticulosa, como se agora não fosse tocar o chão comum.

— Onde está o senhor meu irmão?

Foi visto pela última vez em Whitehall, ela é informada: o que é verdade, embora a essa altura os guardas talvez já o tenham levado.

— E meu pai, o monsenhor? Isso é o que não entendo — diz ela. — Por que o monsenhor não está aqui comigo? Por que ele não se senta com os senhores e resolve isso?

— Sem dúvida que haverá uma resolução em breve. — O lorde chanceler quase ronrona de prazer. — Será fornecido todo o necessário para mantê-la confortável. Já está tudo providenciado.

— Mas para quanto tempo?

Ninguém responde. Fora da câmara, William Kingston a aguarda, o condestável da Torre. Kingston é um homem enorme, de porte equivalente ao do próprio rei; ele se comporta com nobreza, mas seu cargo e sua aparência já infligiram terror aos corações dos mais fortes homens. Ele se lembra de Wolsey, quando Kingston viajou até o norte para prendê-lo: as pernas do cardeal cederam sob seu corpo e ele precisou sentar-se em um baú para se recuperar. Deveríamos ter deixado Kingston em casa, sussurra ele a Audley, e levado a rainha nós mesmos. Audley murmura:

— Poderíamos ter feito isso, certamente; mas, senhor secretário, não acha que você em si já é suficientemente assustador?

Isso o assombra, o bom humor do lorde chanceler, enquanto saem para o ar livre. No atracadouro do rei, as cabeças dos animais de pedra nadam na água, e o mesmo fazem as próprias silhuetas deles, suas formas de cavalheiros, suas figuras rompidas por ondulações, e a rainha virada do avesso, bruxuleando como o reflexo de uma chama em uma taça: ao redor, a dança do sol na tarde branda e um enxame de pássaros. Ele conduz Ana à barcaça, uma vez que Audley parece relutante em tocá-la e ela se esquiva de Norfolk; e, como se pescasse os pensamentos de sua mente, ela sussurra:

— Cremuel, você nunca me perdoou por Wolsey.

Fitzwilliam lhe dirige um olhar de relance, murmura algo que ele não distingue. Fitz era um dos favoritos do cardeal, e talvez eles estejam pensando a mesma coisa: agora Ana Bolena sabe o que é ser expulsa de sua casa e posta no

rio, toda a sua vida ficando para trás a cada movimento dos remos.

Norfolk ocupa um lugar em frente à sobrinha, agitando-se e fazendo muxoxos.

— Está vendo? Está vendo agora, madame? Isso é o que acontece quando se rejeita a própria família!

— Não acho que “rejeitar” seja a palavra — comenta Audley. — Ela fez justamente o contrário.

Ele lança um olhar sombrio a Audley. Ele pediu discrição quanto às acusações contra o irmão dela, George. Não quer que Ana comece a se desesperar e que derrube alguém da barca. Ele se recolhe em si mesmo. Observa a água. Uma comitiva de alabardeiros são sua escolta, e ele admira cada belo fio de machado, o brilho afiado que incide sobre as lâminas. Considerando um arsenal, são surpreendentemente baratas de se produzir, as alabardas. Mas, como arma de guerra, provavelmente estão ultrapassadas. Ele pensa na Itália, no campo de batalha, no impulso longo da lança. Há uma casa de pólvora na Torre; ele gosta de entrar lá e conversar com os foguistas. Mas talvez seja melhor deixar isso para outro dia.

Ana diz:

— Onde está Charles Brandon? Tenho certeza de que ele vai lamentar não estar vendo isto.

— Está com o rei, suponho — responde Audley. E se vira para ele a fim de sussurrar: — Envenenando a mente real contra seu amigo Wyatt. Nesse ponto você terá um trabalho dobrado, senhor secretário.

Seus olhos estão pousados na margem distante.

— Wyatt é um homem bom demais para perdermos.

O lorde chanceler funga em desdém.

— Versos não vão salvá-lo. Na verdade, vão condená-lo. Nós sabemos que Wyatt escreve em códigos. Mas creio que o rei talvez sinta que agora eles foram decifrados.

Ele acha que não. Há códigos tão sutis que mudam todo o seu significado em meia linha, ou em uma sílaba, ou em uma pausa, uma cesura. Ele se orgulha, e se orgulhará, de não fazer a Wyatt perguntas que o obrigariam a mentir, embora ele possa dissimular. Ana deveria ter dissimulado, Lady Rochford lhe explicou: em sua primeira noite com o rei, ela deveria ter atuado como uma virgem,

deitada rígida e chorando.

— Mas, Lady Rochford — ele objetou —, diante de tamanho medo, qualquer homem pode falhar. O rei não é um estuprador.

Oh, certo, respondeu Lady Rochford. Ela deveria ao menos tê-lo lisonjeado. Deveria ter simulado que aquilo era uma feliz surpresa para ela.

Ele não apreciou o assunto; sentia no tom de Jane Rochford a peculiar crueldade das mulheres. Elas lutam com as pobres armas que Deus lhes concedeu — malícia, astúcia, habilidade em enganar —, e é provável que, em conversas entre si, alcancem lugares onde um homem nunca confiaria pôr o pé. O corpo do rei é sem fronteiras, fluido, como seu reino: é uma ilha edificando a si mesma ou se desfazendo, sua substância lavada em águas doces e salgadas; tem suas margens de alagamento, suas extensões pantanosas, suas costas reconquistadas; tem suas marés, emissões e efusões, brejos que entram e saem da conversa das mulheres inglesas, e charcos escuros onde só padres deveriam chafurdar, lampiões na mão.

No rio, a brisa é fria; o verão ainda está semanas à frente. Ana está observando a água. Ela ergue os olhos e diz:

— Onde está o arcebispo? Cranmer me defenderá, assim como todos os meus bispos, eles devem sua promoção a mim. Tragam Cranmer e ele vai jurar que sou uma boa mulher.

Norfolk se inclina para a frente e fala bem diante do seu nariz:

— Um bispo cuspiria em você, sobrinha.

— Eu sou a rainha, e, se me fizerem mal, uma maldição se abaterá sobre vocês. Nenhuma chuva cairá até que eu seja libertada.

Um leve gemido de Fitzwilliam. O lorde chanceler diz:

— Senhora, foi esse tipo de tolice de maldições e feitiços que a colocou aqui.

— Oh, mesmo? Pensei que vocês tivessem dito que eu era uma esposa desleal, está dizendo agora que também sou feiticeira?

Fitzwilliam responde:

— Nós não levantamos o assunto de maldições.

— Vocês não podem fazer nada contra mim. Eu prestarei juramento de que sou fiel, e o rei me ouvirá. Vocês não têm nenhuma testemunha. Sequer sabem do que me acusar.

— Acusá-la? — retruca Norfolk — Por que acusá-la?, eu me pergunto.

Seríamos poupados de problemas se a atirássemos na água e a afogássemos.

Ana se retrai. Encolhendo-se do tio o máximo possível, ela parece ter o tamanho de uma criança.

Quando a barça atraca no molhe do rei, ele vê o auxiliar de Kingston, Edmund Walsingham, de olho no rio; em conversa com ele, Richard Riche.

— Bolsa, o que está fazendo aqui?

— Pensei que poderia necessitar de mim, senhor.

A rainha salta para terra firme, apoiando-se no braço de Kingston. Walsingham faz uma mesura para ela. Ele parece agitado; olha em volta, sem saber a que conselheiro dirigir-se.

— Devemos disparar o canhão?

— É o costume — responde Norfolk —, não é? Quando uma pessoa digna de aviso chega, segundo a vontade do rei. E ela é digna de nota, suponho.

— Sim, mas uma rainha... — comenta o homem.

— Dispare o canhão — exige Norfolk. — Os londrinos devem saber.

— Acho que eles já sabem — diz ele. — Não viu como corriam ao longo das margens?

Ana ergue os olhos, esquadrinha os muros de pedra acima de sua cabeça, as estreitas janelas em fenda e as grades. Não há rostos humanos, apenas o bater das asas de um corvo acima dela, e a voz da ave, assustadora por soar como humana.

— Harry Norris está aqui? — pergunta ela. — Ele não limpou meu nome?

— Temo que não — diz Kingston. — Nem o próprio.

Algo acontece então com Ana, que mais tarde ele não entenderá muito bem. Ela parece se dissolver e escorregar das mãos deles, das de Kingston e das suas, parece liquefazer-se e escapar deles, e, quando volta a tomar a forma de mulher, está de quatro nas pedras, a cabeça atirada para trás, uivando.

Fitzwilliam, o lorde chanceler e até o tio recuam um passo; Kingston franze o cenho, seu auxiliar balança a cabeça, Richard Riche parece chocado. Ele, Cromwell, a segura — já que ninguém mais o fará — e a levanta. Ela não pesa nada, e, quando ele a ergue, seu grito se quebra, como se sua respiração parasse. Silenciosa, ela se equilibra contra o ombro dele, se apoia em seu corpo: entregue, cúmplice, pronta para a próxima coisa que farão juntos, isto é, matá-la.

Quando eles voltam para a barca real, Norfolk ladra:

— Senhor secretário? Eu preciso ver o rei.

— Uma pena — diz ele, como se genuinamente lamentasse: uma pena, não será possível. — Sua Majestade pediu paz e reclusão. Em tais circunstâncias, o senhor certamente faria o mesmo.

— Tais circunstâncias? — ecoa Norfolk O duque fica emudecido pelo menos por um minuto, à medida que eles lentamente se afastam do canal central do Tâmis: e fecha a cara, sem dúvida pensando em sua esposa negligenciada e nas chances de que ela o engane. Melhor bufar de desdém, decide o duque. — Eu lhe digo uma coisa, senhor secretário, sei que você é amigo de minha duquesa, então o que me diz? Cranmer pode nos anular, e então a mão dela será sua para ser pedida. Como é, não vai querer? Ela vem com a própria roupa de cama e uma mula de montaria, e não come muito. Eu darei mais 40 xelins por ano e fechamos o acordo.

— Meu senhor, contenha-se — diz Audley ferozmente. Ele é levado ao último recurso de reprovação: — Lembre-se de seus ancestrais.

— É mais do que Cromwell pode fazer. — O duque ri. — Agora me escute, Crumb. Se eu digo que preciso ver o Tudor, nenhum filho de ferreiro me dirá que não.

— Ele pode acabar soldando o senhor — comenta Richard Riche. Ninguém notou quando Riche subiu a bordo. — Ele pode tomar para si a tarefa de martelar e remodelar sua cabeça. O secretário tem habilidades que o senhor jamais imaginou.

Uma espécie de vertigem se apoderou deles, uma reação à visão horrível que deixaram no cais.

— Ele pode moldá-lo em uma forma completamente diferente — acrescenta Audley. — O senhor acorda duque e ao meio-dia virou cavaleiro.

— Ele pode derretê-lo — diz Fitzwilliam. — O senhor começa como duque e termina uma poça de chumbo.

— O senhor pode viver seus últimos dias como um tripé — continua Riche. — Ou uma dobradiça.

Ele pensa, você precisa rir, Thomas Howard, precisa rir ou explodir em chamas: qual vai ser? Se entrar em combustão, pelo menos podemos jogar água em você. Com um espasmo, uma trepidação, o duque lhes dá as costas para se recompor.

— Diga a Henrique... — ordena Norfolk — diga-lhe que eu a renego. Diga que não a chamo mais de sobrinha.

Ele, Cromwell, responde:

— O senhor já terá sua chance de mostrar lealdade. Se houver um julgamento, o senhor presidirá o tribunal.

— Ao menos achamos que este é o procedimento — opina Riche. — Nenhuma rainha jamais foi julgada antes. O que diz o lorde chanceler?

— Não digo nada. — Audley ergue as mãos. — Você e Wriothsesley e o secretário já arranjaram tudo entre si, como costumam fazer. Só uma coisa: Cromwell, você não colocará o conde de Wiltshire entre os juízes, certo?

Ele sorri.

— O pai dela? Não. Eu não faria isso.

— Como vamos acusar lorde Rochford? — pergunta Fitzwilliam. — Se é que ele deve ser acusado?

Norfolk diz:

— Serão os três que irão a julgamento? Norris, Rochford e o violinista?

— Ah, não, senhor — responde ele calmamente.

— Há outros? Santo Deus!

— Quantos amantes ela teve? — pergunta Audley, com uma avidez mal disfarçada.

Riche diz:

— Lorde chanceler, o senhor viu o rei? Eu o vi. Ele está pálido e debilitado pela pressão. Só isso já configura traição, se seu régio corpo sofrer algum dano. Na verdade, acho que podemos dizer que já houve danos.

Se cães pudessem farejar traição, Riche seria um bloodhound, aquele príncipe entre os cães farejadores.

Ele diz:

— Minha mente está aberta quanto à forma como esses senhores devem ser acusados, se por acobertarem uma traição ou por traição em si. Se eles se dizem apenas testemunhas de crimes de outros, devem dizer quem são os outros, devem nos contar, sincera e abertamente, o que sabem; mas, se ocultarem nomes, somos forçados a suspeitar de que eles mesmos estejam entre os culpados.

O estrondo do canhão os pega desprevenidos, fazendo estremecer a água; é de sentir o abalo por dentro, nos ossos.

Naquela noite, chega até ele uma mensagem de Kingston, na Torre. Anote tudo que ela disser e tudo que fizer, ele ordenou ao condestável, e pode-se confiar em Kingston — um homem obediente, civilizado e prudente, embora às vezes obtuso — quanto a isso. Enquanto os conselheiros se afastavam em direção à barca, Ana perguntou, “Mestre Kingston, eu irei para um calabouço?”. Não, madame, ele lhe assegurou, a senhora terá as câmaras onde dormiu antes de sua coroação.

Ao ouvir isso, relata Kingston, ela desabou em violenta choradeira. “Não mereço tudo isso. Jesus tenha misericórdia de mim.” Ela então se ajoelhou nas pedras e rezou e chorou, diz o condestável: e depois, muito estranhamente, ou assim lhe pareceu, começou a rir.

Sem dizer uma palavra, ele passa a carta a Wriothlesley. Que ergue os olhos do papel e cujo tom, quando ele fala, é um murmúrio:

— O que ela fez, senhor secretário? Talvez algo que ainda nem imaginamos.

Ele encara Wriothlesley, exasperado.

— Não vai começar com aquela história de bruxaria, vai?

— Não. Mas... Se ela diz que não merece, está dizendo que é culpada. Ou assim me parece. Mas não sei culpada de quê.

— O que foi que eu disse? Quanto ao tipo de verdade que queremos? Por acaso eu disse toda a verdade?

— O senhor disse, somente a verdade que possamos usar.

— Reitero a ideia. Mas sabe, Me-Chame, eu não deveria ter que reiterar. Você absorve rápido as coisas. Uma vez tem que ser o suficiente.

É uma noite quente e ele se senta junto a uma janela aberta, com seu sobrinho Richard como companhia. Richard sabe quando ficar em silêncio e quando falar; é de família, ele imagina. Rafe Sadler é a única outra companhia que ele teria apreciado, mas Rafe está com o rei.

Richard ergue os olhos.

— Recebi uma carta de Gregory.

— Ah, sim?

— O senhor conhece as cartas de Gregory.

— “O sol está brilhando. Tivemos boa caça e grande júbilo. Eu estou bem, como vai o senhor? E agora despeço-me por falta de tempo.”

Richard assente.

— Ele não muda, Gregory. Ou melhor, muda sim, acho. Ele quer vir para cá

para estar com o senhor nessa hora. Ele deveria estar com o senhor, é o que ele pensa.

— Eu estava tentando poupá-lo.

— Eu sei. Mas talvez devesse permitir que ele venha. Não pode conservá-lo como uma criança.

Ele pondera. Se seu filho deve acostumar-se no serviço do rei, talvez ele deva saber o que está envolvido nisso.

— Pode me deixar a sós — diz ele a Richard. — Escreverei a Gregory.

Richard faz uma pausa para trancar lá fora o ar da noite. Tendo saído do cômodo, sua voz se prolonga no corredor, gentilmente dando ordens: tragam o casaco de pele de meu tio, ele talvez precise, e levem também mais velas. Ele às vezes se surpreende quando vê que alguém se preocupa com ele, que se preocupa a ponto de pensar em seu conforto físico: à exceção de seus criados, que são pagos para isso. Ele imagina como estará a rainha em meio a seus novos serviçais na Torre: Lady Kingston foi incluída entre suas atendentes, e, embora ele tenha providenciado que houvesse mulheres da família Bolena a sua volta, talvez não sejam aquelas a quem Ana teria escolhido. São mulheres experientes, que saberão para que lado está correndo a maré. Elas prestarão bastante atenção aos choros e risos, e a quaisquer palavras como “Eu não mereço”.

Ele acredita que entende Ana, tanto quanto Wriothesley não entende. Quando Ana disse que não merecia os aposentos de rainha, ela não pretendia admitir a culpa, mas dizer esta verdade: não sou digna disso, e não sou digna porque fracasei. Uma única coisa ela se propôs a fazer nesta vida: conquistar Henrique e conservá-lo. Ela o perdeu para Jane Seymour, e nenhum tribunal a julgará mais severamente do que ela julga a si mesma. Desde que Henrique partiu a galope ontem, deixando-a para trás, ela tem sido uma impostora, como uma criança ou um bobo da corte, vestida com o figurino de uma rainha e agora obrigada a viver em aposentos de rainha. Ela sabe que o adultério é um pecado e que a traição é um crime, mas o pior é estar do lado perdedor.

Richard enfia a cabeça pela porta outra vez e pergunta:

— Sua carta, devo escrevê-la pelo senhor? Para poupar seus olhos?

Ele diz:

— Ana está morta para si mesma. Não teremos mais problemas com ela.

Ele pediu ao rei que não saísse de sua câmara privada, que admitisse o menor

número possível de pessoas. Instruiu rigorosamente os guardas a mandarem embora peticionários, fossem homens ou mulheres. Ele não quer o julgamento do rei contaminado, como bem poderia ocorrer, pela última pessoa com quem tiver falado; não quer Henrique sendo persuadido ou seduzido ou desviado da rota. Henrique parece inclinado a obedecer. Nos últimos anos, o rei vem tendendo a se retirar das vistas públicas: antes, porque queria estar com sua concubina Ana, e depois porque queria estar sem ela. Atrás de sua câmara privada, ele tem seus aposentos secretos; e às vezes, depois que ele é colocado em sua grande cama e a cama é abençoada, depois que as velas foram apagadas, ele afasta a colcha de damasco e desliza do colchão e das almofadas para uma câmara secreta, onde deita sorrateiramente em outra cama, esta não oficial, e dorme como um homem natural, nu e sozinho.

De forma que é no silêncio abafado desses aposentos secretos, cobertos por tapeçarias retratando a Queda do Homem, que o rei lhe diz:

— Cranmer enviou uma carta de Lambeth. Leia para mim, Cromwell. Já mandei lerem uma vez, mas queira ler novamente.

Ele pega o papel. É possível sentir Cranmer se retraindo de medo enquanto escreve, torcendo para que a tinta escorra e borre as palavras. A rainha Ana o favoreceu; Ana deu-lhe ouvidos e promoveu a causa do evangelho; Ana também o usou, mas Cranmer jamais conseguirá ver isso.

— *“Estou em tal perplexidade”* — escreveu ele — *“que minha mente se encontra em puro assombro; pois nunca tive de mulher alguma opinião melhor do que tive dela”*.

Henrique o interrompe:

— Veja você que todos fomos enganados.

— *“... o que me leva a pensar”* — lê ele — *“que ela não deve ser culpada. No entanto, creio que Vossa Alteza não teria ido tão longe caso não fosse ela indubitavelmente culpada”*.

— Ele mal pode esperar até saber de tudo — comenta Henrique. — Nunca deve ter ouvido algo semelhante. Pelo menos espero que não. Não creio que já tenha havido coisa desta sorte no mundo.

— *“Pois creio que Vossa Graça sabe melhor que ninguém que, afora Vossa Graça, fui ligado a ela acima de todas as criaturas vivas...”*

Henrique interrompe novamente:

— Mas você verá que adiante ele dirá que, se ela é culpada, deve ser punida sem misericórdia e tornada um exemplo. Considerando-se como ela não era nada antes que eu a elevasse. E diz também que ninguém que ama o evangelho vai defendê-la, mas odiá-la.

Cranmer acrescenta:

— *“Por isso confio que Vossa Graça não concederá favor menor à verdade do evangelho do que fez outrora, uma vez que o favor de Vossa Graça para com o evangelho não foi incitado pela afeição por ela, mas pelo zelo à verdade.”*

Ele, Cromwell, baixa a carta. Parece ser basicamente isso. Ela não pode ser culpada. Contudo, deve ser culpada. Nós, seus irmãos, a repudiamos.

Ele diz

— Senhor, se necessita de Cranmer, mande buscá-lo. Os senhores poderiam confortar-se um ao outro, e talvez, juntos, tentar entender tudo isso. Eu direi a seus homens que deixem entrar o arcebispo. O senhor parece necessitar de ar fresco. Desça para o jardim privado. Vossa Majestade não será perturbado.

— Mas eu não vi Jane — protesta Henrique. — Quero olhar para ela. Podemos trazê-la aqui?

— Ainda não, senhor. Espere até que este assunto esteja mais avançado. Há rumores nas ruas e multidões que querem vê-la, e baladas são compostas, zombando dela.

— Baladas? — Henrique está chocado. — Descubra os autores. Devem ser punidos severamente. Não, você tem razão, não devemos trazer Jane aqui até que o ar esteja puro. Então vá você até ela, Cromwell. Quero que leve certo presente. — Dentre seus papéis, Henrique saca um livrinho decorado de joias: do tipo que uma mulher leva na cintura, preso a uma corrente de ouro. — Pertenceu a minha esposa — diz o rei. Depois ele se dá conta e desvia o olhar, envergonhado. — Quero dizer, pertenceu a Catarina.

Ele não quer perder tempo indo até a casa de Carew em Surrey, mas, ao que parece, precisará ir. É uma casa bem-proporcionada, erguida há cerca de trinta anos, com um grande salão particularmente esplêndido e muito copiado por cavalheiros ao construírem suas próprias casas.

Ele já esteve aqui antes, com o cardeal. Ao que parece, desde então Carew trouxe italianos para replanejar os jardins. Os jardineiros tiram seus chapéus de

palha para ele. Os passeios estão entrando em sua glória de início de verão. Pássaros piam em um aviário. A grama é mantida tão curta quanto uma peça de veludo. Ninfas o observam com olhos de pedra.

Agora que o assunto está tendendo para um lado e um só lado, os Seymour começam a ensinar a Jane como ser uma rainha.

— Isso que você faz com as portas — diz Edward Seymour. Jane apenas o olha. — Esse seu jeito de segurar a porta, deixá-la parada enquanto você entra desviando dela.

— Você me disse para ser discreta.

Jane baixa os olhos, para mostrar ao irmão o que discrição significa.

— Vamos lá. Saia da sala — pede Edward. — Depois volte a entrar. Como uma rainha, Jane.

Jane sai discretamente. A porta range atrás dela. No hiato, os homens se entreolham. A porta se abre. Há uma longa pausa; uma pausa régia, talvez. A entrada segue vazia. Depois Jane surge, esgueirando-se pela lateral.

— Assim está melhor?

— Sabe o que eu acho? — diz ele. — Eu acho que a partir de agora Jane não vai mais abrir porta nenhuma para entrar, então não importa.

— Eu acredito — opina Edward — que essa humildade poderia diminuir. Olhe para mim, Jane. Quero ver sua expressão.

— Mas o que o faz pensar — murmura Jane — que quero ver a sua?

Na galeria, toda a família está reunida. Os dois irmãos, o prudente Edward e o precipitado Tom. O valoroso Sir John, o bode velho. Lady Margery, a notável beldade em seu tempo, sobre quem John Skelton um dia escreveu uma linha: “benigna, cortês e mansa”, ele a descreveu. A mansidão não está evidente hoje: ela parece sombriamente triunfante, como uma mulher que extorquiu o sucesso da vida, mesmo tendo levado quase sessenta anos para isso.

Bess Seymour, a irmã viúva, aparece. Ela traz nas mãos um pacote envolto em linho.

— Senhor secretário — cumprimenta ela, com uma reverência. Depois se dirige ao irmão: — Aqui está, Tom, segure isto. Sente-se, irmã.

Jane se senta em um banquinho. Mais parece que vão lhe entregar uma lousa e ensinar a Jane o abecedário.

— Muito bem — prossegue Bess. — Basta disso aqui.

Por um momento ela parece atacar a irmã: puxando vigorosamente com as mãos, ela arranca o toucado em meia-lua, vira o véu e despeja a massa de pano nas mãos já prontas de sua mãe.

Jane, em sua touca branca, parece nua e sofrida, o rosto tão pequeno e pálido quanto o de um doente.

— Tiremos esta touca também, e comecemos do zero — ordena Bess. Ela se atrapalha com a tira de pano atada sob o queixo da irmã. — O que você fez com isso, Jane? Parece até que você andou chupando isso aqui. — Lady Margery saca tesouras de bordado. Com um picote, Jane é liberta. Bess rapidamente leva a touca embora da cabeça de Jane, e assim seus cabelos claros, uma fina fita de luz, se derramam sobre seu ombro. Sir John pigarreia e desvia o olhar, o velho hipócrita: como se tivesse visto alguma coisa que ultrapassa o âmbito masculino. O cabelo tem um momento de liberdade antes de ser puxado para trás por Lady Margery, que então o enrola na mão sem o menor afeto, como se fosse um novelo de lã; Jane contrai o rosto enquanto seu cabelo é puxado para cima de sua nuca, enrolado e amontoado sob uma touca nova, mais rígida. — Agora prendemos com grampos — diz Bess. Ela trabalha, absorta. — É mais elegante, se você conseguir aguentar.

— Eu mesma nunca gostei de fitas — diz Lady Margery.

— Obrigada, Tom — agradece Bess, e pega o pacote. Ela desfaz o embrulho. — Touca mais justa — decreta ela.

A mãe aperta como lhe é indicado, recoloca grampos. No instante seguinte, uma caixa feita de tecido é encaixada na cabeça de Jane. Seus olhos se reviram, como se pedindo ajuda, e ela profere um balido baixo quando a estrutura de arame morde seu couro cabeludo.

— Bem, estou surpresa — diz Lady Margery. — Sua cabeça é maior do que eu pensava, Jane. — Bess se põe a dobrar o arame. Jane segue muda. — Assim está bem — diz Lady Margery. — Vai ceder um pouco. Puxe para baixo. Vire as abas para cima. Na altura do queixo, Bess. É como a antiga rainha gostava. — Ela recua um passo para avaliar a filha, agora aprisionada em um antiquado toucado triangular, do tipo que não era visto desde o surgimento de Ana. Lady Margery suga os lábios em avaliação e estuda a filha. — Está torto — declara.

— É Jane que está torta, eu acho — opina Tom Seymour. — Sente-se direito, irmã.

Jane põe as mãos na cabeça, cautelosamente, como se a construção estivesse quente.

— Não mexa — ordena a mãe. — Você já usou um desses antes. Vai se acostumar.

De algum lugar, Bess faz surgir uma extensão de um belo véu negro.

— Fique parada. — Ela começa a fixá-lo na parte de trás da caixa, o rosto absorto. Ai, isso é o meu pescoço, reclama Jane, e Tom Seymour dá uma risada cruel; alguma piada interna dele, imprópria demais para compartilhar, mas não para adivinhar. — Sinto muito em fazê-lo esperar, senhor secretário — diz Bess —, mas ela tem que dar um jeito nisso. Não podemos deixar que ela lembre o rei de... o senhor sabe quem.

Só tomem cuidado, pensa ele, desconfortável: faz apenas quatro meses que Catarina morreu, talvez o rei não queira que o lembrem dela tampouco.

— Temos várias outras estruturas à disposição — diz Bess à irmã —, então, se você realmente não conseguir equilibrar isso, podemos tirar a coisa toda e tentar novamente.

Jane está de olhos fechados.

— Tenho certeza de que esta servirá.

— Como encontraram essas coisas tão rápido? — pergunta ele.

— Estavam guardadas — explica Lady Margery. — Em baús. Por mulheres como eu, que sabiam que seriam necessárias novamente. Não veremos as modas francesas agora, não por muitos anos, por Deus.

O velho Sir John conta:

— O rei mandou joias para ela.

— Coisas que La Ana não usava — diz Tom Seymour. — Mas todas virão para Jane em breve.

Bess comenta:

— Imagino que Ana não precisará de nada disso no convento.

Jane ergue os olhos; e agora ela o faz: agora ela encontra os olhos de seus irmãos e desvia os seus novamente. É sempre uma surpresa ouvir sua voz, tão suave e tão inaproveitada, seu tom tão em desacordo com o que ela tem a dizer:

— Eu não vejo como isso pode funcionar, o convento. Primeiro Ana diria que está esperando o filho do rei. Então ele seria obrigado a esperar, e em vão, pois é sempre em vão. Depois ela pensaria em novas formas de protelação. E nesse

meio-tempo nenhum de nós estaria seguro.

Tom acrescenta:

— Ela conhece segredos de Henrique, ousou dizer. E os venderia a seus amigos franceses.

— Não que eles sejam mesmo amigos dela — comenta Edward. — Não mais.

— Mas ela tentaria — insiste Jane.

Ele os observa, cerrando fileiras: uma boa e velha família inglesa. Ele pergunta a Jane:

— A senhorita faria tudo que pudesse para arruinar Ana Bolena?

Seu tom não implica censura; ele está apenas interessado.

Jane pondera: mas apenas por um momento.

— Ninguém precisa tramar a ruína dela. Ninguém é culpado por isso. Ela arruinou a si mesma. Ninguém pode fazer o que fez Ana Bolena e viver até a velhice.

Ele precisa estudar Jane agora, a expressão em seu rosto voltado para baixo. Quando Henrique cortejava Ana, ela encarava o mundo diretamente, o queixo erguido, os olhos rasos como piscinas de escuridão contra a luz de sua pele. Mas um só olhar de espreita é o suficiente para Jane, e ela logo lança os olhos novamente para baixo. Sua expressão é comedida, meditativa. Ele já viu esse tipo antes. Há quarenta anos que ele vem observando pinturas. Quando era menino, antes de fugir da Inglaterra, uma pintura para ele era uma vulva aberta rabiscada com carvão em um muro, ou um santo de olhos inexpressivos que alguém observava enquanto bocejava na missa de domingo. Mas em Florença os mestres pintavam virgens de pele de prata, recatadas, relutantes, cujo destino se movia em seu interior, um lento reconhecimento impresso em seu sangue; seus olhos eram voltados para dentro, para imagens de dor e de glória. Será que Jane viu aquelas pinturas? Quem sabe os mestres não tiravam inspiração da vida, estudando o rosto de uma mulher prometida, uma mulher sendo conduzida por sua família às portas da igreja? Touca francesa, toucado em triângulo, nada disso é suficiente. Se Jane pudesse velar seu rosto por completo, ela o faria, e assim esconderia do mundo seus pensamentos calculistas.

— Pois bem — diz ele, constrangido por atrair a atenção de volta para si. — A razão de minha visita é que o rei me enviou com um presente.

Está envolto em seda. Jane ergue os olhos enquanto revira o embrulho nas mãos.

— Uma vez o senhor me deu um presente, mestre Cromwell. E, naqueles dias, ninguém mais o fazia. Pode ter certeza de que eu me lembrarei disto, quando estiver em meu poder fazer-lhe bem.

No momento exato para fechar a cara ao ouvir isso, Sir Nicholas Carew faz sua aparição. Ele não entra em uma sala como homens comuns, mas avança como uma máquina de cerco ou uma formidável catapulta: e agora, ao parar diante de Cromwell, ele parece querer bombardeá-lo.

— Ouvi falar das tais baladas — diz ele. — Não pode suprimi-las?

— Não são nada pessoal. Apenas libelos requentados da época em que Catarina era rainha e Ana era a pretendente.

— Os dois casos não são semelhantes de forma alguma. Esta dama virtuosa, e aquela...

As palavras faltam a Carew; e de fato, com a condição judicial de Ana incerta, as acusações ainda não enquadradas, é difícil descrevê-la. Se é uma traidora, ela está, até o veredicto do tribunal, tecnicamente morta; embora na Torre, segundo Kingston, ela coma com suficiente vontade, e ria, como Tom Seymour, de piadas particulares.

— O rei está reescrevendo antigas canções — diz ele. — Reformulando as referências nelas contidas. A dama morena é retirada e entra a dama loura. Jane sabe como essas coisas se passam. Ela acompanhou a antiga rainha. Se Jane não tem ilusões, uma pequena donzela como ela é, então, Sir Nicholas, livre-se das suas. Está velho demais para isso.

Jane permanece sentada imóvel com seu presente nas mãos, ainda embrulhado.

— Pode abrir, Jane — diz sua irmã, gentilmente. — Seja o que for, é seu agora.

— Eu estava ouvindo o secretário — explica Jane. — Pode-se aprender muito com ele.

— Lições que dificilmente servirão para você — comenta Edward Seymour.

— Não sei. Dez anos sob o treinamento do secretário e talvez eu aprenda a me posicionar.

— Seu feliz destino — diz Edward — é ser uma rainha, não uma secretária.

— Então você dá graças a Deus por eu ter nascido mulher?

— Agradecemos a Deus de joelhos todos os dias — decreta Tom Seymour, com uma galanteria enferrujada.

Isso é novidade para ele, sua humilde irmã exigindo elogios, e ele não é rápido em reagir. Ele dirige ao irmão Edward um olhar e um dar de ombros: desculpe, é o melhor que posso fazer.

Jane desembulha seu presente. Ela passa a corrente entre os dedos; é tão fina quanto um fio de seu próprio cabelo. Ela deposita o minúsculo livro na palma da mão e o vira. No esmalte preto e dourado da capa, iniciais estão gravadas em rubis, e entrelaçadas: “H” e “A”.

— Não se preocupe, as pedras podem ser substituídas — diz ele rapidamente. Jane lhe devolve o objeto. Sua expressão desabou; ela ainda não sabe como o rei pode ser pão-duro, este príncipe dos mais magníficos. Henrique deveria ter me avisado, pensa ele. Sob a inicial de Ana ainda se pode distinguir o “C”. Ele passa o presente a Nicholas Carew. — Deseja vê-lo?

O cavaleiro abre o livro, atrapalhando-se com o pequeno fecho.

— Ah — diz ele. — Uma oração em latim. Ou é um verso da Bíblia?

— Posso? — Ele o pega de volta. — Este é o Livro dos Provérbios. “Mulher virtuosa, quem a achará? Seu valor muito excede ao dos rubis.” — Evidentemente não excede, ele pensa: três presentes, três esposas e só uma conta no joalheiro. Ele diz a Jane, sorrindo: — Conhece esta mulher que é mencionada aqui? Sua roupa é de seda e púrpura, diz o autor. Eu poderia lhe dizer muito mais sobre ela, de versículos que esta página não contém.

Edward Seymour comenta:

— Você deveria ter sido bispo, Cromwell.

— Edward — responde ele —, eu deveria ter sido papa.

Ele pede licença para se retirar, enquanto Carew dobra um dedo preempatório. Oh, Senhor Jesus, murmura ele para si mesmo, agora estou encrencado por não ter sido humilde o suficiente. Carew o arrasta de lado. Mas não é para repreendê-lo.

— A princesa Maria — murmura Carew — tem muitas esperanças de ser chamada para junto de seu pai. Que melhor remédio e conforto em um momento como este, para o rei, do que ter a filha de seu verdadeiro casamento em sua casa?

— Maria ficará melhor onde está. Os assuntos discutidos aqui, no conselho e na rua, não são para os ouvidos de uma menina.

Carew fecha o cenho.

— Talvez você tenha certa razão. Mas ela aguarda mensagens do rei. Presentes.

Presentes, ele pensa; isso pode ser providenciado.

— Há damas e cavalheiros na corte — prossegue Carew — que desejam subir ao norte para prestar seus respeitos, e, se a princesa não puder ser conduzida para cá, certamente os termos de seu confinamento devem ser amenizados, não? Duvido muito que seja apropriado que haja mulheres Bolena em torno dela agora. Talvez sua ex-governanta, a condessa de Salisbury...

Margaret Pole? Aquele encarquilhado machado de batalha papista? Mas este não é o momento para apresentar verdades difíceis a Sir Nicholas; isso pode esperar.

— O rei vai deliberar — proclama ele confortavelmente. — É um assunto íntimo de família. Ele saberá o que é melhor para sua filha.

À noite, quando as velas estão acesas, Henrique derrama lágrimas fáceis por Maria. Mas à luz do dia ele a vê como ela é: desobediente, obstinada, ainda inflexível. Quando tudo isso estiver arrumado, diz o rei, voltarei minha atenção a meus deveres como pai. Fico triste porque Lady Maria e eu nos afastamos. Depois de Ana, a reconciliação será possível. Mas, acrescenta ele, haverá certas condições. As quais, anote minhas palavras, minha filha Maria terá que aceitar.

— Só mais uma coisa — diz Carew. — Você precisa incluir Wyatt nisto.

Em vez disso, ele manda buscarem Francis Bryan. Francis entra sorrindo: julga ser o homem intocável. Seu tapa-olho é decorado com uma pequena esmeralda cintilante, o que provoca um efeito sinistro: um olho verde e o outro...

Ele observa o outro olho. Diz:

— Sir Francis, de que cor são seus olhos? Quero dizer, seu olho?

— É vermelho, geralmente — responde Bryan. — Mas eu tento não beber durante a Quaresma. Ou o Advento. Ou às sextas-feiras. — Ele soa lúgubre. — Por que estou aqui? Você sabe que estou do seu lado, não sabe?

— Só o convidei para jantar.

— Você convidou Mark Smeaton para jantar. E veja onde ele está agora.

— Não sou eu quem duvida do senhor — explica ele, com um pesado suspiro

digno de um bom ator. (Como ele adora Sir Francis...) — Não sou eu, mas o mundo em geral, que pergunta onde está sua lealdade. O senhor é, naturalmente, parente da rainha.

— Também sou parente de Jane. — Bryan ainda está à vontade, e o demonstra recostando-se na cadeira, os pés esticados sob a mesa. — Eu realmente não achei que precisaria ser interrogado.

— Estou falando com todos que são próximos da família da rainha. E o senhor certamente é próximo, esteve com eles desde o início; o senhor não foi a Roma, a fim de conseguir o divórcio do rei, de pressionar em nome da causa Bolena entre os melhores deles? Mas o que tem a temer? O senhor é um antigo cortesão, sabe de tudo. Se usado sabiamente, e compartilhado sabiamente, o conhecimento pode servir-lhe de proteção.

Ele espera. Bryan se apurou na cadeira.

— E o senhor quer agradar o rei — prossegue ele. — Tudo que peço é a certeza, se o senhor for convocado, de que confirmará tudo que eu solicitar.

Ele poderia jurar que Francis transpira vinho gascão, vazando de seus poros aquela substância bolorenta e rascante que ele vem comprando barato e vendido caro às próprias adegas do rei.

— Ouça, Crumb — diz Bryan. — O que eu sei é que Norris sempre se imaginava copulando com ela.

— E o irmão, o que imaginava?

Bryan dá de ombros.

— Ela foi enviada à França e os dois só se conheceram quando adultos. Já vi essas coisas acontecerem, você não?

— Não, não posso dizer que já tenha visto. Nunca apelávamos para o incesto, em minha terra; Deus sabe que tínhamos uma boa gama de crimes e pecados, mas havia áreas que a nossa fantasia não alcançava.

— Você viu isso na Itália, posso apostar. Só que às vezes as pessoas veem e não se atrevem a mencionar.

— Eu ousou mencionar qualquer coisa — replica ele calmamente. — Como o senhor verá. Minha imaginação pode estar um pouco atrasada quanto às revelações de cada dia, mas tenho me esforçado muito para me atualizar.

— Agora que ela não é rainha... — diz Bryan — porque ela não é mais, é?... agora posso chamá-la do que ela é, uma cadela no cio, e onde teria melhor

oportunidade que com a própria família?

— Então, segundo esse raciocínio, o senhor acha que ela chega a esse ponto com tio Norfolk? Poderia até ser com o senhor, Sir Francis, já que ela tem gosto por parentes. O senhor é um homem galante.

— Oh, Cristo — exclama Bryan. — Cromwell, você não faria isso.

— São apenas suposições. Mas, já que estamos juntos nessa questão, ou ao menos parecemos estar, o senhor poderia me fazer um favor? Ir até Great Hallingbury e preparar meu amigo lorde Morley para o que está por vir. Não é o tipo de notícia que se pode transmitir por carta, não quando esse amigo já é um senhor de idade.

— Você acha que é melhor face a face? — Uma risada incrédula. — “Meu senhor, devo dizer que venho em pessoa para poupá-lo de um choque: sua filha Jane em breve será viúva, porque o marido será decapitado por incesto.”

— Não, deixemos a questão do incesto para os padres. É por traição que ele morrerá. E não sabemos se o rei escolherá a decapitação.

— Não creio que eu consiga fazer isso.

— Mas eu creio. Tenho muita fé no senhor. Pense nisso como uma missão diplomática. O senhor já cumpriu missões dessa ordem. Não sei como, mas cumpriu.

— Sóbrio — responde Francis Bryan. — Mas precisarei de uma bebida para esta. E sabe, eu tenho pavor de lorde Morley. Ele vive puxando algum antigo manuscrito de algum lugar e dizendo, “Olhe aqui, Francis!”, e dando gargalhadas das piadas escritas. E você conhece o meu latim, é de deixar qualquer garoto bem-educado com vergonha.

— Não me venha com histórias. Sele seu cavalo. Mas, antes de partir para Essex, faça-me ainda um outro favor. Vá ver seu amigo Nicholas Carew. Diga-lhe que estou de acordo com suas demandas e que falarei com Wyatt. Mas avise a ele, diga-lhe para não me pressionar, porque eu não serei pressionado. Lembre Carew de que pode haver mais prisões, ainda não sou capaz de dizer de quem. Ou melhor, se sou capaz, não estou disposto. Entenda, e faça com que seus amigos entendam, que preciso ter a mão livre para manobrar. Não sou o criado de mesa deles.

— Estou liberado?

— Livre como o vento — responde ele, suavemente. — Mas e quanto ao

jantar?

— Pode ficar com o meu prato — responde Francis.

Embora a câmara do rei esteja escura, Henrique diz:

— Precisamos olhar dentro do espelho da verdade. Acho que tenho culpa por não admitir aquilo de que suspeitava.

Henrique olha para Cranmer como se dissesse, é sua vez agora: eu admito minha culpa, então me dê absolvição. O arcebispo parece perturbado; ele não sabe o que Henrique dirá em seguida, ou se pode confiar em si mesmo para responder. Cambridge jamais o treinou para uma noite como esta.

— O senhor não foi negligente — diz ele ao rei, e dirige um olhar interrogativo, como uma agulha comprida, para ele, Cromwell. — Nesses assuntos, certamente a acusação não deve vir antes da prova.

— O senhor deve ter em mente — diz ele a Cranmer, pois ele está brando e fácil e cheio de frases — deve ter em mente que não só eu, mas todo o conselho investigou os senhores que agora são acusados. E o conselho o convocou, apresentou-lhe o assunto e o senhor não fez objeção. Como o senhor mesmo disse, não teríamos ido tão longe no assunto sem graves considerações.

— Quando olho para trás — proclama Henrique —, tantas peças passam a se encaixar... Fui enganado e traído. Tantos amigos perdidos, amigos e bons criados, perdidos, alienados, exilados da corte. E pior... eu penso em Wolsey. A mulher a quem chamei de esposa tramou contra ele com toda a sua engenhosidade, com todas as armas da astúcia e do rancor.

Qual esposa seria esta? Tanto Catarina quanto Ana agiram contra o cardeal.

— Não sei por que fui tão desafiado — prossegue Henrique. — Mas Agostinho não chamou o casamento de “vestuário mortal e servil”?

— Crisóstomo — murmura Cranmer.

— Não vamos nos ater a isto — diz ele, Cromwell, apressadamente. — Se este casamento for dissolvido, Majestade, o Parlamento pedirá que se case novamente.

— Creio que sim. Como pode um homem cumprir seu dever, para com seu reino e para com Deus? Nós pecamos até no próprio ato da geração. Precisamos ter filhos, os reis especialmente, e ainda assim somos advertidos contra a luxúria mesmo no casamento, e algumas autoridades dizem, não dizem?, que amar sua esposa imoderadamente é uma espécie de adultério.

— Jerônimo — sussurra Cranmer: como se estivesse prestes a renegar o santo. — Mas há muitos outros ensinamentos que são mais confortadores, e que louvam o estado matrimonial.

— Rosas tiradas dos espinhos — diz ele. — A Igreja não oferece muito conforto ao homem casado, embora Paulo diga que devemos amar nossas esposas. É difícil, Majestade, não pensar que o casamento é inerentemente pecaminoso, já que os celibatários passaram muitos séculos dizendo que são melhores que nós. Mas não são melhores. A repetição de falsos ensinamentos não os torna verdadeiros. Concorde, Cranmer?

Por favor me mate agora, diz o rosto do arcebispo. Contra todas as leis do rei e da Igreja, Cranmer é um homem casado; casou-se na Alemanha, quando estava entre os reformistas; ele sustenta *Frau Grete* em segredo, mantendo-a escondida em suas casas de campo. Será que Henrique sabe? Deve saber. Henrique comentará? Não, porque está mais preocupado com a própria aflição.

— Agora não consigo compreender por que a desejei um dia — diz o rei. — É por isso que acho que ela me enfeitiçou com amuletos e encantamentos. Ela diz que me ama. Catarina alegava que me amava. Dizem que amam, mas pensam o contrário. Acredito que Ana tentou minar-me em cada oportunidade. Ela sempre foi antinatural. Vejam como ela sempre espezinhou seu tio, lorde Norfolk. Vejam como desprezava o pai. Ela se atrevia a censurar minha conduta e me assoberbava com conselhos relativos a questões que estavam muito além de sua compreensão, além de me atirar palavras que nenhum homem pobre ouviria de bom grado da esposa.

Cranmer diz:

— Ela era ousada, é verdade. E sabia que era um defeito, por isso tentava refrear-se.

— Agora ela será refreada, por Deus. — O tom de Henrique é feroz; mas no momento seguinte ele já o modula, adquirindo os acentos lamentosos de vítima. Ele abre sua caixa de escrita de noqueira. — Estão vendo este pequeno livro? — Não é realmente um livro, ou ao menos ainda não, apenas uma coleção de folhas soltas, unidas por um laço; não há página de título, só uma folha enegrecida pela própria caligrafia trabalhada de Henrique. — É um livro em construção. Eu o escrevi. É uma peça. Uma tragédia. Minha própria história. — E o estende.

Ele responde.

— Guarde-o, senhor, até que tenhamos mais tempo livre para fazer-lhe justiça em sua leitura.

— Mas você deve conhecer — insiste o rei. — A natureza dela. Quão mal se comportou para comigo, quando eu lhe dei tudo. Todos os homens devem saber e ser advertidos do que são as mulheres. Elas têm apetites ilimitados. Acredito que ela tenha cometido adultério com uma centena de homens.

Henrique parece, por um momento, uma criatura sendo caçada: cercado pelos desejos das mulheres, que o arrastam e o fazem em pedaços.

— Mas o irmão? — pergunta Cranmer. Ele se vira. Não quer olhar para o rei. — Será isso provável?

— Duvido que ela seria capaz de resistir a ele — responde Henrique. — Por que poupar? Por que não beber do cálice até a última das imundas gotas? E, enquanto se fartava em seus próprios desejos, ela matava os meus. Quando eu me aproximava dela, apenas para cumprir meu dever, ela me atirava um olhar que assustaria qualquer homem. Agora sei por que fazia isso. Queria estar fresca para seus amantes.

O rei se senta. Ele começa a falar, a divagar. Ana o conduziu pela mão, nestes mais de dez anos. Levou-o para a floresta, e, na extremidade do arvoredo, onde a vasta luz do dia se fragmenta e se filtra pelo verde, ele abandonou seu bom senso, sua inocência. Ela o exauria o dia inteiro, até que ele estivesse trêmulo e exausto, mas ele não podia parar nem para recuperar o fôlego, não podia retornar, havia perdido o caminho de volta. O dia inteiro ele a seguia, até a luz se esvaír, e então ele a seguia sob a luz de tochas; até que por fim ela se virou contra ele, apagou as tochas e o deixou sozinho no escuro.

A porta se abre suavemente: ele ergue os olhos, e é Rafe; em outros tempos teria sido Weston, talvez.

— Majestade, o duque de Richmond está aqui para dar-lhe boa-noite. Ele pode entrar?

Henrique se detém.

— Fitzroy. Claro.

O bastardo de Henrique é agora um príncipezinho de 16 anos, embora sua pele fina e seu olhar franco façam com que ele pareça mais jovem. Ele tem o cabelo de um dourado rubro, típico da linhagem do rei Eduardo IV; tem um quê do príncipe Artur também, o falecido irmão mais velho de Henrique. Ele é

hesitante ao encarar o touro que é seu pai, aproximando-se com cautela caso seja indesejado. Mas Henrique se ergue e abraça o menino, o rosto molhado de lágrimas.

— Meu pequeno filho — diz ele ao rapaz que em breve chegará a 1,80 m. — Meu único filho. — O rei agora está chorando tanto que tem que enxugar o rosto na manga. — Ela teria envenenado você — geme ele. — Graças a Deus, pela astúcia do secretário-mor, a trama foi descoberta a tempo.

— Obrigado, senhor secretário — diz formalmente o menino. — Por desvendar a trama.

— Ela teria envenenado você e sua irmã Maria, a ambos, e faria daquela pequena pústula que gerou, Elizabeth, a herdeira da Inglaterra. Ou meu trono teria passado para o que quer que ela parisse em seguida, Deus me livre, se a criança sobrevivesse. Mas duvido que um filho dela conseguisse viver. Ela era perversa demais. Deus a abandonou. Ore por seu pai, ore para que Deus não me abandone. Eu pequei, devo ter pecado. O casamento era ilícito.

— O quê? Este era? — indaga o menino. — Este também?

— Ilícito e amaldiçoado. — Henrique balança o menino para a frente e para trás, agarrando-o ferozmente, os punhos cerrados às costas dele: da forma que, talvez, uma ursa aperta seus filhotes. — O casamento estava fora da lei de Deus. Nada poderia legitimá-lo. Nenhuma das duas foi minha esposa, nem esta nem a outra, que graças a Deus está no túmulo agora e assim não tenho que ouvi-la fungando e orando e pedindo e se intrometendo em meus assuntos. Não me diga que houve dispensas, eu não quero ouvir, nenhum papa pode dispensar da lei dos céus. Como ela pôde até mesmo se aproximar de mim, Ana Bolena? Por que cheguei a olhar para ela um dia? Por que ela cegou meus olhos? Há tantas mulheres no mundo, tantas mulheres viçosas e jovens e virtuosas, tantas mulheres boas e gentis. Por que fui amaldiçoado com mulheres que destroem os filhos no próprio ventre?

Ele solta o menino, tão bruscamente que ele cambaleia.

Henrique funga.

— Vá agora, filho. Para sua cama sem culpa. E você, secretário-mor, para a sua... volte para sua gente. — O rei enxuga o rosto com um lenço. — Estou cansado demais para me confessar esta noite, lorde arcebispo. Pode ir para casa também. Mas o senhor voltará e me absolverá.

Parece uma ideia confortadora. Cranmer hesita: mas ele não é homem de pressionar para saber segredos. Quando saem da câmara, Henrique pega seu pequeno livro; absorto, ele vira as páginas e se acomoda para ler a própria história.

Fora da câmara do rei, ele dá sinal aos cavalheiros que estão à espera:

— Entrem e vejam se ele deseja alguma coisa.

Lentos, relutantes, os criados íntimos se aproximam de Henrique em seu covil: sem a certeza de serem bem-vindos, sem certeza de nada. Passatempo em boa companhia: mas onde está a companhia agora? Encolhendo-se contra a parede.

Ele se despede de Cranmer, abraçando-o, sussurrando:

— Tudo acabará bem.

O jovem Richmond toca seu braço:

— Secretário, há algo que eu preciso lhe dizer.

Ele está cansado. Ao alvorecer, já estava acordado, escrevendo cartas para diversas partes da Europa.

— É urgente, meu amo?

— Não. Mas é importante.

Imagine ter um amo que sabe a diferença.

— Vá em frente, meu amo, sou todo ouvidos.

— Quero lhe dizer que estive com uma mulher.

— Espero que ela tenha sido tudo que Vossa Alteza desejou.

O garoto ri, incerto.

— Na verdade, não. Era uma prostituta. Meu irmão Surrey providenciou para mim. — O filho de Norfolk, ele quer dizer. À luz de um candeeiro, o rosto do menino tremeluz, do ouro ao negro a fitas douradas novamente, como se mergulhado em sombras. — Mas, sendo assim, sou agora um homem, e acho que Norfolk deveria deixar-me viver com minha esposa.

Richmond já está casado, com a filha de Norfolk, a pequena Mary Howard. Por razões de interesse próprio, Norfolk manteve os jovens separados; se Ana desse um filho a Henrique em casamento, o menino bastardo seria inútil para o rei, e neste caso, nos cálculos de Norfolk, se a filha ainda fosse virgem ele talvez pudesse melhor utilizá-la, casando-a novamente.

Mas tudo isso é desnecessário agora.

— Falarei com o duque em seu nome — diz ele. — Acho que ele agora estará disposto a cumprir os desejos de Vossa Alteza.

Richmond cora: prazer, vergonha? O menino não é bobo e conhece sua situação, que em poucos dias melhorou além de qualquer medida. Ele, Cromwell, pode ouvir a voz de Norfolk, clara como se ele estivesse discursando no conselho do rei: a filha de Catarina já foi tornada bastarda, a filha de Ana a seguirá, portanto todos os três filhos de Henrique são ilegítimos. Se assim é, por que não dar preferência ao varão à frente das fêmeas?

— Secretário — diz o menino —, os criados de minha casa estão dizendo que Elizabeth não é sequer filha da rainha. Dizem que ela foi introduzida às escondidas no quarto de Ana em uma cesta, e o filho morto da rainha, levado para fora.

— Por que ela faria isso?

Ele sempre tem curiosidade de ouvir o raciocínio dos criados domésticos.

— Porque, para ser rainha, ela fez um pacto com o diabo. Mas o diabo sempre engana as pessoas. Ele lhe permitiu ser rainha, mas não permitiria que ela desse à luz um filho vivo.

— Mas seria de se imaginar que o diabo aguçasse a inteligência dela. Se era para trazer um bebê em um cesto, certamente que ela teria escolhido um menino, não?

Richmond força um sorriso infeliz.

— Talvez ela tenha pegado o único bebê que conseguiu. Afinal, as pessoas não largam bebês pela rua.

Na verdade largam sim. Ele está trabalhando em um projeto de lei para o novo Parlamento que auxiliaria os meninos órfãos de Londres. Sua ideia é, cuidemos dos meninos órfãos, e eles cuidarão das meninas.

— Às vezes — diz o rapaz — eu penso no cardeal. O senhor pensa nele? — Richmond senta-se em um baú; e ele, Cromwell, se senta com ele. — Quando eu era criança, bem pequeno, e também bem tolo, como são as crianças, eu pensava que o cardeal fosse meu pai.

— O cardeal era seu padrinho.

— Sim, mas eu pensava... Porque ele era muito carinhoso comigo. Ele me visitava e me pegava no colo, e, embora me desse grandes presentes chapeados em ouro, ele também me deu uma bola de seda e um boneco, de que os meninos

gostam, o senhor sabe... — sua cabeça pende para o lado — ... quando são pequenos, e estou falando de quando eu ainda vivia de camisolas. Eu sabia que havia algum segredo a meu respeito e pensava que fosse isso: que eu era filho de um padre. Quando o rei veio, ele era um estranho para mim. Ele me presenteou com uma espada.

— E meu amo adivinhou então que ele era seu pai?

— Não — diz o menino. Ele abre as mãos, para mostrar sua natureza indefesa, a natureza que ele tinha quando era uma criança pequena. — Não. Foi preciso que me explicassem. Não conte a ele, por favor. Ele não entenderia.

De todos os choques que o rei recebeu, este poderia ser o maior, saber que seu filho não o reconhecia.

— Ele tem muitos outros filhos? — pergunta Richmond. Ele fala, agora, com a autoridade de um homem do mundo. — Imagino que tenha.

— Até onde sei, ele não tem nenhum filho que poderia prejudicar seu direito. Diziam que o filho de Maria Bolena era dele, mas ela era casada na época, e o menino recebeu o nome do marido dela.

— Mas creio que ele se casará com a Srta. Seymour agora, quando este casamento for... — o menino tropeça nas palavras — ... quando acontecer o que quer que está para acontecer. E ela terá um filho, talvez, porque os Seymour são uma raça fértil.

— Se isso ocorrer — diz ele suavemente —, Vossa Alteza deve estar preparado, deve ser o primeiro a felicitar o rei. E deve estar preparado para colocar-se a serviço deste pequeno príncipe por toda a vida. Mas, tratando de um assunto mais imediato, se me permite aconselhá-lo... caso sua vida com sua esposa seja novamente adiada, o melhor é encontrar uma jovem bondosa e limpa e fazer um acordo com ela. Depois, quando se separar dela, pague-lhe alguma pequena pensão para que ela não fale do senhor.

— É isso o que o senhor faz, secretário?

A pergunta é ingênua, mas por um momento ele se pergunta se o menino não o estará espionando para alguém.

— É melhor não discutirmos isso entre cavalheiros — responde ele. — E emule seu pai, o rei, que, ao falar de mulheres, nunca é grosseiro. — Violento talvez, pensa ele: mas nunca grosseiro. — Seja prudente e não se relacione com prostitutas. Para não pegar uma doença, como aconteceu ao rei francês. E, se

sua jovem esposa lhe der um filho, cuide de sua guarda e criação, e saberá que não é de outro homem.

— Mas não se pode ter certeza... — Richmond se interrompe. As realidades do mundo estão desabando rápido sobre o jovem. — Se o rei pode ser enganado, certamente qualquer homem pode ser enganado. Se mulheres casadas são desleais, qualquer cavalheiro poderia estar criando o filho de outro homem.

Ele sorri.

— Mas outros cavalheiros estariam criando o seu.

Ele deseja começar, quando houver tempo para elaborar o projeto, alguma forma de registro, de documentação para se ter um controle dos batismos, de modo que ele possa contar quantos são os súditos do rei e saber quem são; ou pelo menos saber quem as mães dizem que são: nome de família e paternidade são duas coisas diferentes, mas é preciso começar de algum ponto. Ele examina os rostos dos londrinos enquanto cavalga pela cidade e pensa nas ruas de outras cidades onde viveu ou por que passou, e imagina. Eu poderia ter mais filhos, pensa. Ele tem sido contido em sua conduta de vida até onde é razoável que um homem seja, mas o cardeal costumava inventar escândalos sobre ele e suas muitas concubinas. Sempre que algum jovem criminoso era arrastado para a forca, o cardeal dizia:

— Veja, Thomas, esse deve ser um dos seus.

O garoto boceja.

— Estou tão cansado — diz ele. — E nem fui caçar hoje. Então não sei por que estou assim.

Os criados de Richmond mantêm-se por perto: com o emblema de um leão rampante em perfil, a farda azul e amarela perdendo a cor à medida que a luz se esvai. Como amas-secas resgatando uma criança de uma poça de lama, eles querem arrastar o jovem duque para longe do que quer que seja que ele está tramando. Há um clima de medo, e foi ele quem o criou. Ninguém sabe por quanto tempo as prisões continuarão e quem mais será levado. Ele sente que nem ele próprio sabe, e é ele quem está no comando de tudo. George Bolena está sob custódia na Torre. Weston e Brereton foram autorizados a passar uma última noite no mundo, uma graça de algumas horas para organizarem seus assuntos pessoais; amanhã, a esta hora, a chave já terá sido girada em suas celas: eles poderiam fugir, mas para onde? Nenhum dos homens, à exceção de Mark, foi

devidamente interrogado: isto é, interrogado por ele. Mas a disputa pelos espólios já começou. Não fazia nem um dia que Norris estava preso e a primeira carta já chegava, buscando uma parcela de seus cargos e privilégios, de um homem que alegava ter 14 filhos. Catorze bocas famintas: para não mencionar as necessidades do próprio homem, e os dentes vorazes da senhora sua esposa.

No dia seguinte, cedo, ele diz a William Fitzwilliam:

— Vamos comigo à Torre para falar com Norris.

Fitz diz:

— Não, vá sozinho. Não posso fazê-lo uma segunda vez. Faz toda uma vida que conheço Norris. Já quase não sobrevivi à primeira vez.

O Gentil Norris: principal puxa-saco do rei, rasgador de seda, a aranha das aranhas nesta teia, o centro negro da vasta e pegajosa rede de patronagem da corte: que homem esbelto e amável ele é, já passou dos 40 mas fez-se vestir com leveza pela idade. Norris é um homem sempre no contrapeso, uma ilustração viva da arte da *sprezzatura*. Ninguém jamais o viu irritado. Ele tem o ar de um homem que, mais do que propriamente alcançou o sucesso, resignou-se a ele. É igualmente cortês tanto com uma criada da estrebria quanto com um duque; ao menos quando diante de uma plateia. Um mestre do terreiro das justas, ele quebra uma lança com um ar de quem pede desculpas, e, quando conta as moedas do reino, lava as mãos depois, em água de nascente perfumada com pétalas de rosas.

No entanto, Harry ficou rico, uma vez que aqueles em torno do rei não podem evitar ficar ricos, por mais modestamente que vivam; quando Harry arrebatava de você alguma gratificação, é como se ele, seu obediente criado, varresse da sua visão algo desagradável. E, quando ele se oferece para algum cargo lucrativo, é como se o fizesse por um senso de dever, para poupar homens mais sensíveis do esforço.

Mas veja o Gentil Norris agora! Como é triste ver um homem forte chorar. Ele diz isso ao se sentar, e indaga sobre o tratamento recebido, se Norris está recebendo a comida de sua preferência e se tem dormido bem. Seus modos são benignos e tranquilos.

— No Natal passado, mestre Norris, você personificou um mouro, e William Brereton apareceu seminu sob o disfarce de um caçador ou um homem selvagem da floresta, indo em direção à câmara da rainha.

— Pelo amor de Deus, Cromwell. — Norris funga. — Isso só pode ser brincadeira. Você está me perguntando com toda a seriedade sobre o que fizemos quando estávamos fantasiados para um baile?

— Eu o aconselhei, a William Brereton, a não expor sua figura. Você replicou dizendo que a rainha já tinha visto aquilo muitas vezes.

Norris enrubesce: como enrubesceu na data em questão.

— É de propósito que você me interpreta mal. Você sabe que eu quis dizer que ela é uma mulher casada e, portanto, o... o equipamento de um homem não é visão estranha para ela.

— Você sabe o que quis dizer. Eu só sei o que você disse. Você tem que admitir que uma observação dessa não chegaria aos ouvidos do rei com uma carga inocente. Na mesma ocasião, quando estávamos de pé conversando, vimos Francis Weston, fantasiado. E você comentou que ele estava indo até a rainha.

— Pelo menos ele não estava nu — retruca Norris. — Em uma fantasia de dragão, não era?

— Ele não estava nu quando o vimos, concordo. Mas o que você disse em seguida? Você me falou da atração da rainha por ele. Você estava com ciúmes, Harry. E não negou. Diga-me o que sabe contra Weston. Será mais fácil para você depois.

Norris se recompôs e agora assoa o nariz.

— Tudo o que está alegando são algumas palavras soltas e passíveis de muitas interpretações. Se está procurando provas de adultério, Cromwell, terá que fazer melhor do que isso.

— Ah, não sei não. Pela natureza do ato, raramente há testemunhas. Mas nós levamos em consideração circunstâncias e oportunidades e desejos expressos, levamos em consideração altas probabilidades, e consideramos confissões.

— Você não terá nenhuma confissão de mim, nem de Brereton.

— Será?

— Você não impingirá tortura a nobres, o rei não permitiria.

— Não é preciso que haja procedimentos formais. — Ele se põe de pé, espalma a mão na mesa. — Eu poderia enfiar os polegares em seus olhos, e você cantaria “Verde Cresce o Azevinho” se eu mandasse. — Ele se senta, retoma o tom leve de antes. — Ponha-se em meu lugar. De qualquer maneira dirão que eu o torturei. Dirão que torturei Mark, já estão espalhando boatos desse tipo. Embora nem o mais fino fio de cabelo dele tenha sido tocado, eu juro. Tenho a confissão livre de Mark. Ele me deu nomes. Alguns me surpreenderam. Mas contive minha surpresa.

— Mentira sua. — Norris desvia os olhos. — Você está tentando nos induzir à traição, um contra o outro.

— O rei sabe o que pensar. Ele não pede testemunhas oculares. Ele conhece a sua traição e a da rainha.

— Pergunte a si mesmo — diz Norris — quão provável é que eu tenha abandonado minha honra de tal maneira, a ponto de trair o rei, que foi tão bom

para mim, e de colocar em perigo tão terrível uma dama que reverencio? Minha família serve ao rei da Inglaterra desde tempos imemoráveis. Meu bisavô serviu ao rei Henrique VI, aquele santo homem, que Deus o tenha. Meu avô serviu ao rei Eduardo, e teria servido ao filho se ele tivesse vivido para reinar, e, depois que ele foi expulso do reino pelo escorpião Ricardo Plantageneta, serviu a Henrique Tudor no exílio, e ainda servia quando ele foi coroado. Estive junto de Henrique desde que era um menino. Eu o amo como a um irmão. Você tem irmãos, Cromwell?

— Nenhum vivo.

Ele encara Norris, exasperado. Harry parece pensar que com eloquência, com sinceridade, com franqueza pode modificar o que está acontecendo. Toda a corte o viu babando pela rainha. Como ele espera esbaldar-se de compras com seus olhos, indubitavelmente apalpar as mercadorias e no fim de tudo não receber a conta para pagar?

Ele se levanta, se afasta, dá meia-volta, balança a cabeça: suspira.

— Ah, pelo amor de Deus, Harry Norris. Terei que desenhar para você? O rei precisa se livrar dela. Ela não pode lhe dar um filho e ele não a ama mais. Ele ama outra dama, e não pode tê-la a menos que Ana seja removida do caminho. Pronto, agora está simples o bastante para seus gostos simples? Ana não vai se retirar tranquilamente, ela me avisou quanto a isso certa vez, ela disse, se Henrique algum dia me rejeitar, haverá guerra. Então, se ela não vai embora por conta própria, terá que ser empurrada de lá, e eu terei que empurrá-la, quem mais? Reconheceu a situação? Que tal voltarmos no tempo? Em um caso semelhante, meu antigo mestre Wolsey não pôde satisfazer o rei, e o que aconteceu depois? Ele foi derrubado e levado à morte. Bom, eu quero aprender a partir do que sucedeu a ele, e quero que o rei seja satisfeito em todos os aspectos. Ele agora é um corno infeliz, mas esquecerá isso quando estiver noivo outra vez, o que não vai demorar muito.

— Suponho que os Seymour já tenham o banquete de casamento pronto.

Ele sorri.

— E Tom Seymour já está encaracolando o cabelo. E, no dia do casamento, o rei estará feliz, eu estarei feliz, toda a Inglaterra estará feliz, exceto Norris, pois temo que ele estará morto. Não vejo outra saída, a menos que você confesse e se atire aos pés do rei implorando misericórdia. Ele prometeu misericórdia. E ele

cumpra suas promessas. Quase sempre.

— Eu cavaleguei com ele na volta de Greenwich — diz Norris —, após o torneio, toda aquela longa cavalgada. A cada passo do cavalo ele me interrogava, o que você fez, confesse. Vou lhe contar o que disse a ele, que sou um homem inocente. E o que é pior — e agora Norris está perdendo a compostura, está irado —, o que é pior é que você e ele, ambos, sabem disso. Diga-me, por que eu? Por que não Wyatt? Todos desconfiam da relação dele com Ana, e ele já negou diretamente algum dia? Wyatt a conheceu antes. Ele a conheceu em Kent. Os dois se conhecem desde a mais remota juventude dela.

— E o que tem isso? Ele a conheceu quando ela era uma simples dama de companhia. E se ele de fato se envolveu com ela? Pode ser vergonhoso, mas não é traição. Não é como se envolver com a esposa do rei, com a rainha da Inglaterra.

— Eu não me envergonho de nenhuma ligação que tive com Ana.

— Você se envergonha de seus pensamentos libidinosos a respeito dela, talvez? Foi o que disse a Fitzwilliam.

— Eu disse? — replica Norris friamente. — Foi isso que Fitz entendeu do que eu disse a ele? Que eu me envergonho? E se for o caso, Cromwell, mesmo que eu me envergonhe... você não pode transformar meus pensamentos em crime.

Ele abre as mãos.

— Se pensamentos são intenções, e se intenções são malignas... se você não a teve de forma ilegal, e você diz que não, por caso pretendia tê-la legalmente, após a morte do rei? Já faz quase seis anos que sua esposa morreu, por que não se casou de novo?

— Por que você não casou?

Ele assente.

— Boa pergunta. Também me pergunto isso. Mas não me prometi a uma jovem para depois quebrar minha promessa, como você fez. Mary Shelton perdeu sua honra para você...

Norris ri.

— Para mim? Para o rei, isso sim.

— Mas o rei não estava em posição de se casar com ela, e você estava, e ela tinha sua palavra, e ainda assim você remanchava. Pensou que o rei fosse morrer, e assim você poderia se casar com Ana? Ou esperava que ela

desonrasse seus votos de casamento com o rei ainda em vida, e que se tornasse sua concubina? Ou um ou outro.

— Se eu responder nenhum dos dois, você me condenará. Você me condenará se eu não disser absolutamente nada, tomando meu silêncio por confirmação.

— Francis Weston pensa que você é culpado.

— Que Francis pensa alguma coisa é novidade para mim. Por que ele diria...?

— Ele não termina a frase. — Mas como, ele está aqui? Na Torre?

— Está sob custódia.

Norris balança a cabeça.

— Ele é um menino. Como você tem coragem de fazer isso com a família dele? Admito que ele é um menino inconsequente, teimoso, todos sabem que não é um favorito meu, que eu e ele já nos estranhamos...

— Ah, rivais no amor. — Ele leva a mão ao coração.

— De maneira alguma.

Ah, Harry está irritado agora: ele enrubescceu fortemente, está tremendo de raiva e medo.

— E o que acha do irmão dela, George? Talvez tenha sido uma surpresa encontrar rivalidade por aqueles lados. Quer dizer, espero que você tenha ficado surpreso. Ainda que a moral dos senhores nobres me assombre.

— Essa sua armadilha não funcionará comigo. Qualquer homem que você cite, eu não direi nada contra ele e nada a favor. Não tenho opinião sobre George Bolena.

— Como, não tem opinião sobre o incesto? Se encara o assunto tão tranquilamente e sem objeções, sou forçado a especular que talvez haja verdade nisso.

— E, se eu dissesse, acho que deve haver culpa nesse caso, você diria: “Meu Deus, Norris! Incesto! Como pode acreditar em tal abominação? É uma manobra para desviar minha atenção da sua própria culpa?”

Ele fita Norris com admiração.

— Vê-se bem que você me conhece há vinte anos, Harry.

— Ah, eu estudei você — responde Norris. — Assim como antes estudei seu mestre Wolsey.

— Era a política dentro de você. Um homem que muito serviu ao Estado.

— E muito traiu no final.

— Devo puxar por sua memória. Não peço que se lembre dos muitos favores que recebeu do cardeal. Só lhe peço que recorde um entretenimento, certo interlúdio encenado na corte. Era uma peça em que o falecido cardeal era atacado por demônios e arrastado para o inferno.

Ele vê os olhos de Norris se movendo, à medida que a cena surge diante dele: a luz do fogo, o calor, os espectadores bradando. Ele próprio e Bolena segurando as mãos da vítima, Brereton e Weston o pegando pelos pés. Os quatro sacudindo, derrubando e chutando a figura escarlate. Quatro homens que, em nome de uma brincadeira, transformaram o cardeal em uma besta; que lhe arrancaram a inteligência, a bondade e a graça, e fizeram dele um animal, um animal que uivava e rastejava nas tábuas e arranhava com as patas.

Não era o cardeal de verdade, claro. Era o bufão Sexton, em um manto escarlate. Mas o público uivava como se fosse real, gritava e brandia os punhos, praguejava e tripudiava. Por trás de uma tela, os quatro demônios tiraram suas máscaras e seus coletes peludos, xingando e rindo. Viram Thomas Cromwell recostado contra os painéis, em silêncio, envolto em uma túnica preta de luto.

Agora, Norris está boquiaberto diante dele:

— E é por isso? Era uma peça. Um entretenimento, como você mesmo disse. O cardeal estava morto, não poderia saber. E, enquanto ele esteve vivo, não fui bom para ele em sua tribulação? Quando ele foi exilado da corte, não cavalguei atrás dele, e não o procurei em Putney Heath com um presente da própria mão do rei?

Ele concorda.

— Admito que outros se comportaram pior. Mas veja bem, nenhum de vocês se comportou como um cristão. Não: vocês se comportaram como selvagens, caindo com avidez sobre as propriedades e posses do cardeal.

Ele vê que não precisa continuar. A indignação no rosto de Norris é substituída por um olhar de puro terror. Pelo menos, pensa ele, o sujeito tem perspicácia suficiente para enxergar do que se trata isto: não uma rixa de um ano ou dois, mas um pesado trecho do livro da dor, guardado desde a queda do cardeal. Ele diz:

— A vida presta contas, Norris. Não acha? Mas — acrescenta gentilmente — nem tudo tem a ver com o cardeal. Não quero que você pense que não tenho

motivos próprios.

Norris ergue o rosto.

— O que Mark Smeaton lhe fez?

— Mark? — Ele ri. — Não gosto do jeito como ele me olha.

Será que Norris entenderá se ele soletrar? Ele precisa de culpados. E ele encontrou homens culpados. Embora talvez não sejam culpados dessas acusações.

Um silêncio recai. Sentado, ele espera, com os olhos no homem condenado à morte. Ele já está pensando no que fará com os cargos de Norris, com suas subvenções da Coroa. Ele tentará favorecer os humildes, como o homem com 14 filhos, que quer o trabalho de cuidar de um parque de Windsor e um posto na administração do castelo. Os cargos de Norris no País de Gales podem ser repassados ao jovem Richmond, o que na verdade trará os postos de volta ao rei, para sua própria supervisão. E Rafe poderia ficar com a propriedade de Norris em Greenwich, onde poderia abrigar Helen e as crianças quando precisasse estar na corte. E Edward Seymour já mencionou que aprecia a casa de Norris em Kew.

Harry Norris diz:

— Suponho que você não nos conduzirá simplesmente à execução. Haverá um processo, um julgamento? Correto? Espero que seja breve. Imagino que será. O cardeal costumava dizer, Cromwell faz em uma semana o que outro homem levaria um ano para fazer, não vale a pena impedi-lo ou opor-se a ele. Se você esticar o braço para tentar agarrá-lo, ele não estará lá, já terá cavalgado 40 quilômetros enquanto você ainda enfia as botas. — Ele ergue os olhos. — Se pretende matar-me em público e montar um espetáculo com isso, seja breve. Ou posso morrer de tristeza sozinho nesta sala.

Ele balança a cabeça.

— Você viverá.

Ele já pensou o mesmo de si uma vez, que morreria de tristeza: por sua esposa, suas filhas, suas irmãs, por seu mestre e pai o cardeal. Mas o pulso, obstinado, mantém seu ritmo. Você acha que não conseguirá continuar respirando, mas sua caixa torácica tem outras ideias, subindo e descendo, emitindo suspiros. Você deve superar, mesmo sem querer; e, para que possa fazê-lo, Deus arranca seu coração de carne e lhe dá um coração de pedra.

Norris toca as costelas.

— A dor é aqui. Eu senti ontem à noite. Fiquei sentado na cama, ofegante. Não me atrevo a me deitar de novo.

— Quando foi arruinado, o cardeal disse o mesmo. A dor era como uma pedra de amolar, disse ele. Uma pedra de amolar, e a faca era passada por ela. E foi amolada e amolada, até que ele morreu.

Ele se levanta, pega seus papéis: com uma inclinação da cabeça, ele se despede. Henry Norris: pata dianteira esquerda.

William Brereton. Cavaleiro de Cheshire. Serve no País de Gales ao jovem duque de Richmond, e serve muito mal. Um homem turbulento, arrogante, sem coração, de uma linhagem turbulenta.

— Vamos voltar um pouco — começa ele —, vamos voltar ao tempo do cardeal, porque lembro que alguém de sua casa matou um homem durante uma partida de boliche.

— É um jogo que pode ficar muito tenso — responde Brereton. — Você sabe disso por experiência própria. Você joga, pelo que eu soube.

— E o cardeal pensou, é hora de um acerto de contas; e a sua família foi multada porque impediu a investigação. Eu me pergunto, alguma coisa mudou desde então? Você acha que pode fazer qualquer coisa porque é criado do duque de Richmond e porque Norfolk o protege...

— O próprio rei me protege.

Ele ergue as sobrancelhas.

— É mesmo? Então você deveria reclamar com ele. Porque você está mal-instalado, não está? Infelizmente para você, o rei não está aqui, então você terá que se contentar comigo e com minha boa memória. Mas não precisamos voltar tanto no tempo em busca de exemplos. Veja, por exemplo, o caso do cavaleiro de Flintshire, John ap Eyton. Esse é tão recente que você ainda não esqueceu.

— Então é por isso que estou aqui — comenta Brereton.

— Não só por isso, mas, por ora, deixemos de lado seu adultério com a rainha e concentremo-nos em Eyton. Os fatos do caso lhe são conhecidos, não acho que você tenha esquecido. Houve uma discussão, agressões físicas foram trocadas, um homem do seu séquito acabou morto, mas Eyton foi julgado na devida forma perante um júri de Londres e foi absolvido. Bem, não tendo respeito algum pelas leis ou a justiça, você jurou vingança. Mandou sequestrarem o galês. Seus

criados o enforcaram de imediato, e tudo isso... não me interrompa, homem... tudo isso com sua permissão e sob o seu mando. Isso é só um exemplo. Você pensa que é apenas um homem e que ele não importa, mas você vê que importa. Você acha que, como se passou um ano ou mais, ninguém se lembra disso, mas eu lembro. Você acredita que a lei deve ser como você gostaria que fosse, e é segundo esse princípio que você se comporta em suas propriedades nos lodaçais do País de Gales, onde a justiça do rei e o nome do rei são levados com desprezo a cada dia. O local é um reduto de ladrões.

— Está dizendo que sou um ladrão?

— Digo que você coopera com eles. Mas suas estratégias acabam aqui.

— Você é juiz e júri e carrasco, é isso?

— É justiça melhor que a recebida por Eytton.

E Brereton diz:

— Quanto a isso, concordo.

Que queda, esta. Apenas alguns dias atrás ele estava enviando petições ao secretário-mor por despojos, quando as terras da Abadia de Cheshire fossem postas em concessão. Agora, sem dúvida as palavras correm por sua cabeça, as palavras que ele usou com o senhor secretário quando se queixou de suas maneiras altivas: eu devo instruí-lo nas realidades, disse Brereton friamente. Não somos criaturas de algum conclave de advogados de Gray's Inn. Em meu próprio país, minha família defende a lei, e a lei é aquilo que nos interessa defender.

Agora ele, o secretário, pergunta:

— Você acha que Weston esteve envolvido com a rainha?

— Talvez. — Brereton não parece dar a mínima, seja lá o que aconteça. — Eu mal o conheço. Ele é jovem e tolo e bonito, não é mesmo?, e as mulheres consideram essas coisas. E ela pode ser uma rainha, mas é apenas uma mulher, quem sabe o que ela pode ser persuadida a fazer?

— Você acha que as mulheres são mais tolas que os homens?

— Em geral, sim. E mais fracas. Em matéria de amor.

— Tomarei nota da sua opinião.

— E quanto a Wyatt, Cromwell? Onde ele entra nisso?

— Você não está em posição de me fazer perguntas.

William Brereton; pata traseira esquerda.

George Bolena já passou bastante dos 30 anos, mas ainda tem o viço que admiramos nos jovens, o brilho e o olhar claro. É difícil associar sua pessoa agradável ao tipo de apetite bestial de que sua mulher o acusa, e por um momento ele encara George e se pergunta se ele pode ser culpado de algum crime a não ser de certo orgulho e arrogância. Com sua personalidade e sua mente exalando graça, ele poderia ter subido flutuando e pairado acima da corte e de suas sórdidas maquinações, um homem de refinamento movendo-se em sua própria esfera: encomendando traduções dos poetas antigos e providenciando para que fossem publicadas em edições requintadas. Poderia ficar lá montando lindos cavalos brancos que fizessem curvetas e se inclinassem diante das damas. Infelizmente, porém, ele gostava de brigar e de se gabar, era afeito a intrigas e esnobismos. Quando o encontramos agora, em sua pequena sala circular na Torre Martin, encontramos um homem marchando de cá para lá, faminto por conflito, e nos perguntamos, será que ele sabe por que está aqui? Ou é uma surpresa ainda por vir?

— Talvez você não tenha assim tanta culpa — diz ele enquanto toma seu lugar: ele, Thomas Cromwell. — Junte-se a mim nesta mesa — ordena ele. — Ouvimos falar de prisioneiros que abrem um sulco na pedra de tanto andar de lá para cá, mas não acredito que isso realmente possa acontecer. Levaria trezentos anos talvez.

Bolena diz:

— Você está me acusando de alguma espécie de conspiração, encobrimento, de esconder a má conduta de minha irmã, mas essa acusação não vai vingar, porque não houve má conduta.

— Não, meu senhor, não é esta a acusação.

— Então qual é?

— Não é disso que você é acusado. Sir Francis Bryan, que é um homem de grandes capacidades imaginativas...

— Bryan! — Bolena parece horrorizado. — Mas você sabe que ele é um inimigo meu. — Suas palavras se atropelam. — O que ele disse, como você pode dar crédito a qualquer coisa que ele diz?

— Sir Francis me explicou tudo. E eu começo a enxergar como é possível que um homem mal conheça sua irmã, que só a conheça quando ela já é uma mulher adulta. Ela se parece com ele e no entanto é diferente. Ela é familiar,

mas mesmo assim desperta seu interesse. Um dia, o abraço fraterno dele se prolonga um pouco mais que o habitual. A situação progride a partir daí. Talvez nenhuma das partes sinta que está fazendo nada de errado, até que uma fronteira é cruzada. Mas eu mesmo sou muito carente de imaginação para conceber que fronteira poderia ser essa. — Ele faz uma pausa. — Começou antes de ela se casar, ou depois?

Bolena começa a tremer. É o choque; ele mal consegue falar.

— Eu me recuso a responder a isso.

— Senhor, estou acostumado a lidar com aqueles que se recusam a responder.

— Está me ameaçando com o estiramento?

— Ora, vamos, eu não coloquei nem Thomas More na mesa de estiramento, coloquei? Eu me sentei em uma sala com ele. Uma sala aqui na Torre, tal como a que o senhor ocupa. Ouvi os murmúrios que preenchiam o silêncio dele. Pode-se compreender o que diz o silêncio. E eu compreendo.

George diz:

— Henrique matou os conselheiros do pai dele. Matou o duque de Buckingham. Destruíu o cardeal e o atormentou até a morte, e cortou a cabeça de um dos maiores eruditos da Europa. Agora ele planeja matar a própria esposa e a família dela, e também Norris, que costumava ser seu amigo mais próximo. O que o faz pensar que será diferente com você, que você é diferente desses homens?

Ele responde:

— Não soa bem que alguém de sua família evoque o nome do cardeal. Ou de Thomas More, aliás. A senhora sua irmã ardia por vingança. Ela me dizia, como é, Thomas More ainda não morreu?

— Quem começou essa calúnia contra mim? Não foi Francis Bryan, certamente. Foi minha esposa? Sim. Eu deveria ter imaginado.

— O senhor supõe. Eu não confirmo. O senhor deve ter a consciência pesada em relação a sua esposa, se acha que ela tem tantos motivos para odiá-lo.

— E você vai acreditar em algo tão monstruoso? — suplica George. — Na palavra de uma mulher?

— Há outras mulheres que foram objeto de sua galanteria. Eu não as trarei diante de um tribunal se puder evitar, é o que posso fazer para protegê-las. O

senhor sempre considerou as mulheres descartáveis, e não pode reclamar se, no final, elas pensarem o mesmo do senhor.

— Então serei levado a julgamento por galanteria? Sim, eles têm inveja de mim, vocês todos têm inveja, pois faço algum sucesso com as mulheres.

— Ainda chama isso de sucesso? Pense outra vez.

— Nunca soube que era um crime. Passar algum tempo com uma amante que está comigo por vontade própria.

— É melhor não dizer isso em sua defesa. Se uma de suas amantes é sua irmã... o tribunal vai considerar isso algo, digamos, atrevido e ousado. Carente de gravidade. O que pode salvá-lo agora, quero dizer, o que talvez preserve sua vida, seria uma declaração completa de tudo que o senhor sabe sobre as relações de sua irmã com outros homens. Há quem sugira que certas ligações poderiam ofuscar a sua, por mais anormal que a sua seja.

— Você, como um homem cristão, me pede isso? Que forneça provas para matarem minha irmã?

Ele abre as mãos.

— Não estou pedindo nada. Apenas aponte o que alguns veriam como o caminho a seguir. Não sei se o rei estará propenso à misericórdia. Talvez ele lhe permita viver no exterior, ou lhe conceda misericórdia na hora de escolher a forma de sua morte. Ou não. A pena para um traidor, como sabe, é pavorosa e pública; ele morre em grande dor e humilhação. Vejo que o senhor sabe, pois já testemunhou isso.

Bolena se dobra para dentro de si mesmo: ele se encolhe, abraçando o próprio corpo, como se para proteger as entranhas da fada do carrasco, e desaba bruscamente em um banquinho; ele pensa, você deveria ter feito isso antes, eu falei para se sentar, está vendo como o obriguei a se sentar sem nem tocar em você? Ele diz baixinho:

— O senhor professa o evangelho, e afirma estar salvo. Mas suas ações não sugerem sua salvação.

— Pode tirar seus dedos da minha alma — diz George. — Essas questões eu discuto com meus capelães.

— Sim, foi o que eles me disseram. Acho que o senhor tem certeza demais do próprio perdão, acreditando que tem anos pela frente para pecar e que, ainda que Deus veja tudo, Ele tem que ser paciente, como um serviçal: e no fim o

senhor O notará e responderá a Seu chamado, se Deus ao menos esperar até sua velhice. É esse o seu caso?

— Falarei com meu confessor sobre isso.

— Eu sou seu confessor agora. O senhor disse, ao alcance da audição de outros, que o rei era impotente?

George lhe abre um sorriso de menosprezo.

— Ele consegue cumprir seu dever quando o tempo está bom.

— Ao dizer isso, o senhor pôs em dúvida a paternidade da princesa Elizabeth. O senhor há de ver imediatamente que isso é traição, uma vez que ela é a herdeira da Inglaterra.

— *Faute de mieux*, até onde lhe compete.

— O rei agora acredita que não poderia ter um filho desse casamento, já que não era uma união lícita. Ele acredita que houve impedimentos ocultos e que sua irmã não foi franca sobre seu passado. Ele pretende contrair novo matrimônio, que será limpo.

— Estou admirado por você se explicar — diz George. — Nunca o vi fazer isso antes.

— Eu o faço por uma razão: para que o senhor possa compreender sua situação e não criar nenhuma falsa esperança. Esses capelães que o senhor mencionou, vou enviá-los à sua presença. Serão boa companhia para o senhor agora.

— Deus concede filhos até mesmo a qualquer pedinte — diz George. — Ele os concede tanto à união ilícita quanto à abençoada, tanto à meretriz quanto à rainha. Será que o rei é realmente assim tão simplório?

— O rei é dotado de uma santa simplicidade — responde ele. — Henrique é um soberano ungido e, portanto, muito próximo a Deus.

Bolena lhe examina a expressão, em busca de hilaridade ou desprezo: mas ele sabe que seu rosto não diz nada, sabe que pode contar com seu rosto para isso. É possível estudar, em retrospecto, a carreira de Bolena e dizer: “Aqui ele errou, e também acolá.” Era muito orgulhoso, muito singular, indisposto a refrear seus caprichos ou a se fazer útil. Ele precisa aprender a se adaptar aos novos ventos, como seu pai; mas o tempo que lhe resta para aprender alguma coisa está se esgotando rapidamente. Há um momento para defendermos nossa dignidade, mas há um momento em que devemos abandoná-la em prol de nossa

autopreservação. Há um momento para sorrir por trás das cartas que tiramos, e há um momento para atirmos a bolsa na mesa e dizermos, “Thomas Cromwell, você venceu”.

George Bolena, pata dianteira direita.

No momento em que chega a Francis Weston (pata traseira direita), ele já foi abordado pela família do jovem e uma grande quantidade de dinheiro já lhe foi oferecida. Educadamente, ele recusou; nas circunstâncias dos Weston, ele faria a mesmíssima coisa, embora seja difícil imaginar que Gregory ou qualquer membro de sua família pudesse vir a ser tão tolo quanto esse rapaz foi.

A família Weston vai mais longe: recorre ao rei em pessoa. Farão uma doação, farão uma benevolência, farão uma grande e incondicional doação ao tesouro do rei. Ele debate com Fitzwilliam:

— Não posso aconselhar Sua Majestade. É possível que acusações menores sejam apresentadas. Depende do quanto Sua Majestade acredite que sua honra foi manchada.

Mas o rei não está disposto a ser tolerante. Fitzwilliam diz sombriamente:

— Se eu fosse a gente de Weston, pagaria o dinheiro de qualquer maneira. Para garantir bom tratamento. Posteriormente.

Essa é a mesma abordagem que ele estipula para adotar em relação à família Bolena (aqueles que sobreviverem) e aos Howard. Ele sacudirá os carvalhos ancestrais, e moedas de ouro cairão a cada estação.

Mesmo antes que ele chegue à sala onde Weston está preso, o jovem já sabe o que esperar; ele sabe os outros que foram presos; sabe ou tem uma boa ideia das acusações; os carcereiros devem ter deixado escapar, porque ele, Cromwell, cortou a comunicação entre os quatro prisioneiros. Um carcereiro falastrão pode ser útil; pois pode induzir um prisioneiro à cooperação, à aceitação, ao desespero. Weston deve adivinhar que a iniciativa de sua família falhou. Basta olhar para ele e já se sabe: se suborno não adiantou, nada mais adiantará. É inútil protestar ou negar ou contradizer. A auto-humilhação talvez dê certo, vale a pena tentar.

— Eu provocava o senhor — começa Francis. — Eu o rebaixava. Lamento por ter feito isso um dia. O senhor está a serviço do rei, e eu deveria ter respeitado isso.

— Bem, é um belo pedido de desculpas — diz ele. — Embora você devesse pedir perdão ao rei e a Jesus Cristo.

Francis diz:

— O senhor sabe que faz pouco que estou casado.

— E sua esposa abandonada em casa, no campo. Por razões óbvias.

— Posso escrever a ela? Eu tenho um filho. Ele não tem nem 1 ano ainda. —

Uma pausa. — Gostaria que orassem por minha alma após minha morte.

Ele pensa que Deus deve tomar as próprias decisões, mas Weston acredita que o criador pode ser pressionado e persuadido e talvez um pouco subornado. Como se acompanhasse seu pensamento, Weston diz:

— Estou em dívida, secretário. Da ordem das mil libras. Lamento por isso agora.

— Ninguém espera que um jovem cavaleiro galante como você seja sovina.

— Seu tom é gentil, e Weston ergue os olhos. — Claro, essas dívidas são mais do que você poderia normalmente pagar e, mesmo se considerarmos os bens que você terá quando seu pai morrer, são um fardo pesado. Assim, sua extravagância dá motivos para que as pessoas pensem, que expectativas tinha o jovem Weston?

Por um momento o jovem o olha com uma expressão idiota, rebelde, como se não visse por que isso haveria de ser colocado contra ele: o que suas dívidas têm a ver com a questão? Ele não vê aonde ele, Cromwell, pretende chegar com isso. Até que vê. Ele estica a mão para agarrá-lo pelas roupas, para impedi-lo de desabar para a frente com o choque.

— Um júri compreenderá facilmente esse detalhe. Nós sabemos que a rainha lhe dava dinheiro. Como você poderia manter a vida que levava? É fácil de se ver. Mil libras não são nada para quem esperava casar-se com ela, uma vez que tivesse orquestrado a morte do rei.

Quando está seguro de que Weston consegue se manter sentado, ele abre a mão e o solta. Mecanicamente, o rapaz ergue as mãos e arruma as roupas, endireitando a pequena dobra produzida em seu colarinho.

— Sua esposa será bem cuidada — diz ele. — Não se inquiete quanto a isso. O rei nunca estende a animosidade às viúvas. Ela receberá um tratamento melhor, ousou dizer, do que jamais recebeu do marido.

Weston ergue os olhos.

— Não posso desprezar seu raciocínio. Eu vejo como isso pesará quando for dado como evidência. Eu fui um idiota, e o senhor se manteve por perto e viu tudo. Eu sei como destruí a mim mesmo. Também pouco posso censurar sua conduta,

porque eu o teria prejudicado, se pudesse. E sei que não vivi uma boa... não vivi... veja bem, eu achava que teria uns vinte anos ou mais para viver como vivia, e depois, quando estivesse velho, com 45 ou 50 anos, faria doações a hospitais e a uma capela, e Deus veria que eu estava arrependido.

Ele assente.

— Bem, Francis... não sabemos nossa hora, não é mesmo?

— Mas, secretário, o senhor sabe que, apesar de qualquer erro que eu tenha cometido, não sou culpado neste assunto da rainha. Vejo em seu rosto que o senhor sabe disso, e todo o povo saberá também quando eu for conduzido à morte, e o rei saberá e pensará nisso em suas horas íntimas. Eu serei lembrado, portanto. Como os inocentes são lembrados.

Seria cruel perturbar essa crença; ele espera que sua morte lhe conceda maior fama que sua vida lhe deu. Todos os anos que se estendiam à sua frente, e nenhuma razão para acreditar que ele pretendia fazer melhor uso deles do que fez nos primeiros vinte e cinco; ele mesmo afirma que não. Criado sob a asa de seu soberano, um cortesão desde a infância, de uma família de cortesãos: nunca houve um momento de dúvida quanto a seu lugar no mundo, nunca um momento de ansiedade, nunca um momento de gratidão pelo grande privilégio de ter nascido Francis Weston, nascido no gozo da fortuna, nascido para servir a um grande rei e a uma grande nação: ele não deixará nada além de uma dívida, e um nome manchado, e um filho: e todo mundo pode ter um filho, diz ele a si mesmo: até que ele se lembra por que estamos aqui e de que se trata tudo isso. Ele diz:

— Sua mulher escreveu ao rei em intercessão por você. Pedindo misericórdia. Você tem muitos amigos.

— Eles muito me ajudarão.

— Acho que você não percebe que, a esta altura, muitos homens se descobririam sozinhos. Isso deveria animá-lo. Você não deve amargar-se, Francis. A fortuna é volúvel, todo jovem aventureiro sabe disso. Resigne-se. Veja Norris, por exemplo. Nenhuma amargura.

— Talvez — deixa escapar o jovem — talvez Norris pense que não tem motivo para se entristecer. Talvez seus arrependimentos sejam honestos, e necessários. Talvez ele mereça morrer, tanto quanto eu não mereço.

— Ele terá o que merece, você pensa, por ter se metido com a rainha.

— Ele está sempre na companhia dela. E não é para discutir o evangelho.

Weston está, talvez, à beira de uma denúncia. Norris chegou a começar uma admissão a William Fitzwilliam, mas a engoliu de volta. Talvez os fatos surjam agora, será? Ele espera: vê a cabeça do rapaz afundando nas mãos; depois, impulsionado por algo, sem saber o quê, ele se levanta, diz:

— Francis, com licença. — E sai da sala.

Lá fora, Wriothlesley está esperando, com funcionários de sua residência. Estão recostados contra a parede, rindo de alguma piada. Eles se sobressaltam ao vê-lo, parecem em expectativa.

— Acabou? — indaga Wriothlesley. — Ele confessou?

Ele balança a cabeça em negativa.

— Cada um faz um relato positivo de si mesmo, mas não absolve os outros. Além disso, todos dizem, “Sou inocente”, mas não dizem “Ela é inocente”. Não podem dizê-lo. Talvez ela até seja, mas nenhum deles afirmará isso.

É exatamente como Wyatt lhe disse certa vez: “O pior de tudo”, disse-lhe ele, “eram suas insinuações; ela quase se vangloriava de que dizia *não* a mim, mas *sim* a outros”.

— Bem, o senhor não tem nenhuma confissão — diz Wriothlesley. — Quer que a consigamos?

Ele dirige um olhar a Me-Chame que o obriga a recuar, de tal forma que ele até pisa no pé de Richard Riche.

— Como é? Acha que eu sou muito mole para os jovens?

Riche esfrega o pé.

— Deveríamos elaborar modelos de acusações?

— Quanto mais, melhor. Perdoem-me, preciso de um momento...

Riche presume que ele foi urinar. Ele não sabe o que o obrigou a interromper a sessão com Weston e sair da sala. Talvez tenha sido quando o rapaz disse “45 ou 50”. Como se, passando da meia-idade, houvesse uma segunda infância, uma nova fase de inocência. Ele se sentiu tocado, talvez, pela simplicidade da ideia. Ou talvez só precisasse de um pouco de ar. Digamos que você está em uma câmara, as janelas cerradas, e você está consciente da proximidade de outros corpos, da luz em declínio. Na sala, você dispõe as peças e começa a jogar, move seu pelotão pelo tabuleiro: corpos simbólicos, duros como marfim, negros como ébano, empurrados adiante em seus caminhos através das casas. Então

você diz, não posso mais suportar isso, preciso respirar: corre da sala e entra em um jardim onde os culpados estão enforcados nas árvores, não mais de marfim, não mais de ébano, mas de carne; e suas línguas desesperadas e lamentosas proclamam sua culpa enquanto morrem. Nesse assunto, a causa foi precedida pelo efeito. O que você sonhava já se realizou por si. Você busca uma espada, mas o sangue já está derramado. Os cordeiros abateram e devoraram a si mesmos. Trouxeram facas para a mesa, estriparam-se e limparam os próprios ossos.

Maio está florescendo até nas ruas da cidade. Ele leva flores para as damas na Torre. Christophe tem que carregar os buquês. O menino está engordando e parece um touro coberto de guirlandas para a ocasião do sacrifício. Ele se pergunta o que será que faziam antigamente, os pagãos e os judeus do Antigo Testamento, com seus sacrifícios; não é possível que desperdiçassem carne fresca, deviam dar aos pobres, não?

Ana está alojada no conjunto de salas que foram redecoradas para sua coroação. Ele próprio supervisionou o trabalho, viu quando deusas de olhos escuros, suaves e brilhantes brotaram nas paredes. Elas se banham de sol em bosques iluminados, sob ciprestes; uma corça branca espreita através da folhagem, enquanto os caçadores correm em outra direção, os cães saltitando à frente, entoando sua música canina.

Lady Kingston se ergue para cumprimentá-lo, e ele diz:

— Sente-se, prezada senhora...

Onde está Ana? Não está aqui em sua câmara de recepção.

— Ela está orando — explica uma das tias Bolena. — Então nós a deixamos em paz.

— Ela já está lá faz um tempo — diz a outra tia. — Tem certeza de que não tem um homem junto com ela?

As tias dão risadinhas; ele não se une a elas; Lady Kingston lhes dirige um olhar severo.

A rainha emerge do pequeno oratório; ela ouviu a voz dele. A luz do sol atinge seu rosto. É verdade o que Lady Rochford diz, ela começou a enrugar. Se não soubéssemos que esta foi uma mulher que teve o coração de um rei na palma da mão, poderíamos tomá-la por uma pessoa extremamente comum. Ele acredita que sempre haverá um coquetismo forçado nela, um pudor treinado. Ela será

uma daquelas mulheres que, aos 50, acham que ainda estão no jogo: uma daquelas velhas e cansativas especialistas em insinuações, mulheres que sorriem como criadas e colocam a mão em seu braço, que trocam olhares de soslaio com outras mulheres quando um bom partido como Tom Seymour passa por elas.

Mas, claro, ela nunca chegará aos 50. Ele se pergunta se esta é a última vez que a verá, antes do tribunal. Ana se senta, na sombra, no meio das mulheres. A Torre sempre parece úmida devido à proximidade do rio, e até estes novos aposentos parecem pegajosos. Ele pergunta se ela gostaria que lhe fossem trazidas peles, e ela responde:

— Sim. Arminho. E não quero estas mulheres. Quero damas que eu mesma tenha escolhido, não você.

— Lady Kingston a atende porque...

— Porque ela é sua espiã.

— ... porque ela é sua anfitriã.

— Sou hóspede dela, então? Uma hóspede é livre para partir.

— Pensei que a senhora gostaria de ter a Srta. Orchard — diz ele —, uma vez que ela foi sua ama-seca. E não pensei que fosse opor-se a suas tias.

— Elas têm rancores contra mim, ambas têm. Tudo que vejo e ouço são risadinhas e olhares de desdém.

— Meu Pai do céu! Estava esperando aplausos?

Esse é o problema dos Bolena: eles odeiam seus próprios parentes.

— Você não falará dessa forma comigo — retruca Ana — quando eu for liberada.

— Peço desculpas. Falei sem pensar.

— Não sei o que o rei pretende me mantendo aqui. Creio que esteja fazendo isso para me testar. É algum estratagema que ele criou, não?

Ela na verdade não acredita no que diz, portanto ele não responde.

— Eu gostaria de ver meu irmão — diz Ana.

Uma tia, Lady Shelton, ergue os olhos do seu bordado.

— É uma exigência tola, nas presentes circunstâncias.

— Onde está meu pai? — indaga Ana. — Não entendo por que ele não vem em meu auxílio.

— Ele tem sorte de estar em liberdade — responde Lady Shelton. — Não

espere ajuda daquelas partes. Thomas Bolena sempre cuidou de si primeiro, e eu bem sei, pois sou irmã dele.

Ana a ignora.

— E meus bispos, onde estão? Eu os nutri, protegi, promovi a causa da religião, então por que eles não defendem meu nome diante do rei?

A outra tia Bolena ri.

— Você espera que bispos intervenham, que deem desculpas para o seu adultério?

É evidente que, neste tribunal, Ana já foi julgada. Ele diz:

— Ajude o rei. A menos que ele seja misericordioso, sua causa está perdida, a senhora não pode fazer nada por si mesma. Mas pode fazer algo por sua filha, Elizabeth. Quanto mais humildemente se comportar, quanto mais arrependida se mostrar, quanto mais pacientemente suportar o processo, menos rancor Sua Majestade terá quando ouvir menção a seu nome de agora em diante.

— Ah, o processo — diz Ana, com um lampejo de suas antigas maneiras ferinas. — E o que será esse processo?

— As confissões dos cavalheiros estão sendo compiladas neste momento.

— As o quê? — indaga Ana.

— Isso mesmo que você ouviu — diz Lady Shelton. — Eles não mentirão por você.

— Talvez haja outras prisões, outras acusações, mas se falar agora, se for franca conosco, a senhora pode encurtar a dor para todos os envolvidos. Os cavalheiros irão a julgamento em conjunto. Quanto à senhora e ao senhor seu irmão, uma vez que foram enobrecidos, serão julgados por seus pares.

— Eles não têm testemunhas. Podem fazer qualquer acusação, e eu posso refutá-las.

— Isso é verdade — admite ele. — Embora não seja verdade quanto às testemunhas. Quando a senhora estava em liberdade, suas damas de companhia se sentiam intimidadas, obrigadas a mentir por sua causa, mas agora elas se sentem seguras para falar a verdade.

— Imagino. — Ana sustenta o olhar dele; seu tom é de desprezo. — Da mesma maneira que Seymour está segura. Mande um recado a ela por mim, Deus vê seus truques.

Ele se ergue para sair. Ana o irrita, aquela angústia selvagem que ela detém,

que mantém sob controle por um fio. Não parece haver razão para prolongar o assunto, mas ele diz:

— Se o rei der início a um processo para anular seu casamento, talvez eu volte, para tomar declarações de sua parte.

— O quê? — exclama ela. — Isso também? É necessário? Assassinato não será o suficiente?

Ele se curva, e se vira para sair.

— Não! — Ela o segura. Está de pé para impedi-lo de ir, tocando seu braço timidamente, como se desejasse não a própria libertação, mas a boa opinião dele. — Você não acredita nessas histórias contra mim, acredita? Eu sei que, no fundo, você não acredita. Cremuel?

É um momento que se prolonga. Ele se sente à beira de algo indesejável: informação supérflua, inútil. Ele se vira, hesita e estende a mão, cauteloso...

Mas depois ela ergue as mãos e as aperta junto ao seio, no gesto que Lady Rochford imitou para ele. Ah, rainha Ester, pensa ele. Ana não é inocente; ela só pode imitar a inocência. Ele deixa a mão cair junto ao corpo. Dá meia-volta. Ele a descobre uma mulher sem remorso. Acredita que ela seria capaz de cometer qualquer pecado ou crime. Acredita que ela é mesmo filha de seu pai, que nunca, nunca desde a infância, tomou nenhuma atitude, fosse ela encorajada ou coagida, que viesse a prejudicar os próprios interesses. Mas, com um gesto, ela se prejudicou agora.

Ana viu que o rosto dele mudou. Ela recua um passo, coloca as mãos em torno do pescoço: como um estrangulador, ela aperta a própria carne.

— Eu tenho um pescoço fino — diz ela. — Vai levar só um instante.

Kingston corre ao seu encontro; quer falar com ele.

— Ela faz isso o tempo todo. As mãos em volta do pescoço. E rindo. — Seu rosto honesto de condestável está consternado. — Não vejo de que maneira esta seria uma ocasião para risos. Sem mencionar os dizeres tolos, que minha esposa tem relatado. Ela diz, não vai parar de chover até que eu seja libertada. Ou não começará a chover. Ou algo assim.

Ele lança um olhar para a janela e vê apenas uma chuva rápida de verão. Em questão de instantes o sol secará a umidade das pedras.

— Minha mulher diz a ela — prossegue Kingston — que pare com essa conversa tola. Ela me perguntou, mestre Kingston, eu terei justiça? Eu respondi,

madame, o mais pobre súdito do rei tem justiça. Mas ela só ri — diz Kingston. — E manda vir seu jantar. E come com grande apetite. E declama versos. Minha esposa não consegue identificá-los. A rainha diz que são versos de Wyatt. E ela diz, Ah, Wyatt, Thomas Wyatt, quando hei de vê-lo aqui comigo?

Em Whitehall, ele ouve a voz de Wyatt e caminha na direção do som, os criados correndo em seu encaço; ele tem mais atendentes do que nunca, sendo alguns deles gente que ele nunca viu antes. Charles Brandon, duque de Suffolk, Charles Brandon grande como uma casa: está bloqueando o caminho de Wyatt e eles estão gritando um com o outro.

— O que estão fazendo? — exclama ele, e Wyatt faz uma pausa para dizer por sobre o ombro:

— As pazes.

Ele ri. Brandon se afasta marchando, sorrindo por trás de sua enorme barba. Wyatt explica:

— Eu implorei a ele, ponha de lado sua tão antiga inimizade por mim ou acabará me matando, é isso o que deseja? — Ele olha na direção do duque, enojado. — Creio que seja. Esta é a chance dele. Brandon procurou Henrique há muito tempo, inventando que tinha suspeitas de minha relação com Ana.

— Sim, mas, se você recorda, Henrique chutou Brandon de volta aos campos do leste.

— Henrique dará ouvidos a ele agora. Não vai ser difícil acreditar nele.

Ele toma Wyatt pelo braço. Se ele pode sair arrastando Charles Brandon, pode arrastar qualquer um.

— Não quero discussões em lugares públicos. Mandeí chamá-lo para vir à minha casa, seu tolo, não para bater boca às vistas de todos e fazer as pessoas dizerem, Como assim, Wyatt, ele ainda está solto?

Wyatt põe a mão sobre a dele. Ele respira fundo, tentando se acalmar.

— Meu pai me disse, vá ao rei, e fique com ele dia e noite.

— Isso não será possível. O rei não está recebendo ninguém. Você deve vir comigo à Rolls House, mas se bem que...

— Se eu for à sua casa, as pessoas dirão que eu fui preso.

Ele baixa a voz:

— Nenhum amigo meu sofrerá.

— São amizades estranhas e repentinas as que você fez este mês. Amigos

papistas, gente de Lady Maria, Chapuys. Você tem uma causa em comum com eles agora, mas e depois? E se eles o abandonarem antes que você os abandone?

— Ah — responde ele tranquilamente —, então você teme que toda a casa Cromwell caia? Confie em mim, sim? Bem, você nem tem escolha, não é mesmo?

Da casa de Cromwell, para a Torre: Richard Cromwell como escolta, e toda a coisa acontece de forma tão leve, em tamanho espírito de amizade, que um observador externo pensaria que estão saindo para um dia de caça.

— Peça ao condestável que faça todas as honras ao Sr. Wyatt — diz ele a Richard. E a Wyatt: — É o único lugar onde você se encontrará seguro. Estando na Torre, ninguém poderá interrogá-lo sem minha permissão.

Wyatt diz:

— Se eu entrar, não sairei mais. Eles querem meu sacrifício, seus novos amigos.

— Eles não vão querer pagar o preço — responde ele facilmente. — Você me conhece, Wyatt. Eu sei quanto todo mundo tem, sei o que podem pagar. E não só em dinheiro. Tenho seus inimigos já pesados e avaliados. Sei o quanto podem pagar e diante do quê vão hesitar e, acredite, se me desafiarem neste assunto, a dor que sofrerão os levará à bancarrota de lágrimas.

Quando Wyatt e Richard se vão, ele diz a Me-Chame-de-Risley, fechando o cenho:

— Wyatt certa vez disse que eu era o homem mais inteligente da Inglaterra.

— Não era exagero dele — comenta Me-Chame. — Eu aprendo muito diariamente, e com a mera proximidade.

— Não, é ele. Wyatt. Ele nos deixa a todos para trás. Ele escreve de próprio punho e em seguida nega a si mesmo. Rabisca um verso em algum pedaço de papel e o passa discretamente a você, quando você está na ceia ou rezando na capela. Depois ele desliza um papel para alguma outra pessoa, e é o mesmo verso, só com uma palavra diferente. Então aquela pessoa lhe diz, você viu o que Wyatt escreveu? Você responde que sim, mas vocês estão falando de coisas diferentes. Em outro momento, você o encurrala e diz, Wyatt, você realmente fez o que descreve neste verso? Ele sorri e diz, é a história de algum cavalheiro imaginário, ninguém que conhecemos; ou dirá, não foi a minha história o que eu escrevi, é a sua, embora você não saiba disso. Ele dirá, esta mulher que descrevo

aqui, a morena, na verdade ela é uma mulher de cabelo claro, está disfarçada. Ele declarará, você deve acreditar em tudo e nada do que lê. Você aponta para a página e o pressiona: e, quanto a esta linha, é verdade? Ele diz, é verdade de poeta. Além disso, ele afirma, não sou livre para escrever como gosto. Não é o rei, mas a métrica o que me constrange. E eu gostaria de ser mais simples, diz ele, se pudesse: mas tenho que seguir a rima.

— Alguém deveria levar os versos dele para o tipógrafo — diz Wriothesley.
— Isso os corrigiria.

— Ele não aceitaria. São comunicações particulares.

— Se eu fosse Wyatt — diz Me-Chame —, teria garantido que ninguém me interpretasse mal: teria ficado longe da mulher de César.

— Este é o mais sábio caminho a se tomar. — Ele sorri. — Mas não é para ele. É para pessoas como você e eu.

Quando Wyatt escreve, plumas brotam de suas linhas, e, desdobrando-se, essa plumagem afunda sob o significado nela contido, assim como flutua acima. Os versos de Wyatt nos dizem que as regras do poder e as regras da guerra são as mesmas, a arte é enganar; e você enganará e por sua vez será enganado, quer seja um embaixador ou um pretendente. Bem, se o tema escolhido por um homem é o engano, você está enganado se acha que compreende o que ele diz. Você estica sua mão, mas o verdadeiro significado voa para longe. Um estatuto é escrito com o objetivo de aprisionar o significado; um poema, o de escapar dele. Uma pena, se afiada, pode agitar-se e farfalhar como as asas dos anjos. Anjos são mensageiros. São criaturas com mente e vontade próprias. Não sabemos de fato se sua plumagem é como a plumagem dos falcões, corvos, pavões. Eles quase não visitam os homens hoje em dia. Contudo, ele conheceu um homem em Roma, um fonalheiro que trabalhava nas cozinhas papais, que dera de cara com um anjo em uma passagem congelante, uma despensa do Vaticano, escondida, onde cardeais nunca pisam; e as pessoas pagavam bebidas para que ele contasse o caso. Ele dizia que a substância do anjo era pesada e lisa como mármore, sua expressão distante e impiedosa; suas asas, esculpidas em vidro.

Quando as acusações lhe chegam à mão, ele vê de imediato que, embora a caligrafia seja de um secretário, o rei andou trabalhando. Ele pode ouvir a voz de Henrique em cada linha: seu ultraje, ciúme, medo. Não é o suficiente dizer que ela incitou Norris ao adultério em outubro de 1533, ou a Brereton, em novembro

do mesmo ano; Henrique precisa imaginar “as conversas chulas e os beijos, os toques, os presentes”. Não é suficiente citar a conduta dela com Francis Weston, em maio de 1534, ou alegar que ela se deitou com Mark Smeaton, um homem de posição baixa, em abril do ano passado; é necessário falar do ardente ressentimento de tais homens uns em relação aos outros, do ciúme furioso que a rainha sentia por qualquer outra mulher para quem eles olhavam. Não é suficiente dizer que ela pecou com o próprio irmão: é preciso imaginar os beijos, os presentes, as jóias trocados entre eles, e imaginá-los enquanto ela “o seduzia com a língua na referida boca de George, e a referida língua de George na dela”. É mais como uma conversa com Lady Rochford, ou qualquer outra mulher afeita a escândalos, do que um documento que se leva ao tribunal; mas mesmo assim tem seus méritos, cria uma história, e insere determinadas imagens nas cabeças dos ouvintes que não se apagarão facilmente. Ele diz:

— Vocês devem acrescentar o seguinte a cada ponto e a cada crime: “e vários dias antes e depois.” Ou alguma frase semelhante que deixe claro que as ofensas são numerosas, talvez mais numerosas até do que os próprios infratores recordem. Pois, dessa forma — explica ele —, se houver negação específica de uma data, um lugar, não será o suficiente para invalidar o todo do documento.

E veja o que Ana disse! Segundo este documento, ela confessou que “jamais amaria o rei de coração”.

Jamais amou. Não ama agora. E jamais poderia.

Ele fecha o cenho diante dos documentos e depois os repassa para que sejam examinados. Objeções são levantadas. Wyatt deve ser adicionado? Não, de maneira alguma. Se Wyatt vier a ser julgado, pensa ele, se o rei for tão longe, então Wyatt será afastado desta massa contaminada, e começaremos de novo com uma folha em branco; neste julgamento, com estes acusados, não há outro caminho além de um, sem saída, nenhuma outra direção exceto o cadafalso.

E se houver discrepâncias, visíveis para aqueles que tomam nota de onde a corte se instalou nesse ou naquele dia? Ele comenta, Brereton me disse certa vez que podia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Se pensarmos bem, o mesmo serve para Weston. Os amantes de Ana são cavalheiros fantasmas, voando pela noite com intenção adúltera. Eles vêm e vão à noite, sem impedimentos. Saltitam por sobre o rio como mosquitos, fulguram contra a escuridão, seus gibões bordados com diamantes. A lua os espia sob seu capuz ósseo, e a águia do Tâmis

os reflete, e eles cintilam como peixes, como pérolas.

Seus novos aliados, os Courtenay e a família Pole, dizem não estar nada surpresos com as acusações contra Ana. A mulher é uma herege, e o mesmo vale para o irmão. Hereges, é bem sabido, são naturalmente sem limites, sem contrições, não temem nem a lei da terra nem a lei de Deus. Basta verem o que querem que já o arrebatam. E aqueles que (estupidamente) toleraram hereges, por preguiça ou pena, agora finalmente descobrem qual é sua verdadeira natureza.

Henrique Tudor aprenderá duras lições com isso, dizem as antigas famílias. Talvez Roma estenda a mão para ele em vista de sua tribulação? Talvez, se ele se arrastar de joelhos, então depois que Ana morrer talvez o papa o perdoe e o aceite de volta, quem sabe?

E eu?, ele se pergunta. Ah, bem, você, Cromwell... seus novos amos o encaram com variadas expressões de pismo ou repulsa.

— Eu serei seu filho pródigo — diz ele, sorrindo. — Serei a ovelha perdida.

Em Whitehall, grupos de homens murmuram, arrebanhados em pequenos círculos, os cotovelos apontando para trás enquanto as mãos acariciam os punhais na cintura. E, entre os advogados, uma agitação de togas, conferências pelos cantos.

Rafe lhe pergunta, a liberdade do rei não poderia ser obtida, senhor, com mais economia de meios? Menos derramamento de sangue?

Escute, responde ele: uma vez esgotado o processo de negociações e concessões, uma vez que você se focou na destruição de um inimigo, essa destruição deve ser rápida e deve ser perfeita. Antes mesmo de olhar em sua direção, você deve ter o nome dele em um mandado, os portos fechados, a esposa e os amigos comprados, o herdeiro dele sob sua proteção, o dinheiro dele transferido para o seu cofre e o cachorro dele correndo ao ouvir o seu assovio. Antes que ele acorde pela manhã, você deve ter o machado na mão.

Quando ele, Cromwell, chega para ver Thomas Wyatt na prisão, o condestável Kingston está ansioso para assegurar que obedeceu a sua palavra, que Wyatt foi tratado com toda a honra.

— E a rainha, como está?

— Inquieta — responde Kingston. Ele parece desconfortável. — Estou acostumado a todos os tipos de prisioneiros, mas nunca tive um como ela. Em um

momento ela diz, sei que devo morrer. No momento seguinte, o contrário total disso. Ela acha que o rei virá em sua barca para levá-la embora. Acha que foi tudo um erro, um mal-entendido. Acha que o rei da França intervirá em seu favor. — O condestável balança a cabeça.

Ele encontra Thomas Wyatt jogando dados contra si mesmo: o tipo de perda de tempo que o velho Sir Henry Wyatt repreende.

— Quem está ganhando? — pergunta ele.

Wyatt ergue os olhos.

— Aquele idiota mentiroso, meu pior eu, está jogando com aquele idiota santarrão, meu melhor eu. Você pode adivinhar quem ganha. Mesmo assim, sempre há a possibilidade de que acabe diferente.

— Você está confortável?

— De corpo ou espírito?

— Eu só respondo por corpos.

— Nada faz você vacilar — diz Wyatt, com uma admiração relutante, próxima do medo.

Mas ele, Cromwell, pensa, eu já vacilei, só que ninguém sabe disso, nenhum relatório foi mandado ao exterior a respeito do incidente. Wyatt não me viu saindo do interrogatório de Weston. Wyatt não me viu quando Ana pôs a mão em meu braço e me perguntou em que eu acreditava do fundo do coração.

Ele pausa os olhos sobre o prisioneiro, senta-se. Diz em voz amena:

— Acho que venho treinando isso todos estes anos. Fui meu próprio aprendiz. — Toda a sua carreira tem sido uma educação em hipocrisia. Olhos que outrora apenas o evitavam agora se aquecem com falsa afeição. Mãos que gostariam de arrancar seu chapéu agora se esticam para tomar sua mão, às vezes em um aperto esmagador. Ele fez seus inimigos se virarem para encará-lo, para unir-se a ele: como em uma dança. Pretende desvirá-los agora, para que vejam a longa e fria paisagem de seus anos: seus, deles; para que sintam o vento, o vento típico de locais abertos, que penetra até os ossos: para que se deem em ruínas e acordem no frio. Ele diz a Wyatt: — Qualquer informação que você me dê, eu anotarei, mas tem a minha palavra de que vou destruir os registros assim que isto estiver realizado.

— Realizado?

Wyatt está questionando sua escolha de palavras.

— O rei foi informado de que sua esposa o traiu com vários homens, um deles o próprio irmão, outro, um de seus amigos mais próximos, outro, um criado que ela diz que mal conhece. O espelho da verdade se partiu, ele diz. Portanto, sim, seria uma realização juntar os cacos.

— Mas você diz que ele foi informado: como ele foi informado? Ninguém admite nada, exceto Mark E se ele estiver mentindo?

— Quando um homem admite culpa, temos que acreditar nele. Não podemos nos dispor a provar para ele mesmo que ele está errado. Caso contrário, os tribunais nunca funcionariam.

— Mas quais são as provas? — persiste Wyatt.

Ele sorri.

— A verdade bate à porta de Henrique, vestindo capa e capuz. Ele a manda entrar porque já tem uma ideia bastante perspicaz do que há por baixo de suas roupas, não é uma estranha que chega. Thomas, acho que ele sempre soube. Ele sabe que, se Ana não foi desleal com ele em corpo, foi em palavras, e, se não em ações, então em sonhos. Henrique acha que ela nunca o estimou ou amou, quando ele lhe dava o mundo. Ele acha que nunca a agradava ou satisfazia e que, quando se deitava junto dela, ela imaginava outro alguém.

— Isso é comum — replica Wyatt. — Não é normal? É assim que funciona o casamento. Eu nunca soube que isso fosse uma ofensa aos olhos da lei. Deus nos ajude. Metade da Inglaterra acabará na prisão.

— Você entende que algumas acusações são escritas em um indiciamento. Mas há também outras acusações, aquelas que não registramos por escrito.

— Se o sentimento é um crime, então eu admito...

— Não admita nada. Norris admitiu. Ele admitiu que a amava. Se o que querem de você é uma admissão, nunca é de seu interesse dá-la.

— O que Henrique quer? Estou honestamente perplexo. Não consigo ver onde pisar para sair disto.

— Ele muda de ideia, de um dia para o outro. Ele gostaria de refazer o passado. Gostaria de nunca ter visto Ana. Gostaria de tê-la visto, mas de tê-la visto por dentro. Na maior parte do tempo, ele quer vê-la morta.

— Querer não é o mesmo que fazer.

— É sim, se você é Henrique.

— De acordo com o meu entendimento da lei, o adultério de uma rainha não

é traição.

— Não, mas o homem que a viola, este sim comete traição.

— E você acha que eles usaram de força? — indaga Wyatt secamente.

— Não, esse é apenas o termo jurídico. É uma fachada que nos permite pensar melhor sobre uma rainha desgraçada. Mas, quanto a Ana, ela é uma traidora também, ela disse isso da própria boca. Planejar a morte do rei, isso é traição.

— Mas, novamente — insiste Wyatt —, perdoe meu pobre entendimento, eu pensei que Ana houvesse dito “Se ele morrer”, ou algo semelhante. Então deixe-me colocar um exemplo para você. Se eu digo “Todos os homens hão de morrer”, isso é prever a morte do rei?

— Seria melhor não colocar exemplos — recomenda ele afavelmente. — Thomas More estava colocando exemplos quando tropeçou em traição. Agora deixe-me chegar ao ponto que me interessa com você. Talvez eu precise de provas de sua parte contra a rainha. Vou aceitá-las por escrito, não preciso que sejam proclamadas aos quatro ventos em audiência pública. Certa vez você me contou, quando visitou minha casa, como Ana se conduz com os homens: ela diz, “Sim, sim, sim, sim, não”. — Wyatt assente; ele reconhece as palavras; ele parece lamentar tê-las dito. — Agora você talvez tenha que transpor uma palavra desse testemunho. Sim, sim, sim, não, sim.

Wyatt não responde. O silêncio se estende, se instala em torno deles: um silêncio sonolento, enquanto em outros lugares as folhas se desfraldam, o mês de maio floresce nas árvores, a água tamborila nas fontes, os jovens riem em jardins. Por fim, Wyatt fala, com dificuldade:

— Não era um testemunho.

— O que era então? — Ele se inclina à frente. — Você sabe que não sou um homem com quem é possível ter conversas inconsequentes. Não posso me dividir em dois, sendo um Cromwell amigo seu e o outro, secretário do rei. Então você precisa me dizer: vai escrever seus pensamentos e, se solicitado, dar sua palavra? — Ele se recosta. — E se você puder me garantir isso, eu escreverei a seu pai, para, por minha vez, tranquilizá-lo. Para informá-lo de que você sairá vivo disso. — Ele faz uma pausa. — Posso escrever?

Wyatt concorda. O menor gesto possível, um cumprimento ao futuro.

— Ótimo. Depois, para compensá-lo por esta detenção, por tê-lo perturbado,

providenciarei para que você receba uma soma em dinheiro.

— Eu não quero.

Wyatt vira o rosto, deliberadamente: como uma criança.

— Acredite em mim, você quer. Ainda está arrastando as dívidas do tempo que passou na Itália. Seus credores sempre me procuram.

— Eu não sou seu irmão. Você não é meu protetor.

Ele olha ao redor.

— Eu sou, se você pensar bem.

Wyatt diz:

— Ouvi dizer que Henrique quer uma anulação também. Matá-la e se divorciar dela, tudo em um só dia. É como ela é, vê? Tudo é governado por extremos. Ela não aceitou ser uma amante, tinha que ser a rainha da Inglaterra; e assim houve a ruptura da fé e a criação de leis, o país todo em tumulto. Se ele teve tantos problemas para tê-la para si, imagine o que lhe custará livrar-se dela. Mesmo depois que ela estiver morta, é melhor que ele confira se os pregos estão bem batidos.

Ele indaga, curioso:

— Não lhe resta nenhuma ternura por Ana?

— Ela a esgotou — responde Wyatt com brevidade. — Ou talvez eu jamais tenha tido nenhuma, não conheço minha própria mente, você sabe disso. Ouso dizer que os homens sentiram muitas coisas por Ana, mas nenhum, exceto Henrique, sentiu ternura. Agora ele acha que foi feito de tolo.

Ele se levanta.

— Escreverei algumas palavras tranquilas a seu pai. Vou explicar que você precisa ficar aqui por algum tempo, é mais seguro. Mas primeiro eu preciso... nós achávamos que Henrique houvesse deixado a anulação de lado, mas agora, como você disse, ele ressuscitou o assunto, então eu tenho que...

Wyatt completa, como se saboreando o desconforto do outro:

— Você terá que ir falar com Harry Percy, não é?

Faz quase quatro anos desde que, com Me-Chame-de-Risley em seus calcanhares, ele confrontou Harry Percy em uma taberna de quinta categoria chamada Mark and the Lion e o fez compreender certas verdades sobre a vida: a maior de todas, que, independentemente do que Harry achava, ele não estava casado com Ana Bolena. Naquele dia, ele bateu a mão na mesa e disse ao jovem

que, além disso, se ele não se retirasse do caminho do rei, seria destruído: que ele, Thomas Cromwell, deixaria seus credores livres para destruí-lo, e lhe arrancaria o condado e as terras. Bateu na mesa e disse que, além disso, se Harry não esquecesse Ana Bolena e qualquer demanda que fazia sobre ela, o tio dela, o duque de Norfolk, descobriria seu esconderijo e lhe arrancaria os colhões a dentadas.

Desde então, ele fez muitos negócios com o conde, que agora é um jovem doente e quebrado, pesadamente endividado, com o controle sobre seus assuntos lhe escapando a cada dia. Na verdade, o julgamento está quase concluído, o julgamento que ele invocou: exceto que o conde ainda tem seus colhões, até onde se sabe. Depois daquela conversa que eles tiveram na taberna Mark and the Lion, o conde, que vinha bebendo fazia alguns dias, obrigou seus criados a passar uma esponja em suas roupas, para limpar os resíduos de vômito: cheirando a azedo, grosseiramente barbeado, tremendo e verde de náusea, ele se apresentou diante do conselho do rei e obedeceu a Thomas Cromwell, reescrevendo a história de sua paixão: renegando qualquer direito sobre Ana Bolena; afirmando que nenhum contrato de casamento jamais existira entre eles; que, por sua honra como nobre, ele nunca se deitara com ela, e que ela era completamente livre para as mãos, o coração e o leito nupcial do rei. E, em garantia de tal depoimento, prestou juramento sobre a Bíblia, o livro sendo segurado pelo velho Warham, que foi arcebispo antes de Thomas Cranmer: e, em compensação por tal depoimento, recebeu o Santíssimo Sacramento, com os olhos de Henrique queimando-lhe as costas.

Agora ele, Cromwell, cavalga ao encontro do conde em sua casa de campo em Stoke Newington, que fica a norte e leste da cidade, na estrada de Cambridge. Os criados de Percy recolhem seus cavalos, mas, em vez de entrar de imediato, ele se detém diante da casa para ter uma visão do telhado e das chaminés.

— Cinquenta libras gastas antes do próximo inverno seriam um bom investimento — diz ele a Thomas Wriothesley. — Sem contar a força de trabalho. — Se ele tivesse uma escada, poderia subir e ver o estado da chumbagem. Mas talvez isso não fosse consonante com sua posição. O secretário-mor pode fazer o que quiser, mas o arquivista-mor tem que pensar em seu cargo ancestral e no que é apropriado a esse cargo. Já quanto a estar sendo vice do rei em assuntos eclesiásticos, autorizado ou não a subir em telhados...

quem sabe? O cargo é muito novo e ainda não foi testado. Ele sorri. Certamente seria uma afronta à dignidade do mestre Wriothesley se fosse convocado a segurar a escada. — Estou pensando no investimento que fiz — diz ele a Wriothesley. — Eu e o rei.

O conde lhe deve somas consideráveis, mas deve ao rei 10 mil libras. Depois que Harry Percy estiver morto, seu condado será engolido pela Coroa: assim, ele também examina o conde, para avaliar em que condições anda sua saúde. Percy está amarelado, as faces encovadas, parece mais velho do que de fato é: cerca de 34, 35 anos; e esse cheiro azedo que paira no ar o leva de volta a Kimbolton, à antiga rainha trancada em seus aposentos: o quarto de ar rançoso e abafado como o de uma prisão, e a bacia de vômito que passou por ele nas mãos de uma das damas da rainha. Ele indaga, sem muita esperança:

— Você não ficou doente por causa da minha visita, espero?

O conde o examina com um olho fundo.

— Não. Dizem que é meu fígado. Não, no geral, Cromwell, você sempre agiu de forma bastante razoável comigo, devo dizer. Considerando...

— Considerando a ameaça que lhe fiz. — Ele balança a cabeça, triste. — Oh, senhor. Hoje me apresento aqui como um pobre procurador. Você nunca adivinhará minha tarefa.

— Acho que adivinho sim.

— Vim informar-lhe, senhor, que está casado com Ana Bolena.

— Não.

— Vim informar-lhe que, por volta do ano de 1523, você fez um contrato secreto de casamento com ela e que, portanto, o suposto casamento com o rei é nulo.

— Não. — De algum lugar, o conde encontra uma centelha de seu espírito ancestral, daquele fogo das fronteiras que arde nas partes do norte do reino e queima todo escocês que surge em seu caminho. — Você me fez jurar, Cromwell. Você veio a mim quando eu estava bebendo no Mark and the Lion e me ameaçou. Fui arrastado perante o conselho e obrigado a jurar sobre a Bíblia que não tinha contrato com Ana. Fui obrigado a acompanhar o rei e tomar a comunhão. Você viu, ouviu tudo. Como posso retirar meu juramento agora? Está dizendo que cometi perjúrio?

O conde está de pé. Ele permanece sentado. Ele não pretende ser descortês; e

ele pensa que, caso se levante, pode acabar pregando um tapa no conde, e, até onde se lembra, ele nunca agrediu um homem doente.

— Perjúrio não — explica ele amigavelmente. — Eu lhe digo que, naquela ocasião, sua memória falhou.

— Eu me casei com Ana mas esqueci?

Ele se recosta na cadeira e considera seu adversário.

— Você sempre foi um beberrão, senhor, razão pela qual, creio eu, foi reduzido à sua presente condição. No dia em questão eu o encontrei em uma, como você diz, em uma taberna. Quem me garante que, ao se apresentar perante o conselho, você não estava ainda bêbado? E portanto se confundiu quanto ao que estava jurando?

— Eu estava sóbrio.

— Sua cabeça doía. Você estava enjoado. Estava temendo vomitar nos veneráveis sapatos do arcebispo Warham. O medo o perturbou tanto que não conseguiu pensar em mais nada. Não prestou a devida atenção às perguntas que lhe foram colocadas. Não foi sua culpa.

— Mas — contesta o conde — eu prestei atenção.

— Qualquer conselheiro entenderia sua situação. Todos já estivemos ébrios, uma vez ou outra.

— Afirmo, pela minha alma, que eu estava atento.

— Então considere outra possibilidade. Talvez tenha havido alguma negligência por parte de quem tomou o seu juramento. Alguma irregularidade. O velho arcebispo, ele próprio se sentia mal naquele dia. Lembro como as mãos dele tremiam enquanto seguravam o livro sagrado.

— Ele estava entrevado. É comum naquela idade. Mas ele foi competente.

— Se houve algum defeito no procedimento, sua consciência não deve incomodá-lo se você quiser agora repudiar seu juramento. Quem sabe, veja bem, talvez nem fosse mesmo uma Bíblia.

— Estava encadernado como uma Bíblia — retruca o conde.

— Eu tenho um livro contábil que muitos confundem com uma Bíblia.

— Principalmente você.

Ele sorri. O conde não está inteiramente mole de raciocínio, ainda não.

— E quanto à hóstia sagrada? — indaga Percy. — Eu tomei o sacramento para selar meu juramento, e aquele não era o próprio corpo de Deus?

Ele faz silêncio. Eu poderia dar um argumento a esse respeito, pensa ele, mas não lhe darei abertura para me chamar de herege.

— Eu não vou fazer isso — diz Percy. — E não vejo por que deveria. Tudo que ouço é que Henrique pretende matá-la. Não é o bastante que ela esteja morta? Depois que ela estiver morta, que importa com quem ela esteve contratada?

— Importa, em um aspecto. Ele suspeita da criança que Ana teve. Mas não quer forçar investigações para descobrir quem é o pai.

— Elizabeth? Eu vi aquilo — comenta Percy. — É dele. Isso posso lhe dizer.

— Mas se ela fosse... mesmo que fosse, ele agora pensa em tirá-la da sucessão, por isso, se ele nunca foi casado com a mãe dela... bem, o assunto se resolveria de um só golpe. O caminho estaria aberto para os filhos de sua próxima esposa.

O conde concorda.

— Estou entendendo.

— Então, se você quer ajudar Ana, esta é sua última chance.

— Como isso vai ajudá-la, ter seu casamento anulado e sua filha tornada bastarda?

— Pode salvar a vida dela. Se for o suficiente para fazer a ira de Henrique esfriar.

— Você vai fazer de tudo para que não esfrie. Vai empilhar a lenha e soprar o fole, não vai?

Ele dá de ombros.

— Para mim, tanto faz. Eu não odeio a rainha, deixo isso para outros. Então, se você já teve alguma consideração por ela...

— Eu não posso ajudá-la mais. Só posso ajudar a mim mesmo. Deus sabe a verdade. Você fez de mim um mentiroso quando eu me apresentei diante de Deus. Agora quer me tornar um tolo diante dos homens. Você precisa encontrar outra maneira, senhor secretário.

— Farei isso — diz ele tranquilamente. E se levanta. — Sinto muito que você perca a chance de agradar ao rei. — Na porta, ele se vira para trás. — Você está teimoso porque está fraco.

Harry Percy ergue os olhos para ele.

— Estou pior que fraco, Cromwell. Estou morrendo.

— Você vai durar até o julgamento, não vai? Eu o colocarei na bancada dos nobres. Se você não é marido de Ana, está livre para ser juiz dela. O tribunal tem necessidade de homens sábios e experientes como você.

Harry Percy grita atrás dele, mas ele deixa o salão a passos largos e dá aos cavalheiros do lado de fora um cumprimento de cabeça.

— Bem — comenta mestre Wriothesley —, eu tinha certeza de que você o traria à razão.

— A razão se foi.

— O senhor parece triste.

— Eu, triste? Não vejo por que estaria.

— Ainda podemos libertar o rei. Meu lorde arcebispo descobrirá uma forma. Mesmo que tenhamos que trazer Maria Bolena para isto e dizer que o casamento foi ilegal por motivos de afinidade.

— Nossa dificuldade, no caso de Maria Bolena, é que o rei estava informado dos fatos. Talvez ele não soubesse que Ana estava casada secretamente. Mas sempre soube que ela era irmã de Maria.

— O senhor já fez algo assim? — pergunta Wriothesley, pensativo. — Duas irmãs?

— É esse o tipo de pergunta que o absorve neste momento?

— Somos levados a imaginar. Como seria. Dizem que Maria Bolena foi uma grande prostituta enquanto esteve na corte francesa. Será que o rei Francisco teve as duas?

Ele fita Wriothesley com um novo respeito.

— Ai está um ângulo que eu talvez possa explorar. Pois bem... como você foi um bom menino e não esbofeteou nem xingou Harry Percy, apenas esperou pacientemente do lado de fora como deveria, vou lhe contar uma coisa que você gostará de saber. Certa vez, quando se encontrava em um hiato entre patronos, Maria Bolena me pediu que eu casasse com ela.

Wriothesley deixa cair o queixo. Ele o segue proferindo sílabas quebradas. Quê? Quando? Por quê? Só quando já estão a cavalo é que ele fala com clareza:

— Deus me fulmine. O senhor seria cunhado do rei!

— Mas não por muito tempo — responde ele.

O dia é belo e fresco. Eles pegam boa velocidade na volta para Londres. Fosse um outro dia, em companhia de outra pessoa, ele teria apreciado a viagem.

Mas em companhia de quem, ele se pergunta enquanto desmonta em Whitehall. Bess Seymour?

— Mestre Wriothsley — pergunta ele —, você consegue ler minha mente?

— Não — responde Me-Chame.

Ele parece perplexo e de alguma forma ofendido.

— Acha que algum bispo conseguiria ler minha mente?

— Não, senhor.

Ele assente.

— Tanto melhor.

O embaixador imperial chega para vê-lo, usando seu chapéu de Natal.

— Especialmente para você, Thomas — diz ele —, porque sei que meu chapéu o alegra. — Ele se senta, com um gesto ordena que o criado traga vinho. O criado é Christophe. — Você usa este rufião para todos os propósitos? — pergunta Chapuys. — Não foi ele quem torturou o menino Mark?

— Em primeiro lugar, Mark não é um menino, é apenas imaturo. Em segundo lugar, ninguém o torturou. Ao menos — diz ele — não que eu visse ou ouvisse, não sob meu comando ou sugestão, tampouco com minha permissão, expressa ou implícita.

— Vejo que está se preparando para o tribunal — comenta Chapuys. — Uma corda cheia de nós, não foi? Apertada em torno da testa? E então você ameaçou fazer saltar seus olhos?

Ele se irrita.

— Talvez isso seja o que fazem lá de onde você vem. Nunca ouvi falar de tal prática.

— Foi o estiramento, então?

— Você poderá vê-lo durante o julgamento. Decida por si mesmo se ele está machucado. Já vi homens que foram estirados na mesa. Não aqui. No exterior, já vi. Eles têm que ser transportados em uma cadeira. Mark está tão ágil quanto em seus dias de dançarino.

— Se é o que diz. — Chapuys parece satisfeito por tê-lo provocado. — E como está sua rainha herética agora?

— Corajosa como uma leoa. Sinto lhe dizer.

— E orgulhosa, mas farão com que se torne humilde. Ela não é nenhuma leoa, não passa de um desses gatos de Londres que cantam pelos telhados.

Ele se lembra de um gato preto que tinha. Marlinspike. Após alguns anos brigando e revirando o lixo, ele sumiu, como os gatos fazem, para recomeçar sua carreira em outro lugar. Chapuys diz:

— Como você sabe, diversas damas e cavalheiros da corte viajaram até a princesa Maria, para assegurá-la de seus serviços nos tempos que se aproximam. Achei que você poderia ir também.

Ora essa, pensa ele, já estou totalmente ocupado, mais que totalmente; não é um empreendimento pequeno, derrubar uma rainha da Inglaterra. Ele diz:

— Confio em que a princesa perdoará minha ausência neste momento. É pelo bem dela.

— Agora você não tem problemas em chamá-la de “princesa” — observa Chapuys. — Ela será reintegrada, claro, como herdeira de Henrique. — Ele aguarda que Chapuys continue. — Ela espera, todos os seus leais seguidores esperam, o próprio imperador espera...

— A esperança é uma grande virtude. Mas — acrescenta ele — espero que você lembre a ela que não deve receber qualquer pessoa sem a permissão do rei. Ou a minha.

— Maria não pode impedi-los de recorrer a ela. Todo o seu antigo séquito. Eles estão se reunindo. Será um novo mundo, Thomas.

— O rei estará ansioso, está ansioso, por uma reconciliação com ela. Ele é um bom pai.

— É uma pena que ele não teve mais oportunidades de demonstrar isso.

— Eustache... — Ele faz uma pausa; ordena, com um gesto, que Christophe saia. — Sei que você nunca se casou, mas não tem filhos? Não fique tão alarmado. Estou curioso sobre sua vida. Temos que conhecer melhor um ao outro.

O embaixador se irrita com a mudança de assunto.

— Eu não me meto com mulheres. Não como você.

— Eu não daria as costas a um filho. Ninguém jamais veio até mim com tal alegação, mas, se acontecesse, eu reconheceria a criança.

— As damas não desejam prolongar o conflito... — sugere Chapuys.

Isso o faz rir.

— Talvez você tenha razão. Venha, meu bom amigo, vamos ao nosso jantar.

— Estou ansioso por muitas outras noites tão alegres — diz o embaixador,

radiante. — Assim que a concubina estiver morta, e a Inglaterra se encontrar em paz.

Os homens na Torre, embora lamentem seu provável destino, não se queixam tão agudamente quanto o rei. De dia, ele anda por aí como uma ilustração do Livro de Jó. À noite ele percorre o rio, acompanhado de músicos, para visitar Jane.

Apesar de todas as belezas da casa de Nicholas Carew, a residência fica a 12 quilômetros do Tâmis e, portanto, não é nada conveniente para viagens noturnas, mesmo nestas noites leves de início de verão; o rei quer ficar com Jane até o cair da escuridão. Assim, a futura rainha veio para Londres, tendo sido recebida por seus partidários e amigos. Multidões avançam de um ponto a outro, buscando um vislumbre dela, esticando o pescoço, arregalando os olhos, os curiosos bloqueando portões e içando uns aos outros muros acima.

Os irmãos de Jane distribuem generosidade aos londrinos, na esperança de ganhar vozes a favor dela. Fizeram correr a informação de que ela é uma dama inglesa, uma das nossas; ao contrário de Ana Bolena, que muitos acreditam ser francesa. Mas as multidões estão confusas, até rancorosas: o rei não deveria casar-se com uma grande princesa, como Catarina, de uma terra distante?

Bess Seymour diz a ele:

— Jane está juntando dinheiro em um baú trancado, caso o rei mude de ideia.

— É o que todos deveríamos fazer. Um baú trancado é uma ótima coisa para se ter.

— Ela guarda a chave entre os seios — completa Bess.

— Provavelmente ninguém a apanhará ali.

Bess lhe dirige um olhar divertido, com o rabo do olho.

A essa altura, a notícia da prisão de Ana começa a reverberar pela Europa, e, embora Bess não saiba disso, pedidos de casamento chegam a Henrique a cada hora. O imperador sugere que o rei talvez goste de sua sobrinha, a Infanta de Portugal, que viria com 400 mil ducados; e o príncipe português dom Luís poderia se casar com a princesa Maria. Ou, se o rei não quiser a Infanta, o que ele diria da duquesa viúva de Milão, uma viúva bastante bela e jovem, que também lhe traria uma boa soma?

São dias de augúrios e portentos para aqueles que valorizam tais coisas e sabem como interpretá-las. As histórias malignas estão saltando dos livros e se

realizando. Uma rainha está trancada em uma torre, acusada de incesto. A nação, a própria natureza, foi perturbada. Fantasmas são vislumbrados em portas, parados junto a janelas, contra paredes, na esperança de entreouvir os segredos dos vivos. Um sino badala sozinho, sem que nenhuma mão humana o tenha tocado. Há uma erupção de falas onde ninguém está presente, e um assobio no ar, como o som de um ferro quente mergulhado em água. Cidadãos serenos são levados a gritar na igreja. Uma mulher atravessa a multidão às suas portas, agarrando as rédeas do cavalo dele. Antes que os guardas a arrastem para longe, ela grita para ele:

— Deus nos guarde, Cromwell, que homem é o rei! Quantas mulheres ele pretende ter?

Jane Seymour adquire, ao menos uma vez na vida, um toque de cor nas faces; ou talvez seja reflexo de seu vestido, o tom claro de cor-de-rosa suave como o do marmelo.

Declarações, indiciamentos, leis se fazem circular, trocadas entre juizes, promotores, o procurador-geral, o gabinete do lorde chanceler; cada etapa do processo é clara, lógica e projetada para criar cadáveres dentro do devido processo legal. George Rochford será julgado à parte, como aristocrata; os plebeus serão julgados primeiro. A ordem é enviada à Torre, “Tragam os prisioneiros”. Isto é, entreguem os acusados, de nomes Weston, Breerton, Smeaton e Norris, a Westminster Hall para julgamento. Kingston os busca na barca; é 12 de maio, uma sexta-feira. Eles são conduzidos por guardas armados através de uma multidão fulminante, que grita as apostas. Acredita-se que Weston vai escapar; é a campanha de sua família em ação. Mas, para os outros, há empate quanto a suas chances de viver ou morrer. Em Mark Smeaton, que admitiu tudo, ninguém aposta dinheiro algum; a questão é se ele será enforcado, decapitado, submergido em água fervente ou queimado, ou sujeito a alguma nova penalidade que o rei venha a criar.

Eles não entendem a lei, diz ele a Riche, observando, de uma janela alta, as cenas que se desenrolam lá embaixo. Existe apenas uma sentença para alta traição: para um homem, ser enforcado, cortado vivo e eviscerado, e, para uma mulher, ser queimada. O rei pode trocar a sentença para a decapitação; só envenenadores são fervidos vivos. O tribunal pode dar apenas essa sentença em tal caso, que será transmitida da corte às multidões, e mal-entendida, e então

aqueles que houverem ganhado estarão trincando os dentes e os que houverem perdido exigirão seu dinheiro, e haverá brigas e roupas rasgadas e cabeças quebradas e sangue no chão enquanto os acusados ainda estarão presos na sala do tribunal, a dias de sua morte.

Eles só ouvirão as acusações no tribunal e, como é o costume em julgamentos por traição, não terão representação legal. Mas terão uma chance de falar e de representar a si mesmos, e poderão chamar testemunhas: isso se alguém se levantar por eles. Nos últimos anos houve homens julgados por traição que saíram livres, mas estes homens sabem que não vão escapar. Eles têm que pensar em suas famílias, que deixarão para trás; querem que o rei seja bom para com sua gente, e só isso já deve calar qualquer protesto, evitar qualquer alegação estridente de inocência. É preciso deixar que o tribunal trabalhe desimpedido. Fica entendido, mais ou menos entendido, que, em troca da cooperação deles, o rei lhes concederá a misericórdia da morte pelo machado, que não aumentará sua vergonha; embora haja rumores entre os jurados de que Smeaton será enforcado, porque, sendo homem de origens baixas, ele não tem honra para proteger.

Norfolk é quem preside. Quando os presos são trazidos, os três nobres se afastam de Mark; querem lhe mostrar seu desprezo, mostrar o quanto são melhores que ele. Mas isso os coloca em proximidade uns com os outros, mais do que desejam; eles não se olham, percebe ele, afastam-se o quanto podem, então parecem retrair-se uns dos outros, debater-se dentro de suas casacas e mangas. Só Mark se declarará culpado. Estava sendo mantido a ferros, caso tentasse destruir a si mesmo: certamente um ato de compaixão, pois teria sido um fiasco. Assim, Mark chega intacto ao tribunal, como prometido, sem marcas de lesões, mas incapaz de evitar as lágrimas. Ele pede misericórdia. Os outros acusados são sucintos mas respeitosos para com o tribunal: três heróis do terreiro da justa que veem, abatendo-se sobre eles, o oponente invencível, o rei da Inglaterra em pessoa. Há desafios que eles seriam capazes de vencer, mas as acusações, com suas datas e seus detalhes, passam rápido demais. Eles poderiam marcar um ponto, se insistissem; mas isso só atrasaria o inevitável, e eles sabem disso. Quando eles entram, os guardas têm as alabardas invertidas; mas quando saem, condenados, o fio do machado se volta para eles. Os prisioneiros atravessam o tumulto, homens mortos: arrastados através das fileiras de alabardeiros até o rio,

voltando para seu lar temporário, sua antessala, para escrever suas últimas cartas e fazer preparativos espirituais. Todos expressaram arrependimento, embora nenhum além de Mark dissesse pelo quê.

Uma tarde fria: e, uma vez que as multidões se dispersam e o tribunal se dissolve, ele se encontra sentado junto a uma janela aberta com os funcionários que reúnem os registros, e observa enquanto a tarefa é feita, e, depois diz, vou para casa agora. Estou indo para a minha casa na cidade, para Austin Friars, enviem os documentos para Chancery Lane. Ele é o soberano dos espaços e dos silêncios, das lacunas e das rasuras, do que é perdido ou mal-interpretado ou simplesmente mal-traduzido, à medida que as notícias deslizam do inglês para o francês e, talvez via latim, para o castelhano e as línguas italianas, e através de Flandres para os territórios orientais do imperador, atravessando as fronteiras dos principados alemães rumo à Boêmia e à Hungria e aos reinos nevados além, com mercadores que navegam para a Grécia e o Levante; para a Índia, onde ninguém nunca ouviu falar de Ana Bolena, muito menos de seus amantes e seu irmão; ao longo das rotas da seda para a China, onde nunca ouviram falar de Henrique, o oitavo com esse nome, nem de nenhum outro Henrique, e até a existência da Inglaterra é para eles um mito obscuro, um lugar onde os homens têm as bocas nas barrigas e as mulheres podem voar, ou gatos governam a nação e homens se agacham diante de tocas de rato para apanhar seu jantar. No salão de Austin Friars, ele se detém por um momento diante da grande imagem de Salomão e a rainha de Sabá; a tapeçaria antes pertencia ao cardeal, mas o rei a tomou e depois, quando Wolsey já estava morto e ele, Cromwell, se elevara em sua posição, deu-lhe de presente, como se envergonhado, como se devolvesse sorrrateiramente ao verdadeiro dono algo que nunca deveriam ter tirado dele. O rei o vira observar com uma espécie de saudade, e não só uma vez, o rosto da rainha de Sabá, não porque ele deseje uma rainha, mas porque ela o leva de volta a seu passado, a uma mulher com quem ela por acaso se parece: Anselma, uma viúva da Antuérpia com quem ele poderia ter se casado, ele pensa frequentemente, se não tivesse tomado a decisão súbita de partir de volta para a Inglaterra e de lidar com seu próprio povo. Naqueles dias, suas ações eram repentinas: não sem cálculo, não sem cuidado, mas, uma vez que sua mente estava decidida, ele era rápido em sair do lugar. E ele ainda é o mesmo homem. Como seus adversários descobrirão.

— Gregory? — Seu filho ainda está trajando seu casaco de montaria, empoeirado da estrada. Ele o abraça. — Deixe-me ver você. Por que veio aqui?

— O senhor não disse que eu não deveria vir — explica Gregory. — Não me proibiu. Além disso, estou aprendendo a arte de falar em público. Quer me ouvir fazendo um discurso?

— Sim. Mas não agora. Você não deve viajar pelo campo com apenas um homem ou dois. Algumas pessoas podem tentar machucá-lo, porque sabem que você é meu filho.

— Como sabem? — pergunta Gregory. — Como elas saberiam disso?

Portas se abrem, ouvem-se pés pelas escadas, rostos inquisitivos aglomeram-se no salão; a notícia quanto ao resultado do julgamento o precedeu. Sim, confirma ele, são todos culpados, todos condenados, se vão ou não para Tyburn, não sei, mas apelarei ao rei para que ele lhes conceda um fim mais rápido; sim, a Mark também, porque, quando ele esteve sob meu teto eu lhe ofereci misericórdia, e este é o máximo de misericórdia que posso dar.

— Ouvimos dizer que todos estão em dívida, senhor — diz seu secretário Thomas Avery, que faz a contabilidade.

— Ouvimos dizer que multidões ameaçadoras se reuniram em volta, senhor — diz um de seus guardas.

O cozinheiro Thurston surge da cozinha, todo enfarinhado:

— Thurston ouviu dizer que havia gente vendendo tortas — diz o bufão Anthony. — E eu o que ouvi, senhor? Ouvi dizer que sua nova comédia foi muito bem-recebida. E que todos riram, exceto os condenados.

Gregory diz:

— Mas ainda pode haver adiamentos da sentença?

— Indubitavelmente.

Ele não tem vontade de acrescentar nada. Alguém lhe deu um copo de cerveja; ele limpa a boca.

— Lembro quando estávamos em Wolf Hall — diz Gregory — e Weston falou tão insolentemente com o senhor, e então eu e Rafe, nós o pegamos em nossa rede mágica e o atiramos da janela. Mas não desejávamos realmente matá-lo.

— O rei está saciando sua vontade, e, portanto, muitos bons cavalheiros serão arrasados. — Ele fala para todos ali ouvirem. — Quando seus conhecidos lhe

disserem, e eles dirão, que fui eu quem condenou estes homens, diga-lhes que foi o rei, e um tribunal de justiça, e que todas as formalidades foram cumpridas, e que ninguém foi ferido corporalmente na busca da verdade, qualquer que seja o boato que corre na cidade. E você não vai acreditar, por favor, se pessoas mal-informadas disserem que estes homens estão morrendo porque eu tenho uma rixa com eles. Isto vai além de rixas. E eu não poderia salvá-los nem se quisesse.

— Mas mestre Wyatt não vai morrer? — pergunta Thomas Avery.

Há um murmúrio; Wyatt é muito benquisto nesta casa, por sua maneira mão-aberta e sua cortesia.

— Tenho que ir para meu escritório agora. Tenho que ler as cartas do exterior. Thomas Wyatt... bem, digamos que eu o aconselhei. Acho que logo o veremos aqui entre nós, mas tenham em mente que nada é certo, a vontade do rei... Não. Já basta.

Ele se cala, Gregory o segue.

— Eles são realmente culpados? — pergunta ele quando se veem sozinhos. — Por que tantos homens? Não teria sido melhor para a honra do rei se ele culpasse apenas um?

Ele responde secamente:

— Isso o distinguiria em demasia, o cavalheiro em questão.

— Ah, o senhor quer dizer que as pessoas comentariam, Harry Norris tem um pau maior que o do rei, e sabe o que fazer com ele?

— Que jeito com as palavras que você tem. O rei está inclinado a atravessar tudo isso com paciência, e, enquanto outro homem se esforçaria por ser sigiloso, ele sabe que não pode ser, porque ele é um homem público. Ele acredita, ou ao menos deseja mostrar, que a rainha não fez distinções na escolha de seus amantes, que ela é impulsiva, que sua natureza é má e ela não pode controlá-la. E agora que se descobriu que tantos homens pecaram com ela, toda defesa possível é retirada, você vê? É por isso que eles foram julgados primeiro. Uma vez que eles são culpados, ela também só pode ser.

Gregory assente. Ele parece entender, mas talvez não passe de aparência. Quando Gregory pergunta “Eles são culpados?”, ele quer dizer, “Eles fizeram mesmo aquilo?”. Mas quando ele pergunta “Eles são culpados?”, ele quer dizer, “O tribunal os julgou culpados?”. O mundo do advogado é um todo em si mesmo, do qual o ser humano é excluído. Foi um triunfo, de certa forma, desemaranhar

aquela confusão de coxas e línguas, pegar aquela massa de carne sôfrega e aplainá-la sobre o papel branco: assim como o corpo, após o clímax, recai sobre o linho branco. Ele já viu belos indiciamentos, sem uma palavra desperdiçada sequer. Mas aquele não foi um deles: as frases colidiam e se esbarravam, empurravam e derramavam umas às outras, feias em conteúdo e feias em forma. O projeto contra Ana é profanado em sua gestação, prematuro em seu parto, uma massa de tecido que nasce disforme; que esperava ser limpa assim como um filhote de urso é lambido pela mãe. Você o alimentou, mas não sabia o que estava nutrindo: quem imaginaria Mark confessando, ou Ana atuando em todos os aspectos como uma mulher oprimida e culpada com um fardo de pecado pesando sobre ela? É como os homens disseram hoje no tribunal: somos culpados de todos os tipos de acusações, todos pecamos, todos estamos empesteados de crimes, que mesmo à luz da Igreja e do evangelho talvez não saibamos quais são. Chegou um comunicado do Vaticano, o lugar dos especialistas em pecado, de que qualquer oferta de amizade, qualquer gesto de reconciliação por parte do rei Henrique seria bem-visto neste momento difícil; pois, enquanto muitos outros se surpreendem, em Roma ninguém está surpreso com a virada que os eventos tomaram. Em Roma, é claro, seria banal: adultério, incesto, eles apenas dão de ombros. Quando ele estava no Vaticano, nos tempos do cardeal Bainbridge, ele logo viu que ninguém na corte papal entendia o que estava acontecendo, nunca; e o papa menos ainda. A intriga alimenta a si mesma; conspirações não têm nem mãe nem pai, e mesmo assim crescem bem nutridas: a única coisa que se sabe é que ninguém sabe de nada.

Contudo, pensa ele, em Roma existe pouca dissimulação no processo da lei. Nas prisões, quando um agressor é esquecido e morre de fome, ou quando é espancado até a morte por seus carcereiros, eles só enfiam o corpo dentro de um saco e o rolam até o rio e o chutam para dentro d'água, onde ele se reúne ao efluente geral do Tibre.

Ele ergue os olhos. Gregory permanece sentado em silêncio, respeitando seus pensamentos. Mas agora ele pergunta:

— Quando eles vão morrer?

— Não pode ser amanhã, eles precisam de tempo para resolver seus assuntos. E a rainha será julgada na Torre na segunda-feira, então tem que ser depois disso, Kingston não pode... O júri será público, veja bem, a Torre estará

lotada de gente...

Ele imagina um horrível empurra-empurra, os condenados tendo que lutar para chegar ao cadafalso, abrindo caminho duramente por entre as hordas desejosas de ver uma rainha em julgamento.

— Mas o senhor estará lá para assistir? — insiste Gregory. — Quando ocorrerá de fato? Eu poderia atendê-los uma última vez, para lhes oferecer meu respeito e minhas orações, mas não posso fazê-lo a menos que o senhor esteja lá. Eu poderia desmaiar.

Ele assente. É bom ser realista nessas questões. Em sua juventude, ele ouviu lutadores de rua se gabando da força de seu estômago, mas depois desmaiando diante de um dedo cortado; em todo caso, estar em uma execução não é como estar em uma briga: há medo, e o medo é contagioso, ao passo que em uma briga não há tempo para medo, e as pernas só começam a tremer quando tudo já está acabado.

— Se eu não estiver lá, Richard estará. É uma intenção gentil, e, embora vá lhe causar dor, sinto que é uma forma de demonstrar respeito. — Ele não consegue imaginar como se apresentará a próxima semana. — Depende... a anulação precisa passar, então depende da rainha, de como ela nos ajudará, se dará seu consentimento. — Ele pensa em voz alta: — Pode ser que eu esteja em Lambeth com Cranmer. E, por favor, querido filho, não me pergunte por que tem que haver uma anulação. Saiba apenas que é o desejo do rei.

Ele descobre que simplesmente não consegue pensar nos homens condenados. Em vez disso, surge em sua mente a imagem de More no cadafalso, visível através do véu da chuva: seu corpo, já morto, dobrando-se agudamente devido ao impacto do machado. Quando caiu, o cardeal não teve perseguidor mais implacável que Thomas More. No entanto, pensa ele, eu não o odiava. Exercitei minhas habilidades ao máximo na tentativa de persuadi-lo a reconciliar-se com o rei. E eu achava que o convenceria, eu realmente achava que sim, pois ele era apegado ao mundo, apegado à própria pessoa, e tinha muito por que viver. No final, More foi seu próprio assassino. Ele escreveu e escreveu e falou e falou, e depois, de um só golpe repentino, derrubou a si mesmo. Se alguma vez houve um homem à beira de decapitar a si mesmo, Thomas More foi esse homem.

A rainha veste escarlate e negro e, em vez de um capuz, usa uma vistosa boina,

com plumas pretas e brancas por toda a borda. Lembre-se destas plumas, diz ele a si mesmo; esta será a última vez, ou quase isso. Como ela estava, perguntarão as mulheres. Ele poderá responder que ela parecia pálida, mas destemida. Como será para Ana, entrar naquela grande câmara e se postar diante dos nobres da Inglaterra, todos homens e nenhum a desejando? Ana está contaminada agora, é carne morta, e, em vez de cobiçá-la — seios, cabelo, olhos —, os olhares se desviam. Só tio Norfolk a encara, ferozmente: como se a cabeça que ele vê não fosse a cabeça da Medusa.

No centro do grande salão da Torre foi construída uma plataforma com bancos para os juizes e nobres, e há alguns bancos também nas arcadas laterais, mas a maior parte dos espectadores estará de pé, empurrando uns aos outros e tentando avançar até os guardas dizerem “Ninguém mais entra” e bloquearem as portas com traves. Mesmo assim eles continuam a empurrar, e o ruído aumenta à medida que aqueles que conseguiram entrar ocupam o fosso do tribunal, todos se acotovelando, até que Norfolk, com o bastão branco do cargo na mão, pede silêncio, e, pela expressão furiosa em seu rosto, até a pessoa mais ignorante na turba sabe que ele fala a sério.

Lá está o lorde chanceler, sentado junto ao duque para provê-lo dos melhores conselhos legais no reino. Lá está o conde de Worcester, cuja esposa, por assim dizer, foi quem começou tudo isto; e o conde dirige a ele um olhar vil, ele não sabe por quê. Lá está Charles Brandon, duque de Suffolk, que odiou Ana desde que pôs os olhos nela, e demonstrou isso claramente diante do rei. Lá está o conde de Arundel, o conde de Oxford, o conde de Rutland, o conde de Westmorland: e entre tais homens ele se move suavemente, o simples Thomas Cromwell, um cumprimento aqui e uma palavra acolá, distribuindo segurança: o caso movido pela Coroa está correndo em ordem, nenhum transtorno é esperado nem será tolerado, esta noite estaremos todos em casa para jantar e dormir com segurança em nossas camas. Lorde Sandys, lorde Audley, lorde Clinton e muitos lordes mais, cada um deles assinalado em uma lista à medida que tomam seu lugar: lorde Morley, sogro de George Bolena, que o toma pela mão e diz, por favor, Thomas Cromwell, se você me estima, não deixe que este assunto sórdido resvale na minha pobre filhinha Jane.

Ela não foi sua pobre filhinha, pensa ele, quando você a casou sem lhe perguntar nada; mas isto é comum, não se pode culpá-lo como pai, pois, como o

rei certa vez disse com tristeza, só os homens e mulheres muito pobres é que são livres para escolher a quem amam. Ele corresponde ao aperto de mão de lordes Morley e lhe deseja coragem, e o incita a tomar seu assento, pois a prisioneira está entre nós e o tribunal, preparado.

Ele se curva aos embaixadores estrangeiros; mas onde está Chapuys? Chega a mensagem de que Chapuys está sofrendo de uma febre quartã: ele envia em resposta, fico triste em saber, que ele mande pedir em minha casa qualquer coisa que possa trazer-lhe conforto. Digamos que a febre eclodiu hoje, dia um: sua maré diminuindo amanhã, até quarta-feira ele estará de pé, embora trêmulo; mas na noite de quinta cairá outra vez, preso em suas garras.

O procurador-geral lê a acusação e leva algum tempo: crimes perante a lei, crimes perante Deus. Ao se pôr de pé para a promotoria, ele está pensando, o rei espera um veredicto até o meio da tarde; e, lançando os olhos ao outro lado do salão, ele vê Francis Bryan, ainda em seu casaco de viagem, pronto para partir pelo rio com uma mensagem aos Seymour. Fique firme, Francis, pensa ele, isso pode levar algum tempo, talvez as coisas esquentem por aqui.

O material do caso é trabalho para uma ou duas horas, mas quando há 95 nomes a serem verificados, dos juizes e nobres, então o arrastar de pés e os pigarros, os narizes assoados, o ajuste de togas e faixas na cintura — todos esses rituais distrativos de que alguns homens necessitam antes de falar em público —, com tudo isso, é claro que o dia se prolongará; a rainha é uma presença imóvel, ouvindo atentamente em sua cadeira a lista de seus crimes ser lida em voz alta, o catálogo vertiginoso de horas, datas, lugares, de homens, de seus membros, de suas línguas: entrando na boca, saindo da boca, em diversos recessos do corpo, em Hampton Court e no Palácio de Richmond, em Greenwich e Westminster, em Middlesex e Kent; e em seguida vêm as palavras chulas e as provocações, as discussões enciumadas e as intenções doentias, a declaração, pela rainha, de que, quando seu esposo estivesse morto, ela escolheria um deles para marido, mas ainda não podia dizer qual.

— A senhora disse isso? — Ela balança a cabeça em negativa. — Faça o favor de responder em voz alta.

Uma voz gelada e diminuta:

— Não.

É tudo o que ela dirá, não, não e não: e uma vez ela responde “Sim”, quando

lhe perguntam se ela deu dinheiro a Weston, e ela hesita e admite; e há um urro da multidão, e Norfolk interrompe o processo e ameaça mandar prender a todos se não ficarem em silêncio. Em qualquer país bem ordenado, disse Suffolk ontem, o julgamento de uma nobre seria conduzido sob uma privacidade decente; ele revirou os olhos em desdém e respondeu, mas, meu senhor, aqui é a Inglaterra.

Norfolk conseguiu o silêncio, uma calma crepitante, pontuada por tosses e sussurros; o duque está pronto para que a acusação recomece, e diz:

— Muito bem, prossiga, hã... você.

Não pela primeira vez, Norfolk se confunde por ter que falar com um plebeu que não é um cavaliço ou um cocheiro, mas um ministro do rei: o lorde chanceler se inclina à frente e sussurra, talvez recordando o duque de que o promotor é o senhor arquivista-mor:

— Prossiga, senhoria — diz o duque, mais educadamente. — Por favor, prossiga.

Ela nega traição, esse é o ponto principal: ela nunca levanta a voz, mas desdenha, para engrandecer, para desculpar, para atenuar, para mitigar. E não há ninguém para fazê-lo por ela. Ele se lembra do que o velho pai de Wyatt certa vez lhe contou, de que uma leoa à morte pode mutilar você, rasgá-lo com sua garra e assim marcá-lo para toda a vida. Mas ele não sente ameaça alguma, tensão alguma, absolutamente nada. Ele é um bom orador, conhecido por sua eloquência, seu estilo e sua audibilidade, mas hoje ele não tem interesse em saber se é ouvido ou não, não além dos juizes e dos acusados, pois o que quer que o povo escute, será mal-interpretado: por isso sua voz parece diminuir para um murmúrio sonolento que ecoa na sala, a voz de um padre do interior arrastando suas orações, não mais alta que uma mosca zumbindo em um canto, batendo contra o vidro; com o canto do olho ele vê o procurador-geral reprimindo um bocejo, e pensa, fiz o que achei que nunca conseguiria fazer, peguei adultério, incesto, conspiração e traição e os transformei em rotina. Não precisamos de nenhuma falsa comoção. Afinal, isto é um tribunal, não o circo romano.

A votação se arrasta: é um empreendimento demorado; a corte implora por brevidade, nada de discursos, por favor, uma palavra será suficiente: 95 votam pela culpa, e não há um único votante a sustentar inocência. Quando Norfolk começa a ler a sentença, o rugido se ergue novamente, e é possível sentir a

pressão das pessoas do lado de fora tentando entrar, de forma que o salão parece balançar lentamente, como um barco em suas amarras.

— Com o próprio tio! — berra alguém, e o duque bate o punho na mesa e proclama que derramará sangue. Isso produz algum silêncio; a quietude lhe permite concluir:

— ... teu julgamento é este: serás queimada aqui, no interior da Torre, ou terás tua cabeça cortada fora, pois a vontade do rei deve ser conhecida...

Ouve-se um ganido de um dos juízes. O homem se inclina à frente, murmurando furiosamente; Norfolk parece irado; os advogados se amontoam, os nobres esticam o pescoço para descobrir qual é o motivo do atraso. Ele se aproxima. Norfolk diz:

— Estes sujeitos estão me dizendo que não fiz direito, que não posso dizer fogueira ou decapitação, que tenho que dizer uma coisa só, e segundo eles deve ser a fogueira; é assim que uma mulher traidora é supliciada.

— Lorde Norfolk recebeu tais instruções do rei. — Ele pretende esmagar a oposição, e consegue. — A forma de declarar está de acordo com a vontade do rei, e, além disso, não venham me dizer o que pode e o que não pode ser feito, nunca julgamos uma rainha antes.

— Estamos inventando à medida que avançamos — acrescenta o lorde chanceler, amigavelmente.

— Termine o que estava declarando — diz ele a Norfolk, e recua.

— Acho que já terminei — responde Norfolk, coçando o nariz. — ... cabeça cortada fora, pois a vontade do rei deve ser conhecida para além.

O duque baixa a voz e conclui em tom conversacional; e assim a rainha termina por nunca ouvir o final da própria sentença. Contudo, ela capta a essência do que foi decidido. Ele a vê erguendo-se de sua cadeira, ainda composta, e pensa, ela não acredita; por que ela não acredita? Ele dirige o olhar ao local onde Francis Bryan estava parado, mas o mensageiro já se foi.

É hora de seguir com o julgamento de Rochford; eles precisam retirar Ana antes que seu irmão entre. A solenidade da ocasião se dissipou. Os membros mais idosos da corte têm que sair para urinar, e os jovens, para esticar as pernas e fofocar um pouco, e coletar as últimas opiniões para avaliar as probabilidades de absolvição para George. As apostas estão a favor dele, embora seu rosto, quando ele é trazido, mostre que ele não tem ilusões. Para aqueles que insistem

que George será absolvido, ele, Cromwell, disse:

— Se lordes Rochford conseguirem satisfazer o tribunal, ele será libertado. Vejamos como será sua defesa.

Ele só tem um medo real: que Rochford não seja vulnerável à mesma pressão que os outros homens, porque ele não está deixando para trás ninguém a quem ama. Sua esposa o traiu, seu pai o desertou e seu tio presidirá o tribunal que fará seu julgamento. Ele acredita que George falará com eloquência e espírito, e ele acerta em sua previsão. Quando as acusações são lidas para o réu, George pede que sejam colocadas uma a uma, cláusula por cláusula:

— Pois o que é o seu tempo mundano, senhores, contra a garantia de eternidade de Deus? — Abrem-se sorrisos: admiração por sua suavidade. Bolena se dirige a ele, Cromwell, diretamente: — Leia para mim, uma por uma. As horas, os lugares. Vou confundir-lo.

Mas a disputa não é de igual para igual. Ele tem seus papéis e, se for preciso, pode largá-los na mesa e apresentar o caso mesmo sem tal recurso; ele tem sua memória treinada, tem seu habitual autocontrole, seu tom de orador que não exerce pressão alguma sobre a garganta, seus modos civilizados que não exercem pressão alguma sobre as emoções; e, se George pensa que Thomas Cromwell vacilará lendo os detalhes de carícias administradas e recebidas, então George não conhece o lugar de onde ele vem: os tempos, os costumes que formaram o secretário-mor. Em breve, lordes Rochford começará a soar como um garoto magoado, choroso; ele está lutando por sua vida e, portanto, está em desigualdade com um homem que parece tão indiferente ao resultado; que o júri o absolva se quiser: haverá outro julgamento, ou um processo mais informal, que terminará com George como um cadáver subjogado. Ele acha, também, que em breve o jovem Bolena perderá a compostura, que exibirá seu desprezo por Henrique, e assim tudo estará acabado para ele. Ele entrega um documento a Rochford:

— Há certas palavras escritas aqui que se acredita terem sido ditas pela rainha, dirigidas ao senhor, e as quais o senhor, por sua vez, disse a outras pessoas. Não precisa ler em voz alta. Basta dizer ao tribunal, o senhor reconhece estas palavras?

George sorri com desdém. Saboreando o momento, ele ri: ele respira fundo; ele lê as palavras em voz alta.

— O rei não pode fazer nada com uma mulher, ele não tem nem habilidade nem vigor.

George leu porque achou que o público fosse gostar. E eles de fato gostam, ainda que as risadas sejam repletas de choque, de incredulidade. Mas por parte de seus juízes — e o que importa são eles — há um audível ciclo de desaprovação. George ergue os olhos. Joga as mãos para o alto.

— Estas não são palavras minhas. Eu não as proferi.

Mas ele agora as proferiu. Em um momento de bravata, para obter o aplauso da multidão, ele impugnou a sucessão, invalidou os herdeiros do rei: mesmo tendo sido advertido a não fazê-lo. Ele, Cromwell, concorda.

— Foi-nos relatado que o senhor espalhou rumores de que a princesa Elizabeth não seria filha do rei. Ao que parece, a informação procede, pois o senhor continua a sugerir isso até mesmo neste tribunal.

George fica em silêncio.

Ele dá de ombros e se vira. É duro para George não poder sequer mencionar as acusações contra si sem tornar-se culpado delas. Como promotor, ele teria preferido que aquele aspecto não houvesse sido mencionado, a dificuldade do rei; no entanto, não é maior vergonha para Henrique que comentem isto em tribunal se já o dizem nas ruas, e em tabernas onde se canta a balada do Rei Pauzinho Curto e sua esposa, a bruxa. Em tais circunstâncias, o homem lança a culpa sobre a mulher, na maioria das vezes. Algo que ela fez, algo que ela disse, o olhar terrível que ela lhe dirigiu quando ele vacilou, a expressão desdenhosa no rosto dela. Henrique tem medo de Ana, pensa ele. Mas será potente com sua nova esposa.

Ele se recompõe, reúne seus papéis; os juízes desejam confabular. O caso contra George é na verdade bastante frágil, mas, se as acusações forem retiradas, Henrique encontrará outro motivo para processá-lo e será duro com sua família, e não apenas com os Bolena, com os Howard também: por essa razão, pensa ele, tio Norfolk não o deixará escapar. E ninguém afirmou serem as acusações inverossímeis, nem neste julgamento nem nos anteriores. Tornou-se algo em que é possível acreditar, que estes homens conspirariam contra o rei e copulariam com a rainha: Weston porque é imprudente, Breerton porque é um veterano no pecado, Mark porque é ambicioso, Henry Norris porque é familiar, é próximo, porque confundiu sua própria pessoa com a pessoa do rei; e, quanto a

George Bolena, não apesar de ser seu irmão, mas justamente por ser seu irmão. Os Bolena, todos sabem, fazem o que for preciso para governar; se Ana alçou-se ao trono, passando por sobre os cadáveres dos que foram derrubados, não seria capaz também de colocar nele um bastardo Bolena?

Ele fita Norfolk, que lhe dirige um aceno de cabeça. Então não há dúvida quanto ao veredicto, nem quanto à sentença. A única surpresa é Harry Percy. O conde se ergue de seu lugar. Ele se detém, a boca ligeiramente aberta, e um silêncio se abate, não a aparência de quietude que o tribunal aturou até agora, cheia de seus ruídos farfalhantes e seus sussurros, mas um silêncio imóvel, em expectativa. Ele se lembra de Gregory: quer me ouvir fazendo um discurso? O conde então se dobra para a frente, emite um gemido e, com um estrondo, cai ao chão. Imediatamente, seu corpo inerte é cercado de guardas e um grande rugido se eleva, “Harry Percy está morto!”.

Improvável, pensa ele. Vão reanimá-lo. Estamos no meio da tarde, de um dia quente e abafado, e, por si só, as provas e as declarações escritas colocadas perante os juizes seriam suficientes para derrubar um homem saudável. Há uma extensão de tecido azul sobre as novas tábuas da plataforma onde os juizes estão sentados, e ele vê os guardas a arrancarem do chão e improvisarem um cobertor para carregar o conde; e uma lembrança o arrebatava, Itália, calor, sangue, erguendo e rolando e depositando um moribundo sobre um amontoado de panos de selaria, os próprios panos já usurpados dos mortos, transportando-o para a sombra do muro de — do quê? Uma igreja, uma fazenda? — apenas para que ele morresse alguns minutos depois, praguejando, tentando enfiar as entranhas de volta pelo ferimento do qual se derramavam, como se o sujeito quisesse deixar este mundo de maneira limpa e arrumada.

Ele sente náuseas, senta-se junto ao procurador-geral. Os guardas levam o conde para fora, a cabeça pendendo para o lado, os olhos fechados, os pés balançando. O homem a seu lado diz:

— Eis aí mais um homem que a rainha arruinou. Creio que levará anos até que venhamos a saber de todos.

É verdade. O julgamento é uma medida experimental, um ajuste para fazer a troca: sai Ana, entra Jane. Os efeitos de tal curso de ação ainda não foram testados, suas ressonâncias ainda não foram sentidas; mas ele já espera um tremor no coração do corpo político, um engulho no estômago da nação. Ele se

ergue e se aproxima de Norfolk para exortá-lo a retomar o julgamento. George Bolena — suspenso como está entre o julgamento e a condenação — parece prestes a desabar no chão também, e começa a chorar.

— Providenciem para lorde Rochford uma cadeira — ordena ele. — Tragam-lhe algo de beber.

Ele é um traidor, mas ainda é um conde; pode ouvir sentado sua sentença de morte.

No dia seguinte, 16 de maio, ele está na Torre com Kingston, nos próprios aposentos do condestável. Kingston está inquieto porque não sabe que tipo de cadafalso preparar para a rainha: ela está sob uma sentença dúbia, à espera de uma decisão do rei. Cranmer encontra-se com ela em seus aposentos, em visita para ouvir sua confissão, e poderá sugerir-lhe delicadamente que sua cooperação agora poderá poupá-la da dor. Que o rei ainda tem misericórdia em si.

Um guarda na porta, dirigindo-se ao condestável:

— Chegou um visitante. Não para o senhor. Para mestre Cromwell. É um cavalheiro estrangeiro.

É Jean de Dinteville, que esteve aqui em missão diplomática por volta da época em que Ana foi coroada. Jean aparece à porta com uma pose:

— Fui informado de que o encontraria aqui, e como o tempo é curto...

— Meu caro amigo. — Eles se abraçam. — Eu nem sabia que você estava em Londres.

— Acabo de sair do barco.

— Sim, nota-se.

— Viagens não são o meu forte. — O embaixador dá de ombros; ou ao menos suas enormes ombreiras se mexem, depois baixam novamente; nesta manhã agradável, ele está embrulhado em camadas desconcertantes de roupa, mais como um homem se vestiria para enfrentar novembro. — Pois então: pareceu-me melhor vir aqui encontrá-lo antes que você volte a jogar boliche, que, acredito eu, é o que geralmente faz quando deveria estar recebendo nossos representantes. Fui enviado para lhe falar sobre o jovem Weston.

Deus do céu, pensa ele, Sir Richard Weston conseguiu subornar o rei da França?

— Em cima da hora. Weston está condenado a morrer amanhã. O que tem ele?

— O que nos inquieta — diz o embaixador — é se galanteria é algo a ser punido. Certamente o jovem não é culpado de nada além de um ou dois poemas, não? De alguns elogios e brincadeiras? Talvez o rei possa poupar sua vida. Entendemos que, por um ano ou dois, ele seria aconselhado a se manter longe da corte... em viagem, talvez?

— Ele tem esposa e filho pequeno, *monsieur*. Não que a lembrança deles tenha impedido seu comportamento alguma vez.

— Tanto pior, se o rei encaminhá-lo à morte. Henrique não estima sua reputação como um príncipe misericordioso?

— Ah, sim. Ele fala muito sobre isso. *Monsieur*, meu conselho é, esqueçam Weston. Por mais que meu amo reverencie e respeite o seu, ele não aceitará de bom grado que o rei Francisco venha a interferir em algo que é, afinal, um assunto de família, algo cujas consequências ele sente em sua própria pessoa.

Dinteville acha graça.

— Realmente podemos chamar de assunto de família.

— Estou vendo que vocês não pedem misericórdia para lorde Rochford. Ele foi embaixador, seria de se imaginar que o rei da França se importasse mais com ele.

— Ah, bem — responde o embaixador. — George Bolena. Compreendemos que há em curso uma mudança de regime, e sabemos o que isso acarreta. Toda a corte francesa tem esperanças, claro, de que o monsenhor não seja arruinado.

— Wiltshire? Ele tem servido bem aos franceses, vejo que sentiriam sua falta. Mas ele não está em perigo no momento. Claro, não esperem que sua influência permaneça como antes. Uma mudança de regime, como você mesmo colocou.

— Será que posso dizer... — o embaixador faz uma pausa para saborear o vinho, para mordiscar uma bolacha trazida pelos criados de Kingston — ... que nós na França achamos toda essa história incompreensível? Se Henrique quer se livrar de sua concubina, ele com certeza poderia fazê-lo discretamente, não?

Os franceses não compreendem tribunais ou parlamentos. Para eles, as melhores ações são as ações ocultas.

— E, se ele precisa exibir sua vergonha para o mundo, um ou dois adultérios não são o bastante? No entanto, Cremuel — o embaixador o percorre com os olhos —, podemos falar de homem para homem, não podemos? A grande

questão é, Henrique consegue cumprir seu papel de homem? Porque, pelo que ouvimos, ele se prepara e em seguida sua esposa lhe dirige um certo olhar. E suas esperanças murcham. Isso nos soa como feitiçaria, pois é comum que bruxas tornem os homens impotentes. Mas — acrescenta ele, com uma expressão de cético desprezo — não consigo imaginar um francês sendo afligido dessa maneira.

— Você precisa entender que, embora Henrique seja um homem em todos os aspectos, ele é um cavalheiro, e não um cachorro arfando na sarjeta com... Bem, não direi nada do tipo de mulher que é da preferência do rei de vocês. Estes últimos meses — ele respira fundo —, em particular estas últimas semanas, têm sido um período de grande provação e sofrimento para meu amo. Ele agora busca a felicidade. Não tenha dúvida de que seu novo casamento trará segurança ao reino e promoverá o bem-estar da Inglaterra.

Ele está falando como se escrevesse; já transformando sua versão em despachos.

— Ah, sim — diz o embaixador —, aquela mocinha. Também não se ouvem grandes elogios a sua beleza ou inteligência. Ele não pretende se casar com ela de fato, pretende? Mais uma mulher sem importância? Quando o imperador lhe oferece partidos tão lucrativos... pelo menos é o que ouvimos. Nós compreendemos tudo, Cremuel. Como homem e mulher, o rei e a concubina podem ter suas disputas. Entretanto, há mais gente no mundo além dos dois, isto não é o Jardim do Éden. No fim das contas, é à nova política que ela não interessa. De certa forma, a antiga rainha protegia a concubina, e, desde que ela morreu, Henrique vem tramando como se tornar um homem de respeito novamente. Assim, ele deve se casar com a primeira mulher honesta que vê e, em toda a verdade, não importa realmente se ela é parente do imperador ou não, porque, com os Bolena fora de jogo, Cremuel está em alta, e ele garantirá que o conselho esteja lotado de imperialistas. — Seus lábios se curvam; talvez seja um sorriso. — Cremuel, eu gostaria que você me contasse quanto o imperador Carlos lhe paga. Não tenho a menor dúvida de que poderíamos cobrir o valor.

Ele ri.

— Seu amo está sentado em espinhos. Ele sabe que o dinheiro está fluindo para os cofres do meu rei. Ele teme que Henrique faça uma visita à França, e em armas.

— Você sabem o que devem ao rei Francisco. — O embaixador se irritou. — Somente nossas negociações, as mais astutas e sutis negociações, impedem o papa de eliminar seu país da lista de nações cristãs. Temos sido, creio eu, amigos leais da Inglaterra, representando sua causa melhor do que vocês mesmos o fazem.

Ele assente.

— É sempre um prazer ouvir os franceses elogiando a si mesmos. Gostaria de jantar comigo esta semana? Uma vez que isto esteja acabado? E que seu enjoo marítimo retroceda?

O embaixador inclina a cabeça. O brasão em seu quepe cintila; é um crânio de prata.

— Eu informarei a meu amo que, infelizmente, tentei e falhei na questão de Weston.

— Diga que chegou tarde demais. A maré não estava a seu favor.

— Não, eu direi que Cromwell não estava a meu favor. A propósito, você sabe o que Henrique fez, não sabe? — Ele parece achar graça. — Semana passada, ele mandou buscar um carrasco francês. Não de uma de nossas cidades, mas o homem que corta cabeças em Calais. Parece que o rei não confia em nenhum inglês para decapitar sua esposa. Eu me admiro que ele mesmo não a agarre para estrangulá-la na rua.

Ele se vira para Kingston. O condestável é um homem idoso agora, e, embora há 15 anos tenha servido aos assuntos do rei na França, desde então não fez muito uso do idioma; o conselho do cardeal era, fale em inglês e grite bem alto.

— Ouviu isso? — indaga ele. — Henrique mandou buscar o carrasco de Calais.

— Santo Deus — exclama Kingston. — Mandou buscar antes do julgamento?

— É o que diz o *monsieur* embaixador.

— Fico feliz em saber — responde Kingston, devagar e em voz alta. — Minha mente. Muito aliviada. — Ele dá tapinhas na cabeça. — Creio que ele use uma... — E faz um movimento de quem corta o ar.

— Sim, uma espada — diz Dinteville, em inglês. — Podem confiar que verão um desempenho gracioso. — Ele toca o chapéu. — *Au revoir*, senhor secretário.

Eles observam Dinteville se retirar. É uma performance em si; seus criados

precisam rodeá-lo em mais mantos. Quando esteve aqui em sua última missão, ele passou o tempo todo sufocando sob mantas, tentando suar uma febre apanhada devido ao ar inglês, à umidade e ao frio penetrante.

— O pequeno Jeannot — diz ele, o olhar ainda no rastro do embaixador. — Ainda teme o verão inglês. E o rei Francisco, quando teve sua primeira audiência com Henrique, não conseguia parar de tremer de terror. Tivemos que ficar segurando-o para mantê-lo de pé, Norfolk e eu.

— Eu entendi mal — indaga o condestável — ou ele disse que Weston era culpado de poemas?

— Algo assim.

Ana, ao que parece, foi um livro deixado aberto em uma mesa para que qualquer um escrevesse em suas páginas, mesmo sendo reservadas as inscrições apenas a seu marido.

— Bem, é uma questão que não me interessa — diz o condestável. — Já viu uma mulher queimada? É algo que eu nunca gostaria de ver, juro por Deus.

Quando Cranmer chega para vê-lo na noite de 16 de maio, o arcebispo parece doente, com sulcos escuros descendo-lhe do nariz ao queixo. Essas marcas estavam ali há um mês?

— Quero que tudo isso acabe — diz ele —, quero voltar para Kent.

— Deixou Grete lá? — pergunta ele educadamente.

Cranmer assente. Parece quase incapaz de dizer o nome da esposa. Ele se apavora a cada vez que o rei fala de casamento, e, claro, ultimamente o rei praticamente não fala de outra coisa.

— Ela teme que, com a próxima rainha, o rei volte a unir-se a Roma e sejamos forçados a nos separar. Eu digo a ela, não, eu conheço a determinação do rei. Mas, se ele mudará de ideia quanto a um padre poder viver abertamente com sua esposa... se eu achasse que não há esperança quanto a isso, creio que deveria deixá-la ir para casa, antes que não haja mais nada lá para ela. Você sabe como é, em poucos anos as pessoas morrem, esquecem você, você esquece a própria língua, ou assim imagino.

— Há grandes esperanças — responde ele com firmeza. — E diga a ela que dentro de alguns meses, no novo Parlamento, eu já terei apagado todos os vestígios de Roma dos livros estatutários. E então, sabe como é — ele sorri —, uma vez que os bens estejam distribuídos... bem, uma vez que eles tenham sido

direcionados para os bolsos dos ingleses, não tomarão o caminho para os bolsos do papa. — Ele pergunta: — Como estava a rainha, ela lhe fez sua confissão?

— Não. Ainda não é o momento. Ela confessará. No momento final. Se esse momento chegar.

Ele fica feliz por Cranmer. O que seria pior neste momento? Ouvir uma mulher culpada admitindo tudo, ou ouvir uma mulher inocente suplicando? E ter a obrigação de silenciá-la, em ambos os casos? Talvez Ana espere até que não haja esperança de clemência, preservando seus segredos até lá. Ele entende isso. Ele faria o mesmo.

— Contei a ela sobre os arranjos feitos — diz Cranmer — para a audiência de anulação. Falei que será em Lambeth, que será amanhã. Ela perguntou, o rei estará lá? Eu disse não, senhora, ele envia seus procuradores. Ela comentou, ele está ocupado com Seymour, e depois se repreendeu, dizendo, eu não deveria falar contra Henrique, certo? Eu respondi, seria imprudente. Ela me perguntou, posso ir a Lambeth, para interceder em meu nome? Eu respondi, não, não há necessidade, também foram nomeados procuradores para a senhora. Ana pareceu ficar abatida. Mas depois ela falou, diga-me o que o rei quer que eu assinasse. Seja o que for que o rei deseje, eu aceitarei. Talvez ele me permita ir para a França, para um convento. Será que ele quer que eu diga que fui casada com Harry Percy? Eu respondi a ela, senhora, o conde nega isso. E ela riu.

Ele parece ter suas dúvidas. Mesmo a divulgação total, mesmo uma admissão de culpa completa e detalhada, nem isso a ajudaria, não agora, mas poderia ter ajudado antes do julgamento. O rei não quer pensar nos amantes dela, passados ou presentes. Ele os varreu de sua mente. E a ela também. Ana não acreditaria se lhe contassem a que ponto Henrique a esqueceu. Ele disse ontem, “Espero que estes braços meus logo recebam Jane”.

Cranmer comenta:

— Ela não consegue acreditar que o rei a abandonou. Não faz nem um mês que ele obrigou o embaixador imperial a se curvar para ela.

— Acho que ele fez isso por si próprio. Não por ela.

— Não sei — diz Cranmer. — Eu pensava que ele a amava. Achava que não havia nenhum estranhamento entre eles, pensei assim até o último minuto. Sou forçado a acreditar que não sei de nada. Não sobre homens. Nem sobre mulheres. Nem sobre a minha fé, tampouco sobre a fé dos outros. Ela me

perguntou, “Eu irei para o céu? Porque fiz muitas boas ações em minha vida”.

Ela fez a mesma pergunta a Kingston. Talvez esteja perguntando a todo mundo.

— Ela fala de obras. — Cranmer balança a cabeça como se lamentasse. — Não diz nada sobre fé. E eu esperava que ela compreendesse, como agora eu compreendo, que somos salvos não por nossas obras, mas somente pelo sacrifício de Cristo e por seus méritos, não pelos nossos.

— Bem, eu não acho que você deveria concluir que ela foi uma papista todo esse tempo. De que lhe valeria isso?

— Sinto muito por você — diz Cranmer. — Que lhe tenha cabido a responsabilidade de desvelar tudo isso.

— Eu não sabia o que encontraria, quando comecei. Só por isso consegui fazê-lo, porque foi uma surpresa a cada passo. — Ele pensa em Mark se vangloriando, nos cavalheiros diante do tribunal se torcendo para guardar distância e evitando os olhos uns dos outros; ele aprendeu coisas sobre a natureza humana que nem mesmo ele jamais soube antes. — Gardiner está lá da França clamando para saber os detalhes, mas sinto que não quero escrever as particularidades, são abomináveis demais.

— Lance um véu sobre essa parte — concorda Cranmer. Embora o próprio rei não se retraia diante dos detalhes, ao que parece. Cranmer conta: — Henrique leva consigo para todo lado o livro que escreveu. Ele o mostrou na outra noite, na casa do bispo de Carlisle, sabia que Francis Bryan arrendou aquela propriedade? No meio da recepção de Bryan, o rei puxou o texto que escrevera e começou a ler em voz alta, e o mostrou a todos os convivas. A tristeza o deixou perturbado.

— Sem dúvida — responde ele. — De qualquer forma, Gardiner ficará contente. Eu lhe disse que ele será beneficiado quando os despojos forem distribuídos. Os cargos, quero dizer, além das pensões e dos pagamentos que agora são revertidos para o rei.

Mas Cranmer não está ouvindo.

— Ela me perguntou, quando eu morrer, não serei a esposa do rei? Eu respondi, não, senhora, pois o rei terá anulado o casamento, e eu vim buscar o seu consentimento para isso. Ela respondeu, eu consinto. Ela me perguntou, mas ainda serei a rainha? E acho que, segundo a lei, ela será. Eu não sabia o que responder. No entanto, ela aparentemente ficou satisfeita. Mas me pareceu

demorar tanto. O tempo que fiquei com ela. Em um momento ela está rindo, depois está orando, e depois se desesperando... Ela me perguntou sobre Lady Worcester, sobre o filho que ela está carregando. Disse que achava que a criança não se mexia como deveria, já que a dama está agora no quinto mês ou algo assim, e ela acha que é porque Lady Worcester se apavorou, ou porque lamenta por sua ama. Não foi agradável contar-lhe que tal dama depôs contra ela.

— Procurarei saber — comenta ele. — Sobre a saúde da dama. Mas não perguntarei ao conde. Ele me olhou com raiva. Não sei por que motivo.

Uma série de expressões, todas insondáveis, se sucedem no rosto do arcebispo.

— Você não sabe por quê? Então vejo que o rumor não é verdadeiro. Fico feliz por isso. — Ele hesita. — Você realmente não sabe? Dizem na corte que o filho de Lady Worcester é seu.

Ele fica pasmo.

— Meu?

— Dizem que você passava horas com ela, a portas fechadas.

— E isso é prova de adultério? Bem, pelo visto seria. Estão me pagando na mesma moeda. Lorde Worcester acabará comigo.

— Você não parece ter medo.

— Eu tenho medo, mas não de lorde Worcester.

E sim dos tempos que virão. Ana subindo os degraus de mármore para o céu, suas boas obras como joias pesando-lhe nos pulsos e no pescoço.

Cranmer diz:

— Não sei por que motivo, mas ela acredita que ainda há esperança.

Todos esses dias, ele jamais fica sozinho. Seus aliados o vigiam. Fitzwilliam está a seu lado, ainda perturbado pelo que Norris quase lhe disse e que depois retirou: sempre falando sobre isso, queimando os miolos, tentando construir frases completas a partir de fragmentos. Nicholas Carew fica a maior parte do tempo com Jane, mas Edward Seymour alterna-se entre sua irmã e a câmara privada do rei, onde a atmosfera é contida, vigilante, e Henrique, como o minotauro, respira invisível em um labirinto de aposentos. Ele entende que seus novos amigos estão protegendo o investimento que fizeram. Eles o vigiam para detectar qualquer sinal de hesitação. Querem mantê-lo o mais profundamente mergulhado no plano que puderem, e querem as próprias mãos ocultas, para que,

se mais tarde o rei expressar algum arrependimento ou questionar a pressa com que as coisas foram feitas, seja Thomas Cromwell a sofrer, e não eles.

Riche e mestre Wriothesley também aparecem a toda hora. Dizem, “Queremos auxiliá-lo, queremos aprender, queremos ver o que o senhor faz”. Mas eles não conseguem ver. Quando ele era um rapaz, atravessando o Mar Estreito para colocar distância entre si e seu pai, ele chegou sem dinheiro a Dover e se estabeleceu na rua com o truque das três cartas.

— Eis aqui a rainha. Olhe bem para ela. Agora... cadê ela?

A rainha estava em sua manga. O dinheiro estava em seu bolso. Os jogadores gritavam, “Você será chicoteado!”.

* * *

Ele leva os mandados para que Henrique assine. Kingston ainda não recebeu nenhuma informação em relação a como os homens devem morrer. Ele promete, farei o rei se concentrar em uma definição. Ele diz:

— Majestade, não há força em Tower Hill, e não acho que seja uma boa ideia levá-los para Tyburn, as multidões podem sair do controle.

— Por quê? — indaga Henrique. — O povo de Londres não estima esses homens. Na verdade, essa gente nem os conhece.

— Não conhece, mas tendo alguma desculpa para estabelecer a desordem, e se o tempo estiver bom...

O rei resmunga. Muito bem. O decapitador.

Mark também?

— Afinal, eu lhe prometi misericórdia se ele confessasse, e sabemos que ele de fato confessou livremente.

O rei pergunta:

— O francês veio?

— Sim, Jean de Dinteville. Apresentou queixas oficiais.

— Não — corrige Henrique.

Não esse francês. Ele está falando do carrasco de Calais. Ele indaga ao rei:

— O senhor acha que foi na França, na época em que a rainha fazia parte da corte de lá, em sua juventude... acha que foi lá que ela foi comprometida pela primeira vez?

Henrique fica em silêncio. Ele pensa, depois fala:

— Ela sempre me falava, escute o que digo... sempre me falando das vantagens da França. Acho que você está certo. Eu andei pensando e não acredito que tenha sido Harry Percy quem tirou sua virgindade. Ele não mentiria, não é mesmo? Não arriscaria sua honra como nobre da Inglaterra. Não, acredito que foi na corte da França que ela foi usada pela primeira vez.

Portanto ele não sabe dizer se o carrasco de Calais, tão perito em sua arte, é uma espécie de misericórdia; ou se essa forma de morte, decidida para a rainha, simplesmente atende ao severo senso de adequação das coisas que é próprio de Henrique.

Mas ele pensa, se Henrique acusa algum francês de arruiná-la, algum estrangeiro desconhecido e talvez já morto, tanto melhor.

— Então não foi Wyatt? — indaga ele.

— Não — responde Henrique, sombrio. — Não foi Wyatt.

Talvez Wyatt fique melhor onde está, pensa ele, por enquanto. Mais seguro assim. Mas uma mensagem pode ser enviada, dizendo que ele não será julgado. Ele diz:

— Majestade, a rainha se queixa de suas atendentes. Ela gostaria de ter consigo as damas de sua própria câmara privada.

— A câmara dela foi dissolvida. Fitzwilliam já cuidou disso.

— Nem todas as damas devem ter ido para casa.

Estão fazendo hora, ele bem sabe, nas casas dos amigos, na expectativa de uma nova ama.

Henrique diz:

— Lady Kingston deve ficar, mas você pode trocar as outras. Se ela conseguir encontrar alguém disposto a servi-la.

É possível que Ana ainda não saiba que foi totalmente abandonada. Se Cranmer estiver certo, Ana imagina que seus antigos amigos estão lamentando por ela, quando na verdade eles estão suando frio na espera de que sua cabeça seja decepada.

— Alguém fará essa caridade — responde ele.

Henrique agora baixa os olhos para os documentos à sua frente, como se não soubesse o que são.

— As sentenças de morte. Para endossar — ele o recorda.

Ele espera junto ao rei enquanto Henrique mergulha a pena e desenha sua

assinatura em cada um dos mandados: letras quadradas, complexas, que pesam no papel; pela mão de um homem, no fim das contas.

Ele está em Lambeth, no tribunal convocado para ouvir o processo de divórcio, quando morrem os amantes de Ana: este é o último dia do processo, tem que ser. Seu sobrinho Richard está lá para representá-lo em Tower Hill e para lhe trazer a notícia de como aconteceu. Rochford fez um discurso eloquente, aparentando autocontrole. Foi o primeiro a ser morto e precisou de três golpes do machado; depois disso, os outros não falaram muito. Todos se proclamaram pecadores, todos disseram que mereciam morrer, mas novamente não disseram pelo quê; Mark, deixado por último e escorregando no sangue, clamou pela misericórdia de Deus e pelas orações do povo. O carrasco provavelmente firmara o braço, já que, depois de seu primeiro fiasco, todos morreram de forma limpa.

No papel está feito. Os registros dos julgamentos são seus, para levar para a Rolls House, para guardar ou destruir ou extraviar, mas os corpos dos homens mortos são um problema sujo, urgente. Os cadáveres devem ser postos em uma carroça e levados para dentro das muralhas da Torre: ele pode imaginá-los, uma pilha de corpos entrelaçados sem cabeça, amontoados promiscuamente como se em uma cama, ou como se, como cadáveres na guerra, já tivessem sido sepultados e depois desenterrados. Dentro da fortaleza, eles são despojados de suas roupas, que são espólio do carrasco e de seus assistentes, e deixados apenas de camisa. Há um cemitério junto aos muros de St. Peter ad Vincula, e os plebeus serão enterrados lá; Rochford irá sozinho para debaixo do piso da capela. Mas, agora que os mortos estão sem as insígnias de suas posições, há certa confusão. Um membro da comitiva de enterro disse, chamem a rainha, ela conhece o corpo de cada um deles; mas os outros, conta Richard, o repreenderam, gritaram que aquilo era uma vergonha. Ele explica, os carcereiros veem muitas coisas, perdem rapidamente o senso do que é decente ou não.

— Eu vi Wyatt assistindo a tudo de uma janela gradeada na Torre do Sino — diz Richard. — Ele acenou para mim e eu queria lhe transmitir esperança, mas não sabia como sinalizar isso.

Ele será libertado, diz ele. Mas talvez não antes que Ana esteja morta.

As horas até que isso aconteça parecem se demorar. Richard o abraça, e comenta:

— Se tivesse reinado por mais tempo, ela nos atiraria aos cães.

— Se tivéssemos deixado que ela reinasse por mais tempo — diz ele —, teríamos merecido.

Em Lambeth, os dois procuradores da rainha estiveram presentes: como substitutos do rei, o Dr. Bedyll e o Dr. Tregonwell, e Richard Sampson como seu advogado. E ele próprio, Thomas Cromwell: e o lorde chanceler, e outros conselheiros, incluindo o duque de Suffolk, cujos próprios assuntos conjugais são tão emaranhados que o duque aprendeu um tanto de direito canônico, engolindo-o como uma criança toma um remédio; hoje Brandon ficou sentado fazendo caretas e se remexendo em sua cadeira, enquanto os padres e advogados peneiravam as circunstâncias. Eles conversaram sobre Harry Percy e concordaram que Percy não lhes é útil.

— Não consigo entender como você não obteve a cooperação dele, Cromwell — diz o duque.

Relutantemente, eles conversaram sobre Maria Bolena e concordaram que teria que ser ela a fornecer o impedimento; mas assim o rei seria tão culpado quanto qualquer outro, pois ele certamente sabia que não podia comprometer-se com Ana se havia dormido com a irmã dela, não? Creio que a questão não estava inteiramente óbvia, explica Cranmer suavemente. Havia parentesco, isso está claro, mas ele teve uma dispensa do papa, que ele pensava ser válida na época. Ele não sabia que, em tão grave questão, o papa não pode dispensar; isso foi resolvido mais tarde.

É tudo muito insatisfatório. O duque diz de repente:

— Bem, todos vocês sabem que ela é uma bruxa. E se ela o enfeitiçou para fazê-lo se casar...

— Não creio que o rei queira dizer isso — replica ele: ele, Cromwell.

— Ah, ele quer — devolve o duque. — Achei que fosse para discutir isso que estávamos aqui. Se ela o enfeitiçou, o casamento não foi válido, assim é o meu entendimento.

O duque se recosta, braços cruzados.

Os procuradores se entreolham. Sampson fita Cranmer. Ninguém fita o duque. Finalmente, Cranmer diz:

— Não precisamos tornar público o motivo. Podemos emitir o decreto, mas manter os fundamentos em segredo.

Todos voltando a respirar. Ele diz:

— Imagino que seja algum consolo não precisarmos ser ridicularizados em público.

O lorde chanceler comenta:

— A verdade é tão rara e preciosa que às vezes tem que ser trancada a sete chaves.

O duque de Suffolk marcha rumo a sua barca, gritando que finalmente está livre dos Bolena.

O fim do primeiro casamento do rei foi demorado, público e debatido por toda a Europa, não apenas nos conselhos de príncipes, mas também na praça do mercado. O fim do segundo, se a decência prevalecesse, seria rápido, privado, silencioso e obscuro. No entanto, é necessário que seja testemunhado pela cidade e por homens de posição. A Torre é uma cidade. É um arsenal, um palácio, uma casa da moeda. Trabalhadores de todos os tipos, funcionários do Estado, muitos deles vêm e vão. Mas a Torre pode ser policiada, e os estrangeiros, evacuados. Ele destaca Kingston para fazer isso. Ana, ele lamenta em saber, confundiu o dia de sua morte, acordando às duas da manhã do dia 18 de maio para rezar, mandando chamar seu esmoler e pedindo que Cranmer viesse ao amanhecer para que ela fosse purificada de seus pecados. Pelo visto, ninguém lhe disse que Kingston chega sem falta ao amanhecer do dia de uma execução, para avisar à pessoa condenada que ela deve se aprontar. Ela não está familiarizada com o protocolo, por que estaria? Kingston diz, ponha-se no meu lugar: cinco mortes em um dia, e depois preparar-se para uma rainha da Inglaterra? Como ela pode morrer se os funcionários de que se necessita não estão aqui? Os carpinteiros ainda estão fazendo seu cadafalso na Torre Verde, embora, felizmente, ela não possa ouvir as batidas em seu alojamento real.

Mesmo assim, o condestável sente pena pelo equívoco dela; ainda mais que seu erro se prolongou manhã adentro. A situação impõe grande pressão sobre Kingston e sobre sua esposa. Em vez de se alegrar por ter mais uma aurora em vida, relata ele, Ana chorou, e disse que lamentava não morrer hoje: ela gostaria de já se encontrar além da dor. Ela soube do carrasco francês:

— Eu disse a ela — conta Kingston — que não haverá dor, que é muito sutil.

E no entanto, segundo Kingston, mais uma vez ela fechou os dedos ao redor do pescoço. Ana tomou a Eucaristia, declarando sobre o corpo de Deus sua

inocência.

Coisa que ela certamente não faria, indaga Kingston, se fosse culpada, não?

Ela lamenta pelos homens que se foram.

Ela brinca, dizendo que será conhecida daqui por diante como Ana sem Cabeça, Anne sans Tête.

Ele diz ao filho:

— Se vier comigo para testemunhar isso, será talvez a coisa mais difícil que você já terá feito. Se conseguir passar pela execução com um semblante firme, isso será observado, e se reverterá muito em seu favor.

Gregory apenas o encara. Ele responde:

— Uma mulher, não consigo.

— Eu estarei a seu lado para lhe mostrar que você consegue. Você não precisa olhar. Quando a alma se vai, nós ajoelhamos, e baixamos os olhos, e rezamos.

O cadafalso foi instalado em um lugar aberto, onde outrora se realizavam torneios. Uma guarda de duzentos dragões se aproxima, entrando em formação para liderar a procissão. O fiasco das machadadas de ontem, a confusão sobre a data, os atrasos, as informações erradas: nada disso deve se repetir. Ele chega cedo, na hora em que estão colocando a serragem, tendo deixado o filho nos aposentos de Kingston, junto com os outros que se reúnem: os magistrados, os deputados, os oficiais e dignitários de Londres. Ele mesmo sobe os degraus do cadafalso, verificando se aguentam seu peso; um dos homens encarregados da serragem lhe diz, está firme, senhor, todos nós já corremos para cima e para baixo disso aí, mas suponho que o senhor deseja verificar por si próprio. Quando ele ergue os olhos, o carrasco já está lá, conversando com Christophe. O jovem está bem-vestido, um subsídio lhe foi concedido para adquirir vestes de um cavalheiro, de modo que ele não se destaque facilmente dos outros funcionários; isso é feito para poupar a rainha do alarme, e, se as roupas do carrasco forem inutilizadas, ao menos não será um prejuízo para seu próprio bolso. Ele, Cromwell, vai até ele.

— Como fará isso?

— Vou surpreendê-la, senhor. — Passando a falar em inglês, o jovem indica os próprios pés. Ele usa sapatos macios, do tipo que se calça para se transitar em interiores. — Ela nunca verá a espada. Coloquei-a ali, na palha. Vou distraí-la.

Ela não verá de onde venho.

— Mas você me mostrará.

O homem dá de ombros.

— Se quiser. O senhor é Cremuel? Disseram-me que é quem está no comando de tudo. Até brincaram comigo, dizendo, se você desmaiar por causa da feiura dela, tem alguém que poderá empunhar a espada em seu lugar, o nome dele é Cremuel e ele é capaz de cortar a cabeça da Hidra, coisa que não sei o que é. Mas disseram que é um lagarto ou uma serpente, e que, para cada cabeça que é cortada, duas nascem no lugar.

— Não neste caso — responde ele.

Uma vez que os Bolena estejam acabados, estarão de fato acabados.

A arma é pesada, é preciso segurá-la com as duas mãos. Tem quase 1,5 metro: 5 centímetros de largura, arredondada na ponta, dois gumes.

— É preciso praticar, assim — diz o homem. Ele gira no lugar como um dançarino, os braços erguidos, os punhos juntos como se estivessem segurando a espada. — É preciso manejar a arma todos os dias, ao menos para repassar os movimentos. Podemos ser chamados a qualquer momento. Não matamos muita gente em Calais, mas somos chamados a outras cidades.

— É um bom ofício — comenta Christophe.

Ele quer manejar a espada, mas ele, Cromwell, ainda não quer largá-la.

O homem prossegue:

— Disseram-me que posso falar francês com ela, ela me entenderá.

— Sim, faça isso.

— Mas ela terá que se ajoelhar, ela precisa ser informada disso. Não há bloco, como podem ver. Ela tem que se ajoelhar e ficar bem reta e não se mexer. Se ficar firme, estará acabado em um segundo. Se não, ela será feita em pedaços.

Ele devolve a arma.

— Eu posso responder por ela.

O homem diz:

— Entre uma e outra batida do coração, está feito. Ela não se dará conta de nada. Uma fração de segundo e está na eternidade.

Eles se afastam. Christophe comenta:

— Senhor, ele me disse, avise às mulheres que ela deve ter as saias enroladas

em torno dos pés quando se ajoelhar, para que, caso caia mal, não mostre ao mundo o que tantos cavalheiros já viram.

Ele não reprova o rapaz por sua grosseria. Christophe é rude, mas tem razão. E quando chega o momento, como será visto, as mulheres enrolam as saias mesmo antes de serem instruídas a isso. Devem ter debatido o tema entre si.

Francis Bryan aparece a seu lado, transpirando dentro de um gibão de couro.

— E então, Francis?

— Estou encarregado de, assim que a cabeça dela for cortada, ir levar a notícia ao rei e à Srta. Jane.

— Por quê? — indaga ele friamente. — Eles acham que o carrasco pode falhar por algum motivo?

São quase nove horas.

— O senhor comeu algo pela manhã? — indaga Francis.

— Sempre faço meu jejum.

Mas ele se pergunta se o rei comeu algo.

— Henrique mal falou de Ana — comenta Francis Bryan. — Só disse que não consegue entender como isso tudo aconteceu. Quando ele olha para trás, para os últimos dez anos, não consegue entender a si mesmo.

Eles ficam em silêncio. Francis diz:

— Veja, estão chegando.

A procissão solene, passando pelo Portão de Coldharbour: primeiro os civis, membros do conselho local e demais funcionários de Estado, depois a guarda. No meio deles, a rainha com suas damas. Ela usa um vestido de damasco escuro e um manto curto de arminho, o toucado em triângulo; é a ocasião, conclui-se, para esconder o rosto tanto quanto possível, para proteger a expressão. Esse manto de arminho, ele já não o viu antes? O manto estava ao redor de Catarina, pensa ele, lembro-me de tê-lo notado. Estas peles, portanto, são os últimos despojos de Ana. Há três anos, quando avançou para ser coroada, ela caminhou sobre um tecido azul que se estendia por toda a abadia — em gravidez tão avançada que os espectadores prenderam o fôlego por ela; e agora ela deve arrastar os pés sobre o chão áspero, abrir caminho em seus pequeninos sapatos de dama, com seu corpo vazio e leve e com o mesmo número de mãos à sua volta, prontas para sustentá-la a qualquer tropeço e entregá-la em perfeitas condições à morte. Uma ou duas vezes a rainha vacila, e toda a procissão é

obrigada a diminuir o passo; mas ela não tropeçou, está apenas se virando a fim de olhar para trás. Cranmer disse:

— Não sei por que razão, mas ela acha que ainda há esperança.

As damas se velaram, até mesmo Lady Kingston; não querem que suas vidas futuras sejam associadas ao trabalho que cumprem esta manhã, não querem que seus maridos ou futuros pretendentes olhem para elas e pensem em morte.

Gregory veio, quietamente, para junto do pai. Seu filho está tremendo, ele o sente. Ele pousa a mão enluvada no braço do rapaz. O duque de Richmond o cumprimenta; está em posição de destaque, com seu sogro Norfolk Surrey, filho do duque, sussurra algo para o pai, mas Norfolk olha diretamente para a frente. Como a casa de Howard chegou a esse ponto?

Quando as mulheres despem o manto da rainha, ela é uma figura minúscula, um feixe de ossos. Não parece uma poderosa inimiga da Inglaterra, mas as aparências enganam. Se Ana pudesse ter arrastado Catarina para este mesmo lugar, ela o teria feito. Se ela mantivesse sua influência, talvez a menina Maria acabasse aqui; e ele próprio, claro, tirando a casaca e esperando pelo grosseiro machado inglês. Ele diz ao filho:

— Será apenas um instante, agora.

Ana distribuiu esmolas em seu percurso, e a bolsa de veludo está vazia agora; ela desliza a mão para dentro e vira a bolsa do avesso, o gesto de uma prudente dona de casa, para garantir que nada seja desperdiçado.

Uma das mulheres estende a mão para tomar a bolsa. Ana a entrega sem olhar para a moça, e então se dirige à beira do cadafalso. Ela hesita, lança os olhos por cima das cabeças da multidão e começa a falar. A multidão avança para a frente como um só corpo, mas o máximo que consegue se aproximar são apenas mais alguns centímetros, cada homem com a cabeça erguida, os olhos fixos. A voz da rainha é muito baixa, suas palavras mal se ouvem, seus sentimentos, os habituais nesse tipo de ocasião:

— ... rezem pelo rei, pois ele é um bom príncipe, gentil, amável e virtuoso...

É preciso que se digam essas coisas, pois ainda há a esperança de que chegue o mensageiro do rei, mesmo agora...

Ana faz uma pausa... Mas não, ela terminou. Não lhe resta mais nada a dizer e não mais que alguns instantes nesse mundo. Ela respira fundo. Seu rosto expressa perplexidade. *Amém*, diz ela, *amém*. Ela baixa a cabeça. Então ela

parece conter-se, controlar o tremor que se apoderou de seu corpo inteiro, da cabeça aos pés.

Uma das mulheres veladas se aproxima dela e lhe dirige a palavra. O braço de Ana treme quando ela o ergue para retirar o toucado, que sai facilmente, sem confusão; ele pensa, com certeza não foi preso com grampos. Seu cabelo está recolhido em uma rede de seda na nuca e ela os solta, reúne as mechas, levantando as mãos acima da cabeça, fazendo um coque; ela segura o cabelo com a mão e uma das mulheres lhe dá uma touca de linho. Ela a veste. A touca não parece capaz de segurar seu cabelo, mas segura; Ana deve ter ensaiado esse momento. Mas agora ela olha em volta, como se em busca de direção. Ela ergue a touca um pouco, a recoloca. Não sabe o que fazer. Ele percebe que ela não sabe se deve amarrar o cordão sob o queixo — se a touca ficará fixa sem amarrar, se ela tem tempo de dar um nó, e quantos segundos ela ainda tem no mundo. O carrasco avança e ele vê — ele está muito próximo — que os olhos de Ana se concentram nele. O francês dobra os joelhos numa mesura para pedir perdão. É uma formalidade, e seus joelhos mal resvalam a palha. O homem indica a Ana que se ajoelhe, e, enquanto ela faz isso, ele se afasta, como se não quisesse contato nem mesmo com suas roupas. À distância de um braço, ele entrega um pano dobrado a uma das mulheres e ergue a mão aos olhos para mostrar o que devem fazer. Ele torce para que tenha sido Lady Kingston quem pegou a venda; quem quer que seja, é uma mulher hábil, mas um pequeno som sai de Ana quando seu mundo escurece. Seus lábios se movem em oração. O francês pede, com um gesto, que as mulheres se afastem. Elas recuam; ajoelham-se, uma delas quase desaba no chão e é contida pelas outras; apesar dos véus, é possível ver as mãos delas, mãos nuas e indefesas enquanto elas reúnem cada uma as próprias saias, como se quisessem se tornar pequenas, como se quisessem se proteger. A rainha está sozinha agora, mais sozinha do que jamais esteve na vida. Ela diz, Cristo, tem misericórdia, Jesus, tem piedade, Cristo, recebe minha alma. Ela ergue um braço, mais uma vez seus dedos se dirigem à touca, e ele pensa, abaixe o braço, pelo amor de Deus, abaixe esse braço, e ele não deseja mais nada... O carrasco exclama bruscamente, “Tragam-me a espada”. A cabeça cega gira de um lado a outro. O homem está atrás de Ana, ela foi desorientada, não detecta onde ele está. Há um gemido, um som uníssono emitido por toda a multidão. Em seguida, silêncio e, nesse silêncio,

um suspiro agudo ou um som que é como o assovio do vento pelo buraco da fechadura: o corpo dessangra, e sua minúscula presença se torna uma poça de sangue.

O duque de Suffolk ainda está de pé. Richmond também. O restante da multidão, que se ajoelhou, agora se põe de pé. O carrasco deu as costas para os espectadores e já entregou sua espada. O assistente se aproxima do cadáver, mas as quatro mulheres chegam primeiro, colocando-se no caminho do homem.

— Não queremos que homens mexam nela — declara ferozmente uma das mulheres.

Ele ouve o jovem Surrey dizer:

— Não, já mexeram o suficiente.

Ele diz a Norfolk, meu senhor, tome conta de seu filho e o retire deste lugar. Richmond, ele vê, parece nauseado, e ele percebe com aprovação que Gregory se dirige ao menino e se curva, amigável como um rapaz pode ser com outro, dizendo, meu amo, melhor se retirar agora, vamos. Ele não sabe por que Richmond não se ajoelhou. Talvez o jovem acredite nos rumores de que a rainha tentou envenená-lo, e não quis lhe prestar nem o último respeito. Quanto a Suffolk, é mais compreensível. Brandon é um homem duro e nunca deveu nada a Ana. Ele viu batalhas. Entretanto, nunca um derramamento de sangue como este.

Ao que parece, Kingston não planejou nada para depois da morte, para o enterro.

— Rogo a Deus — diz ele, Cromwell, a ninguém em particular — que o condestável tenha se lembrado de erguer as bandeiras na capela.

Ao que alguém responde, acho que lembrou sim, senhor, as bandeiras foram hasteadas há dois dias, para que o irmão dela pudesse ser enterrado.

O condestável não tem feito jus a sua reputação nos últimos dias, mas ele também foi deixado em incerteza pelo rei e, como admitirá mais tarde, passou toda a manhã achando que um mensageiro podia chegar de repente de Whitehall para cancelar tudo: até mesmo quando a rainha já recebia ajuda para subir os degraus, até no momento em que ela tirou o toucado. Ele não pensou em um caixão, mas um baú de olmo para flechas foi esvaziado às pressas e levado para a cena da carnificina. Ontem o baú estava destinado a ser enviado à Irlanda com sua carga, cada haste pronta para provocar um estrago separado, isolado. Agora é objeto de olhar público, um caixão de morte, grande o bastante para o corpo

pequeno da rainha. O carrasco cruzou o cadafalso e ergueu a cabeça decepada; ele a embala em 1 metro de linho, como um recém-nascido. Então espera que alguém se aproxime para tomar o fardo. As mulheres erguem, sozinhas, os restos encharcados da rainha para o baú. Uma delas avança, recebe a cabeça e a deposita — não há outro espaço — aos pés do cadáver. Elas então se erguem, todas banhadas em sangue, e se retiram rigidamente, em fileira cerrada, como soldados.

À noite, ele está em casa, em Austin Friars. Já escreveu algumas cartas para a França, para Gardiner. Gardiner no exterior: uma fera agachada mordiscando as próprias garras, à espera do momento de atacar. Foi um triunfo, mantê-lo afastado. Ele se pergunta por quanto tempo mais conseguirá fazer isso.

Ele gostaria de que Rafe estivesse aqui, mas ou Rafe está com o rei ou voltou para Helen, em Stepney. Ele está acostumado a ver Rafe na maioria dos dias e não consegue se habituar à nova ordem das coisas. Vive na expectativa de ouvir sua voz, ouvir Rafe e Richard, e também Gregory, quando o filho está em casa, empurrando-se pelos cantos e tentando derrubar uns aos outros pela escada, escondendo-se atrás de portas para saltar uns sobre os outros, fazendo todos aqueles truques que mesmo os homens de 25 ou 30 anos fazem quando pensam que os mais velhos não estão por perto. Em vez de Rafe, mestre Wriothesley é quem está com ele, andando de lá para cá. Me-Chame parece achar que alguém deveria fazer uma narrativa do dia, como se para um cronista; ou, se não isso, que ele deveria narrar os próprios sentimentos.

— Eu estou, senhor, como se sobre um promontório, de costas para o mar, e abaixo, uma planície em chamas.

— É mesmo, Me-Chame? Então entre e fuja do vento — responde ele —, tome uma taça deste vinho que lorde Lisle me enviou da França. Geralmente o guardo para meu próprio consumo.

Me-Chame pega a taça.

— Sinto cheiro de edifícios queimando. Torres derrubadas. Na verdade, não há nada além de cinzas. Destroços.

— Mas são destroços úteis, não?

Destroços podem ser remodelados em todo tipo de coisas: pergunte a qualquer morador da costa.

— O senhor não respondeu satisfatoriamente um determinado ponto —

prossigue Wriothsley. — Por que deixou Wyatt escapar sem julgamento? Fora o fato de ele ser seu amigo?

— Vejo que você não vê muito valor na amizade.

Ele observa como Wriothsley absorve essa resposta.

— Bem — prossegue Me-Chame —, Wyatt, segundo vejo, não lhe apresenta nenhuma ameaça, e jamais o menosprezou ou ofendeu. William Brereton era arrogante e ofendeu a muitos, ele estava em seu caminho. Harry Norris, o jovem Weston, bem, eles ocupavam certos espaços, e agora o senhor pode colocar seus próprios amigos na câmara privada, ao lado de Rafe. E Mark, aquele garoto chato com seu alaúde; dou o braço a torcer, o lugar parece melhor sem ele. E George Rochford derrubado, isso põe para correr o resto dos Bolena, monsenhor terá que afundar de volta no campo e não mais cantar de galo. O imperador ficará gratificado por tudo o que se passou. Uma pena que a febre do embaixador o deixou incapacitado hoje. Ele teria gostado de assistir.

Não, não teria, pensa ele. Chapuys é melindroso. Mas é preciso que nos ergamos de nosso leito de doente, se preciso for, para vermos os resultados daquilo que desejamos.

— Agora teremos paz na Inglaterra — proclama Wriothsley.

Uma frase passa pela sua cabeça — foi Thomas More quem a pronunciou? “A paz do galinheiro quando a raposa vai para casa.” Ele vê as carcaças espalhadas, algumas das aves mortas com um único golpe de mandíbula, o resto mordido e desmembrado enquanto a raposa rodopia e dá botes frenéticos e as galinhas se desesperam à sua volta; enquanto ela gira e lhes traz a morte: os restos depois para serem lavados, uma capa de plumas vermelhas colada no chão e nas paredes.

— Todos os jogadores removidos — prossegue Wriothsley. — Todos os quatro que levaram o cardeal para o inferno: e também o pobre tolo Mark, que fez uma balada a partir das façanhas dos outros.

— Todos os quatro — diz ele. — Todos os cinco.

— Um cavaleiro me perguntou, se é isso que Cromwell faz aos inimigos menores do cardeal, o que há de fazer com o próprio rei?

Ele se põe a admirar o jardim ao crepúsculo: paralisado, a pergunta como uma faca entre suas costelas. Há apenas um homem entre todos os súditos do rei a quem esta pergunta ocorreria, apenas um que se atreveria a colocá-la. Há

apenas um homem que se atreveria a questionar a lealdade que Thomas Cromwell mostra a seu rei, a lealdade que ele demonstra diariamente.

— Então... — diz ele, por fim — quer dizer que Stephen Gardiner chama a si mesmo de cavalheiro.

Talvez, preso nas pequenas vidraças que distorcem e nublam a imagem, Wriothsley veja um reflexo dúbio: confusão, medo, emoções que não marcam o semblante do secretário-mor com frequência. Porque se Gardiner pensa assim, quem mais pensa? Quem mais pensará assim nos meses e anos que se seguirão?

— Wriothsley, você não espera que eu lhe dê justificativa para minhas ações, é claro. Uma vez que escolhemos um caminho, não devemos nos desculpar por ele. Deus sabe que não desejo nada além do bem para nosso amo, o rei. Sou destinado a obedecer e servir. E, se me observar de perto, você verá que é o que faço.

Ele se vira, quando pensa que é seguro que Wriothsley veja seu rosto. Seu sorriso é implacável. Ele diz:

— Beba à minha saúde.

III Espólios

Londres, verão de 1536

O rei pergunta:

— O que aconteceu com as roupas dela? O toucado?

Ele responde:

— Ficaram para os funcionários da Torre. É sua gratificação.

— Compre-os de volta — ordena o rei. — Quero ter certeza de que sejam destruídos.

O rei prossegue:

— Recolha todas as chaves que deem entrada à minha câmara privada. Aqui e em outros palácios. Todas as chaves para todos os quartos. Quero as fechaduras trocadas.

Há novos criados em toda parte, ou funcionários antigos em novos cargos. No lugar de Henry Norris, Sir Francis Bryan é nomeado chefe da câmara privada, e receberá uma pensão de 100 libras. O jovem duque de Richmond é nomeado camareiro de Chester e Gales do Norte, e (substituindo George Bolena) guardião de Cinque Ports e condestável do Castelo de Dover. Thomas Wyatt é liberado da Torre e também recebeu 100 libras. Edward Seymour é promovido a visconde Beauchamp. Richard Sampson é nomeado bispo de Chichester. A esposa de Francis Weston anuncia seu novo casamento.

Ele debateu com os irmãos Seymour sobre o lema que Jane deve adotar como rainha. Eles se decidem por “Destinada a Obedecer e Servir”.

Eles o apresentam a Henrique. Um sorriso, um aceno de cabeça: pleno contentamento. Os olhos azuis do rei estão serenos. Ao longo do outono deste ano, 1536, em janelas de vidro, em esculturas de pedra ou madeira, o brasão da fênix substituirá o falcão branco com sua coroa imperial; quanto aos leões heráldicos da morta, são substituídos pelas panteras de Jane Seymour, o que é feito economicamente, uma vez que os animais só precisam de cabeças e caudas diferentes.

O casamento é rápido e privado, na câmara da rainha em Whitehall. Descobre-se que Jane é prima distante do rei, mas todas as dispensas são concedidas de forma adequada.

Ele, Cromwell, encontra-se junto do rei antes da cerimônia. Henrique está quieto, e mais melancólico neste dia do que qualquer noivo deveria estar. Ele não pensa em sua última rainha; há dez dias que ela morreu, e ele nunca fala dela. Mas ele diz:

— Crumb, não sei se agora terei algum filho. Platão diz que a melhor prole de um homem nasce quando ele está entre os 30 e os 39 anos. Eu já passei dessa idade. Desperdicei meus melhores anos. Não sei para onde foram.

O rei sente que foi roubado de seu destino.

— Quando meu irmão Artur morreu, o astrólogo de meu pai previu que eu desfrutaria de um reinado próspero e que geraria muitos filhos.

Pelo menos você é próspero, pensa ele: e, se continuar comigo, será mais rico do que jamais imaginou. Em algum lugar, Thomas Cromwell estava em seu mapa natal.

As dívidas da morta aparecem agora para serem quitadas. Ela deve cerca de mil libras, o que suas propriedades confiscadas podem cobrir: a seu peleteiro e seu camiseiro, às fornecedoras de seda, a seu boticário, seu cortineiro, seu selei-ro, seu tintureiro, seu ferrador e seu alfineteiro. A posição de sua filha é incerta, mas a criança está bem provida, com franjas de ouro ao redor de sua cama e toucas de cetim branco e púrpura com barra dourada. À bordadeira da rainha são devidas 55 libras, e podemos ver onde o dinheiro foi empregado.

O pagamento para o carrasco francês é de mais de 23 libras, mas é uma despesa que provavelmente não se repetirá.

Em Austin Friars, ele pega as chaves e adentra o pequeno quarto onde se guardam os arranjos de Natal: onde prenderam Mark e onde ele berrou de pavor no meio da noite. As asas de pavão terão que ser destruídas. A filha de Rafe provavelmente não pedirá por elas outra vez; crianças não se lembram de nada de um Natal ao outro.

Quando as asas são sacadas de seu saco de linho, ele estica o tecido, ergue contra a luz e vê que o saco está rasgado. Agora ele entende como as penas deslizaram para fora e afagaram o rosto do homem morto. Ele vê que as asas estão esfiapadas, como se roídas, e os olhos brilhantes estão opacos. Em todo

caso, são coisas espalhafatosas que não vale a pena manter no depósito.

Ele pensa em sua filha Grace. E pensa, será que minha esposa foi algum dia desleal comigo? Quando eu estava em viagem, tratando dos assuntos do cardeal com tantas vezes estive, será que ela se envolveu com algum comerciante de seda que conheceu através de seu ofício, ou, como muitas mulheres fazem, será que dormiu com um padre? Ele duvida muito. No entanto, Liz era uma mulher comum, e Grace era linda, de feições perfeitas. Hoje em dia elas se nublam em sua mente; é o que a morte faz a alguém, usurpa e usurpa, até que tudo que resta de suas memórias é um fraco rastro de cinzas derramadas.

Ele indaga a Johane, a irmã de sua mulher:

— Você acha que Lizzie alguma vez se envolveu com outro homem? Quero dizer, quando já estávamos casados?

Johane fica chocada.

— De onde você tirou essa ideia? Faça o favor de devolvê-la agora mesmo.

Ele tenta. Mas não consegue evitar o sentimento de que Grace escorregou para ainda mais longe dele. Ela morreu antes que pudesse ser feita uma pintura ou um retrato em desenho dela. Viveu e não deixou vestígios. Suas roupas e sua bola de pano e o bebê de madeira com seu camisolão já passaram para outras crianças há muito. Mas sua filha mais velha, Anne, ele tem seu caderno de estudos. Às vezes ele o pega e examina, o nome inscrito com a caligrafia ousada, Anne Cromwell, livro de Anne Cromwell; os peixes e pássaros que ela desenhava nas margens, as sereias e os grifos. Ele guarda o caderno em uma caixa de madeira forrada por dentro e por fora de couro vermelho. Na tampa, o couro desbotou para um tom pálido de cor-de-rosa. Só ao abri-lo que vemos o chocante escarlate original.

Estas noites suaves encontram Thomas Cromwell em sua mesa. O papel é precioso. Suas sobras e resíduos não são descartados, mas devolvidos, reutilizados. Por vezes, ele pega um antigo arquivo de cartas e encontra as anotações de chanceleres há muito tornados pó, de bispos-ministros agora frios sob as inscrições de seus méritos. Quando, dessa forma, ele encontrou a caligrafia de Wolsey pela primeira vez após sua morte — um cálculo rápido, um esboço descartado —, seu coração se apequenou e ele teve que largar da pena até que passasse o espasmo da dor. Acabou se habituando a esses encontros, mas nessa noite, ao virar a folha e ver a caligrafia do cardeal, os caracteres lhe são

estranhos, como se algum truque, talvez devido à luz, alterasse sua forma. A caligrafia poderia ser de um desconhecido, de um credor ou devedor com quem ele teve que lidar ainda no último trimestre e a quem não conhece bem; poderia ser de algum humilde secretário, copiando os ditames de seu amo.

Um momento se passa: uma suave tremulação da chama nutrida por cera de abelha, um toque no livro para aproximá-lo da luz, e as palavras assumem seus contornos familiares, de forma que ele vê a mão morta que as inscreveu ali. Durante as horas de luz ele só pensa no futuro, mas às vezes, tarde da noite, as lembranças vêm perturbá-lo. Enfim. Sua próxima tarefa é de alguma forma reconciliar o rei e Lady Maria, salvar Henrique de matar a própria filha; e, antes disso, impedir que os amigos de Maria o matem. Ele os ajudou a alcançar seu novo mundo, o mundo sem Ana Bolena, e agora pensarão que podem se manter também sem Cromwell. Eles comeram de seu banquete e agora vão querer enxotá-lo dali junto com os farelos e os ossos. Mas a mesa era sua: é ele quem marcha sobre ela, por entre as carnes destroçadas. Que tentem derrubá-lo. Eles o encontrarão blindado, entrincheirado, o descobrirão aferrado ao futuro como uma craca. Ele tem leis a escrever, medidas a tomar, o bem da nação a promover, e seu rei: ainda tem títulos e honrarias a obter, casas a construir, livros a ler, e, quem sabe, talvez filhos a gerar, e tem Gregory para dispor em casamento. Seria alguma compensação pelas filhas perdidas, ter um neto. Ele se imagina sob uma luz inebriante, segurando uma criança pequena para que os mortos possam vê-la.

Ele pensa, por mais que me esforce, um dia partirei, e, do jeito que anda o mundo, não deve demorar: por mais que eu seja um homem de firmeza e vigor, a fortuna é mutável; ou meus inimigos me derrubarão, ou meus amigos. Quando chegar a hora, talvez eu desapareça antes que a tinta seque. Deixarei para trás uma grande montanha de papéis, e os que vierem depois de mim — digamos que seja Rafe, digamos que seja Wriothsley, digamos que seja Riche — vão peneirar o que restar e comentar, aqui há um antigo acordo, um antigo esboço, uma velha carta dos tempos de Thomas Cromwell: vão virar a página e escrever por cima.

Verão, 1536: ele é promovido a barão Cromwell. Não pode se denominar lorde Cromwell de Putney. O risco seria que caísse no riso. Porém, ele pode se chamar barão Cromwell de Wimbledon. Ele perambulou por todos aqueles

campos, quando menino.

A palavra “porém” é como um diabrete enrodilhado sob a cadeira. Ela induz a tinta a formar palavras que ainda não vimos e linhas que marcham pela página e transbordam das margens. Não existem términos. Se você pensa assim, está enganado quanto à natureza dos encerramentos. São, todos eles, inícios. Eis aqui um.

Nota da Autora

As circunstâncias que envolvem a queda de Ana Bolena são há séculos controversas. As provas são complexas e por vezes contraditórias; as fontes são muitas vezes duvidosas, contaminadas e muito posteriores ao fato. Não há transcrição oficial de seu julgamento e só podemos reconstruir seus últimos dias em fragmentos, com a ajuda de contemporâneos que podem ser imprecisos, tendenciosos, esquecidos, que estavam em outro lugar no momento ou se escondendo sob pseudônimos. Discursos eloquentes e prolongados, postos na boca de Ana em seu julgamento e no cadafalso, devem ser lidos com ceticismo, assim como o documento muitas vezes descrito como sua “última carta”, que é quase certamente uma falsificação ou (para dizer de modo mais gentil) uma ficção.

Neste livro, tento mostrar como aquelas poucas e cruciais semanas podem ter sido sob o ponto de vista de Thomas Cromwell. Não reivindico autoridade para a minha versão; estou fazendo ao leitor uma proposta, uma oferta. Alguns aspectos bem conhecidos da história não serão encontrados neste romance. Para limitar a multiplicação de personagens, absteve-me de mencionar uma senhora falecida chamada Bridget Wingfield, que poderia ter tido (do além-túmulo) algo a ver com os boatos que começaram a circular contra Ana antes de sua queda. Como resultado de omitir qualquer fonte de rumores, pode ser que recaia mais culpa sobre Jane, Lady Rochford, do que ela talvez mereça; tendemos a interpretar Lady Rochford em retrospecto, uma vez que conhecemos o papel destrutivo que ela desempenhou na trajetória de Catarina Howard, quinta esposa de Henrique. Julia Fox fez uma leitura mais positiva do caráter de Jane em seu livro *Jane Boleyn* (2007).

Os conhecedores dos últimos dias de Ana notarão outras omissões, incluindo a de Richard Page, um cortesão que foi preso por volta da mesma época de Thomas Wyatt e que nunca foi acusado ou julgado. Como, afora isso, ele não desempenha nenhum papel nesta história, e como ninguém tem ideia da razão pela qual ele foi preso, pareceu-me melhor não sobrecarregar o leitor com mais um nome.

Estou em dívida para com o trabalho de Eric Ives, David Loades, Alison Weir, G. W. Bernard, Retha M. Warnicke e muitos outros historiadores que

abordam a família Bolena e sua queda.

Evidentemente, este livro não é sobre Ana Bolena ou Henrique VIII, mas sobre a carreira de Thomas Cromwell, que ainda carece de mais atenção por parte dos biógrafos. Enquanto isso, o senhor secretário continua elegante, robusto e densamente inacessível, como uma bela ameixa em uma torta de Natal; mas espero continuar meus esforços para desenterrá-lo.

Agradecimentos

Minha verdadeira gratidão aos historiadores de mente aberta que se dispuseram a ler *Wolf Hall*, a comentá-lo e a encorajar este projeto, e aos muitos leitores que me contataram com árvores genealógicas e fragmentos de lendas de família, com informações instigantes sobre locais perdidos e nomes quase esquecidos. Obrigada a Sir Bob Worcester por me mostrar o Castelo de Allington, outrora pertencente à família Wyatt, e a Rupert Thistlethwayte, descendente de William Paulet, por me convidar a Cadhay, sua bela casa em Devon. E obrigada a todas as pessoas que me fizeram gentis convites, os quais espero retribuir no curso da composição de meu próximo romance.

Devo especial gratidão a meu marido, Gerald McEwen, obrigado a partilhar uma casa com tantas pessoas invisíveis, e cujo apoio jamais vacila, assim como sua prática bondade.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

O livro de Henrique

Página da autora no Wikipédia

http://pt.wikipedia.org/wiki/Hilary_Mantel

Página da autora no Goodreads

http://www.goodreads.com/author/show/58851.Hilary_Mantel

Debate com a autora sobre seu outro livro "Wolf Hall"

<http://www.youtube.com/watch?v=HdNWSrHiMuA>

Página do livro na Wikipédia

http://en.wikipedia.org/wiki/Bring_Up_the_Bodies

Resenha sobre o livro

http://www.bookslut.com/fiction/2012_05_018954.php

Entrevista com a autora

<http://www.youtube.com/watch?v=Wqk9uLsw6BA>

Página de seu outro livro "Wolf Hall" na Wikipédia

http://en.wikipedia.org/wiki/Wolf_Hall